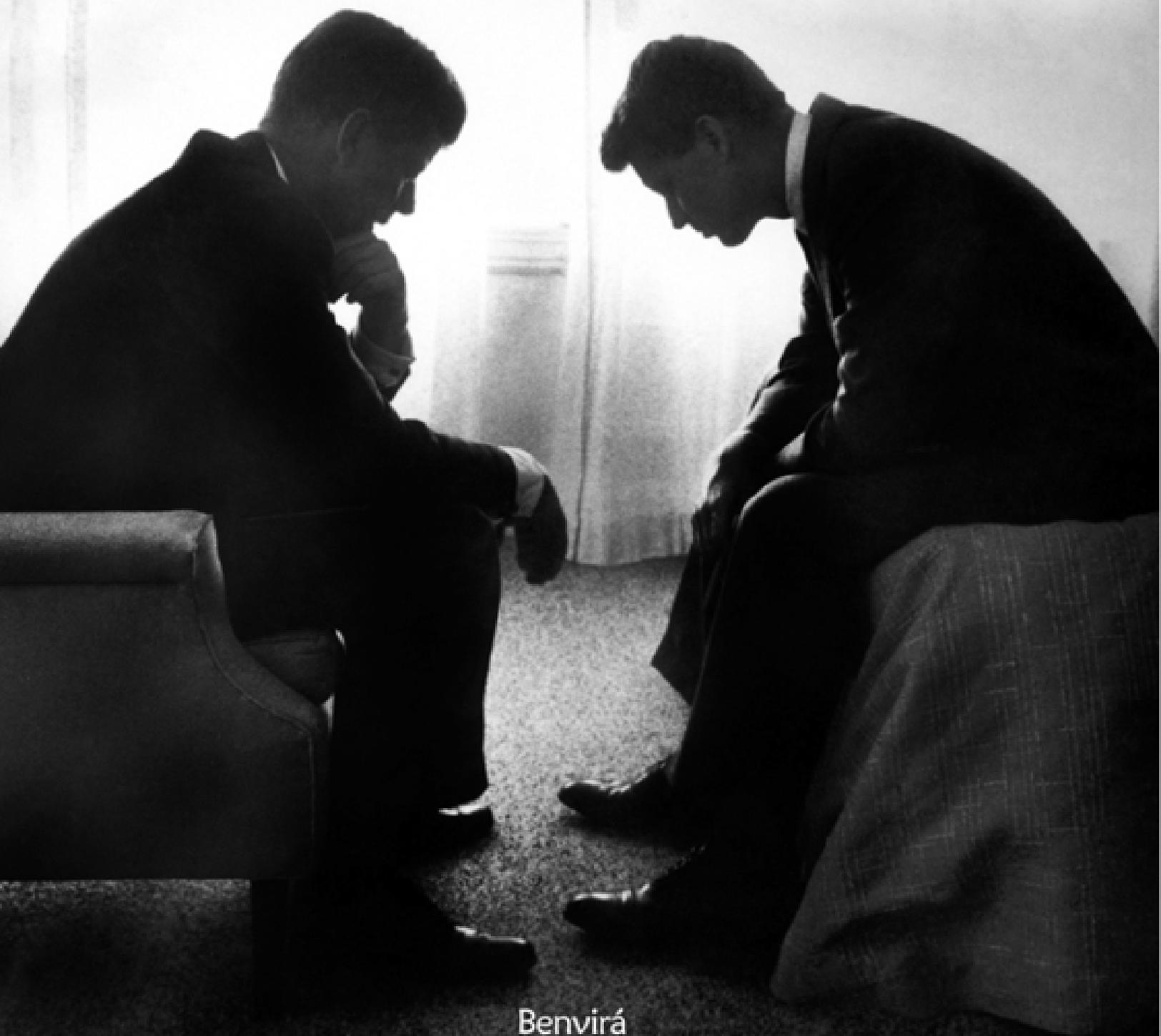


DAVID TALBOT

# IRMÃOS

A HISTÓRIA POR TRÁS DO  
ASSASSINATO DOS KENNEDY



Benvirá

# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e***

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

**DAVID TALBOT**

# **IRMÃOS**

**A HISTÓRIA POR TRÁS DO  
ASSASSINATO DOS KENNEDY**

Tradução  
Éric R. R. Heneault e Eliana Rocha

Benvirá

*Para Camille.*

*E para nossos filhos, Joseph e Nathaniel,  
que procuram seu próprio novo mundo.*

*“Descobri algo que nunca soube: que  
meu mundo não era o mundo real.”*

*ROBERT F. KENNEDY, 1968*

## Nota do autor

Existem muitos bons livros sobre a presidência de Kennedy e seu final violento, e aprendi muito com todos eles. Mas este livro não procura refazer o habitual percurso das memórias, histórias e biografias de Kennedy, nem resgatar velhas discussões sobre seu assassinato. Em vez disso, analisa esse breve, porém dramático, trecho da história norte-americana através dos olhos de Robert Kennedy e dos homens em torno dos dois irmãos, a quem eles também consideravam como tal. Bobby Kennedy foi o parceiro dedicado do presidente e o maior policial da nação. Durante muito tempo, o fato de ele aparentemente não ter investigado a chocante morte de seu irmão, em 22 de novembro de 1963, permaneceu um mistério. Procurei entender esse duradouro enigma não apenas mergulhando nos estudos sobre Kennedy, como também por meio de documentos governamentais recentemente divulgados e, mais importante, revivendo esses anos com os “irmãos de armas” dos Kennedy, como os chamava Bobby — os vínculos vivos para a Nova Fronteira —, antes que essa geração política desaparecesse totalmente.

O que descobri foi que Robert Kennedy não se entregou à teoria do atirador solitário, a versão oficial sobre a morte de seu irmão. Pelo contrário, suspeitou imediatamente que o presidente tivesse sido vítima de uma poderosa conspiração. E passou o resto de sua vida procurando em

segredo a verdade sobre o assassinato de seu irmão. Este livro não somente foca a busca secreta de Robert Kennedy, como também a explicação de por que ele teve esse sombrio entendimento da morte de JFK.

Poucos homens da geração de Robert Kennedy sabiam tanto sobre o lado obscuro do poder norte-americano quanto ele. Olhar para a tumultuosa presidência de Kennedy, com seu desfecho estarrecedor, através de seus olhos, torna-se um exercício elucidativo. Enquanto eu finalizava este livro, descobri outra evidência sobre o assassinato do presidente Kennedy que sugeria que as suspeitas de Bobby sobre Dallas eram fundamentadas. Essas revelações finais levaram a narrativa do livro a uma conclusão surpreendente.

Robert Kennedy entendeu que a justiça era uma batalha sem fim. As investigações sobre os assassinatos dos dois irmãos nunca tiveram a atenção minuciosa e profunda que merecem. Contudo, seguir os passos do próprio RFK constitui um ótimo ponto de partida.

Eu tinha dezesseis anos e trabalhava como voluntário na campanha de Robert Kennedy na noite em que ele foi assassinado, em Los Angeles. Logo me dei conta de que esse assassinato, em seguida ao de seu irmão e ao de Martin Luther King Jr., havia irremediavelmente ferido os Estados Unidos. E esse sentimento nunca me abandonou ao longo de todos os anos seguintes. Para mim, perseguir obstinadamente a história oculta dos anos Kennedy se tornou uma tentativa de descobrir onde meu país havia perdido seu rumo, e talvez de restaurar a esperança e a fé que eu mesmo perdi como jovem americano que cresceu nos anos 1960.

## 22 de novembro de 1963

Como todos os americanos que viveram esse dia, Robert F. Kennedy nunca esqueceu como soube que seu irmão havia sido morto a tiros. O procurador-geral, que acabara de completar 38 anos, estava almoçando — sopa de mariscos e sanduíches de atum — com o promotor público Robert Morgenthau e seu assistente na beira da piscina de Hickory Hill, sua mansão da época da Guerra Civil situada em McLean, Virgínia, nos arredores da capital. Era um perfeito dia de outono — aquela tarde de sexta-feira clara e luminosa que anuncia um fim de semana promissor —, e o gramado verdejante do ondulado terreno flamejava de folhas douradas e vermelhas caídas de nogueiras, bordos e carvalhos que, como sentinelas, vigiavam a propriedade. Kennedy acabara de nadar na piscina e, enquanto conversava e almoçava com seus convidados, seu calção de banho ainda estava pingando.

Por volta das 13h45, o telefone que ficava na outra ponta da piscina tocou. Ethel, a esposa de Robert Kennedy, atendeu e levou o aparelho até ele. A ligação era de J. Edgar Hoover. Bobby soube de imediato que algo extraordinário havia acontecido. O diretor do FBI nunca lhe telefonava em casa. Os dois homens se tratavam com tensa cautela e sabiam que essa relação mudaria apenas quando um deles

deixasse seu cargo. Cada um representava para o outro o que havia de errado na América. “Tenho notícias para você”, disse Hoover. “Alguém atirou no presidente.” A voz de Hoover era direta e prosaica. Kennedy nunca esqueceria as palavras do chefe do FBI, tampouco seu tom frio.

Para os Estados Unidos, “a história se rompeu” no dia 22 de novembro de 1963, como anos depois observaria o dramaturgo Tony Kushner. Mas o abismo que se abriu para Bobby Kennedy naquele momento era ainda mais profundo. Para piorar, havia sido Hoover quem lhe trouxera a notícia do apocalipse. “Acho que ele teve certo prazer em me informar”, lembraria mais tarde Robert.

Vinte minutos depois, Hoover telefonou de novo para dar o golpe fatal: “O presidente está morto”, disse ele, desligando abruptamente. Kennedy se lembraria de que sua voz estava estranhamente límpida — não tão excitada quanto estaria se ele tivesse descoberto um comunista no edifício da Howard University.

As abruptas ligações telefônicas de Hoover confirmavam que a “perfeita comunhão” entre os dois irmãos, como Anthony Lewis, do *New York Times*, descrevera o vínculo entre o presidente John Kennedy e Robert Kennedy — uma relação fraternal sem precedente na história da presidência —, era algo passado. Mas elas também mostravam claramente que Bobby sofrera outro tipo de morte. Seu poder de procurador-geral imediatamente começou a evanescer, ao ponto de o diretor do FBI já não se sentir mais obrigado a mostrar deferência, nem mesmo uma natural piedade humana, para com seu superior no Departamento de Justiça.

Durante o resto do dia e à noite, Bobby Kennedy lutaria contra seu profundo pesar — chorando, ou tentando não chorar, já que esse era o jeito Kennedy —, enquanto fazia

valer o que lhe restava de poder, antes que a nova administração se instalasse firmemente em seu lugar, e buscava entender o que de fato havia acontecido em Dallas. Não saía do telefone de Hickory Hill; encontrou-se com uma sucessão de pessoas enquanto esperava que o Air Force One trouxesse o corpo de seu irmão, junto com a viúva e o novo presidente; acompanhou os restos mortais de John até o Bethesda Naval Hospital para a autópsia; e se recolheu na Casa Branca, onde ficou acordado até o amanhecer do dia seguinte. Aceso pela claridade do choque, pela eletricidade da adrenalina, esboçou uma teoria para o crime.

A partir das ligações telefônicas e conversações daquele dia — e durante a semana seguinte —, é possível traçar o percurso que Robert Kennedy seguiu para tentar desvendar o mistério. “Com seu cérebro incrível, digno de um computador, ele juntou todas as peças naquela tarde de 22 de novembro”, constatou o jornalista Jack Newfield, seu amigo.

A busca de RFK pela verdade sobre o crime do século foi, durante muito tempo, uma história não contada. Mas está profundamente carregada de significado histórico. A odisséia investigativa de Bobby — que começou com frenético ardor logo após o assassinato de seu irmão, e então prosseguiu secreta e intermitentemente até sua própria morte, menos de cinco anos depois — não teve êxito em conseguir levar o caso a julgamento. Mas Robert Kennedy era uma figura central desse drama — não somente na qualidade de procurador-geral e segunda autoridade mais poderosa da administração Kennedy, mas também como emissário principal de JFK no lado sombrio do poder americano. E sua caçada à verdade lançava uma luz fria e brilhante sobre as forças que ele suspeitava estarem

por trás do assassinato de seu irmão. Robert foi o primeiro teórico americano da conspiração do assassinato.

Como era previsível, a primeira ligação telefônica que Bobby fez em 22 de novembro, depois da conversa com Hoover, foi para Kenny O'Donnell. O chefe de gabinete de JFK havia acompanhado o presidente até Dallas e estava com ele no Parkland Memorial Hospital quando sua morte foi anunciada, às duas da tarde. Durão e taciturno, O'Donnell, um irlandês de Boston, vinha em segundo lugar, logo depois do próprio Bobby, na tutela política do presidente. Um amigo próximo desde que haviam dividido o mesmo quarto em Harvard e jogado no time de futebol da universidade, O'Donnell era o homem que Bobby teria escolhido para lidar com qualquer crise caso ele não pudesse se encarregar pessoalmente do assunto. Na qualidade de artilheiro de um bombardeiro B-17, ele havia executado trinta missões contra os nazistas, fora derrubado e escapara à prisão inimiga. No seu lendário último jogo, na posição de *quarterback* de Harvard, havia corrido para conseguir um *touchdown* vitorioso contra o arquirrival Yale, mesmo com uma das pernas quebrada.

Bobby foi até o andar de cima e telefonou, de seu quarto, para O'Donnell, enquanto Morgenthau e seu assistente eram conduzidos ao salão de Hickory Hill, onde ficava uma televisão. Sem conseguir encontrar O'Donnell no hospital, Kennedy falou com o agente do Serviço Secreto Clint Hill, o único oficial a ter um comportamento heroico junto ao presidente naquela tarde. As imagens de Hill se precipitando para subir na traseira da limusine de Kennedy em movimento se tornariam para sempre parte integrante da iconografia daquele dia sinistro.

Não se sabe com certeza o que Bobby aprendeu nessa tarde com o homem do Serviço Secreto. Mas,

imediatamente, certa obscuridade começou a tomar conta de Hill e O'Donnell com relação ao que haviam visto e ouvido em Dallas. Nenhum desses homens seria o mesmo depois de 22 de novembro.

O'Donnell vinha logo depois da limusine de Kennedy no comboio de carros de Dallas, a apenas três metros de distância, junto com seu colega Dave Powers, outro irlandês de Boston, assistente da Casa Branca e um bufão. Foram as testemunhas mais próximas do assassinato. Mais tarde, Powers diria que teve a impressão de estarem “se dirigindo para uma emboscada”. O'Donnell e vários homens do Serviço Secreto diriam o mesmo a Bobby: estavam no meio de um fogo cruzado. Tratava-se de uma conspiração.

Bobby Kennedy chegou à mesma conclusão naquela tarde. Não era um “ele” que havia matado seu irmão — eram “eles”. Foi assim que ele apresentou a situação a seu amigo Edwin Guthman, porta-voz do Departamento de Justiça. O antigo jornalista do *Seattle Times*, vencedor do Prêmio Pulitzer, havia se tornado amigo íntimo de RFK durante os anos 1950, quando ambos procuravam investigar casos de corrupção e violência no sindicato dos Teamsters.<sup>1</sup> Guthman era um dos “irmãos de armas”, como diria mais tarde o secretário de Justiça a respeito de uma fotografia de sua jovem e idealista equipe do Departamento de Justiça. O grito de guerra tirado de *Henrique V*, de Shakespeare, se referia ao senso de missão heroica de Bobby: “Nós, estes poucos; nós, poucos mas afortunados; nós, bando de irmãos/ Pois quem hoje derramar seu sangue comigo/ será meu irmão.../ E os cavalheiros... que agora ainda estão na cama/ irão se julgar amaldiçoados por não estarem aqui”. Se a perfeita comunhão entre Jack e Bobby fora o coração da administração Kennedy, o círculo mais amplo de

“irmãos” — todos intensamente devotos à causa Kennedy — deu à Nova Fronteira<sup>2</sup> sangue e músculos. Bobby podia, sem dúvida, contar com vários desses confiáveis assistentes para ajudá-lo em sua busca pela verdade.

Guthman estava almoçando com um congressista de Seattle em Capitol Hill quando alguém entrou de supetão para informá-los do atentado contra o presidente. Ele, no mesmo instante, foi de carro até Hickory Hill, onde passou o resto da tarde com Bobby. Os membros da família Kennedy, no entanto, estavam reunidos na propriedade da Virgínia. Bobby também estava se cercando de “irmãos”, como Guthman. Os dois homens percorreram juntos, sem parar, o gramado do fundo da casa. “Existe tanto rancor que pensei que poderiam pegar qualquer um de nós, mas Jack, depois de tudo por que passou, nunca se preocupou com isso”, disse Robert para Guthman.

“Bob disse: ‘Pensei que eles viriam atrás de mim, em vez do presidente’”, revelou Guthman, lembrando a conversa anos depois. “Ele disse claramente ‘eles’.”

Guthman e outras pessoas que estavam com Bobby naquele dia pensaram que “eles” podiam ir atrás do Kennedy mais jovem em seguida. Aparentemente, Bobby pensava a mesma coisa. Como de costume, ele se opôs a medidas de segurança muito rigorosas, que considerava intrusivas e até um sinal de covardia: “Os Kennedy não precisam de guarda-costas”, dissera ele, mesmo depois de ter começado a receber ameaças de morte na qualidade de procurador-geral que pretendia acabar com o crime organizado. Mas, naquela tarde, ele autorizara a polícia do condado de Fairfax, que se precipitou até Hickory Hill depois do assassinato sem ter sido convocada, a proteger sua casa. Mais tarde, os policiais foram substituídos por agentes

federais, que cercaram a propriedade de Kennedy depois que Guthman e outros assistentes de RFK falaram com Jim McShane, chefe da polícia federal americana.

Bobby confiava em McShane e seus homens. James Joseph Patrick McShane era um aguerrido policial irlandês de Nova York. Trabalhara com Bobby na qualidade de investigador para o Senate Rackets Committee,<sup>3</sup> no final dos anos 1950, e servira como guarda-costas de JFK durante a campanha presidencial. Ele e seus homens haviam colocado a vida em risco nas lutas pelos direitos civis no Sul, salvando Martin Luther King Jr. da multidão que gritava e cercava a igreja de Montgomery, no Alabama, onde ele pregava, em maio de 1961. No ano seguinte, McShane e sua tropa eclética haviam firmemente cerrado fileiras para proteger James Meredith, um estudante negro que tinha despertado a furiosa revolta dos brancos ao se matricular na Universidade do Mississippi. McShane era “robusto como um tanque, tinha o nariz amassado do campeão de boxe pelo Golden Gloves que um dia havia sido e o rosto inchado de um homem que gostava de beber fora do serviço”, observou um dos cronistas de suas façanhas. Na qualidade de policial de Nova York, ele havia sobrevivido a sete tiroteios de rua e recebido a medalha de honra do Departamento de Polícia de Nova York.

É revelador que Bobby tenha recorrido a McShane e sua tropa federal na hora do aperto, e não aos agentes do FBI de Hoover, mais profissionais. Mesmo quando seu irmão ainda estava vivo, Bobby havia aprendido que não se podia confiar nos homens de Hoover nos momentos mais críticos do governo, como havia acontecido no Sul. Também não recorreu ao Serviço Secreto para protegê-lo naquele dia. Já estava tentando entender por que a agência encarregada

da segurança pessoal do presidente havia fracassado com seu irmão.

Com juventude, ambição e profundo senso dos direitos de posse da família, os Kennedy chegaram ao poder confiantes de que poderiam se encarregar da administração federal e colocá-la a serviço de sua causa. Mas, em 22 de novembro, Bobby Kennedy suspeitou que algo houvesse se partido dentro do governo, e que seu irmão tivesse sido derrubado por um desses estilhaços pontiagudos. Nessas horas de perigo desconhecido, Bobby seguiu seus velhos instintos, recorrendo não às devidas agências governamentais, mas aos irmãos de armas nos quais os Kennedy sempre confiaram mais. Nenhum dos homens absolutamente leais que se juntaram a Kennedy em sua casa naquele dia sabia que a vida de Bobby agora também corria perigo. Nem sabiam com certeza, naquelas horas assustadoras, de onde poderia vir a ameaça ou em quem podiam confiar. Mas tinham certeza de que Jim McShane e seus homens sacrificariam a própria vida por um irmão de armas. E Bobby com certeza era um deles.

Enquanto os agentes federais de McShane vigiavam o portão de Hickory Hill e se espalhavam ao longo de todo o perímetro da propriedade, Bobby trabalhava para tentar dar uma face à conspiração que ele suspeitava estar por trás da morte de seu irmão — descobrir quem eram “eles”. Ninguém sabia melhor do que ele que havia tenebrosas tensões dentro da administração Kennedy. Enquanto o presidente Kennedy lutava para dirigir seu governo, batendo de frente com a linha dura da burocracia da segurança nacional, também dava mais responsabilidades a seu irmão Bobby. Entre os assuntos da agenda cada vez mais cheia do procurador-geral, se encontrava a CIA, que os Kennedy estavam determinados a inspecionar depois que a agência

os havia levado ao fracasso na Baía dos Porcos; a Máfia, contra a qual Bobby havia declarado guerra, dizendo aos seus fiéis cruzados do Departamento de Justiça que ou eles teriam êxito ou a Máfia iria controlar o país; e Cuba, a ilha-nação em torno da qual ecoavam estrondosamente o som e a fúria da Guerra Fria. Quando se tratava da política governamental em relação a Cuba, Bobby era o “presidente”, como mais tarde diria o general Alexander Haig, um dos homens-chave do Pentágono para o assunto.

Bobby sabia que a CIA, a Máfia e Cuba estavam entrelaçadas. A CIA havia formado uma aliança sinistra com os chefes do submundo para assassinar Fidel Castro, e trabalhava com líderes cubanos e Livross que tinham conexão com os revoltosos. Bobby pensava que tinha impedido o enlace entre a CIA e a Máfia quando a agência finalmente levou o caso até ele, em 1962. Mas ele também sabia que a agência desafiava a hierarquia com frequência. Mais tarde, ele despreveria as ações da CIA durante o episódio da Baía dos Porcos como uma “quase traição”. Foi essa obscura conexão — CIA, Máfia e Livross cubanos — que Kennedy focou na tarde de 22 de novembro.

Depois de ligar para Dallas, Kennedy telefonou para a sede da CIA, que fica na rodovia, em Langley, Virgínia, em que ele costumava parar no começo do dia para trabalhar em assuntos ligados a Cuba e, assim, tentar estabelecer algum controle do “inextricável jogo de espelhos” da agência para seu irmão. Na tarde de 22 de novembro, a ligação telefônica de Bobby para Langley foi uma incrível explosão. Falando com alguém do alto escalão — cuja identidade ainda é desconhecida — Kennedy o confrontou com voz cheia de fúria e dor. “O seu grupo não tem nada a ver com essa monstruosidade?”, irrompeu Kennedy. Independentemente da resposta que o oficial da CIA lhe

tenha dado, ele não deixou de lado suas suspeitas em relação à agência.

Mais tarde naquele mesmo dia, Kennedy levaria sua pergunta para a cúpula da CIA, a John McCone, diretor da agência, que estava almoçando no seu escritório de Langley quando seu assistente Walter Elder entrou de repente para lhe dar notícias de Dallas. McCone telefonou imediatamente para Bobby, que lhe pediu para ir até sua casa em McLean sem demora. McCone mais tarde se lembraria de que estava com Bobby e Ethel na biblioteca do segundo andar quando Kennedy recebeu a ligação informando-o da morte de seu irmão. “Não havia quase nada que pudéssemos dizer um ao outro”, lembraria-se McCone. “Estávamos paralisados pelo horror.”

Depois de ligar para sua mãe, Rose, e seu irmão, Teddy, e informá-los de que John havia morrido, um “inabalável Bobby” (como McCone o descreveria) levou o chefe da CIA até o quintal atrás da casa, onde tiveram uma memorável conversa que se estendeu por cerca de três horas naquela tarde. O procurador-geral dos Estados Unidos queria saber se a agência de inteligência do país havia assassinado o presidente dos Estados Unidos. Mais tarde, Bobby diria para um amigo próximo: “Você sabe, naquele momento perguntei para McCone... se haviam matado meu irmão, e formulei a pergunta de uma forma que o impedisse de mentir para mim, mas não foram eles”.

Os comentários de Bobby a respeito da conversa com McCone provocaram uma intensa especulação. McCone, também católico, compartilhava um profundo sentido de fé com Bobby, e também com Ethel, que o consolara depois do falecimento de sua primeira mulher. Uma vez, levou para Roma um rosário em forma de anel que costumava carregar dentro de sua carteira, mandou fazer uma cópia e a deu de

presente para Bobby depois de ter sido abençoada pelo papa. Talvez Kennedy tenha pedido a McCone que jurasse lhe dizer a verdade, na qualidade de um devoto católico para outro.

Nos dias que se seguiram ao assassinato, McCone acabaria por concluir que houvera dois atiradores em Dallas, contrastando surpreendentemente com a versão oficial do crime, segundo a qual se tratava da ação de um único atirador, teoria que Hoover e o FBI insistiam em defender. Ainda assim, não existem provas de que ele tenha suspeitado de sua própria agência.

Bobby aceitou as garantias dadas por McCone em relação à CIA naquela tarde. Contudo, também sabia que McCone, rico empresário republicano da Califórnia, sem experiência anterior na Inteligência, não controlava sua agência. O próprio Kennedy sabia mais a respeito das sinistras façanhas do grupo de espionagem, inclusive dos complôs da Máfia, do que McCone. Seu irmão havia substituído o lendário criador da CIA, Allen Dulles, por McCone, depois do espetacular fracasso da agência na Baía dos Porcos. Mas McCone nunca conseguira abrir caminho nas conexões da rede que remetiam às suas origens no OSS,<sup>4</sup> durante a Segunda Guerra Mundial. E era razoável que ele quisesse ficar fora dos assuntos mais desagradáveis, já que seus princípios religiosos não aprovariam alguns procedimentos da agência. Bobby iria perceber mais tarde que, ao levar seu questionamento para o topo da CIA, de fato havia perguntado ao homem errado.

No mesmo dia, Kennedy fez investigações sobre a Máfia. Antes e depois de entrar no Departamento de Justiça, o jovem procurador-geral já havia construído sua reputação a partir de uma incansável cruzada para aniquilar o poder do

crime organizado na América, que, a seu ver, ameaçava tomar o controle da economia do país por meio de sindicatos corruptos, como o dos Teamsters, de Jimmy Hoffa, e também dos governos locais, estaduais e federal mediante propina paga a políticos, juízes e outros funcionários. Enquanto Hoover ainda continuava vendo a estrutura vazia do Partido Comunista dos Estados Unidos como o inimigo público número um, RFK acreditava que o verdadeiro “inimigo interno” era um submundo empresarial que estava ganhando poder e eclipsando as legítimas instituições democráticas do país. “Claro, hoje os tempos são outros, talvez agora o terrorismo tenha se tornado uma ameaça maior do que o crime organizado”, disse Guthman, anos mais tarde, sentado no seu exíguo escritório da Annenberg School of Journalism, na Universidade do Sul da Califórnia, onde ministrou palestras. “Mas se olharmos o que aconteceu nas Américas Central e do Sul, poderemos ver que Bobby tinha razão de se preocupar com a possibilidade de o crime organizado tomar o controle do país. Onde estaríamos se ele não tivesse reconhecido o poder e a importância da Máfia e do crime organizado? Naquela época, o chefe do FBI, Hoover, declarava que o crime organizado não existia.”

Ao perseguir os deuses do submundo como nenhum procurador-geral havia feito antes, Bobby Kennedy sabia que atraía para si uma implacável ira. Havia sido informado das ameaças de morte proferidas contra ele por Hoffa, o qual, ao controlar o precioso fundo de pensões dos Teamsters, havia se tornado o banqueiro favorito da Máfia. Mas ele estava determinado. No dia 22 de novembro, o último assunto de que tratara havia sido o indiciamento do chefe de Chicago, Sam Giancana, sob a acusação de corrupção política. Antes de receber o telefonema de

Hoover, estava esperando notícias de Nova Orleans sobre o veredicto do processo de deportação do chefe da Máfia Carlos Marcello. E, em Nashville, Walter Sheridan, o craque da investigação que havia liderado o grupo de Bobby responsável pela prisão de Hoffa, estava monitorando os últimos trâmites junto ao júri do Departamento de Justiça, que julgava o caso de falsificação contra o chefe do sindicato dos Teamsters.

Na noite de 22 de novembro, Bobby ligou para Julius Draznin em Chicago, um perito em corrupção de sindicatos junto ao National Labor Relations Board.<sup>5</sup> Pediu que Draznin verificasse se havia algum tipo de envolvimento da Máfia no assassinato de seu irmão. Draznin sabia que isso queria dizer Sam Giancana. Este, sem perceber que estava sendo grampeado pelo FBI, fizera comentários veementes contra Kennedy, alegando que este o teria “apunhalado pelas costas” depois que Giancana havia ajudado JFK a obter votos em Chicago nas eleições de 1960. “Precisamos de ajuda com isso”, disse Bobby a Draznin naquela noite. “Talvez você possa abrir algumas portas [junto] à máfia. Qualquer coisa que conseguir, avise-me diretamente.”

Não obstante, acima de qualquer outro, o homem com o qual Robert Kennedy mais contava para se infiltrar nos recônditos obscuros do país era Walter Sheridan. Esse ex-membro do FBI, que havia deixado o birô por discordar dos métodos de Hoover, dera provas de sua capacidade a Bobby na qualidade de investigador do Senate Rackets Committee, onde Kennedy exercia o cargo de conselheiro-chefe. Também católico de origem irlandesa e nascido no mesmo dia que Bobby, 20 de novembro de 1925, ele se mostrava tão destemido quanto seu chefe na cruzada contra o crime e a corrupção. Quando o Departamento de

Justiça de Kennedy passou a aumentar a pressão contra Hoffa, as ameaças de morte não eram dirigidas somente a Bobby, mas também a seu braço direito, Sheridan. Naquelas ocasiões, a casa da família Sheridan havia se transformado em um *bunker* armado.

“Havia momentos em que a casa tinha vários policiais federais bem armados amontoados atrás da porta principal, como se estivessem esperando um exército inteiro aparecer”, lembrou-se o filho de Sheridan, Walter Jr. “Espingardas. Eles estavam na expectativa de problemas. Os policiais federais me levavam à escola, aos ensaios do coro e aos dos coroinhas — não podíamos sair de casa sem eles. Isso aconteceu duas vezes durante o julgamento de Hoffa.”

Ted Kennedy mais tarde se lembrou: “Meu irmão gostava de tirar sarro de Walter por causa de seu comportamento doce e tranquilo. Mas Bobby escreveu, em [seu livro sobre a máfia] *O inimigo oculto*, que a aparência imaculável de Walter escondia um núcleo duro. Como sabiam todos os malfeitores, a característica angelical também é um traço do anjo vingador”.

Segundo Ted Kennedy, era a Sheridan que Bobby recorria quando o mundo estava pegando fogo. “Você queria que Walter estivesse com você em qualquer trincheira, e é por isso que ele sempre parecia ter as tarefas mais difíceis.”

Sheridan não estava em Washington no dia 22 de novembro. Encontrava-se no prédio da Corte Federal, em Nashville, onde Hoffa estava sendo julgado, quando um advogado entrou de repente e lhe disse: “Walt, acaba de sair a notícia de que alguém atirou no presidente em Dallas!”. Sheridan não demorou a ligar para Bobby, mas não conseguiu falar com ele. Ainda assim os dois irmãos de armas logo se encontrariam. E quando Sheridan voltasse à

Costa Leste, o anjo vingador de Bobby receberia a tarefa mais difícil de sua vida: descobrir quem havia matado o presidente dos Estados Unidos.

Robert Kennedy tivera outra conversa telefônica no dia 22 de novembro que ajuda a esclarecer quais eram seus pensamentos naquela tarde. Ele falou com Enrique “Harry” Ruiz-Williams, um veterano da Baía dos Porcos que era seu colaborador mais próximo na comunidade de eLivross cubanos. Kennedy deixou o amigo espantado ao lhe dizer sem rodeios: “Foi um de vocês que fez isso”.

O distinto jornalista Haynes Johnson, de Washington, é a fonte dessa história. Então um jovem repórter do *Washington Evening Star*, Johnson conhecera Ruiz-Williams e Kennedy enquanto fazia pesquisas para um livro sobre a Baía dos Porcos. Johnson se lembra de quase ter chegado às vias de fato com Bobby, que queria que seu livro focasse os heróis cubanos da invasão, como Ruiz-Williams, e não as discutíveis ações da administração Kennedy durante a desastrosa operação. “Uma tarde, tivemos uma conversa muito difícil no Metropolitan Club de Nova York”, lembrou-se Johnson, sentado no escritório, no subsolo de sua casa de Washington. “Ele me encarava com severidade e não queria me dar informações, e eu disse algo para provocá-lo: ‘Vou estar por aqui muito mais tempo do que você e seu irmão’, e ele enlouqueceu.” Esse comentário parece ainda mais desconcertante hoje do que naquele dia. “Eu era jovem, insensato e arrogante naquela época”, disse o jornalista, encolhendo os ombros. Johnson, irritado, fez um movimento para sair do clube, mas Bobby se levantou e o agarrou pelos ombros, dizendo: “Não vá embora, não vá embora”. Foi o começo de uma calorosa relação entre os dois, do tipo que Bobby costumava criar depois de ter quase trocado socos com um homem.

“Era uma espécie de clérigo paroquial duro e apaixonado, do tipo vingador — inteiramente dedicado à fé e à justiça”, disse Johnson. “Por outro lado, sempre vi Jack como um lorde inglês.”

Na tarde de 22 de novembro, Johnson planejava comemorar a finalização de seu livro almoçando com Ruiz-Williams, que havia sido uma de suas principais fontes. A caminho do Ebbitt Hotel, um apagado estabelecimento do centro de Washington onde a CIA havia instalado líderes anticastristas como o próprio Williams, Johnson ouviu as notícias de Dallas no rádio de seu carro. Logo que chegou ao exíguo e pouco mobiliado quarto de Ruiz-Williams, eles ligaram para Kennedy. Foi Ruiz-Williams que falou com ele. “Harry ficou de pé segurando o telefone na mão e depois me contou o que Bobby havia dito... Era chocante. Nunca vou esquecer. A expressão do rosto de Harry mudou. Depois de ter desligado, Harry me contou o que Bobby lhe havia dito: ‘Foi um de vocês que fez isso’.”

A quem Kennedy se referia? Ao narrar a conversa telefônica pela primeira vez, em um artigo do *Washington Post* de 1981, Johnson supôs que Bobby se referia ao acusado do assassinato, Lee Harvey Oswald, cujo nome podia ser conhecido de Kennedy naquele momento, já que havia sido detido em Dallas às 14h50, horário da Costa Leste. Mais tarde Johnson concluiu que Kennedy estava provavelmente apontando de maneira geral para os eLivross cubanos. Em ambos os casos, é importante notar que, naquela tarde, Bobby aparentemente não chegara à conclusão de que Fidel Castro — o alvo de tantas intrigas americanas — pudesse estar por trás do assassinato de seu irmão. Suas suspeitas se dirigiram desde o princípio ao campo anticastrista, e não a agentes pró-Castro. É possível que Bobby tenha ligado Oswald aos eLivross cubanos

anticastristas ou suspeito de um dos líderes eLivross, companheiros de Ruiz-Williams.

Bobby chegou àquela conclusão apesar dos enérgicos esforços da CIA e do FBI, que logo depois do assassinato começaram a tentar culpar o governo comunista de Cuba. Hoover em pessoa ligou de novo para Kennedy por volta das 16 horas, informando-o de que Oswald havia viajado dos Estados Unidos para Cuba, o que não era verdade. Na realidade, Oswald — ou alguém usurpando sua identidade — havia tentado uma única vez, sem sucesso, entrar em Cuba passando pelo México, pouco tempo antes, no outono daquele mesmo ano. De qualquer modo, o chefe do FBI fracassou em sua tentativa de convencer Bobby de que o assassino presumido era agente de Castro.

Kennedy não quis implicar Harry Ruiz-Williams em particular com sua assombrosa asserção. O mundo do eLivross de Cuba era “um ninho de cobras”, nas palavras do próprio Johnson, um bando de conspiradores anticastristas competindo entre si, alguns aliados dos Kennedy, outros da CIA, outros ainda da Máfia, alguns com misteriosas alianças. Mais do que em qualquer outro líder anticastrista, Bobby confiava em Ruiz-Williams para trazer ordem àquele agitado mundo. “Quero que você assuma isso como um todo”, dissera Bobby a Ruiz-Williams no início do ano de 1963. “Não vou mais me encontrar com nenhum cubano, a não ser que seja por seu intermédio, porque eles me deixam maluco.” Durante o ano, Ruiz-Williams esteve em contato quase diário com Kennedy, já que ambos buscavam maneiras de derrubar Castro, e RFK apoiava com convicção os esforços de seu amigo para formar uma coalisão dos líderes eLivross mais responsáveis.

Ruiz-Williams havia fascinado Bobby. Engenheiro de minas formado nos Estados Unidos, ao se juntar ao batalhão da

Baía dos Porcos, perto dos quarenta anos, era mais velho que a maioria dos outros voluntários. Depois da invasão, gravemente ferido, em um leito de hospital de campanha improvisado, ainda tentou atirar com sua pistola calibre 45 em Castro, que visitava o local, mas a arma estava descarregada. Apesar do calvário que sofreu, Ruiz-Williams saiu mais ponderado da prisão cubana, ao contrário de muitos veteranos do conflito, que eram consumidos por um venenoso ódio contra Castro e o presidente Kennedy, o qual criticavam por não ter vindo resgatá-los nas praias de Cuba. Ele gostou de Bobby desde o dia em que o conheceu, quando foi convidado para ir ao escritório do procurador-geral após sua liberação. “Eu esperava encontrar um cara muito impressionante, muito bem vestido, e um grande escritório e tudo o mais”, disse mais tarde Ruiz-Williams a Johnson. “Só que quando entrei no escritório, vi um homem jovem e sem paletó, com as mangas arregaçadas, a gola da camisa desabotoada e a gravata frouxa. Ele olha para você bem nos olhos e seu escritório está repleto de coisas feitas por criancinhas — pinturas e coisas do gênero. Gostei dele de cara.”

O sentimento foi recíproco. Bobby convidou Harry para ir a Hickory Hill e o levou nas viagens em família para esqui. “Harry era do tipo pirata à moda antiga”, lembrava-se Johnson. “Tinha aqueles olhos escuros brilhantes e a paixão. E Bob Kennedy era exatamente igual, confiou nele de maneira velada.”

Mas os outros líderes cubanos em exílio eram bem diferentes. Bobby, incansável protetor de seu irmão, sabia que tinha de vigiá-los. Enviou Harry até Miami para ajudar a organizar a segurança de JFK antes que o presidente viajasse para a Flórida em novembro de 1963, depois que o procurador-geral tinha sido informado de que lá houvera

ameaças de morte contra seu irmão. Embora a cidade tivesse oferecido 600 mil dólares aos democratas, Miami já havia sido descartada pelo governo para ser o local de uma convenção do partido em 1964, porque se temia que pudesse haver movimentos anti-Kennedy entre os cubanos.

Outro veterano da Baía dos Porcos, Angelo Murgado, disse que estava tão assustado com o rumor de assassinato dentro da comunidade cubana exilada em Miami, que se aproximou de Bobby por meio do líder anticastrista Manuel Artime, oferecendo-se para vigiar os elementos mais perigosos e enviar informações ao procurador-geral. Murgado disse que ele, Artime — o líder político do batalhão da Baía dos Porcos —, e o veterano do batalhão, Manuel Rebozo, tinham se encontrado com Bobby na mansão dos Kennedy em Palm Beach, Flórida, em 1963, para deixá-lo a par de suas preocupações. “Eu achava que tínhamos que controlar e ficar de olho nos nossos cubanos, aqueles que odiavam Kennedy”, lembrou-se Murgado. “Eu tinha medo de que um de nossos membros ficasse louco. Bobby nos pediu para elaborar um plano e executá-lo... Era fanático pelo irmão, teria feito qualquer coisa para cuidar dele.”

Alguns meses depois que os Kennedy tomaram posse de seus cargos em Washington, um perfil de Bobby publicado na *New York Times Magazine* o descreveu “rondando o raio de alcance do governo de seu irmão [...] como um cão pastor — com um agudo e rápido senso de proteção”.

Agora seu irmão estava morto. E na enxurrada de telefonemas e conversas do dia 22 de novembro, é fácil perceber que Bobby estava caçando os responsáveis. Naqueles segmentos do governo que haviam sido de *sua* responsabilidade — a CIA, a Máfia e Cuba.

Quando Bobby Kennedy disse a seu irmão de armas Harry Ruiz-Williams “foi um de vocês que fez isso”, ele poderia

também ter dito “foi um de nós que fez isso” ou até mesmo “foi um dos *meus* homens que fez isso”. Bobby estava dizendo que seu irmão havia sido morto por alguém de sua própria operação anticomunista, ou por algum suspeito do mundo dos *eLivros* anticomunistas que ele deveria ter vigiado. Ele tinha que ter controlado a situação — era assim que funcionava a cabeça de Bobby. No pescoço, ele usava uma corrente com um medalhão de São Miguel, símbolo do poder íntegro. Devia saber onde cairia a escuridão e como proteger seu irmão dela. A morte de John era uma falha sua — e essa é certamente outra ferida que os assassinos de seu irmão quiseram infligir. Porque sabiam que não bastava assassinar o presidente — precisavam encontrar uma maneira de impedir que seu irmão vingador também fosse atrás deles, ferindo-o com a culpa e a dúvida.

Mas ainda demoraria um pouco até que os efeitos debilitantes desse dardo envenenado começassem a aparecer. No dia 22 de novembro e nos seguintes, Bobby Kennedy era um homem determinado a descobrir a verdade.

Ao cair da noite do dia 22, RFK e Guthman foram de carro de Hickory Hill ao Pentágono, onde Kennedy encontrou o secretário da Defesa Robert McNamara e o general Maxwell Taylor, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. McNamara, ex-presidente da Ford Motor que havia tentado reforçar o controle civil do Pentágono, era o membro do Gabinete que os irmãos Kennedy mais admiravam. Taylor, um militar intelectual que havia dado um passo em falso com seus colegas por questionar a doutrina nuclear de retaliação massiva da época de Eisenhower, também era visto como uma imposição de Kennedy ao Pentágono. Bobby havia dado o nome dele a um de seus filhos. As

tensões entre os irmãos Kennedy e a hierarquia militar só não eram mais graves do que aquelas com a CIA. Os dois eram gratos por terem no comando duas pessoas como McNamara e Taylor dentro de uma cultura militar que, do contrário, eles teriam sentido como campo hostil.

Enquanto Guthman permanecia no E-Ring,<sup>6</sup> Kennedy, McNamara e Taylor foram até uma área de pouso e embarcaram em um helicóptero em direção à base aérea Andrews, onde esperaram na escuridão crescente a chegada do Air Force One. McNamara disse que não conseguia lembrar se naquela noite Kennedy conversara com ele sobre suas suspeitas em relação a Dallas: “Não tenho nenhuma lembrança de que ele tenha dito que pensava que A, B ou C fosse o responsável”.

O avião presidencial que vinha ao encontro deles na escuridão da noite estava repleto de reflexões sombrias. Na traseira, Jacqueline Kennedy e Kenny O’Donnell, que ladeavam o caixão do marido de Jackie, tomavam *scotch*, mas a bebida não parecia ter efeito nenhum depois dos horríveis acontecimentos da Dealey Plaza, mesmo que aquela fosse a primeira vez que a jovem viúva provasse uísque. Ela dispensou o almirante George Burkley, médico da Casa Branca, quando este gentilmente tentou persuadi-la a trocar o *tailleur* Chanel rosa encharcado de sangue que ainda usava. Estava coberta de manchas cor de ferrugem; o sangue de seu marido havia coagulado até debaixo de sua pulseira. Mas ela se recusara a se limpar. “Não”, disse sem pestanejar. “Eles que vejam o que fizeram.”

Essa se tornaria umas das declarações mais indeléveis desse assombroso dia, ainda mais depois que William Manchester a registrou no seu *best-seller* de 1967, *Morte de um presidente*. Foi muito reproduzida, mas pouco analisada.

Assim como a frase de Bobby “Pensei que fossem me pegar, mas não o presidente”, a declaração de desafio de Jackie continha implicações assustadoras demais para que os jornalistas especulassem. Naquele dia, o sentimento que imediatamente tomou conta do círculo íntimo dos Kennedy foi que estavam enfrentando um “eles” organizado, não uma única pessoa, determinada e insatisfeita. Isso não quer dizer que estivessem necessariamente certos ou que suas convicções fossem compartilhadas por todos os membros mais próximos da Nova Fronteira. Contudo, um número surpreendente de pessoas leais ao governo Kennedy chegou à mesma triste conclusão a que chegaram Bobby e Jackie, e acreditaram nela por toda a vida.

Enquanto o Air Force One se preparava para pousar, Jackie e O’Donnell decidiram que ele e os outros assistentes próximos de JFK carregariam o caixão para fora do avião. Ela claramente disse ao adido militar da Casa Branca, o general-de-brigada Godfrey McHugh: “Quero que seus amigos o desçam do avião”. E quando outro general voltou para a traseira do avião e disse a O’Donnell: “O Exército está pronto para levar o caixão”, O’Donnell respondeu: “Nós é que vamos levá-lo”. Mas, no final, os militares teriam a última palavra. “Esvaziem a área”, ordenou McHugh, logo que o Air Force One estacionou. “Vamos cuidar do caixão.”

Essa disputa pela propriedade do caixão presidencial prepararia o palco para um drama ainda maior em torno da autópsia de JFK no Bethesda Naval Hospital, que era ostensivamente controlado por Bobby Kennedy em nome da família, mas de fato estava nas mãos de oficiais do Exército.

Bobby se precipitou ao encontro de Jackie no Air Force One, ignorando Lyndon Johnson ao passar por ele, uma atitude brusca que o novo presidente nunca mais esqueceria. “Quero ver Jackie”, teria murmurado ele,

segundo o que Liz Carpenter, a porta-voz de LBJ, pensou ter ouvido. “Ah, Bobby”, suspirou Jackie, quando ele abraçou a viúva de seu irmão manchada de sangue. Era o que se podia esperar de Bobby, pensou ela; sempre presente quando se precisava dele. Mais tarde, junto com ele na ambulância a caminho de Bethesda, ao lado do caixão, Jackie relatou o que havia acontecido nas quentes e luminosas ruas de Dallas, e as palavras jorraram de sua boca por vinte minutos ao contar a repentina explosão de violência e o caos que em seguida tomou conta do Parkland Hospital.

Bobby também estava muito ansioso para falar com os homens do Serviço Secreto que haviam voltado de Dallas naquela mesma noite. Na ambulância, Kennedy abriu a divisória de plástico que separava a traseira da frente do veículo e conversou com Roy Kellerman, o agente que havia estado no assento do passageiro da limusine de JFK em Dallas.

“Assim que chegarmos ao hospital, vou procurá-lo para conversarmos”, disse Kellerman ao irmão do presidente.

“Faça isso”, respondeu Kennedy, antes de fechar a divisória.

Como Kennedy aprenderia mais tarde ao pressionar Kellerman, um veterano e desajeitado membro do Serviço Secreto que falava de forma tão suave que seus próprios colegas o chamavam de “Gabby”, o agente não acreditava que “fosse obra de um único homem”. Mais tarde, Kellerman diria à Comissão Warren que “deve ter havido mais do que três tiros, senhores” — prova de que tinha havido mais de um atirador — e que uma “rajada de balas” havia voado para dentro do veículo. Depois da morte de seu marido, a viúva de Kellerman, June, diria que ele sempre “havia acreditado na existência de uma conspiração”.

De acordo com uma versão, o chefe do Serviço Secreto em pessoa, James Rowley, também disse a Bobby naquela noite que seu irmão havia sido morto em um fogo cruzado por três, talvez quatro homens. O Serviço Secreto acreditava que o presidente havia sido “vítima de uma poderosa organização”, conforme Rowley informou a Kennedy. Meses depois, na época em que testemunhou perante a Comissão Warren, Rowley mudou de ideia e disse aos membros que achava que Oswald havia matado o presidente sozinho. Mas, com certeza, a noite de 22 de novembro se tornou ainda mais sombria para Bobby quando o comandante do Serviço Secreto lhe disse que se tratava de um grupo organizado ainda mais poderoso do que a própria presidência do país.

Enquanto durou a autópsia de seu irmão no andar abaixo, Bobby esperou ao lado de Jackie, numa lúgubre suíte do décimo sétimo andar da torre de pedra do Bethesda Naval Hospital. Estavam cercados por uma comitiva que agora incluía McNamara; o amigo próximo de JFK, jornalista da *Newsweek*, Ben Bradlee e sua esposa, Tony; a irmã de Bobby, Jean Kennedy Smith; e a mãe de Jackie, Janet Auchincloss. Enquanto Bobby fazia inúmeras ligações telefônicas, o grupo consolava a viúva, que ainda vestia a roupa da cena do crime. “Lá estava aquela menina absolutamente infeliz, usando a saia da desgraça, sem falar uma palavra sequer, como se estivesse sendo queimada viva”, lembraria-se Bradlee.

Manchester, cujo livro permanece o relato definitivo do drama que se seguiu ao assassinato de Kennedy, escreveu que foi Bobby “quem estava realmente no comando, na suíte da torre” naquela noite, certificando-se ainda de que os bens pessoais de seu irmão estavam sendo removidos do seu quarto da Casa Branca para poupar os sentimentos de

Jackie quando ela voltasse lá. O retrato feito por Manchester de Bobby no comando seria utilizado mais tarde por críticos de Kennedy, como os jornalistas Seymour Hersh e Gus Russo, que pintaram o procurador-geral naquela noite como um impetuoso artista da camuflagem, trabalhando até o amanhecer para garantir que o relatório da autópsia não incluísse prova alguma de que seu irmão sofria da doença de Addison ou de problemas venéreos crônicos, o que poderia manchar a lenda de JFK. Contudo, na realidade, o controle de RFK sobre os sinistros procedimentos do necrotério do andar de baixo estava longe de ser total. O clínico que representava a família, dr. Burkley, médico pessoal de JFK, fora proibido de entrar no necrotério logo depois do início do processo, que durou oito horas, juntando-se ao grupo Kennedy na torre. A autópsia em si estava sendo praticada por três patologistas inexperientes sob a supervisão constante de um grupo de militares do alto comando. A pequena sala estava tão cheia de homens de farda, do Serviço Secreto e de agentes do FBI que um fotógrafo de autópsia da Marinha descreveu a cena como uma “grande confusão”.

O relatório finalmente produzido sob essa supervisão militar iria contradizer conclusões-chave dos cirurgiões do pronto-socorro que, mais cedo naquele dia, haviam examinado o presidente mortalmente ferido no Parkland Hospital, assim como o atestado de óbito assinado pelo dr. Burkley em Dallas. Por exemplo, onde os médicos de Parkland haviam encontrado provas claras de um ferimento por bala na garganta — indicando um tiro vindo da frente —, o relatório do Bethesda foi editado de modo a concluir que o ferimento correspondia ao lugar de saída da bala, de acordo com a teoria segundo a qual Oswald era o único assassino e teria atirado por trás.

Anos depois, um dos médicos do Bethesda, dr. Pierre Finck, iria testemunhar, no caso levado à Corte de Justiça pelo criterioso promotor Jim Garrison, de Nova Orleans — o único processo decorrente do assassinato de Kennedy —, dizendo que havia sido a família Kennedy que o impedira, junto com seus colegas médicos, de examinar adequadamente o ferimento da garganta de JFK, dissecando o trajeto da bala e removendo os órgãos do pescoço. Mas os Kennedy não impuseram esse tipo de limite à autópsia. O formulário de autorização do procedimento, assinado por Robert F. Kennedy em nome da viúva do presidente, foi deixado em branco no espaço em que se pergunta à família se existem restrições ao procedimento. Diante do questionamento obstinado do assistente do promotor Garrison no processo de 1969, Finck terminou por reconhecer que um general do Exército e dois almirantes de fato estavam mandando naquela sala de autópsia lotada, e que nenhum deles tinha qualificações médicas. “Ah, sim, havia ali alguns almirantes, e quem é tenente-coronel do Exército não pode descumprir ordens”, disse Finck à corte de Nova Orleans.

É pouco provável que Bobby — do alto da suíte do décimo sétimo andar do Bethesda — estivesse sendo informado de como a história do assassinato de seu irmão estava sendo reescrita no necrotério do andar de baixo. Mas ele fez uma última tentativa de tomar o controle, quando a autópsia finalmente foi encerrada, depois das três da manhã. Bobby recebeu amostras do cérebro e dos tecidos de seu irmão, entregando-as aos cuidados do dr. Burkley. Durante anos, isso provocaria ondas de mórbida especulação, alguns sugerindo que era a demonstração da doente e sombria mente de Bobby naquela época, e outros argumentando que se tratava de mais uma camuflagem da família no

intuito de preservar o mito de Camelot.<sup>7</sup> Uma explicação mais plausível talvez seja que Bobby, bastante desconfiado, e com a ajuda de Burkley, tenha procurado algum tipo de prova que pudesse ser considerada essencial numa possível investigação futura — isto é, uma que estivesse sob o seu controle.

Os registros das ligações telefônicas de Kennedy mostram que, em fevereiro de 1964, ele também conversou sobre a aquisição da limusine em que JFK sofreu o atentado e que havia sido enviada para uma oficina de Detroit depois do assassinato, onde — segundo informações que lhe foram dadas pela secretária de seu irmão, Evelyn Lincoln — ia ser “recauchutada” para ser entregue ao presidente Johnson. Talvez o conserto — que ia eliminar qualquer possível prova judicial — “pudesse ser interrompido”, disse Lincoln a RFK, se Kennedy declarasse que queria a limusine para ser doada à Biblioteca Kennedy.

Independentemente de saber se Kennedy tentou ou não juntar provas para uma futura investigação, é evidente que Burkley o deixou a par de suas sombrias considerações sobre o ocorrido em Dallas. Curiosamente, o médico do presidente — que deveria estar entre os primeiros da lista de testemunhas da Comissão Warren — nunca foi convocado a dar esclarecimentos. Nem foi interrogado pelo Serviço Secreto ou pelo FBI. E tampouco o atestado de óbito que assinou — e que refutava o argumento segundo o qual a ferida da garganta de JFK havia sido causada por um tiro vindo de trás — foi incluído nos registros oficiais. Para os investigadores do governo, Burkley não existia.

Mas o dr. Burkley deixou para trás seus fantasmas — por pouco tempo —, para registrar sua verdadeira opinião a respeito do que havia acontecido com o presidente Kennedy.

JFK foi alvo de uma conspiração, declarou Burkley por telefone ao pesquisador do assassinato, Henry Hurt, quando este o contatou em 1982, porém sem querer desenvolver sua teoria. Depois de anos de silêncio público sobre o assunto, essa declaração teve o efeito de um trovão.

Naquela noite no Bethesda, quando Burkley ainda estava no necrotério e os condecorados militares se debruçavam sobre o cadáver do presidente, O'Donnell foi até ali para recuperar a aliança de Jackie Kennedy, que em um gesto de comoção a havia colocado no dedo do marido depois de ele falecer sobre a mesa de operação, em Parkland. O'Donnell sabia que ela ia querer a aliança de volta. Burkley insistiu para levá-la pessoalmente até o andar de cima. Lá estava Jackie, na mesma suíte do hospital que ele lhe havia reservado na reta final de sua última e fatídica gravidez. Ele lhe devolveu a aliança, mal conseguindo formular palavras. Não havia nada a ser dito após o dia que haviam passado juntos. Ela enfiou a mão no bolso e lhe deu uma das rosas vermelhas que havia carregado no comboio, e cujas pétalas pouco a pouco estavam tomando a cor de vinho de seu *tailleur* manchado. Ele inclinou a cabeça. “Este é o maior tesouro de minha vida”, murmurou o fiel médico.

Foi depois das 4h30 da manhã que Bobby e Jackie finalmente voltaram à Casa Branca com o corpo do presidente. Bobby foi até o primeiro andar com Jackie e a mãe dela para se certificar de que ambas conseguiriam descansar. “Uma terrível sensação de perda tomou conta de todos os que estavam presentes naquele cômodo”, lembrou-se Charles Spalding, amigo da família, e Bobby estava tentando acalmar todo mundo e fazer que fossem dormir. Mais tarde, ele pediu que Spalding o acompanhasse na Sala Lincoln, onde ia dormir. Seu amigo, percebendo que

ele estava “muitíssimo abatido”, o aconselhou a tomar um sonífero, o que ele fez. Então Spalding fechou a porta. “Durante todo esse tempo ele havia se controlado. Foi então que eu o ouvi soluçar. Ele dizia: ‘Por quê, Deus? Por quê, Deus, por quê?...’ Ele desmoronou completamente, não conseguia controlar os soluços, e o único ser a quem ele conseguia se dirigir era Ele: ‘Por quê, Deus, por quê?’. Qual poderia ser a razão por trás dessa interrogação?”

Depois de uma breve e agitada cochilada, Bobby se levantou e foi caminhar no Gramado Sul às oito horas daquela manhã de sábado. A Casa Branca estava cheia de membros da família, amigos próximos e assistentes. Entre eles, o ator Peter Lawford, marido da irmã de Bobby, Pat, e seu empresário, Milt Ebbins, que havia vindo de avião de Los Angeles na noite anterior. JFK sempre gostara da companhia dos dois homens de Hollywood, pressionando-os para que contassem fofocas da indústria do entretenimento e levando-os para inusitados passeios pela Casa Branca, driblando a pompa de seu novo domicílio. “Por acaso você já tinha imaginado que um dia estaria na Casa Branca, junto com o presidente dos Estados Unidos, admirando o retrato de Washington pintado por Gilbert Stuart?”, perguntara um Kennedy perplexo ao agente de Hollywood.

Agora Ebbins estava de volta à Casa Branca e testemunhava outro quadro histórico. A cavernosa Sala Leste havia sido transformada em sede de um velório e ornada de crepe preto, com o caixão do amigo de Ebbins no centro, colocado sobre um catafalco inspirado naquele que havia carregado o corpo do presidente Lincoln. Um compulsivo clima de luto irlandês tomava conta da Casa Branca. “Jantamos todos ali naquela noite, e parecia um velório irlandês”, lembrou-se Ebbins. “Você jamais poderia pensar que havia um homem morto em um caixão no andar

de cima. Houve risos, piadas, tudo. Em determinado momento, Ethel tirou sua peruca e a colocou em mim. Essa família simplesmente apaga a morte. Acredito que sofram sozinhos, por si mesmos.”

Mais tarde, Ebbins se aproximou de Bobby, que não participou daquela festa frenética do jantar, e estava de pé ao lado do caixão de seu irmão. “Entrei na sala e ele estava com as duas mãos sobre o caixão, com a cabeça abaixada. Estava chorando. Achei estranho, porque Bobby nunca mostrava suas emoções.” Ebbins sempre achara o irmão caçula um “peixe frio”.

“Todas as vezes em que nos encontramos, ele foi simpático comigo, mas não era como Jack. Ah, Jack era bem diferente. Os dois eram muito diferentes. Bobby tinha seu santo graal. Estava aqui para cumprir algo. Jack também, mas nunca mostrava isso. Você acabava por entender, mas ele nunca falava sobre isso.”

No entanto, naquele final de semana, Ebbins estava vendo o outro lado do jovem Kennedy. Seu sofrimento parecia bíblico.

Anos depois, Peter Lawford diria a um amigo que, durante aquele final de semana na Casa Branca, Bobby revelou que achava que seu irmão havia sido morto por um poderoso grupo nascido de uma das secretas operações anticastristas do governo. Segundo algumas fontes, Bobby teria dito a Lawford e a outros membros da família que não havia nada que ele pudesse fazer por enquanto, já que estavam enfrentando um inimigo formidável e que não controlavam mais o governo.

Durante esse final de semana cinzento e úmido, as tensões entre o círculo íntimo dos Kennedy e a equipe de segurança nacional que havia trabalhado para o presidente continuaram a aumentar. O secretário da Defesa,

McNamara, que havia convencido Jackie e Bobby Kennedy a enterrar o presidente no Arlington National Cemetery, do outro lado do rio Potomac, na capital, acompanhou grupos de familiares e amigos em quatro ocasiões distintas para definir o lugar onde o corpo seria enterrado (O'Donnell e o grupo de irlandeses, sempre possessivos em relação ao seu falecido líder, estavam pressionando para que Jack fosse enterrado no solo de Boston, onde havia crescido). Na sua segunda ida, McNamara, sem capa de chuva, chapéu ou guarda-chuva, logo ficou encharcado por um pé-d'água repentino. Nenhum dos generais que o acompanharam e que estavam bem agasalhados, com roupas para chuva, fez alguma tentativa polida de fornecer proteção ao seu chefe civil. William Walton, artista e amigo próximo da família, que havia sido escolhido por Jackie para ajudar na estética do funeral de seu marido, ficou abismado ao ver o desrespeito com que a escolta militar tratava McNamara.

O ensopado McNamara aguentou a tempestade e supervisionou a escolha de um lugar, no alto do declive que levava à residência pré-guerra de colunas brancas do general Robert E. Lee. O secretário da Defesa foi avisado de que era o mesmo lugar do qual o presidente Kennedy havia admirado a vista durante uma visita que fizera ao Arlington Cemetery algumas semanas antes de ser assassinado. O jovem guia que havia escoltado o presidente naquele dia disse a McNamara que Kennedy havia admirado o Lincoln Memorial, que fica do outro lado do rio Potomac. “O presidente disse que era tão lindo que poderia ficar lá para sempre”, lembrou-se o guia.

No domingo à tarde, às 12h21, horário da Costa Leste, um segundo choque vindo de Dallas abalou a nação — Lee Harvey Oswald fora atingido por tiros na frente das câmeras

de televisão, enquanto estava sendo escoltado pelo subsolo do prédio da polícia de Dallas. Seu assassino — um robusto dono de clube noturno chamado Jack Ruby, que gritou “Você matou o presidente, seu desgraçado” ao atirar mortalmente no ventre de Oswald — confessou ter ficado transtornado pela dor que o suposto assassino havia causado à família Kennedy. Mas o assassinato parecia ser uma maneira de a Máfia silenciar o acusado Oswald antes que ele pudesse falar. De fato, George Reedy, assistente de Lyndon Johnson, ao ver o canal de televisão, pensou que a reportagem sobre os preparativos do funeral de Kennedy havia sido interrompida para passar um velho filme de gângsteres de Edward G. Robinson, quando viu a cena do tiro de soslaio.

A descarada eliminação, primeiro do presidente e depois de seu suposto assassino, abalou o âmago dos círculos de Washington. Numa conversa telefônica sem rodeios com Bill Walton, Agnes Meyer, a idosa mãe da editora Katharine Graham, do *Washington Post*, resmungou: “O que é isso — alguma dessas malditas repúblicas de bananas?”. Até o ex-presidente Eisenhower expressou o mesmo tipo de amargura. Aquilo lhe lembrava a visita que fizera ao Palácio Nacional do Haiti nos anos 1930, quando era um jovem oficial. Ao ler as datas nos bustos de mármore dos antigos dirigentes do Estado que se alinhavam na parede, ficara chocado ao perceber que dois terços deles haviam sido assassinados durante o mandato. Seu próprio país, tranquilizou-se, nunca sucumbiria a esse tipo de sede política de sangue. Agora não tinha mais tanta certeza.

Lyndon Johnson estava irritado ao informar Bobby Kennedy do assassinato de Oswald. Quando entrou na Sala Azul da Casa Branca, o novo presidente saudou o surpreso secretário de Justiça, exortando-o a “fazer algo... precisamos estar envolvidos. O nome dos Estados Unidos está ficando

manchado no mundo todo”. LBJ previu claramente a reação do mundo — os jornais tanto no mundo livre como nos países comunistas criticaram a “grotesca” exibição de Dallas, como o *Daily Herald*, de Londres, descreveu os controversos assassinatos, e se perguntavam abertamente se Oswald não “fora morto para ser impedido de falar”, segundo os próprios termos de um jornal de Paris.

Não há como saber se Johnson foi sincero em seu pedido para que Bobby se juntasse a ele na tomada de decisão. Nessa altura, LBJ ainda resistia aos pedidos para que houvesse uma investigação completa nos moldes da futura Comissão Warren. O novo presidente parecia mais preocupado com o aspecto das relações públicas da debacle de Dallas do que com sua efetiva resolução legal. Em todo caso, Kennedy, sentindo ódio por um homem que ele considerou imediatamente um usurpador, nunca aceitou a proposta do presidente para que trabalhassem juntos no mistério de 22 de novembro. Essa aliança teria sido a única maneira de resolver esse incrível crime. Se essas metades rivais da herança política de JFK — antagonistas dignos de um drama shakespeariano — tivessem sido capazes de deixar de lado seu célebre desdém recíproco, a história teria sido diferente. Mas isso teria sido tão distante do caráter de ambos os homens que nunca houve possibilidade de acontecer.

Mais tarde naquele domingo, Milt Ebbins se encontrava na sala de estar dos aposentos presidenciais da Casa Branca com Peter Lawford, assistindo ambos, incrédulos, à televisão, que reprisava sem parar o assassinato de Oswald. “Bobby entrou, olhou para a tevê, então foi até o aparelho e o desligou. Não disse nada. Somente desligou a televisão.”

Bobby não queria se estender abertamente sobre o mórbido espetáculo de Dallas. Mas queria pensar nele com

calma. Foi um padrão que estabeleceu nesse primeiro final de semana e que ele seguiria pelo resto da vida. Ele se recusou a cooperar com as duas maiores investigações públicas sobre o assassinato de seu irmão durante a vida toda — a Comissão Warren e o inquérito de Jim Garrison — por motivos ao mesmo tempo compreensíveis e desconcertantes. Mas perseverou com obstinação em suas próprias investigações, em um esforço inabalável para descobrir a verdade. E Jack Ruby foi um de seus primeiros alvos.

Não havia ninguém nos Estados Unidos com instinto de investigador mais apurado que Robert Kennedy quando se tratava do crime organizado. Toda vez que Bobby não conseguia resolver as coisas sozinho, sempre havia alguém para dar palpites sobre a direção a seguir. Uma semana depois que Ruby tinha se tornado foco da atenção do país, um comunicado anônimo foi enviado ao procurador e ex-diretor da CIA, Allen Dulles, da parte de um informante que declarava que Ruby era um “homem do gatilho” ou um assassino de aluguel da Máfia. “Se não me falha a memória”, escreveu o informante, “Jack Ruby fez uma visita aos membros do Syndicate,<sup>8</sup> em San Diego, entre os últimos meses de 1961 e os primeiros meses de 1962. O encontro com os membros do Syndicate aconteceu no Brass Rail, um bar-restaurant... que era um bar gay, da mesma maneira que o New York Syndicate, sob o comando da antiga gangue de Gallo, costumava utilizar uma dúzia de bares gays como fachada.”

Logo depois do assassinato de Oswald, Bobby colocou seu braço-direito, Walt Sheridan, no caso Ruby. Um relatório do FBI datado de 24 de novembro de 1963 mostra que, poucas horas depois do crime, Sheridan apresentou provas de que

Ruby havia recebido dinheiro de um sócio próximo de Jimmy Hoffa. Segundo o relatório, Sheridan declarou que “Ruby recebeu um pacote de dinheiro de Allen M. Dorfman”, conselheiro principal de Hoffa no fundo de pensão dos Teamsters e enteado de Paul Dorfman, o maior elo entre o líder sindical e a máfia de Chicago. Robert Peloquin, advogado da divisão criminal do Departamento de Justiça, logo foi despachado até Chicago para verificar a história do pagamento de Ruby. Informado dessa missão pelo chefe do escritório do FBI de Chicago numa nota datada de 25 de novembro de 1963, foi um irritado J. Edgar Hoover que rabiscou no documento: “Eu gostaria que o Departamento cuidasse de seus próprios assuntos e nos deixasse cuidar dos nossos”.

Alguns dias depois, Julius Draznin, o procurador federal trabalhista a quem Bobby havia pedido para verificar o possível papel da máfia de Chicago no assassinato, trouxe mais provas sobre o passado de Ruby como sicário da Máfia. No dia 27 de novembro, Draznin apresentou um relatório que mostrava as atividades de Ruby junto ao crime organizado e sua propensão para a violência armada. Mais tarde, Kennedy comentaria que, quando viu os registros das ligações telefônicas de Ruby, “a lista era quase uma duplicata dos nomes das pessoas que ele havia convocado perante o Rackets Committee”.

No final de semana que se seguiu ao assassinato, Bobby abriu uma nova linha de investigação. Embora estivesse ainda lamentando o fracasso da segurança que havia cuidado de seu irmão, pediu calmamente ao amigo da família, Daniel Patrick Moynihan, então assistente do secretário do Trabalho, que checasse se Hoffa havia sido envolvido ou se o Serviço Secreto havia sido subornado. Bobby sabia que Moynihan não tinha a experiência de

Sheridan para investigar, mas, pelo fato de ter passado pelo sindicato dos estivadores, esse compatriota irlandês presumidamente devia ter contatos úteis e perícia em assuntos de corrupção trabalhista. Mais tarde, Moynihan entregaria a Kennedy um relatório confidencial declarando que não existiam provas de que o Serviço Secreto tivesse sido corrompido.

Antes mesmo de Dallas, Bobby Kennedy parecia ter perdido a confiança na capacidade do Serviço Secreto de proteger seu irmão contra os inúmeros perigos que o cercavam. Na época do assassinato, Kennedy estava endossando um projeto de lei, o H.R. 4158, que teria dado ao secretário de Justiça, e não mais ao Serviço Secreto, o poder de nomear os agentes encarregados de proteger o presidente. Rowley, o chefe da agência, reconheceu, em seu testemunho perante a Comissão Warren, que era terminantemente contrário ao projeto, argumentando que a transferência da autoridade ao escritório de RFK provocaria uma “confusão e um conflito de jurisdições”.

Na terça-feira, quatro dias depois do assassinato, Kennedy conversou de novo com Clint Hill, em decorrência da conversa telefônica que tivera com ele no dia 22 de novembro, quando o agente do Serviço Secreto ainda estava em Dallas. Não há registro do que falaram, mas as falhas na segurança em Dallas eram tão flagrantes que Kennedy certamente quis saber o que acontecera da boca de um agente como Hill, que tinha a plena confiança da família. (“Clint Hill nos amava, foi o primeiro homem no carro”, dissera Jackie mais tarde a Theodore H. White.)

Para o comboio de carros, o Serviço Secreto havia escolhido um trajeto que passava pelo centro de Dallas, e cuja insegurança consistia da lenta curva fechada que levava à Elm Street, onde o presidente terminou sendo

morto. Os prédios altos, o outeiro coberto de grama e o viaduto, que faziam da Dealey Plaza o cenário perfeito para um fogo cruzado, não eram seguros. Os policiais de moto que protegiam a limusine do presidente seguiam atrás, em vez de cercar o veículo. Não havia homens do Serviço Secreto nas laterais da limusine, e os agentes haviam recebido a ordem de ficar atrás do veículo. Mais tarde, o Serviço Secreto espalhou a história de que haviam sido ordens de JFK em pessoa, preocupado com o fato de que a multidão não pudesse enxergar bem o casal presidencial. Mas isso foi absolutamente refutado pelo pesquisador Vincent Palamara, que entrevistou vários agentes, os quais confirmaram sem exceção que as ordens vieram de superiores do Serviço Secreto, e não do presidente.

Clint Hill, que estava logo atrás, no carro do Serviço Secreto, foi o único agente a correr até a limusine quando foram disparados os tiros. Ele agiu dessa forma apesar de ter recebido uma ordem para ficar ao lado do agente responsável pelo veículo, Emory P. Roberts. Hill alcançou a limusine no momento em que a primeira-dama estava engatinhando sobre o porta-malas, onde, ele viu horrorizado, ela tentava alcançar um pedaço do crânio de seu marido. Hill pulou para dentro do carro e puxou Jackie de volta para a segurança do carro.

Apesar de seu heroísmo, Hill ficou transtornado durante anos por não ter conseguido chegar à limusine antes. Em 1975, depois de ter se aposentado do Serviço Secreto, ele concedeu uma entrevista a Mike Wallace, do programa *60 Minutes*. Em frente às câmeras, o rosto do ex-agente estava contraído de dor. Em determinado momento, como mais tarde se lembraria Wallace, Hill caiu em prantos, mas insistiu para continuar a entrevista. Com os olhos vermelhos, a cabeça tremendo enquanto tentava reprimir

suas emoções, Hill tragava um cigarro enquanto se obrigava a voltar à Dealey Plaza. Se tivesse reagido uma fração de segundo antes, ele poderia ter levado aquele tiro na cabeça em vez de Kennedy, disse Hill.

“E isso teria sido o certo para você?”, perguntou Wallace.

“Isso teria sido o correto para mim.”

“Você chegou até o carro em menos de dois segundos, Clint... Com certeza, não se sente culpado por causa disso?”

“Com certeza me sinto. Sinto muita culpa por causa disso. Se eu tivesse me virado para o outro lado, teria conseguido. Foi falha minha... e terei que viver com isso até morrer.”

Ao lembrar-se da entrevista anos depois, Wallace escreveu: “Nunca entrevistei alguém tão atormentado”.

Com certeza uma das mais pungentes ironias do dia 22 de novembro reside no fato de que o homem que mostrou mais coragem do que qualquer outro naquele dia tenha sido o mais severamente punido.

Na segunda-feira que se seguiu ao assassinato, Bobby deixou de lado suas investigações para enterrar o irmão. Em seu fraque preto, ele passou diante da multidão solene que havia se juntado nas ruas, seguindo uma carreta de artilharia coberta por uma bandeira. Era a mesma carreta que levava seu irmão da rotunda do Capitólio até a St. Matthews Cathedral e, agora, ao local de seu último descanso, em Arlington. Ao caminhar lentamente pela Pennsylvania Avenue, com Jackie e Teddy, ele seguiu o mesmo trajeto que Jack fizera cerca de mil dias antes, ao iniciar sua presidência. Nas imagens dos velhos noticiários, a extrema desolação desse dia se reflete no olhar de Bobby.

Ed Guthman e Nicholas Katzenbach, o procurador-geral adjunto, tentaram persuadir Bobby a andar em uma limusine fechada, mais segura, em vez de seguir o cortejo

fúnebre a pé. Mas ele se recusou. Foi o início de uma briga persistente entre Guthman e Bobby em torno da questão da segurança que se arrastaria até a morte deste último. “Ele nunca tinha medo. Depois do assassinato de seu irmão, vários de nós tentaram conversar com ele sobre medidas de prevenção, mas ele sempre desconversava.”

Perto da meia-noite, os amigos e a família que haviam se reunido na Casa Branca para o funeral já tinham ido embora, deixando sozinhos o irmão do presidente e a viúva. “Vamos visitar nosso amigo?”, sugeriu Bobby. Os dois passaram diante do Lincoln Memorial e atravessaram o rio Potomac até chegar ao gramado em declive atrás da mansão do general Lee, cuja vista panorâmica havia maravilhado Jack semanas antes. Na escuridão da noite, apenas iluminada pela trêmula chama eterna do túmulo, eles se ajoelharam e rezaram.

No dia que se seguiu ao funeral, os Kennedy começaram a se reunir, como de costume, para o dia de Ação de Graças na propriedade da família em Hyannis Port. Jackie chegou de avião com seus filhos, Caroline e John Jr., depois de ter ido visitar o túmulo de seu marido de manhã. Teddy e sua família também voaram até a residência, da mesma forma que suas irmãs Pat, Eunice, Jean e suas respectivas famílias. “Era um dia lúgubre” no Cape, naquele dia de Ação de Graças, como reportou o *New York Times*. “A paisagem, cor de ferrugem por causa das folhas mortas dos carvalhos-anões, parecia ainda mais desolada que as agitadas águas cinzentas do estreito de Nantucket.” O *Times* relatou que, quando Jackie chegou, ela foi direto para a casa do sogro, evitando a sua própria, devido às lembranças do presidente. Uma das mais comoventes, segundo o que o jornal observou, era uma aquarela na entrada que representava uma alegre reunião da família, com um toque de humor

típico de Kennedy. Mostrava um JFK vitorioso, retribuindo os cumprimentos de seus familiares na proa da chalupa *Victoria* — em uma pose que lembrava *Washington atravessando o Delaware*<sup>9</sup> —, depois de ter vencido, em Los Angeles, as prévias do seu partido para a corrida presidencial.

Bobby não conseguia encarar o dia de Ação de Graças em Hyannis Port com o clã, agora que dois homens que outrora haviam composto seu núcleo — Jack e Joe, o poderoso patriarca que não podia mais falar e estava confinado em uma cadeira de rodas desde que sofrera um derrame cerebral, em 1961 — não estavam mais vivos. Em vez disso, Bobby ficou em Hickory Hill para o feriado com Ethel e seus sete filhos. Cerca de vinte pessoas, como de costume, colegas do Departamento de Justiça e amigos da imprensa, foram convidados para um *brunch*. Serviram-se *bloody marys*. Bobby e Ethel “ostentavam a boa aparência de sempre”, lembrou-se Sheridan, que havia acabado de voltar do julgamento de Hoffa em Nashville. “Mas, olhando para eles, dava para perceber o tamanho do esforço.”

Bobby levou Sheridan para longe da reunião — ele queria saber o que o investigador descobrira a respeito do assassinato. Sheridan suspeitava que o chefe dos Teamsters estivesse envolvido. “Lembro-me de lhe ter dito o que Hoffa dissera quando John Kennedy foi morto... Eu não queria contar, mas ele me obrigou”, lembrou-se Sheridan. “Hoffa estava em algum restaurante de Miami quando soube do assassinato, e ele subiu na mesa para brindar. Pelo menos é o que ouvimos dizer.”

Naquele final de semana, Bobby levou sua família para a mansão dos Kennedy em Palm Beach, onde se cercou dos irmãos de armas que haviam lutado a seu lado, e dos

inquéritos sobre o mundo do crime dos anos 1950 até as cruzadas da Nova Fronteira — estavam lá: Sheridan, Guthman e o porta-voz da Casa Branca, Pierre Salinger. Foi um final de semana devastador, em que Bobby foi alternativamente tomado por estarrecedoras crises de desolação e momentos de cólera brutal. Salinger, ex-jornalista de San Francisco cuja vida Bobby virou de ponta-cabeça depois de recrutá-lo para sua investigação do Senado contra o crime organizado, anos depois estremeceu ao se lembrar desse final de semana: “Era o homem mais perturbado que eu já havia visto na vida. Ele estava fora do ar. Podia caminhar sozinho por horas... De vez em quando, ele organizava uma partida de *touch football*<sup>10</sup>... mas eram partidas violentas. Para mim parece que era uma forma de ele botar para fora seus sentimentos, sabe, derrubando os adversários. Aliás, alguém quebrou a perna durante uma dessas partidas. Quero dizer, eram jogos muito, muito duros”.

No final de semana, Bobby também prosseguiu com suas investigações. Conversou com Sheridan sobre Oswald e Ruby. Bobby lhe pediu que voasse até Dallas e fizesse algumas investidas não oficiais. “O nome-chave era Marina Oswald (a viúva do suposto assassino); ele queria que Walt verificasse o que ela realmente sabia”, disse-me Richard Goodwin, assistente e redator de discursos de JFK.

“Com certeza, Bob estava decidido a lidar com a verdade, fosse qual fosse”, disse Guthman. “Ia trabalhar duro para descobri-la. E as pessoas que trabalhavam para ele, como Walter, seguiam a mesma linha. Ele era alguém em que Bobby confiava plenamente. Era um investigador de primeira linha. Com Walter era a cruel realidade, não havia espaço para mentiras.”

Depois de ter mandado Sheridan a Dallas, Bobby despachou outro amigo íntimo da família Kennedy, Bill Walton, para Moscou, uma semana depois do assassinato. Walton levava consigo uma mensagem secreta de Bobby e Jackie para o governo soviético. Foi a mais surpreendente missão organizada pela família Kennedy nos incríveis dias que se seguiram à morte de JFK.

William Walton era o homem ideal para desempenhar o papel de mensageiro confidencial. Não havia ninguém em quem os Kennedy confiassem mais. Se Bobby tinha seus fiéis irmãos de armas, JFK atraía a devoção de seu próprio círculo de amigos. E nenhum desses homens tinha maior compatibilidade com o presidente do que Walton, a quem JFK havia dado o carinhoso apelido de “Billy Boy”.

“Sempre fiquei surpreso por ele me considerar um amigo tão próximo”, lembrou-se Walton anos depois. “Ele sempre me envolvia em várias coisas. Eu até cheguei a entrar no quarto dele na Casa Branca. Nunca pensei que pudesse estar lá. Acabamos por nos tornar íntimos. Acho que ele gostava mesmo de mim. Como se fôssemos irmãos. Nunca tive amigos homens tão próximos quanto ele acabou se tornando.”

“Eu não era subordinado a ele, como tantas outras pessoas. Minha posição era independente. E para dizer a verdade [quando nos encontramos pela primeira vez], ele achava que eu era muito mais famoso do que ele.”

Walton conheceu Kennedy no final dos anos 1940, em Georgetown, quando o jovem e solteiro deputado ainda vivia com sua irmã, Eunice, e Walton estava transformando o segundo andar de sua casa de estilo vitoriano em ateliê, após abandonar o jornalismo para se dedicar à pintura. Walton, ex-correspondente de guerra da revista *Time*, que

havia obtido a Estrela de Bronze depois de saltar de paraquedas na Normandia, junto com a 82a Divisão Aerotransportada do general James Gavin, havia conhecido os falecidos irmão e irmã de JFK, Joe e Kick, em Londres. Com Joe, ele participou de uma missão da aviação naval cerca de um mês antes de o primogênito dos irmãos Kennedy morrer, em um desastroso voo de bombardeio. Oito anos mais velho do que JFK, Walton deve ter conjurado em Jack as lembranças de seu heroico irmão mais velho.

Contudo, se Walton tinha o currículo de um verdadeiro homem, também estava à vontade na companhia das mulheres, com as quais suas relações costumavam ser “agradáveis, tranquilas e alegres”, segundo as próprias palavras de uma de suas companheiras, Martha Gellhorn, a distinta correspondente de guerra e ex-mulher de Ernest Hemingway. Walton também desfrutou de uma amizade “agradável e tranquila” com Jackie Kennedy.

Ele a conheceu em Washington, antes que ela se casasse, quando era “apenas uma lindíssima e excêntrica” fotógrafa para o hoje extinto jornal *Times-Herald*. Ele foi imediatamente atraído por seu “caráter encantador e delicado” e pelo interesse que ela manifestava nos livros e nas artes. Ela gostava do estilo boêmio dele, de seu gosto por calças jeans apertadas e bermudas, anos antes que esse estilo se tornasse popular, assim como de sua propensão a contar fofocas. Walton tinha vinte anos a mais do que a garota de olhos grandes, mas exibia um maravilhoso espírito adolescente e um sorriso de canto que, segundo Gellhorn, fazia pensar “numa inteligente e engraçada abóbora do Dia das Bruxas”. Assim como outras mulheres, Jackie foi certamente atraída pelo valoroso esforço de Walton em criar sozinho seus filhos, Matthew e

Frances, após ter se divorciado de sua esposa, que sofria de problemas mentais.

Depois que os Kennedy se mudaram para a Casa Branca, Walton se tornou fiel amigo do casal, antes de obter um papel oficial em 1963, na qualidade de diretor da Comissão de Belas-Artes, em que ele e Jackie trabalharam para salvar os quarteirões históricos de Washington da destruição planejada por construtores ignorantes. Ela lhe enviou galantes mensagens escritas no papel timbrado da Casa Branca, entre as quais uma colagem em que havia uma fotografia de Walton segurando um cigarro na mão e a seguinte nota: “Odeio cigarros — mas simplesmente não consigo resistir a esses homens do Marlboro! Quer ser meu namorado?”.

Ele estava numa “posição única”, como diria Walton mais tarde, porque era tão próximo de Jack quanto de Jackie. Cada um deles lhe confiava seus segredos e costumava utilizá-lo para se comunicar entre si. “Mas tarde, dei-me conta de que eu era um verdadeiro vínculo entre eles. Você pode imaginar bem como esse período é difícil para qualquer um... como se estivéssemos no olho de um furacão.” Walton — espiritual, mundano, atraente — os ajudou a aparar as arestas. Junto com ele, podiam agir como se ainda fossem o jovem casal despreocupado que eram quando moravam em Georgetown.

Em um dia de verão, Walton levou até Hyannis Port, onde os Kennedy passavam férias, uma maquete arquitetônica de suas propostas para a reforma da Lafayette Square, na qual JFK tinha mostrado forte interesse. “[Jack] sentara-se no chão e simplesmente amara o projeto. E brincara com ele. Então Jackie entrou e disse: ‘Vocês dois’”, lembrou-se Walton, rindo. “E outra vez ela nos encontrou no chão do quarto. Ele estava pretensamente tirando uma soneca, o

que quer dizer que estava apenas com a roupa de baixo, e eram umas duas e meia da tarde. Ele havia dormido um pouco, e então eu fora autorizado a entrar porque estava com dúvida em relação a uma coisa que precisava ser decidida naquela tarde. Estávamos sentados no chão com outra maquete, e ela saiu para pegar sua câmera fotográfica, e tirou fotos que me enviou depois. E escrevera: ‘O presidente e o czar’, porque os jornais haviam me apelidado de ‘czar da Lafayette Square’.”

“Bill acha que essa galanteria de Jack para com os homens fazia parte de sua libido e vaidade”, lembrou-se o amigo de Walton, Gore Vidal, no seu diário, em setembro de 1961. Vidal, que mais tarde chamaria seu amigo de “a única influência civilizadora naquela Casa Branca”, gostava de encorajar o lado leviano de Jackie.

Naquele verão, ele se juntou a Walton para acompanhar Jackie, com a qual tinha um vínculo familiar, numa aventura em Provincetown, já então uma meca gay. “Jackie e Walton chegaram ao Moors Motel às 17h30”, escreveu Vidal no seu diário. “Naquela manhã, Jackie havia trocado ideias comigo por telefone — será que deveria usar uma peruca loira ‘com tranças’ para não ser reconhecida? Em vez disso, está usando bandana de seda, jaqueta, calça capri, e parece deslumbrante. Bill está com uma camisa esportiva azul-escura; e com o costumeiro sorriso enviesado... Chegaram ao meu quarto no motel. Não havia ninguém ao redor. Jackie se jogou sobre a cama — livre!”

A primeira-dama dos Estados Unidos e seus companheiros mergulharam então em uma noite de frivolidade que com certeza não poderia mais acontecer no triste clima político de hoje, com o olho da mídia sempre espreitando. Assistiram a uma apresentação da peça de George Bernard Shaw, *A profissão da sra. Warren*, no teatro de Provincetown

— mal-afamada se considerarmos a escandalosa história da peça, que trata de prostituição e da hipocrisia da alta sociedade vitoriana, e que ficou proibida na Grã-Bretanha por oito anos, a partir de 1894, quando foi escrita. Mas, depois da peça, o jovial trio foi a vários bares, antes de acabar num botequim com pouca luz, acima do qual ficava um bar frequentado por lésbicas. “Jackie ficou fascinada, mas não se atreveu a dar uma olhada”, anotou Vidal.

Bill Walton era muito discreto em relação a seus desejos sexuais, que nessa altura da vida eram nitidamente homossexuais. Amigos como Vidal — que o encontrou de novo, por acaso, em setembro do mesmo ano, em Provincetown, “de noite na Atlantic House, muito à vontade” — certamente sabiam, e também amigos próximos de JFK, como Ben Bradlee, que assumiu que era “um verdadeiro veado”. Será que JFK e Jackie também sabiam? O sempre discreto Walton, que morreu em 1994, nunca disse se revelou sua sexualidade ao casal. O filho de Walton, Matthew, disse que “apostaria mil contra um que não”. Mesmo assim, os três trocavam confidências de caráter sexual, e Jack se sentia suficientemente à vontade para pedir a Walton que trouxesse suas amantes nos eventos da Casa Branca. Mesmo que JFK tenha sido informado da vida secreta de seu amigo, ele claramente era tão seguro de sua própria sexualidade que não se sentia ameaçado por ele. De fato, como Walton comentou com Vidal, ele parecia provocar a adoração tanto dos homens como das mulheres.

Bobby, por sua vez, não compartilhava a eventual perversidade polimorfa de seu irmão. Vidal, que manteve uma querela bastante notória com RFK durante boa parte dos anos 1960, pressentia um verdadeiro pânico dos homossexuais no comportamento tenso e raivoso de Bobby em relação a homens como ele. “Eu não suportava Bobby”,

disse Vidal anos depois, ao se lembrar da envenenada relação dos dois. “Existem algumas aversões que afloram nas pessoas. Com certeza aflorava em mim — e nele.” Vidal achava que Bobby tinha a personalidade tosca de um policial irlandês. “As duas pessoas que Bobby mais odiava (uma verdadeira honra, já que Bobby odiava muitas pessoas) eram... Jimmy Hoffa e eu”, observou o autor.

Apesar do cheiro de homofobia que chegava às narinas de Vidal, Bobby nunca pareceu desconfiar de Walton. Trabalharam em estreita colaboração durante a campanha presidencial de 1960. “Bill era ouvido por todos — tinha acesso direto a Jack e Bobby”, disse Justin Feldman, um militante de Kennedy que havia colocado à disposição de Walton um espaço no seu escritório de advocacia de Nova York durante a campanha. “Eles confiavam totalmente nele. Bobby falava com ele várias vezes por dia durante a campanha. Os Kennedy lhe confiavam as tarefas mais difíceis. Em determinado momento, Bobby não gostou das histórias que vinham sendo escritas sobre Jack por um repórter do *New York Post*. “Eu estava sentado com Walton em nosso escritório quando Bobby entrou no viva-voz do telefone para falar dessa situação. Bill lhe disse: ‘Missão cumprida’. Bobby respondeu: ‘Como fez?’. Walton disse: ‘[O repórter] está vindo trabalhar para nós. Você vai lhe pagar mil dólares por semana’.”

Bobby, o motor da campanha de seu irmão, prezava acima de tudo a lealdade à causa política de sua família. E sabia que Walton era um profundo devoto. “Meu pai era uma pessoa que acreditava”, lembrou-se Matthew Walton. “Você pode chamá-lo de idealista no sentido de que ele não ganhava nada com isso — certamente nenhum dinheiro. Ele nunca acreditou de verdade em nenhum movimento político antes de JFK.”

“Bill era desinteressado — ele não buscava sua própria glória, nem estava querendo encher os próprios bolsos como acontece hoje”, acrescentou Vidal. “Ele não queria nada para si mesmo a não ser se divertir com a vida da corte, o que ele conseguia fazer.”

Quando seu serviço para Jack inesperadamente acabou em 22 de novembro de 1963, Walton ficou desamparado. Ele estava saindo do saguão da Ala Oeste da Casa Branca com Pat Moynihan, pouco tempo antes de a morte de JFK ser anunciada, quando Moynihan apontou para a bandeira da Casa Branca, que acabara de ser baixada: “Bill, você precisa ver isso”. Bill visivelmente levou um golpe.

“Vamos sair da maneira que todos esperariam de nós”, disse Walton, tentando se recompor. Mas não conseguiu. Moynihan teve que ajudá-lo a entrar em um táxi no Portão Nordeste.

Porém, ainda havia a família, Bobby e Jackie. E eles de novo precisaram de Walton naquela semana, depois que ele tivesse supervisionado um cerimonial de despedida apropriado para seu amigo. Eles estavam prestes a encarregá-lo de uma última tarefa confidencial. “Ele era exatamente a pessoa que você escolheria para esse tipo de missão”, disse Vidal.

Bill Walton havia sido escolhido para ir até a União Soviética no dia 22 de novembro, a pedido de JFK, para ajudar a estabelecer um diálogo com artistas russos. A missão de intercâmbio artístico fazia parte da campanha de Kennedy pela paz, que estava ganhando destaque naquele ano, junto com o eloquente discurso pela paz na Universidade Americana, em junho, e o tratado de proibição dos testes nucleares em agosto. Walton devia ir a Leningrado e Moscou, onde ia supervisionar a abertura de uma exposição

de artes gráficas americanas para a Agência de Informação dos Estados Unidos. Walton cancelou sua viagem após saber o que havia acontecido em Dallas. Mas, mais tarde, Bobby solicitou que ele fosse adiante com sua viagem e que levasse uma mensagem secreta, dele e de Jackie, para um contato confiável dentro do governo soviético. No dia 29 de novembro, uma semana depois do atentado, Walton embarcou em um voo da Pan Am para Londres, e, depois de uma conexão em Helsinki, chegou a Leningrado em um avião da Aeroflot, no dia seguinte. Após visitar o Hermitage em Leningrado, Walton voou até Moscou, onde ia passar as duas semanas seguintes.

Moscou estava presa em seu inverno de sempre, e Walton lutava contra um resfriado daqueles, assoando o nariz em um lenço vermelho enquanto, inesgotável, seguia sua agenda lotada de compromissos. Na exposição *USIA*, conversou com artistas russos, não somente os aprovados pelo Estado, mas também os *undergrounds*, e foi visitar os ateliês para conhecer melhor as obras. Foi a uma leitura de poesia numa sala lotada, em que jovens fãs apaixonados iam até o palco com perguntas escritas à mão, em pedaços de papel, toda vez que um dos poetas encerrava seu recital. “Os poetas de Moscou têm fãs tão devotas quanto as garotinhas americanas que amam as estrelas de cinema”, observou mais tarde Walton, perplexo. “Eles debatem o relativo sucesso de seus heróis e heroínas.”

Walton também foi convidado a tomar chá com a sra. Khruchov na Casa da Amizade, um clube patrocinado pelo governo em que os dignitários estrangeiros eram recebidos. A esposa do líder soviético conduziu imediatamente a conversa para Jackie Kennedy, a qual ela havia encontrado em Viena durante uma cúpula de 1961. “Ela é tão forte e corajosa”, disse ela, com os olhos marejados. Sinto pena

dela e de seus dois filhos, que provavelmente não se lembrarão do pai.”

Em todos os lugares que Walton visitou em Leningrado e Moscou, as pessoas queriam falar de seu amigo falecido. “Quando cheguei, ele havia morrido fazia uma semana”, lembrou-se Walton mais tarde. “Os velhos e estoicos burocratas enxugavam uma lágrima enquanto falavam comigo. Em vários ateliês, os pintores respeitaram um minuto de silêncio antes de começarmos a falar de artes. Em uma casa, a cozinheira, aleijada pela idade, saiu da cozinha claudicando com a ajuda de uma bengala e, com lágrimas correndo pelo rosto, deu-me um buquê de flores de papel para colocar sobre o túmulo de John Kennedy. A emoção era tão genuína, o sentimento tão profundo, que todo mundo se perguntava como esse jovem homem, em sua curta presidência, havia conseguido alcançar o coração das pessoas de um país tão distante.”

Os russos que Walton encontrou acreditavam que o jovem presidente havia tentado aliviar o terror apocalíptico da Guerra Fria. “Era um homem de paz.” Esse era o “epitáfio universal para os seus amigos”, observou Walton enquanto viajava pelo país que travava uma verdadeira competição nuclear com os Estados Unidos.

“Eu pude ver que a morte do presidente Kennedy foi um choque para a União Soviética, assim como para o resto do mundo. Os dirigentes russos achavam que haviam conseguido estabelecer relações pessoais com ele. Insistiam em enfatizar que as conexões pessoais são bem mais importantes que os incômodos contatos diplomáticos entre grandes potências.”

Entre as pessoas com as quais Walton conversou sobre a transformação radical do governo americano, estava o jornalista soviético Aleksei Adjubei, genro de Khruchov.

Depois de três copos de chá quente para acalmar a garganta e um conhaque, Walton tentou reassegurar ao bem entrosado editor do jornal *Izvéstia* que os Estados Unidos não haviam sido tomados por um “grupo reacionário”. Ele declarou que o presidente Johnson “havia manifestado um verdadeiro desejo” de continuar as políticas de Kennedy. Walton deve ter “mordido a língua” ao dar tanta segurança sobre as intenções de LBJ, como observou mais tarde num relatório sobre o encontro, já que “detestava” o novo presidente, e que o sentimento era recíproco. Assim como Bobby, ele tinha calafrios ao pensar que aquele texano agora ocupava o escritório de JFK.

Apesar do que dissera a Adjubei, com a ajuda do chá e do conhaque, Bill Walton trazia uma mensagem secreta muito mais preocupante para o governo soviético, que ele entregou assim que chegou a Moscou. Bobby havia pedido que Walton se encontrasse com Georgi Bolshakov, um agente soviético que antes operara em Washington e por meio do qual os Kennedy haviam enviado mensagens confidenciais a Khruchov em momentos críticos de sua administração, inclusive durante a Crise dos Mísseis Cubanos. O alegre Bolshakov, homem rechonchudo e com nariz de pugilista, era um visitante assíduo da casa de Bobby na Virgínia e de sua espaçosa suíte no Departamento de Justiça, acostumado a entrar no escritório do procurador-geral sem ser previamente anunciado, e com a diligente secretária de Kennedy, Angie Novello, correndo freneticamente atrás dele. Ele era tão próximo dos círculos de Kennedy que a *Newsweek* o apelidara de o “Russo da Nova Fronteira”. Por trás, os oficiais de Washington reprovavam a conexão entre os Kennedy e Bolshakov. Mas isso não impedia Bobby de manter a relação.

“Uma vez, Bob quis convidar Georgi para uma festa com membros do governo a bordo do iate presidencial, o *Sequoia*”, lembrou-se James Symington, assistente administrativo do procurador-geral, em uma entrevista dada nos anos 2010. “Mas McCone, da CIA, disse: ‘Se ele subir no barco, eu desço’. McCone estava assustado com a ideia de algum agente soviético andando à toa por lá. Mas Bobby não era tão preocupado. Ele não tinha ilusões em relação a Bolshakov — aliás, em relação a ninguém. Sabia perfeitamente o que Bolshakov era. Mas sabia também como decifrá-lo. E que ele podia ser muito útil. Era impossível que JFK e Khruchov falassem diretamente, mas também era muito importante para os Kennedy que tivessem um canal de retaguarda para se comunicar com o Krêmlin.

Agora, Bobby estava usando mais uma vez Bolshakov para levar uma mensagem secreta ao líder soviético. O procurador-geral instruiu Walton para que fosse diretamente ver Bolshakov em Moscou, antes mesmo de tomar posse de seus aposentos na embaixada americana. Bobby não queria que o novo embaixador americano, Foy Kohler, que ele via como anti-Kennedy, soubesse do encontro com Bolshakov. Kohler era um homem de linha dura, que considerava Khruchov um homem mais perigoso do que Stálin. “Ele me dava arrepios”, lembrou-se Bobby mais tarde a respeito de Kohler, acrescentando que ele não o via como alguém “que pudesse conseguir resolver algo com os russos”. Kohler demonstrava a mesma frieza em relação a Kennedy. Durante a crise de Berlim de 1961, quando Kohler era o oficial do Departamento de Estado encarregado da União Soviética, ele se lembrou: “Bobby se sentava do outro lado da mesa com aqueles olhos azuis, como se quisesse dizer: ‘Seu filho

da puta, se algum dia abandonar meu irmão, lhe dou uma facada”.

Walton entregou a notável mensagem a Bolshakov no ornamentado restaurante Soviétskaia. O que ouviu deve ter-lhe parecido uma versão russa de um perturbador encontro que tivera com Bobby no ano anterior, em Washington. Quando, em agosto de 1962, Bolshakov saiu de um encontro com JFK na Casa Branca, em que recebera o pedido de entregar uma mensagem conciliatória a Khruchov, Bobby confrontou exaltadamente seu amigo russo: “Droga, Georgi, será que o premiê Khruchov não entende a posição do presidente? Cada passo que ele dá para tentar encontrar Khruchov custa ao meu irmão um tremendo esforço... Numa rajada de ódio cego, seus inimigos podem ultrapassar qualquer limite, inclusive matá-lo”.

Agora, em Moscou, o representante de Bobby Kennedy estava relatando que os piores receios do procurador-geral haviam se tornado reais. O que Walton contou a Bolshakov durante o almoço no Soviétskaia deixou o russo atônito. Ele disse que Bobby e Jackie acreditavam que o presidente tivesse sido morto por uma ampla conspiração política. “Talvez tenha sido apenas um assassino, mas este não agiu sozinho”, disse Walton, entregando a mensagem dos Kennedy. Havia outros por trás da arma de Lee Harvey Oswald. Hoover havia dito a Bobby e Jackie que Oswald era um agente comunista. Mas, apesar da suposta e amplamente divulgada abjuração do assassinato em relação à União Soviética e do estrategema destinado a dirigir suas atenções para Fidel Castro, os Kennedy mostraram claramente que não acreditavam que ele tivesse agido sob ordem de estrangeiros. Estavam convencidos de que JFK havia sido vítima de opositores americanos. E Walton disse

a Bolshakov que “Dallas era um lugar ideal para esse tipo de crime”.

Apesar desse comentário provocante, o mensageiro de Kennedy aparentemente não quis implicar o presidente Johnson no crime. Mas compartilhava com Bolshakov o franco sentimento de desdém dos Kennedy para com o sucessor de JFK. Johnson era “um oportunista astuto” que seria “incapaz de levar a cabo os planos de Kennedy”. Mais interessado em negócios do que JFK, Johnson iria certamente preencher seu governo com uma legião de lobistas. A única esperança para relações pacíficas entre as duas nações era Robert McNamara. Walton descreveu o secretário da Defesa como um homem que “compartilhava plenamente os pontos de vista do presidente Kennedy nos assuntos de guerra e de paz”.

Então, Walton conversou sobre o futuro político de Bobby. Este disse que planejava manter-se no cargo de procurador-geral até o fim de 1964, e que então pensava em se candidatar à eleição para o cargo de governador de Massachusetts, uma ideia que Kennedy já havia sugerido junto à imprensa. Ele utilizaria esse cargo como base política para uma possível corrida à eleição presidencial. Se conseguisse voltar à Casa Branca, retomaria o trabalho de seu irmão em prol da *détente* com a União Soviética. Walton acrescentou que alguns russos com os quais conversara viam Bobby como um homem de linha mais dura em relação a Moscou do que o presidente Kennedy. “Isso não é verdade”, assegurou Walton a Bolshakov. O irmão mais jovem podia ter uma aparência mais rígida que JFK, reconheceu Walton. “Mas Robert concordava totalmente com seu irmão e, mais importante, procurava levar a cabo ativamente as ideias de John F. Kennedy.”

O extraordinário encontro entre Walton e Bolshakov foi contado pela primeira vez em *One Hell of a Gamble*, livro amplamente elogiado a respeito da Crise dos Mísseis Cubanos, escrito em 1997 por Timothy Naftali, então professor em Yale e hoje diretor da Richard Nixon Presidential Library, e Aleksandr Fursenko, diretor do Departamento de História da Academia de Ciências da Rússia. Embora o livro em si — baseado em documentos secretos de várias agências soviéticas e órgãos governamentais, entre os quais o KGB e o Politburo — tenha sido amplamente comentado em publicações como *The New York Times*, *Washington Post*, *Business Week*, *Foreign Affairs*, *The Economist* e *The Nation*, nenhuma delas achou necessário destacar a incrível missão de Walton a mando dos Kennedy, certamente uma das mais surpreendentes revelações desse livro.

Evan Thomas, da *Newsweek*, um dos mais importantes jornalistas de Washington, citou o livro a respeito da missão de Moscou em sua biografia de Robert Kennedy, lançada em 2000, apontando o dedo para Kennedy por causa desse “irresponsável e potencialmente prejudicial ato de diplomacia secreta”. Mas Thomas ignorou completamente a parte mais incitante da mensagem de Kennedy — suas considerações sobre o assassinato —, concentrando-se apenas nos sentimentos anti-Johnson e nas ambições políticas. A surpreendente mensagem secreta de Bobby para Moscou, uma das informações mais relevantes que hoje temos daqueles dias em relação ao que ele pensava sobre o assassinato, desapareceu no buraco midiático assim que se tornou pública.

Bolshakov não demorou a entregar a seus superiores do GRU, agência de inteligência militar soviética, um relatório sobre o que Walton lhe dissera. Isso com certeza aumentou

o desânimo no Krêmlin, onde o assassinato de Kennedy já era visto como um retrocesso protagonizado pelos membros linha-dura da segurança nacional americana em relação à proposta de aproximação com os soviéticos formulada por JFK. Quando Khruchov soube da morte de Kennedy, desabou e chorou. “Ele andou de um lado para o outro em seu escritório durante vários dias, como se estivesse aturdido”, disse um oficial soviético a Pierre Salinger.

A mensagem não oficial de Robert Kennedy a Moscou depois do atentado de Dallas é uma incrível nota de rodapé histórica. Afinal de contas, o homem que abriu sua alma para os soviéticos naquela semana era o mesmo que havia servido de conselheiro para o famoso senador anticomunista do Wisconsin, Joe McCarthy. O homem que levou sem trégua o governo a tentar derrubar Fidel Castro e interromper o crescimento do comunismo na América Latina. O homem tão fascinado pelas histórias de James Bond — o agente implacável e supremamente elegante, que desvendava as falcatruas soviéticas —, que escreveu cartas de fã para o criador de Bond, Ian Fleming.

Assim como a de seu irmão, a opinião de Robert Kennedy em relação à ameaça soviética havia se tornado mais complexa com o decorrer do tempo e a maior experiência. Mas a União Soviética ainda era seu inimigo mais temido, contra a qual seu irmão havia lutado e investido no mundo todo, de Berlim a Cuba e ao Sudeste Asiático. Todavia, o chão sob os pés de Bobby Kennedy havia cedido naquele dia 22 de novembro. Naquele momento, o mundo estava profundamente diferente. Nessa semana, as linhas inimigas não pareciam mais tão bem desenhadas. De repente, o procurador-geral dos Estados Unidos viu o governo do principal inimigo como menos estranho que seu próprio. Tinha pressa em compartilhar suas mais sombrias suspeitas

com Moscou, fazendo questão de esconder essa incrível comunicação da embaixada dos Estados Unidos na URSS. O que ainda é mais notável do que o fato de Kennedy ter-se engajado em um “irresponsável ato de diplomacia secreta” é que esse homem tão intensamente patriota, alguém que era um convicto anticomunista, tenha sido levado a tal atitude.

Não há outra conclusão a se tirar. Nos dias que se seguiram à sangrenta eliminação de seu irmão, Robert Kennedy confiou mais no governo soviético do que naquele ao qual servia.

Por que Kennedy se sentia tão afastado de seu próprio governo a ponto de querer tomar uma atitude tão radical? Para entendermos seu conspirativo modo de pensar nos dias que se seguiram a Dallas, precisamos compreender as engrenagens e tensões da administração Kennedy durante os anos que antecederam o assassinato. O corpo de John F. Kennedy mal havia sido enterrado quando seu governo começou a ser envolto por um leve mito de Camelot. Anos depois, esse mito seria retalhado pela lenda contraditória de um monarca decadente, um líder sexualmente desvairado e altamente medicado cujo temerário comportamento pessoal pusera a nação em risco. Nenhuma dessas versões traz a verdade essencial sobre a administração de Kennedy. O que falta na ampla literatura sobre aqueles anos — inclusive as biografias sentimentais, os relatos revisionistas e os textos padrão — é um senso do profundo tumulto que tomava conta do coração da administração. O governo Kennedy travava uma guerra consigo mesmo.

1 . International Brotherhood of Teamsters [Irmandade Internacional dos Caminhoneiros], é o sindicato dessa categoria nos Estados Unidos e no Canadá. [N. T.]

- [2](#) . Termo usado por John Kennedy na sua candidatura à eleição presidencial de 1960 e que se tornou *slogan* do Partido Democrata na campanha presidencial e lema de sua administração. [N. T.]
- [3](#) . Comissão do Senado para o Crime Organizado. [N. T.]
- [4](#) . Office of Strategic Services [Agência de Serviços Estratégicos], nome do serviço de inteligência dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, precursor da CIA. [N. T.]
- [5](#) . Agência vinculada ao governo dos Estados Unidos encarregada de conduzir os processos eleitorais junto aos sindicatos e garantir o respeito à legislação trabalhista americana. [N. T.]
- [6](#) . Apelido dado ao Pentágono, por causa de sua estrutura composta de cinco anéis concêntricos. [N. T.]
- [7](#) . Os anos da administração Kennedy, o qual trouxe novos ideais e reestruturou equipes tradicionais do funcionalismo norte-americano, foram frequentemente associados à mítica corte do Rei Artur nos meios de comunicação daquele país. [N. E.]
- [8](#) . “Syndicates” era como eram conhecidos os “sindicatos” do crime organizado, espalhados por várias cidades importantes dos Estados Unidos ao longo do século XX, ligados à Máfia e a outras organizações criminosas. [N. T.]
- [9](#) . Pintura a óleo de 1851, de Emanuel Gottlieb Leutze (1816-68). [N. T.]
- [10](#) . Variante do futebol americano, em geral jogada por amadores. [N. T.]

# 1961

John Kennedy era assombrado pelo espectro de uma guerra cataclísmica. Leitor ávido de livros de história desde a infância, sabia perfeitamente que a Primeira Guerra Mundial havia sido deflagrada pelas grandes potências e que o conflito dizimou a flor da juventude da Europa, deixando para a posteridade assustadoras imagens de trincheiras lamacentas encharcadas de sangue e do ar empestado de morte. “Todas as guerras são estúpidas”, escrevera do Pacífico para sua família em 1943, enquanto participava da guerra seguinte, aquela à qual a Primeira Guerra Mundial — que deveria ter posto fim a todas as guerras — havia levado. A morte de Joe, seu irmão mais velho, em uma violenta explosão sobre o canal da Mancha durante uma missão suicida, fez que a família sentisse a cruel realidade da época. “Ele era muito próximo do meu irmão Joe, e essa perda foi arrasadora para ele, que ainda viu o terrível impacto que ela teve sobre meu pai”, disse-me Ted Kennedy. “Ele era uma pessoa muito diferente ao voltar da guerra. Acho que isso o consumia por dentro.”

E, no entanto, na Guerra Fria vivia-se com a ameaça constante de uma aniquilação instantânea, que confirmava o absurdo máximo do conflito. Kennedy chegou a considerar a guerra na era nuclear como algo impensável. “Acredito

que a principal razão que levou Kennedy a concorrer à presidência foi que ele achava que toda a política de retaliação massiva de Eisenhower-Dulles levava o país a uma guerra nuclear”, disse Theodore Sorensen, ao analisar, anos depois, já em seu escritório de advocacia de Manhattan, a época em que convivera com JFK. “A seu ver, a política de retaliação massiva — em que supostamente mantínhamos a paz declarando que, se alguém ultrapassasse a fronteira de Berlim Ocidental ou de algum outro lugar, iríamos retaliar aniquilando-o com armas nucleares — era uma loucura. Ele também sentia que essa política não era crível e não barraria as pressões e incursões soviéticas mundo afora.”

Contudo, John Kennedy não concorreu à Casa Branca em 1960, contra o carrancudo anticomunista Richard Nixon, na qualidade de candidato da paz. Ele era politicamente hábil demais para isso. Kennedy havia assistido às duas arrasadoras derrotas do sério e bem intencionado Adlai Stevenson, o candidato queridinho da ala mais liberal do Partido Democrata, contra o herói de guerra republicano Dwight Eisenhower. A partir da era McCarthy, os candidatos republicanos que erguiam a bandeira dos Estados Unidos haviam sistematicamente derrotado seus oponentes democratas retratando-os como fracos derrotistas sem pulso, incapazes de enfrentar os brutais e implacáveis inimigos da nação (era uma fórmula política arrebatadora que os republicanos utilizariam durante toda a Guerra Fria e, mais tarde, reformulariam com sucesso, pelo menos durante um tempo, na “guerra ao terror”). Entretanto, John Kennedy não era nenhum Adlai Stevenson. E a ala liberal do partido — presidida com majestade pela venerada viúva ligada diretamente ao glorioso passado dos democratas, Eleanor Roosevelt — o odiava por conta disso, retratando

Kennedy desdenhosamente como um homem astuto e falso, uma “maravilha sem coragem”, segundo a formulação amarga de Harry Truman. Não é sem razão que a sra. Roosevelt se perguntava como o autor de *Política e coragem*,<sup>1</sup> um livro que exalta os líderes políticos que colocam os princípios à frente dos próprios interesses, pudera evitar enfrentar o macarthismo, a grande ameaça da época contra a democracia americana. O jovem e elegante senador podia ao menos “ter tido um pouco menos de estilo e um pouco mais de coragem”, comentou ela de forma mordaz.

Mas a família Kennedy não tinha interesse em se tornar um bando de lindos perdedores como Stevenson, cujas inevitáveis derrotas eram encaradas pelos liberais como a confirmação de sua superioridade natural. A vitória sempre fora a meta dos Kennedy, e eles sabiam como alcançá-la. Os irmãos podem ter sido criados no conforto de Brahmin e educados nas melhores escolas da Nova Inglaterra, mas, quando se tratava do briguento mundo da política, eles pareciam vir quase diretamente das tavernas irlandesas de seus ancestrais.

Na corrida presidencial de 1960, John Kennedy enfrentou o político mais astuto e traiçoeiro da cena nacional americana pós-guerra, Richard Nixon. JFK o derrotou usando suas mesmas armas, apossando-se do tema da guerra que republicanos como Nixon costumavam usar para derrotar os adversários democratas, utilizando-o contra “Tricky Dick”.<sup>2</sup> Kennedy calou Nixon ao falar mais e com maior ênfase do que seu adversário sobre a corrida armamentista nuclear e sobre Cuba, onde o governo revolucionário de Fidel Castro estava rompendo por completo com o domínio americano. Incentivado por seu amigo de Georgetown, Joseph Alsop,

um colunista de jornal sindicalizado que mantinha estreitos laços com a CIA, JFK convenceu os eleitores com a alarmante ideia de que os Estados Unidos estavam atrasados em relação à União Soviética no que dizia respeito à corrida nuclear. A “vantagem em mísseis” acabou se tornando um mito, uma criação de analistas da inteligência da Força Aérea e de repórteres crédulos, como Kennedy seria finalmente informado por um perito em armas do Pentágono, logo após ter-se mudado para a Casa Branca. Durante a campanha, porém, a crença na vantagem russa em número de mísseis teve tanto êxito quanto o apelo para apoiar os “combatentes pela liberdade” cubanos em sua cruzada para a reconquista da ilha contra Castro, colocando Nixon na defensiva.

Nixon sentiu-se especialmente pego de surpresa quando Kennedy apoiou a libertação de Cuba, já que o vice-presidente estava planejando fazer o mesmo, junto com a CIA e um grupo de imigrantes cubanos. Como não podia revelar o plano ultrassecreto, Nixon ficou calado durante o quarto e último debate presidencial, quando Kennedy fez o apelo pela libertação de Cuba. “Não tive outra escolha senão tomar uma atitude totalmente contrária e criticar os argumentos de Kennedy em prol da intervenção em Cuba”, escreveu Nixon em sua biografia, em 1978. “Choquei e decepcionei muitos dos meus eleitores... Naquele debate, Kennedy transmitiu a impressão — para sessenta milhões de pessoas — de que era mais inflexível do que eu em relação a Castro e ao comunismo.” Nixon, mestre na arte negra da política eleitoral, finalmente encontrara seu par.

Kennedy venceu Nixon por uma margem ínfima no dia da eleição, mas os partidários liberais de JFK, como John Kenneth Galbraith, o economista que havia sido professor de Kennedy em Harvard e um conselheiro muito apreciado

durante a campanha, se preocupavam com os custos da vitória, especialmente com a promessa de Kennedy de ajudar a libertar Cuba. Os jornalistas e historiadores discutiram amplamente o suposto acordo entre a família Kennedy e a máfia de Chicago para obter votos nessa cidade-chave. Mas nenhum pacto seria mais determinante e mais custoso para Kennedy do que aquele que fez com Vulcano, o deus do fogo e do metal. Ao invocar os deuses das armas e da guerra, Kennedy conseguiu apagar a imagem democrata da fraqueza, de Stevenson, e substituí-la por uma nova e vigorosa musculatura. Porém, os campeões da política externa agressiva, que haviam se empolgado com a retórica militar de Kennedy, estavam agora na expectativa de que o novo presidente agisse. Enquanto Kennedy se preparava para tomar posse do cargo, eles esperavam com ansiedade que o estoque de armas americano aumentasse e que houvesse um verdadeiro esforço para fazer recuar o comunismo em Cuba.

Se o novo presidente havia se comprometido a aumentar o arsenal nuclear americano, estava mais determinado ainda a nunca usá-lo. Essa posição aparentemente contraditória ficou bastante clara no vibrante discurso de posse de Kennedy. A fala mostrava um homem com “um pé na Guerra Fria e outro no novo mundo que ele vislumbrava”, como Harris Wofford, assessor do novo presidente, descreveu Kennedy. Com uma mensagem de dois gumes, entre a vigilância belicosa e o idealismo pacífico, o discurso apelava para um amplo espectro político. Ao mesmo tempo que Kennedy jurava que a nação “pagaria qualquer preço, suportaria qualquer fardo, enfrentaria qualquer dificuldade, ajudaria qualquer amigo, opor-se-ia a qualquer inimigo para assegurar a sobrevivência e o êxito da liberdade”, também dispensava a costumeira retórica ofensiva contra a União

Soviética e convidava o inimigo a se juntar aos Estados Unidos em uma nova “busca da paz, antes que as negras forças da destruição desencadeadas pela ciência levassem toda a humanidade a uma autodestruição planejada ou acidental”. Da mesma forma, ele propôs uma visão pós-colonial do Terceiro Mundo, especialmente da América Latina, segundo a qual os Estados Unidos ajudariam a “quebrar as correntes da pobreza” em uma “aliança para o progresso” — proposta imediatamente seguida por um recado velado àqueles grupos revolucionários da região que almejavam seguir o caminho de Castro, prometendo “oporse à agressão ou subversão em qualquer lugar das Américas”.

O discurso de posse foi um inspirado trabalho de eloquência, cujo tom retórico teve êxito ao unir o intervencionismo agressivo e as ambições humanitárias. Ao se referir aos poderes ao mesmo tempo positivos e negativos da natureza humana, foi saudado por todos, desde Norman Thomas, à esquerda, até Barry Goldwater, à direita. Apenas um discurso primorosamente escrito podia empolgar tanto o poeta pacifista Robert Lowell, que havia sido preso durante a Segunda Guerra Mundial por ser objetor de consciência, até um dos leões mais ferozes dessa guerra, o almirante Arleigh Burke. Após o discurso de Kennedy, Lowell chegou a declarar sua alegria já que “finalmente os godos haviam deixado a Casa Branca”. O velho Burke “31-Nós”, o firme e temido chefe das operações navais do presidente Eisenhower, e certamente alguém que Lowell teria considerado um daqueles “godos” — não ficou menos entusiasmado. “Eu estava lá [no discurso de posse], junto com outros chefes [do Estado-Maior], e nunca havia ouvido discurso melhor”, lembrar-se-ia Burke mais tarde. “Pensei, ‘esse discurso é magnífico. É a melhor exposição

que já ouvi sobre a política em que acredito'. Fiquei muito orgulhoso naquele momento.”

Quando Kennedy se aproximou do ponto culminante nesse dia da posse — sem chapéu nem paletó no cortante e luminoso ar invernal, aquecido apenas pela paixão contida em suas palavras, ainda recentes demais para se tornarem famosas (“e então, meus caros compatriotas: não perguntem o que o país pode fazer por vocês...” ) —, levou consigo “boa parte da nação, através da barreira do tempo, a entrar em uma nova década, e em uma nova era”, segundo as palavras do autor Thurston Clarke. Empolgados pela audaciosa poesia da visão apresentada por JFK naquele dia, muito mais americanos do que aqueles que haviam votado nele em novembro queriam agora segui-lo rumo ao futuro.

Olhando para trás, Ted Sorensen, o principal colaborador de Kennedy, não viu nada de contraditório nesse discurso de posse. A seu ver, ele continha a fundamental filosofia Kennedy de paz por meio da força. “No discurso de posse, a frase mais importante não foi ‘não perguntem o que seu país pode fazer por vocês’. E sim ‘apenas quando tivermos armas em número suficiente além de qualquer dúvida é que, além de qualquer dúvida, saberemos que com certeza elas nunca serão utilizadas’. Em resumo, essa era a política de Kennedy. Ele não era a favor do desarmamento unilateral — pelo contrário, queria estabelecer uma vantagem nuclear arrebatadora, de maneira que nunca tivéssemos que usar essas armas, já que os soviéticos nunca ousariam nos desafiar.”

Uma coisa é escrever um discurso que entremeie engenhosamente visões opostas e uma opiniões divergentes em uma única explosão de aplauso. Outra coisa é governar

de forma consistente com base numa filosofia tão delicadamente equilibrada. O mundo do poder tem um modo de reduzir as sutilezas e complexidades ao seu menor denominador comum. A experiência de Ted Sorensen no primeiro ano de Kennedy na Casa Branca é muito reveladora nesse sentido.

Sorensen era mais do que o homem que escrevia os discursos do presidente — era um homem de grandes virtudes. Ajudou Kennedy a ficar em contato com a consciência liberal subjacente ao projeto político bem elaborado do presidente. Sabia como se valer da sagaz visão política de JFK para redigir seus discursos. Contratado aos 25 anos para escrevê-los e aconselhar Kennedy, então um político em ascensão que havia ingressado no Senado em 1953, Sorensen logo aprendeu a lidar com seu empregador e a canalizar seus pensamentos. “Ted Sorensen está se tornando meu espelho, refletindo até o que estou pensando”, disse Kennedy a seu velho amigo da Marinha, Paul “Red” Fay. Durante a década que passaram juntos, como diria Sorensen mais tarde, John F. Kennedy “era a única pessoa com a qual eu me importava”. O primeiro casamento de Sorensen se tornaria vítima de sua devoção a Kennedy. Ele se separou de sua esposa Camellia durante a campanha presidencial de 1960, e eles se divorciaram em julho de 1963, após catorze anos casados.

Ainda ressentido com sua derrota, Nixon criticou a eloquente parceria política dos dois homens em uma entrevista à revista *Redbook* em junho de 1962, acusando Kennedy de ser uma “marionete que apenas ecoava aquele que escrevia seus discursos” durante a campanha de 1960. “Para Kennedy, é mais fácil se levantar e ler os discursos de Sorensen, mas não acredito que isso seja eficiente, a menos que ele acredite de verdade no que está lendo.”

Jackie Kennedy — obrigada a ceder espaço para Sorensen no tempo que costumava passar com seu marido, principalmente durante a campanha de 1960 — tinha um melhor entendimento da dinâmica que existia entre JFK e o homem cerca de dez anos mais jovem. Longe de ser um manipulador, o dedicado Sorensen era “sob certo aspecto um garotinho”, que “quase se envaidecia ao falar com Jack”, disse Jacqueline para um jornalista durante a campanha, com maldisfarçado desdém. O próprio Nixon era mais generoso em sua avaliação de Sorensen, ao dizer para a *Redbook* que o assessor “tinha o raro dom de ser um intelectual que pode perfeitamente transferir seu estilo para outro intelectual” — um tipo de “abnegação apaixonada”, segundo a sagaz descrição de Thurston Clarke, que analisou as minúcias da relação de trabalho entre os dois em seu *Ask not*, livro de 2004 sobre a posse de JFK.

Os oponentes direitistas do presidente Kennedy, em busca de vulnerabilidades durante o primeiro ano de seu governo, pressentiram alguma fraqueza e certa exposição na singular relação entre Kennedy e Sorensen. Este não era como os turbulentos dirigentes políticos da máfia irlandesa que cercavam Kennedy. O jovem e estudioso assistente, de cabelo comprido e liso e óculos com armação de chifre, representava o lado mais intelectual e idealístico do presidente. Mais importante ainda, enquanto Kennedy havia cria-

do uma personalidade política arrebatadora com a fama de herói do torpedeiro *PT-109*,<sup>3</sup> durante a Segunda Guerra Mundial, Sorensen personificava os sentimentos antiguerra que, segundo os inimigos de JFK, realmente dirigiam a nova presidência, apesar de sua retórica de linha dura. Para esses críticos conservadores, havia algo fraco e até feminino

nessa dupla de jovens bonitos com cara de adolescentes e cabelos desgrenhados que havia tomado posse do governo em lugar do confiável velho general que o comandara antes. E, no final de 1961, esses críticos concentraram sua atenção em Sorensen, a elegante voz do governo, mostrando-o como o símbolo da fraqueza.

Ao contrário de Kennedy e de muitos de seus principais colaboradores, Ted Sorensen nunca participara de guerras, nem servira o Exército. Em 1948, fora registrado como objetor de consciência, e mais tarde não participou da Guerra da Coreia por ser pai de uma criança. “Eu não era contra o serviço militar, era contra o fato de matar”, disse-me Sorensen anos depois. “Não tenho certeza de que os verdadeiros pacifistas me descrevam como um deles. Eu queria arriscar minha vida [em um papel de não combatente]. Acreditei e ainda acredito que existam guerras justas. Acho que livrar o mundo de Hitler foi justificado.”

Nascido em uma família protestante unitarista em Lincoln, Nebraska, Sorensen crescera encarando a guerra de forma muito cética. Seu pai, o combativo advogado e político progressista C. A. Sorensen, viajara em 1916 no Navio da Paz, de Henry Ford, até Estocolmo, tomando parte da tentativa desesperada do pioneiro do automóvel de pôr fim à guerra por meio de uma conferência de paz na Europa. O advogado, que também defendia o movimento das mulheres pelo direito ao voto, conheceu sua esposa, uma judia russa chamada Anna Chaikin, ao representar a enérgica jovem feminista contra as acusações de radicalismo e pacifismo durante a Primeira Guerra Mundial. O filho deles, Ted, encontraria sua primeira esposa, Camellia, uma quacre<sup>4</sup> que compartilhava a filosofia antibelicista da família Sorensen, quando começou a

frequentar a igreja unitarista, já que não existia nenhuma igreja dos Amigos em Lincoln.

Conhecendo a formação unitarista de Ted Sorensen e seu passado de objetor de consciência, o presidente Kennedy foi cuidadoso, mantendo-o longe das reuniões extremamente tensas com os chefes do Estado-Maior, como aquela que aconteceu na Casa Branca, no auge da Crise dos Mísseis Cubanos. “Tenho certeza de que isso teria sido visto por eles como uma provocação”, disse Sorensen, divertindo-se hoje das polaridades com as quais JFK tinha de lidar dentro de sua administração. “Não acredito que os chefes tenham me encarado como um de seus defensores mais fortes”, acrescentou rispidamente o ex-assessor.

Mas os opositores de Kennedy não deixariam que ele mantivesse as crenças de Sorensen ocultas. Em setembro de 1961, o pacifismo do assessor da Casa Branca viria a se tornar público quando Walter Trohan, diretor do escritório de Washington do jornal *Chicago Tribune*, um anti-Kennedy notório, escreveu que “o homem junto à cadeira de balanço do presidente Kennedy em um mundo [cheio] de tensões bélicas escapou do serviço militar como objetor de consciência”. O promissor futuro candidato republicano à eleição presidencial, Barry Goldwater, logo transformou o artigo do *Tribune* em questão política, incluindo-o no “Congressional Record”<sup>5</sup> com a seguinte anotação: “Não posso deixar de me perguntar o que pensarão os pais e as mães dos jovens americanos que agora mesmo estão sendo chamados para o Exército ao saberem que um dos assessores mais próximos do presidente foi objetor de consciência”.

Hoje em dia, Sorensen insiste em dizer que Kennedy não fez mais que descartar a controvérsia: “O presidente não

ficou nem um pouco aborrecido”. Contudo, tratava-se de mais um fato desestabilizador em relação à nova administração que inquietava os responsáveis pela segurança nacional, os quais acreditavam que a defesa do país lhes dizia respeito independentemente de quem ocupasse o Salão Oval. Claro, eles conheciam a vergonhosa atitude de conciliação de Joe Kennedy, o patriarca da família, com os nazistas, e que tivera como consequência o fim de seu exercício no posto de embaixador americano na Inglaterra durante o governo Roosevelt, o que arruinara seu futuro político. Agora, diziam que na Casa Branca seu filho se cercava de homens vistos como conciliadores em plena Guerra Fria. Desde o começo de sua administração, o jovem presidente era visto com cautelosa suspeição pelos adeptos da cultura belicista de Washington. Eles temiam que JFK fosse um peso-leve que poderia pôr a nação em risco, um homem física e moralmente comprometido, cuja vitória havia sido comprada por um pai bandido.

Para esses homens, a vitória de Kennedy não havia sido motivo de comemoração. Durante a cerimônia de posse, enquanto esperavam por um almoço em homenagem a Eisenhower no seletto F Street Club, um grupo de oficiais militares do alto escalão, entre os quais o almirante Arthur Radford, antigo diretor do Estado-Maior, ficou diante da televisão com ar de gravidade enquanto o novo presidente apelava à nação para segui-lo rumo ao futuro. Os militares estavam menos interessados nas palavras inspiradoras de Kennedy do que em sua testa, que suava abundantemente no gélido ar invernal. “Está entupido de remédios!”, gritou o general Howard Snyder, o recém-aposentado médico da Casa Branca. Snyder, que tinha acesso aos registros do FBI e do Serviço Secreto sobre Kennedy, disse a Radford que Kennedy — que sofria da doença de Addison [insuficiência

adrenal crônica] — “precisava tomar uma injeção de cortisona toda manhã para se manter operacional pelo resto do dia”, e nesse dia especialmente estressante ele tinha tomado uma dose complementar, o que explicava que sua testa estivesse tão suada. Snyder lamentou em voz alta que a nação estivesse sendo posta nas mãos de um homem de físico tão debilitado: “Odeio pensar no que pode acontecer com o país se, às três da manhã, Kennedy tiver que tomar uma decisão de segurança nacional”.

Não demoraria muito para que Kennedy tivesse que enfrentar a primeira crise dessa natureza em seu governo — e a maneira como ele lidou com isso confirmou os piores temores da elite militar a seu respeito.

Jack Kennedy e a Cia pareciam ter sido feitos um para o outro. A bravura de capa e espada da agência de espionagem combinava com a imaginação de fã de James Bond do jovem presidente. Mas o interesse principal da agência residia em sua promessa de alcançar objetivos estratégicos de forma discreta e a baixo custo, sem envolver a nação na violência rastejante e imprevisível de uma guerra total.

Kennedy não tinha dificuldade em transitar pelo meio social de Georgetown, e por entre os brilhantes jovens da CIA educados em universidades da Ivy League.<sup>6</sup> Joe Alsop (Groton 1928, Harvard 1932) — que com sua singular combinação de maneirismo decadente e machismo da Guerra Fria presidia eventos em salões frequentados pela elite da CIA — ajudou a pavimentar a entrada do jovem político em ascensão nesse mundo. Entre as pessoas que ele apresentou a Kennedy estava seu antigo amigo Richard Bissell, de Groton, que havia sido arrancado da academia

pelo mestre em espionagem Allen Dulles e que mais tarde seria treinado para ser seu sucessor. Alguns membros da CIA eram cautelosos com Kennedy desde os tempos de McCarthy, quando Jack enxergava as coisas de outro modo, enquanto Bobby servia de conselheiro para o demagogo senador, cuja caça às bruxas se tornara tão ardente que suas chamadas começaram a lamber a própria CIA, ameaçando jovens idealistas brilhantes do alto escalão, como Cord Meyer e William Bundy, até que Dulles mandasse abertamente o embriagado político com sua silhueta de filme de gângster deixar a agência em paz. O desprezo WASP<sup>7</sup> da agência pelo tosco irlandês católico McCarthy, ávido por publicidade, ressoou no próprio tratamento dado aos Kennedy pelo *establishment* protestante. Mas Jack era esperto demais para revolver antigos ressentimentos tribais enquanto traçava seu caminho pela cultura da inteligência durante sua disputa para a eleição presidencial.

Bissell era um homem alto, de óculos, cuja conduta professoral compensava um caráter intransigente. Sua rica família de Connecticut tinha raízes coloniais, e um de seus ancestrais fora espião do general George Washington. Assim como Dulles, que vinha de uma família de financistas nacionais e internacionais, ele tinha um sentimento de propriedade em relação aos Estados Unidos. Durante a campanha de 1960, Bissell aprovou com entusiasmo a posição agressiva de Kennedy em relação à política internacional, vendo neste alguém cuja índole se aparentava à sua própria — um líder jovem e brilhante que não se satisfaria com o *status quo* global, mas procuraria opor-se ao avanço do comunismo, não só agitando a bandeira da ameaça nuclear, como Eisenhower, mas

também confrontando os soviéticos com uma variedade de métodos antiguerrilha e de espionagem mais adaptados ao mundo moderno. Ao encontrar Kennedy numa reunião privada durante a campanha, Bissell, que ainda trabalhava para o governo republicano, disse-lhe que não podia mudar sua escolha para presidente, mas fez questão de mostrar apoio a Kennedy.

O republicano Dulles, evitando seguir as agências de apostas, votou em Nixon. Mas Nixon cultivaria um profundo ressentimento contra a agência pelo resto da vida, acreditando que o diretor da CIA havia secretamente informado o opositor democrata sobre o plano da Baía dos Porcos, o que teria dado vantagem a Kennedy no último debate. Ele também suspeitava que a agência tivesse favorecido a eleição de Kennedy ao adiar a invasão de Cuba até depois da eleição, privando Nixon de uma surpresa em outubro.

Depois da vitória de Kennedy, Bissell escreveu a um amigo que tinha esperança no novo governo porque “acredito que Kennedy esteja cercado por um grupo de homens com consciência mais aguda do que os republicanos na crise extrema que estamos vivendo... O que quero realmente dizer é que os democratas serão muito menos inibidos para tomar alguma atitude a respeito disso. Aposto que Washington será um lugar mais animado e interessante para morar e trabalhar”.

Dulles, ao contrário, não esperava uma mudança significativa no seu papel com o governo Kennedy. O mestre da espionagem e seu irmão caçula — o secretário de Estado de Eisenhower, John Foster Dulles — haviam dirigido amplamente a política externa dos Estados Unidos durante os anos 1950. E ele esperava poder manter as políticas da família junto ao inexperiente novo presidente. O confidente

de Kennedy, Bill Walton, ficou surpreso ao ouvir Dulles declarar em voz alta seu sentimento de propriedade durante um jantar na casa do jornalista Walter Lippmann, logo após Kennedy ter tomado posse. “Depois do jantar”, lembrou-se Walton, “os homens se reuniram, seguindo um hábito antigo, e ele começou a alardear que continuava encarregado da política externa de seu irmão Foster. Ele disse ‘sabe, trata-se de uma política bem melhor. É a que pretendo seguir’.” O leal Walton, que detestava Dulles (o sentimento era recíproco), ligou para seu amigo na Casa Branca de madrugada e repetiu a Kennedy tudo o que o diretor da CIA dissera na noite anterior. “Maldito!”, disse Kennedy, furioso. “Ele disse isso mesmo?”

Para Dulles e Bissell, o mundo sob o governo Eisenhower havia sido um parque de diversões da espionagem, e seus agentes farreavam livremente do Irã à Guatemala, da Indonésia ao Congo. Sob Kennedy, sua esplêndida “macacada”<sup>8</sup> — como eles próprios chamavam o golpe militar de 1954, na Guatemala, que haviam planejado — prometia se tornar ainda mais irrestrita. Ike fizera um esforço para inibir Dulles e sua equipe durante seu segundo mandato, mas ele finalmente lavou as mãos. “Não serei capaz de mudar Allen”, reconheceu Eisenhower para Gordon Gray, seu conselheiro de Segurança Nacional. Ele aprendera a viver com um diretor da CIA que acreditava que os “cavalheiros” da inteligência americana não eram obrigados a seguir o mesmo código moral que os demais mortais.

Dulles e Bissell foram incrivelmente desprovidos de qualquer escrúpulo quando planejaram derrubar o governo devidamente eleito do presidente Jacobo Árbenz, da Guatemala, que era visto como esquerdista e hostil demais ao reinado permanente da United Fruit, o colosso

corporativo representado pelo antigo escritório de advocacia dos irmãos Dulles em Wall Street. Não só os dois principais diretores da CIA transformaram o sucesso do golpe em troféu, como, menos de três meses depois da posse de Kennedy, persuadiram o novo presidente a prosseguir com a operação contra Castro que havia sido iniciada por Eisenhower no ano anterior.

Bissell, o principal arquiteto do golpe contra Árbenz, reuniria os membros-chave de sua equipe da Guatemala para a operação da Baía dos Porcos, inclusive Tracy Barnes, David Atlee Phillips, Howard Hunt e David Sanchez Morales. Entretanto, esses homens logo descobririam que Cuba não era a Guatemala. A fracassada invasão da baía levaria à queda do chefe da agência, Allen Dulles, e do ambicioso homem designado para lhe suceder, Richard Bissell. Esse seria o abrupto fim do romance de JFK com a agência de espionagem, levando a uma explosiva oposição entre os irmãos Kennedy e seu aparato de segurança nacional.

Era a noite de terça-feira, 18 de abril de 1961, um dia após cerca de 1.500 exilados cubanos, treinados nos Estados Unidos, desembarcarem na enlugarada costa de sua terra natal para combater Fidel Castro. Durante o dia, a situação dos invasores era desesperadora, pois o que sobrara da heterogênea força aérea de Castro controlava o céu da baía dos Porcos, e a brigada dos exilados estava cercada pelo incansável fogo inimigo em Ciénaga de Zapata, o grande pântano que envolvia o local do desembarque, e cuja lama era infestada por crocodilos, mosquitos e enormes e barulhentas moscas. Os suprimentos e a munição dos brigadistas já eram escassos. Ficava dramaticamente claro para os diretores da CIA em Washington que a tentativa de libertação de Cuba estava a poucas horas de uma esmagadora e vergonhosa derrota. O clima em Quarters

Eye, os antigos quartéis do Exército próximos ao Lincoln Memorial que ainda serviam de sede à CIA, era de desespero.

O conselheiro da Casa Branca, Walt Rostow, que havia sido designado o homem linha-dura do governo contra as insurreições no Terceiro Mundo, foi em seu Volkswagen até a sede da CIA para averiguar a situação com Bissell, seu antigo professor de Yale. Lá encontrou o inalterável bruxo da espionagem exausto e com a barba por fazer, cercado por inúmeros de seus homens consternados, vários deles gritando e pedindo que Bissell fizesse algo mais para salvar os corajosos cubanos que a CIA havia enviado para lutar. “Precisamos convencer o presidente! O presidente tem que enviar a Força Aérea”, argumentava um deles.

Kennedy havia deixado claro inúmeras vezes a Dulles e Bissell que não envolveria toda a potência militar americana na operação da Baía dos Porcos. Sabia que essa demonstração de diplomacia à canhoneira destruiria seus esforços para transformar a imagem dos Estados Unidos, no hemisfério, de violentos imperialistas ianques em benevolentes parceiros na reforma contida na nova “aliança para o progresso” com que ele se comprometera no seu discurso de posse. E temia que uma ação militar de peso pudesse provocar uma perigosa resposta dos soviéticos contra Berlim Ocidental. O presidente insistia para que a invasão dos eLivross não gerasse muito “barulho” — contenção que iria manter por todo o tempo em que ficou no cargo, para a imensa frustração da CIA e do Pentágono. Para garantir que a tropa de soldados soubesse que não podia esperar o reforço da Marinha americana, enviara um assessor militar aos campos de treinamento da América Central para entregar diretamente o recado. Kennedy — que estava intrigado com a lenda de Fidel Castro, o único líder

do hemisfério cujo carisma podia rivalizar com o seu próprio — acreditava que os invasores da Baía dos Porcos poderiam penetrar tranquilamente em Cuba e começar a insurreição nas montanhas, da mesma maneira que os revolucionários barbudos haviam feito cinco anos antes. A perspectiva de que o próprio povo cubano retomasse o país do ditador comunista era preferível, na mente de Kennedy, a uma contrarrevolução liderada pelas baionetas americanas.

Mas, naquela noite em Quarters Eye, Rostow entendeu que Bissell e os demais homens da CIA nunca haviam realmente acreditado que Kennedy fosse manter sua decisão de comandar a intervenção americana. “Para eles, era inconcebível que o presidente deixasse [a operação] fracassar abertamente quando ele tinha toda a potência americana”, escreveu Rostow mais tarde. No calor da batalha, a CIA esperava que Kennedy recuasse e mandasse a Força Aérea e as tropas. Percebendo que era a última chance da agência de convencer Kennedy nesse sentido, Rostow antecipou-se a Bissell na chegada à Casa Branca para apresentar seu relatório diretamente ao presidente. Rostow ligou para Kenny O’Donnell, que àquela altura também entendia que a invasão “estava indo de mal a pior”, e encontrando-o no Salão Oval agendou uma reunião para a mesma noite.

Poucos minutos antes da meia-noite deu-se essa extraordinária reunião. Kennedy, McNamara, o vice-presidente Johnson e o secretário de Estado Dean Rusk tinham acabado de chegar da Recepção Anual do Congresso, na Sala Leste, e ainda vestiam *smokings*. A eles se juntaram o general Lyman Lemnitzer, chefe do Estado-Maior, e o almirante Burke, comandante da Marinha, ambos de farda. Bissell apresentou à assembleia ali reunida seus argumentos em prol da intervenção americana em tom

alarmante, “ciente do desespero daqueles cujas vidas estavam correndo risco na linha de frente”, lembrou-se mais tarde. A invasão estava “prestes a fracassar”, disse-lhes, mas “ainda havia esperança”. Burke tinha a “mesma opinião que eu”, lembrou-se Bissell. Ambos imploraram a Kennedy que autorizasse a intervenção do Exército.

“Deixe-me pegar dois jatos para derrubar a força área inimiga”, argumentou Burke.

Kennedy recusou. Lembrou-lhes que já os tinha avisado “inúmeras vezes” que não enviaria as Forças Armadas americanas para salvar a operação.

O presidente começava a perceber que seus principais chefes militares e da inteligência não levavam muito a sério suas instruções. Mais tarde, Kennedy viria a saber que a operação da Baía dos Porcos havia sido minada por comportamentos de insubordinação. Até o momento em que finalmente aprovara a invasão, o presidente tinha repetidamente enfatizado para Bissell que se reservava o direito de abortar a operação. Mas Bissell havia mandado um recado bastante diferente para os chefes militares da brigada da Baía dos Porcos reunidos no campo de treinamento da Guatemala. Foram todos informados de que “havia forças no governo tentando bloquear a invasão” e que, se essas forças tivessem êxito, os líderes das tropas deviam se amotinar contra os assessores americanos e prosseguir com a invasão. Esse surpreendente ato de desconfiança da CIA provocaria a fúria pública quando revelado mais tarde por Haynes Johnson no seu livro de 1964 sobre o evento. Burke, como foi revelado posteriormente, também havia mostrado sinais de insubordinação no primeiro dia da invasão, “ignorando suas ordens”, segundo a simpática descrição de um cronista, e enviando o porta-aviões *Essex* e o porta-helicópteros *Boxer*

para perto da costa cubana, violando as ordens de Kennedy de manter os navios americanos a cinquenta milhas marítimas.

O contundente almirante ficou cada vez mais furioso ao longo da reunião noturna na Casa Branca, à medida que Kennedy descartava repetidamente seus pedidos e os de Bissell. Por fim, Burke pediu um único contratorpedeiro, para que pudesse “detonar os tanques de Castro”.

“E se as forças de Castro atirarem de volta e atingirem o destróier?”, perguntou Kennedy com razão.

“Então, vamos acabar com eles!”, rugiu o almirante. O homem que havia comandado o esquadrão de contratorpedeiros no Pacífico Sul durante a Segunda Guerra Mundial, e que ganhara fama com o apelido de Burke “31-Nós” devido à sua velocidade e ousadia durante a Batalha da Baía Imperatriz Augusta e a Batalha do Cabo São Jorge, nas Ilhas Salomão, estava lidando com alguém que tinha sido um jovem tenente e patrulheiro nos mesmos mares — e o impetuoso comandante da Marinha ficou escandalizado por se encontrar numa posição tão vergonhosa.

Mas o jovem tenente agora era presidente, e não se deixava intimidar com facilidade. “Burke, não quero que os Estados Unidos se envolvam nisso”, respondeu rispidamente Kennedy, que começava a perder a paciência.

“Droga, senhor presidente”, respondeu o comandante da Marinha em voz alta, “mas, já estamos envolvidos!”. Burke queria se mostrar “tão forte quanto podia ao falar com o presidente”, lembraria mais tarde. Mas Kennedy estava irredutível.

Quando a reunião finalmente se encerrou, pouco antes das três horas da manhã, o presidente havia mantido sua decisão de deixar as forças americanas fora da Baía dos Porcos, e a missão conheceu um trágico fim mais tarde, no

mesmo dia, quando mais de duzentos invasores foram mortos e quase 1.200, capturados e levados para as prisões de Castro. Os chefes do Exército e da inteligência do país haviam claramente acreditado que podiam convencer o jovem e ainda inexperiente comandante em chefe a entrar na batalha. Mas ele os surpreendera se recusando a agravar o conflito.

“Tinham certeza de que eu ia ceder e dar ordem ao *Essex* de seguir adiante”, disse Kennedy a Dave Powers. “Eles não podiam acreditar que um presidente novo como eu não entraria em pânico e tentaria se safar. Bem, eles acabaram me julgando de forma totalmente errada.”

O que JFK suspeitava a respeito da CIA — que a agência, havia muito tempo, sabia que seu plano só podia fracassar, a não ser que Kennedy ficasse tão apavorado que resolvesse enviar as Forças Armadas americanas no último momento — foi confirmado anos depois. Em 2005, uma história secreta da CIA sobre a Baía dos Porcos finalmente se tornou pública. O documento de trezentas páginas continha provas de que Bissell escondeu de Kennedy a possibilidade de fracasso quando o informou rapidamente sobre a operação pela primeira vez depois da eleição de JFK. A história interna se referia a um relatório da CIA datado de 15 de novembro de 1960, que foi preparado para Bissell antes dessa reunião com o então novo presidente. Nele, a agência reconhecia que “nosso conceito... para proteger uma praia com pista de aterrisagem agora é visto como irrealizável, exceto se houver uma ação conjunta Agência/DOD [CIA/Pentágono]”. Em outras palavras, “a CIA sabia que não poderia realizar esse tipo de missão dita paramilitar sem a participação direta do Pentágono — e reconheceu isso por escrito, seguindo adiante, mesmo assim, a qualquer custo”, explicou Peter Kornbluh, do

Arquivo de Segurança Nacional, grupo de pesquisa da Universidade George Washington que tornou público o documento da CIA. Além do mais, não existem provas de que Bissell tenha informado Kennedy da avaliação sombria da CIA.

Sabe-se hoje, também, que a CIA resolveu prosseguir na missão fadada ao fracasso mesmo depois de descobrir que o segredo de uma invasão clandestina tinha sido revelado. Um dos planejadores-chave da agência para a operação, Jacob Esterline, mais tarde admitiu para um grupo de representantes do governo que a CIA descobrira de antemão que a inteligência soviética havia sido informada do plano. “Havia indícios de que os soviéticos, perto do dia 9 [de abril], tinham obtido a data do dia 17”, disse Esterline, em um testemunho secreto, revelado mais tarde pelo incansável Arquivo Nacional de Segurança.

Charles Bartlett, o correspondente em Washington do *Chattanooga Times* e velho amigo de Kennedy, que apresentara JFK à sua futura esposa durante um jantar em 1951, também soube de antemão da invasão — e não por seu amigo da Casa Branca, mas pelo antigo lobista de Castro em Washington, Ernesto Betancourt. “Ele veio me ver poucas semanas depois de Kennedy ter tomado posse”, lembrou-se Bartlett anos depois. “E então disse: ‘A CIA está prestes a cometer um grande erro. Coisas terríveis estão para acontecer, e Castro está a par de tudo’. Eu estava passando perto do Salão Oval, mais tarde, e teria sido fácil informar Jack. Mas imaginei que ele tivesse todos aqueles compromissos urgentes e que não devia sobrecarregá-lo com mais um. Então levei a informação a Allen Dulles. Foi a coisa mais idiota que já fiz. Ele estava sentado no seu escritório na CIA, fumando cachimbo. E disse: ‘Ah, não sei nada a respeito disso. Vou verificar e então ligarei para

você'. Então, recebi uma ligação cerca de cinco dias depois, mas nessa altura os barcos já estavam se aproximando da costa. Falar com Dulles foi verdadeiramente um erro.”

Era óbvio que Dulles não se preocupava com o fato de Castro e seus patrões soviéticos saberem que estava se preparando uma invasão, porque sua agência via o grupo de eLivross cubanos que estava prestes a alcançar as praias como mera bucha de canhão, um ardil para desencadear a verdadeira invasão pelo Exército dos Estados Unidos — aquela que seria tão arrebatadora que varreria rapidamente toda e qualquer resistência. Quando seu cálculo cínico fracassou, levado a um curto-circuito pela surpreendente resolução de Kennedy, Dulles e o alto comando da CIA ficaram atônitos. Durante anos eles haviam ditado as regras em Washington, quando os irmãos Dulles dirigiam o governo como uma empresa familiar, e a agência secreta enganava e manipulava o presidente Eisenhower sob o pretexto de que os perigosos tempos da Guerra Fria requeriam medidas drásticas. Mas agora o novo presidente mostrava que esses dias eram coisa do passado.

Dulles acreditava que “grandes ações exigem grande determinação” e que, “no momento decisivo da operação da Baía dos Porcos”, Kennedy mostrou que lhe faltava liderança. Ele achava que Kennedy “era cercado por homens hesitantes e admiradores de Castro”. Na noite em que a invasão fracassou, jantando com Richard Nixon — o homem que havia supervisionado o plano na qualidade de vice-presidente —, um Dulles visivelmente consternado pediu uma bebida, exclamando para Nixon: “Este é o pior dia da minha vida!”. Nixon concordou com o fato de que Kennedy se amedrontara quando se recusou a enviar os aviões de guerra americanos para proteger a invasão. Essa queixa relativa à falta de proteção aérea se tornaria o foco

das críticas contra Kennedy durante as décadas seguintes. Eles estavam convencidos de que os ataques aéreos teriam garantido a vitória dos supostos libertadores de Cuba.

Assim como Bissell, o arquiteto principal da operação da Baía dos Porcos se manteria calado sobre o desastre até pouco antes de morrer, em 1994. Em sua última entrevista, o antigo queridinho da CIA, cuja brilhante carreira na inteligência acabaria no pântano de Zapata, fez um estranho e surpreendente comentário a respeito de seu antigo patrão da Casa Branca: “Eu devo ter sido conquistado pelo carisma de Kennedy. Ele era uma mescla tão complexa de realizações e enganos que, quando morreu, meus filhos não sabiam se deviam rir ou chorar”.

A catástrofe da Baía dos Porcos provocou ondas de choque por toda a agência, especialmente entre aqueles que haviam trabalhado em estreita colaboração com os cubanos emigrados na operação. Os homens da CIA murmuravam sombriamente entre si que Kennedy era culpado de “negligência criminoso” ou coisas até piores. Anos depois, o agente da inteligência que atuava às sombras, e a quem a CIA pedira para servir de intermediário junto à Máfia nos planos para matar Castro, testemunharia com amargura perante a Comissão Church que os crimes mais sangrentos em toda a saga de Cuba não tinham sido aqueles cometidos pela Máfia ou por agentes da CIA, mas os do presidente Kennedy. “Acho que cutuquei a ferida. Eu disse algo do tipo: ‘Senador, acho difícil entender todo o tempo e dinheiro gastos para determinar se nosso país planejou matar um líder estrangeiro — um assassinato que nunca seria executado —, quando não há [esforço] para focar os assassinatos que de fato aconteceram”, lembrou-se Maheu em suas memórias. “Posso lhe garantir que todo mundo pulou da cadeira.”

“Está dizendo que *de fato* houve assassinatos?”, perguntou Church.

“Eu disse: ‘sim’, mas minha explicação não era exatamente o que ele esperava. Os assassinatos aos quais eu me referia eram os dos garotos mortos durante a sabotada invasão da Baía dos Porcos.”

Uma exasperação anti-Kennedy se alastrou entre os eLivross a partir de seus agentes da CIA, como Howard Hunt. Na noite em que Kennedy foi eleito, “o *barrio* cubano de Miami foi tomado pela alegria”, escreveu Hunt em sua biografia de 1973, já que a retórica da campanha de JFK havia trazido boas expectativas em relação à possibilidade de derrubar Castro. Mas, depois da Baía dos Porcos, o ódio a Kennedy tomou conta de Little Havana nas mesmas proporções. Agora, os Estados Unidos tinham uma dívida de sangue para com o povo cubano “tão enorme que nunca poderia ser quitada”, declarou Hunt. O capitão Eduardo Ferrer, que liderou a força aérea dos eLivross, explicou sem rodeios a reviravolta da opinião a respeito de Kennedy: “O fracasso [da Baía dos Porcos] foi culpa de Kennedy. Kennedy era um tanto imaturo, um tanto poltrão. Hoje, noventa por cento dos cubanos são republicanos por causa de Kennedy, esse filho da mãe”.

O desastre da Baía dos Porcos também teve grande impacto no Pentágono, em que as hesitações de Kennedy foram vistas como um perigoso sinal enviado a Moscou da fraqueza dos Estados Unidos. “Uma puxada de tapete”, disse o general Lemnitzer, chefe do Estado-Maior, algo “inacreditável... totalmente repreensível, quase criminoso”. O general Lauris Norstad, comandante supremo das Forças Aliadas na Europa, disse a um amigo que a invasão fracassada havia sido a pior derrota americana “desde a guerra de 1812”.

“O grande erro foi que eles não entenderam a tremenda importância da operação nem os efeitos que teria sobre o mundo”, disse o almirante Burke, em uma palestra no Naval Institute,

mais de uma década depois, ainda furioso com Kennedy e seu grupo de civis. “Eles não entenderam o poder dos Estados Unidos e não souberam usá-lo. Para eles, tratava-se de um jogo... eram pessoas inexperientes.”

“O senhor Kennedy”, acrescentou Burke, “era um presidente muito ruim... Ele se deu o direito de pôr em perigo a nação.”

O céu caiu sobre o governo Kennedy depois da crise cubana e nunca mais se firmou. Cuba foi o Iraque daquela época, nada mais que uma faixa de cana-de-açúcar flutuando no Caribe, mas, para a elite da segurança nacional que determinava tais coisas, era onde as forças do bem e do mal se organizavam umas contra as outras, o epicentro de uma batalha que logo chegaria a um clímax literalmente apocalíptico. E em seu primeiro teste de confrontação suprema, Kennedy foi julgado pelos chefes do Exército e da inteligência como um elo fraco no topo da cadeia de comando. Ele nunca conseguiria reconquistar totalmente a confiança e lealdade deles.

O presidente Kennedy, por sua vez, sentia-se igualmente distante de sua equipe de segurança nacional depois da Baía dos Porcos. “Tenho que fazer algo a respeito desses filhos da mãe da CIA”, disse, furioso. Ele também invectivou os chefes do Estado-Maior, que, com suas fileiras de fitas coloridas, se vangloriavam de toda a experiência militar: “Aqueles filhos da puta, com toda aquela salada de frutas, ficam aí sentados, acenando com a cabeça e dizendo o que deveria dar certo”. Enquanto o presidente notoriamente

assumia a responsabilidade da debacle em público, os chefes da CIA e do Pentágono sabiam que, em particular, ele espalhava que eles eram os culpados. Ele disse a assessores liberais, como Arthur Schlesinger Jr., que nunca mais seria “intimidado por conselhos de militares”.

Semanas após o fiasco, enquanto jogava xadrez na propriedade de sua família em Cape Cod com seu amigo Red Fay, da Segunda Guerra Mundial, ao qual havia dado o cargo de assistente do secretário da Marinha, Kennedy ainda estava possesso. “Ninguém vai me obrigar a fazer coisas que, a meu ver, não servem aos melhores interesses do país”, disse ele, referindo-se às enormes pressões que havia sofrido para intensificar a luta na Baía dos Porcos. “Não vamos mergulhar em uma ação irresponsável apenas porque um bando de fanáticos deste país coloca o suposto orgulho nacional acima da razão nacional.”

Kennedy ficou ainda mais exaltado ao pensar na carnificina que teria resultado de um ataque global do Exército americano à ilha. “Você acha que vou carregar na consciência a responsabilidade pela carnificina gratuita e pelo assassinato de crianças iguais às nossas que vimos [brincar] aqui esta noite? Você acha que vou provocar uma troca de ataques nucleares — para quê? Porque fui obrigado a fazer algo que não acreditava que fosse adequado e justo? Bem, quem achar que sou assim, seja você ou qualquer um, é louco.”

Em sua fúria, Kennedy ameaçou “quebrar a CIA em milhares de pedaços e espalhá-los ao vento”. Ele não levou adiante essa promessa, porém, após respeitar um intervalo político, finalmente demitiu Dulles e Bissell. E logo depois do fiasco de Cuba, quando os chefes do Estado-Maior o pressionaram para responder ao avanço dos rebeldes comunistas no Laos mediante a invasão do longínquo país

do Sudeste Asiático, o presidente não hesitou em rejeitar esse conselho. “Depois da Baía dos Porcos, Kennedy sentia desdém pelos chefes do Estado-Maior”, lembrou Schlesinger antes de morrer, no começo de 2007, tomando um drinque nos calmos e imponentes salões do New York’s Century Club. “Lembro-me de ter entrado no escritório dele no verão de 1961, onde ele me mostrou algumas mensagens que recebera do general Lemnitzer, que na época se encontrava no Laos, em uma viagem de inspeção. E Kennedy disse: ‘Se não fosse pela Baía dos Porcos, eu poderia ter ficado impressionado com isso’. Acredito que o estatuto de herói de guerra de JFK lhe permitiu desafiar os chefes do Estado-Maior. Ele os demitiu como a um bando de velhos. Achava Lemnitzer um imbecil.”

Mas Kennedy estava absolutamente ciente dos formidáveis poderes institucionais aos quais se opunha. Enquanto ainda se recuperava da Baía dos Porcos, o presidente levou suas preocupações a um velho amigo da família, William O. Douglas, um membro liberal da Suprema Corte. “O episódio o atordoava”, disse Douglas, lembrando-se da conversa. “Ele tinha experimentado o poder extremo desses grupos, as diferentes e insidiosas influências da CIA e do Pentágono sobre a política civil, e acredito que isso tenha despertado em sua mente o seguinte espectro: será que Jack Kennedy, presidente dos Estados Unidos, é forte o suficiente para de fato comandar essas duas poderosas agências? Acredito que isso tenha tido um efeito profundo... de fazê-lo acordar!”

Já que havia vencido a corrida à Casa Branca por uma margem mínima, Kennedy pensava que seria politicamente sensato manter em seu governo alguns ícones da era Eisenhower, como Dulles, embora amigos como o jornalista Ben Bradlee o aconselhassem a substituir o veterano

“chefão da inteligência americana”. No caso de Dulles, sua permanência também pode ter sido uma recompensa por sua discreta — e astuta — assistência política na campanha de Kennedy. JFK “sucedeu no governo ao presidente Eisenhower, um grande general, uma grande figura militar... e manteve as mesmas pessoas que Eisenhower escolhera para os cargos-chave”, lembrou-se Bobby Kennedy, numa palestra de 1964. “Allen Dulles estava lá, Lemnitzer estava lá, os mesmos chefes do Estado-Maior. Ele não tentou remover nenhuma dessas pessoas... Tinham experiência; tinham passado; obviamente, haviam conquistado a confiança do seu predecessor. Então, achou que podia confiar neles.”

Mas, quando entendeu que não era bem assim, Kennedy deu um jeito de se livrar da velha guarda ou colocá-la de lado. Depois do cataclismo de Cuba, JFK se afastou desses “sábios” da segurança nacional e começou a se cercar de assessores pessoais mais confiáveis, homens que haviam lutado com ele nas trincheiras políticas e eram conhecidos por sua intensa lealdade, assim como por sua paixão liberal: Sorensen, O’Donnell, Salinger, Schlesinger, Galbraith. Ele pediu a Sorensen que passasse a aconselhá-lo sobre política internacional, embora o jovem assistente nunca tivesse viajado para além das fronteiras do país.

Acima de tudo, o presidente se voltou para seu irmão. Na manhã em que a missão em Cuba começou a fracassar, John procurou Bobby na convenção dos editores de jornal em Williamsburg, Virgínia, onde ia discursar, pedindo-lhe com ar de urgência: “Volte para cá”. Assim como Sorensen, Bobby não tinha experiência em política internacional, mas se infiltraria no coração das resoluções acerca de segurança nacional pelo resto da presidência de seu irmão. Kennedy ofereceu ao irmão caçula a CIA, mas Bobby achou que era

um erro político. Contudo, ao mesmo tempo que rejeitava o cargo de diretor da CIA, o procurador-geral começou a se encarregar da supervisão da agência para seu irmão. Nessa conjuntura, parecia que JFK estava prestes a encarregar Bobby de todas as partes vitais de seu governo, caso isso fosse possível.

Foi nesse ponto que a administração Kennedy começou a se tornar “um negócio de família”, nas próprias palavras de Peter Dale Scott, professor de Berkeley, com os dois Kennedy no centro, cercados por um pequeno grupo de homens que se consideravam seus irmãos de armas. “Kennedy não conseguia penetrar na CIA, no Pentágono, nem mesmo no Departamento de Estado. Em Washington, não havia quase nenhum apoio às políticas dele. A burocracia estava muito comprometida com a Guerra Fria”, observou Scott.

Essa estreita relação fortaleceu os irmãos, gerando neles a confiança de que podiam enfrentar um governo que, em vários aspectos, mostrava-se hostil a seus planos. “Eram totalmente leais um com o outro”, lembrou-se Fred Dutton, que exerceu a função de secretário do gabinete de Kennedy, em uma entrevista em 2005, pouco antes de falecer. “Quase não precisavam se falar, pareciam saber o que o outro estava pensando e fazendo. O único foco de Bob era garantir que tudo funcionasse para seu irmão. Ele lhe deu tudo. Encarregou-se de todas as tarefas desagradáveis para Jack... Bob não se importava em lidar com as intercorrências para seu irmão, encarregando-se dos problemas. Ele queria ser o vilão.”

Os membros do gabinete sentiam-se excluídos dos conciliábulos fraternais que não raro substituíam as discussões formais, afirmou Dutton. “Os dois geralmente tinham reuniões a sós, afastando-se para um canto da sala,

longe do resto do gabinete e da equipe. Durante uma crise como a da Baía dos Porcos, você podia vê-los conversando num canto. Existia um nível de entrosamento entre eles que excluía até os principais colaboradores.”

No começo, Bobby trouxe uma energia de militante aos conselhos sobre política internacional, especialmente nos relativos a Cuba, uma demonstração de seu anticomunismo juvenil e de seu profundo ressentimento contra a humilhação que seu irmão sofrera nas mãos de Castro. Uma análise retrospectiva do governo sobre a Baía dos Porcos que Bobby elaborou com o general Maxwell Taylor no final da primavera de 1961 afirmava que não era mais possível “conviver a longo prazo com Castro como vizinho”, e Bobby exigiu, em reuniões sobre Cuba, que se invocasse o “terror do mundo” contra o ditador. Mas, com o correr do tempo, ele acabaria por se deixar influenciar pela personalidade e a filosofia mais temperada de seu irmão.

John Kennedy era mais visceralmente oposto à guerra do que se reconhecia em alguns meios, em que ainda era retratado como um veemente defensor da Guerra Fria, e até como um precursor de Ronald Reagan. “Sou quase um presidente da paz a qualquer preço”, confiou um dia a Bill Walton.

“[JFK] trouxe à presidência um conhecimento da história que muitos presidentes não tinham ao se tornar presidentes”, lembrou-se Robert McNamara durante uma retrospectiva do quadragésimo aniversário da administração na Biblioteca Kennedy. “E acho que seu ponto de vista era de que... a primeira responsabilidade do presidente consiste em manter a nação fora da guerra na medida do possível.”

Ainda que entre os conselheiros de política internacional de Kennedy houvesse belicistas como Dean Acheson e Paul

Nitze, o que distinguia sua presidência de governos anteriores à Guerra Fria era a surpreendente presença de pacifistas como Sorensen e visionários globais como Chester Bowles, que preconizava o alinhamento dos Estados Unidos com o nacionalismo revolucionário que varria o mundo em desenvolvimento. E era com essas vozes de paz e progresso que JFK parecia estar mais sintonizado, como Acheson descobriu durante a Crise de Berlim de 1961, quando o presidente rejeitou seus conselhos bélicos, levando o velho e bigodudo secretário de Estado de Truman a fazer comentários críticos: “Cavalheiros, vocês devem encarar o fato. Esta nação está sem liderança”.

Depois que Bowles, um patricio liberal da ala Stevenson do partido, tornou-se o número dois no Departamento de Estado, não perdeu tempo e logo recrutou homens que acreditavam em uma política internacional inovadora, entre os quais o lendário jornalista da CBS Edward R. Murrow, além de George Kennan e Roger Hilsman.

A onda de políticos progressistas que a nova administração Kennedy trouxe a Washington abalou os centuriões da velha ordem. J. Edgar Hoover tentou a qualquer custo bloquear a nomeação de Murrow como chefe da Agência de Informação dos Estados Unidos, remexendo até sua infância para encontrar provas de subversão contra o jornalista de televisão, que se opusera ao chefe do FBI em seus programas televisivos, criticando os excessos do anticomunismo de Joe McCarthy. Mas, finalmente, Murrow foi confirmado pelo Senado, e com o apoio de Kennedy ele logo começou a limpar a agência de sua propaganda linhada da Guerra Fria e a reabilitar vítimas da lista negra da era McCarthy, contratando-as para sua agência.

Conforme o que Murrow disse aos senadores durante seu discurso de posse, a mensagem fundamental que Kennedy

queria passar ao mundo era de que “nós, como nação, não somos alérgicos a mudanças e não temos nenhum desejo de consagrar o *status quo*”. Quando o velho aliado de McCarthy no senado, Bourke Hickenlooper, de Iowa, apresentou os difamatórios documentários da CBS sobre Murrow e perguntou por que não podíamos seguir o exemplo soviético e tornar nossa propaganda mais atual, o jornalista, embora conseguindo se controlar, retrucou: “Porque vivemos numa sociedade livre e não poderíamos convincentemente ‘contar a história americana’ se escondêssemos todas as suas falhas”.

Para sua grande decepção, Murrow nunca se tornaria mais do que um assessor de segundo escalão de Kennedy. Mas o presidente ainda levava em conta a opinião dele nas reuniões do Conselho de Segurança, onde era considerado um aliado de JFK para se contrapor às propostas mais alarmistas dos militares. Seus conselhos sobre a Baía dos Porcos — ele fora um dos raros no círculo de Kennedy a opor-se à operação, declarando que a missão era indigna de uma grande potência e destinada a falhar — foram em vão. Mas Kennedy se assegurou de que sua voz fosse ouvida em outros assuntos, desde o controle de armas nucleares até o Vietnã. O jovem franco-atirador da política internacional Roger Hilsman considerava-o um “aliado constante” no movimento que existia, dentro do governo de Kennedy, para tirar a política dos Estados Unidos de sua regimentada linha da Guerra Fria.

Nunca antes na Guerra Fria os corredores do poder de Washington haviam visto homens como Sorensen, Bowles e Murrow. A presença deles nas altas reuniões nacionais sobre segurança, junto com o irmão boa-pinta do presidente, era vista como uma afronta pelos chefes do Exército e da espionagem, que se orgulhavam de terem vencido uma

guerra global contra as ditaduras fascistas e agora estavam perseguindo uma vitória na Guerra Fria contra as ditaduras comunistas. A elite da segurança nacional via os reformadores de Kennedy como intrusos inexperientes que não tinham o mesmo conhecimento que eles da arena extremamente séria das hostilidades globais.

Um dos cruzados liberais da equipe Kennedy que atraía as maiores suspeitas era Richard Goodwin, assessor da Casa Branca, então com 31 anos, que havia saído do cargo de redator-assistente dos discursos de Sorensen para o de homem-chave do presidente para a América Latina. Goodwin não tinha experiência em questões internacionais ou em segurança nacional. Era apenas um jovem liberal de Boston que compartilhava os instintos de reforma do presidente no que dizia respeito à América Latina. Nos meses que se seguiram à Baía dos Porcos, o presidente Kennedy mostraria sua aversão às instituições da segurança nacional ao nomear o liberal Goodwin seu assessor-chefe para Cuba. A curta administração de Goodwin na explosiva questão cubana é um capítulo incrível e pouco conhecido da presidência de Kennedy. Ela demonstrou com acuidade a ambivalência da abordagem de Kennedy em relação ao regime de Castro. E logo provocou um grave retrocesso.

Che Guevara estava no encalço de Dick Goodwin. O ministro da Economia cubano, cujo carisma revolucionário se igualava ao de Fidel Castro em pessoa, sabia onde o jovem assessor de Kennedy estaria naquela noite — na festa de aniversário de um diplomata que ia acontecer em um pequeno apartamento de um tranquilo e escuro bairro residencial de Montevidéu, capital do Uruguai. Guevara chegou à festa do diplomata cerca de uma hora depois de Goodwin, com dois guarda-costas, usando sua tradicional

farda verde-oliva, boina preta e botas de combate. Os cubanos se aproximaram lentamente da mesa do bufê para provar os pesados bolos cremosos que são uma especialidade uruguaia. As mulheres interromperam o tango para ver de perto o belo líder revolucionário barbudo, algo a que ele já era acostumado. Contudo, como Goodwin se lembrou depois: “Eu não tinha dúvida de que ele tinha ido à festa para falar comigo. Se eu tivesse sido mais sábio e experiente, provavelmente teria deixado o lugar. Mas, que diabo, disse eu a mim mesmo, na mais pura tradição do machismo estilo Kennedy, um americano não ia fugir somente porque Che Guevara havia chegado”. Se fosse criticado por ter tido um encontro com o inimigo, raciocinou o assessor da Casa Branca, ainda poderia dizer que fora “por acaso”. Mas, como admitiu Goodwin, o verdadeiro motivo pelo qual ficou “foi a curiosidade em relação a essa romântica figura da revolução. Eu queria falar com ele”.

Guevara escolhera sua presa a dedo. Goodwin era um dos jovens e progressistas homens da Nova Fronteira que parecia estar aberto ao diálogo com o inimigo. Para os defensores da linha dura de Washington, ele representava o que havia de pior em um governo — um intelectual e sonhador, produto da faculdade de direito de Harvard, que havia rejeitado uma carreira promissora na advocacia para derrubar moinhos de vento em nome do povo americano. Na qualidade de investigador do Congresso, Goodwin havia ajudado a tornar pública a fraude em um popular jogo televisivo. Foi então que o igualmente idealista Ted Sorensen o contratou para ser seu colaborador na função de redator júnior de discursos para o senador John Kennedy em sua corrida à presidência. Na Casa Branca, Goodwin se especializou em assuntos relativos à América Latina, ajudando JFK a desenvolver o corajoso programa da Aliança

para o Progresso, que prometia reformar a política dos Estados Unidos para não mais promover oligarquias e ditaduras militares e cuidar das populações mais pobres. Produto de um bairro operário judeu de Boston, Goodwin, com suas sobranceiras largas e seu cabelo liso, trouxe uma audácia étnica para as reuniões tradicionalmente WASP da política internacional de Washington.

Quando os assessores de JFK que preconizavam uma reforma da política latino-americana se tornaram objeto de controvérsia, como foi o caso de Goodwin durante os primeiros meses do governo, o presidente chegou a defendê-los: “Minha experiência no governo”, disse Kennedy durante uma coletiva de imprensa em junho de 1961, “é que, quando as coisas não geram controvérsia, quando são magnificamente coordenadas e tudo o mais, é porque nada está realmente acontecendo... Estamos tentando fazer algo a respeito da América Latina e é necessário que haja fermento. Se o fermento trazer um bom resultado, então terá valido a pena”.

Havia um forte cheiro de fermento no ar, naquela noite de agosto de 1961 em Montevideú. Com certeza, Guevara sabia que era sua última chance de falar com Goodwin antes que o jovem representante de Kennedy regressasse aos EUA, depois de uma conferência com os ministros da Economia da América Latina, em que a nova Aliança para o Progresso havia sido calorosamente aprovada por todos os representantes, com exceção de Che. Com cautela, os dois homens haviam se evitado durante os doze dias da conferência, que acontecia a cerca de 150 quilômetros da desgastada Montevideú, em um cassino restaurado no balneário uruguaio de Punta del Este. Guevara havia notado que Goodwin gostava de aliviar o tédio das reuniões fumando charutos, e o desafiou por meio de um delegado

argentino: “Aposto que ele não ousaria fumar charutos cubanos”. Quando Goodwin respondeu que com certeza o faria, se pudesse encontrar alguns, o líder cubano prontamente lhe mandou uma caixa de mogno polido, enfeitada com uma chancela cubana no meio de um arco-íris com as cores de Cuba, e repleto de cheirosos havanas. Junto com o presente estava uma mensagem datilografada de Guevara: “Já que não tenho um cartão pronto, tive que escrever. Já que escrever a um inimigo é algo difícil, limite-me a estender a mão”.

Tendo ocorrido apenas quatro meses depois da fracassada invasão americana da Baía dos Porcos, era um gesto notável por parte do líder revolucionário. Quando, no dia seguinte, Guevara convidou Goodwin a se sentar com ele para uma conversa informal, o assessor de Kennedy teve a aprovação do chefe da delegação americana, o secretário do Tesouro Douglas Dillon. Mas, no último dia da conferência, Guevara — que, segundo a imprensa, havia “roubado a cena” na conferência, pois sua apaixonada oratória tirara facilmente o brilho dos eficientes esforços de Dillon, o empolado ex-banqueiro de Wall Street — fez uma violenta denúncia da Aliança para o Progresso. Demonstrou, com certa razão, que o generoso programa de Kennedy deveria ser creditado à Revolução Cubana, já que os Estados Unidos não haviam se mostrado preocupados com a pobreza na América Latina até que as tropas de guerrilheiros de Castro e Guevara desfilassem vitoriosamente em Havana. Então, denunciou a Aliança como um esforço fútil para reformar as sociedades latino-americanas porque “não se pode esperar que os privilegiados façam uma revolução contra seus próprios interesses”. A verdadeira mudança nos bairros e campos que ainda pareciam medievais aconteceria somente por

meio de um levante armado dos oprimidos, como havia acontecido em Cuba. Dillon logo respondeu, com duras palavras de sua própria lavra, declarando que os Estados Unidos esperavam ansiosamente “o dia em que o povo de Cuba reconquistasse sua liberdade da dominação estrangeira e do controle ao qual estava submetido”. Dillon informou Goodwin que a reunião com Guevara estava cancelada.

Contudo, Guevara não desistia tão facilmente. Agora, Goodwin havia caído em uma armadilha nos estreitos limites do apartamento de Montevideú. Depois que o revolucionário deixara claro que queria falar com Goodwin, os dois homens foram apresentados. Goodwin lhe disse imediatamente que ouviria com prazer o que ele tinha para lhe dizer, mas que não tinha autoridade para qualquer tipo de negociação. Guevara não se incomodou com isso, e eles foram para uma pequena sala de estar em que podiam conversar sem serem perturbados pela música que tocava na festa. No começo, Guevara sentou-se no chão, logo seguido por Goodwin, de maneira que Che não pudesse “desproletarizar” o americano. Mas, quando os representantes brasileiro e argentino, que agiam como intermediários nessa reunião, insistiram em que os dois homens se sentassem na sala, Guevara se acomodou em um sofá, e Goodwin sentou-se diante dele, em uma pesada cadeira estofada. No relatório confidencial sobre a reunião, que Goodwin escreveu mais tarde, ele observou que “por trás da barba, os traços de Che são bastante suaves, quase femininos, e seu olhar é intenso. Ele tem um bom senso de humor”.

O encontro entre Goodwin e Guevara foi carregado de sentido político. Eles estavam sentados naquela sala, com os joelhos quase se tocando. De um lado, estava o homem

cujo rosto intenso já alcançava o estatuto de ícone — um homem que rejeitara os privilégios de sua educação em Buenos Aires para se tornar médico dos necessitados e desprezados, e em seguida, após observar em primeira mão como a CIA destruíra o governo progressista e democraticamente eleito da Guatemala, dedicar-se à libertação armada da América Latina. Do outro lado, estava um jovem americano idealista, que acreditava — assim como o jovem presidente a quem servia, um homem que também havia rompido com os estreitos interesses de suas ricas origens — que as opressivas oligarquias que dominavam a região podiam ser pacificamente transformadas se as forças da esquerda democrática desses países recebessem o apoio poderoso dos Estados Unidos. Um era um lendário revolucionário. O outro havia mergulhado na retórica revolucionária para dar aos discursos e às políticas do presidente o mesmo senso de paixão. “Somos a geração revolucionária em um mundo em revolução”, dissera Goodwin com orgulho diante de jovens voluntários do Corpo de Paz, o programa de assistência internacional de Kennedy que inspirara semelhantes esforços por parte de Fidel Castro.

Naquela noite, Guevara quebrou o gelo com uma mordaz brincadeira, agradecendo ao governo de Goodwin pela Baía dos Porcos, já que a surpreendente vitória cubana havia ajudado a consolidar o controle do regime de Castro sobre o país. Goodwin sugeriu que o governo de Guevara talvez retribuísse a gentileza ao atacar a base militar americana em Guantánamo, um ato de provocação que, como Che sabia, levaria à invasão de seu país. De fato, como Che havia precisamente enfatizado em seu discurso na Conferência de Punta del Este, alguns representantes de Washington queriam usar essa provocação como pretexto

para entrar em guerra. “Ah, não”, havia respondido Guevara, rindo. “Nunca seríamos tão loucos.”

À medida que a tensão na sala se aliviava, Guevara chegava ao ponto central da reunião. Ele percebia que um verdadeiro entendimento entre os dois países era impossível, mas vislumbrava a possibilidade de um *modus vivendi*. Para alcançar esse estado de coexistência, Che disse que seu governo gostaria de apresentar ao governo de Kennedy duas das principais preocupações de Cuba. O governo cubano concordaria em não firmar nenhuma aliança política nem militar com Moscou, para assegurar a Washington que, ao contrário do que se temia, Cuba não iria se tornar o posto avançado dos soviéticos. Seu governo também reconsideraria sua política não oficial de ajuda a insurreições em outros países latino-americanos, política que o governo de Kennedy denunciava como uma “exportação da revolução”. Como contrapartida dessas concessões, disse Guevara, os Estados Unidos prometeriam não apoiar a queda do governo cubano pela força e suspenderiam o embargo comercial que havia sido imposto sobre o país.

Eram quase seis horas da manhã quando a conversa se encerrou. Guevara e Goodwin se levantaram e apertaram-se as mãos, prometendo não revelar o encontro para ninguém senão seus respectivos dirigentes, Castro e Kennedy. “Gostei bastante dele, de verdade”, lembrou-se Goodwin anos depois, diante de um prato de massa, em um de seus restaurantes favoritos em um pequeno *shopping center* perto de sua casa em Concord, Massachusetts. “Nós nos demos bem, conversamos durante a noite toda, até o amanhecer. Ele esperava encontrar uma maneira de nossos países conviverem; planejou tudo isso. Era um homem muito honesto.” Depois de se despedirem naquela manhã,

ambos entraram na outra sala, em que alguns raros casais ainda dançavam. O assessor de Kennedy se precipitou até seu hotel e redigiu um relatório sobre essa notável conversa, antes que o 707 presidencial que transportava a delegação americana voasse de volta para a base aérea Andrews.

Quando Goodwin voltou à Casa Branca e relatou a JFK seu encontro com o mal-afamado Che Guevara, o presidente não se mostrou aborrecido pelo ato de diplomacia não autorizada de seu jovem assessor, mas apenas curioso em relação ao carismático revolucionário e ao que ele tinha para dizer. Enquanto falava com Goodwin, Kennedy observou que ele segurava a caixa de charutos cubanos de contrabando, já que eram proibidos por causa do embargo americano. “São bons?”, perguntou o presidente. “São os melhores”, respondeu Goodwin, propondo no mesmo instante que Kennedy abrisse o presente de Che e provasse um dos havanas. “Você deveria ter fumado o primeiro”, disse Kennedy para Goodwin. “Agora é tarde demais, senhor presidente”, respondeu ele. Kennedy deu uma risada em que se sentia certo constrangimento e continuou tragando o ilícito produto de exportação cubano.

Kennedy pediu que Goodwin “elaborasse um relatório completo e o enviasse a Rusk, Bundy e aos outros”. Goodwin elaborou para o alto comando da política internacional um relatório propositadamente prudente, contudo ficava claro seu entusiasmo pela proposta de paz de Che Guevara. E, ao que tudo indica, Che sentia o mesmo ânimo em relação à reunião. Na manhã que se seguiu àquela longa conversa, o diplomata argentino que havia ajudado a organizar o encontro ligou para Goodwin e disse que “Guevara havia achado a conversa bastante profícua, dizendo-lhe que era muito mais fácil conversar com alguém

da nova geração”. Ele, sem dúvida, se referia ao patrão de Goodwin, que, com sua jovem impaciência, costumava passar por cima dos cautelosos e demorados canais burocráticos do governo.

Goodwin mandou um segundo relatório para Kennedy sobre a política em relação a Cuba logo após a conferência de Punta del Este e sua extensa conversa com Che. “Não faça de Cuba uma obsessão geopolítica”, avisou o assessor a Kennedy, “isso apenas reaviva as paixões antiamericanas na região e fortalece o poder de Castro”.

O grande ânimo que tomou conta da Casa Branca de Kennedy em relação à iniciativa cubana de paz logo foi freado pelos efeitos colaterais da reunião. Che era um choque elétrico na política do hemisfério ocidental, uma força explosiva que não somente podia provocar grandes reviravoltas nas classes dirigentes da América Latina dominadas pela ansiedade, como também convulsionar o gigante no norte. Ao chegar a Washington, a notícia do encontro entre Che e Goodwin provocou uma tempestade política. Um congressista republicano denunciou a “reunião supostamente casual” e acrescentou que o jovem assessor de Kennedy era “um garoto brincando com fogo”. Goodwin foi obrigado a se justificar diante de uma subcomissão do Senado. Felizmente para o governo, esta era dirigida por Wayne Morse, de Oregon, e a convocação de Goodwin logo se tornou uma “agradável sessão”, segundo as palavras do *New York Times*. Mas a direita não esqueceria o incidente, e meses depois cães de guarda como Goldwater ainda exigiam a cabeça de Goodwin. O senador conservador agrupou o jovem assessor a outros membros do governo notoriamente liberais, como Bowles, Stevenson, e Schlesinger, exigindo que o presidente Kennedy se livrasse dos homens que haviam sido “errados desde o início em

suas atitudes e recomendações para a política americana durante a Guerra Fria”.

Os opositores de JFK da ala direita percebiam com perspicácia que existia certa ambivalência no governo quando se tratava de Cuba. Se alguém como Dick Goodwin era o homem-chave da Casa Branca em relação à ilha, o que isso queria dizer sobre a determinação anticomunista do governo? A linha dura suspeitava que as palavras belicosas dos irmãos Kennedy para os irmãos Castro fossem somente isso — palavras. Secretamente, os Kennedy estavam se preparando para conviver com os oponentes comunistas, independentemente do tom cada vez mais inflamado de sua retórica e do fato de Bobby exigir aos gritos da CIA que desestabilizasse o regime de Castro.

Diversas crônicas sobre o governo Kennedy focam inevitavelmente a “obsessão por Cuba”. Não se pode negar que o governo revolucionário cubano tenha sido um grande foco de atenção por parte dos irmãos. Porém, não se tratava apenas de uma curiosidade obsessiva. John Kennedy tinha uma curiosidade intelectual e até bem-humorada com relação à experiência cubana e a seus líderes que o levaria mais tarde a explorar aberturas na fria muralha que havia sido erguida entre as duas nações. A jogada de Guevara em agosto de 1961, em Montevidéu, se mostraria prematura, mas não seria a última vez que o presidente Kennedy consideraria jogar essa partida de xadrez com Cuba. De fato, ele nunca descartou essa opção, como suspeitavam seus críticos da ala direita. Montevidéu tornou-se um tema recorrente de sua presidência — a escapada informal, a corajosa tentativa de acabar com as mórbidas e burocráticas forças do imobilismo da Guerra Fria e construir um mundo menos perigoso.

No meio da tempestade Guevara, JFK manifestou certa irritação em relação à aproximação de Goodwin com Cuba. Muito embora Kennedy também fosse fascinado pelos carismáticos líderes cubanos. A jornalista Laura Knebel, que, assim como seu marido Fletcher, fez a cobertura da Casa Branca de Kennedy, mas também da Revolução Cubana para a revista *Look*, notou a obsessão pessoal de JFK por Guevara. Knebel, uma das poucas jornalistas que Kennedy respeitava, tinha uma relação espirituosa com ele. Ela o sabatinava frequentemente sobre as políticas para a América Latina, uma região que lhe interessava especialmente. Ele lhe deu um puxão de orelha pelo que acreditava ter sido uma matéria simpática demais sobre o sedutor Guevara. “Quando eu conversava com Kennedy, ele fazia perguntas sobre Guevara, e quando eu ia a Cuba, Guevara fazia perguntas sobre Kennedy — como imperialista, claro”, lembrou-se Knebel mais tarde. “Ambos eram simpáticos, pragmáticos e muito inteligentes. Foi quando ele me disse: ‘Algo me diz que você tem uma queda por Che’. Isso me deixou péssima. Senti-me rebaixada. Protestei. Ele não havia visto uma foto em que Che e eu discutíamos durante a entrevista? ‘Sim’, respondeu o presidente, ‘mas esse tipo de hostilidade frequentemente leva a algo diferente’.”

O repórter Tad Szulc, do *New York Times*, outro correspondente para a América Latina que podia se aproximar com certa facilidade de Kennedy, também notou a fascinação que JFK sentia em relação ao chefe de Guevara, Fidel Castro. Essa fascinação era recíproca, observou Szulc, que acabou conhecendo o líder cubano em 1986, ao escrever uma biografia sobre ele. “Ambos os homens”, escreveu Szulc, “tinham mentes soberbas e visão da história. Nunca se encontraram, mas eram fascinados

um pelo outro na qualidade de adversários e líderes nacionais. Eu soube disso ao conversar sobre Castro com Kennedy nos poucos anos em que estiveram simultaneamente no poder... e conversei sobre Kennedy com Castro cerca de vinte e cinco anos depois.”

Na qualidade de presidente, Kennedy se sentia politicamente forçado a manter pressão sobre Castro, que a linha dura da segurança nacional e a mídia (especialmente as agressivas revistas *Time* e *Life*, de Henry Luce) haviam conseguido transformar em um bicho-papão barbudo. Mas, depois da Baía dos Porcos, tornou-se evidente que JFK preferia brigar ideologicamente com Castro a pegar em armas contra ele. Kennedy tinha confiança no fato de que poderia competir com o carisma de Castro para conquistar o coração e a mente do público da América Latina.

Com sua juventude, seu catolicismo, a aparência de um astro de cinema e sua imagem de homem progressista, JFK pensava poder suplantar até os atraentes Fidel e Che na guerra das ideias, ao vender a reforma democrática como alternativa à revolução armada. De fato, Kennedy teve êxito em eletrizar a América Latina durante sua curta presidência, na qual fez três viagens à região. Inevitavelmente, grandes multidões gritavam em suas aparições, mostrando uma adoração frenética que amedrontava não somente Castro, como também os condecorados generais e os ricos déspotas que, com rigidez, cumprimentavam o presidente americano. Durante a viagem de Kennedy a Bogotá, na Colômbia, em dezembro de 1961, uma multidão de 500 mil pessoas — cerca de um terço da população da cidade — tomou conta das ruas para saudá-lo. Enquanto lá esteve, Kennedy criticou as ditaduras de esquerda e de direita e declarou que seu programa da Aliança para o Progresso podia ser executado somente dentro do contexto de

sociedades democráticas. Em um jantar a convite do presidente da Colômbia, Kennedy insistiu no fato de que a democracia tinha um “poder incomparável” para reformar as sociedades, e que podia atender “a novas necessidades sem violência, sem repressão”.

Castro estava intrigado com a ofensiva de Kennedy na América Latina e, anos depois, admitiu para Szulc que a Aliança para o Progresso de JFK era uma “inteligente estratégia” que almejava as mesmas metas que a primeira fase da Revolução Cubana, entre as quais a reforma agrária, a justiça social e uma melhor distribuição da riqueza. Mas, assim como Guevara, ele acreditava que era fadada ao fracasso porque as elites governantes da região não permitiriam que houvesse uma verdadeira reforma. A predição de Castro pareceu se confirmar durante os anos Kennedy, quando as forças reacionárias responderam aos ventos de mudança que a Aliança para o Progresso havia ajudado a soprar no continente derrubando a democracia na Argentina e no Peru (e mais tarde no Brasil). O governo Kennedy tornou público seu descontentamento em relação a esses golpes antidemocráticos, adiando o reconhecimento do governo fantoche que havia substituído o presidente Arturo Frondizi, em Buenos Aires, por cerca de três semanas — mais do que a União Soviética esperara — e impondo sanções econômicas, diplomáticas e militares contra a junta militar que tomou o poder depois do golpe de julho de 1962, no Peru. O *New York Times* declarou que a resposta de Kennedy ao golpe peruano era “a mais significativa mudança na política internacional dos Estados Unidos para o hemisfério, desde o início da Aliança para o Progresso, dezesseis meses antes”.

A ação de Kennedy colocou seu governo do lado da reforma democrática numa região em que os Estados

Unidos historicamente sempre apoiaram a repressão. Eduardo Frei, um dos últimos presidentes democratas do Chile antes que seu país caísse na tirania militar em 1973, expressou sua surpresa em relação à política progressista de Kennedy em uma carta endereçada a Dick Goodwin, que este mandou emoldurar e pendurou em seu escritório da Casa Branca: “Os latino-americanos ficaram estupefatos com esse jovem ianque tentando obrigá-los a concordar com uma radical mudança social. Era como se as posições mantidas por décadas tivessem sido revogadas”.

Segundo Goodwin, Kennedy levava a sério o projeto de reforma da política dos Estados Unidos para a América Latina. Logo depois de entrar na Casa Branca, Kennedy chamou Goodwin para o Salão Oval, onde o assessor o encontrou lendo com atenção telegramas de congratulação enviados por líderes latino-americanos. “Tem até um daquele safado do Somoza”, disse Kennedy, referindo-se ao ditador com atitude de gângster da Nicarágua, “dizendo que minha eleição lhe trouxe uma nova esperança para a democracia de seu país. Escreva uma resposta dizendo que também espero que haja democracia na Nicarágua. Isso deve assustá-lo.”

Mais à frente na mesma conversa, Kennedy criticou a política norte-americana para a América Latina com uma verve apaixonada que poderia ter vindo de Castro ou Guevara: “Não podemos aprovar cada ditador aventureiro que nos diz ser anticomunista enquanto oprime seu próprio povo. E o governo dos Estados Unidos não é representante de negócios privados. Você sabe que no Chile as empresas americanas de cobre controlam cerca de oitenta por cento de toda a exportação? Não podemos aprovar isso. E não há motivo para que seja assim. Todos esses povos querem ter a chance de conseguir uma vida decente, e nós os deixamos

acreditar que estávamos do lado daqueles que os humilham. Há uma revolução acontecendo naquela região, e quero estar do lado certo. Droga, estamos do lado certo. Mas precisamos fazê-los saber que as coisas mudaram”.

Contudo, como Goodwin descobriu, a burocracia da política internacional de Kennedy não estava pronta para as mudanças radicais no tratamento da América Latina que ele tinha em mente.

O ex-conselheiro de Kennedy agora está no escritório de sua casa de Concord, enquanto a neve cai suavemente lá fora. Hoje seu cabelo é mais comprido, suas sobrancelhas estão mais eriçadas que nunca. A sala está cheia de lembranças de Kennedy. Ele pega um objeto, uma caixa bem polida. Já não contém nenhum charuto de Che, mas ele a guardou durante todos esses anos como lembrança de outros tempos, quando tudo parecia possível.

Ao olhar para trás, Goodwin vê um vínculo entre Kennedy e Guevara como “filhos dos anos 1960”: apesar de suas evidentes diferenças políticas, ambos acreditavam que o mundo pudesse mudar por meio de um heroico empenho. “É por isso que, à medida que os tempos mudavam”, escreveu ele sobre essa década em sua autobiografia, *Remembering America*, líderes como esses “não teriam sucessores. Não haveria lugar para românticos no triunfante predomínio da burocracia.”

Goodwin disse isso na qualidade de jovem e progressista assessor da Casa Branca; ele nunca sentiu antagonismo pessoal por parte dos opositores linha-dura do governo, “exceto quando tive que lidar com a América Latina — então, houve aqueles caras da velha guarda da CIA que estavam enlouquecendo. Eram verdadeiros combatentes da Guerra Fria. Kennedy teve uma visão mais profunda de nosso futuro e do hemisfério ocidental, de como construir ali

um sólido bastião da democracia. Mas eles estavam lutando na Guerra Fria... estavam preocupados apenas com indivíduos e regimes, se gostávamos deles ou não. E qualquer um que parecesse socialista era visto como uma ameaça, mas não para Kennedy. Ele queria se aliar à esquerda democrática da América Latina, portanto, sua abordagem era totalmente diferente”.

Dick Goodwin exerceu uma influência positiva nos conselhos da Casa Branca sobre política internacional. Sua sugestão de que o presidente Kennedy desarmasse a crise de Cuba simplesmente ignorando Castro tornou-se um sentimento prevalecente na Casa Branca nos meses que se seguiram a Punta del Este. Em um relatório do dia 1o de setembro de 1961, ele disse ao presidente que “nossa postura pública em relação a Cuba deve ser tão tranquila quanto possível”. Kennedy concordou. A ameaça castrista deveria ser gerida por uma estratégia multilateral da América Latina, que envolveria medidas econômicas e diplomáticas — disse o presidente a um visitante, líder da América do Sul —, em vez de ser transformada em um confronto de altas cargas dramáticas de “Castro *versus* Kennedy, porque um debate dessa natureza teria como único efeito aumentar o prestígio de Castro”.

Enquanto o rebelde Goodwin esteve na Ala Oeste, o presidente teve seguramente um parceiro em suas incessantes batalhas contra a linha dura da política para a América Latina. Mas, assim como para Chester Bowles, o jovem assessor tornou-se cada vez mais alvo dos conservadores e da própria burocracia da política internacional de Kennedy, que se ressentia ao ver que Goodwin pisava em sua área. O regime da Guerra Fria que havia tomado conta de Washington depois da Segunda Guerra Mundial, dominando as presidências não somente do

democrata Truman como também do republicano Eisenhower, não estava preparado para ceder poder ao novo governo de Kennedy. Isso foi dito com clareza à equipe do novo presidente pelos maiores comandantes militares da nação.

“Com certeza, não controlamos o Estado-Maior”, disse Arthur Schlesinger ao ser questionado, perto do fim da vida, sobre o alcance do poder do presidente Kennedy em seu próprio governo. O eminente historiador, que desempenhou os papéis de cronista da corte e itinerante consciência liberal da Casa Branca sob Kennedy, falava com voz fraca devido à idade. Mas, mesmo assim, suas palavras davam arrepios, considerando-se os altos riscos de guerra nuclear dos anos Kennedy.

Em uma entrevista publicada no *Boston Globe* em 1994, Schlesinger falou sobre os receios de JFK em relação ao Exército. “A preocupação de Kennedy não era que Khruchov começasse algo, porém que algo desse errado, como no filme *Dr. Fantástico*”, disse ele, referindo-se à macabra sátira da Guerra Fria de Stanley Kubrick, em que um furioso general anticomunista da Força Aérea enlouquece e desencadeia a Terceira Guerra Mundial. Assombrado pelo medo de uma guerra nuclear acidental, Kennedy lutou para manter “o controle estreito e constante [sobre o Exército]”. Mas não conseguiu totalmente.

As tensões entre o presidente Kennedy e o Estado-Maior durante seu primeiro ano de mandato foram agravadas pelos vigorosos esforços manifestados por seu secretário da Defesa para ampliar seu controle sobre o “complexo militar-industrial” — a cada vez mais poderosa “conjunção de uma imensa organização militar com a já ampla indústria de armamentos” sobre a qual Eisenhower havia alertado,

despedindo-se da nação com o que seria seu mais famoso discurso. O velho general poderia ter agregado belicosos membros do Congresso a esse nexos militar — e, de fato, o rascunho original do seu discurso fazia referência a um “complexo militar-industrial congressista” —, como também às tentaculares organizações de extrema direita, às associações de militares aposentados e aos conglomerados da indústria da defesa, que havia surgido durante a Guerra Fria, para pleitear o aumento dos gastos em armamento e políticas beligerantes. Durante os oito anos em que governou, Eisenhower lutou heroicamente para restringir o orçamento desse complexo, apesar da incessante pressão que este exercia. Mas fez pouco para mudar as políticas da Guerra Fria que serviam de combustível a esse fervor militar. Por outro lado, Kennedy chegou ao cargo comprometendo-se a ampliar a defesa e, ao mesmo tempo, promover uma desaceleração da Guerra Fria. Ao injetar mais dinheiro no aparato militar-industrial, ele o tornou ainda mais poderoso, complicando seus esforços para frear a aceleração rumo à guerra.

Enquanto liderava uma intensificação do armamento, o secretário da Defesa McNamara tentava impor controles racionais sobre os gastos, trazendo uma filosofia gerencial baseada na relação custo-benefício que adquirira como executivo da Ford e que era então desconhecida no Pentágono, onde os serviços militares aumentavam sem controle os gastos e duplicavam os sistemas de defesa. Os chefes militares, apoiados pela indústria da defesa e por aliados do Congresso, empenhavam-se em resistir, enquanto McNamara e seus jovens “craques” com armadura de chifre tentavam controlar o processo de gastos da Defesa.

A cultura bélica também se opunha violentamente aos esforços de McNamara — e aos jovens intelectuais da Defesa oriundos da Rand Corporation<sup>9</sup> que ele trouxera para o Pentágono — para transformar a estratégia nuclear do país. Alarmados diante da maciça insistência do SIOPI<sup>10</sup> do Estado-Maior, a proposta militar que defendia um ataque nuclear de alcance planetário em caso de guerra, Kennedy e McNamara ordenaram a exploração de roteiros de guerra nuclear limitada e procuraram impor um maior controle civil sobre o amplo arsenal nuclear do país. “A guerra na era nuclear”, disse Kennedy a seus conselheiros, “era importante demais para ser deixada nas mãos de generais”.

O general Curtis LeMay — o mastigador de charutos, notório belicista e comandante da Força Aérea que serviria de modelo ao ator Sterling Hayden para representar o demente general Jack D. Ripper no filme *Dr. Fantástico* — não escondeu seu ódio ao governo. “Todos os que vieram com o governo Kennedy... eram as pessoas mais narcisistas que já encontrei na vida”, disse raivosamente LeMay. “Não tinham fé no Exército; não respeitavam os militares de forma geral. Achavam que o método para resolver problemas da escola de administração de Harvard poderia solucionar qualquer questão no mundo... De fato, aquele homem me disse: ‘Não, general, esse não é o sistema de armamento que o senhor quer utilizar, e sim o que o senhor precisa’. Esse homem ainda era um garoto enquanto eu já estava no comando das tropas de combate. Ele não tinha experiência nenhuma no uso de qualquer tipo de arma.”

Anos depois de ter deixado a Força Aérea, em uma conferência na Lyndon Johnson Library, LeMay ainda descarregava sua raiva em termos bastante violentos,

chamando a equipe de Kennedy de gentinha “intransigente”, “vingativa”, moralmente corrupta, e que LBJ deveria ter “esmagado”, ao tomar posse na Casa Branca, “como baratas que eram”.

Apesar da reputação de “intransigente” da equipe de Kennedy, LeMay não mostrou nenhum pudor em desafiar publicamente a política de defesa do governo durante os primeiros anos em que ocupou o cargo. Em julho, o chefe da Força Aérea chocou a capital quando o colunista Marquis Childs, do *Washington Post*, relatou que ele havia previsto que uma guerra nuclear iria acontecer nas últimas semanas. LeMay fez essa arrepiante declaração a uma esposa de senador durante um jantar em Georgetown, dizendo à mulher chocada que a guerra era “inevitável” e que as principais cidades dos Estados Unidos, como Washington, Nova York, Filadélfia, Los Angeles, Chicago e Detroit seriam aniquiladas, da mesma forma que a maior parte das cidades soviéticas. Ao ser interrogado pela esposa do senador se havia alguma possibilidade de ela fugir para se proteger junto com seus filhos e netos, LeMay lhe respondeu que ela poderia tentar alguma região deserta e árida do Oeste. Diante da indignação que tomou conta de Washington, LeMay sentiu-se obrigado a negar a história. Mas os responsáveis pelo governo Kennedy sabiam que isso refletia a verdadeira opinião do general da Força Aérea.

Anos depois, McNamara, já em idade avançada, refletiu sobre o homem que comandou sua Força Aérea. Como sempre, o ex-secretário da Defesa foi friamente racional em seu julgamento sobre LeMay. Mas a descrição que fizera do homem que havia dirigido a maior parte do arsenal nuclear não era menos chocante em seu pragmatismo. McNamara admitiu que um dos maiores chefes do Exército havia aberta e firmemente preconizado uma guerra nuclear preventiva

para livrar o mundo da ameaça soviética. “Claramente, LeMay tinha um ponto de vista sobre os soviéticos diferente da maior parte de nós”, disse McNamara. “O ponto de vista de LeMay era muito simples. Ele achava que o Ocidente, especialmente os Estados Unidos, estava prestes a entrar em uma guerra nuclear com a União Soviética, e estava absolutamente certo disso. Por conseguinte, ele acreditava que deveríamos lutar logo em vez de esperar, para que tivéssemos uma vantagem maior no poder nuclear, o que diminuiria as perdas da nação.”

McNamara discordava de seu chefe da Força Aérea, dizendo-lhe que, mesmo que os Estados Unidos tivessem uma clara vantagem nuclear sobre a União Soviética, não podiam ter certeza de que iam destruir a capacidade de resposta do inimigo. “Naquela época acreditei, e acho que eu estava certo, que não tínhamos capacidade para o primeiro ataque. Não poderíamos lançar nossos cinco mil mísseis e destruir parte suficiente dos trezentos e cinquenta mísseis deles de forma que tivéssemos certeza de que os demais não pudessem nos infligir danos inaceitáveis. Dessa forma, LeMay e eu nos opúnhamos de maneira total. Eu lhe disse: ‘Veja, você provavelmente está certo de que, se tivéssemos que entrar em guerra com a União Soviética, teríamos menos perdas hoje do que se o fizéssemos mais tarde. Então, pelo amor de Deus, vamos tentar evitar isso’.”

McNamara deu um jeito de manter relações civilizadas com LeMay, a quem servira como analista durante a Segunda Guerra Mundial, quando o general começou a ficar conhecido como um deus Xiva da guerra, destruindo grande parte do Japão com sua infame campanha de bombardeios. “Eu achava que ele era o comandante de combate mais capacitado de todos os chefes militares que conheci durante

meus três anos de serviço na Segunda Guerra Mundial”, disse McNamara. Mas outros membros da equipe de segurança nacional de Kennedy haviam tido encontros conflituosos com LeMay e os principais comandantes da sua Força Aérea.

Carl Kaysen, uma das autoridades de Harvard que trabalhou para a Casa Branca na qualidade de conselheiro, lembrou-se de uma reunião especialmente tensa com o duradouro sócio de LeMay, o general Thomas Power, do Strategic Air Command [Comando Estratégico da Força Aérea], o chamado SAC — um homem que o próprio LeMay considerava “instável” e “sádico”. “Fui até o SAC para ter uma reunião com Tom Power, com o [craque de McNamara] Adam Yarmolinsky”, recordou Kaysen. “Ele estava se comportando de maneira inacreditavelmente hostil conosco. De fato, ao compararmos os relatórios depois, tivemos a sensação de que talvez nunca fôssemos sair de lá. Sua atitude era: ‘Que diabo civis como vocês estão fazendo no SAC, falando sobre estratégia nuclear e criando confusão — não é da sua conta’.”

O próprio Kennedy desprezava LeMay: “Não quero mais ver esse homem perto de mim”, proferiu um dia, depois de sair de uma reunião com o general. “Kennedy não confiava em um imbecil como LeMay, já que podia derrubar pilares de mármore”, declarou Charles Daly, um dos assessores políticos de Kennedy na Casa Branca. Mas, em junho de 1961, Kennedy se sentiu politicamente obrigado a promover LeMay no Estado-Maior como comandante da Força Aérea. “Ele queria ser protegido à direita”, explicou Kaysen. JFK sabia que, ao obrigar LeMay a se aposentar, desencadearia protestos na Força Aérea e haveria mais um general aposentado, no circuito político, prestes a denunciar suas políticas “fracassadas”.

O general David Shoup, comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, era o único membro do Estado-Maior com o qual Kennedy pôde construir uma relação razoável. Poucos dias após ter promovido LeMay, Kennedy, irremediavelmente distante dos principais chefes do Exército, persuadiu Maxwell Taylor, o estrategista militar rebelde que havia caído em desgraça durante o governo de Eisenhower, a sair de seu afastamento e ocupar um cargo criado sob medida para ele na Casa Branca, como conselheiro militar. O Estado-Maior entendeu imediatamente a jogada como o que de fato era — uma tentativa de “foda-se” para que não o incomodassem mais.

No verão de 1961, Kennedy sentiu a pressão cada vez mais forte dos chefes do Exército e da inteligência para que considerasse a possibilidade de lançar um ataque nuclear preventivo contra a União Soviética. O presidente foi informado de que, longe de sofrer um “desequilíbrio em termos de mísseis”, os Estados Unidos na verdade estavam em vantagem em termos de mísseis nucleares terrestres. Segundo uma estimativa que a Inteligência Nacional divulgara naquele ano, os soviéticos tinham apenas quatro mísseis balísticos intercontinentais prontos — todos em baixo alerta, em um local de teste —, enquanto os Estados Unidos tinham 185 ICBM (mísseis balísticos intercontinentais) e mais de 3.400 bombas nucleares para pronta entrega. A “margem” de superioridade nuclear talvez pudesse ser reduzida à medida que a produção de armas nucleares da União Soviética começasse a crescer. Mas enquanto assim permanecia, Washington era um celeiro de febre militar, o que explica os intempestivos comentários de LeMay sobre a iminência de uma guerra nuclear durante aquele jantar de julho.

No dia 20 daquele mês, em uma reunião do Conselho Nacional de Segurança, o general Lemnitzer, chefe do Estado-Maior, junto com Allen Dulles, que permaneceria no comando da CIA até o fim do mesmo ano, apresentaram a Kennedy um plano oficial para um ataque nuclear surpresa. Lemnitzer, cujas habilidades intelectuais, segundo o presidente, deixavam a desejar, apresentou um plano de fim de mundo “como se fosse para uma turma do jardim de infância”, segundo Schlesinger, e um Kennedy visivelmente aborrecido se levantou no meio da reunião e foi embora. “E chamamos a nós mesmos de raça humana”, JFK comentou amargamente mais tarde para o secretário de Estado, Dean Rusk.

A relação entre Kennedy e seu Estado-Maior “chegou a definhir ainda mais” naquele mês, segundo as palavras do correspondente militar do *New York Times*, Hanson Baldwin, quando o presidente ordenou aos agentes do FBI que “invadissem” os escritórios dos comandantes militares do Pentágono para determinar a fonte de um vazamento de informação para a imprensa sobre planos de contingência militar para lidar com a crescente crise de Berlim. A ação de Kennedy era “degradante”, queixaram-se os comandantes junto a Baldwin, um de seus mais simpáticos ouvintes junto à imprensa, enquanto previam que não seriam responsabilizados pelo vazamento. Anos depois, em uma conferência no U.S. Naval Institute, Baldwin declararia também ter sido investigado pelo FBI durante a presidência de Kennedy, quando Bobby despachou agentes para investigar uma matéria que Baldwin escrevera sobre o sistema de defesa antimísseis soviético. “Os Kennedy fizeram uso da intimidação e da pressão para obrigar pessoas a entrar na linha. Fizeram isso com frequência”, disse Baldwin, refletindo um ponto de vista amplamente

adotado no meio militar que ele, como jornalista, cobria. “A partir da observação que fiz sobre todos aqueles anos em que tive que lidar com vários presidentes em Washington, começando por FDR, os Kennedy foram os mais retaliatórios e intransigentes.”

Na última semana de julho, Kennedy se encontrava preso numa crescente tempestade, esbofeteado pelos ventos da guerra tanto em casa — por seu próprio Exército — quanto além-mar, em Berlim. “Naquela semana, o conflito nuclear pairava no ar”, escreveu o historiador político James K. Galbraith, da Universidade do Texas, filho de John Kenneth Galbraith, em um revelador artigo sobre as pressões por um ataque surpresa sofridas por Kennedy. Khruchov estava intensificando a tensão sobre Berlim, a cidade dividida que por muito tempo havia sido um ponto crítico da Guerra Fria, ameaçando fechar o acesso entre o Estado satélite da República Democrática Alemã e a Alemanha Ocidental. Os generais de Kennedy e assessores linha-dura como Acheson, que estavam convencidos de que a falta de determinação do presidente na Baía dos Porcos havia levado diretamente à sua humilhação perante Khruchov na Cúpula de Viena, em junho, acharam que ele estava correndo perigo de sofrer o mesmo tratamento em Berlim. Insistiram para que ele tomasse uma posição de firmeza, e Kennedy pediu a seus assessores que preparassem para Berlim um cenário antevendo uma guerra nuclear limitada.

Mas no final JFK conseguiu lidar com a questão de Berlim tão bem quanto mais tarde lidaria com outras circunstâncias durante seu governo, evitando tanto uma confrontação explosiva como uma incômoda capitulação, sabendo combinar com destreza um discurso inflexível, simbólicas medidas militares e uma diplomacia informal. “Permitiu que o Muro de Berlim permanecesse intacto quando construído

em agosto de 1961, uma coluna simbólica de soldados [americanos] foi mandada a Berlim Ocidental, e um programa de abrigo antiatômico foi elaborado nos Estados Unidos”, notou Galbraith. “Mas [Kennedy] não provocou os soviéticos.” O Armagedom nuclear de LeMay seria evitado — pelo menos até o próximo confronto.

Como sempre, os militares ficaram insatisfeitos com a moderação de Kennedy. O general Lucius Clay, herói do Bloqueio de Berlim de 1948-49, que Kennedy nomeara para ser seu principal enviado militar na cidade dividida durante a última crise, parecia ansioso para desafiar a tensa, porém pacífica, trégua que prevalecera em Berlim no final do ano. Em outubro, Clay provocou uma estressante confrontação com os russos no Muro de Berlim, a primeira vez na história em que os tanques americanos e soviéticos ficaram frente a frente. Valentin Falin, embaixador soviético na Alemanha Ocidental, disse que mais tarde Moscou soube que Clay havia ordenado aos comandantes dos tanques americanos que derrubassem o Muro de Berlim — da mesma maneira que antes os instruíra a treinar em uma floresta dos arredores sem informar a Casa Branca. Se isso tivesse acontecido, disse Falin, os tanques soviéticos teriam respondido abrindo fogo, e nós teríamos ficado “mais perto do que nunca da Terceira Guerra Mundial” — exatamente o tipo de inferno acidental provocado por impulsivos generais que Kennedy tanto temia.

No meio desse tenso confronto, Kennedy se sentiu obrigado a acalmar não somente o orgulho dos soviéticos como também o de seu comandante militar. “Sei que vocês não se deixaram abalar”, disse para Clay por telefone. O agressivo general não se acalmou com esse tapinha presidencial nas costas: “Não estamos preocupados

conosco mesmos. Estamos preocupados com vocês em Washington”.

No final, Kennedy conseguiu manobrar seu general, dando secretamente instrução a Bobby, o “irmãozinho” a quem Clay havia dito que poderia “não se submeter”, para entrar informalmente em contato com seu amigo soviético Georgi Bolshakov e trabalhar em uma retirada mútua dos tanques “sem danos para o prestígio de nenhuma das partes”.

Era a casca-grossa da Segunda Guerra Mundial — antigos comandantes como Burke e LeMay, com os quais Kennedy entrou violentamente em conflito durante o primeiro ano de seu mandato na Casa Branca. Contudo, seus partidários em Washington temiam que os problemas de Kennedy com o Exército se agravassem. O senador J. William Fulbright, do Arkansas, um dos mais próximos aliados de Kennedy em Capitol Hill, estava entre os que viam com temor o crescimento do que ele entendera como sendo uma cultura militar politizada, da ala da extrema direita e descaradamente insubordinada.

A doutrinação direitista do Exército encontrava suas origens na era Eisenhower, como notou depois Joseph Califano, assistente de McNamara, quando uma diretiva do Conselho de Segurança Nacional de 1958 incentivou o Exército a educar as tropas e o público sobre os perigos do comunismo — “tarefa que muitos oficiais cumpriram com gosto”. Ironicamente, observou Califano, Bobby Kennedy teve um papel na divulgação dessa propaganda ofensiva, quando atuou como conselheiro para a Comissão McClellan, que reagiu à lavagem cerebral amplamente difundida de prisioneiros de guerra americanos na Coreia do Norte, apelando para uma doutrinação anticomunista mais efetiva do Exército. Na época em que Kennedy chegou à Casa

Branca, havia uma grande agitação direitista no Exército, com reuniões e conferências anticomunistas organizadas tanto nas bases militares do país quanto além-mar, e filmes e panfletos da extrema direita, elaborados por grupos como a John Birch Society,<sup>11</sup> difundidos nas casernas.

A controvérsia sobre a politização do Exército foi revelada publicamente durante a primavera, quando o *Overseas Weekly*, jornal independente, popular junto aos soldados baseados no estrangeiro por seu estilo de tabloide bastante ousado, divulgou uma matéria a respeito dos ostensivos esforços de doutrinação do major-general Edwin A. Walker, comandante da 24ª Divisão de Infantaria, uma importante divisão da linha de frente da Alemanha Ocidental. Walker, herói da Segunda Guerra e da Guerra da Coreia, sempre demonstrara ter um comportamento bastante excêntrico. Foi voluntário para liderar unidades de tropas de paraquedistas contra os nazistas sem nunca ter pulado de um avião — “Como coloca esse negócio?”, perguntou um Walker desconcertado a um subordinado, enquanto o avião decolava para seu primeiro pulo de paraquedas. Mas a Guerra da Coreia o colocou em conflito com as autoridades civis, depois que se convenceu de que os representantes eleitos da América não queriam nada mais do que um “empate” com o comunismo internacional. Segregacionista inflexível, ele acabou se desiludindo quando recebeu do presidente Eisenhower a ordem de liderar uma unidade armada para fazer cumprir a lei de integração nas escolas de Little Rock, em 1957.

No ano seguinte, Walker integrou a fantasiosa John Birch Society, de direita — cujo fundador, um confeitoiro, havia notoriamente denunciado Eisenhower como sendo “um dedicado e meticuloso agente da conspiração comunista”

—, e começou a divulgar a propaganda de Birch junto aos homens sob seu comando. O general, eterno solteiro que havia crescido em uma fazenda do Texas, teve dificuldade para distinguir o liberalismo americano do comunismo ateu. Entre os alvos de sua cólera, estavam Eleanor Roosevelt, Adlai Stevenson, a revista *Mad* e a universidade Harvard. O “general Walker”, comentou um ajudante, “achava que Harvard era o lugar do mal, uma fábrica de comunistas. Ele era excessivamente crítico em relação à instituição”. Isso, com certeza, era mais uma das causas de seu distanciamento da Casa Branca de Kennedy, que praticamente garantia a contratação da elite da universidade. Walker acreditava que o governo estava repleto de “fracassados” da Ivy League e “comunistas confirmados”, como Edward R. Murrow, cuja nomeação para o cargo de diretor da Agência de Informação dos Estados Unidos (USIA) levou o general a “quase ter um acesso de fúria”, segundo a *Newsweek*.

Em abril, o *Overseas Weekly* relatou que Walker não somente divulgara sua opinião ruim sobre os principais liberais do país e os membros do governo Kennedy em discursos para suas tropas, como também as instruíra a votar usando um índice político preparado por um grupo tão de ultradireita que não dera a nota máxima nem para Barry Goldwater.<sup>12</sup> Ao agir dessa forma, Walker infringiu vários regulamentos do Exército e leis federais, entre os quais o Hatch Act, que proíbe toda atividade política por parte de empregados do governo. Em junho, Walker foi deposto de suas funções e transferido para o quartel-general do Exército na Europa, em Heidelberg — uma sanção relativamente branda, se considerarmos as violações que cometera. Mas a punição de Walker o transformou no

mesmo instante em um mártir nos círculos ultradireitistas, fora e dentro do Exército.

A rixa política que se seguiu logo provou que a agitação extremista de Walker tinha uma base de apoio assustadoramente grande entre os oficiais do Exército, onde Hanson Baldwin relatou que era visto como um “soldado dos soldados”. Um capitão do Exército declarou, aflito, ao *New York Times*: “Sinto que o general foi crucificado. E acho que os homens sentem o mesmo”. Revelou-se que o programa de doutrinação de Walker havia recebido o apoio de ninguém menos que o general Lemnitzer, o principal líder militar do país, que escreveu em uma carta ao oficial ultradireitista que achava seus esforços “muito interessantes e úteis”.

Enquanto o efetivo militar flexionava seus músculos políticos, dois jovens assistentes legislativos do senador Fulbright olhavam para a situação com crescente apreensão. Viram os efeitos políticos da agitação da ala direita no Arkansas, estado de origem do senador, onde os oficiais do Exército haviam se juntado a fundamentalistas cristãos em uma cruzada anticomunista cujos alvos eram os políticos e as leis liberais considerados subversivos. Eles olhavam além-mar, para os insubmissos generais direitistas da França que, irados com a tentativa do presidente De Gaulle de chegar a um acordo pacífico para resolver a Guerra da Argélia, ameaçavam derrubá-lo. (Em setembro, De Gaulle ia ser alvo de uma fracassada tentativa de assassinato por parte de extremistas da direita.) Perguntavam-se então se não haveria uma crescente possibilidade de acontecer um golpe semelhante em Washington.

Os dois assistentes levaram seus temores ao senador Fulbright, que conversou com McNamara durante uma festa,

exortando-o a agir o quanto antes. Logo depois de ter recebido um memorando sobre os perigos do crescimento do militarismo que havia sido preparado pelos assistentes de Fulbright, o secretário de Defesa publicou uma diretiva que limitava a possibilidade de os oficiais do Exército apoiarem causas direitistas em eventos públicos. McNamara e Fulbright foram imediatamente denunciados pelo senador Strom Thurmond, da Carolina do Sul, um importante general do Exército da reserva e outros porta-vozes no congresso do complexo militar-industrial. Thurmond declarou que a diretiva de McNamara era uma “covarde tentativa de intimidar os comandantes das Forças Armadas dos Estados Unidos” e “constitui um sério golpe contra a segurança da nação”.

Fulbright decidiu ficar de pé no Senado para responder às acusações de Thurmond e passar sua mensagem sobre a ameaça do militarismo ao povo americano. O homem que crescera em uma fazenda de criação de porcos no Arkansas para se tornar estudante bolsista de Rhodes, reitor de universidade e diretor da poderosa Comissão de Relações Internacionais do Senado havia sido considerado por Kennedy um potencial secretário de Estado. De fato, o brilhante e independente político — um dos poucos a ter alertado o novo presidente contra a invasão da Baía dos Porcos — poderia ter constado de uma sequência do livro *Política e coragem*, de Kennedy, não fosse um resquício de segregacionismo que trouxera de seu estado natal e que lhe custou o cargo maior no Departamento de Estado. Fulbright foi o único membro do Senado a votar contra o financiamento da expedição de caça às bruxas de Joe McCarthy no exacerbado ápice de sua inquisição.

No dia 2 de agosto, o alto e magricela Fulbright se levantou e, com seu macio e arrastado sotaque da região de

Ozarks, ofereceu à nação uma lição de civismo da maior importância no intuito de manter o Exército fora dos assuntos políticos dentro de uma democracia. O discurso de Fulbright lembrou um trecho do discurso de despedida de Eisenhower em que ele alertava contra “o aumento da influência injustificada... do complexo militar-industrial”. Se o país autorizasse esse “desastroso crescimento de um poder nas mãos erradas”, havia declarado Ike, isso “ameaçaria nossa liberdade ou nosso processo democrático”. Mas o próprio Eisenhower havia ajudado a criar o Frankenstein de um Exército politizado com sua diretiva de 1958 de doutrinação das tropas. Agora, Fulbright estava dizendo aos seus compatriotas que estava na hora de o Exército voltar à caserna e deixar a arena política aos representantes eleitos.

Fulbright declarou que os oficiais do alto escalão do Exército, inclusive os do National War College, estavam mergulhados em uma propaganda produzida por grupos ultradireitistas com a aprovação do Estado-Maior. Estavam sendo doutrinados com uma mensagem que lhes “vendia” que Washington estava solapando os esforços do Exército para derrotar o comunismo. Eram informados de que o programa legislativo nacional de Kennedy — “que compreende a prorrogação do imposto de renda progressivo, a expansão da previdência social (especialmente os tratamentos médicos cobertos pela previdência) e a ajuda federal à educação” — era uma das frentes do ataque comunista contra a América.

“Se o Exército for infestado pelo vírus do radicalismo direitista, o perigo merece toda a nossa atenção”, disse Fulbright a seus colegas do Senado e ao público. “Se, por meio do processo da educação do público pelo Exército,

crescer a exaltação de ambos os grupos, de fato o perigo é grande.”

Ao chegar à conclusão de seu discurso, Fulbright ergueu teatralmente o espectro de um golpe militar, invocando “a revolta dos generais franceses como um exemplo de máximo perigo”.

A câmara de eco de Washington não demorou a se apossar do terrível aviso de Fulbright, e o colunista Marquis Childs escreveu que “nos últimos anos, num país após outro, a intervenção dos militares na política teve consequências desastrosas... [Os oficiais do Exército] não têm o direito de querer impor suas opiniões políticas às tropas que comandam. Nem têm o direito de tentar compartilhar opiniões políticas por meio de discursos que se opõem diretamente às medidas tomadas pelo governo”. O conhecido colunista Drew Pearson também disparou o alarme, escrevendo que “alguns dos maiores oficiais do Pentágono estavam se aliando a direitistas da indústria para fomentar um tipo de neofascismo, apesar do fato de estarem usando a farda de Tio Sam”.

Em resposta, Strom Thurmond pressionou a Comissão dos Serviços Armados do Senado para que agendasse audiências sobre o “amordaçamento do Exército”. Em setembro, McNamara foi convocado perante a comissão; Thurmond e seus colegas o pressionaram por seis horas sobre sua censura aos oficiais militares. “O Exército é um instrumento — não um modelador — da política nacional”, lembrou o secretário da Defesa, de óculos e cabelo ensebado, aos seus interrogadores do Senado, em seu estilo extraordinariamente racional, à moda de Spock.

McNamara depôs entre as paredes revestidas de mármore da Sala Caucus do Old Senate Office Building — a mesma sala de audições que fora palco da queda de McCarthy sete

anos antes, durante as audiências do Exército contra ele. Mas o fervor extremista que havia tomado conta do recinto naquele dia mostrava claramente que o espírito de McCarthy ainda continuava bem vivo em Washington. Ao longo de seu depoimento, McNamara foi vaiado pelos 250 espectadores presentes na sala, enquanto Thurmond era aplaudido. Quando McNamara, exausto, encerrou o depoimento, foi cercado por dúzias de donas de casa suburbanas carregando cartazes de “Pare o comunismo” que haviam sido reunidas em Capitol Hill para apoiar a cruzada de Thurmond. Mais tarde, a *Newsweek* relatou que “uma atraente mãe de quatro filhos com vestido azul segurou McNamara enquanto ele guardava documentos em sua pasta”, perguntando se ele havia lido a literatura de propaganda “pró-azul”, digna do *Dr. Fantástico*, do general Walker. Quando ele polidamente murmurou que não, a mulher explodiu: “Você não leu! Por quê? É a melhor declaração contra o comunismo. Acho que nossas Forças Armadas deveriam ter acesso a esse material”.

No mesmo mês, a Comissão dos Serviços Armados obrigou McNamara a defender sua injunção contra o ativismo político no Exército, o qual descaradamente mostrou sua desconfiança em relação a essa ordem por meio da encenação de outro espetáculo anticomunista. No final de setembro, o Quarto Exército dos Estados Unidos patrocinou um evento de propaganda de dois dias que levou milhares de pessoas ao auditório municipal de San Antonio, onde locutores reacionários, como o general A. C. Wedemeyer, denunciaram o governo de Kennedy por querer “apaziguar” a União Soviética e a igreja episcopal, por apoiar o ativismo em prol dos direitos civis dos Freedom Riders.[13](#)

No mês seguinte, em resposta à rebelião de San Antonio e outras reuniões anti-Kennedy organizadas pelo Exército, McNamara se sentiu obrigado a promulgar outra interdição de agitação política entre os militares. E mais uma vez a Comissão dos Serviços Armados anunciou que submeteria a medida repressiva de McNamara ao escrutínio do Congresso.

O *lobby* da Guerra Fria era agressivo, com líderes do Exército aposentados e outros ativistas ultradireitistas pedindo com veemência o *impeachment* do presidente e de outros importantes liberais, como o chefe de Justiça da Suprema Corte Earl Warren. Um coronel aposentado da Marinha foi além e pediu o enforcamento de Warren, enquanto um general aposentado da mesma instituição sugeriu a possibilidade de um golpe de Estado se os “traidores” não pudessem ser derrotados.

Kennedy enfim se exasperou. Em outubro, enquanto estava num almoço informal com um grupo de editores de jornal do Texas na Casa Branca, ele foi confrontado sem rodeio pelo editor reacionário do *Dallas Morning News*, E. M. (Ted) Dealey. No momento em que o presidente conversava à vontade com os presentes, o texano os espantou ao arengar contra Kennedy, lendo uma declaração de quinhentas palavras que tirara de repente de seu bolso, e na qual repreendia o comandante em chefe como se fosse um simples estagiário de jornal. “Podemos aniquilar a Rússia e deveríamos deixar isso claro para o governo soviético”, leu Dealey para Kennedy. Mas, infelizmente, ele continuou: “A opinião geral do povo deste país é que você e seu governo são fracos demais. Precisamos de um homem que saiba dirigir as rédeas desta nação, e muitas pessoas

do Texas e do Sudoeste acham que você está dirigindo o triciclo de Caroline”.[14](#)

Kennedy enrubesceu visivelmente e encarou Dealey com olhar duro. “A diferença entre mim e você, senhor Dealey”, respondeu rispidamente Kennedy, “é que eu fui eleito presidente deste país e você não. Sou responsável pela vida de cento e oitenta milhões de americanos, o que não é seu caso... É mais fácil falar em guerras do que lutar nelas. Sou tão duro quanto você — e não cheguei a ser eleito presidente graças a julgamentos moderados.”

Kennedy havia demorado para reagir à ameaça da extrema direita. Naquele mês de agosto, quando o assunto da John Birch Society veio à tona em Hyannis Port, em uma conversa com Gore Vidal entre canapés e vinho *rosé*, JFK parecia descartar o perigo com leviandade. O presidente encarou o “frenesi da ultradireita de maneira muito menos séria do que eu”, observou Vidal. Mas, no final do ano, a atitude de Kennedy não era mais complacente. Ele mandou Bobby encontrar os irmãos Reuther — conversaram durante um café da manhã sobre a maneira como os líderes liberais do sindicato United Auto Workers podiam ajudar a estruturar uma eficiente campanha midiática que se contrapusesse ao trovão da direita. O presidente pediu também que sua equipe começasse a lhe mandar relatórios mensais sobre as atividades da extrema direita e ordenou ao diretor do Internal Revenue Service [Departamento da Receita Federal] que investigasse as organizações isentas de impostos.

Contudo, Kennedy percebeu que, acima de tudo, estava na hora de o presidente dos Estados Unidos falar por si. Ele precisava viajar pelo país e explicar ao povo americano por que suas pragmáticas políticas para livrar o país e o mundo das garras mortais da Guerra Fria tinham mais sentido do

que a simplista e militarista abordagem da direita. Mais uma vez Kennedy recorreu a Sorensen, cuja eloquência ele sempre requisitava quando precisava replicar de forma apaixonada a seus críticos e apelar para os melhores instintos do povo americano. Naquele fim de ano, Kennedy viajou bastante, fazendo vários discursos-chave sobre o rumo que os Estados Unidos deveriam seguir para sair da “longa e tenebrosa luta” da Guerra Fria. Suas viagens o levariam de Chapel Hill, Carolina do Norte — junto ao território de sua nêmesis senatorial Thurmond, da Carolina do Sul — até Los Angeles, que então era um bastião de fomento direitista e abrigava um quarto dos membros da John Birch Society. Ao enfrentar diretamente seus críticos, Kennedy seria forçado a esclarecer os ideais pelos quais lutava e o papel que a América deveria ter em um mundo em rápida mudança, em que “os heróis são removidos de seus túmulos, a história está sendo reescrita, os nomes das cidades mudam de repente”.

Depois de apanhar dos combatentes da Guerra Fria durante cerca de um ano, Kennedy finalmente subiu no ringue no fim de 1961 e começou a lutar pelo que acreditava, explicando os atos de sua administração. A batalha havia começado.

Era sábado à noite, dia 18 de novembro de 1961. No palco do Hollywood Palladium, a cavernosa sala de jantar dançante em que Lawrence Welk e seus Champagne Music Makers costumavam animar os fins de semana, o presidente dos Estados Unidos estava repreendendo seus críticos. Para arrancar aplausos dos 2.500 democratas ali reunidos, Kennedy, com enfáticos gestos, atacou as “cruzadas da desconfiança” e as “vozes discordantes dos extremistas” que estavam ecoando por todo o país. Durante meses, o

presidente havia sido forçado a ouvir uma incessante algazarra — as queixas de “traição no alto escalão” por parte da John Birch Society, cuja paranoia havia encontrado terreno fértil em regiões com ampla população fundamentalista, como a Bacia de Los Angeles; as ruidosas queixas dos generais e almirantes sobre a política “fracassada” de Kennedy; as acusações de fraqueza e covardia feitas por parte de petulantes texanos como o editor Dealey; os apelos de grupos de vigilantes, como os Minutemen,<sup>15</sup> para que os americanos se armassem na espera do iminente dia em que Washington cairia nas mãos dos comunistas. Agora Kennedy — de pé naquele palco com revestimento dourado, diante de uma gigantesca reprodução do selo presidencial — estava contra-atacando toda essa loucura com um discurso que mirava os inimigos fanáticos com precisão gélida.

Em momentos de alta tensão como a Guerra Fria, disse Kennedy à audiência, “sempre houve aqueles à margem de nossa sociedade que lutaram para escapar à sua própria responsabilidade por meio de uma solução simplória, um *slogan* chamativo, um bode expiatório conveniente”. No atual “pico de perigo”, com o mundo refém de uma constante ameaça nuclear, essa vertente paranoica da política americana ressurgiu, observou Kennedy. “Homens que não querem enfrentar o perigo que vem de fora estão convictos de que o perigo vem de dentro. Eles olham com suspeita para seus vizinhos e líderes. Pedem um ‘homem que tome as rédeas’ porque não confiam no povo. Encontram traição em nossas igrejas, em nossa Suprema Corte, e até no tratamento de nossa água.” O último golpe da faca presidencial era dirigido à exuberante teoria,

popular nos círculos ultradireitistas da época, de que a fluoração da água era um complô comunista.

“Eles equiparam o Partido Democrata ao estado do bem-estar social, o estado do bem-estar social ao socialismo, e o socialismo ao comunismo. Eles rejeitam, com certa sensatez, o fato de a política interferir no Exército, mas desejam ansiosamente que o Exército se engaje na política.”

Entretanto, como concluiu Kennedy, ele tinha confiança no fato de que os americanos — “cujo bom senso básico... sempre prevaleceu” — rejeitariam essas “sugestões de medo e desconfiança”.

O arrebatador discurso de Kennedy — que, no dia seguinte, o *Los Angeles Times* chamaria de “uma desdenhosa salva de tiros” — foi ruidosamente saudado pelos fiéis do Partido Democrata que lotaram o Palladium naquela noite, entre os quais celebridades de Hollywood como Frank Sinatra, Nat King Cole e Ralph Bellamy, que ajudaram a entreter a noite. Mas, fora do Palladium, onde estavam reunidas as paranoicas e barulhentas legiões que Kennedy havia invectivado, a história era bem diferente. Segundo as estimativas, cerca de três mil manifestantes de direita — mais do que o número de partidários de Kennedy reunidos dentro da sala — desfilavam dos dois lados da rua, transbordando da calçada e atrapalhando o trânsito. Com chapéus de papel vermelhos, brancos e azuis, gritavam *slogans* anti-Kennedy, cantavam “God Bless America” e carregavam cartazes em que se lia “Liberdade de expressão para o Exército”, “O desarmamento é um suicídio”, “Tirem os vermelhos do Departamento de Estado”, e “Fora o comunismo”.

Kennedy, que havia sido escoltado até o Palladium horas antes de falar, não viu o exército noturno que havia se

formado contra ele. Mas no dia seguinte seria obrigado a enfrentar os fanáticos em um lugar incomum. Kennedy, que gostava de se deleitar na atmosfera de sol e celebridade do sul da Califórnia, acordou na manhã seguinte na suíte presidencial do Beverly Hilton, esperando ter um domingo relaxante. Durante a tarde, o presidente ia descer vagarosamente o Wilshire Boulevard em um carro conversível aberto, saudando pedestres boquiabertos. Seu comboio — que consistia em apenas dois carros da polícia (um na frente do conversível do presidente e outro atrás) e um carro cheio de repórteres — seguia por Santa Monica até seu destino, a casa de estilo espanhol à beira-mar de sua irmã Pat e do marido dela, Peter Lawford. Lá, o presidente iria se divertir nadando na piscina e jantando com seus amigos de Hollywood, Angie Dickinson e a esposa de Billy Wilder, um cardápio composto de *vichyçoise*, pombos recheados com arroz selvagem, ervilhas e cebolas, salada mista com molho italiano e, para encerrar, torta de chocolate e café.

O domingo de Kennedy, contudo, não começou de maneira tão suave. Naquela manhã, ele e seu velho companheiro político Dave Powers estavam indo de carro do Beverly Hilton à vizinha Church of the Good Shepherd, no Santa Monica Boulevard. Após se acomodar em um banco localizado dez fileiras à frente, Kennedy, assim como os outros fiéis, logo ouviu um sermão do padre Alfred Kilp sobre a necessidade de vigilância em um mundo perigoso. A mensagem que o padre Kilp quis endereçar à audiência presidencial ficou imediatamente clara. Os católicos tinham orgulho de que ele fosse o primeiro membro de sua fé a entrar na Casa Branca. Mas a igreja de Kennedy, com seu forte legado anticomunista, também havia se tornado um praça de armas para a John Birch Society. Robert Welch,

fundador do grupo, declarava que 40% de seus membros eram católicos, e orgulhosamente exibiu uma carta de ninguém menos que o cardeal Cushing, o prelado favorito da família Kennedy, elogiando Welch como um “dedicado anticomunista”.

No seu sermão, o padre Kilp evocou a terrível visão de uma América sob o domínio comunista — em que as escolas católicas iam ser fechadas e as igrejas serviriam para “usos profanos, como teatros ou até oficinas”.

“Estejam atentos, rezem e meditem”, aconselhou o padre a seu rebanho, “porque, do contrário, vocês poderão acordar e descobrir que se tornaram cidadãos de segunda classe em uma nação satélite ou católicos espoliados”.

No dia seguinte ao sermão que Kennedy ouvira em sua própria igreja sobre a necessidade de vigilância anticomunista, ele sofreu uma forte resposta da própria John Birch Society, cujos líderes haviam ficado feridos pelo ataque frontal do presidente, que os chamara de bando de fanáticos paranoicos. O violento discurso de Kennedy no Hollywood Palladium fora “outro exemplo de conversa fiada que dá sono”, declarou John Rousselot, congressista e membro da John Birch Society, originário de San Gabriel. “A única coisa da qual podemos ter certeza é que a organizada e leviana esquerda vai proclamar que esse discurso foi de grande ajuda para a boa diplomacia e a ‘paz em nossa época’.”

A campanha antidireitista de Kennedy provocou também uma resposta irada do senador Barry Goldwater, em torno do qual um crescente movimento conservador estava se unindo para fazer dele seu porta-bandeira contra Kennedy em 1964. Os verdadeiros “radicais” da política americana, retalhou Goldwater durante uma coletiva de imprensa em Atlanta, estavam “na Casa Branca”. O arizoniano chamou

Kennedy de “líder de comboio” que “dirigia à esquerda o tempo inteiro”.

As veementes declarações da direita, enquanto o avião de Kennedy decolava do Aeroporto Internacional de Los Angeles no domingo à noite para voltar a Washington, demonstraram que ele havia atingido seus alvos. A eloquente ofensiva de Kennedy no final de 1961 foi uma virada em seu governo. Sua musculosa resposta às crenças da extrema direita deu ao povo americano uma visão clara do caminho pelo qual ele queria conduzir a nação: para fora do lúgubre matagal da Guerra Fria.

O contra-ataque a seus oponentes da direita, que Kennedy desferira de costa a costa, havia começado no dia 12 de outubro com um discurso no Kenan Stadium, da Universidade da Carolina do Norte, em que ele menosprezou aqueles arruaceiros patriotas que acreditavam que os desafios dos Estados Unidos no mundo podiam ser resolvidos por meio de gabolices e *slogans*. “Não devemos escolher entre o comunismo e a morte, devemos ser livres e viver”, declarou Kennedy na conclusão de seu discurso, fazendo alusão ao mórbido *slogan* então usado pelos direitistas: “Prefiro morrer a me tornar vermelho”.

Depois de Chapel Hill, Kennedy foi para o Oeste, erguendo uma nova barreira contra a direita em Seattle, no dia 16 de novembro, antes de seguir rumo ao Sul e à terra de John Birch, Los Angeles, no mais espetacular confronto de toda a sua turnê de discursos antidireitistas. Em sua fala na Universidade de Washington, o presidente reiterou que não havia nenhum sinal de “fraqueza” no fato de prevenir uma guerra nuclear, e que os Estados Unidos mostravam sua verdadeira força ao evitar utilizar seu poder militar até que as outras saídas fossem esgotadas. E fez uma surpreendente declaração, que parecia ser uma retratação

da postura agressiva que havia mostrado em seu discurso de posse. Apesar de seu poder esmagador, disse ele, os Estados Unidos não podiam atuar no papel de sentinela global. “Precisamos enfrentar o fato de que os Estados Unidos não são onipotentes nem oniscientes, que representamos apenas seis por cento da população mundial, que não podemos impor nossa vontade sobre os demais noventa e quatro por cento, que não podemos lutar contra todos os erros nem reverter todas as adversidades, e que, portanto, não podemos ser a solução americana para cada problema do mundo.” Para aqueles da direita que acreditavam no poder divino e ilimitado dos Estados Unidos, isso não foi nada menos do que um sacrilégio.

“Você deve ler o discurso da Universidade de Washington”, disse seu coautor Ted Sorensen anos depois, sentado no escritório de advocacia Paul, Weiss, com um busto de bronze do homem a quem serviu sobre sua mesa de trabalho. “Trata-se de um dos grandes discursos de Kennedy sobre a política internacional, uma refutação direta dos linhas-duras. Se Kennedy tivesse vivido, para mim não há dúvida de que ele teria construído os fundamentos da *détente*. A Guerra Fria teria acabado muito antes do que realmente aconteceu.”

“Acho que meu irmão teve uma visão muito saudável do poder deste país”, comentou Ted Kennedy anos depois da morte de JFK. “Ele tinha noção do seu poder militar, mas também de seu poder moral. E sabia como ambos podiam ser usados, com um senso das proporções que é muito raro de encontrar em jovem líderes. Você não vê esse tipo de julgamento nem mesmo em pessoas mais velhas.”

\* \* \*

Durante sua turnê de discursos pelo Oeste, JFK convidou seu predecessor na Casa Branca a acompanhá-lo de helicóptero em uma rápida ida ao Texas para comparecer ao enterro de Sam Rayburn, lendário porta-voz da Câmara dos Representantes. Kennedy e Eisenhower mais tarde foram flagrados ao lado do aparelho na pista da Base Aérea de Perrin, envolvidos em uma animada conversa. “Kennedy fazia gestos repetidos com a mão esquerda e parecia explicar algo ao general Eisenhower”, reportou depois a Associated Press. “O general escutava com atenção e acenou com a cabeça várias vezes.” Os dois homens então apertaram-se as mãos antes ir embora.

Cinco dias depois, em 18 de novembro, o velho general juntou sua voz influente à campanha de Kennedy contra “o crescimento do extremismo” no país e a politização do Exército. Durante uma entrevista concedida a Walter Cronkite, da CBS News, o herói da Segunda Guerra Mundial declarou que expressar opiniões “contrárias ao presidente” era um “mau hábito; muito mau” por parte de um oficial, mesmo que estivesse depondo em Capitol Hill.

“Não acredito que os Estados Unidos precisem de superpatriotas”, declarou Eisenhower. “Precisamos do patriotismo praticado de forma honesta por todos nós, e não dessas pessoas que se julgam mais patriotas do que eu, você ou qualquer outro.”

Mas os superpatriotas de Washington logo fizeram nova demonstração de poder. Uma semana após Kennedy ter regressado à capital vindo de Los Angeles, em uma troca governamental que ficaria conhecida nos círculos de Beltway<sup>16</sup> como o “massacre do Dia de Ação de Graças”, o presidente entregou a cabeça de seu mais eminente estrategista liberal em termos de política internacional —

Chester Bowles — para os sedentos críticos da direita. Bowles, como foi anunciado no dia 26 de novembro, tinha sido afastado de suas funções de subsecretário de Estado e nomeado para um papel apagado no governo, ou seja, embaixador itinerante. O homem que se vira como um contrapeso às forças do militarismo dentro do governo de Kennedy, agora, para a alegria de seus oponentes, ia ser despachado para longe do centro do poder — encontrando-se literalmente a meio caminho do outro lado do mundo no verão de 1963, quando foi nomeado embaixador na Índia. O “radical” da política internacional, como ele descreveria a si próprio, que havia incitado o presidente a abolir a CIA depois do episódio da Baía dos Porcos, não incomodaria mais seus inimigos durante o resto do mandato de Kennedy.

A velha guarda do Departamento de Estado, que havia recuado diante dos esforços de Bowles para alinhar os Estados Unidos com o fomento revolucionário que varria o Terceiro Mundo, brindou à queda de Bowles. O problema com Bowles, zombou um veterano diplomata, era que, quando ele “via um bando de babuínos negros batendo tambor, [ele] via um bando de George Washingtons”.

Durante uma comovente reunião no escritório de Bowles, Sorensen disse a seu companheiro liberal unitarista que ele era vítima do poderoso *lobby* da Guerra Fria de Washington. Mas o número dois do Departamento de Estado não foi ajudado por sua azeda relação com Bobby Kennedy, que nunca perdoara Bowles por ter se recusado a fazer campanha para seu irmão durante as primárias do Wisconsin em 1960, além da aliança que este fizera com o liberal Hubert Humphrey, o que Bobby considerou uma tentativa covarde de se proteger depois do fiasco da Baía dos Porcos.

Os dois homens também haviam entrado em conflito no começo de junho, durante discussões sobre a maneira de lidar com a rápida deterioração da situação na República Dominicana, onde conspiradores logo assassinariam o feroz ditador Rafael Trujillo, e os Kennedy ansiavam para ver a nomeação de um governo próximo dos Estados Unidos. “O tom da reunião [do Departamento de Estado no dia 1o de junho] foi profundamente inquietante”, escreveria Bowles mais tarde, em um relatório confidencial. “Bob Kennedy procurava nitidamente uma desculpa para invadir a ilha. Em determinado momento, ele sugeriu que poderíamos explodir o consulado [americano] para ter o motivo... Todo o espírito da reunião foi bastante angustiante e preocupante, e saí de lá às oito da noite com a impressão de que esse espírito, que eu vira demonstrado nessa ocasião e em outras na Casa Branca por aqueles que eram tão próximos do presidente, constituía um perigo futuro de que essas pessoas, sem quase nenhuma experiência em termos de política internacional, resolvessem agir de forma precipitada, já que estavam interessadas na ação como um fim, e que o diabo carregasse [os que restassem].” Quando Bowles conseguiu impedir os planos de intervenção de Bobby, o jovem Kennedy — ainda na sua fase exaltada, especialmente quando se tratava da trama política do Caribe — demitiu-o como se fosse um covarde desgraçado.

A queda de Bowles denunciou um elo fraco na presidência de Kennedy. Os irmãos estavam tão ansiosos para provar sua força que às vezes transformavam suas cortes liberais em exemplos, em vez de enfrentar firmemente o linchamento público. “Os anos McCarthy haviam martelado na cabeça das tropas de Kennedy um sentimento de inferioridade, insegurança e de que não eram merecedores da confiança dos membros da elite”, refletiu Bowles mais

tarde. Eles precisavam do sangue de ovelhas sacrificadas como Bowles para provar que podiam ser tão impiedosos quanto os combatentes republicanos da Guerra Fria.

Era o próprio azar do presidente. “A inabilidade de Kennedy em tirar o que havia de melhor em Bowles e se aproveitar da sua sabedoria foi prejudicial a si mesmo”, notou o assistente de JFK, Harris Wofford. “Ele precisava mesmo de alguém próximo e que fosse um ponto básico de referência moral.”

O “massacre do Dia de Ação de Graças” também fez outra vítima liberal: Dick Goodwin. Kennedy cedeu diante da pressão política, transferindo seu posto avançado em Cuba para o Departamento de Estado, onde o “jovem judeu”, segundo as próprias palavras de Goodwin, ficaria sob a estreita supervisão dos WASPs. Os inimigos de Goodwin exultaram com seu rebaixamento, declarando ao *Washington Daily News* que um dos “maiores inoportunos” da política na América Latina agora havia sido removido.

Kennedy continuaria a ligar para Goodwin com perguntas sobre a política na América Latina, mas a relação havia mudado. Goodwin sentia-se como um “amante rejeitado”, banido para uma ala hostil do governo do presidente, onde não ficaria por muito tempo. Mais tarde, ele escaparia para um cargo mais hospitaleiro no Corpo de Paz, fundado por Sargent Shriver, cunhado do presidente. E no dia 22 de novembro de 1963, seria nomeado consultor especial de artes — um cargo bem distante das reuniões de política internacional nas quais poderia incomodar seus inimigos.

Robert Kennedy disse mais tarde que seu irmão avaliara 1961 como “um ano muito ruim”. Sua confiança na própria equipe de segurança nacional havia sido abalada pela humilhação em Cuba. De um lado, ele tinha sido intimidado

por Khruchov e, de outro, por seus próprios chefes militares. O mundo havia estado à beira da extinção durante a Crise de Berlim. “Mais uma vez estou fodido”, desabafara Kennedy no exato momento em que a situação global parecia pior que nunca, isto é, quando soube que os soviéticos estavam retomando os testes com armas nucleares. “Quero descer”, disse Kennedy depois de uma reunião particularmente sombria que acontecera na Casa Branca para discutir essas perturbadoras novidades.

“Descer do quê?”, perguntou-lhe Bobby.

“Do planeta.”

O presidente estava com um humor reflexivo na noite do sábado que se seguira ao Dia de Ação de Graças. Passara o feriado com a família e amigos em Hyannis Port. Depois de ter trabalhado o dia inteiro sobre o próximo orçamento, juntou-se ao grupo festivo na casa de seu pai situada na propriedade da família, em que todos estavam reunidos para o aperitivo e o jantar. Depois que os pratos foram retirados, Kennedy sugeriu ao seu amigo Red Fay — que ele nomeara secretário-assistente da Marinha, como suspeitara justa e amargamente o almirante Burke, para poder aproveitar sua animada companhia — que entretivesse o grupo com uma interpretação de “Hooray for Hollywood” que era sua marca registrada. Depois que o “Velho Adorável”, como Kennedy costumava chamar o amigo republicano, acabou a canção, Teddy — o melhor cantor da família — entoou “Heart of My Heart”, e então foi a vez da irmã Eunice se destacar. Ao final, todos insistiram para que o presidente em pessoa os entretivesse. “Você conhece ‘September Song’?”, perguntou Kennedy à esposa de Teddy, Joan, que estava ao piano.

Era uma escolha estranha, considerando-se a alegria da noite. Escrita por Kurt Weill — o compositor judeu alemão

que havia fugido dos nazistas em 1933, depois que seus musicais vanguardistas despertaram a revolta dos fascistas —, a canção era uma obra-prima da beleza melancólica. Embora Weill a tivesse escrito para o musical *Knickerbocker Holiday*, de 1938, numa tentativa de se adaptar ao clima mais ligeiro dos palcos da Broadway, “September Song” era banhada pelo desencanto da velha Europa.

Joan tocou o conhecido tema da canção, e Jack começou a cantar:

*“Ah, é um longo tempo, muito longo, de maio a dezembro,  
Mas os dias ficam mais curtos quando chega setembro;  
Quando o clima do outono deixa as folhas em flamas,  
Não há mais tempo para o jogo da espera.”*

Um silêncio tomou conta da sala quando Kennedy declamou os versos seguintes, em ritmo falado:

*“Ah, os dias definham, tornando-se raros e preciosos,  
Setembro, novembro!  
E esses raros e preciosos dias, vou passá-los com você,  
Esses preciosos dias, vou passá-los com você.”*

No mês seguinte, o pequeno grupo de confidentes de Kennedy tornou-se ainda menor, quando, seis dias antes do Natal, seu pai sofreu um derrame enquanto jogava golfe em Palm Beach. Era o golpe final desse terrível ano. O exímio empresário — que havia mergulhado profundamente nos mais altos e baixos enclaves do poder, frequentando de reis a mafiosos — tinha colocado toda a sua incansável motivação e devoção paternal a serviço dos filhos. Os fluxos emocionais subiam e desciam de acordo com os de seu filho na Casa Branca. Quando Jack caiu em prantos depois da debacle da Baía dos Porcos, Joe passou a maior parte do dia

ao telefone com ele e Bobby. “No final, perguntei-lhe como se sentia”, anotou mais tarde sua esposa Rose em seu diário, “e ele disse: ‘Morrendo’ — o resultado de sua tentativa para levantar o moral de Jack.” Agora, o antes poderoso patriarca não podia mais oferecer conforto ou conselhos ao filho, tendo sua fala ficado reduzida a uma única palavra devido a essa fatalidade, a palavra “não”, que ele proferia repetidamente, em tom de frustração.

Joe Kennedy sofreu um derrame cinco dias depois que J. Edgar Hoover reportou a Bobby que os grampos do FBI haviam gravado amargas queixas do chefe mafioso Sam Giancana, de Chicago, que declarava ter sido traído pelos Kennedy. O gângster fez referências provocativas a Joe Kennedy e a um acordo que havia sido fechado com a Máfia para que Chicago votasse em JFK em 1960. A fúria de Giancana contra essa punhalada era vulcânica.

Considerando-se as inúmeras vezes em que seus filhos procuraram seus conselhos, é bem provável que Bobby tenha levado essa preocupante informação — que agora estava nas mãos do chantagista Hoover — a seu pai. O velho homem sabia que os chefes da Máfia podiam ser inimigos impiedosos — assim como o dissimulado chefe do FBI — para seus filhos, que já sofriam outras ameaças. O estresse do pai deve ter sido terrível. E agora ele estava incapacitado para ajudá-los.

“A tragédia foi que Joe sofreu um derrame”, disse Gore Vidal. “Ele poderia ter resolvido o problema com a Máfia em dois minutos.”

Vidal suspeitou por muito tempo que a Máfia tenha tido um papel-chave nos acontecimentos de Dallas. “Durante anos, vivi em uma casa no sul da Itália. Quando qualquer chefe de polícia italiano chega a Palermo em um carro aberto com sua esposa, eles atiram nele em um lugar

público para que todos possam ver, precisamente como aconteceu em Dallas. Um assassinato típico da Máfia.”

Com seu pai incapacitado, coube a Bobby — o filho que Joe considerava tão duro quanto ele — tentar proteger a família. “Bobby é um cara duro, ele vai manter os Kennedy juntos, pode apostar”, dissera uma vez o ancião.

Com os inimigos dos irmãos proliferando dos mais baixos aos mais altos postos, a tarefa parecia desanimadora.

- 1 . Publicado no Brasil em 1964 pela editora Difusão Pan Americana. [N. T.]
- 2 . Ou “Dick, o traiçoeiro”, apelido dado a Richard Nixon por seus mais críticos oponentes após a revelação do escândalo de Watergate. [N. T.]
- 3 . No dia 2 de agosto de 1943, o torpedeiro *PT-109* da Marinha americana foi afundado perto das ilhas Salomão por um contratorpedeiro japonês. O jovem tenente John F. Kennedy, que estava a bordo do *PT-109*, arriscando sua própria vida, salvou o resto da tripulação, tornando-se herói de guerra. [N. T.]
- 4 . Do inglês *quaker*, também são conhecidos como Sociedade Religiosa dos Amigos. [N. T.]
- 5 . Registro oficial das pautas e debates do Congresso americano. [N. T.]
- 6 . A Ivy League [liga de hera] é o grupo formado por oito universidades privadas de grande prestígio e das mais antigas dos Estados Unidos: Harvard, Yale, Princeton, Pensilvânia, Colúmbia, Brown, Cornell e Dartmouth College. Originalmente, designava uma liga esportiva formada por essas universidades, cujos prédios se cobriam de hera. Hoje, essa denominação tem conotação tanto de excelência acadêmica como de certo elitismo social. [N. T.]
- 7 . Sigla em inglês para a expressão “*white anglo-saxon and protestant*” [branco, anglo-saxão e protestante], frequentemente usada no sentido pejorativo, referindo-se ao grupo de pessoas de ascendência europeia, em especial britânica, que supostamente detém, ou já deteve, o poder econômico, político e social nos Estados Unidos. [N. T.]
- 8 . No original, “*monkey business*”, um trocadilho que faz alusão à suposta “selvageria” do país centro-americano. [N. E.]
- 9 . Instituição americana sem fins lucrativos, fundada em 1945 no intuito de melhorar a política e o processo de decisão por meio de pesquisa e análise. [N. T.]
- 10 . SIOP, ou Single Integrated Operational Plan [Plano Operacional Integrado Único], é um plano estratégico que especifica como as armas nucleares dos Estados Unidos devem ser utilizadas em caso de guerra nuclear. [N. T.]
- 11 . Associação anticomunista de extrema direita criada para fazer pressão política contra reformas liberalizantes e a favor de medidas conservadoras. Fundada em 1958 por Robert W. Welch Jr., foi nomeada em homenagem a um oficial do Exército norte-americano e missionário da igreja Batista assassinado em 1945 por membros do Partido Comunista Chinês. [N. E.]

- [12](#) . Barry Morris Goldwater (1909-98), senador ultraconservador pelo Arizona, foi o candidato republicano à presidência dos Estados Unidos em 1964. [N. T.]
- [13](#) . Os “Viajantes da Liberdade” eram militantes do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos que utilizavam ônibus interestaduais para verificar a aplicação na prática da decisão da Suprema Corte que tornou ilegal a segregação racial nos transportes públicos. [N. T.]
- [14](#) . Referindo-se a Caroline Bouvier Kennedy, filha de John F. Kennedy e Jacqueline Bouvier Kennedy, nascida em 1957. [N. T.]
- [15](#) . Organização anticomunista criada na década de 1960 nos Estados Unidos. [N. E.]
- [16](#) . Anel viário que envolve todo o distrito de Colúmbia, onde fica Washington, além de partes dos estados vizinhos de Maryland e Virgínia. Usado como metáfora para os círculos do poder. [N. T.]

# 1962

Robert Kennedy quase nunca gritava ou levantava a voz quando se irritava. Mas não era difícil perceber quando alguém não lhe agradava. “Se perdia a paciência, ele fixava em você um olhar frio como gelo, e você sabia que estava liquidado”, lembra Fred Dutton, que, tendo sido membro da equipe dos Kennedy desde a corrida presidencial de 1960 até a campanha de RFK em 1968, o vira em vários estágios de irritação.

Às 16 horas do dia 14 de maio de 1962, os olhos azuis do procurador-geral se fixaram nos dois homens da CIA que estavam sentados em seu espaçoso gabinete revestido de nogueira no quinto andar do Departamento de Justiça. O consultor jurídico da CIA, Lawrence Houston, e o coronel Sheffield, chefe de segurança da agência, tinham sido convocados por Kennedy para discutir uma questão muito delicada. O procurador-geral queria saber por que a agência estava tentando impedir o processo contra um detetive particular apanhado no ano anterior grampeando o telefone do quarto de hotel do comediante Dan Rowan, em Las Vegas. O processo traria a público segredos de segurança nacional, disseram os homens da CIA, porque o tal detetive particular tinha sido contratado por um intermediário da CIA, Robert Maheu, como um favor ao chefe de Chicago,

Sam Giancana, que suspeitava que Rowan estivesse dormindo com sua namorada, a cantora Phyllis McGuire. Por que razão Maheu estava interessado em agradar Giancana? Porque, disseram os agentes da inteligência, a CIA havia recrutado Giancana para participar de um complô para assassinar Fidel Castro.

Foi nesse momento da reunião de meia hora que o olhar de Robert Kennedy gelou e ele apertou o maxilar, dando aos homens da CIA uma “nítida impressão de desagrado”. Como investigador do Senado e, então, como procurador-geral, Kennedy passara anos tentando chamar a atenção do país para os perigos de uma associação cada vez maior entre autoridades legítimas — sindicatos, corporações, instituições políticas — e o crime organizado. Agora a CIA, uma agência que ele e o irmão consideravam altamente suspeita, lhe comunicava que estava envolvida numa tentativa de assassinato, exatamente com os chefões da Máfia que ele tentava levar aos tribunais. Kennedy fitou os dois emissários da CIA, evidentemente constrangidos, com um olhar duro. “Espero que, se um dia vocês voltarem a fazer negócio com o crime organizado, com gângsteres”, ele disse, num tom carregado de sarcasmo, “mantenham o procurador-geral informado”.

Os homens da CIA garantiram a Kennedy que os complôs da Máfia tinham terminado. No entanto, ainda que talvez sem o conhecimento dos dois mensageiros da agência, as intrigas de morte estavam bem vivas. Na verdade, mais ou menos à mesma época em que Houston e Sheffield davam garantias a Kennedy, o homem da CIA em Cuba, William Harvey, tramava com um aliado de Giancana, Johnny Rosselli, o assassinato do líder cubano.

Nos anos seguintes, funcionários da CIA e políticos que faziam oposição aos Kennedy, insistiram em que a

indignação de Bobby fora uma encenação, pois ele tinha total conhecimento de que a Máfia estava envolvida na cruzada do governo contra Castro. Segundo a opinião de muitos, Kennedy censurara a CIA porque queria estar totalmente informado dos assuntos clandestinos da agência no futuro, e não porque quisesse ver encerrados os sinistros complôs contra Castro.

Mas Houston, que fora o portador de más notícias naquela tarde e que estava em melhor situação de interpretar a reação imediata do procurador-geral ao esquema da Máfia, testemunhou mais tarde que “ficou com a impressão, na época, de que [RFK] não tinha conhecimento” do pacto secreto da CIA. Em depoimento à Comissão Church, comissão do Senado constituída em 1975 para investigar o envolvimento da agência em complôs de assassinato e outros negócios escusos, Houston afirmou que “Kennedy estava indignado por ter sido colocado naquela situação” pela CIA, pois fora obrigado a abandonar um processo contra o crime organizado por causa das intrigas da inteligência.

O braço direito de RFK no Departamento de Justiça, John Seigenthaler, também acredita que a raiva de Kennedy naquela tarde tenha sido genuína: “Lembro que, quando descobriu a armação contra Castro, Bob ficou furioso”, lembra Seigenthaler, ganhador do Pulitzer de jornalismo pelo *Nashville Tennessean* e que trabalhou como assessor administrativo do procurador-geral até meados de 1962. “Quando os dois homens da CIA chegaram, levei-os ao gabinete de Bob. Fiquei com a impressão de que a loucura tinha cessado, e de que nada mais aconteceria no futuro sem a aprovação do governo. Eu diria que Bob estava furioso pra valer nessa reunião. Ele não estava fazendo uma encenação para mim. Ele não queria constranger o

governo... Vocês estão falando sobre algo que deixaria Bob furioso, e foi o que aconteceu quando ele descobriu. Não importa o que se possa pensar sobre ele, vocês não conhecem o homem se imaginam que ele faria isso. Isso violava seus princípios. Ter conhecimento de uma conspiração para assassinar Castro seria antiético, algo que contrariava suas crenças mais fundamentais. Não creio que exista alguma evidência disso, nem que vocês possam encontrá-la.”

A reunião de Robert Kennedy com os dois homens da CIA ainda está presente nos debates históricos sobre a administração Kennedy. Ele teria mesmo ficado chocado e enraivecido por causa dos negócios escusos da agência? Ou o jovem Kennedy seria a força motriz por trás do complô do governo contra Castro? Nas últimas quatro décadas, duas facções opostas se dedicaram a analisar a questão: os partidários de Kennedy de um lado e os defensores da CIA do outro. O que está em jogo é nada menos que a posição moral dos Kennedy perante a história, assim como a reputação da agência de inteligência americana.

Outra questão crucial paira sobre o debate: os Kennedy tinham total controle sobre seu aparato de inteligência? Sim, os agentes da CIA e seus defensores na mídia há muito insistem que os Kennedy não só controlavam a agência, mas estavam tão obcecados com a perseguição a Castro, o homem que havia humilhado os competitivos irmãos no episódio da Baía dos Porcos, que chegaram ao ponto de encorajar os agentes de inteligência a ultrapassar os limites em sua perseguição ao líder cubano. Mas os partidários dos Kennedy também têm insistido que os irmãos não eram esse tipo de homens, capazes de usar assassinos do submundo como agentes da política externa dos Estados Unidos.

O debate começou quando Robert Kennedy ainda era vivo e continuou muito tempo após a sua morte. Anos depois do assassinato do jovem Kennedy, em 1968, Seigenthaler compareceu a um jantar em Georgetown ao qual estava presente a habitual mistura de jornalistas, políticos e espões. Um dos convidados era Richard Helms, o burocrata que tinha emergido como homem forte da agência logo depois da queda de Dulles e Bissell, mesmo depois que JFK nomeou John McCone diretor da CIA. “Era evidente que McCone estava por fora. Helms era quem mandava na CIA”, concluiu Seigenthaler. “Qualquer coisa que McCone tenha descoberto, foi por acaso.”

Durante a festa, Helms — um homem cortês e calculista que, ao contrário de outros veteranos da CIA, nunca bebia mais do que um martíni — se insinuou no grupo de Seigenthaler. “Com seu jeito misterioso e egocêntrico, sem dizer nada diretamente, Helms levantou o assunto dos complôs contra Castro e acusou a administração Kennedy”, lembra Seigenthaler. “Ele foi muito cauteloso, pois sabia que eu era leal a Kennedy, mas foi astuto, dizendo coisas como: ‘Os complôs contra Castro? Vocês não se meteriam nessa’. Ele era sarcástico e dissimulado.”

Em 1975, Helms — a essa altura despachado para Teerã como embaixador dos Estados Unidos, mas ainda guardião dos segredos da CIA — tentou acusar diretamente o falecido Bob Kennedy. Na época, notícias dos abusos passados da CIA estavam vindo à tona no clima pós-Watergate. Uma manhã, Helms convidou o secretário de Estado, Henry Kissinger, para o café da manhã e deixou claro a quem atribuiria a culpa se os investigadores do governo chegassem perto demais dos segredos da agência: “Helms disse que todas essas histórias eram apenas a ponta do *iceberg*”, relatou Kissinger mais tarde ao presidente Ford

numa reunião de emergência no Salão Oval. “Se eles viessem à tona, correria sangue. Por exemplo, Robert Kennedy tramara pessoalmente o assassinato de Castro.” A ameaça de Helms, que seu amigo Kissinger estava ansioso para transmitir, pode ter ajudado a garantir que a investigação da CIA, que mais tarde foi aberta pela administração Ford sob a cautelosa presidência do vice-presidente Nelson Rockefeller, não penetrasse muito nas câmaras secretas da agência.

Os partidários de Kennedy, como Seigenthaler, tinham uma visão muito diferente da relação entre os irmãos e sua agência de inteligência. Não foram os Kennedy que encorajaram as ações assassinas da agência contra inimigos estrangeiros — foi a paixão descontrolada da CIA, eles afirmam, que a levou para o mau caminho. “Eu achava, e ainda acho, que a CIA sempre foi uma agência perigosa — fazia o trabalho sujo por conta própria”, diz Seigenthaler hoje, na típica fala arrastada do Tennessee. “O conceito de negação plausível, segundo o qual a CIA agiu com o consentimento tácito do presidente, deu a homens como Helms a desculpa para fazer o que bem quisessem. Minha impressão é de que a relação entre a CIA e a Casa Branca na administração Kennedy não era saudável. O governo estava numa posição muito vulnerável com alguém como McCone à frente da agência. E Bob partilhava desse sentimento — ele não tinha confiança de que John McCone tivesse a mais tênue ideia do que a CIA estava fazendo.”

“Fomos apanhados na realidade da Guerra Fria, e a agência, evidentemente, tinha um papel a desempenhar”, prossegue Seigenthaler. “Mas não acho que os Kennedy acreditassem poder confiar no que eles diziam... Estávamos tentando encontrar uma maneira de sair da Guerra Fria, mas a CIA com certeza não queria isso.”

A ligação entre Seigenthaler e Kennedy começou em 1957, quando ele tentou partilhar os resultados de sua reportagem investigativa sobre negociatas que envolviam sindicatos em Nashville com Bob, que à época ganhava notoriedade como membro da Comissão McClellan, uma comissão do Senado que tentava provar as incursões do crime organizado na política e na economia dos Estados Unidos. O cunhado de Bob, Sargent Shriver, arranhou um encontro entre os dois em Nova York, onde Seigenthaler presidia um seminário sobre jornalismo investigativo na Universidade de Colúmbia. O jornalista chegou dez minutos adiantado ao encontro, para ouvir do impetuoso Bobby — vestido com um sobretudo e pronto para ir embora — a acusação de estar atrasado e um insulto a sua origem sulista. “Por que vocês, sulistas, estão sempre atrasados?”, disse Kennedy, passando por Seigenthaler, não sem antes lhe dizer que entrasse em contato com seu assessor. Semanas depois, convocado ao gabinete de Bobby em Washington, o repórter foi outra vez esnobado por RFK, que dispensou sua ajuda. A essa altura, Seigenthaler já tinha uma opinião sobre Kennedy: “Um riquinho idiota!”.

Três semanas mais tarde, Seigenthaler começou a mudar de opinião. Uma tarde, enquanto trabalhava na redação do *Tennessean*, recebeu um inesperado telefonema de Kennedy. Pelos 45 minutos seguintes, Bob interrogou o repórter investigativo com perguntas detalhadas sobre a corrupção no Tennessee, deixando claro que tinha lido todas as matérias que Seigenthaler havia escrito sobre o assunto. Depois disse ao repórter que estava enviando dois investigadores a Nashville no dia seguinte e queria saber se o repórter poderia ajudá-los. Seigenthaler concordou.

“Desde então, fiquei cada vez mais impressionado com Bob Kennedy e percebi que o rapazinho arrogante era um

grande cara, e nossa relação se tornou muito cordial”, lembra Seigenthaler. “Quem poderia imaginar?”

Seigenthaler passara no teste de Kennedy. Agora podia se juntar ao grupo dos irmãos, que incluía jornalistas como Ed Guthman e Pierre Salinger, investigadores como Walt Sheridan e correligionários políticos como Kenny O’Donnell — homens cuja vida iria mudar para sempre, primeiro pelo entusiasmo reformista de Bobby e depois pela missão presidencial do irmão. Para Seigenthaler, a ligação com RFK se aprofundou ainda mais quando ele pediu ao jornalista que o ajudasse na elaboração de um relatório de sua campanha contra o crime, que em 1960 se tornou o *best-seller The Enemy Within* [O inimigo interno]. Seigenthaler mudou-se para Hickory Hill, a mansão de Robert, onde editava o texto à medida que Bob lhe passava as páginas manuscritas, e onde faziam longos passeios à tarde. Foi durante esses passeios que Seigenthaler veio a “conhecer Bob Kennedy melhor do que qualquer outra pessoa que conheci em toda a minha vida”, ele lembrou mais tarde. “Ele foi totalmente honesto comigo sobre tudo.”

À medida que Seigenthaler se aproximou mais de Kennedy, sua primeira impressão de um príncipezinho arrogante foi se dissipando. Os irmãos Kennedy poderiam ter escolhido a vida ociosa de “filhinhos de papai”, bronzendo-se ao sol em “alguma praia por aí”, mas preferiram dedicar a vida ao serviço público. Estavam dispostos a correr riscos para mudar os Estados Unidos. E Seigenthaler decidiu que se aliaria a eles, fazendo “tudo o que estivesse ao meu alcance para tornar Jack Kennedy presidente”. E, mais tarde, correria riscos para servir Bob Kennedy no Departamento de Justiça.

Em maio de 1961, durante a primeira crise de direitos civis da administração — provocada por violentos ataques ao

ônibus que levava ativistas que viajavam pelo Alabama —, Seigenthaler foi enviado pelo procurador-geral para monitorar a situação. O governador do Alabama, John Patterson, havia prometido a Seigenthaler que os ativistas seriam protegidos, mas, quando o ônibus que os transportava chegou a Montgomery, o comboio de carros de polícia que o acompanhava de repente desapareceu, e os ativistas foram deixados à mercê de uma multidão ameaçadora, que empunhava correntes e cabos de machado. O assessor de Kennedy, John Doar, relatou os alarmantes acontecimentos ao procurador-geral de uma cabine telefônica perto do terminal rodoviário de Montgomery, onde os ativistas estavam sitiados. “Os passageiros estão saindo”, disse a Bobby. Mas então sua voz adquiriu um tom alarmado: “Oh, estão ocorrendo socos e golpes. Um bando liderado por um homem com o rosto ensanguentado os está espancando. É terrível. Não há nenhum policial por aqui. As pessoas estão gritando: ‘Vamos pegá-los! Vamos pegá-los!’ É horrível.”

Seigenthaler não se conteve. Vendo uma garota ser atingida no rosto e golpeada na cabeça quando tentava fugir, ele foi em seu socorro. Ela o advertiu: “Vá embora, senhor. Senão o senhor vai ser morto. Esta luta não é sua”. Ele tentou empurrá-la para dentro do carro, mas foi atingido por trás. Diante dos agentes do FBI que assistiam a tudo, Seigenthaler caiu no chão, desacordado. Só foi despertar num hospital de Montgomery.

Kennedy ficou furioso quando soube o que tinha acontecido e se comoveu com a coragem do assessor. “Você fez o que era certo”, disse Kennedy a Seigenthaler pelo telefone do hospital. Ainda um pouco tonto, recuperando-se no leito do hospital, o assessor murmurou:

“Deixe-me lhe dar um conselho. Nunca concorra a governador do Alabama!”.

Foi Robert quem enfrentou as questões mais explosivas da administração do irmão, da luta pelos direitos civis a Cuba e ao crime organizado. Ele parecia estar sempre no meio do fogo cruzado, assim como o seu grupo no Departamento de Justiça. Mas, apesar de sua reputação de combativo, essa não era a vida que RFK tinha imaginado para si.

Quando o irmão, recém-eleito, lhe pediu para ser seu procurador-geral, por pressão do pai, que, além de muito astuto, tinha um forte sentimento de clã e queria, no mais alto posto da justiça, alguém em quem o presidente pudesse confiar cegamente, Bob a princípio resistiu. Estava cansado de “caçar bandidos”, disse ao irmão. Não queria passar o resto da vida fazendo isso. Estava pensando em voltar a Massachusetts e fazer alguma coisa lá, talvez se candidatar a governador ou ser presidente de uma universidade. Numa fria manhã depois da eleição de Jack, Bob levou Seigenthaler com ele à casa do irmão em Georgetown, onde o informaria de sua decisão durante o café da manhã de ovos com *bacon*. Mas, no final, ele patrioticamente aceitou o cargo. “Preciso de você no governo”, disse-lhe o irmão. E Seigenthaler sabia que assim seria. O destino de Bobby estava determinado. Ele acabaria fazendo exatamente o que queria evitar: caçar bandidos pelo resto da vida.

Ninguém da geração de Robert Kennedy conheceu melhor o lado escuro do poder americano do que ele. Como observou Arthur Schlesinger, Robert sabia bem como o país era governado — “as correntes subterrâneas por onde fluía misteriosamente grande parte do poder americano: o FBI, a CIA, os sindicatos desonestos e o crime organizado”. Tinha

aprendido a lição com o pai, que tentara controlar essas correntes em benefício da família Kennedy. Tinha aprendido como investigador do Senado dedicado a combater o crime. Tinha aprendido como o diretor durão e inflexível da campanha do irmão. E aprenderia, sobretudo, como procurador-geral, quando suas cruzadas provocariam a fúria desses poderes subterrâneos contra o governo Kennedy.

O mais jovem dos Kennedy lançou-se nessas perigosas batalhas com uma mistura de bravura, arrogância, idealismo e fatalismo irlandês. “Você não terá nenhuma dificuldade em descobrir quem são meus inimigos”, disse ele a um repórter da *Life* em janeiro de 1962 com um sorriso de satisfação. “Estão todos aí pela cidade.” Essa bravata de Bobby lembrava sua infância, quando ele se obrigava a enfrentar aquilo que mais temia. Como estivesse demorando a aprender a nadar, ele se atirou de um veleiro no mar de Nantucket Sound, decidido a afundar ou, enfim, nadar. “Foi uma prova”, observou Jack perplexo, “de muita coragem ou de nenhum juízo”.

Quando RFK se tornou procurador-geral, aos 35 anos, ainda era, de certa forma, uma obra aberta. Antes que o presidente eleito o levasse para fora da mansão de Georgetown, diante de toda a imprensa reunida na N Street, para ungi-lo como seu escolhido, teve que dizer ao irmão que subisse para pentear o cabelo. Diante da bateria de câmeras e ao lado do confiante irmão mais velho, Bob parecia um estudante encabulado ganhando um prêmio que não merecia.

Comparado ao controlado irmão mais velho, ele parecia um caldeirão de paixões juvenis. Os que os conheciam bem, como Charles Bartlett, não viam a sutileza de Jack em Bob. As primeiras impressões de Ted Sorensen sobre o mais jovem dos Kennedy não tinham nada de simpáticas:

“agressivo, intolerante, dogmático, um tanto superficial em suas convicções... mais parecido com o pai do que com o irmão”.

Aos treze anos, Bob tinha resumido sua personalidade numa composição escolar que chamou de “Um retrato de mim mesmo”: “Tenho um ótimo caráter, mas meu temperamento não é tão bom”. A descrição se revelou bastante acurada depois que Bob se tornou o segundo homem mais poderoso de Washington. Até seus colegas democratas o chamavam de “Raúl”, comparando-o com o irmão mais novo de Castro responsável pelo cumprimento das ordens de Fidel. Adlai Stevenson o intitulou “príncipe negro”.

“A grande diferença entre Bob e John F. Kennedy naqueles dias era que, para Bob, tudo era branco ou preto”, declarou Pierre Salinger, lembrando os primeiros anos da saga política dos irmãos. “Mas John tinha a facilidade de perceber que nem tudo na vida era branco ou preto, e que havia várias zonas cinzentas.”

Anos depois, refletindo sobre eles em sua sala no *Washington Post*, Ben Bradlee, já aposentado, disse: “Acredito que havia menos assuntos ocultos em Jack. Não havia tumulto interior em Jack. Já Bob sempre foi um cruzado, lutando contra aqueles que magoavam as pessoas que ele amava”. O procurador-geral deu um sentido messiânico à administração do irmão. Acreditando que os homens perdem a vitalidade na meia-idade, RFK procurou cercar-se no Departamento de Justiça de assessores tão jovens e dedicados quanto ele. Ed Guthman lembra uma reunião no amplo gabinete do procurador-geral numa tarde no fim de 1961. Kennedy estava sentado em sua mesa numa pose típica dele: sem paletó, com as mangas da camisa dobradas e as pernas cruzadas numa postura

indiana. O sóbrio gabinete havia sido transformado num salão colorido, com rabiscos impressionistas dos filhos nas paredes, um agulhão-bandeira envernizado sobre o console da lareira, ao lado da qual se via um tigre empalhado. A coleção se completava com o negro e lento labrador de mais de cinquenta quilos chamado Brumus, um animal “de inteligência razoável e imenso amor pela humanidade”, nas palavras do jornalista da revista *Look*, Fletcher Knebel, que acrescentou que ele “babava em cima de todo mundo, inclusive do dono, que não raro tinha que limpar os caros ternos feitos sob medida em Nova York depois das alegres salivagens de Brumus”. Observando a equipe de Robert reunida naquela tarde, Guthman constatou que, com 42 anos, ele era a pessoa mais velha na sala.

A jovem equipe de Kennedy correspondia a seu espírito combativo, seu estilo administrativo franco e caloroso e suas emoções transparentes. Aos olhos da maioria da equipe, a paixão de Bobby fazia dele o homem de temperamento certo para o papel de procurador-geral justiceiro.

Mas uma pergunta ainda paira sobre o legado dos Kennedy: esse fervor por justiça de RFK o teria levado, assim como o governo do irmão, a extremos em sua campanha contra o regime de Castro? Depois do fiasco da Baía dos Porcos, o arguto e carismático ditador sem dúvida se tornou uma obsessão dos irmãos Kennedy, particularmente de Bobby, que recebeu a missão de resolver o problema de Cuba. “O camarada barbudo”, como ele se referia sarcasticamente ao presidente cubano, veio juntar-se à sua lista de perseguidos, ao lado de outros “tiranos”, como Jimmy Hoffa. O procurador-geral impôs à cruzada contra Castro uma intensidade que não se via no presidente, uma paixão que parecia ter origem no visceral

anticomunismo e catolicismo do irmão mais novo. Segundo revisionistas anti-Kennedy, como o jornalista Seymour Hersh, a missão de Bob estava clara: “assassinar Castro e derrubar seu governo”.

Mas não havia prova irrefutável disso. Embora Bob tivesse de fato pressionado os homens da CIA a derrubar o governo cubano, o assassinato não estava entre as medidas que recomendara à agência. Na verdade, a visão que os Kennedy tinham do regime de Castro foi se tornando menos radical à medida que o tempo passava. A administração adotaria uma estratégia contraditória em relação ao regime castrista, oferecendo não só golpes, mas também recompensas à medida que os irmãos Kennedy tentavam sair do clima de crise que caracterizou os dois primeiros anos de governo. Dick Goodwin conta o que aconteceu num dia de novembro de 1961 em que levou Ted Szulc, que estava sendo considerado para um cargo na administração, ao Salão Oval para se encontrar com o presidente Kennedy. O presidente surpreendeu o repórter do *New York Times* ao lhe perguntar: “O que você pensaria se soubesse que ordenei o assassinato de Castro?”. O jornalista lhe disse que não acreditava que os Estados Unidos estivessem envolvidos numa coisa como essa. “Concordo totalmente com você”, disse o presidente. Então revelou que sofria forte pressão de dentro do governo para dar esse passo extremo, e que estava “contente” que Szulc pensasse como ele, porque acreditava que, por “razões morais”, os Estados Unidos jamais deveriam recorrer a essa atitude criminosa.

Quanto à reação furiosa de Bob aos mensageiros da CIA que o informaram dos esquemas da Máfia, os críticos dos Kennedy afirmam que JFK encenou esse diálogo com Szulc para ter uma cobertura, caso os complôs de assassinato fossem revelados. Mas Goodwin não acredita nessa

hipótese. “Se Kennedy estivesse de fato envolvido numa armação para matar Castro, dificilmente teria dito isso a um repórter do *New York Times* que, no dia em que Castro fosse morto, teria nas mãos a história mais sensacional do mundo! Não podia entrar na sua cabeça nem descobrir seus motivos, mas não acredito que alguém que conhecia tão bem a mídia como Kennedy faria uma coisa dessas.”

Dias depois, quando Goodwin levantou o assunto da conversa entre Kennedy e Szulc, o presidente reiterou sua opinião: “Não podemos entrar nesse tipo de coisa ou seremos todos alvos”.

Anos depois, em 1984, Szulc contou esse notável encontro com Kennedy ao próprio Castro. O líder cubano o ouviu com grande interesse e disse ao jornalista que isso confirmava que Kennedy não tivera nada que ver com os atentados da CIA contra sua vida. E revelou ainda que estava convencido de que, se Kennedy tivesse sobrevivido, eles acabariam resolvendo suas diferenças.

Mais recentemente, a viúva de Robert, Ethel, levantou o assunto dos complôs de assassinato contra Castro durante uma visita ao líder cubano em Havana. Ela esperou que o tradutor saísse da sala antes de tocar no assunto. Fidel fingiu não ser fluente em inglês, mas na verdade fala muito bem a língua. Quando estavam sozinhos, Ethel se dirigiu a Fidel sem intermediários: “Quero que saiba de uma coisa”, disse, olhando para aquela figura alta e grisalha cuja história estava tão entrelaçada com a de sua família. “Jack e Bobby não tiveram nada a ver com os complôs para assassiná-lo”, ela disse. Castro encarou-a nos olhos e disse: “Eu sei”.

Mas se o presidente Kennedy pensou que tinha encerrado a intriga do assassinato de Castro, não tinha a mesma certeza em relação à CIA. “Com a CIA nunca se podia ter

certeza”, observou Goodwin. “Eles agiam por conta própria.”

Goodwin se lembra da ira de Kennedy quando o informou que a CIA tinha oferecido secretamente rifles a assassinos que tramavam a morte do ditador da República Dominicana, Rafael Trujillo. “Diga a eles que nada mais de armas”, exclamou Kennedy. “Os Estados Unidos não vão se envolver em nenhum assassinato. Gostaria de me livrar de Trujillo, mas não desse jeito.” Mas foi esse o fim de Trujillo, quando seu carro foi atingido por tiros num trecho deserto de uma rodovia, no dia 30 de maio de 1961.

A desobediência da CIA à liderança de Kennedy era mais evidente quando se tratava de Cuba. A agência se sentia acossada por posições contraditórias dos irmãos: por um lado, era instigada a apresentar resultados na campanha secreta de sabotagem à ilha; por outro, era censurada quando suas ações tinham resultados políticos adversos. Os linhas-duras da agência e de outras partes do governo se queixavam do que consideravam uma política de duas caras de Kennedy.

Enquanto Robert lutava para resolver o problema de Cuba, também se esforçava para controlar a CIA, a agência que o irmão tinha prometido destruir, mas que a cada dia se tornava mais poderosa em sua guerra secreta e fartamente financiada contra Castro. A agência de inteligência, que ainda se ressentia com a maneira como o presidente lidara com o episódio da Baía dos Porcos, se mostrava profundamente indignada com a intrusão do mais novo dos irmãos na questão cubana e se irritava com sua atuação, que os espiões consideravam teatral e muito pouco eficiente. Ao mesmo tempo, o incansável RFK atormentava os agentes da CIA para empreender mais ações contra o regime cubano e, desafiando sua autoridade, ele e o irmão

estavam impondo estritos limites aos atos da agência. Não era uma situação confortável. A relação entre o mais jovem dos Kennedy e os czares da inteligência estava cada vez mais envenenada. Nos últimos dias do reinado Kennedy, a guerra entre os irmãos e seu regime de segurança nacional era mais acirrada do que contra o regime de Havana.

Na tentativa de tomar as rédeas de seu governo, os Kennedy muitas vezes recorriam a uma figura independente que operava fora dos canais burocráticos. Quando Dick Goodman foi obrigado a deixar o posto de comando em Cuba no fim de 1961, eles escolheram para substituí-lo o lendário especialista em contrarrevolução, Edward Lansdale. Em novembro de 1961, os Kennedy concluíram que sua estratégia em relação a Havana não estava funcionando. Castro parecia estar se firmando como um ditador comunista controlado pelos soviéticos, com ambições revolucionárias sobre o restante da América Latina, e crescia a pressão política para que algo fosse feito contra o seu regime. Nesse mês o presidente lançou uma nova operação secreta, de codinome “Mongoose”, cujo objetivo era derrubar o regime cubano de dentro, instigando uma revolução cubana. “Minha ideia é agitar a ilha com espionagem, sabotagem e desordens de todo o tipo, operadas pelos próprios cubanos, com todos os grupos, exceto os partidários de Batista e os comunistas”, diziam as anotações de Robert Kennedy na reunião realizada na Casa Branca no dia 3 de novembro, quando o presidente autorizou a Operação Mongoose. “Não se sabe se conseguiremos depor Castro, mas, a meu ver, não temos nada a perder.”

Os Kennedy estavam convencidos de que o entusiasmado Lansdale era o homem ideal para chefiar as operações da

Mongoose, e ele devia se reportar diretamente a Robert. Um sujeito elegante com um bigode à la Errol Flynn, ele se tornara uma celebridade da Guerra Fria nos anos 1950, quando, quase sozinho, ajudou o líder filipino Ramón Magsaysay a derrotar uma rebelião de esquerda e mais tarde, criar e apoiar o regime de Ngo Dinh Diem no Vietnã do Sul. A ousada estratégia contrarrevolucionária de Lansdale, inspirada em sua experiência como homem de propaganda na Califórnia, visava conquistar corações e mentes das populações do Terceiro Mundo. Apesar da negação de Graham Greene, comenta-se que Lansdale inspirou o personagem Alden Pyle, o ingênuo bem-intencionado de *O americano tranquilo*, de 1955, um romance premonitório da malfadada incursão americana no Vietnã. Mas Lansdale aceitou com orgulho que seu retrato ficcional era Edwin Hillandale, o oficial militar que protagoniza *O americano feio*, escrito por dois conhecidos seus, William Lederer e Eugene Burdick. Embora mais tarde o termo tenha se tornado sinônimo do americano ignorante e culturalmente insensível no exterior, o protagonista de *O americano feio* era na verdade simpático. Como Lansdale, que se aventurava nas aldeias no meio da selva para divertir os nativos com sua gaita, Hillandale estava disposto a sujar as mãos no esforço contrarrevolucionário, ao contrário dos “belos americanos” baseados no exterior, que nunca abandonavam o conforto de suas suítes nas embaixadas americanas e se mantinham ignorantes dos costumes e condições de vida locais.

O livro se harmoniza com a filosofia da política externa de Kennedy, cujos temas ele incorporou à sua campanha presidencial em 1960. Lansdale mais tarde impressionou Kennedy e o levou a vê-lo como a figura ideal para enfrentar

Castro, usando as mesmas táticas de guerrilha do revolucionário para tentar derrubá-lo.

Há um aspecto romântico na lenda de Lansdale que atraiu os Kennedy. Ele era corajoso, temerário e indiferente aos protocolos burocráticos. Embora tivesse se alistado no Exército Americano durante a Segunda Guerra Mundial, mais tarde fora designado para o OSS<sup>1</sup> e passou toda a sua carreira no serviço público, flutuando entre o serviço de inteligência e o serviço militar, onde tinha alcançado o posto de brigadeiro-general do Exército. Isso deu a Lansdale a reputação de ser independente tanto da CIA quanto do Pentágono, que por sua vez não confiava plenamente no militar. Os Kennedy perceberam que, dirigida por Lansdale, a Operação Mongoose tinha potencial para ignorar a hierarquia da CIA e do Estado-Maior Conjunto,<sup>2</sup> um objetivo óbvio dos Kennedy em relação a Cuba. Lansdale aproveitou a falta de confiança de RFK na elite da CIA em um memorando que enviou ao procurador-geral depois que a Operação Mongoose foi lançada, sugerindo que passassem por cima de “Dick Bissell” e da “guarda palaciana da CIA” e trabalhassem com um oficial do segundo escalão da agência, Jim Critchfield, como agente de ligação com ela, um homem que Lansdale julgava confiável.

O autônomo procurador-geral e seu igualmente independente homem de frente em Cuba pareciam pretender arrancar a ilha da esfera da burocracia nacional de segurança e criar uma equipe própria para enfrentar o problema. Em um memorando de 7 de dezembro de 1961, Lansdale se queixava de que os ataques-surpresa da CIA a Cuba — que com frequência utilizavam eLivross que não satisfaziam os estritos critérios de Robert Kennedy, tendo entre eles homens ligados a Batista e os gângsteres que o

apoiavam — estavam em descompasso com a filosofia da Operação Mongoose, que determinava que expedições de sabotagem só fossem realizadas quando ajudassem a construir um movimento popular contra Castro dentro de Cuba.

Lansdale invocou os ideais democráticos da Revolução Americana para justificar a operação contra Castro. “Os americanos já fizeram uma revolução bem-sucedida”, escreveu Lansdale em um relatório do programa da Operação Mongoose datado de 20 de fevereiro de 1962. “Ela foi realizada de dentro para fora e teve sucesso porque contou com ajuda política, econômica e militar das nações que apoiavam nossa causa. Usando esse mesmo conceito de revolução feita de dentro para fora, agora devemos ajudar o povo cubano a derrotar a tirania e ganhar sua liberdade.”

Mas, subjacente a esse novo marketing democrático, as missões de Lansdale no exterior se encaixavam perfeitamente no modelo imperialista. Nas Filipinas, ele conseguiu fazer de Magsaysay um pelego corrupto, espalhando uma mala cheia de dinheiro vivo da CIA para garantir sua vitória nas eleições presidenciais de 1953 e atacando-o quando o candidato tentou distribuir um discurso escrito por um filipino em vez do discurso de um de seus manipuladores americanos. O bruxo da contrarrevolução se deliciava em contar como aterrorizara os rebeldes comunistas e os obrigara a fugir de uma parte da selva filipina fazendo os supersticiosos guerrilheiros acreditarem que a região estava infestada de vampiros: “Quando os *huks* vieram... o último homem [de sua patrulha] foi silenciosamente agarrado pela patrulha [do governo]. Quando os *huks* se afastaram, o homem capturado foi morto, recebeu dois furos na garganta e foi

arrastado pelos calcanhares até perder todo o sangue. O corpo foi devolvido à trilha. Ao retornar, os *huks* encontraram o cadáver. A prova da existência de vampiros era convincente. Os *huks* deserdaram da parte da selva que estava em seu poder antes do anoitecer.”

A artimanha grotesca de Lansdale mais tarde ficou conhecida nas Filipinas. Em 1986, um jornalista escreveu que a lenda “faz os filipinos vomitarem. Lansdale jamais ousaria profanar o corpo de um branco americano [...] ao contrário dos filipinos, que são considerados esterco, uma raça inferior cujos corpos podem ser profanados, ter todo o sangue drenado e abandonados para apodrecer na selva.”

Lansdale nunca tentou algo tão horrível em Cuba. Mas seu saco de ataques-surpresa, truques de propaganda e armadilhas da guerra psicológica — inclusive um plano para encenar a segunda vinda de Cristo ao fazer um submarino norte-americano ao largo da costa de Cuba lançar explosivos luminosos no céu, incitando os católicos da ilha a se rebelar e derrubar Castro — fracassou ridiculamente, sem pôr em risco o regime de Havana. Uma coisa era afugentar rebeldes primitivos da selva filipina; outra muito diferente era depor um homem brilhante e carismático como Fidel Castro, cujo poder se tornava cada vez mais popular graças a reformas sociais e a sua sofisticada máquina repressiva.

Os homens da CIA odiavam Lansdale, a quem consideravam “vigarista” e “místico”, temendo que ele pudesse deixá-los de fora do caso de Cuba, que estava se transformando na maior e mais fartamente financiada frente de batalha da Guerra Fria. Eles conspiravam para encontrar maneiras de derrotá-lo e ansiavam por apontar a notável falta de resultados da Operação Mongoose.

Bob Kennedy foi obrigado a reconhecer os insucessos dessa operação, mas levou adiante o programa por quase todo o ano de 1962, até que a Crise dos Mísseis, em outubro, tornou o fracasso evidente. A operação serviu aos propósitos dos Kennedy naquele momento. Enquanto os democratas caminhavam para as eleições parlamentares de novembro, os irmãos se viam sob forte pressão para evitar que Cuba se tornasse uma questão explosiva. Naquele ano, as publicações de Luce, principais defensoras na mídia do machismo da Guerra Fria, mantiveram um constante ataque a Castro, a começar pela edição de 19 de janeiro da revista *Life*, cujo editorial advertia JFK da necessidade de empreender uma ação unilateral contra o “praça de armas [do] imperialismo comunista” se nossos aliados latinos se revelassem tímidos demais para agir. Enquanto isso, Barry Goldwater anunciava “a política de impassibilidade em relação a Cuba” e eLivross cubanos alarmados acusavam o presidente Kennedy de estar tentando secretamente uma coexistência com Castro. Como seu guardião político, Bobby percebeu que a Mongoose pelo menos dera certa desculpa ao presidente. Dava a impressão de que o governo não estava ignorando Castro, como Goodwin tinha aconselhado, mas assumindo a ofensiva.

Os Kennedy tinham consciência de que os apelos a uma invasão militar de Cuba se tornariam mais fortes à medida que as eleições de novembro se aproximassem. Enquanto o almirante Burke se preparava para deixar a Marinha no outono de 1961, facilitado pela administração que tinha ofendido, JFK o convocou ao Salão Oval para interrogá-lo sobre Cuba. O presidente com certeza percebeu que Burke logo se tornaria um espinho político em seu flanco e queria ouvir qual seria seu plano de ataque à ilha. “Ele me perguntou se eu achava que devíamos invadir Cuba”,

lembrou Burke mais tarde. “Eu disse que sim. Ele perguntou se podíamos vencer Cuba facilmente. Eu disse que sim, mas que isso estava ficando cada vez mais difícil. Ele perguntou o que eu achava que aconteceria se atacássemos. Eu disse que seria uma confusão dos infernos, mas que algum dia teríamos que fazer isso.” No ano seguinte, Goldwater declarou que “alguma coisa precisava ser feita sobre Cuba... se fosse necessário usar nossa força militar, eu não hesitaria em usá-la”.

O presidente Kennedy não tinha a menor intenção de invadir Cuba. Mas ele e o irmão sabiam que não fazer nada naquele clima agitado da época seria um suicídio político. Portanto, julgaram a opção intermediária, a Operação Mongoose, a mais segura. Escolher um homem da propaganda como Lansdale para dirigi-la fazia sentido. A operação visava antes de tudo uma exibição, queixou-se o homem de frente da CIA em Cuba, Bill Harvey. Como os homens mais espertos da CIA sem dúvida perceberam, essa era a questão. O *show* cubano de Lansdale tinha a intenção de deslumbrar o povo americano. Isso lhe daria a certeza de que algo estava sendo feito. As pesquisas de opinião mostravam que o público — estimulado por uma mídia cuja beligerância rivalizava com a das publicações Hearst na época do “Lembrem-se do *Maine!*”<sup>3</sup> — de fato desejava que algo fosse feito. Mas, felizmente para os Kennedy, os americanos logo pararam de querer a guerra. Assim, eles mantiveram o Pentágono e a CIA sob controle, ao mesmo tempo que acalmavam a vaga ansiedade do povo sobre Cuba, molestando sem sucesso o regime de Castro.

Os homens da CIA e do Pentágono não eram tolos e não se deram por vencidos. Sabiam que a Operação Mongoose não tinha chance de sucesso e que uma invasão militar era a

única maneira de eliminar o “humilhante” posto avançado do comunismo no Caribe, como dizia Goldwater. Pelo resto do governo Kennedy, os chefes militares e os funcionários da inteligência conspiraram para obrigar o presidente a dar um passo drástico, como aconteceu no fracasso da Baía dos Porcos. Sua raiva e sua frustração cresciam à medida que os Kennedy continuavam rechaçando sua pressão beligerante.

Em 18 de julho de 1962, o diretor da CIA, John McCone, jantou com Bobby, aproveitando a ocasião para recomendar uma ação contra Cuba. McCone já tinha advertido RFK de que “Cuba era nosso problema mais grave. Ainda acrescentei que, em minha opinião, Cuba era a chave para toda a América Latina; se Cuba tivesse sucesso, podíamos esperar a queda da maior parte da América Latina”. Durante o jantar, o diretor da CIA reiterou essas opiniões. Mas Kennedy não comprou o argumento de McCone. Bobby sabia que a tentativa da Operação Mongoose fora “decepcionante”, mas não estava convencido de que os Estados Unidos deviam lançar todo o seu poderio militar contra Havana. “Ele recomendou uma intensificação dos esforços, mas parecia inclinado a deixar que a situação ‘piorasse’ antes de ordenar uma ação drástica”, escreveu o decepcionado McCone mais tarde sobre o jantar.

Na guerra ideológica para definir a ação do governo Kennedy, que irrompeu logo depois que o presidente foi enterrado em Arlington e que continua até hoje, os homens da segurança nacional insistiram que os irmãos Kennedy tinham “perdido o controle” sobre Cuba, pressionando-os a tomar medidas absurdas contra Castro, como a loucura da Mongoose. Essa se tornou a versão mais comum da política dos Kennedy em relação a Cuba em inúmeros livros, programas de tevê e documentários: foi uma política intempestiva, obsessiva, traiçoeira e até mesmo criminosa.

Mas essa não é uma imagem precisa da política de Kennedy. O que na verdade aborrecia os homens da linha dura da segurança nacional não era a “perda de controle”, mas o fato de os Kennedy estarem “no controle”. Irritava-os a maneira como Bob Kennedy e assessores excêntricos como Lansdale investiam contra eles. E eles ficaram furiosos com as restrições impostas às suas ambições militares. Frustrados em sua campanha para declarar guerra a Cuba, os responsáveis pelo serviço de inteligência declararam guerra aos Kennedy, em especial ao insuportável irmão mais novo encarregado de supervisioná-los. E, sem comunicar o presidente ou o procurador-geral, deram outro passo desastroso. Renovaram o sinistro contrato com a Máfia para eliminar Fidel Castro.

Numa linda tarde de primavera, Cynthia Helms está sentada no solário de sua confortável casa num bairro arborizado de Washington, perto do Battery Kemble Park. Está cercada de fotos de seu falecido marido, Richard, que morreu dormindo em 2002, aos 89 anos. Há fotos emolduradas de Helms com todos os presidentes a quem ele serviu — com a notável exceção de Kennedy. Numa certa altura do governo, o homem da CIA percebeu que não tinha uma das “habituais” fotos autografadas de JFK e telefonou a Kenny O’Donnell na Casa Branca para solicitar uma. Mas, três dias depois, Kennedy foi assassinado.

Os cabelos de Cynthia Helms, que já foram de um vermelho impressionante, agora estão brancos. Ela veste uma roupa prática e discreta nessa tarde: uma blusa de algodão leve e calças cor de canela. É uma mulher inteligente, instruída, imperturbável. Numa mesinha lateral há um exemplar do romance *Sábado*, de Ian McEwan.

Durante a Segunda Guerra Mundial ela serviu sua Inglaterra natal no corpo feminino da Marinha Real Britânica. Depois, casou-se com um cirurgião escocês e foi “com ele diretamente para a Clínica Mayo, onde chorei durante meses”, quando percebeu que tinha cometido um erro. Teve quatro filhos, divorciou-se do marido e mudou-se para Washington, onde conheceu Helms em uma festa na embaixada do Líbano. Casou-se com ele em 1968. Ficou casada com Helms pelo resto da vida, durante toda a sua controversa carreira como diretor da CIA e, mais tarde, embaixador no Irã — uma tarefa nada fácil. “Quase escrevi um livro sobre as esposas da CIA”, ela diz. “Acho que elas passaram tempos realmente difíceis. Você vai para um país estrangeiro e seu marido fica a noite inteira fora, sem que você saiba onde ele está. E não pode perguntar. Houve muitos divórcios.”

Mas ela aprendeu a se adaptar aos hábitos do esposo. Sabia quando pressioná-lo e quando não, como nos dias em que ele chegava do escritório com o que ela chamava de “ar oriental, totalmente impenetrável”. Nessas noites, era melhor não fazer perguntas. O marido era “terrivelmente discreto”. E beber não afrouxava sua língua, como acontecia com muitos velhos companheiros da CIA que adoravam uma boa dose de gim. “Ele só tomava um martíni na sexta-feira à noite — um martíni”, ela diz. “Muito disciplinado.”

Mas Helms não escondeu da mulher seus verdadeiros sentimentos em relação a Robert Kennedy, embora o chefe de espionagem já não trabalhasse para ele quando os dois se conheceram, e embora Kennedy tenha morrido no ano em que eles se casaram. “Meu marido não era propriamente um admirador de Robert Kennedy”, diz Cynthia Helms com sua moderação britânica. “Ele o achava um obcecado por Cuba. Obcecado demais. Para as pessoas

do governo, foi muito difícil lidar com isso.” Helms também achava que RFK era um impostor, diz a viúva. No fim da vida, Kennedy foi muito admirado por ser um dos poucos políticos brancos numa América racialmente dividida a ultrapassar as linhas divisórias e dirigir-se a diferentes públicos. Mas Helms não acreditava nisso. “Ele realmente não sentia que Bobby fosse... como posso dizer? Ele achava que seu interesse pelos direitos civis era político.”

Tão forte era o rancor dos chefões da CIA, como Helms, contra Robert Kennedy, que sobreviveu à morte deles. A repulsa aos Kennedy, a Bobby em particular, seria canalizada pelos velhos associados de Helms, como o veterano da CIA Sam Halpern, cujos comentários depreciativos sobre Camelot foram amplamente citados nos livros de história e documentários até sua morte, em 2005.

Richard Helms assumiu a CIA em fevereiro de 1962, quando seu rival, Dick Bissell, finalmente foi exonerado depois do episódio da Baía dos Porcos e Helms o substituiu como chefe de operações secretas. Era o segundo cargo mais importante da agência, mas Helms — que tinha servido sob as ordens de Allen Dulles no OSS — tinha a mesma atitude dominadora de seu antigo chefe, e logo ofuscou o substituto de Dulles, John McCone, como verdadeiro centro de poder em Langley. Pelo resto da presidência de Kennedy, Helms foi a principal figura do serviço de inteligência com quem Robert Kennedy se relacionava. Enquanto Helms tratava McCone como um inofensivo testa de ferro — um típico dirigente de cabelos brancos e bem-vestido, “saído diretamente de um elenco de Hollywood” —, considerava Bobby seu verdadeiro rival na liderança da agência de espionagem.

Como a maioria dos escalões superiores da CIA, Helms era produto da riqueza e da alta posição social dos WASP. Neto

de um

proeminente banqueiro internacional e filho de um executivo da Alcoa, foi criado na Europa e educado ao lado do futuro xá do Irã na Le Rosey School, na Suíça. Depois de se formar no Williams College como “o mais apto para o sucesso”, casou-se com a herdeira da fortuna da Barbasol, mas essa primeira união terminou em divórcio. Ele tentou fazer carreira no jornalismo, cujo ponto alto foi uma entrevista com Hitler como jovem correspondente da United Press em Berlim. Mas, quando estourou a Segunda Guerra Mundial, foi recrutado para o mundo da inteligência. Alto, bem-vestido, os finos cabelos penteados para trás, Helms transpirava um ar extremamente confiante. Era presença constante nos salões e quadras de tênis de Georgetown, onde seduzia as companheiras de jantar. “Tendo sido correspondente estrangeiro, ele observa muito e é capaz de lembrar precisamente do que poucos maridos americanos notam: que vestido cada mulher usava para jantar e quem tinha a alça do vestido fora de lugar”, observou o *New York Times*.

Helms via no mais jovem dos Kennedy um sagaz inimigo político que precisava ser monitorado e controlado. Irritava-o o fato de o procurador-geral meter o nariz nos assuntos da agência e bombardeá-lo com ordens. Helms se ofendera quando Kennedy o obrigara a dirigir da Virgínia até Washington para comparecer às reuniões da Mongoose todas as manhãs às 9h30. “Devido ao tempo que perdia na viagem para chegar a Washington a essa hora”, ele mais tarde reclamou, “parecia existir uma intenção disciplinar nessa decisão.”

Helms descartou a tentativa de sabotagem da Mongoose, considerando-a “nada mais que ninharias” contra Castro, e se irritava com a “cobrança de resultados” de Kennedy. Mais

tarde, reclamou que, no reinado “implacável” de Bobby, ele era perseguido. “Você teria adorado a experiência de ter o descontrolado Kennedy no seu pé.” RFK só tinha “uma leve ideia do que estava envolvido numa operação secreta de inteligência”, concluiu Helms amargamente. O chefe da espionagem estava diante de um dilema: estava sendo inspecionado por um moleque insolente que tinha uma linha direta com o irmão mais velho na Casa Branca — e os dois pareciam determinados a destruir a agência de inteligência que ele se dedicava a proteger, deixando Castro em segurança no poder.

Robert tinha um despreço similar por Dick Helms. “Eu não confiava em Helms e acho que Bob também não”, disse John Seigenthaler. “Bob fazia comentários depreciativos sobre ele. Acho que os Kennedy se consideravam capazes de estimular e renovar todas as agências do governo. Talvez fosse uma utopia. Mas acho que Bob acreditava nisso. Ele estava sacudindo tudo. Mas ainda havia alguns lugares onde a burocracia era arraigada e impenetrável. Bob não acreditava que houvesse uma maneira de romper a crosta da CIA. Isso significava que eles não eram confiáveis.”

Dick Helms era um burocrata que sabia conter seu ressentimento amargo contra o bisbilhoteiro irmão do presidente. Mas o homem que ele colocou à frente das operações da agência em Cuba não tinha o mesmo talento para a dissimulação. Bill Harvey era um intragável e mal-humorado ex-agente do FBI, conhecido por se pavonear com um revólver enfiado na cintura. Quando assumiu a operação da CIA contra Cuba baseada em Miami, chamou-a, à sua maneira tipicamente arrogante, “Força-Tarefa W”, uma homenagem a William Walker, um mercenário do século XIX que tomou a Nicarágua, fez dela seu império particular e foi mais tarde executado por um pelotão de

fuzilamento hondurenho. De físico atarracado e olhos esbugalhados devido a um distúrbio da tiroide, além de beberrão, Harvey, apesar disso, tinha feito fama como chefe de espionagem ousado na Berlim do pós-guerra por ter cavado um túnel por baixo das linhas soviéticas para espreitar o inimigo. (O fato de os russos terem descoberto o túnel antes que algum revés significativo ocorresse não manchou a reputação de Harvey numa Washington que, no clima da Guerra Fria, estava ansiosa por heróis da espionagem.) Quando JFK, que era deslumbrado por James Bond, pediu para conhecer o agente da CIA que mais se aproximava do 007, Lansdale levou Harvey à Casa Branca. O perplexo presidente perguntou àquele agente cadeirudo, de pé torto e a caminho da calvície, se tinha tanta sorte com as mulheres quanto Bond.

Em particular, Harvey chamava os irmãos Kennedy de “bichas”, mas reservava um ódio especial a Bobby, a quem se referia sempre como “sacana”. Frequentemente censurado pelo procurador-geral por fazer muito “barulho” em seus ataques a Cuba, ele achava os Kennedy uns covardes que na verdade não queriam depor Castro. “Depois que Bill Harvey assumiu o controle, no início de 1962, só tivemos um pequeno sucesso [...] talvez tenhamos desativado um transformador”, lembra Sam Halpern, que foi assessor de Harvey na Força-Tarefa W. “Foi uma coisa insignificante, mas que provocou manchetes em Cuba e em Miami [...] O procurador-geral liga para Bill Harvey [...] Bill leva uma bronca por telefone. Harvey diz ao procurador-geral que as pessoas vão falar no assunto; que a notícia vai estar no rádio, na televisão. Assim é a vida. Não se podem esconder essas coisas.”

Com o tempo, Harvey foi ficando cada vez mais irritado pela intromissão de Kennedy, e não teve medo de mostrar

isso. RFK e Lansdale, que Harvey e seus assessores consideravam “malucos”, às vezes visitavam o quartel-general da Força-Tarefa W, instalado nos antigos alojamentos da Marinha no *campus* da Universidade de Miami. Harvey deixava claro que eles não eram bem-vindos. Durante uma dessas visitas à estação JM/WAVE, codinome do centro de operações secretas contra Castro, Kennedy retirou uma folha de papel do teletipo, mas Harvey imediatamente a arrancou de sua mão. “O senhor não tem o direito de ler isso”, ele rosnou em sua voz grave. Em outra ocasião, Kennedy, impaciente, queixou-se de que Harvey não estava infiltrando agentes suficientes em Cuba e se ofereceu para treinar mais homens em sua propriedade em Hickory Hill se necessário. “E o que o senhor lhes ensinaria?”, perguntou Harvey. “A cuidar de crianças?”

Nada do que os Kennedy tivessem feito, a não ser ordenar uma invasão militar da ilha, teria agradado a diretores da CIA como Helms e Harvey. Eles acreditavam, e tinham boas razões para isso, que essa seria a única maneira de derrotar o regime de Castro. Mas os Kennedy faziam pouco mais do que inúteis exercícios de tiro, como disse Halpern depreciativamente, e absurdos planos de golpe com a colaboração de líderes e Livross que não tinham a menor chance de depor Castro. Bobby tinha um fraco por esses corajosos, porém iludidos, Dom Quixotes, enviando funcionários da CIA com frequência para aconselhar-se com esses conspiradores. E gostava especialmente dos líderes e Livross que rejeitavam a ajuda da CIA e juravam recuperar seu país por conta própria.

Um desses homens era Ernesto Betancourt, antigo emissário do movimento revolucionário de Castro a Washington que, através de Charles Bartlett, jornalista amigo de JFK, tentara adverti-lo contra a malfadada missão

na Baía dos Porcos. Em 1962, Betancourt se envolveu com um dos muitos grupos de exilados cubanos que se acreditavam capazes de depor Castro antes do Natal, o ELC (Ejército Libertador de Cuba). No mês de setembro, ele se encontrou com Bobby Kennedy, instigando o procurador-geral com sua conversa de desencadear uma rebelião popular em Cuba no fim do mês. Além disso, esse feito extraordinário seria alcançado sem a CIA, uma agência que, como revelou a Bobby, “relegara os cubanos à condição de tolos, enquanto os americanos davam as ordens”. Betancourt pintou um quadro de uma Cuba em plena rebelião: os *slogans* do ELC pintados em todas as paredes da ilha, pontes e fábricas destruídas, a milícia de Castro sob fogo cruzado em todo o interior do país. Então as guerrilhas de Betancourt desembarcariam nas praias cubanas e se infiltrariam na ilha, para começar a coordenar o ataque final a Havana. E dessa vez teriam sucesso, livres da inepta liderança da CIA.

Kennedy imediatamente convocou Helms e lhe contou o plano de Betancourt. Pode-se imaginar o prazer com que o burocrata da CIA elogiou esse mais novo intento de Bobby de “agir fora da estrutura” da agência para depor Castro. Helms e Harvey logo se movimentaram para desmantelar o plano, despachando um agente chamado Charles Ford para avaliar a ideia genial de Betancourt e informar Kennedy de sua inutilidade. Ford disse a RFK que, “na franca opinião da CIA, havia uma mínima probabilidade de 15 mil pessoas estarem prontas para empreender uma rebelião minimamente bem-sucedida; que a CIA não acreditava que tal rebelião iria ocorrer e que, se esse improvável acontecimento chegasse a ocorrer, seria brutal e totalmente reprimido”. Era uma avaliação dura, mas precisa, e Kennedy foi obrigado a aceitar a lógica da agência. Nesse ínterim,

Ford comunicou seus superiores na CIA de que um dos homens do ELC que cercavam Betancourt ligara-se a um espião de Castro que fora enviado aos Estados Unidos para infiltrar-se no grupo e matar seus chefes. Isso confirmava a opinião de Harvey e de Helms de que Kennedy não passava de um espião amador, cujas trapalhadas só desviavam os profissionais do trabalho verdadeiro.

Apesar do entusiasmo dos diretores da CIA por um ataque militar a Cuba, os próprios analistas da agência não viam com bons olhos a perspectiva de uma invasão. Em 10 de abril de 1962, em memorando ao diretor McCone, Sherman Kent, presidente da Board of National Estimates [Comissão de Estimativas Nacionais] da CIA, traçou um quadro preocupante do que poderia acontecer se as tropas norte-americanas atacassem a ilha. Mais de quatro décadas depois, o memorando de Kent ainda tem uma surpreendente força reveladora.

A boa notícia, escreveu Kent a McCone, é que a resistência inicial das forças de Castro se dissolveria dias depois da invasão. A euforia reinaria quando Washington promettesse devolver o controle da nação logo que possível a um governo representativo do povo cubano. Mas depois a situação se deterioraria rapidamente, previu Kent. “Números substanciais” das forças castristas sobreviveriam ao ataque inicial dos Estados Unidos e a “resistência das guerrilhas continuaria” no interior do país. Grande parte da população cubana apoiaria essa resistência contra o que considerariam uma tentativa norte-americana de “voltar a impor sobre o povo cubano o jugo do ‘imperialismo ianque’”. O estabelecimento de um governo pró-Estados Unidos seria “muito prejudicado pela persistência da resistência terrorista clandestina nas cidades” e pelas guerrilhas no interior. “A pacificação do país, na medida

necessária para permitir o desenvolvimento de um regime [...] confiável, poderia ser muito retardada”, observou Kent. Assim sendo, as forças militares dos Estados Unidos seriam obrigadas a uma ação “prolongada” como forças de ocupação, que se tornariam um alvo fácil para a violência terrorista. Isso levaria os soldados americanos a tomar “medidas arbitrárias contra a população em geral”, aprofundando o ressentimento contra a ocupação norte-americana e fomentando mais ainda a violência. Nessas circunstâncias, o prestígio internacional dos Estados Unidos seria abalado em consequência dessa ação militar unilateral, isolando o país de seus aliados na OTAN e na América Latina e aumentando a desconfiança do resto do mundo.

Era um cenário de pesadelo, que se realizaria mais do que uma vez na história recente da nação. Era precisamente este o atoleiro que o presidente Kennedy temia e que o enfrentaria se ouvisse os conselhos de seus diretores de segurança nacional, primeiro em Cuba e mais tarde no Vietnã.

Mas nem montes de documentos sobre a Guerra Fria, como o memorando de Kent, conseguiriam aplacar o fervor belicista contra Cuba no Pentágono e no quartel-general da CIA. O Estado-Maior Conjunto continuou mantendo planos para a eventualidade de uma invasão a Cuba, dos quais nenhum tinha o mesmo final desastroso como o do cenário traçado por Kent. Um dos mais insidiosos documentos já produzidos pelo governo dos Estados Unidos foi despachado pelo general Lemnitzer, presidente do Estado-Maior, a Robert McNamara em 13 de março de 1962. O memorando ultrassecreto, assinado pelos mais altos comandantes militares do país, aconselhava enfaticamente o governo a encenar vários incidentes chocantes para criar um

argumento favorável à invasão de Cuba. Entre esses incidentes eram sugeridos falsos ataques à base militar americana em Guantánamo e a países da América Latina como República Dominicana, Haiti, Guatemala e Nicarágua, que seriam atribuídos a Castro; bombardeios simulados a aeronaves civis e militares dos Estados Unidos (falsas “listas de vítimas publicadas nos jornais americanos causariam uma providencial onda de indignação nacional”, dizia o memorando); explosão de um navio americano na baía de Guantánamo atribuída a Cuba, um incidente que o memorando comparava à misteriosa explosão do encouraçado *Maine* no porto de Havana em 1898, que deflagrou a Guerra Hispano-Americana.

Mas a sugestão mais cruel era a de montar uma campanha terrorista em Miami e outras cidades da Flórida, “e até em Washington”, para criar uma revolta internacional contra o regime castrista. Essa violenta campanha seria dirigida contra os refugiados cubanos na América, dizia o assustador memorando. “Poderíamos fomentar tentativas contra a vida de refugiados cubanos nos Estados Unidos, a ponto de causar ferimentos, ocorrências que seriam amplamente divulgadas. A explosão de algumas bombas de explosivo plástico em pontos bem escolhidos, a prisão de agentes cubanos e a liberação de documentos antecipadamente preparados que substanciassem o envolvimento de Cuba também seriam úteis para projetar a ideia de um governo irresponsável.” Os chefes militares não esclareciam como suas bombas se limitariam apenas a ferir, sem matar, suas vítimas inocentes, e como podiam garantir que as únicas baixas seriam de inocentes refugiados cubanos, e não de americanos que estivessem próximos. Mas as forças militares dos Estados Unidos há muito se mostravam excessivamente confiantes de sua precisão.

Não há registro da resposta de McNamara a essa proposta cínica de seus comandantes militares quando Lemnitzer o encontrou naquela tarde de terça-feira. Mas o plano sinistro, que recebeu o nome de Operação Northwoods, não foi aprovado. Quando lhe perguntei sobre Northwoods, McNamara disse: “Não tenho absolutamente nenhuma lembrança dessa proposta. Mas com certeza eu a teria rejeitado. [...] Não posso acreditar que alguém tenha proposto tais atos de provocação em Miami. Que estupidez!”.

Como o presidente, McNamara lembrou-se de Lemnitzer com um desprezo indisfarçado. “A arrogância de McNamara era impressionante”, disse um assessor de Lemnitzer. “Ele deu ao general Lemnitzer muito pouca consideração e o tratou como um colegial. O general quase ficava em posição de sentido quando ele entrava na sala. Só se ouvia ‘sim, senhor’, ‘não, senhor’.”

Lemnitzer também desagradava Jackie Kennedy. “Todos nós tínhamos uma boa impressão dele até que ele cometeu o erro de vir à Casa Branca em uma manhã de sábado vestindo uma jaqueta esporte”, ela comentou com certo desdém, enfatizando que não só a política, mas principalmente as diferenças de classe e cultura separavam a Casa Branca de Kennedy dos militares.

Lemnitzer, um ideólogo de extrema direita que aprovava a doutrinação paranoica das tropas do Exército por parte do general Edwin Walker, o que levantou suspeitas da Comissão de Relações Internacionais do senador William Fulbright, também desprezava o grupo dos Kennedy. Para ele, o governo “estava enfraquecido não só pela inexperiência, mas também pela arrogância de não reconhecer suas próprias limitações. [...] O problema era

simplesmente que os civis não aceitavam as decisões militares”.

No dia 16 de março, três dias depois de seu encontro com McNamara, Lemnitzer foi convocado pelo presidente Kennedy para uma reunião no Salão Oval para discutir uma estratégia contra Cuba, à qual também compareceram McCone, Bundy, Lansdale e Taylor. A certa altura, Lansdale tomou a palavra, como sempre, para falar da melhoria das condições para uma revolta popular em Cuba, acrescentando que, uma vez que se iniciasse a gloriosa revolução anticomunista, “precisamos estar prontos para intervir com as forças dos Estados Unidos, se necessário”. Isso provocou a imediata reação de Kennedy, sempre alerta depois da Baía dos Porcos, contra a pressão de uma reação militar em Cuba. O grupo não estava propondo que ele autorizasse uma intervenção militar, estava? “Não”, garantiram imediatamente Taylor e os outros.

Mas Lemnitzer não se conteve. Aproveitou o momento para propor a Operação Northwoods. Ocultou do presidente as ideias mais horrendas do plano, como explodir pessoas nas ruas de Miami e na capital do país e colocar a culpa em Castro. Mas informou Kennedy de que o Estado-Maior “tinha planos de criar motivos plausíveis para usar a força [contra Cuba] por conta de ataques a aeronaves norte-americanas ou de uma ação cubana na América Latina, o que exigiria uma retaliação”.

Kennedy não gostou. Segundo as anotações de Lansdale, o presidente fixou em Lemnitzer um olhar duro e “disse, diretamente, que o uso da força militar dos Estados Unidos não estava em discussão”.

Apesar da reação fria do presidente, o chefe do Estado-Maior insistiu numa campanha belicista. Cerca de um mês depois desse encontro na Casa Branca, Lemnitzer reuniu

seus companheiros de armas no “tanque”, como era chamada a sala de reuniões do Estado-Maior Conjunto. Sob sua supervisão, eles elaboraram um memorando a McNamara, insistindo “que o problema cubano seria resolvido em um futuro próximo”. O memorando deixava claro que isso jamais aconteceria se fosse necessário esperar pela fantasiosa rebelião popular de Ed Lansdale. Só havia uma maneira de fazer o trabalho direito: “O Estado-Maior Conjunto recomenda que uma política nacional de intervenção em Cuba seja adotada o quanto antes pelos Estados Unidos”.

Lemnitzer estava abusando da paciência de Kennedy e de McNamara. Depois da reunião do Conselho de Segurança Nacional, em junho, o presidente chamou o general de lado e lhe disse que pretendia enviá-lo para a Europa como novo comandante supremo dos aliados na OTAN. Kennedy o substituiria como chefe do Estado-Maior da nação por Taylor, um homem bem mais fácil de lidar. Seria um belicista a menos para incomodá-lo com relação à Cuba.

Quando Richard Helms percebeu que o presidente Kennedy não ia usar a força militar contra Cuba, “o cavalheiresco planejador de assassinatos”, como o chamou o biógrafo Thomas Powers, tomou a decisão de reativar os complôs da Máfia contra Fidel Castro. Sem notificar os irmãos Kennedy e nem mesmo seu superior na CIA, John McCone, ele simplesmente ordenou a seu homem em Cuba, Bill Harvey, que renovasse o contrato contra Castro. Também frustrado pelo o cuidado com que Kennedy lidava com o regime de Havana, Harvey não perdeu tempo e restabeleceu o contato com seu amigo Johnny Rosselli, emissário da Máfia.

Alguns dias antes que Lawrence Houston e Sheffield Edwards garantissem a Bobby Kennedy que a colaboração

entre CIA e Máfia tinha sido extinta, Harvey entregava a Rosselli pílulas envenenadas preparadas no laboratório da CIA. Mas os conspiradores parecem ter decidido que matar Castro com rifles de longo alcance durante uma de suas aparições públicas tinha maiores chances de sucesso do que uma tentativa de envenenamento. Assim, logo depois, Harvey e Ted Shackley, chefe da estação JM/WAVE, alugaram um furgão U-Haul, equiparam-no com rifles, revólveres e explosivos e, uma noite, dirigiram-se a um estacionamento escuro em Miami, onde Rosselli os esperava. Os homens da CIA entregaram as chaves do furgão ao mafioso, que por sua vez passou as armas a representantes dos eLivross cubanos, homens com quem ele já fazia negócios desde os gloriosos dias de Batista. A trama de assassinato contra Castro — uma tríplice aliança com a CIA no topo, secundada pela Máfia e por seus cúmplices cubanos — entrava de novo em ação.

Dessa vez, Harvey deixou de fora o chefão de Chicago, Sam Giancana, e o chefão da Flórida, Santo Trafficante, que estiveram envolvidos no complô anterior da Máfia. Mas achou que podia confiar em Rosselli, cujos contatos com a CIA datavam dos anos 1950, na Guatemala, onde o gângster se envolvera em intrigas políticas para defender os controladores de jogo e os representantes das poderosas empresas frutíferas. Rosselli era um operador discreto, um elo bem azeitado entre o submundo do crime e o mundo do poder visível. Os dois homens formavam uma dupla estranha: de um lado, o mafioso bronzeado e bem-vestido, com sapatos de couro de crocodilo e um relógio de dois mil dólares, e do outro, o homem do governo, com sua cara de sapo e seus desmazelados ternos marrons. Mas Harvey estava convencido de que Rosselli não era apenas um astuto rufião das ruas pobres de East Boston, e sim um

patriota americano. Deu a Rosselli a falsa identidade de um coronel do Exército e lhe garantiu pleno acesso ao quartel-general da JM/WAVE, onde o gângster se encontrava diariamente com o assassino da CIA, David Morales.

Quando depôs na Comissão Church, Harvey ficou na defensiva no momento em que o nome de Rosselli veio à tona. “Eu não estava negociando com a Máfia propriamente, desculpem-me dizê-lo”, declarou. “Eu estava negociando, e só negociei, com um indivíduo que supostamente tinha contatos com a Máfia. Ele é acusado, embora não haja provas, de integrar a chamada família de Chicago.” Harvey mais parecia um advogado de seu velho amigo mafioso do que um homem do alto escalão da inteligência dos Estados Unidos. Parecia à vontade no mundo do crime. Bill Harvey era um “gângster”, na franca avaliação de seu colega na CIA, John Whitten. O ex-senador Gary Hart, um dos membros mais ativos da Comissão Church, ainda se enerva com a facilidade que Harvey cruzou a fronteira do mundo subterrâneo. “Ele se tornou o melhor amigo de Rosselli, e chegaram a viajar juntos nas férias”, lembrou Hart. “Acho isso bastante bizarro. [...] Não gosto de agentes da CIA que fazem amizade com a Máfia.” Quando criança, Sally Harvey, filha adotiva do espião, aprendeu a chamar o gângster amigo do pai de “tio Johnny”.

Em suas memórias de 2003, Helms parece ter atribuído a culpa do acordo entre a CIA e a Máfia ao convenientemente falecido Harvey. Helms afirmou ter ficado estupefato como todo mundo quando ficou sabendo do complô. “Depois de uma averiguação, eu disse a Bill Harvey — que concordou — para acabar com isso”, escreveu Helms. Era uma afirmação falsa do início ao fim, e Helms não ofereceu qualquer fato que a comprovasse.

Não era a primeira vez que Helms culpava alguém. Em 1975, quando se apresentou à Comissão Rockefeller e depois à Comissão Church para testemunhar sobre os complôs contra Castro, ele tentou imputar a culpa, como ameaçara fazer durante o café da manhã com seu amigo Henry Kissinger, a Robert Kennedy. Helms foi bem tratado pela comissão dirigida pelo republicano Rockefeller, na qual muitos membros — como o general Lemnitzer — estavam felizes de ouvir os Kennedy serem acusados de traição no caso de Cuba. Mas o chefe do serviço secreto foi submetido a um interrogatório impiedoso da Comissão Church, controlada pelos democratas, e foi obrigado a driblar as perguntas dos senadores.

Helms compareceu perante a comissão conduzida por Frank Church, senador democrata de Idaho, numa abafada tarde de julho. Seu depoimento, realizado numa sessão fechada do Senado, foi uma obra-prima de subterfúgios, insinuações e simulação. “Não quero que ninguém nesta comissão pense que estou sendo evasivo”, declarou Helms aos senadores. Mas era isso que ele estava sendo, fingindo cooperar com os legisladores quando, na verdade, os enredava com frases burocraticamente ambíguas.

“Nunca gostei de assassinatos”, garantiu Helms aos senadores, numa alegação de superioridade moral. Eles não podiam imaginar a forte pressão de Bobby Kennedy para que a agência fizesse alguma coisa — qualquer coisa — para se livrar de Castro.

“Como ele lhe telefonou repetidas vezes, alguma vez lhe pediu para matar Castro?”, perguntou o senador Church sem meias palavras. “Não”, admitiu Helms. Mas ele não deixaria a resposta por aí. “Com essas palavras, não”, arrematou. Nunca tinha recebido uma ordem direta de Kennedy, isso era verdade, reconheceu Helms. Longe dele a

intenção de “pôr palavras na boca de um homem morto”. Isso não seria “justo da minha parte”, ele disse. Entretanto, na conversa com Kennedy, Helms ficou com a nítida impressão de que “precisamos encontrar uma maneira [...] de nos livrarmos desse indivíduo”. Helms apenas teve “a sensação de que [Kennedy] não ficaria infeliz se [Castro] desaparecesse de cena, fosse como fosse”.

O depoimento de Helms estava cheio de insinuações sobre Robert Kennedy, mas nenhuma prova. Quando pressionado pela comissão, ele admitiu que Kennedy foi mantido na ignorância sobre as pílulas envenenadas e rifles de Harvey, e que foi enganado pela CIA quando seus emissários disseram ao procurador-geral que não havia mais aliança com a Máfia. (O próprio Harvey reconheceu à comissão do Senado que, se RFK quisesse matar Castro, ele, Harvey, seria a última pessoa que Kennedy encarregaria da operação.) Os complôs de morte da CIA contra Castro foram anteriores ao governo Kennedy, concluíram os investigadores do Senado, e continuaram bem depois de seu mandato presidencial.

Quando sua defesa, baseada em “Bob me mandou fazer isso”, começou a desmoronar, Helms recorreu ao plano B, que aparentemente lançava a culpa em Harvey. Na verdade, revelou Helms à Comissão Church, ele tinha “dúvidas muito sérias sobre a conveniência” de todo o esquema da Máfia. Mas Harvey “tentou me convencer de que tinha servido ao FBI durante muito tempo”, e essa era a maneira como os agentes “lidavam com essas questões e por aí vai”. Além disso, ele jamais levara a sério o acordo clandestino entre Harvey e Rosselli. “Pensei que Harvey estivesse metido numa missão impossível, francamente.”

À medida que sua máscara de confiança começou a murchar em função do interrogatório, Helms passou a

apontar o dedo para seu ex-chefe, John McCone. Admitiu que ele e Harvey tinham decidido não revelar os complôs contra Castro a McCone porque ele “estava assumindo um novo cargo” e a intriga de assassinato “lhe pareceria muito estranha”. Mas depois se contradisse ao afirmar que McCone “estava envolvido nisso até o pescoço, como todo mundo. Eu não tinha por que contestar sua integridade. No entanto, não entendo como ele não ficou sabendo de algumas dessas coisas que ele alega não saber”.

McCone não viu o lado negro da CIA porque não olhou com atenção. Mas Helms também não queria que ele visse. Era o principal segredo da agência, o refúgio sagrado ao qual só Helms e alguns outros agentes do alto escalão, cujos serviços de espionagem remontavam ao tempo do OSS, tinham acesso. O mundo da inteligência era um domínio à parte, com regras e códigos de comportamento próprios. À sua maneira paternalista, Helms tentou explicar isso aos senadores da Comissão Church. “Quando se estabelecia um serviço clandestino [como o da] CIA”, ele esclareceu, “estabelecia-se algo que era totalmente diferente de qualquer outra coisa no governo dos Estados Unidos. Se é certo ou errado fazer isso, o fato é que funciona segundo regras diferentes [...] de qualquer outra parte do governo.”

Quando McCone foi convocado a depor perante a Comissão Church, foi colocado numa posição embaraçosa ao admitir que não tinha controle sobre a agência que o presidente Kennedy lhe confiara. JFK e o diretor da CIA só ficaram sabendo da conspiração que envolvia a Máfia em agosto de 1963, disse ele à comissão, quando leu a notícia em um jornal de Chicago. Ele imediatamente confrontou Helms com o relato do jornal, mas seu lugar-tenente lhe garantiu em falso que o complô era um assunto velho. “Ele disse com todas as letras que era algo que havia sido

cancelado em 1961, antes que eu assumisse o cargo”, disse McCone.

Só em 1975, doze anos depois dessa conversa com Helms, é que ele soube por um investigador da Comissão Rockefeller que seu subalterno havia mentido e que os complôs com a Máfia tinham continuado durante todo o seu período à frente da CIA. “O fato de que isso tenha acontecido é muito perturbador”, disse McCone à época. “Porque dá certa credibilidade à acusação de que algumas coisas na CIA passaram despercebidas e sem controle.”

Foi essa justamente a conclusão a que chegou a Comissão Church quando apresentou seu relatório final em abril de 1976, concluindo que a CIA tinha agido como “um elefante desgarrado”.

Uma suspeita preocupante dominou as audiências da Comissão Church. Se a CIA era capaz de agir de mãos dadas com os sanguinários assassinos da Máfia contra Castro, do que mais a agência seria capaz? Por isso é que os complôs contra Castro e as revelações da traição da CIA contra outros chefes estrangeiros explodiram na mídia nessa época e continuam a ecoar na consciência nacional ainda hoje. Se homens com permissão ilimitada para agir, como, segundo Helms, deviam ser os agentes da CIA, eram deixados livres pelo mundo, então nada os impedia de realizar suas façanhas suspeitas nos arredores de casa.

Durante sua aparição perante a comissão, Ted Sorensen fez uma eloquente defesa do presidente Kennedy, explicando por que ele nunca teria aprovado o “trabalho sujo” da CIA. O assassinato, disse Sorensen aos senadores, “era algo completamente contrário a seu caráter e sua consciência, contrário a seu profundo respeito pela vida humana e por seus adversários, contrário à sua insistência por uma dimensão moral na política externa dos Estados

Unidos e sua preocupação com a reputação do país no exterior, e contrário a seu pragmático reconhecimento de que um precedente tão horrendo, e inevitavelmente contraproducente, cometido por um país cujo chefe de estado não podia deixar de ser vulnerável, só provocaria represálias e instigaria hostilidade por parte de forças antiamericanas, cuja existência nunca dependeu de um único líder. Mais absurda ainda é a noção de que alguém com sua experiência teria conscientemente permitido o emprego, para esses propósitos, dos mesmos elementos do crime organizado que ele vinha combatendo há tantos anos". Foi uma declaração nobre da filosofia daquela administração, uma afirmação de que o governo dos Estados Unidos não devia recorrer aos meios da selva, mesmo que seus inimigos o fizessem. Mas, como reconheceu Sorensen, a ideia não era partilhada por todo o contingente do governo Kennedy.

"Não acredito que o presidente tivesse conhecimento total do que a CIA estava fazendo", disse Sorensen à comissão. Essa afirmação não virou manchete, mas era uma descrição assustadoramente simples dos limites do poder democrático. Por que Kennedy não conseguia controlar sua agência de inteligência? Os senadores queriam saber. "Se eu soubesse a resposta, o problema de sua comissão seria muito mais simples", ele respondeu. Mas tentou desvendar o mistério para os senadores. "Acho que era uma grande organização que durante muitos anos se acostumou a operar com independência. Seus diretores consideravam-se indivíduos muito sofisticados, com uma compreensão da realidade universal que, segundo eles, não era compartilhada pela Casa Branca nem pelo Departamento de Estado."

O aparato de inteligência de Kennedy resmungava contra o seu comando, testemunhou Sorensen. “Enquanto o presidente Kennedy esteve vivo, corriam na cidade relatos de diretores da CIA duvidando de sua tenacidade, coragem e capacidade de perceber todas as coisas difíceis que precisavam ser feitas.”

Insatisfeitos com o comando de JFK, diretores da agência, como Helms, simplesmente passaram a ignorá-lo. Empreenderam ações drásticas contra Cuba sem informar o presidente, seu irmão ou o chefe da CIA. Algumas dessas ações foram descobertas por Kennedy, mas muitas outras não. Algumas escaparam até à curiosidade da Comissão Church e de outras comissões do Congresso que exploraram as câmaras ocultas dos anos Kennedy. É surpreendente o quanto esses incidentes ilustram o fato de que a CIA havia se tornado insolente em sua política não autorizada de “Guerra Fria”.

Em 22 de agosto de 1962, o *SS Streatam Hill*, navio de carga britânico arrendado à União Soviética, conseguiu chegar ao porto de San Juan de Porto Rico depois de ter avariado sua hélice em um recife. O navio, que se dirigia para a Rússia, carregava 80 mil sacas de açúcar cubano. Para facilitar os reparos, mais de 14 mil sacas foram descarregadas e depositadas num armazém sob custódia dos Estados Unidos devido ao embargo aos produtos cubanos. Enquanto o navio estava passando por reparos, agentes da CIA se infiltraram no armazém e contaminaram o açúcar com um emético. “Qualquer um que ingerisse o açúcar teria passado muito mal”, afirmou mais tarde Carl Kaysen, conselheiro de segurança nacional de Kennedy.

Kaysen descobriu a sabotagem da CIA quando interceptou um cabograma que chegou às suas mãos por acaso.

Imediatamente, comunicou o presidente Kennedy, que ficou furioso.

“Eu tinha acabado de ler uma resenha do livro de Tom Powers em que ele dizia que os homens da CIA jamais faziam algo que o presidente não quisesse que fosse feito”, disse Kaysen. “Mas não é bem essa a minha opinião.”

Kaysen, economista político de Harvard, fora levado à Casa Branca por seu ex-colega de universidade, McGeorge Bundy. Sua maneira de pensar não era propriamente amena — durante a Crise de Berlim de 1961, ajudou a preparar um plano para uma limitação da guerra nuclear que deixou Sorensen indignado. Ainda assim, envenenar um carregamento de açúcar destinado a inocentes consumidores russos era um ato altamente provocativo que ultrapassava os limites do governo. O presidente concordou enfaticamente.

“Kennedy ficou furioso e disse que o açúcar poderia matar um doente, um idoso ou uma criança”, lembrou Kaysen. O presidente imediatamente telefonou para McCone em seu escritório em Langley e o chamou à Casa Branca. Não se sabe se McCone autorizou o ato de sabotagem, mas, seja como for, ele sabia que levaria uma bronca pelo comportamento irresponsável de seus agentes. A caminho do Salão Oval, o diretor da CIA interpelou Kaysen, acusando-o de ter delatado a agência. “Por que raios você está se metendo nesse negócio?”, descarregou McCone.

“Mas depois que Kennedy lhe deu uma bronca, [McCone] saiu do gabinete do presidente e pôs o braço ao redor de meu ombro, como se fosse meu amigo”, lembrou Kaysen, hoje professor do MIT.

Kennedy ordenou a McCone que fizesse o que fosse necessário para impedir que o açúcar contaminado chegasse à Rússia. William Sturbitts, agente da CIA

envolvido na sabotagem econômica a Cuba, mais tarde declarou a um investigador da Comissão Rockefeller que os Estados Unidos simplesmente fizeram que uma empresa açucareira comprasse a carga dos russos. Mas, de acordo com Kaysen, a carga contaminada foi descartada de uma maneira mais dramática: os agentes da CIA voltaram a infiltrar-se no armazém e puseram fogo nas sacas de açúcar.

A CIA era capaz de insubordinação ainda mais grave em sua luta secreta contra Castro. No mesmo mês em que a carga do *SS Streatham Hill* foi envenenada sem conhecimento do presidente, os irmãos Kennedy despacharam um advogado de Nova York chamado James Donovan a Havana para negociar a libertação de 1.113 prisioneiros da Baía dos Porcos que continuavam cativos de Castro. Foi o início de uma iniciativa diplomática que reabriria a possibilidade de um acordo de paz entre os dois países, uma discussão que estava adormecida desde a tempestade política de 1961 sobre o encontro entre Goodwin e Guevara.

Bobby Kennedy escolheu Donovan como emissário dos irmãos a Castro por causa de seu sucesso na negociação da libertação de Francis Gary Powers, o piloto do U-2 que fora derrubado pela União Soviética durante uma missão de espionagem em 1960. Donovan tinha tido uma vida movimentada como conselheiro do OSS durante a Segunda Guerra Mundial e, mais tarde, como promotor no tribunal de Nuremberg, em que apresentou provas fotográficas chocantes dos crimes nazistas. Donovan (que não tinha nenhum parentesco com o lendário coronel William "Wild Bill" Donovan, fundador do OSS, mas gostava de brincar que era seu filho ilegítimo) tinha o dom da eloquência típico dos irlandeses e adorava provocar e filosofar enquanto

bebia e fumava. Nisso, era parecido com Fidel Castro, um notívago que adorava trocar histórias e opiniões até de madrugada. O volúvel líder cubano teria tirado Donovan tarde da noite da casa decadente onde estava hospedado fora de Havana e levado o americano para o palácio presidencial, ou para o apartamento de uma amante, onde os dois teriam conversado até de manhã. Depois de meses de negociações, que se complicaram muito em outubro de 1962 com a Crise dos Mísseis, Donovan e Castro finalmente chegaram a um acordo para a libertação dos prisioneiros em troca de 53 milhões de dólares em alimentos, remédios e equipamentos.

Quando o último prisioneiro embarcou num avião numa noite tropical de dezembro em Havana, o divertido Donovan se virou para Castro — que estava no aeroporto, cercado por assessores e membros da guarda nacional munidos de metralhadoras — e brincou que, considerando a quantidade de bens de consumo americanos que tinha conseguido para o povo cubano, estava pensando em aproveitar sua popularidade na ilha. “Acho que nas próximas eleições vou voltar e concorrer com você”, disse Donovan ao líder cubano, suficientemente alto para ser ouvido por seu séquito, “e acho que posso ganhar”. Castro digeriu isso, como lembrou Donovan mais tarde. “Ele é um tremendo ator, vocês sabem. Olhou em volta e, num tom de voz igualmente alto, disse: ‘Sabe, doutor, que você pode estar certo? Por isso não vai haver eleições’.”

Entusiasmado com o sucesso do acordo, Donovan continuou viajando a Cuba para negociar a libertação de outros prisioneiros de Castro, incluindo 22 cidadãos americanos, entre os quais vários agentes da CIA. O relacionamento entre os dois homens se tornou mais caloroso. O animado Castro divertia Donovan em seu

palácio presidencial em Havana ou em sua casa de praia em Varadero, e o levava a passeios ao redor da ilha, inclusive à baía dos Porcos, onde o líder cubano lhe fez um relato detalhado de como seu exército havia derrotado os invasores. Castro convidou Donovan para assistir a três jogos do campeonato de beisebol cubano e para expedições de pesca em seu barco. Durante uma improvisada visita a uma faculdade de medicina, Castro liderou trezentos estudantes em uma saudação ao amigo americano: “Viva Donovan!”.

Bobby Kennedy pediu a John Nolan, jovem advogado de Washington que tinha trabalhado na campanha de 1960, que acompanhasse Donovan em suas viagens a Cuba. Kennedy confiava que Nolan, que mais tarde seria seu assessor administrativo, seria seus olhos e ouvidos nessas missões de alto risco. “Bob queria que eu acompanhasse Donovan porque não gostava muito dele”, Nolan me disse. “Os dois eram muito diferentes. Bob captava as coisas rapidamente, era muito inteligente, às vezes brusco, e muito orientado para a ação. Jim era muito filosófico — gostava de se recostar em sua cadeira com um *scotch* e um cigarro e analisar a situação. Bob não se sentia à vontade com esse estilo.”

Nolan ficou aliviado ao descobrir que Castro era bastante maleável, muito diferente da odiosa caricatura do líder cubano na mídia americana. “Durante o período em que estivemos lá com ele, Castro nunca foi irracional, beberrão ou desonesto. Em seu relacionamento pessoal conosco durante as negociações, sempre foi razoável e fácil de lidar. Não houve explosões de raiva nem chiliques. Ele era um tagarela. Podia começar à meia-noite ou a uma hora da madrugada e passar a noite toda falando. Mas não monopolizava a conversa. Fazia perguntas, ouvia as

respostas e dava sua opinião. Era fácil conversar com ele, um bom papo.”

Donovan e Nolan logo perceberam que Castro estava abrindo um campo de negociações diplomáticas mais amplo do que simplesmente a libertação de prisioneiros: estava interessado em explorar uma solução para o conflito Estados Unidos-Cuba. De volta aos Estados Unidos em abril de 1963, Nolan telefonou a RFK de Miami para lhe falar sobre as intrigantes propostas de paz de Castro. Bob mostrou grande curiosidade com relação ao homem que dominava os dramas políticos de Washington. “O que você acha?”, perguntou ele a Nolan. “Podemos fazer negócio com esse sujeito?” O presidente também estava interessado na mensagem que Castro tentava transmitir por meio de Donovan e Nolan. JFK disse a seus conselheiros que “devemos começar a pensar com mais flexibilidade”. Em futuras negociações, ele não queria impor condições que pudessem afastar Castro.

Jim Donovan acreditava que qualquer problema poderia ser resolvido, desde que houvesse tempo e conversas suficientes. Estava cada vez mais entusiasmado com a ideia de poder mediar o conflito mais rancoroso do hemisfério. “Naquela noite, antes de dormir, pensei que Jim devia se ver como o homem que traria paz a Cuba e aos Estados Unidos”, disse Nolan, lembrando-se de seu exuberante parceiro que morreu em 1970, aos 53 anos. “Ele se considerava um ‘metadiplomata’.”

Mas os velhos associados de Donovan no mundo da inteligência não partilhavam desse entusiasmo em relação a um embrionário acordo de paz com Cuba. A CIA tinha total conhecimento das discussões de Donovan com Castro. Depois de cada viagem a Cuba, ele e Nolan eram interrogados por agentes em um “aparelho” secreto em

Miami. “Não sei o que a CIA pensava das conversações de paz de Donovan”, disse Nolan. “Os agentes que nos interrogavam eram simples burocratas, que apenas tomavam nota enquanto Jim falava.” Mas, anos depois, Nolan teve a oportunidade de saber de fato o que a agência achava dessas iniciativas.

Em sua última viagem a Cuba, em abril de 1963, Donovan e Nolan levaram um presente para Castro: um equipamento de mergulho. “Sabíamos que Castro gostava de mergulhar, e não sei se foi ideia de Jim ou sugestão de alguém da CIA, mas um equipamento de mergulho foi comprado na Abercrombie & Fitch em Nova York”, lembra Nolan. “Quem o comprou foi um advogado da agência, que o despachou para Donovan. Depois voamos para Havana e fomos para a casa de praia de Castro em Varadero. No dia seguinte, fomos com ele para a baía dos Porcos. Quando chegamos lá, saímos no barco de Castro. Ele vestiu a roupa de mergulho e pulou na água, onde arpoou uma meia dúzia de peixes. Então saiu da água, livrou-se do equipamento e fomos almoçar. Foi a última vez que vi o equipamento de mergulho ou ouvi falar dele. Até que treze anos depois... Um salto no tempo para as audiências da Comissão Church. Você pode imaginar como me senti quando ouvi o noticiário daquela noite.”

O que Nolan ouviu na tevê naquela noite de 1975 o deixou estupefato e furioso. Entre os complôs concebidos pela CIA para matar Castro, revelou a investigação do Senado, havia um plano de presenteá-lo com uma roupa de mergulho contaminada “com um fungo capaz de provocar uma doença de pele crônica e incapacitante” e uma máscara de mergulho “contaminada com bacilos da tuberculose”. O bruxo da CIA especializado em envenenamento, dr. Sidney Gottlieb, disse à comissão que o equipamento de mergulho

havia sido comprado e contaminado, mas que não sabia se chegara a ser entregue.

Não se sabe ao certo se o equipamento que Donovan entregou a Castro foi o que tinha sido preparado nos laboratórios mortais da agência. Talvez fosse, e as toxinas não tenham tido o efeito esperado. O porta-voz da CIA, Sam Halpern, afirmou que o plano foi abortado porque Donovan já tinha dado um equipamento a Castro por iniciativa própria.

Mas Nolan estava convencido de que a CIA pretendia usá-los, a ele e a Donovan — os dois homens que buscavam a paz com Castro em nome do governo Kennedy —, para matar o líder cubano. Depois de ouvir a notícia chocante naquela noite de 1975, o ex-assessor de Kennedy pegou o telefone para confrontar um funcionário da CIA que conhecia. “Eu disse: ‘Você ouviu essa história que foi revelada hoje nas audiências da Comissão Church?’, e ele respondeu: ‘Não se preocupe, isso nunca aconteceu. Foi só uma ideia maluca de algum sujeito da agência e não resultou em nada’. E perguntei: ‘O que aconteceu com esse sujeito?’, pensando que eles deviam tê-lo fuzilado. Mas ele disse: ‘Nada aconteceu com ele, que não passava de um esquilo no porão do laboratório’. Esse complô foi tramado sem meu conhecimento ou de Jim Donovan. Evidentemente, não faríamos parte de nada que fosse ferir Castro.”

Mas parece que a CIA não hesitaria em usar os dois enviados de paz de Kennedy como assassinos involuntários. Se o equipamento de mergulho que Donovan e Nolan levaram a Cuba estava de fato contaminado, a agência tinha mostrado total desconsideração tanto pela segurança dos enviados quanto pela vida de Castro.

Donovan e Nolan podem ter sido tratados com total descaso pela CIA, mas o homem a quem eles deviam

explicações — Robert Kennedy — foi tratado como um inimigo, um líder hostil que devia ser mantido sob constante vigilância. A agência achava que precisava manter os olhos sobre o procurador-geral mesmo depois do assassinato de seu irmão, quando seu poder diminuiu muito. Em março de 1964, o chefe da estação JM/WAVE, Ted Shackley, dirigiu um memorando a seu chefe na CIA, Desmond Fitzgerald, vangloriando-se de seu sucesso ao ter recrutado jornalistas de Miami para a CIA, entre eles Al Burt, editor do *Miami Herald* para a América Latina. Era essencial para a CIA contar com jornalistas como Burt, escreveu Shackley, para garantir que a imensa estação JM/WEAVE, o segundo maior centro de operações da agência depois de seu quartel-general em Langley, atraísse a atenção da mídia do sul da Flórida. Assessores de mídia como Burt também davam à JM/WAVE “um canal dentro da imprensa, que pode ser usado para trazer à tona certos itens selecionados de propaganda”, além de servir como informantes para a agência, observou Shackley.

Segundo ele, Burt poderia ser usado para passar informações privilegiadas sobre Bobby Kennedy. Um dos contatos de Burt, relatou Shackley, era um colega de imprensa chamado Edmund Leahy, que Burt “considera [...] particularmente interessante”. Isso porque Leahy, que era correspondente do *Miami Herald* em Washington, era pai de uma jovem chamada Jane, que “é secretária no gabinete do procurador-geral Robert Kennedy!”.

Não há evidência de que Edmund Leahy ou sua filha Jane tenham espionado Robert Kennedy para a CIA. Segundo John Nolan, Leahy tinha um relacionamento amistoso com Bobby, mas não era seu confidente — “apenas um dos mais de cinquenta jornalistas de Washington que Bob conheceu na época”. E Nolan, que fora supervisor de Jane quando

trabalhara como assessor administrativo do procurador-geral, insistiu que ela jamais trairia Kennedy. “Posso garantir que ela não foi uma fonte para o pai de alguma informação que pudesse ser confidencial”, ele me disse. “Ela era ardorosamente independente, alguém com quem era difícil se entender. É impensável achar que ela forneceria ao pai alguma informação privilegiada. Posso imaginar sua reação se o pai lhe pedisse para descobrir o que Bob estava fazendo em relação a Alpha 66.<sup>4</sup> Ela lhe daria uma pancada na cabeça.”

Shackley pode ter citado o nome de Ed Leahy em seu memorando apenas para inflar sua reputação junto a seus superiores no quartel-general da agência. Mas sua bravata de ter uma possível fonte dentro do gabinete do procurador-geral revela muita coisa sobre a atitude da CIA em relação a Robert Kennedy. RFK ocupava o posto jurídico mais alto da nação, e era irmão do presidente martirizado. No entanto, a agência de inteligência o via como um alvo a ser vigiado.

Eles o observaram enquanto nadava na piscina e brincava no quintal com seus sete filhos. Vigiam-no quando dirigia sozinho seu conversível indo e voltando do trabalho. Surpreenderam-se em descobrir que ele nunca andava com guarda-costas. A CIA não era a única organização interessada em manter Robert Kennedy sob vigilância. O procurador-geral também estava sendo vigiado por agentes da International Brotherhood of Teamsters, o maior e mais poderoso sindicato do país. Assim como a CIA, os caminhoneiros do Teamsters, sob a liderança de Jimmy Hoffa, tinham feito uma sinistra aliança com o crime organizado. Hoffa era o principal alvo da campanha de Kennedy contra o crime desde as audiências da Comissão

Rockets do Senado, no fim da década de 1950. Agora Hoffa e seus aliados mafiosos, furiosos pelas medidas cada vez mais eficientes do procurador-geral contra eles, faziam dele seu alvo.

Um dia de agosto de 1962, Hoffa estava conversando em seu escritório no Palácio de Mármore, sede do Teamsters em Washington, com um de seus correligionários, Ed Partin, um ex-boxeador e ex-presidiário responsável pelo sindicato em Baton Rouge. Hoffa, que mantinha seu corpanzil em forma exercitando-se diariamente na academia no subsolo do edifício, estava fervendo de raiva. De repente, saltou de trás de sua imensa mesa e fez um gesto para que Partin se juntasse a ele ao pé da grande janela de seu escritório, de onde se avistava a cúpula do Capitólio três quarteirões adiante. Hoffa perguntou ao amigo se sabia alguma coisa sobre explosivos plásticos. “Tenho que fazer alguma coisa com relação a esse filho da puta do Bobby Kennedy. Ele tem que sumir”, rosnou ele.

Hoffa disse a Partin que estava pensando em duas maneiras de eliminar o procurador: incendiar sua casa na Virgínia ou matá-lo com um rifle de longo alcance enquanto ele dirigia seu conversível. Hoffa parecia preferir a primeira opção: alguém arremessaria explosivos plásticos na casa de Kennedy depois que ele fosse dormir. “Você sabe, o desgraçado não fica acordado até tarde”, observou. “Tenho informações detalhadas sobre ele... sua casa não é guardada.” Com o dedo, Hoffa desenhou um mapa da propriedade de Kennedy para Partin. Se Kennedy sobrevivesse à explosão incendiária, ele “e seus malditos filhos” seriam consumidos pelas chamas, já que “a casa vai pegar fogo depois da explosão”. A hipótese de usar um atirador de tocaia aparentemente era seu plano B. O momento perfeito para atirar em Kennedy, ele disse, seria

quando ele estivesse dirigindo seu carro conversível, de preferência em algum lugar no Sul, onde o assassinato poderia ser atribuído aos brancos racistas que se opunham às políticas de direitos civis de Kennedy.

Mas Hoffa era esperto demais para levar a cabo um plano tão arriscado. “Se a casa de Kennedy tivesse explodido naquela época, [ou] se ele tivesse sido alvejado”, disse Walter Sheridan, chefe do “Get Hoffa Squad” [Esquadrão de Captura de Hoffa] no Departamento de Justiça, “um nome ocuparia o primeiro lugar da lista de suspeitos em questão de minutos: Jimmy Hoffa.” Mas o chefe do Teamsters não sabia escolher seus confidentes. Ed Partin logo se tornou informante do governo e contou aos investigadores federais não só a ameaça de morte contra Kennedy, como também sua tentativa de influenciar o júri num julgamento em Nashville.

Kennedy usou a informação de manipulação do júri para finalmente conseguir uma acusação contra o astuto líder do Teamsters em 1963. Mas em setembro de 1962, quando Sheridan relatou ao procurador-geral a ameaça de morte de Hoffa, ele deu de ombros e subiu em seu conversível.

Sheridan por sua vez levou a ameaça mais a sério. Quando Bobby estava viajando, Ethel às vezes pedia ao assessor que fosse até sua casa para ter certeza de que a família estava em segurança. Ethel e as crianças de quando em quando avistavam grandes carros pretos, lotados de homens corpulentos de terno preto, passando lentamente pela rua em frente à casa. A família tinha recebido cartas e telefonemas ameaçadores: “Sabemos em que escola seus filhos estudam e como chegar lá”. “Você sabe o que o ácido hidrocloreídrico pode causar aos olhos?” “Bum!”

Bobby detestava a ideia de viver sob um manto protetor. A porta da frente de Hickory Hill costumava ficar entreaberta.

O único sistema de alarme era o mata-burro na entrada de carros, que fazia barulho sempre que um carro passava sobre ele, e os latidos do peludo Brumus e o som dos outros animais da família sempre que alguém chegava. Uma placa no gramado da frente anunciava: “Invasores serão devorados”. Mas o pior dano que Brumus já tinha causado a alguém foram algumas mordidas nas partes macias de convidados inocentes que passavam correndo diante do pesadão terra-nova nos jogos de futebol no quintal. Preocupado com a família, RFK vez ou outra permitia que o marechal Jim McShane enviasse uma patrulha para a Chain Bridge Road, onde ficava a casa. Mas não tomou nenhuma precaução para se proteger pessoalmente.

Há anos Kennedy vinha combatendo gângsteres, chantagistas, assassinos de aluguel e extorsionários. Ele e seus investigadores tinham sido ameaçados por um exército de personagens perigosos. Mas Bobby tinha desenvolvido uma sensação de invencibilidade que seus inimigos achavam impressionante mesmo quando discutiam sua morte. “Isso a gente tem que reconhecer no filho da puta”, disse Hoffa a Partin — ele tinha coragem de andar sem seguranças. Mas ninguém é invulnerável, como perceberam os inimigos dos Kennedy. Nem mesmo os dois homens mais poderosos do país.

Naquele mês de setembro, a cruzada contra o crime de Bobby Kennedy atraiu o ódio mortal de dois outros homens perigosos: Carlos Marcello, o poderoso chefe da Máfia cujos domínios incluíam Nova Orleans e Dallas, e seu aliado Santo Trafficante, o senhor do crime da Flórida, que tinha unido forças com a CIA para assassinar Castro. Os dois chefes da Máfia mantinham íntimas relações financeiras com Hoffa, que transformara o fundo de pensão do sindicato num banco dos mafiosos. Naquele mês, numa reunião com

os parceiros de negócios em sua fazenda pantanosa na margem oeste do Mississípi, Marcello — que, como Hoffa, era alvo da perseguição implacável do Departamento de Justiça — teve um ataque de raiva quando soube que Bobby Kennedy estava tentando deportá-lo. Mas era o irmão de Bobby o objetivo do chefe mafioso: “Como se diz na Sicília: quando quiser matar um cão, não lhe corte o rabo; corte-lhe a cabeça. Se lhe cortar só o rabo, o cão vai continuar mordendo você”. Marcello disse aos visitantes que estava convencido de que o presidente Kennedy devia morrer, mas seu assassinato tinha que ser planejado de tal maneira que um “maníaco” levasse a culpa — “como se faz na Sicília”.

Nesse mesmo mês, durante uma reunião com o rico e livros cubano José Aleman, no Scott Bryant Hotel, em Miami, Trafficante se queixou da campanha de Kennedy contra seu sócio Hoffa e garantiu a Aleman que os dias do presidente Kennedy estavam contados. “Kennedy não vai chegar até as eleições. Ele vai ser eliminado.”

Trafficante tinha operado o lucrativo mercado do pecado na Havana pré-Castro em benefício de todas as famílias da Máfia, até que foi preso pelo novo regime, que ameaçou mandá-lo para o paredão de fuzilamento antes que seus sócios no crime conseguissem subornar os funcionários cubanos para libertá-lo. (Segundo alguns relatos, Jack Ruby era um dos emissários da Máfia que despachavam o dinheiro do suborno para Havana.) O advogado de Trafficante, Frank Ragano, calculava que seu cliente tinha perdido mais de 20 milhões de dólares quando o governo revolucionário tomou os cassinos, hotéis e casas noturnas da Máfia. Trafficante disse a seu advogado que a política “mole” dos Kennedy em relação ao regime de Castro faria com que a Máfia nunca mais pudesse reclamar seus bens nos trópicos.

A fama de flagelo do submundo definiu o início de carreira de Bobby. Mas anos mais tarde, no verão de 1975, Richard Helms e seu ex — mas ainda leal — lugar-tenente na CIA, Sam Halpern, tentaram demolir essa imagem. Em depoimento à Comissão Church, os dois veteranos contaram uma história assustadora, que pretendia virar de cabeça para baixo a imagem de Bobby de cruzado contra o crime. Segundo Helms e Halpern, Robert Kennedy ordenara que a CIA o ajudasse a fazer contato com a Máfia para verificar se a antiga rede mafiosa em Cuba poderia ser reativada com a finalidade de trabalhar contra Castro, e até matá-lo. Cumprindo a ordem de Kennedy, Helms e Halpern teriam recrutado Charles Ford, o mesmo agente usado para dismantelar o plano ilusório de Bobby de expulsar a CIA de Cuba. Helms e Halpern declararam que pediram a Ford que servisse de intermediário entre Kennedy e o submundo, com o sonoro codinome de “Rocky Siscalini”.

Depois das audiências do Senado, Halpern continuou espalhando essa história pela imprensa, inclusive ao jornalista Seymour Hersh, que a relatou em seu livro *O lado negro de Camelot*. “Não sei como Bobby Kennedy concebeu isso”, disse Halpern a Hersh. “Por um lado, ele parecia perseguir a Máfia para destruí-la; por outro, ele a usava para obter informações sobre Cuba. Talvez tenha feito um acordo com eles. Quem sabe?”

Hersh é um ganhador do Prêmio Pulitzer, um jornalista cujas revelações sobre as atrocidades cometidas na Guerra do Vietnã e sobre os abusos militares na prisão iraquiana de Abu Ghraib, entre outras reportagens investigativas, lhe valeram muito respeito. Mas no caso de *O lado negro de Camelot*, ele se deixou enganar pela confiança que depositou em fontes suspeitas como Halpern, um homem que trabalhou com tanto empenho para destruir a imagem

dos Kennedy e defender a CIA, que essa parecia ser sua missão. Numa entrevista honesta para a revista *New York* em 2005, Hersh reconheceu que seu jornalismo dependia muito de suas fontes no mundo da segurança nacional: “Não trabalho com sujeitos de fora do sistema”, ele disse. “Você entende isso, não? Não sou de fora do sistema. Realmente não sou.” Nunca as limitações da prática jornalística ficaram mais evidentes do que nesse livro sobre os Kennedy. Como disse um crítico no *Los Angeles Times*, o livro de Hersh “acabou revelando, infelizmente, mais as deficiências do jornalismo investigativo do que as deficiências de John F. Kennedy”.

Não foi fácil checar a história explosiva sobre RFK e Charles Ford, porque ambos estavam mortos. E Halpern não forneceu a Hersh nenhuma prova conclusiva. Mas descobriu-se que Ford deixou uma declaração sobre o assunto, um documento que parece ter escapado à atenção de Hersh porque só veio a público depois que seu livro tinha sido publicado — e esse documento contradiz de maneira direta a história de Helms e Halpern. Em 19 de setembro de 1975, Ford escreveu um memorando confidencial para registro interno da CIA, detalhando o que tinha declarado aos investigadores da Comissão Church quando eles o tinham interrogado no dia anterior. “A principal, se não única, preocupação dos investigadores [do Senado] era saber se eu tinha sido orientado a iniciar contatos com os membros do submundo dos EUA e quem me mandara fazer isso”, escreveu Ford. “Mais uma vez, expliquei que minha tarefa era muito mais ampla que isso, e que nunca me mandaram fazer contato com o submundo.” Ford acrescentou que os investigadores estavam muito interessados em seus encontros com o procurador-geral Kennedy, mas ele lhes explicou que essas reuniões tinham

como foco as tentativas de um grupo de eLivross cubanos de fomentar uma rebelião anticastrista, não os complôs de assassinato da Máfia. (Ford provavelmente estava se referindo a seus encontros com Kennedy, ocorridos em setembro de 1962, para esfriar o plano quixotesco de derrubar Castro sem o envolvimento da CIA.)

O memorando de Ford apresenta fortes indícios de que Helms e Halpern fabricaram a história sobre Bobby Kennedy e a Máfia. Não era Bobby que andava rastejando pelo submundo, mas a Agência Central de Inteligência. Funcionários como Helms e Halpern tentaram desviar a indignação pública contra seu inconveniente conluio, jogando a culpa no falecido procurador-geral. Foi uma atitude particularmente suja e imoral porque Kennedy tinha literalmente arriscado a vida para combater a Máfia. A motivação primeira de Kennedy para acabar com o crime organizado era o temor de que ele se imiscuísse no governo e no mundo dos negócios, ameaçando corromper o contrato social que mantinha a democracia americana. Não há exemplo mais chocante disso do que a associação entre a CIA e a Máfia. A cruzada contra o crime de Kennedy ameaçava não só os feudos lucrativos de homens como Hoffa, Marcello e Trafficante, mas as alianças suspeitas como a que tinha Castro como alvo. Nenhum servidor federal jamais tinha colocado o dedo no ninho de vespas de seus perigosos adversários. Como Hoffa disse a Partin naquele dia de verão em que lhe revelou suas intenções assassinas, Bobby Kennedy “tem tantos inimigos que não será possível saber quem cometeu o delito”.

Mesmo antes de se tornar procurador-geral, Kennedy sabia que o poder americano estava cada vez mais contaminado pelas forças do crime. Essa foi uma lição que ele aprendeu quando, como jovem promotor na Comissão Rackets do

Senado, um homem da Máfia que estava sendo interrogado lhe disse em tom desafiador: “O senhor não pode tocar em mim. Tenho imunidade”. Quando Bobby lhe perguntou: “Quem lhe deu imunidade?”, o gângster respondeu: “A CIA. Estou trabalhando para eles, mas não posso falar sobre isso. Ultrassegredo”. Quando Kennedy foi checar a história do gângster, ficou indignado ao descobrir que era verdadeira.

A CIA — assim como seu antecessor, o OSS, fizera — vinha usando a Máfia para fazer seu trabalho sujo desde a Segunda Guerra Mundial, quando o governo recrutou os chefes mafiosos Meyer Lansky e Lucky Luciano para ajudar a proteger o porto de Nova York contra a sabotagem inimiga e fornecer informações com o auxílio de seus contatos na Itália. Mais tarde, na Itália do pós-guerra, a inteligência dos Estados Unidos usou Luciano e seu famoso colega Vito Genovese para eliminar a ameaça comunista naquele país.

Kennedy também confirmou a aliança entre o submundo e a esfera oficial quando ilustres senadores e governadores compareceram diante da sua comissão para argumentar a favor dos déspotas do crime organizado, e quando executivos de empresas incluídas entre as quinhentas da revista *Fortune* confessaram, constrangidos, seus acordos com gângsteres para garantir a paz no trabalho.

E Robert Kennedy aprendeu outra lição ao escavar a história suja de chantagens nos Estados Unidos e topar com o nome de seu próprio pai. Foram os empreendimentos inescrupulosos de Jack P. Kennedy que tornaram possível a sua carreira política, assim como a de seu irmão. A escalada agressiva do pai em busca de riqueza e poder ilustrava com dolorosa clareza que as famílias ambiciosas que buscavam um lugar ao sol quase sempre tinham começado seu percurso no submundo.

Quando se tornou promotor da Comissão sobre Atividades Impróprias no Campo do Trabalho e da Administração, Bobby Kennedy se viu cara a cara com um mundo que poucos jovens de sua classe tiveram de enfrentar. Era outono de 1956, e ele tinha apenas 29 anos. Seu trabalho nessa comissão do Senado, mais conhecida como Comissão Rackets ou Comissão McClellan, nome do senador democrata do Arkansas que a presidia, levou Bobby para um mundo clandestino de matadores frios, bandidos sindicais, políticos desonestos, donas de bordel e executivos de ternos listrados e segredos sórdidos. Mas também o apresentou a corajosos líderes trabalhistas, policiais e juízes incorruptíveis e heroicos repórteres de jornal. Com um temperamento romântico e religioso, Kennedy viu esse quadro de ambição e desordem não só como uma luta pelo controle da economia do país, mas uma batalha pela alma da nação. Bob não tinha vivido a Segunda Guerra Mundial, cenário em que seus irmãos mais velhos provaram sua coragem, mas essa se tornaria a sua guerra.

Armado com uma equipe de 35 investigadores, 45 contadores, vinte estenógrafos e diversos funcionários — mais de uma centena de pessoas ao todo —, Kennedy dirigiu a maior força de investigação federal na colina do Capitólio. Foi uma operação incansável. O jovem promotor e seus investigadores não ficavam parados em seus escritórios no subsolo do velho edifício do Senado. Percorriam o país em busca de criminosos, assim como de testemunhas honestas e evidências incriminadoras.

Na pista de um prisioneiro em Joliet, Bobby se viu cavando numa fazenda de Illinois à procura do corpo de uma jornalista que um prisioneiro afirmou ter sido morta por gângsteres locais. Com ele estava um de seus investigadores, Jim McShane, o ex-policia de Nova York que

nos anos seguintes seria convocado por Kennedy em muitas ocasiões difíceis. Os dois homens cavaram sem encontrar nada, encorajados pelo prisioneiro, que insistia dizer a verdade: “Quero ter sífilis nos olhos, e que minha mãe seja um prostituta, se ela não estiver enterrada aqui”, ele declarou. Mais tarde Kennedy comentou ironicamente que pouco sabia “sobre a mãe ou os olhos do sujeito, mas Jim McShane e eu sabíamos, depois de horas cavando, que o corpo da mulher não estava ali”. Quando o fazendeiro cujo campo fora escavado pelos investigadores do Senado apareceu de repente com seus três filhos grandalhões, Kennedy e McShane bateram rapidamente em retirada.

Em outras ocasiões, McShane e seus colegas investigadores ficaram na mira de armas. Kennedy recebeu propostas de suborno. Um homem confundido com um de seus espiões por pistoleiros do Teamsters, em Detroit, foi pendurado pelos calcanhares do lado de fora de uma janela do prédio do sindicato. Mas a máquina reformista seguia em frente, desenterrando centenas de surpreendentes histórias de corrupção, violência e abuso de poder. Histórias de homens que tiveram o rosto deformado por ácido ou pepino enfiado nos intestinos. Walter Sheridan — o calmo e amigável investigador que, segundo Bob, tinha uma aparência “quase angelical” — impressionou o chefe resolvendo o mistério do proprietário de uma empresa de táxis de Indianápolis que desaparecera sem deixar nenhuma pista. Nada além dos registros de suas últimas chamadas telefônicas, que sua mulher entregou a Sheridan quando ele bateu à sua porta. O telefonemas tinham sido dados para Jimmy Hoffa e seus escudeiros.

Kennedy fez os personagens dessas histórias de violência desfilarem no cenário nobre do Salão Caucus, no velho edifício do Senado, para que os Estados Unidos pudessem

ver a podridão e a brutalidade que muitas vezes se escondia sob os tronos do poder. Nesse salão decorado no estilo belas-artes, outras investigações históricas tinham ocorrido, entre elas a do desastre do *Titanic* e a do escândalo Teapot Dome. Candelabros de cristal pendiam do teto alto ricamente ornamentado. Foi ali, observou Kennedy, “que a estrela do senador Joseph McCarthy elevou-se e caiu”. O jovem promotor do Senado já tinha se sentido atraído pela cruzada de McCarthy, mas agora havia descoberto um “inimigo interno” que acreditava ser mais ameaçador para o modo de vida americano e mais merecedor de sua fúria do que o comunismo.

Sentado ao lado do presidente da comissão, John McClellan — um homem calvo três décadas mais velho, que falava no tom austero e profundo de um ministro sulista —, Bobby Kennedy parecia um improvável exterminador do crime. Tinha a boa aparência saudável e o tom agudo de um garoto de Boston. Quando começou a interrogar os homens de aparência rude que se sentavam a sua frente, homens que tinham matado e destroçado por um pedaço ilegal do sonho americano, eles acharam difícil levá-lo a sério. Hoffa piscou para ele. Sam Giancana abriu um sorrisinho irônico. Mas logo perceberam que eram o centro da atenção de um homem ferozmente inteligente e preparado com obstinação, que estava determinado a provar que era mais durão que eles. Kennedy relatou o confronto com esses homens em seu livro de 1960, *The Enemy Within*, no qual acusa Hoffa de “personalizar” a luta. Mas o próprio Kennedy tinha um olhar afiado como navalha para os detalhes e bastante pessoal na descrição de Hoffa e de outros chefões do crime. Hoffa e seus capangas eram “quase sempre gordos e raivosos, ou magros, frios e duros”, ele escreveu. “Têm o rosto calmo e os olhos cruéis dos gângsteres; usam as

mesmas roupas caras, o anel de diamante, o relógio incrustado de pedras preciosas, o perfume forte, doce e enjoativo.” Kennedy voltou ao assunto do perfume desses homens, que lhe parecia feminino, revelando que sua brutalidade era obra de valentões exibicionistas, não de homens verdadeiros. “Eu subia no elevador para a sala de audiências quando fui quase derrubado por um forte perfume doce e enjoativo”, escreveu Kennedy, ao descrever o encontro com um capanga de Hoffa chamado Joey Glimco. “Tentei me lembrar que senhora iria depor naquele dia, até que, quando saí do elevador e caminhei ao lado de Glimco em direção ao Salão Caucus, percebi que era ele a fonte de tão opressivo odor.”

Kennedy parece ter pagado um preço por enfrentar esses homens. Um dia, o famoso Joey Gallo, que controlava o negócio de *jukeboxes* em Nova York, entrou no seu escritório “vestido como um gângster de filme B de Hollywood”. Todo de preto: camisa, calça e sobretudo. Tinha os cabelos empastados de brilhantina cobrindo a nuca. Inclinou-se e sentiu o carpete de Kennedy: “Perfeito para um jogo de dados”.

Kennedy não achou graça. Sua comissão tinha ouvido o depoimento de um distribuidor de *jukeboxes* que ousara resistir ao sindicato de Gallo. Os capangas de Gallo atacaram-no depois de uma reunião e partiram seu crânio com barras de aço. O homem entrou se arrastando na sala de audiência do Senado, “uma figura magra, pálida, patética”, quase incapaz de falar.

Naquele dia, quando Gallo se aproximou para apertar a mão de Kennedy, o jovem investigador disse: “Então você é Joey Gallo, o rei das *jukeboxes*. Você não parece tão durão. Eu mesmo gostaria de lutar com você”. O gângster objetou: “Eu não luto”.

O irmão mais velho de Bobby escrevera um eminente livro sobre a coragem dos políticos. Mas *The Enemy Within* foi uma revelação muito mais corajosa do verdadeiro caráter do autor do que *Política e coragem* em relação a JFK. Enquanto John Kennedy registrava a bravura de homens que ele admirava na história, Bobby escreveu sobre homens que tinha enfrentado ou homens cujos atos heroicos de vida e morte tinha defendido. Ele tinha descido ao submundo que descrevia. Era parte da história.

A investigação dos chantagistas retratou tão bem a personalidade de Bobby quanto a Segunda Guerra Mundial o fez em relação a Jack. Quando Bobby convenceu o irmão a juntar-se a ele na Comissão McClellan, para garantir um equilíbrio político capaz de evitar que os senadores republicanos declarassem aberta a temporada de caça às organizações trabalhistas, isso proporcionou a JFK uma de suas poucas demonstrações de verdadeira coragem durante sua carreira no Senado. A experiência também ajudou a moldar a presidência de Kennedy. Os jovens e dedicados investigadores e relatores que Bobby reuniu em sua comissão — O'Donnell, Salinger, Sheridan, Seigenthaler, Guthman — se tornariam o núcleo da administração Kennedy. Não foi à toa que JFK anunciou que concorreria à presidência no Salão Caucus, onde ele e o irmão tinham travado uma batalha contra o que Bobby chamava de “conspiração do mal”.

Mas Joseph Kennedy temia que os dois filhos estivessem cometendo um erro terrível. No fim de dezembro de 1956, quando Bobby foi a Hyannis Port para celebrar o Natal com a família, o pai o interrogou sobre as audiências dos gângsteres sindicais, que estavam apenas começando. Jean, a irmã de Bob, mais tarde contou que os dois discutiram com uma violência que ela nunca vira entre eles. O pai

temia que as investigações de Bob prejudicassem as chances presidenciais de Jack, jogando o movimento trabalhista contra eles. Mas havia algo mais por trás dessa briga sem precedentes entre pai e filho. Joe Kennedy estava profundamente apreensivo sobre o rumo que o filho estava tomando. Que demônios estaria Bob provocando ao bater de frente com o submundo e seus anjos vingadores? “O velho via nisso um perigo”, lembrou um antigo amigo da família Kennedy, Lem Billings. “Ele achava Bobby um ingênuo.”

Joe Kennedy amava os filhos mais do que qualquer coisa. Sua presença dominadora na vida deles faz parte da tradição americana. Mas bem menos apreciado é o amor sempre vigilante do patriarca dos Kennedy. Sua atenção paternal se irradia pelo turbilhão de cartas que ele escreveu à prole, especialmente aos filhos homens, enquanto viajava pelo mundo construindo seu império. Ele os instruía em tudo, de boas maneiras e modo de vestir a assuntos mundiais; confortava-os quando tinham saudade de casa e se mostravam desanimados no internato; inspirava-os com grandiosas visões do futuro se trabalhassem duro. Joe Kennedy não foi apenas um pilar de força masculina na vida dos filhos; foi também uma mãe implicante e protetora, que constantemente infundia neles sentimentos de orgulho familiar e amor-próprio.

“Depois de longa experiência em avaliar pessoas, sei definitivamente que você tem as virtudes necessárias e pode chegar longe”, Joe disse a Jack, então com dezessete anos. Mas ele precisava se aplicar. Joe se preocupava porque achava o filho um tanto relaxado na adolescência. Bob, então com dezesseis anos, precisava de um tipo diferente de amor paterno. Não tinha a confiança de Jack e se preocupava demais. “Eu não ficaria tão decepcionado

com o time de futebol”, encorajou-o o pai. “Afinal, o importante não é jogar no melhor time; é a oportunidade de conhecer um monte de garotos legais e praticar o jogo em equipe.”

Quando os irmãos Kennedy se preparavam para enfrentar os reis do submundo, que, não sendo incomodados pelo FBI, desfrutavam uma era de ouro na América do pós-guerra, o Kennedy pai temia pela segurança dos filhos, e por boas razões. Joe Kennedy conhecia esse tipo de homens; tinha feito negócios com eles, e eles o tinham ajudado a fazer fortuna com a distribuição de bebidas alcoólicas durante e depois da lei seca. Ele sabia do que eles eram capazes.

Kennedy era exatamente o tipo do capitalista predatório que o filho convocava a depor na Comissão Rackets, um empreendedor sagaz, acostumado a passar por cima da lei, que aproveitava as oportunidades de negócios e parceiros onde os encontrasse. Era um mestre em explorar as fronteiras lucrativas da iniciativa empresarial americana, de sua época de especulador na Wall Street a magnata do cinema e contrabandista de uísque. Comerciar bebidas alcoólicas durante os anos da lei seca proporcionava os mesmos lucros que hoje se obtém com o tráfico de drogas. Mas também significou fazer negócios com a Máfia, se prezasse sua vida, e Kennedy foi direto ao topo para garantir a segurança de seus negócios. Fez uma parceria com Frank Costello, o “primeiro-ministro do submundo”, que todos os dias, depois de deixar sua cobertura no Central Park West, fazia a barba no salão do Waldorf-Astoria Hotel. No final dos anos 1940, quando Jack iniciava a carreira política que o pai o estimulara a seguir, Kennedy tinha feito caixa com a venda de sua empresa de distribuição de bebidas, Somerset Importers, ao gângster de Nova Jersey,

Longy Zwillman. Mas a mancha sobre o nome Kennedy permaneceria indelével no folclore familiar.

“Sim, ele era amoral, com certeza”, observou o colunista do *New York Times*, Arthur Krock, que Kennedy tratava como se fosse um empregado da família. “Só um católico romano pode explicar como ser amoral e continuar sendo religioso. Ou seja, como manter uma apólice de seguro com a divindade e ao mesmo tempo fazer todas essas outras coisas. [...] Desde minha época de jovem repórter, nunca tive nenhum idealismo sobre qualquer pessoa que se envolva com a política ou grandes negócios. Portanto, não fiquei nem um pouco chocado. Já esperava, e ainda espero, que políticos e grandes homens de negócios não tenham moral.” Mas Bobby Kennedy exigia dos homens públicos padrões muito diferentes.

Algumas vezes, Joe Kennedy voou para Washington para observar seus filhos confrontarem os mais infames gângsteres e chantagistas do país na ornamentada sala de audiências do Senado. Podemos imaginar seus sentimentos contraditórios de orgulho e medo ao ver Jack e Bobby baterem de frente com homens que ele conhecia de seu secreto mundo de negócios. Os membros da comissão notaram que, quando soube que o pai estaria presente, Bobby demonstrou um nervosismo que nunca revelara ao enfrentar os delinquentes. Quando o pai entrava no Salão Caucus, com seus caros ternos feitos sob medida em Nova York e seu chapéu de feltro de banqueiro, “Bob ficava um pouco nervoso, um pouco tenso”, lembrou Ruth Watt, secretária-chefe da Comissão McClellan. “Era muito forte a influência paterna sobre todos os Kennedy. [Joe Kennedy] era de fato uma pessoa muito forte. [...] Quando vinha à cidade, todos ficavam agitados! Lembro que uma vez ele chegou durante as audiências e ia voltar a Boston. Eles

acionaram a Eastern Airlines, o escritório de Jack Kennedy, o SAC e quem mais houvesse para conseguir uma reserva para ele voltar a Boston!”

Bobby tinha o maior respeito pelo pai. Mas, à medida que se aprofundou na investigação, ignorando suas apaixonadas objeções, correu o risco de uma ruptura edipiana que até então os dois tinham conseguido evitar. Bobby era o filho mais parecido com ele, Joe Kennedy sempre gostava de dizer: “Ele odeia como eu”. Mas Jackie Kennedy, que se tornou muito íntima do irmão mais jovem do marido, achava que Bobby era “o menos parecido com o pai”. Rose Kennedy via o lado devoto e sensível do filho. Não tão emocionalmente efusiva quanto o marido com a prole, ela ainda chamava Bobby de seu “queridinho”, mesmo quando ele já estava com dezesseis anos. Em seu papel de flagelo do crime organizado, Bobby tinha encontrado uma maneira de combinar o temperamento severo do pai com a pureza religiosa da mãe. Mas Joe Kennedy sabia que a missão do filho era perigosa.

Ruth Watt era uma experiente assessora de Capitol Hill cuja criteriosa capacidade administrativa ajudou a assegurar que as audiências ocorressem sem percalços. Mas quando alguns dos personagens mais ameaçadores se apresentavam perante a comissão, ela ficava muito nervosa. “O mais assustador”, segundo ela, era o chefe de Nova York, Vito Genovese, que tinha alçado o topo da Máfia pulando de assassinato em assassinato, obrigando o contrabandista e velho parceiro de Joe Kennedy, Frank Costello, a se aposentar. “Eu ficava de pé, atrás dos senadores, durante os depoimentos, e vi que ele tinha os olhos mais frios. Olhava direto através de você e dava calafrios. Foi talvez o indivíduo mais frio que conheci.”

Com Bobby dirigindo o interrogatório das testemunhas, as audiências eram alimentadas por um ódio incontido. Ele queria que os Estados Unidos sentissem a mesma indignação que ele sentia quando esses homens, que preferiam as sombras do poder, eram interrogados sob as luzes da tevê que enchiam o Salão Caucus. As audiências, que duraram dois anos e meio e nas quais foram ouvidas mais de 1.500 testemunhas, ofereceram ao jovem Kennedy um palco nacional onde travar a guerra santa pela salvação da alma americana. Nos dias em que bandidos famosos eram escalados a comparecer perante a comissão, Bobby fazia que o irmão estivesse presente. Ele já encenava a campanha presidencial de JFK, e sabia que aqueles duelos teatrais com os chefões do crime dariam mais fama nacional ao irmão. Hoffa tinha prometido que, se Bob achasse que ia usá-lo para eleger o irmão presidente, teria que ser “sobre o meu cadáver”. Mas era precisamente isso que o jovem Kennedy tinha em mente. “Dois irmãos despenteados de Boston estão chamando a atenção em Washington como jovens que podem ter uma grande carreira pela frente”, informava o *U.S. News & World Report* a seus leitores quando as audiências no Senado ganharam as manchetes.

Nos dias em que o bem-apegoado e jovem senador Kennedy entrava no Salão Caucus, uma faísca de excitação percorria o ar. “Lembro que um dia [Jack] veio a uma audiência, deve ter sido quando já se sabia que ele ia concorrer à presidência, porque a imprensa o cercou”, lembra Ruth Watt. “Ele ainda não tinha almoçado e [sua secretária] Evelyn Lincoln trouxe seu almoço numa bandeja, que ele levou para uma cabine telefônica para tentar comer. A imprensa o cercou, e ele não conseguiu comer. Tudo o que

ele fazia virava notícia. Quando os Kennedy estavam por perto, sentia-se no ar.”

As audiências também fizeram de Bob uma sensação da mídia. Jack Paar apresentou-o efusivamente em seu *Tonight Show* de 23 de julho de 1959 como “o mais corajoso e admirável jovem que conheço”. Bobby, ainda desacostumado ao brilho da mídia, mais parecia um rapaz tímido, de olhos grandes e ombros caídos. No fim da entrevista, o sincero Paar exclamou que seu convidado era “como um bebê”. Mas naquela noite Bobby transformou-se num promotor linha-dura quando começou a catalogar os muitos crimes de Jimmy Hoffa e seus capangas. “Eles se acham acima da lei”, disse Kennedy à plateia de Paar. “Acham que podem subornar juízes e jurados. O senhor Hoffa disse que todo homem tem seu preço. Este país não poderá sobreviver se alguém como ele continuar operando. No fim ele não vai vencer.”

Os refletores da Comissão McClellan atraíram muitas figuras notórias. Entre eles estavam homens que eram importantes na vida dos Kennedy, como os gângsteres Carlos Marcello, Santo Trafficante e Sam Giancana — que mais tarde se juntariam à guerra secreta contra Castro que uniria a Máfia, a CIA e os eLivross cubanos. (Até o nome de um rufião insignificante de Chicago, Jack Ruby, viria à tona durante as longas audiências, ligado à intriga da Máfia em Cuba.) Mas nenhuma testemunha encheu a sala de audiências do Senado de mais tensão explosiva do que Jimmy Hoffa. Os confrontos entre o líder do Teamsters e os irmãos Kennedy foram épicos. Até o irmão mais velho e mais frio pareceu absorver o ardor de Bobby quando discutiu com Hoffa.

“Eu gostaria de dizer uma coisa, senador”, exclamou Hoffa certa vez, a voz cheia de desprezo e provocação. Desde que

os Kennedy, em seu ódio por ele, tentavam separá-lo do resto do movimento trabalhista para imputar-lhe uma punição especial do governo federal, por que não “explicitar isso na lei, eximindo todo mundo menos Hoffa?”. JFK interrompeu-o, perdendo de repente a formalidade habitual de senador. “Estamos eximindo todo mundo, exceto os gângsteres, chantagistas e escroques”, gritou em resposta, num acesso de raiva e nas vogais ásperas de Boston.

Mas nada se comparou ao ódio e à fúria dos embates entre Hoffa e Bobby Kennedy. Para RFK, o chefe trabalhista representava o assustador elo entre os Estados Unidos que a maioria das pessoas conhecia, o país de leis e ideais, e o mundo onde prevaleciam os códigos da selva. Na época em que compareceu perante a Comissão Rackets, Hoffa ainda estava acumulando o tipo de poder que o fazia respeitado por editores de jornais, magnatas dos negócios, senadores, governadores — até aspirantes a presidentes. Sonhava com o dia em que dominaria um dos partidos políticos — pouco importava se o Republicano ou o Democrata. Como Robert Kennedy sabia, esse impressionante poder nacional tinha sido construído com sangue e corrupção.

No Salão Caucus, os dois homens se atacaram durante horas, dia após dia. Barry Goldwater, que era membro da comissão, ficou surpreso com a “raiva animal” entre eles. “Éramos como pedra e aço”, disse Hoffa. “Toda vez que nos enfrentávamos, fagulhas voavam.”

Na mesa de testemunhas, os olhos pequenos e brilhantes de Hoffa faiscavam, revelando uma inteligência aguda. Apesar dos ataques incessantes de Bobby e dos membros da comissão, o carrancudo líder trabalhista nunca perdeu terreno, escapulindo quando parecia estar acuado num canto. Vez ou outra, Hoffa, cansado de esquivar-se dos golpes, simplesmente atacava Kennedy com um epíteto.

“Você é doente. Esse é que é o seu problema: você é doente.”

Os confrontos mais intensos entre Kennedy e Hoffa foram silenciosos. Mais tarde, Kennedy descreveu a sinistra maldade que exalava de Hoffa durante o combate: “No mais notável de todos os meus debates com Jimmy Hoffa, nem uma palavra foi dita. Chamei isso de ‘olhar’. Ocorria com bastante frequência, mas a primeira vez que o notei foi no último dia das audiências de 1957. Uma tarde, percebi que ele me encarava do outro lado da mesa da promotoria com uma expressão profunda, estranha, penetrante, de intenso ódio. Suponho que eu tenha esclarecido que ele seria objeto de uma contínua investigação — que não estávamos brincando. Era o olhar de um homem obcecado por sua hostilidade, que brotava em especial de seus olhos. Houve momentos em que seu rosto parecia totalmente petrificado com esse olhar de absoluta maldade. Podia durar cinco minutos — como se ele achasse que, olhando-me por tempo suficiente e com dureza suficiente, pudesse me destruir. Às vezes ele parecia estar tão concentrado que eu tinha que sorrir, e às vezes comentava sobre isso com o promotor-assistente, sentado atrás de mim. Devia ficar evidente para ele que estávamos comentando isso, mas sua expressão não mudava.

“Durante as audiências de 1958, de vez em quando ele dirigia o mesmo olhar raivoso para meu irmão. E, vez ou outra, depois de um olhar particularmente mau, ele fazia a coisa mais estranha: piscava para mim. Talvez um psiquiatra reconhecesse os sintomas.”

Os dois eram opostos. Com seu corpo atarracado, os cabelos mal cortados e empastados, ternos baratos de gabardine e calças largas, Hoffa parecia o trabalhador braçal que um dia fora. Nascido numa cidade remota de

Indiana — filho de um mineiro de carvão que morreu quando Jimmy tinha sete anos, deixando a família sem um tostão —, Hoffa lutou muito para chegar ao topo. Liderou sua primeira greve aos dezessete anos, uma ação bem-sucedida nas docas de Detroit. Para se igualar à força bruta das empresas de transporte e armazenagem contra as quais lutava, Hoffa tivera que usar os punhos, recorrendo a gângsteres musculosos quando as batalhas trabalhistas ficavam mais duras. Enquanto abria caminho nas fileiras do Teamsters, usou a mesma força bruta para manter a disciplina em seu sindicato. Os caminhoneiros e empregados dos armazéns tinham Hoffa como herói. Mas Bob o via como um traidor do movimento sindical, um homem que vendera seu sindicato transferindo seu fundo de pensão para gângsteres, fechando acordos suspeitos com os empregadores e esmagando os dissidentes internos com violência.

Hoffa, por sua vez, via os irmãos Kennedy como uns “riquinhos mimados”, que nunca tiveram que trabalhar um só dia na vida. Com um corte de cabelo juvenil, ternos bem-cortados e sua aura de escolhidos, eles representavam tudo que tinha sido negado a Hoffa. Desse poço profundo de ressentimento de classe, ele atacava publicamente os irmãos, considerando sua cruzada para limpar o movimento sindical uma manobra para enfraquecer a organização dos sindicatos. “Toda essa história sobre chantagistas é uma cortina de fumaça para levar vocês de volta ao tempo em que eles podiam descartá-los como lixo”, ele disse aos membros do sindicato, acrescentando que, quando os chefões ricos usavam capangas como fura-greves, ninguém reclamava, mas “agora que usamos alguns deles, todo mundo grita”.

Mas, em certos aspectos, Hoffa e Kennedy eram muito parecidos. Ambos eram guerreiros incansáveis, menos interessados no prazer e no luxo do que em sua causa: aumentar o poder do sindicato, no caso de um, e aumentar o poder da família, no caso do outro. “Um sorvete no sábado à noite era o estilo puritano de Hoffa”, lembrou o advogado do sindicalista, Frank Ragano. “Ele sempre pareceu deslocado em restaurantes de luxo e boates elegantes, como se soubesse que suas roupas cafonas, suas meias brancas, sua fala grosseira e seus erros de gramática não o qualificassem a ser aceito nesses lugares.” Bobby também era espartano de muitas maneiras. “Ele não tem o mesmo interesse que o presidente em relacionamentos sociais e intelectuais”, observava a matéria de capa da *Life* em janeiro de 1962. “Ele não frequenta boates, teatro ou grandes festas, e até as evita quando pode. Vez ou outra, gosta de tomar um drinque ou fumar um charuto, mas para seu prazer ele recorre ao sorvete de chocolate com cobertura de chocolate e leite supergelado.”

Com a clareza brutal que só um inimigo incondicional podia apresentar, Hoffa tinha outra característica que o ligava a Bobby Kennedy. Lembrava seu pai. “Não sou um anjo”, rosnou Hoffa. “Não peço desculpas. Pegue qualquer setor e veja os problemas que eles enfrentam enquanto estão crescendo — o que eles fizeram, com quem se associaram, como cortaram caminho. O melhor exemplo é o velho Kennedy.” Hoffa sabia que era assim que o mundo real funcionava — homens poderosos a caminho do topo, fossem eles magnatas que venceram por esforço próprio como Joe Kennedy ou líderes sindicais como ele próprio, todos tinham que “cortar caminho”. O arrogante “Bobo”, como ele gostava de chamar Bobby, não entendia isso.

Ou talvez entendesse. Enquanto percorria os túneis da corrupção americana, RFK descobriu provas do envolvimento do pai com o submundo, de acordo com Barry Goldwater, membro da Comissão Rackets. “Isso o deixou arrasado”, disse.

Anos depois, Robert Lowell perguntou a Bobby que personagem de Shakespeare ele gostaria de ser, e ele escolheu Henrique V. Naturalmente. O jovem príncipe Hal, o herdeiro do trono que se revolta contra as expectativas da família, até que finalmente prova seu valor no campo de batalha. Bobby usou o famoso discurso de Henrique antes da Batalha de Agincourt para inspirar suas tropas no Departamento de Justiça. Mas era do pai de Henrique que ele queria falar naquela dia. Ele leu para Lowell a fala que Henrique IV pronuncia à beira da morte, quando tristemente pensa nos patriarcas do poder, esses “pais tolos e cheios de preocupações, que deixaram que os pensamentos lhes afugentassem o sono, os cuidados lhes perturbassem o cérebro, o trabalho lhes fatigasse os ossos”. E para quê? Só para legar aos filhos “montes de ouro impuro, vindos de estranhos”.

“Henrique IV. Esse é meu pai”, disse Bobby a Lowell.

Era um legado que Robert Kennedy parecia determinado a purificar. Se o pai tinha vendido a alma em troca de fortuna e poder, ele redimiria o nome da família com seu trabalho de justiceiro. Mesmo que isso significasse trair os parceiros de Joe no mundo do crime.

Em 16 de agosto de 1962, J. Edgar Hoover, diretor do FBI, enviou ao procurador-geral Kennedy um dos preocupantes memorandos sobre sua família que ele adorava lhe esfregar na cara de tempos em tempos. Eles geralmente tinham alguma relação com os imprudentes relacionamentos

amorosos de Jack. Como um monstro repulsivo escondido nos porões do castelo, Hoover vigiou atentamente as idas e vindas amorosas do belo príncipe Kennedy ao longo dos anos. Mas esse “memorando pessoal” dizia respeito ao pai do procurador-geral e suas ligações com o crime organizado. Joe Kennedy tinha bajulado o chefe do FBI durante muitos anos, a ponto de lhe dizer em 1958, com descarada lisonja, que o FBI era “o mais importante organismo do governo, e você tem se revelado o melhor servidor público que já conheci”. Kennedy tinha convencido os filhos a manter o velho diretor no posto, calculando que era melhor ter Hoover e seus arquivos secretos dentro do governo do que fora. Era assim que o chefe do FBI retribuía o favor, agora que o patriarca estava debilitado e confinado a uma cadeira de rodas.

“Antes da última eleição presidencial”, dizia o memorando, “Joseph P. Kennedy (pai do presidente John Kennedy) recebeu a visita de muitos gângsteres com negócios no jogo e fechou com eles um acordo que deu a Peter Lawford, Frank Sinatra, Dean Martin e outros um lucrativo estabelecimento do jogo, o Cal-Neva Hotel, em Lake Tahoe. Consta que esses gângsteres se encontraram com Joseph Kennedy no Cal-Neva, onde Kennedy estava hospedado à época.”

Hoover poderia ter dito mais ao procurador-geral. Sabia que, no esforço para garantir a vitória do filho na corrida presidencial, o velho Joe tinha conversado com vários dos maiores chefões da Máfia no país, entre eles alguns desses que Bobby agora arrastava à Comissão Rackets. Uma dessas reuniões ocorrera no restaurante de Felix Young no auge da campanha de 1960. “Fiz a reserva, e foi como se todos os principais gângsteres dos Estados Unidos estivessem lá”, lembra Edna Daulton, que na época

trabalhava como recepcionista do restaurante. “Não me lembro de todos os nomes, mas lá estavam John Rosselli, Carlos Marcello, de Nova Orleans, os dois irmãos de Dallas, os chefões de Buffalo, da Califórnia e do Colorado. Eram todos chefes, e não soldados. Fiquei surpresa de ver Joe Kennedy correndo esse risco.”

Através de Frank Sinatra e outros intermediários, Kennedy também fez acordos com os mafiosos para conseguir votos nas cruciais primárias da Virgínia Ocidental, onde o “dinheiro fácil” tradicionalmente desempenhava um papel importante no resultado, e para obter uma vitória esmagadora em Chicago (onde os redutos da Máfia mais tarde garantiram oitenta por cento para Kennedy), assegurando uma vitória democrata em Illinois em novembro. Segundo uma testemunha, Kennedy chegou a se encontrar pessoalmente com o chefe de Chicago, Sam Giancana, na sala de um complacente juiz do condado de Cook. Esse era exatamente o gângster com quem Bobby tinha batido de frente alguns meses antes em uma audiência da Comissão Rackets que ganhou as manchetes, quando Bobby questionou a masculinidade do mafioso: “Pensei que só meninas dessem essas risadinhas, senhor Giancana”.

Muito se tem escrito sobre a tentativa de Kennedy de fraudar as eleições de 1960. Mas o que Joe Kennedy aprendeu com sua experiência nas trincheiras da política e dos negócios foi que a democracia americana não é o vaso de cristal que nossos livros escolares fazem crer. Eleições são frequentemente negociadas, votos são comprados, roubados ou não contados. E em 1960, o resultado da corrida presidencial dependeu em grande medida da corrupção e da ajuda de chefões do submundo. Os rivais de JFK também tinham o apoio dos bandidos — apesar das

súplicas do patriarca dos Kennedy, Marcello apoiou Lyndon Johnson na convenção democrática e Nixon nas eleições gerais, contribuindo com 500 mil dólares para a campanha do candidato republicano. E Hoffa, como era de se esperar, jogou todo o peso do Teamsters contra Kennedy, realizando assembleias do sindicato por todo o país para pedir votos para Nixon, e levantou outro meio milhão de dólares dos senhores do crime. Em retribuição ao apoio de Hoffa, a quem foi atribuída a adesão de Ohio ao Partido Republicano, o vice-presidente intercedeu junto ao procurador-geral de Eisenhower, general William Rogers, para a suspensão de uma denúncia contra o chefe do Teamsters.

Quando se trata de roubar votos, Kennedy com certeza não foi o único na corrida presidencial de 1960. Como descobriu o repórter político Theodore H. White quando investigou o resultado da votação em Illinois, havia uma boa razão para Nixon não ter contestado a contagem final nesse estado: “Os republicanos roubaram tantos votos quanto os democratas”. O prefeito de Chicago, Richard Daley, sabia como o jogo era jogado: sua máquina democrática tinha que roubar no mínimo tantos votos quanto os republicanos tinham roubado no sul do estado, onde tinham vencido. Daley rapidamente silenciou os protestos republicanos sobre a votação de Chicago em 1960, desafiando os republicanos a apoiar uma recontagem em todo o estado. “Ele os desafiou, dizendo que pagaria metade do preço da recontagem estadual, e eles disseram: ‘Não, obrigado’.” O filho de Daley, Willian, recentemente lembrou o fato com uma risada irônica. “Naquela época, saindo do condado de Cook, era tudo zona rural, reduto dos republicanos. E eles usaram cédulas de papel em vez das velhas máquinas que usamos na cidade, e por isso tiveram mais oportunidades de fraudar.”

Naturalmente, os políticos também não eram exemplos de pureza em 2000, quando Bill Daley administrou a campanha de Al Gore à presidência. Naquele ano, muitos democratas desejaram que Daley e seu candidato tivessem demonstrado o mesmo espírito combativo de seu pai e da família Kennedy no sórdido espetáculo de recontagem dos votos na Flórida, quando a máquina de Bush humilhou a equipe de Gore, apegando-se orgulhosamente às regras do pugilismo político.

A família Kennedy, ao contrário, sabia lutar para vencer. E não tinha ilusões sobre a mal-afamada esperteza de Richard Nixon. Os Kennedy estavam preparados para fazer o que fosse necessário para anular as táticas de seu oponente republicano.

A diferença entre John Kennedy e seus rivais é que, depois da vitória nas eleições de 1960, uma competição suja durante a qual ambas as campanhas recorreram a medidas condenáveis, ele se recusou a pagar as dívidas políticas que tinha contraído.

Não há evidências de que Bobby Kennedy tenha participado com o pai das negociações desonestas que ocorreram durante a campanha. Nem JFK tomou a frente nesses acordos. O patriarca da família aparentemente operou por sua conta e risco ao fazer contato com seus velhos sócios no mundo do crime para ajudar a eleição do filho. “Se Jack tivesse conhecimento de certos telefonemas que o pai fez em seu nome para os chefes da Tammany Hall<sup>5</sup> durante a campanha de 1960, teria ficado com os cabelos brancos”, disse Kenny O’Donnell mais tarde. Entretanto, Jack e Bobby não eram ingênuos sobre o caráter do pai. Eram ambos argutos demais para desconhecer as alavancas que o patriarca estava utilizando em benefício da

campanha. Quando um amigo advertiu JFK: “Você sabe que o velho o está prejudicando, não sabe?”, ele respondeu: “Meu pai está trabalhando pelo filho. Você quer que eu diga a meu pai para parar de trabalhar por seu filho?”.

O que é certo é que, independentemente dos favores que o pai tenha oferecido no submundo para retribuir quando o filho assumisse o cargo, Robert Kennedy não hesitou nem por um instante em perseguir os chefes da Máfia que tinham se infiltrado na política americana. Pelo contrário, o jovem procurador-geral desencadeou uma furiosa campanha contra os senhores do crime. A mensagem era clara: vocês podem ter dado dinheiro aos Kennedy, mas não podem comprar os Kennedy.

Hoffa sentiu a aproximação do perigo logo depois da eleição. Sabia que “estava mais enrascado do que nunca. Ninguém precisava me dizer que [Bobby] ia vir atrás de mim. Sabia que teria dias piores pela frente”.

Quando assumiu o Departamento de Justiça, Kennedy revigorou a unidade de combate ao crime organizado e criou uma força-tarefa sob o comando de Sheridan para caçar Hoffa. Com isso, criava dificuldades para Hoover, que, como todo mundo sabia, tinha negado a existência da Máfia, provocando o deboche dos gângsteres, que explicavam a sigla FBI: “Famous But Incompetent” [famoso porém incompetente]. Quando Hoover se mostrou um obstáculo ao combate de Kennedy ao crime, ele simplesmente passou por cima do FBI, usando agentes do Departamento do Tesouro, da Receita Federal e da Divisão de Narcóticos como tropa de choque. Ofereceu prêmios de incentivo aos jovens promotores de sua equipe que descobrissem maneiras engenhosas de pôr os mafiosos e os políticos corruptos na cadeia. O número de gângsteres indiciados saltou de 121, em 1961, para 615, em 1962 — e

entre eles havia figuras notórias como Carlos Marcello, Mickey Cohen, os capangas do Teamsters, Anthony Provenzano e Joey Glimco, além do próprio Hoffa. O time de Kennedy de exterminadores do crime também se dedicou a uma incansável perseguição a Santo Trafficante e Sam Giancana. O cerco estava se fechando tanto no submundo que escutas telefônicas do FBI captaram conversas dos gângsteres em que eles falavam em abandonar sua linha de trabalho enquanto os Kennedy estivessem no poder.

O procurador-geral parecia perseguir os gângsteres ligados à família Kennedy com mais ardor. Ordenou aos agentes do FBI que seguissem cada passo de Sam Giancana — o que eles fizeram, perseguindo-o em restaurantes, direcionando os holofotes para sua casa em Oak Park e atrapalhando seu jogo de golfe. Mesmo quando o mafioso teve um acesso de ira com seus perseguidores no Aeroporto O'Hare, dizendo que “um dia desses vamos contar tudo o que sabemos” sobre os Kennedy, o procurador-geral não lhe deu trégua. Os assessores de Kennedy flertavam com medidas autoritárias para derrubar o chefe de Chicago.

“Um dia, meu chefe [na divisão criminal] Jack Miller me chamou”, lembrou o ex-promotor do Departamento de Justiça Ronald Goldfarb. “Ele me disse: ‘O que você acha desta ideia? O grande júri convoca Giancana e nós lhe oferecemos total imunidade por toda a vida, desde que ele concorde em denunciar todos os crimes da Máfia. Como provavelmente ele não vai poder fazer isso, nós o colocamos na cadeia, mas a lei federal determina que uma pessoa presa por desacato ao grande júri só pode ficar presa por dezoito meses’. Mas ele tinha um plano: no dia em que Giancana saísse da prisão, o grande júri o convocaria novamente e lhe faria a mesma proposta. E assim indefinidamente. Seria a prisão perpétua para Sam

Giancana! Então eu pensei: ‘Deus meu, eles estão mesmo pensando em fazer isso. Vão pegar os chefes da Máfia um por um e jogá-los na cadeia indefinidamente’. E agora queriam saber se podiam fazer isso. Lembro-me de ter dito a eles: ‘Sim, tecnicamente isso é possível. Mas seria uma medida ultrajante. Seríamos vistos como fascistas autoritários. Seria levar a letra da lei longe demais. Sou fortemente contrário a essa medida’. Portanto, a ideia de que perseguimos homens como Giancana porque sabíamos que eles ajudaram a campanha de Kennedy, ou estavam ligados a Sinatra, ou estavam ajudando a CIA a matar Castro é um absurdo.”

Goldfarb, um jovem advogado formado em Yale, tinha desafiado seus amigos liberais nova-iorquinos — que viam com reservas a imagem agressiva de cumpridor da lei e da ordem de RFK — para juntar-se à cruzada de Bobby. Em pouco tempo, ficou fascinado pelo procurador-geral, abraçando sua crença de não estarem caçando criminosos comuns, mas homens “extremamente ricos e poderosos”, que corrompiam o sistema americano — “perfeitos bandidos”, na descrição de Goldfarb. “Eu admirava muito Kennedy. Eu pensava: ‘Puxa, esse sujeito é absolutamente correto, e nos apoia de todas as maneiras!’. Cada vez que eu ganhava um processo, ele me convidava a um restaurante. Era um cara muito legal. De uma integridade incrível. Portanto, ninguém vai me dizer que ele nos fez aceitar um acordo, ou capitular, ou seja o que for, porque eu estava lá. Isso não aconteceu.”

Mas, mais recentemente, Goldfarb, que em 1995 publicou um livro defendendo que JFK foi assassinado pela Máfia, já duvida da coragem de Bob Kennedy. “Ele acendia velas para dois santos. Pressionava os mafiosos mesmo depois que sua família tinha usado seus favores”, me disse o ex-promotor

do Departamento de Justiça. “Como, em nome de Deus, ele achava que ia sair dessa, não sei. Mas eles eram os Kennedy, vinham de uma família cujo pai tinha feito tudo o que fez, e tinham chegado ao topo. Eu não poderia dormir à noite sabendo o que Bobby sabia. Mas essa gente é diferente.”

Não foram só os sócios desagradáveis do pai que complicaram o trabalho de Bobby Kennedy no Departamento de Justiça, mas também seu irmão. Na tarde de 22 de março de 1962, o sempre calculista Hoover chegou à Casa Branca, onde foi cumprimentado pelo presidente e sentou-se com ele para almoçar na sala de jantar da residência oficial. Hoover disse a Kennedy que tinha provas do caso indiscreto do presidente com uma morena cheia de curvas chamada Judy Campbell, que fora apresentada a JFK por Frank Sinatra. Hoover também sabia que Kennedy partilhava sua amante com ninguém menos que Sam Giancana. (Evidências recentes indicam que Campbell pode ter sido posta no caminho de Kennedy pela Máfia.) O sempre vigilante irmão do presidente também sabia de tudo. Um de seus investigadores descobrira o caso no mês anterior, quando seguia a pista dos telefonemas dos gângsteres, e imediatamente contou ao chefe, que informou o irmão. Mandar Hoover à Casa Branca pode ter sido a maneira que Bobby encontrou de mostrar ao irmão a necessidade urgente de romper essa ligação, antes que ela se tornasse um escândalo capaz de ameaçar a presidência.

Naquele verão, outra investigação do Departamento de Justiça obrigou Bob a advertir o irmão a pôr fim a mais um relacionamento arriscado, dessa vez com Sinatra. Um jovem promotor da Flórida, Doug McMillan, que ingressara havia pouco no Departamento de Justiça, tinha reunido um dossiê sobre as ligações do submundo com o cantor, que tinha

ajudado a movimentar a indústria do entretenimento em favor da candidatura de Kennedy e fora mestre de cerimônias do baile inaugural de JFK. Consciente dessa conexão com a família Kennedy, McMillan estava temeroso de apresentar essas evidências ao chefe. Mas o procurador-geral ouviu respeitosamente o jovem advogado e depois lhe pediu que relatasse todos os detalhes num memorando, que ele apresentou ao chefe em 3 de agosto de 1962. Pouco depois, JFK, como todos sabem, rompeu relações com Sinatra, provocando a ira do cantor. Quando o presidente informou a Sinatra que não se hospedaria mais com ele em Palm Springs durante as férias, o cantor teria pegado uma marreta e destruído o heliporto que construía para a visita presidencial.

A fúria de Sinatra tinha sem dúvida um componente de pânico. Ele tinha ajudado a recrutar os amigos do submundo para a campanha de Kennedy, e agora a família o punha de lado. “Eles o trataram como uma prostituta”, disse Johnny Rosselli a Giancana por telefone. Esta era a maneira como os Kennedy tratavam os amigos, ele disse: “Você fode com eles, os paga e pronto”. Giancana vociferou numa linguagem violenta contra Sinatra e seu fracasso em fazer que os Kennedy honrassem o acordo que o velho Joe teria feito com o submundo durante a corrida presidencial de 1960. O cantor, que sabia que o ataque de Joe em dezembro de 1961 tinha eliminado qualquer chance de uma negociação entre a família e a Máfia, lamentou sua má sorte. “Por que Joe foi ter aquele maldito derrame?”, seu camareiro ouviu-o queixar-se.

Giancana mais tarde afirmou que a única coisa que salvou a vida de Sinatra foi seu talento. O mafioso foi tomado por um súbito sentimento de misericórdia pelos Olhos Azuis durante um momento de pleno prazer sexual com a

namorada, a cantora Phyllis McGuire. Ele contou a um sócio o que aconteceu naquela noite: “Estou trepando com Phyllis e ouvindo Sinatra ao fundo, e o tempo todo dizia para mim mesmo: ‘Meu Deus, como posso calar essa voz? É o som mais belo do mundo’. Para sorte de Frank, sua voz salvou sua vida”.

Rosselli também andava se sentindo enganado pelo governo. Tinha oferecido seus serviços à CIA gratuitamente, por dever patriótico. Mas Bobby Kennedy não vira razão para honrar as dívidas da agência. “Aqui estou eu, ajudando o governo, ajudando o país”, disse Rosselli a um sócio de Las Vegas durante uma viagem de avião a Washington em 1962, “e esse filho da puta me apronta.”

Bobby Kennedy não se intimidou com essas ameaças do submundo. O único obstáculo no seu caminho, até onde ele sabia, era J. Edgar Hoover. Frustrados pelo boicote de Hoover, Kennedy e sua equipe resolveram criar sua própria força de investigação temporária. “O sentimento era muito simples. Achávamos que não podíamos contar com a ajuda do FBI em nenhuma ação importante, e, quando fazíamos nossas solicitações, elas tinham que passar pelo filtro de Hoover”, lembra John Cassidy, advogado que trabalhou na divisão de Kennedy contra o crime organizado. “Pedíamos a eles para interrogar uma testemunha ou um suspeito, e eles nos faziam uma centena de perguntas, cuja maioria se resumia a ‘por quê?’. Levamos muito tempo para andar para a frente, até que resolvemos procurar investigadores em outros lugares. Encontramos inspetores postais, o pessoal da alfândega, da Receita Federal. Passamos por cima do FBI porque eles não queriam fazer o que precisava ser feito.”

De acordo com Ed Guthman, Kennedy tomou a mesma iniciativa na defesa dos direitos civis quando percebeu que o FBI também era imprestável nesse campo. O Departamento de Justiça criou sua própria “unidade de inteligência” no conflituoso Sul, disse o antigo assessor de imprensa e confidente do procurador-geral. “Logo depois do ataque aos Freedom Riders, no Alabama, soubemos que o FBI tinha conhecimento de que a Klan ia atacar, mas eles não fizeram nada nem avisaram ninguém. Sabíamos que não podíamos contar com o FBI para enfrentar qualquer crise que ocorresse no Sul. Então formamos nossa própria unidade de inteligência.” Guthman me contou que o Departamento de Justiça de Kennedy enviou vários jovens promotores ao Sul para obter informações. “Outra parte de nossa operação de inteligência era meu relacionamento com a imprensa”, ele disse. “Os repórteres que cobriam as lutas pelos direitos civis estavam por toda parte e me contavam tudo o que sabiam.”

Ignorando o crime organizado e os direitos civis, dois assuntos prioritários para RFK, Hoover continuou insistindo em que o comunismo era a maior ameaça à nação. Kennedy rejeitou essa ideia quando assumiu o cargo, dizendo: “É absurdo perder tempo perseguindo o Partido Comunista” quando a maior parte de seus agremiados, cada vez mais escassos, era constituída por agentes secretos do FBI.

A relutância de Hoover em perseguir a Máfia tem sido atribuída ao seu protecionismo burocrático — um temor de que a transferência de recursos do combate ao crime comum para o campo mais complexo do crime organizado resultasse em um número de prisões menos impressionante, além de expor seus agentes ao sedutor suborno da Máfia. Também foram oferecidas explicações mais escandalosas. O lendário homem da lei não seria

imune à influência corruptora dos mafiosos, tendo se associado com o gângster preferido de Joe Kennedy, Frank Costello, e a outras figuras do submundo, que o ajudaram a fazer fortuna fornecendo-lhe palpites de jogo. Outros relatos sugerem que o eterno solteirão Hoover era vítima de chantagem sexual por parte da Máfia.

O certo é que Hoover espionava os Kennedy com mais prazer do que aos chefões do crime organizado. O procurador-geral estava preso em um minueto maligno com o chefe do FBI. Às vezes, Kennedy usava o exemplo do pai e tentava vencê-lo com lisonjas. Outras vezes, RFK e seu círculo mostravam seu desprezo por Hoover. Bobby e Ethel ocasionalmente soltavam sua prole no gabinete do diretor, onde as crianças se divertiam derrubando seus gigantescos vasos de flores. “Meu pai nos mandava ao escritório de Hoover para fazer bagunça, desarrumar os papéis sobre sua mesa, irritá-lo bastante”, lembra Joseph Kennedy II, o filho mais velho de RFK, com uma risada. “E Brumus, nosso imenso terra-nova, invadia o escritório e babava em tudo”, comentou sua irmã mais velha, Kathleen Kennedy Townsend.

Hoover desconfiava que os Kennedy tramavam para substituí-lo em seu segundo mandato, dar-lhe o “tratamento MacArthur”<sup>6</sup> e enviá-lo para horizontes distantes. Mas ele tinha outros planos. Segundo William Sullivan, o terceiro homem na hierarquia do FBI, Hoover compilava toda a sujeira que pudesse encontrar sobre JFK, “que o presidente, com sua ativa vida social, parecia mais do que disposto a fornecer. [...] Eu tinha certeza de que ele guardava tudo o que podia sobre Kennedy, e também sobre Martin Luther King Jr., até que pudesse descarregar tudo isso e destruir os dois. Guardava esse material explosivo em seus arquivos

peçoais, que enchem quatro salas no quinto andar do quartel-general”.

Analisando a administração Kennedy depois da morte do irmão, Bobby disse ter percebido que o diretor do FBI era um homem “perigoso”, uma “ameaça à democracia” e um “chantagista contumaz”, cujo poder venenoso sobre presidentes e outros políticos vinha de seus volumosos arquivos secretos. Hoover “age de uma maneira estranha e peculiar”, disse Kennedy em 1964, numa entrevista extraordinariamente sincera, que só devia ser lida por futuros historiadores. “Ele é um psicótico.” Mas, como disse Bobby, ele e Jack pensavam “que podíamos controlá-lo, “que podíamos lidar com [ele] no momento oportuno. Era assim que encarávamos o problema”.

Os Kennedy achavam que podiam controlar Hoover, sugeriu um membro da família, porque Jack, Bobby e seus principais assessores conheciam sua vida secreta. Isso foi confirmado por Kenny O’Donnell Jr., que afirmou que o pai e os irmãos Kennedy sabiam que o chefe do FBI “usava roupas suspeitas. Por isso eles estavam num impasse. Sabiam muita coisa sobre Hoover, e Hoover achava que sabia algo sobre eles”.

Ironicamente, o enrustido Hoover espalhou boatos sobre o homossexualismo de Robert Kennedy. Aliado de Hoover, Lyndon Johnson tentou tirar vantagem desses boatos na convenção do Partido Democrata de 1960, quando concorria com JFK pela indicação a presidente. Dias antes da convenção, Theodore White recebeu um telefonema de alguém que mais tarde se tornou alto funcionário no governo Johnson. “Acho que você devia saber que John Kennedy e Bobby Kennedy são bichas”, disse ele ao jornalista. “Temos fotos de John Kennedy e Bobby Kennedy vestidos de mulher em Las Vegas, numa grande festa de

homossexuais nesta primavera. Isso devia ir a público.” O acusador prometeu entregar as provas a White em 24 horas, mas as fotos nunca chegaram.

A boa aparência e jovialidade dos irmãos Kennedy provocaram ataques homofóbicos em muitos de seus inimigos, inclusive no sexualmente reprimido Hoover. O hedonista Jack e sua culta esposa não se constrangiam de ter gays em seu círculo de amigos. E os que conheceram Bobby logo perceberam a empatia sob sua aparência de durão. A suavidade dos irmãos irritava profundamente seus adversários linha-dura. Mas essa campanha de boatos sobre os Kennedy, que eram evidentemente heterossexuais, nunca deu em nada.

Em 2 de julho de 1962, o produtor Jerry Wald informou a Bobby Kennedy que o roteiro baseado em *The Enemy Within* estava pronto. O projeto, no qual Wald vinha trabalhando há mais de um ano com o roteirista Budd Schulberg, era muito caro a JFK. Os Kennedy tinham plena consciência do magnetismo exercido pela tela de cinema. Fora *Sindicato de ladrões*, o famoso filme de 1954 sobre o reinado de terror da Máfia nas docas de Nova York, que inspirara Bobby a lançar sua cruzada contra o crime organizado. Quando Wald lhe mostrou a lista de possíveis roteiristas para *The Enemy Within*, Kennedy não hesitou em escolher Schulberg, que ganhara um Oscar por *Sindicato de ladrões*. Num encontro com Kennedy em Hickory Hill para discutir o projeto, Schulberg o ganhou ao dizer que achava que *The Enemy Within* tratava de muito mais do que apenas homens maus e sindicatos corruptos — falava de “algo que no coração de nossa sociedade está começando a apodrecer”. Era isso exatamente que o reformista radical que havia em Kennedy esperava transmitir com seu livro: que a corrupção

ameaçava os centros de poder americano. Explorando a magia de Hollywood, Kennedy esperava que sua mensagem de advertência finalmente chamasse a atenção do público.

O procurador-geral pediu a Sheridan e Guthman que ajudassem Schulberg no roteiro. Paul Newman foi sondado para fazer o papel de Bobby. Em julho de 1962, Schulberg acreditava que *The Enemy Within* estava destinado a se tornar “não apenas uma continuação de *Sindicato de ladrões*, mas uma importante extensão desse filme em escala nacional”. Então, onze dias depois de dizer a Kennedy que as câmeras estavam prontas para rodar, Jerry Wald morreu de um ataque do coração, aos 49 anos, em sua casa em Beverly Hills. Schulberg temeu que o projeto morresse com ele. Achava que o vibrante e independente produtor — responsável por sucessos como *A um passo da eternidade*, *Caldeira do diabo*, *Paixões em fúria* — era o único em Hollywood com coragem e poder para fazer o filme. Schulberg estava certo.

Depois da morte de Wald, um sindicalista mafioso fez uma visita ao estúdio do produtor falecido, a Twentieth Century Fox. Entrando de supetão no escritório do presidente do estúdio, anunciou que, se a Fox levasse adiante o projeto, seria vítima de problemas trabalhistas — os caminhoneiros do Teamsters se recusariam a distribuir cópias do filme nos cinemas, bombas de enxofre seriam lançadas nas salas onde o filme fosse exibido. O estúdio abruptamente abortou o projeto.

Kennedy convenceu Schulberg a produzir sozinho *The Enemy Within* e começou a procurar financiamento. Mas os dois logo descobriram a força do crime organizado em Hollywood. Alguns estúdios eram diretamente controlados pela Máfia, escreveu Schulberg mais tarde. “Claro, esses estúdios rejeitaram [o filme] terminantemente.” A Columbia

Pictures, que tinha produzido *Sindicato de ladrões*, mostrou algum interesse. Mas então recebeu um aviso do advogado de Hoffa — uma carta “preocupantemente distante da legalidade”, lembrou Schulberg —, e uma reunião do estúdio para discutir o filme foi cancelada sem mais nem menos. O elenco de Schulberg foi contaminado pelo medo. Uma noite, um ator apareceu bêbado na casa do roteirista e disse que tinha medo de ser morto se aparecesse no filme.

*The Enemy Within* nunca chegou às telas. Schulberg era considerado um príncipe em Hollywood. Filho do magnata do cinema B. P. Schulberg, tinha escrito obras-primas de Hollywood e ganhara um Oscar em 1955. Bobby Kennedy era conhecido como o segundo homem mais poderoso do país. E mesmo assim, não puderam vencer a oposição do crime organizado. Foi uma lição e tanto sobre os bastidores do poder americano.

\* \* \*

O chefe do Estado-Maior Conjunto entrou no gabinete do presidente às 19h59. Tinha sido chamado pelo seu superior, mas era o general — com seu queixo duro, seus cabelos grisalhos e suas estrelas de prata — que parecia a maior autoridade na sala. Mesmo quando o presidente disse a ele por que o tinha chamado à Casa Branca, sua confiança pareceu intacta. O presidente tinha feito uma chocante descoberta: o chefe de suas forças armadas estava conspirando para derrubar seu governo e substituí-lo por uma “maldita junta militar à maneira sul-americana”, nas palavras do presidente. Ele confrontou o militar com provas irrefutáveis de sua traição, mas o general não desmoronou imediatamente. Atacou o presidente com ferocidade. “O senhor perdeu o respeito do país”, ele disse. “Suas políticas

nos levaram à beira do desastre. A moral militar chegou ao ponto mais baixo em trinta anos.” Em sua ânsia de fazer a paz com a União Soviética, o presidente tinha agido de maneira negligente, como um “menino ingênuo”.

O presidente ficou chocado com o desacato do general. O complô tinha sido descoberto, mas o presidente ainda não tinha certeza da vitória. Sabia que o poder das Forças Armadas dos Estados Unidos vinha crescendo sem resistência desde a Segunda Guerra Mundial. Sabia que o general desfrutava de *status* de herói entre o povo americano. Sabia que, depois de viver anos sob ameaça do terror nuclear, o povo estava pronto para aceitar um homem forte que lhe promettesse segurança. Quando as pessoas “se sentem desamparadas, começam a se encaminhar para os extremos”, tinha pensado alto o presidente com seus assessores de maior confiança, assim que soube do complô de golpe. “Olhem para a história... Joe McCarthy, depois a Birch Society [...] O clima para a democracia neste país nunca esteve pior [...] As pessoas começam seriamente a procurar um super-homem.”

Depois do tenso confronto no Salão Oval, o general finalmente concordou em apresentar sua renúncia. Em troca, o presidente concordou em não tornar pública a conspiração militar e permitir que seus mentores se retirassem sem maiores sobressaltos para a vida civil. Foi um acordo que, se por um lado revelou o temperamento moderador e comedido do presidente democrata, talvez também tenha demonstrado sua fraqueza política.

Na coletiva de imprensa realizada na Casa Branca para anunciar a renúncia do general, o presidente negou os boatos de uma tentativa de golpe. Não queria minar ainda mais a confiança em seu governo. Os militares americanos conhecem profundamente os princípios constitucionais,

disse o presidente aos repórteres, de modo que uma traição está totalmente fora de cogitação de nosso oficialato. “Estou certo de que o povo americano não acredita que essa ideia tenha passado pela mente de qualquer oficial de nossas Forças Armadas desde o dia em que esse país nasceu”, disse o presidente, antes de dar por encerrada a coletiva. “Vamos rezar para que nunca passe.” Para quem sabia o quanto o país tinha chegado perto do abismo, a demonstração de tranquilidade do presidente deve ter parecido tristemente vazia.

Essas não são cenas da vida real da presidência de Kennedy, mas cenas de ficção inspiradas pelo clima cada vez mais ameaçador na capital. Elas ocorrem no final de *Sete dias de maio*, um *best-seller* sobre um golpe militar quase bem-sucedido. Escrito por dois jornalistas de Washington, Fletcher Knebel e Charles W. Bailey, o livro, com personagens superficiais e diálogos banais, não tem valor literário. Mas seu clima sinistro tocou o sentimento do público quando foi publicado, em setembro de 1962, depois de quase dois anos de tensões entre civis e militares na administração Kennedy. Knebel, correspondente da revista *Look* na Casa Branca, declarou que teve a ideia para *Sete dias de maio* depois de uma entrevista do chefe das Forças Armadas, Curtis LeMay, que a certa altura chocou o jornalista ao acusar, confidencialmente, o presidente Kennedy de “covardia” no episódio da Baía dos Porcos.

Knebel e seu coautor não expressavam apenas sua preocupação — e a do público — em relação à estabilidade da presidência de Kennedy. Canalizavam os temores dos próprios irmãos Kennedy. Ambos eram assaltados pela premonição de que seu governo terminaria de forma violenta. Eles levantavam o assunto de um golpe ou assassinato com estranha frequência durante seu breve

período no poder. Com certeza, nenhum governo americano, com exceção talvez do de Abraham Lincoln, fora tão cheio de insinuações sobre sua própria mortalidade. No entanto, estranhamente, essa crônica preocupação dos Kennedy recebeu pouca atenção nas histórias escritas sobre seu governo.

JFK tinha o costume de assustar os amigos com a mórbida expectativa de uma morte sangrenta. Um dia, estava velejando em Palm Springs com Grant Stockdale, um velho amigo que ele nomeara embaixador na Irlanda. JFK começou a atirar com um rifle .22 no espaço vazio do oceano e insistiu para que o amigo o acompanhasse. Stockdale disse: “Nem pensar. Todo o Serviço Secreto à nossa volta e eu com uma arma nas mãos?”. JFK então ficou pensativo e disse: “Stock, você acha que serei assassinado?”. O amigo apressou-se a tranquilizá-lo: “Nem pense numa coisa dessas. É claro que não”.

Em várias ocasiões, Kennedy tocou no assunto com Charlie Bartlett, e até chegou a discutir que tipo de presidente Lyndon Johnson seria depois de sua partida violenta. Um dia, os dois estavam viajando calmamente por uma estrada da zona rural da Virgínia. De repente, um carro passou em alta velocidade pela viatura do Serviço Secreto que acompanhava o presidente, e então pelo carro onde viajavam JFK e o amigo. “Ele ficou abalado com a passagem desse carro”, lembra Bartlett. “‘Eles deviam tê-lo parado... O Serviço Secreto deveria ter parado aquele carro’, ele disse. Depois, chateado por ter mostrado preocupação, disse: ‘Charlie, aquele homem podia ter atirado em você’. Mas era algo que obviamente estava apenas na sua cabeça.”

John Kennedy tinha nervos muito sensíveis no que dizia respeito a política. Ele estava extremamente sintonizado com os rumores que corriam em Washington. Assim

também estavam jornalistas como Knebel, que tinha acesso fácil à Casa Branca. Knebel conhecia Kennedy desde seu tempo no Congresso, quando percebeu que o fascinante jovem político de Boston tinha um futuro promissor. “Ele era notícia — tinha dinheiro, visibilidade, uma mulher bonita e tudo o mais, você entende?”, disse Knebel mais tarde. “Além disso, eu tinha uma forte sensação de que ele ia longe, e por isso comecei a circular pelo seu gabinete.”

Knebel e a mulher, Laura Fletcher Knebel, que escrevia para a revista *Look*, ficaram amigos de JFK. Uma vez, depois de mostrar a Kennedy um perfil de 15 mil palavras que tinha escrito para um livro sobre a corrida presidencial que seria publicado em breve, Knebel foi duramente contestado pelo candidato a respeito de um fato. Knebel tinha escrito sobre um bem-documentado empréstimo que Joe Kennedy tinha feito ao editor do *Boston Post* durante a campanha de JFK ao Senado em 1952. Logo depois, o editorial do *Post* retirou o apoio ao candidato republicano, Henry Cabot Lodge, e passou a apoiar JFK.

“Da maneira como você escreve isso, sobre a eleição de 52, o leitor pode pensar que compramos o apoio do jornal”, objetou Kennedy.

“Francamente, foi isso que eu quis dizer, porque acho que foi isso o que aconteceu”, respondeu Knebel.

Os dois continuaram discutindo mais um tempo sobre a maneira como Knebel enxergava o assunto, até que Kennedy finalmente conseguiu que ele concordasse em inserir uma negativa do homem que cuidava das finanças da família, Stephen Smith. Resolvida a disputa, JFK levou Knebel até a porta. Anos depois, o jornalista riu com a lembrança do que Kennedy fez em seguida. “É um traço da personalidade de Kennedy que os repórteres amavam e que ao mesmo tempo os neutralizava.” Abrindo a porta para

Knebel, Kennedy disse: “Você sabe, tivemos que comprar aquele maldito jornal ou eu teria perdido a eleição”.

“Era um cara muito astuto, você percebe?”, disse mais tarde o jornalista, com admiração. “Aquela estranha, irônica, quase mágica qualidade, ele tinha mesmo. Não era algo criado pela imprensa ou fabricado. Era real.”

Knebel fez questão de entregar um exemplar de *Sete dias de maio* a Kennedy antes que ele fosse publicado. JFK devorou o livro, assim como o irmão e outros de seus assessores e amigos. Depois, Kennedy entrou em contato com o diretor de Hollywood John Frankenheimer, que dirigira *Sob o domínio do mal*, que seria lançado em breve — outro suspense sobre a Guerra Fria que JFK admirava —, e encorajou-o a transformar *Sete dias de maio* em filme. Assim começou um episódio pouco conhecido dos anos Kennedy, quando o presidente apelou a seus amigos em Hollywood para ajudá-lo a despertar a nação para a ameaça da traição da extrema-direita.

O presidente queria enviar uma mensagem a seus inimigos em Washington. “Kennedy queria que *Sete dias de maio* fosse produzido como uma advertência aos generais”, disse Arthur Schlesinger anos depois, diante de um copo de Perrier com limão na sala de estar coberta de livros do Century Club de Nova York. “O presidente disse que a primeira coisa que ia dizer a seu sucessor era ‘Não confie nos militares, nem mesmo em questões militares’.”

“O presidente Kennedy queria que *Sete dias de maio* fosse feito. Pierre Salinger nos comunicou isso”, lembra-se Frankenheimer. “O Pentágono não queria que ele fosse feito. Kennedy disse que, se quiséssemos filmar na Casa Branca, ele estaria convenientemente em Hyannis Port naquele fim de semana.”

JFK também incentivou a produção de *Sob o domínio do mal*, de Frankenheimer, estrelado pelo ex-amigo do presidente, Frank Sinatra. Destinado a ser um clássico da Guerra Fria, o filme de 1962 explorava a psicose política da época. Em *Sob o domínio do mal*, comunistas que faziam lavagem cerebral e conspiradores extremistas de direita, igualmente amorais, unem forças para assassinar o presidente e liquidar a democracia americana. Kennedy era fã do *best-seller* de Richard Condon, de 1959, no qual o filme se baseara. Quando a United Artists de repente arrependeu-se de fazer o filme, temendo que ele pudesse exacerbar as tensões da Guerra Fria, Sinatra convenceu Kennedy a intervir junto ao estúdio. O presidente manteve um interesse ativo na produção do filme. “Ele estava de fato interessado no projeto”, lembrou Sinatra. Em 29 de agosto de 1962, Kennedy promoveu uma sessão especial de *Sob o domínio do mal* na Casa Branca.

John Kennedy se agarrava ao poder de sonho de Hollywood para invocar os mais profundos medos e esperanças do público. Como no projeto de *The Enemy Within*, de Bobby, JFK mostrou sua habilidade de comunicação junto a Hollywood para conseguir a realização de *Sete dias de maio*. Mas também havia algo comovente nesse apelo. O fato de o presidente dos Estados Unidos ter recrutado o apoio de amigos do *show business* em sua luta contra os militares ressalta o quanto ele devia se sentir pressionado.

Frankenheimer e uma lista de celebridades liberais de Hollywood responderam ao chamado do presidente. A produtora de Kirk Douglas comprou os direitos do romance antes mesmo de ele ser publicado e ele concordou em coestrelar o filme com Burt Lancaster no papel do general insurgente James Mattoon Scott, e Frederic March como

Jordan Lyman, o dirigente pacifista do livro. O Departamento de Defesa “evitou” o projeto de *Sete dias de maio*, contou Knebel mais tarde, depois que Frankenheimer se recusou a submeter o roteiro (de Rod Serling, criador do seriado de TV *Além da Imaginação*) à “consideração” dos censores militares, que assim se referiam eufemisticamente a seu trabalho. Mas, com o apoio de Kennedy, Frankenheimer rodou cenas na Casa Branca e externas de rebelião na Pennsylvania Avenue — batalhas entre oponentes e apoiadores do “presidente Lyman”, numa referência aos embates verdadeiros que rondavam a administração Kennedy.

Meses depois, a revista *Look* publicou um ensaio fotográfico de Knebel sobre a realização de *Sete dias de maio*, que incluía cenas de carros do governo tombados e incendiados nas ruas de Washington. O jornalista revelou a desenfreada ansiedade que a produção do filme criou dentro do governo: “No início das filmagens, os produtores do filme receberam um telefonema de outro braço armado do governo. O Serviço Secreto estava preocupado com uma reportagem falsa segundo a qual o filme envolveria o assassinato de um presidente”. Três dias depois da publicação da revista, Kennedy foi morto. Um clima de melancolia pairava sobre o filme quando ele finalmente foi lançado, em fevereiro de 1964, ainda que na história os bons vencessem.

No dia em que Kennedy foi assassinado, a Paramount Pictures, distribuidora de *Sete dias de maio*, planejava lançar um anúncio do filme usando uma citação de um dos conspiradores militares fictícios: “*Impeachment*, maldição! Há meios melhores de nos livrarmos dele”. O estúdio desistiu do anúncio no último minuto, temendo que ele

fosse muito provocador, “evitando uma coincidência constrangedora exatamente no dia em que o presidente foi assassinado”, relatou mais tarde a revista *Variety*. Mas vários comentaristas da mídia acharam o filme demasiado inquietante. Um escritor do *Los Angeles Herald-Examiner* questionou se filmes como *Sete dias de maio* deveriam ser produzidos. Ele argumentou que produções como essa prejudicam “a imagem americana no exterior”. Um colunista do *Los Angeles Times* se sentiu obrigado a tranquilizar seus leitores de que um golpe militar jamais aconteceria nos Estados Unidos, citando ninguém menos do que o almirante reformado Arleigh Burke para respaldar sua opinião. Por outro lado, alguns congressistas, entre eles Melvin Laird, futuro secretário da Defesa, solicitaram que o filme fosse claramente rotulado de ficção antes de ser exibido no exterior.

*Sete dias de maio* foi um dos vários filmes políticos inquietantes lançados nos anos Kennedy, entre os quais há *Sob o domínio do mal*, *Dr. Fantástico* e *Limite de segurança*. Juntos, eles pintam um quadro tenso da democracia americana “como uma arena perigosa”, na observação do crítico J. Hoberman. “Filmados em preto e branco e povoados de demagogos, incautos e traidores, esses filmes eram noticiários delirantes que colocavam os presidentes americanos e candidatos à presidência em meio a um Armagedom público ou pessoal.” Em resumo, Hollywood estava tentando dizer aos Estados Unidos algo sobre a precária situação política do país. Como a maioria da imprensa de Washington continuava mostrando-se insensível às ameaçadoras tensões que se formavam na capital da nação, “os noticiários delirantes” tinham que vir da fábrica de sonhos do país.

Mais tarde, os críticos considerariam esses filmes obras-primas da paranoia política. Mas Frankenheimer rejeitou essa opinião numa entrevista que concedeu quase no fim da vida. “A paranoia só existe se as circunstâncias são totalmente falsas”, ele afirmou. Em sua opinião, os Estados Unidos estavam repletos de circunstâncias perigosas nesses anos. Como no caso de *Sob o domínio do mal*, ele disse, a história “demonstrou incisivamente que existem montes de complôs para assassinar presidentes e figuras do alto escalão por interesses políticos.[...] Há certa realidade grotesca em *Sob o domínio do mal*. E, no que diz respeito a *Sete dias de maio*, sabemos que existe um grupo explícito de militares que, a certa altura, gostaria de ter derrubado o governo. [...] A extrema-direita tem sido muito, muito eficiente em minar algumas coisas que poderiam ter mudado o destino deste país”.

Frankenheimer nunca acreditou que um atirador solitário tenha assassinado o presidente Kennedy, disse Evans Frankenheimer, viúva do diretor que morreu em 2002. Ela disse que o marido conversou sobre suas ideias a respeito do assassinato com Bobby Kennedy, de quem se tornou íntimo em 1968, quando filmava os anúncios de sua campanha à presidência. Os dois acreditavam que outras forças agiram em Dallas além de Oswald.

Quando o presidente Kennedy leu o exemplar de *Sete dias de maio* que Knebel lhe enviara, no fim do verão de 1962, estava confiante de que poderia impedir qualquer desastre antes que ele atingisse o país. Um dia depois de ler o livro, JFK saiu para velejar no *Honey Fitz* com seu velho companheiro da Segunda Guerra, Red Fay. Como assessor do secretário da Marinha, Fay funcionava como uma janela para a hostil cultura militar. Ele também lera *Sete dias de*

*maio* e estava ansioso para ouvir a opinião do presidente sobre o livro. Um golpe militar poderia acontecer de fato?

“É possível”, respondeu JFK num tom calmo. “Poderia acontecer neste país, mas para isso as condições teriam que ser perfeitas. Se, por exemplo, o país tivesse um presidente jovem, que tivesse enfrentado um episódio como o da Baía dos Porcos, haveria certa intranquilidade. Talvez os militares o criticassem um pouco pelas costas, mas isso não passaria da usual insatisfação militar com o governo civil. Mas, se houvesse outra Baía dos Porcos, a reação do país seria: ‘Será que ele não é jovem e inexperiente demais?’. Os militares sentiriam que era praticamente um dever patriótico preservar a integridade da nação, e só Deus sabe que segmento da democracia eles estariam defendendo se subvertessem um governo eleito.”

Por fim, disse o presidente, “se houvesse uma terceira Baía dos Porcos, aí então um golpe poderia acontecer”. Ele fez uma pausa, enquanto Fay absorvia esse cenário assustador. “Mas não vai acontecer comigo”, acrescentou Kennedy.

Semanas depois, porém, o governo Kennedy sofreria uma crise atrás da outra. As duas crises aprofundaram as fraturas que a Baía dos Porcos tinha causado ao governo. Reforçaram a convicção, em certos setores de Washington, de que estavam diante de um governo falido. E, como Kennedy previu que aconteceria, agora havia quem se sentisse no dever patriótico de fazer alguma coisa.

“Eu não vivia uma fase tão interessante desde a Baía dos Porcos”, comentou o presidente Kennedy com ironia. Seu irmão estava com um humor igualmente sarcástico. Era quase meia-noite do dia 30 de setembro de 1962. Os Kennedy estavam reunidos na Sala do Gabinete na Casa

Branca com vários de seus assessores mais próximos, entre eles O'Donnell e Sorensen. Nervoso, o presidente caminhava de um lado para o outro, enquanto Bobby não se afastava do telefone conectado à Universidade do Mississípi, onde uma revolta racial provocada pela chegada de James Meredith — que seria o primeiro estudante negro a se matricular na Universidade Ole Miss — ganhava corpo e se transformava numa insurreição de todo o Sul contra o governo federal.

À medida que a noite caminhava, Bobby continuou a monitorar a situação por telefone, falando com seus dois enviados ao palco da revolta, o general Nicholas Katzenbach e Ed Guthman, que transmitiam relatos cada vez mais nervosos de uma cabine telefônica do Lyceum, o velho prédio da administração onde estavam escondidos. Fora do prédio histórico — onde soldados confederados feridos um dia foram tratados — ocorrera o que alguns chamaram de a última batalha da Guerra Civil. Uma força mista federal — formada por algumas poucas centenas de soldados, guardas de prisão, patrulheiros de fronteira e afins recrutados às pressas — tentava desesperadamente conter mais de 2.500 estudantes, homens da Klan, caçadores de esquilos e até policiais fora de serviço que, armados de tijolos, canos de ferro, garrafas de Coca-Cola cheias de gasolina e espingardas de caça, tentavam invadir o Lyceum. Enquanto tentavam conter o ataque, as forças federais ouviam os gritos sanguinários dos rebeldes para “linchar o negro” encher a noite. Os soldados federais eram na maioria sulistas, e não apoiavam a integração dos negros nas escolas. Mas sob o comando de Jim McShane, o irlandês preferido do procurador-geral, eles passaram a defender resolutamente seu território durante o longo e sangrento sítio, usando apenas bombas de gás lacrimogêneo para

afastar os revoltosos. Os soldados cumpriam ordens estritas de não empunhar armas a menos que a multidão estivesse prestes a agarrar Meredith, que passava a noite, com estranha calma, num dormitório não muito afastado do Lyceum.

“Fiquem perto de Meredith. Atirem em qualquer um que puser a mão nele”, Robert Kennedy tinha determinado a seus homens.

James Meredith, um excêntrico e visionário veterano da Força Aérea de 28 anos, estava possuído por uma crença quase religiosa em sua missão, que definia como uma “responsabilidade divina” de pôr fim à “supremacia branca” em seu Mississípi natal. Ele se inspirara a assumir essa tarefa perigosa depois de ouvir o presidente Kennedy defender a liberdade em seu discurso inaugural. Meredith tinha a suprema tranquilidade de um homem que não se importava se iria viver ou morrer nessa missão. Mas os federais estavam desesperados para salvar a pele dele, assim como a deles próprios. E, à medida que o suprimento de bombas de gás baixava perigosamente, e os ataques à sua frágil linha defensiva diante do Lyceum se tornavam mais violentos, eles já não tinham certeza do sucesso.

Dentro do Lyceum, a cena era um pandemônio sangrento. Um jovem soldado de Memphis tinha levado um tiro na jugular e fora arrastado para dentro do prédio jorrando sangue nas paredes e no chão. (Esse soldado, Graham E. Same, chegou à beira da morte e voltou à vida quatro vezes naquela noite, sobrevivendo milagrosamente.) Dezenas de outros soldados com os membros quebrados e sangrando foram estendidos no chão. Outros desmoronavam contra as paredes manchadas de sangue, chorando dentro das máscaras de gás. A essa altura da luta, não havia médicos e faltavam suprimentos. Um franco-atirador atingia seguidas

vezes as janelas do Lyceum. Uma nuvem de gás lacrimogêneo que pairava sobre a violenta batalha lá fora começou a se deslocar para dentro do prédio.

Kenny O'Donnell, que a certa altura substituiu Bobby ao telefone na Sala do Gabinete, estava chocado com o que ouvia. "Guthman está tão assustado que nem consegue falar. Sentimentos de impotência do outro lado do telefone." E esses eram homens que tinham suportado os combates da Segunda Guerra Mundial.

"Como está a situação?", perguntou o procurador-geral a Guthman quando reassumiu seu posto ao telefone.

"Muito difícil", respondeu ele. "Está parecendo o Álamo."<sup>1</sup>

Pausa. Então Bob falou: "Bem, você sabe o que aconteceu com aqueles caras, não sabe?". Mais uma vez, o humor negro irlandês. Esse diálogo seria muito citado em relatos posteriores sobre a Batalha da Ole Miss, como uma maneira de enfatizar o humor de Kennedy sob pressão.

De fato, houve vários momentos de humor de Kennedy durante a longa noite. Mas o que se destaca quando se ouve as gravações das conversas na Sala do Gabinete e no Salão Oval, graças ao sistema de gravação secreto instalado na Casa Branca pelo presidente, é a raiva cada vez maior dos irmãos. Começou com a perplexidade deles diante do ritmo do Exército, sua estranha lentidão para prestar ajuda aos soldados federais ensanguentados e em inferioridade numérica. Cresceu quando o general de olhar enlouquecido, Edwin Walker — mais tarde aposentado compulsoriamente —, surgiu sem mais nem menos na cidade, vestido com um elegante terno preto e um chapéu de caubói, e se postou no monumento aos confederados que há no *campus*, onde ridicularizou o exército desorganizado dos inimigos dos racistas. E ferveu quando os oficiais do Exército

apresentaram uma série de desculpas para explicar por que as tropas se moviam tão lentamente para evitar o linchamento de James Meredith e o massacre da guarda federal. A pergunta que surge das transcrições presidenciais é: por que os militares estavam sendo tão indiferentes ao seu comandante em chefe?

“O general Walker esteve na cidade provocando as pessoas”, contou Bobby Kennedy ao grupo reunido na Casa Branca. “Bem, vamos ver se podemos prendê-lo”, disse ele ao telefone que o ligava a Oxford, Mississípi. “Pode dizer ao FBI que precisamos de um mandado de prisão?”

A menção ao rebelde general reformado provocou uma forte reação do presidente. “O general Walker”, disse JFK num tom de asco. “Imagine que esse filho da puta foi comandante de uma divisão até o ano passado. E até então vinha sendo promovido pelo Exército.”

O comentário do presidente despertou o fantasma de um golpe de estado na mente de Sorensen. “O senhor leu *Sete dias de maio?*”, perguntou ele ao presidente.

“Sim”, respondeu Kennedy.

“É muito interessante”, comentou Sorensen. “Eu o li de cabo a rabo.”

Kennedy, que era um leitor voraz e sofisticado, então submeteu o livro a uma aguda crítica literária. O romance era prejudicado por “um horrível diálogo amadorístico”, e o retrato do presidente era “vago demais”, mas o general traidor causou uma forte impressão em Kennedy.

Seu irmão trouxe o grupo de volta à preocupante realidade do general Walker. “Ele está incitando todo mundo. Se ele os obrigar a marchar empunhando armas, podemos ter uma batalha infernal.”

Mais tarde, relatos terríveis do banho de sangue no Lyceum chegaram à Sala do Gabinete. Até o normalmente

calmo e controlado Nick Katzenbach — que pilotava um B-26 que foi derrubado no Mediterrâneo em 1943 e passou o resto da guerra num campo de prisioneiros dos alemães, de onde fugiu duas vezes — estava começando a perder o sangue-frio, exigindo saber quando o Exército iria resgatá-los. Bobby Kennedy não podia lhe dizer. “Maldito Exército”, amaldiçoou RFK quando já passavam catorze minutos da meia-noite. “Eles não sabem nem dizer se os policiais militares já partiram!”

Agora, mais de noventa minutos já tinham se passado desde que o procurador-geral ordenara que tropas do 503o Batalhão da Polícia Militar — a equipe do Exército destinada ao combate de rebeliões — se mobilizassem de Memphis para Oxford. Mas o secretário do Exército, Cyrus Vance, e o general de divisão Creighton Abrams, responsável pela operação militar (mais tarde comandante da guerra no Vietnã), pareciam perplexos, sem saber explicar o atraso dos soldados. O presidente bombardeou Vance com no mínimo quinze telefonemas naquela noite, tentando descobrir o que estava acontecendo com suas tropas. O secretário do Exército, que sofria de uma ruptura de disco, se deitou no chão enquanto o presidente o repreendia. “Onde está o Exército?”, gritou Kennedy. “Onde eles estão? Por que não se mobilizaram?”

Oficiais do Exército mais tarde explicaram que foi apenas o mau planejamento, além da inexperiência do Exército em operações internas desse tipo, que impediu que fosse cumprido o desejo de Kennedy de evitar uma demonstração sensacionalista de força militar no Sul. A frenética viagem do 503o Batalhão naquela noite ofereceu o espetáculo cômico dos oficiais do Exército, armados para a batalha, percorrendo com seus jipes os postos de gasolina no interior do país e pedindo mapas da rodovia Tennessee-Mississipi.

Henry Gallagher, um tenente de 23 anos que liderava um comboio do Exército à Ole Miss, estava tão desesperado para encontrar o caminho que ordenou que o motorista do jipe raptasse um patrulheiro da Marinha com sotaque sulista que parecia conhecer a região. “Eu disse que éramos todos do Norte e não tínhamos a mínima ideia de onde ficava a cidade de Oxford”, lembrou Gallagher. “Ele não acreditou. ‘Senhor, não posso fazer isso. Estou de serviço aqui nesta comporta. Meu capitão vai ficar louco, sem saber onde estou.’ Eu disse que estávamos todos sujeitos às ordens do presidente Kennedy e ele teria que nos acompanhar. Fiz um sinal [para meu motorista]. Ele se aproximou, prendeu o surpreso patrulheiro num abraço de urso e colocou-o no banco de trás do jipe.”

Mas, na Sala do Gabinete, que pulsava com o nervosismo de uma reunião de guerra, o desempenho desastrado do Exército naquela noite parecia mais que uma comédia dos erros. Dava a impressão de insubordinação. Foi assim que as relações distantes entre a Casa Branca e o Pentágono se arruinaram nesse momento da administração Kennedy. Num clima de alta tensão, os irmãos Kennedy e seus assessores sentiam algo de sinistro na incompetência farsesca dos militares. Estavam ofendidos com a aparente indiferença do Exército às ordens do presidente.

“Eu estarei fodido se o presidente dos Estados Unidos me telefonar e disser: ‘Levanta a bunda daí’”, disse O’Donnell, trazendo à tona o sangue irlandês. “Sim, eu pensaria que eles estariam naquele maldito avião em cinco minutos.”

“Desconfio que Khruchov teria mobilizado suas tropas com a devida rapidez”, ele acrescentou, com um amargo sarcasmo.

JFK expressou mais uma vez seu desagrado em relação aos militares: “Eles sempre nos vendem essa merda de

resposta instantânea, mas nunca funciona. Não admira que seja tão difícil ganhar uma guerra”.

Robert Kennedy nunca vira o irmão tão furioso durante seu governo — nem durante a humilhação da Baía dos Porcos ou a reunião de cúpula de Viena, nem durante o exasperante confronto com os soviéticos em Berlim ou as tensas negociações sobre o Laos. “As pessoas estão morrendo em Oxford!”, gritou JFK com o general Abrams. “Esta é a pior coisa que vejo em quarenta e cinco anos. Quero que o batalhão da polícia militar entre em ação. Quero que você se dirija ao campus imediatamente.” Na manhã seguinte, Bobby disse a um repórter que “a noite passada foi a pior noite da minha vida”. Ele era o braço direito do irmão na luta pelos direitos civis e deveria controlar situações voláteis como essa. Mas a noite esteve a ponto de explodir no mais terrível pesadelo da presidência de Kennedy, um banho de sangue racial que dividiria o país e prejudicaria a imagem dos Estados Unidos no exterior como farol da liberdade.

O’Donnell mais tarde ofereceu um intrigante relato de primeira mão sobre a sensação de calamidade que dominou a Sala do Gabinete naquela noite enquanto o Mississípi pegava fogo: “Estávamos em pânico com tudo aquilo, [Meredith] poderia ser morto, as tropas federais podiam ser atacadas, [seria] uma catástrofe política, além de uma série de fatos devastadores para todos os envolvidos. [...] As implicações tanto dentro quanto fora do país seriam enormes. [...] Nick estava ao telefone em Oxford, e Bobby, na Sala do Gabinete. O presidente andava de um lado para o outro no recinto, ouvindo as conversas dos dois. Eu nunca o vira tão perturbado. O presidente via a potencialidade do problema, todas as implicações se as coisas dessem errado, e o medo real de que fosse um banho de sangue. [...] O

presidente e o procurador-geral estavam, para dizer o mínimo, descontentes com os militares. O presidente exigiu que eles explicassem com detalhes, através de um memorando, por que não tinham fornecido as informações necessárias para um posicionamento estratégico. O presidente estava lívido, totalmente lívido. [...] o ritmo da violência aumentava de minuto a minuto em Oxford. Estava claro que o pior cenário era agora uma realidade: os federais seriam derrotados, enquanto Meredith e os enviados do presidente — Nick e os outros — correriam risco de vida. Era evidente que os federais estavam sendo dominados e, àquela altura, muitos deles tinham sido gravemente feridos.

“Agora o presidente não saía do telefone. Primeiro, tentou receber respostas do Pentágono. Em pouco tempo, exasperou-se com essa conversa, de modo que desligou e ligou novamente para a base em Memphis para descobrir o que estava acontecendo. Conseguiu falar com o general [Abrams], que terminou assumindo que não tinham preparado os helicópteros para ir a Oxford, que agora estavam todos lá, mas que havia outro problema. O presidente não imaginava que problema fosse esse. Bem, o problema, como o general admitiu, era que eles não sabiam ao certo para onde ir nem como chegar lá. O presidente estava estupefato. Ficamos ali sentados, olhando uns para os outros. Acreditava-se que as nossas eram as melhores forças armadas do mundo. Eles explicaram ao presidente que, quando traçaram aqueles planos e os resumiram para o procurador-geral, acreditavam que a operação ocorreria durante o dia. Agora, tratava-se de uma missão noturna, e eles não sabiam se poderiam chegar lá de helicóptero e se poderiam pousar. Quer dizer, estávamos ali sentados na Sala do Gabinete da Casa Branca, e eles estavam dizendo

literalmente ao presidente: ‘Onde devemos pousar? Não sabemos onde pousar’. Ele não conseguia acreditar.”

Durante a crise da Baía dos Porcos, o presidente Kennedy tinha aprendido que não era seguro delegar a responsabilidade por uma operação altamente arriscada à CIA. Naquela noite do confronto na Ole Miss, ele e seus assessores descobriram que não podiam confiar nos militares para realizar nem mesmo uma operação doméstica contra “umas poucas centenas de estudantes e trabalhadores do campo”, nas palavras cáusticas de Sorensen. Avaliando a cena desesperadora na Sala do Gabinete, O’Donnell estava chocado com o grotesco absurdo da situação: o presidente dos Estados Unidos obrigado a fazer o papel de controlador de voo, informando sua equipe onde pousar os helicópteros, e depois telefonando para um simples sargento baseado em Oxford para ter certeza de que haveria caminhões para transportar as tropas quando elas pousassem. O sargento que estava do outro lado da linha com o presidente revelou-se o militar mais eficiente com quem Kennedy falou naquela noite. “O presidente brincou que talvez devesse colocá-lo no comando”, observou O’Donnell.

Só às 2h15 da madrugada — quando a primeira leva de policiais militares bem armados finalmente chegou e atravessou as chamas em direção ao Lyceum — que a sala de guerra de Kennedy pôde relaxar. (Segundo certas estimativas, as tropas começaram a chegar mais de três horas depois do horário prometido pelo Exército. Mas Robert Kennedy mais tarde calculou o atraso das forças militares em mais de cinco horas.) Os federais soltaram um rugido profundo. O suprimento de bombas de gás lacrimogêneo estava esgotado e, se a ajuda demorasse mais alguns minutos, a multidão rebelada teria invadido o prédio. Os

soldados ficaram aturdidos com a cena que encontraram, digna de uma guerra infernal: carros incendiados, tiroteio, feridos aos gritos. “Eu não conseguia acreditar no que via”, lembrou o tenente John Migliore. “Não era possível que aquele fosse o *campus* de uma universidade nos Estados Unidos da América.” Mas o pior já tinha passado. “Diante do poder militar, os revoltosos começaram a se dispersar.”

Dois homens foram mortos — um repórter da agência France-Press e um técnico de *jukebox* local —, e 166 federais foram feridos. Dezenas de soldados, estudantes e revoltosos também não saíram ilesos da Batalha da Ole Miss. Cerca de 300 pessoas foram presas, homens e rapazes de todas as idades, vindos de todas as partes do chamado “Sul profundo” e de lugares mais afastados, como a Califórnia. Tinham ocorrido à tranquila cidade universitária em resposta à convocação racista de líderes rebeldes como o general Walker, que os exortara a “trazer suas bandeiras, suas barracas e suas painéis” e lutar pela soberania sulista contra a tirania da miscigenação federal. O gabinete do procurador-geral chegou a receber do FBI um relatório sobre um segregacionista de Wisconsin que planejava voar num avião militar fora de uso para a batalha em Oxford.

A tempestade do Mississípi deixou outra nuvem de má vontade e desconfiança sobre as relações entre a Casa Branca e o Pentágono. O procurador-geral extravasou sua raiva contra os militares perseguindo o general Walker com a mesma ferocidade com que perseguia os gângsteres. Na manhã seguinte à rebelião, Walker foi preso pelas forças federais e levado a uma prisão psiquiátrica no Missouri, onde foi submetido a exames antes de ser acusado de insurreição. O *New York Times* observou que internar o general num hospital de doenças mentais “foi considerado incomum”. Mas Bobby Kennedy não estava em clima de

moderação. Convocou o assessor de Cy Vance, Joe Califano, responsável no Pentágono pelo general fanático, e deixou claro que sua tarefa era manter Walker atrás das grades. “Não houve discussão sobre os direitos de Walker”, lembrou Califano em suas memórias, “nenhuma referência ao direito a fiança que era enfatizado no meu curso de direito em Harvard. ‘Custe o que custar, precisamos mantê-lo trancado naquele hospital’, foi a mensagem do procurador-geral para mim. Eu sabia que Kennedy tinha recriminado impiedosamente Vance por não ter garantido a chegada das tropas a Oxford a tempo de evitar a violência. Seu olhar gelado me dizia: ‘Talvez vocês, do Exército, possam pelo menos fazer alguma coisa direito.’” Mas o advogado de Walker apelou a seus simpatizantes de extrema-direita no Congresso, chamando seu cliente de “o primeiro prisioneiro político dos Estados Unidos”, e o insurreto general foi libertado sete dias depois.

A crise da Ole Miss provocou uma ruptura permanente entre a administração Kennedy e o Sul branco, uma fratura política que os irmãos se esforçaram desesperadamente para suturar, pelo menos até que JFK fosse reeleito. Mas, quando os irmãos Kennedy finalmente foram dormir naquela manhã de 1o de outubro, sabiam que tinham chegado a um momento crítico da história. A velha coalizão democrática não mais se manteria; era uma casa frágil que logo tombaria.

“O presidente, furioso e atormentado, foi para casa cerca de seis horas da manhã”, lembrou O’Donnell. “Fomos todos para casa, inclusive Bobby e eu. Fomos para casa sabendo que, pelo menos, tínhamos salvado a vida dos envolvidos — mas, na verdade, qualquer cordialidade que tivesse existido entre os estados do Sul e nós havia chegado ao fim. Não haveria mais nenhum pretexto, e essa questão [a

integração] não seria, nem poderia ser adiada. [...] O presidente, além de estar profundamente perturbado, percebeu que não era mais possível ocultar aquele grande problema nacional e tentar chegar a algum consenso com os estados sulistas. Os sentimentos amargos decorrentes daquele incidente transbordariam por um longo período.”

Criados no mundo privilegiado dos *country clubs* e escolas particulares, os irmãos Kennedy demoraram a perceber que o racismo arraigado teria que ser enfrentado pelo governo para que a jornada americana pudesse continuar. No início, viam as explosivas demandas de igualdade racial como um problema político a ser resolvido e não tanto como um imperativo moral. “O problema com o seu pessoal”, disse Bobby de forma rabugenta e arrogante ao advogado da NAACP<sup>8</sup> [futuro membro da Suprema Corte de Justiça] Thurgood Marshall, “é que vocês querem ir depressa demais”. Durante o primeiro ano do governo de JFK, Martin Luther King Jr. comentou que o presidente Kennedy parecia apoiar intelectualmente o movimento pelos direitos civis, mas que emocionalmente era indiferente. “Estou convencido de que ele tem entendimento e capacidade política, mas temo que lhe falte paixão moral.” Mas pressionado pelo heroísmo dos defensores dos direitos civis e pela justiça da causa, os irmãos Kennedy — primeiro Bobby e depois o indiferente Jack — começaram a mudar. Quando irrompeu a revolta na Ole Miss, os Kennedy eram vistos no Sul branco como líderes hostis, devido a seu apoio cada vez maior aos direitos civis. “Se Khruchov estivesse concorrendo com Kennedy aqui no Sul, ele o derrotaria”, queixou-se um eleitor do Mississípi. “E se Bob Kennedy fosse o candidato, a derrota para Khruchov seria pior ainda.”

Nos dias que se seguiram à sangrenta insurreição, o procurador-geral ordenou aos jovens assessores do Departamento de Justiça que perambulassem pelo *campus* da Ole Miss e pela cidade de Oxford, e lhe relatassem o clima de rescaldo do campo de batalha. Oxford era uma cidade cultural, onde nasceu o ganhador do Prêmio Nobel William Faulkner, que morrera no verão anterior, antes do incêndio de sua majestosa casa de estilo grego, Rowan Oak.

Antes de morrer, Faulkner tinha previsto algo parecido com a insurreição na Ole Miss, ao escrever que os sulistas iam preferir enfrentar “outra guerra civil, sabendo que iam perder” do que aceitar o fim da segregação em suas escolas. O sobrinho do escritor, Murray, liderou bravamente a unidade local da Guarda Nacional durante a Batalha da Ole Miss, correndo em auxílio dos federais apesar da indignação de seus compatriotas sulistas, e a certa altura apressou-se a socorrer com um pelotão uma igreja dos negros que estava prestes a ser incendiada pelos sulistas. Durante a rebelião, teve dois ossos quebrados quando um tijolo voador atingiu seu braço.

Mas, mesmo entre as pessoas educadas de Oxford, os sentimentos em relação aos Kennedy eram hostis.

Quando o procurador-geral telefonou ao capitão Falkner (como o seu lado da família escrevia o nome) depois do levante para cumprimentá-lo sobre “o trabalho benfeito”, a reação foi muito diferente do orgulho militar. “Mais tarde contei à tropa sobre o telefonema e a conversa”, lembrou Falkner. “Em vez de ser um reforço moral, o cumprimento teve um efeito adverso, tornando-os mais indignados do que nunca.”

Os enviados de Robert Kennedy levaram do Mississípi relatos e documentos preocupantes, artefatos racistas que ele armazenou em seus arquivos no Departamento de

Justiça como a arqueologia de uma civilização perdida. Grande parte deles revelava o medo sexual subjacente por trás do furor anti-Meredith — o temor de que novos estudantes negros viessem poluir a intocada magnólia branca da feminilidade sulista. (O presidente ficou “realmente enojado” com as fobias sexuais demonstradas na Ole Miss, observou O’Donnell mais tarde.) Panfletos que exibiam estudantes loiras nos braços de “animais” negros grosseiramente caricaturados espalhavam-se pelo *campus*. “Você gostaria que sua filha Branca, educada com todo o refinamento, deixasse de ser Branca?”, dizia um desses panfletos. “FACES ROSADAS NÃO MAIS ROSADAS. OLHOS AZUIS NUNCA MAIS AZUIS. SUA MENTE SENSÍVEL TRANSFORMADA NA MENTE DE UM MACACO? SEU LINDO CORPO NÃO MAIS BELO, MAS NEGRO E MALCHEIROSO?” Outro panfleto exigia que Meredith fosse isolado socialmente como “uma peça de mobília sem nenhum valor”, enquanto os homens da Klan adotavam uma abordagem mais direta, tramando raptá-lo e linchá-lo na primeira oportunidade. O panfleto de um estudante, que se intitulava Rebelde Secreto, atacava os irmãos Kennedy, que chamava de “KKK — Kennedy Koon Keepers”,<sup>9</sup> enquanto a Câmara de Comércio do Mississípi acusava o governo de atos de “tirania”, responsável por “um dos mais trágicos acontecimentos da história de [nosso] amado país — forças federais contra um estado soberano... a educação sob baionetas”. Uma inscrição de para-choque dizia: “Os Irmãos Castro se mudaram para a Casa Branca”.

Um panfleto distribuído a soldados brancos baseados no *campus* tentava provocar uma insurreição nas fileiras do Exército. “Não seja enganado para lutar contra seus irmãos americanos”, dizia o apelo às tropas. “KENNEDY pretende destruir os ESTADOS UNIDOS porque é um doente

COMUNISTA. [...] Se você se unir a seus irmãos norte-americanos aqui no Mississípi, nenhum poder na terra poderá nos vencer. Juntos, com todos os outros BONS NORTE-AMERICANOS, vamos tirar o VERMELHO JACK KENNEDY e todos os outros políticos comunistas de seus cargos e dar início à limpeza da MALDITA SUJEIRA COMUNISTA da face da terra.” James Symington, que tinha substituído John Seigenthaler como assessor administrativo de RFK, foi um dos jovens auxiliares que Kennedy despachou para a Ole Miss. Symington, filho do senador Stuart Symington, do Missouri, chegou a Oxford na manhã seguinte à rebelião num pequeno avião do governo. “O soldado que me apanhou no aeroporto local me disse para cobrir a cabeça com o casaco durante a viagem até a cidade para o caso de um tijolo voar pela janela”, lembrou Symington numa entrevista recente. O jovem assessor de Kennedy interrogou dezenas de pessoas que tinham sido presas durante a rebelião, além de pastores, editores de jornal, juízes e outros dignitários locais. Os testemunhos que ele recolheu no delta do Mississípi eram inquietantes. Jovens rebeldes lhe contaram que não queriam entrar no conflito, mas obedeciam a ordens de seus pais ou pastores.

“Um pastor me levou à sua igreja”, disse Symington, “e me disse: ‘Você representa a tirania’. Eu disse: ‘Como você pode acreditar que pessoas negras que vivem no Mississípi não tenham direitos?’. Ele respondeu: ‘Bem, é melhor ter um monte de pequenas tiranias do que uma grande’.” Outro ministro disse a Symington que instaladores de linhas telefônicas tinham visto “homens acampados no mato, aguardando que as tropas federais partissem para apanhar Meredith”. (A ocupação militar de Oxford durou cerca de dez meses. Um pequeno contingente de soldados federais

permaneceu no *campus* para proteger Meredith durante seu curso de graduação.)

Mais tarde, Symington foi convidado a falar a um grupo de alunos da Ole Miss. “Fui a uma casa pequena na cidade. Levei meu violão para cantar algumas velhas canções folclóricas, o que eu fazia naquela época. O jovem que me recebeu à porta segurava um copo alto, desses que a gente usa para beber leite, só que estava cheio de *bourbon*. ‘Que tal um pouco de gelo aí?’, eu disse. ‘Aqui no Mississípi não colocamos água em nossas bebidas’, ele respondeu.

“Fui até a cozinha e vi uma bandeja cheia de esquilos pelados. Depois fui para a sala e toquei algumas canções ao violão. Eles trouxeram os esquilos e me deram um para comer. Um rapaz me disse: ‘Você tem que cravar seu garfo bem aqui, como se fosse uma lagosta, e pegar a bolha branca. Você sabe o que é isso, ianque?’.

“E eu disse: ‘Antes de mais nada, não sou um ianque. Sou do Missouri, um estado vizinho. E acho que é o cérebro’.

“E eles gritaram: ‘Certo!’. Enfiei aquela coisa o mais fundo que pude na garganta, para não vomitar, e engoli. Eles gritaram e comemoraram.

“Continuamos bebendo *bourbon* e eles me disseram: ‘Você precisa entender que *amamos* nossos negros aqui no Sul’. E eu disse: ‘Isso é ótimo. Então por que eles não podem ir à escola com vocês?’. E eles disseram: ‘Não é desse jeito que os amamos’.”

Alguém levou a Robert Kennedy uma lembrança da Batalha da Ole Miss: um capacete branco dos federais que tinha sido atingido por um projétil. Kennedy manteve o capacete exposto em seu gabinete pelo resto de seu mandato como procurador-geral, a título de lembrete do que o governo estava enfrentando.

Quando chegou a vez de o presidente Kennedy homenagear o heroísmo demonstrado em Oxford durante aquela longa noite, ele não distribuiu citações de alguém do Exército ou do FBI. Convidou cinco soldados das fileiras das tropas federais. Durante uma cerimônia na Casa Branca, Kennedy disse aos homens que, se eles não tivessem mantido sua posição e James Meredith tivesse sido linchado, “teria sido um golpe do qual os Estados Unidos e o Mississípi não se recuperariam por muitos anos”.

O governo Kennedy tirou duas inevitáveis conclusões do episódio da Ole Miss: primeiro que não se podia confiar no Exército dos Estados Unidos para enfrentar uma crise interna, e segundo que o Sul era um território hostil. A crise reavivou as dúvidas, no círculo mais próximo de JFK, sobre sua capacidade de controlar seu próprio exército. E a batalha travada em Oxford — com as imagens inquietantes de tropas dos Estados Unidos em ação, não contra a Cuba de Castro, mas contra o sul do país — incitou mais comentários dos adversários de Kennedy sobre sua capacidade de liderança.

James Meredith obrigara o presidente a enviar tropas para o Sul pela primeira vez desde a Guerra Civil, para proteger os direitos de negros americanos. “Eu não estava lá como estudante. Estava lá como soldado”, declarou mais tarde o destemido e messiânico Meredith. “Eu era um general. Estava no comando de tudo.”

Eram muitos os defensores da velha ordem, não apenas no Sul, mas entre os militares e a elite de Washington, que consideraram a intervenção no Sul um uso impróprio das Forças Armadas. Barry Goldwater condenou a exibição da força militar como uma tentativa inconstitucional do governo federal de ocupar as escolas. Candidatos republicanos às futuras eleições parlamentares fizeram

questão de se apresentar no palco diante de bandeiras confederadas, um claro símbolo da emergente maioria GOP<sup>10</sup> no Sul. O candidato republicano da Carolina do Sul ao Senado comparou Kennedy a Hitler, afirmando que suas ações na Ole Miss tinham “a marca de uma tentativa cruel e premeditada de forçar o estado soberano do Mississípi à submissão”. Quando a banda da escola secundária tocou “Dixie”,<sup>11</sup> o candidato ao Senado gritou: “Espero que esta canção possa ser ouvida por todo o caminho de Oxford, Mississípi, a Washington, DC!”.

A explosão de violência no Mississípi teria reverberado ainda mais alto em Washington e por todo o país se outro abalo, de magnitude ainda maior, não a tivesse feito desaparecer rapidamente da primeira página dos jornais. Essa crise emanou, mais uma vez, de Cuba.

\* \* \*

Eram 9h45 da manhã de uma sexta-feira, 19 de outubro de 1962, quatro dias depois que um avião espião U-2 tinha localizado bases de mísseis de médio alcance em construção numa região remota no oeste de Cuba. Os Estados Unidos e a União Soviética enfrentavam a primeira semana da Crise dos Mísseis Cubanos, uma dança da morte de treze dias que Arthur Schlesinger Jr. consideraria mais tarde “o momento mais perigoso da história da humanidade”. O presidente Kennedy se esforçava por dar os passos certos nessa coreografia incerta, para que o mundo não acabasse caindo no abismo nuclear. Ele e seus dois conselheiros mais importantes, Bob Kennedy e Robert McNamara, tentavam encaminhar o processo decisório para um bloqueio naval a Cuba, interromper o envio de

carregamentos nucleares para a ilha e pressionar os soviéticos a adotar uma solução pacífica para a crise. Mas praticamente todo o aparato de segurança nacional pressionava o presidente a empreender uma ação militar contra a ilha. Liderando a reivindicação por uma reação agressiva estavam os membros do Estado-Maior Conjunto, que recomendavam ataques aéreos e a subsequente invasão da ilha. Na manhã de 9 de outubro, os altos comandantes militares do país lotaram a Sala do Gabinete para convencer Kennedy a adotar essa posição. Nenhuma reunião entre o chefe da nação e seus conselheiros de segurança nacional tinha sido tão carregada de consequências. E nenhuma reunião durante o governo Kennedy ilustra de maneira mais dramática a divisão entre o chefe de Estado e seus chefes militares.

Na reunião com o presidente estavam o chefe do Estado-Maior Conjunto, Maxwell Taylor; o comandante da Força Aérea, Curtis LeMay; o comandante das operações navais, George Anderson; o comandante do Exército, Earle Wheeler; e o comandante dos Fuzileiros Navais, David Shoup; além de McNamara. Taylor era ostensivamente um aliado de Kennedy, nomeado pelo presidente para injetar alguma sofisticação intelectual no Pentágono. Shoup não tinha as qualidades intelectuais de Taylor, mas também tentou se posicionar como um dos homens do presidente, alguém que tinha apoiado a eleição de JFK e se opusera ao senador Strom Thurmond e às tentativas da extrema-direita de doutrinar o Corpo dos Fuzileiros Navais. (“Eu não precisava que Strom Thurmond e seus escudeiros me dissessem o que os fuzileiros navais deviam ouvir sobre o comunismo”, observou Shoup mais tarde. “Achei que isso era ridículo.”) Mas Kennedy esperava ter problemas com o rabugento Curtis LeMay, que defendia um ataque nuclear preventivo à

Rússia desde o início da década de 1950, quando assumira o Comando Aéreo Estratégico. Para LeMay, Cuba era uma “atração secundária” que devia ser sumariamente “executada” pelos Estados Unidos. O presidente também sabia que não podia contar com o apoio de George Anderson, o alto, bem-apegoado comandante naval, conhecido por instruir seus marinheiros a seguir um caminho de limpeza moral. Anderson, cuja aparência lhe valera o apelido de “Belo George”, tinha se revelado tão cáustico quanto seu antecessor, Arleigh Burke, questionando abertamente as tentativas de Kennedy e McNamara de assumir o controle dos gastos de defesa e o processo de aquisição de armas. E Wheeler ainda estava ofendido pela furiosa bronca de JFK após o moroso desempenho do Exército na Ole Miss.

LeMay estava acostumando a assumir o comando nas reuniões do Estado-Maior. Com seu mau humor crônico, ele se comportava como um buldogue marcando território. Soprava a fumaça do charuto na cara de qualquer um que discordasse dele e demonstrava seu aborrecimento e seu desprezo deixando entreaberta a porta do banheiro contíguo à sala de reuniões do Estado-Maior enquanto se aliviava com ruidosa desinibição. Naquela manhã, o comandante da Força Aérea usou o mesmo estilo de confrontação com Kennedy na Sala do Gabinete. O ódio entre os dois era total. Eles até já tinham entrado em conflito sobre a crise numa reunião realizada na Casa Branca um dia antes. Kennedy pedira a LeMay que fizesse uma previsão da reação dos russos se os Estados Unidos bombardeassem Cuba. “Eles não farão nada”, respondeu LeMay. “O senhor está tentando me dizer que eles vão nos deixar bombardear seus mísseis e matar um monte de russos sem fazer nada?”, perguntou o presidente, incrédulo.

“Se eles não fizerem nada em Cuba, certamente farão alguma coisa em Berlim.” JFK sempre se preocupava com o fato de que um movimento no tabuleiro de xadrez da Guerra Fria pudesse desencadear um contra-ataque em outro lugar.

Depois da reunião, o presidente ainda não se conformava com a previsão despreocupada do general. “Você pode imaginar LeMay me dizendo uma coisa dessas?”, comentou Kennedy com O’Donnell quando voltou a seu gabinete. “Esses oficiais têm uma grande vantagem a seu favor. Se acreditarmos no que eles nos dizem, e fizermos o que eles querem, nenhum de nós estará vivo para lhes dizer que estavam errados.”

Na reunião de sexta-feira, LeMay declarou sem rodeios que “não temos escolha a não ser a ação militar direta”. E repetiu obstinadamente sua previsão do dia anterior, insistindo que não haveria reação dos soviéticos a um ataque aéreo a Cuba. “Não acho que [os russos] adotem alguma represália se lhes dissermos que a situação de Berlim ficará como sempre foi. Se eles fizerem um movimento, vamos lutar.” LeMay não fez esforço algum para esconder sua aversão à estratégia de bloqueio de Kennedy. Ela lhe lembrava a covardia de Neville Chamberlain, resmungou. Com certeza, o general era suficientemente esperto para saber o que estava fazendo quando levantou o fantasma de Munique. Devia saber que isso poria Kennedy na defensiva, com a lembrança do vergonhoso desempenho do pai dele como embaixador em Londres. O plano de bloqueio de Kennedy era “quase tão ruim quanto a política de conciliação em Munique”, ele disse, alfinetando o presidente.

Encorajados por LeMay, os outros comandantes aceitaram seus argumentos, ecoando o apelo do comandante da Força

Aérea por uma imediata ação militar. “Enquanto a União Soviética estiver apoiando Cuba, não vejo outra solução para o problema cubano, a não ser uma solução militar”, disse o almirante Anderson a Kennedy, num tom professoral. Até Taylor e Shoup endossaram a posição belicosa de LeMay. Mas Kennedy escapou à tentativa dos comandantes de colocá-lo contra a parede. Quando Shoup incoerentemente observou que a União Soviética já tinha capacidade de atacar os Estados Unidos mesmo sem os mísseis instalados em Cuba, Kennedy aproveitou a oportunidade que o comentário lhe ofereceu. Talvez a instalação dos novos mísseis não tivesse tanto poder desestabilizador, sugeriu o presidente. Talvez não valesse a pena correr o risco de uma guerra nuclear. “Não importa o que eles coloquem lá, podemos viver hoje com isso [essa ameaça]”, pensou alto o presidente.

Esse sentimento conciliatório provocou outra explosão de LeMay. “Se os deixarmos lá”, espumou o general, o bloco comunista exercerá “uma chantagem ameaçadora não só sobre nós, mas sobre todos os países sul-americanos”. Então o comandante da Força Aérea fez algo notável. Decidiu violar os tradicionais limites entre militares e civis e lançou uma ameaça política nada velada. Se o presidente reagisse com fraqueza à provocação soviética em Cuba, isso teria repercussões políticas no exterior, onde o governo Kennedy seria visto como covarde. “E tenho certeza de que muitos cidadãos pensariam o mesmo”, acrescentou LeMay. Com suas íntimas ligações com os congressistas militaristas e com a extrema-direita, LeMay não deixou dúvidas sobre o dano político que podia causar ao governo. “Em outras palavras, o senhor está numa situação muito ruim no momento”, disse o general ao presidente.

Foi um comentário desprezível — particularmente no clima grave do momento — e Kennedy não o deixou passar. “O que o senhor disse?”, reagiu ele.

“O senhor está numa situação muito ruim”, repetiu LeMay, sustentando sua posição.

“E o senhor está comigo nessa”, replicou o presidente com sarcasmo. Então Kennedy riu, uma risada tensa e melancólica. “Pessoalmente”, acrescentou, desenganando LeMay sobre a questão.

Ted Sorensen mais tarde expressou seu espanto diante do comportamento provocador de LeMay na Sala do Gabinete naquela manhã. “O que LeMay disse naquela reunião poderia ter saído de *Sete dias de maio*”, exclamou Sorensen em uma entrevista. “Dizer a Kennedy que aquilo lhe lembrava Munique, que ele estava sendo muito mole, e que o povo americano pensaria o mesmo! Foi isso que me horrorizou: um general dizer ao presidente dos Estados Unidos o que o povo pensava.”

Uma hora depois, Kennedy deixou a reunião, seguido por McNamara. Era evidente que o confronto com seus mais altos comandantes militares perturbara o comandante em chefe. Mais tarde, ele disse a um assessor que o governo precisava deixar claro ao Estado-Maior que não iniciaria uma guerra sem sua aprovação, um temor crônico de JFK. “Não quero que sejam disparadas armas nucleares sem nosso conhecimento”, ele disse. “Não acho que possamos aceitar a palavra dos comandantes.”

Kennedy tinha razão em duvidar da lealdade dos chefes militares. Depois que ele e McNamara deixaram a Sala do Gabinete naquela manhã, o sistema de gravação secreto continuou a registrar a conversa dos chefes militares sem que eles soubessem. Assim que o presidente e seu secretário da Defesa saíram, os comandantes começaram a

condenar a cautelosa e gradual tomada de posição de Kennedy frente à crise. Shoup, que se supunha leal a Kennedy, tomou a dianteira do ataque raivoso, como se quisesse mostrar a seus colegas militares onde residia verdadeiramente sua lealdade. JFK sempre adotava uma posição cuidadosa em “toda maldita crise”, disse ele aos colegas num tom ressentido. Se eles “molengassem com os mísseis, iam se ferrar”, ele praguejou.

“Com certeza”, apoiou LeMay.

“Vão se ferrar, se ferrar, se ferrar.”

Kennedy estava preocupado com “a ação política do bloqueio”, concordou Wheeler, em vez de deixar que seus chefes militares resolvessem o problema.

O desdém e a frustração dos comandantes militares em relação ao presidente acabaram transbordando numa torrente de “insubordinação”, como definiu Sorensen mais tarde. “O que eles disseram sobre seu comandante em chefe depois que ele saiu da sala foi vergonhoso”, ele disse.

Kennedy sabia que, a cada dia que passava, aumentavam as pressões para uma solução militar. Quando saiu da Sala do Gabinete naquela manhã, deu de cara com Sorensen, que o presidente sabiamente tinha mantido afastado da reunião para não provocar os chefes do Pentágono. “Ele saiu furioso da reunião e disse: ‘Você e Bob precisam chegar a um consenso sobre isso [o bloqueio]’. E, apontando para a sala de reunião, disse: ‘Todos eles querem a guerra’. Ele sentia que, com a pressão que vinha daquela sala, o tempo ia se esgotar.”

À medida que a crise prosseguia, o homem da extrema-direita de LeMay, Tommy Power — cujo temperamento psicológico até LeMay reconhecia que “não era estável” —, assumiu a responsabilidade de elevar o alerta do Comando Aéreo Estratégico ao nível DEFCON-2, a um passo da guerra

nuclear. Evidentemente, o general Power pensava saber, melhor que o presidente dos Estados Unidos, como lidar com os russos. Para ter certeza de que Moscou captara a mensagem, Power deliberadamente enviou o alerta às claras, de modo que os soviéticos pudessem tomar conhecimento dele imediatamente. Estaria a Casa Branca consciente desse movimento do comandante das Forças Aéreas do país, uma atitude típica do *Dr. Fantástico*? “Não, não estávamos”, afirmou Sorensen categoricamente.

Só anos depois os integrantes sobreviventes do governo Kennedy souberam o quanto foi perigosa a pressão dos militares sobre JFK. Numa conferência realizada em Havana em outubro de 2002 para marcar o 40o aniversário da Crise dos Mísseis, ex-membros do governo Kennedy ficaram estupefatos ao saber dos russos que as forças nucleares russas estavam preparadas para o confronto. “O Estado-Maior pressionava pela destruição dos mísseis por meio de um ataque-surpresa”, lembrou Schlesinger, que compareceu à conferência em Havana. “Mas, como descobrimos na conferência, o Exército Soviético tinha quarenta mil homens em Cuba, e não os dez ou doze mil que esperávamos. E os comandantes soviéticos em Cuba estavam equipados não só com mísseis estratégicos, como também nucleares táticos, e tinham ordens de usá-los para repelir uma invasão americana. Eu estava sentado ao lado de Bob McNamara em Havana quando o general russo que chefiava o contingente do Exército Vermelho em Cuba em 1962 de repente revelou isso. McNamara quase caiu da cadeira. Não tínhamos ideia disso.”

A conferência de Havana, observou Sorensen, “me lembrou, assim como a Arthur e a Bob McNamara, o quanto o mundo esteve perto de um conflito nuclear que muito rapidamente teria se transformado num holocausto nuclear

que deixaria ambos os países em ruínas, e, em seguida, o mundo todo.” O Estado-Maior, continuou Sorensen, “estava certo de que não havia nenhuma ogiva nuclear em Cuba na época. Estava errado”. Se Kennedy tivesse cedido à pressão, concluiu Sorensen tristemente, o mundo teria sido reduzido a escombros.

“Não existe um período de teste quando se trata de armas nucleares”, observou McNamara durante a conferência em Havana. “Basta um erro, e nações são destruídas.”

Era disso que McNamara tentava convencer os comandantes

militares à medida que a crise se desenrolava. Depois de iniciado o bloqueio, Kennedy ordenou ao secretário da Defesa que se mantivesse atento aos movimentos da Marinha, para ter certeza de que os navios americanos não fariam alguma coisa capaz de desencadear a Terceira Guerra Mundial. Nenhum tiro devia mirar os navios soviéticos sem a aprovação de McNamara. Mas o almirante Anderson se revoltou contra a vigilância do secretário da Defesa, confrontando McNamara no centro de comando no Pentágono, onde o bloqueio era monitorado. Numa explosão de cólera que seria dramatizada no filme *Treze dias que abalaram o mundo*, de 2000, o almirante disse a seu superior civil que não precisava de seu conselho sobre a maneira de administrar o bloqueio, e que a Marinha vinha realizando operações desse tipo desde a época da Revolução. “Não ligo a mínima para o que John Paul Jones teria feito”, respondeu McNamara, furioso. “Quero saber o que você vai fazer — agora.” Anderson sugeriu que McNamara saísse da sala: “Senhor secretário, volte a seu gabinete que eu irei para o meu e tomarei conta das coisas”.

“Aparentemente, foi um erro dizer algo assim a alguém com a personalidade de McNamara”, comentou mais tarde o insubordinado almirante. Assim que McNamara deixou a sala, disse a seu assessor Roswell Gilpatric: “Este é o fim de Anderson”.

Como os outros comandantes militares, Anderson estava ansioso para usar a Crise dos Mísseis “para resolver o problema cubano” invadindo a ilha. “Poderia haver muito sangue, mas eu diria que com poucas baixas entre as forças americanas”, notou o almirante numa entrevista concedida em 1981 no Instituto Naval dos Estados Unidos. “Acho que o povo cubano teria imediatamente aceitado nosso apoio, e acho que poderíamos ter instalado um bom governo em Cuba, e acho que, com as advertências apropriadas aos russos e cuidado de nossa parte, não teria havido uma confrontação militar entre as tropas russas que estavam lá e as nossas, porque havia relativamente poucos russos lá. Não acredito que, em nenhuma circunstância, eles teriam usado aquelas armas de ataque contra os Estados Unidos ou que haveria uma guerra nuclear.”

Anderson nunca teve a oportunidade de testar suas teorias. Meses depois da Crise dos Mísseis, Kennedy e McNamara conseguiram tirar Anderson do comando da Marinha, despachando-o como embaixador para Portugal, onde ele se tornaria íntimo do ditador Antonio Salazar, a quem descreveu como “um homem extremamente polido, decente e calmo”. Antes de deixar o Pentágono, Anderson fez uma visita informal ao gabinete de McNamara, onde o secretário da Defesa lhe estendeu a mão. O almirante, que considerava McNamara um homem “vingativo” e “falso”, recusou o cumprimento. “Estender-lhe a mão? Nunca.” McNamara convidou-o a sentar-se para conversar. “Senhor secretário, sua ideia de integridade está muito distante da

que aprendemos na escola militar”, disse-lhe o almirante bruscamente durante uma longa conversa. “É a diferença entre dia e noite.” De acordo com Anderson, McNamara caiu no choro ao ouvir isso. Anos depois, ainda se podia sentir o desprezo do almirante. Para ele, os civis Kennedy não passavam de bebês chorões de terno.

O Estado-Maior não estava sozinho na tentativa de levar os Estados Unidos à guerra por causa da instalação de mísseis em Cuba. A CIA também se envolveu num jogo perigoso durante a crise. O diretor da CIA, John McCone, que foi o primeiro homem dentro do governo a informar que os soviéticos estavam instalando mísseis na ilha caribenha, não fazia segredo de que desejava uma guerra para eliminar a nova ameaça. Nas semanas anteriores à explosão da crise, a agência começou a pingar informações sobre os mísseis a repórteres amigos, como Hal Hendrix, do *Miami News* — que mais tarde ganhou um Pulitzer por seus “furos” —, e o senador republicano Kenneth Keating, de Nova York, que usou as dicas da inteligência para criar embaraços ao governo Kennedy.

No auge da crise, o presidente Kennedy instruiu a CIA a suspender imediatamente todas as incursões aéreas sobre Cuba, para garantir que nenhuma fagulha proveniente das operações secretas da agência desencadeasse uma conflagração nuclear. Mais uma vez, a agência afirmou seu direito de determinar sua política em relação a Cuba, independentemente da vontade do presidente. Desafiando a ordem de Kennedy, Bill Harvey mobilizou sessenta comandos e os lançou sobre Cuba, antecipando a invasão que a CIA esperava que ocorresse logo. Quando alguém na estação JM/WAVE informou Robert Kennedy do ato temerário, o procurador-geral ficou uma fera e, numa reunião da Operação Mongoose, censurou o homem da CIA

por ter corrido o risco de desencadear a Terceira Guerra Mundial. Sem demonstrar arrependimento, Harvey retrucou que, se os Kennedy tivessem resolvido o problema de Cuba no episódio da Baía dos Porcos, o país não estaria metido nessa confusão. Furioso, o procurador-geral saiu da sala. Anos depois, quando compareceu perante a Comissão Church, o homem da CIA ainda menosprezava as preocupações dos Kennedy, que para ele eram “cheios de não me toques”.

Para os Kennedy, entretanto, foi mais uma demonstração da natureza inescrupulosa da agência. “Naturalmente, fiquei furioso”, disse Bobby mais tarde, lembrando o ato provocativo de Harvey. Ele estava estupefato com a ação da CIA, que poderia ter causado um apocalipse nuclear “por conta de uma operação incompetente”.

Vendo o confronto entre Kennedy e Harvey, McCone soube que a carreira de seu homem de frente em Cuba tinha implodido. “Harvey se destruiu hoje”, disse o diretor da CIA a um assessor. A “bronca” de Kennedy em Harvey fora “tão forte”, segundo um memorando do FBI, “que McCone achou melhor tirar Harvey de Washington por alguns dias”. Mais tarde, Dick Helms veio em socorro de Harvey, transferindo-o para um posto da agência em Roma, onde ficaria fora da linha de fogo de Kennedy. O lendário espião passou seu breve período de exílio em Roma e depois foi chamado de volta ao quartel-general da CIA.

Antes de Harvey partir para a Itália, seus colegas lhe ofereceram uma festa de despedida, na qual dramatizaram a vida e a morte de Júlio César, com Harvey no papel principal. Quando a apresentação terminou, alguém gritou: “Quem foi Brutus?”. Harvey respondeu: “Bobby”, que ele desde então passou a considerar “traíçoeiro”.

Sua carreira estava praticamente acabada. Mas, durante seu declínio e queda na CIA, Harvey continuou em contato com seu velho camarada da Máfia, Johnny Rosselli. Os dois foram vistos juntos na Flórida, em Los Angeles e em Washington, conferenciando diante de seus “refrescos” habituais: martíni para o espião e Smirnoff *on the rocks* para o gângster. Quando Harvey saiu da agência e abriu uma firma de advocacia em Washington, Rosselli fez uma visitinha ao velho amigo e lhe arranjou alguns negócios. O espião aposentado se recusou a afastar-se do mafioso, mesmo sob pressão da agência. Bill Harvey jamais se desculpou pelo bizarro relacionamento. “Não importa como ele tenha ganhado a vida no passado”, Harvey declarou mais tarde aos investigadores do Senado, Johnny Rosselli era um homem “íntegro até onde me dizia respeito”. O gângster era leal e confiável “em seus acordos comigo”, disse Harvey, que tinha “grande estima” por ele.

O isolamento do presidente Kennedy dentro de seu próprio governo nunca ficou tão evidente como durante a Crise dos Mísseis. Nas reuniões do ExCom (Comitê Executivo do Conselho de Segurança Nacional), nas quais Kennedy discutiu sua estratégia, o presidente só contou com o apoio do irmão e de McNamara. Bobby, que tinha amadurecido e se tornara um diplomata prudente e contido naquela difícil situação, desempenhou um papel fundamental. “Graças a Deus por Bobby”, Dave Powers ouviu o presidente dizer numa manhã, quando o irmão enfrentou outra tensa reunião do ExCom. A crise que ameaçava a humanidade obrigou o jovem Kennedy a enfrentar uma pergunta fundamental sobre o uso do poder na era nuclear. “Em que circunstâncias, se é que elas existem, um governo teria o direito moral de colocar seu povo, e possivelmente todos os povos, sob ameaça de uma destruição nuclear?”, ele se

perguntava. Como observou Schlesinger mais tarde, era uma pergunta que poucos estadistas chegaram a levantar e que poucos filósofos responderam.

Robert Kennedy foi o principal mensageiro do irmão nas delicadas negociações que finalmente puseram fim à crise, encontrando-se em segredo com Georgi Bolshakov, até que os Kennedy perceberam que seu velho camarada soviético fora usado por Moscou para enganá-los, e mais tarde, encontrando-se com o embaixador Anatóli Dobrynin. Em suas memórias, Nikita Khruchov faz um relato surpreendente das conversas emocionais de RFK com Dobrynin, nas quais Kennedy enfatizou que o governo do irmão estava se tornando frágil à medida que a crise se arrastava. Não foi a primeira vez no governo Kennedy que Bobby transmitiu essa alarmante mensagem aos russos. Mas, diante da gravidade do momento, Khruchov sentiu que o apelo de Kennedy era especialmente urgente.

Depois que o procurador-geral fez uma visita informal à embaixada soviética, Dobrynin relatou a Moscou que “Robert Kennedy parecia exausto. Podia-se ver em seus olhos que não dormia há dias. Ele mesmo disse que estava fora de casa há seis dias e seis noites. ‘O presidente enfrenta uma grave situação’, disse Robert Kennedy, ‘e não sabe como sair dela. Estamos sob forte tensão. Na verdade, estamos sendo pressionados por nossos militares para usar a força contra Cuba. [...] O presidente Kennedy implora ao primeiro-ministro Khruchov que aceite sua oferta e leve em consideração as peculiaridades do sistema americano. Embora pessoalmente o presidente não seja a favor de uma guerra contra Cuba, uma irreversível cadeia de eventos pode ocorrer contra a sua vontade. [...] Se a situação continuar por muito tempo, o presidente não pode assegurar que os militares não irão derrubá-lo e tomar o

poder. O Exército Americano pode escapar ao seu controle”. Em outra ocasião, Khruchov escreveu que Bobby Kennedy “estava quase chorando” quando telefonou a Dobrynin. “Não vejo meus filhos há dias”, ele disse ao embaixador soviético, “e o presidente também não vê os dele. Passamos dia e noite na Casa Branca; não sei quanto tempo mais poderemos resistir aos generais.”

Homens leais a Kennedy, como Schlesinger — que considerava a maneira como os irmãos administravam a crise certa e eficiente, o que em muitos aspectos era —, sugerem que as súplicas emocionais de Bobby aos soviéticos foram uma estratégia para ganhar vantagem nas negociações. O presidente Kennedy nunca teve dúvidas em enfrentar o Pentágono, observou Schlesinger recentemente: “JFK tinha uma grande capacidade de resistir às pressões dos militares. Ele simplesmente pensava que estava certo. Falta de confiança nunca foi um dos problemas de Jack Kennedy. Teríamos tido uma guerra nuclear se Nixon fosse presidente durante a Crise dos Mísseis. Mas a posição de herói de guerra de Kennedy lhe permitia desafiar o Estado-Maior. Ele os via com desprezo, como um bando de velhos”.

No entanto, reconheceu Schlesinger, Kennedy não tinha total controle sobre seus chefes militares. Repetidas referências a golpes e climas semelhantes a *Sete dias de maio*, que transparecem nas transcrições e impressões sobre a administração, deixam claro que JFK e seus assessores mais próximos se preocupavam com a estabilidade do governo.

E Khruchov também. “Por algum tempo, sentimos que havia o perigo de que o presidente perdesse o controle sobre os militares”, escreveu ele mais tarde, “e agora ele mesmo admitia isso.” O medo de que Kennedy fosse derrubado por um golpe, sugere Khruchov em suas

memórias, levou os soviéticos a fechar um acordo sobre os mísseis com o presidente. “Percebemos, pelo tom da mensagem, que a tensão nos Estados Unidos estava de fato chegando a um ponto crítico.”

Treze dias depois que a crise começou, Khruchov anunciou que ia retirar seus mísseis de Cuba. A decisão soviética foi saudada como uma grande vitória americana, uma demonstração do poder de decisão dos Estados Unidos. Os Kennedy encorajaram esse ponto de vista na mídia, embora tivessem feito concessões para pôr fim ao confronto, concordando secretamente em retirar mísseis envelhecidos de bases norte-americanas na Turquia e prometendo não invadir Cuba. Essa última concessão foi particularmente importante do ponto de vista soviético, já que fora a ameaça militar a Cuba que induzira Khruchov a instalar os mísseis ali. Washington mais tarde insistiria que essa promessa não era compulsória, porque Castro se recusara a permitir inspeções americanas em Cuba, para ter certeza de que os mísseis tinham sido retirados. Entretanto, Kennedy e futuros presidentes honraram a promessa de não invasão. Isso garantiu a sobrevivência da revolução cubana, e, embora Castro não visse as coisas desse modo à época, Khruchov corretamente considerou que fora “uma grande vitória” para a ilha.

Embora a ofensiva de mídia de Kennedy tenha conseguido vender a história de que “o outro lado vacilara”, os radicais em Washington encaravam a solução da crise de outra maneira. Dias depois do anúncio de Khruchov, o presidente convocou os membros do Estado-Maior ao Salão Oval para lhes agradecer por seu papel na crise, um gesto particularmente simpático considerando o atrito entre o comandante em chefe e seus generais. Mas LeMay não estava em clima de celebração. “É a pior derrota de nossa

história”, ele vociferou a Kennedy. “Devíamos invadir hoje!” A raiva contra Kennedy se espalhou pelos escalões superiores das Forças Armadas, que achavam que o presidente perdera a oportunidade perfeita de dismantlar o regime comunista em Cuba. “Tivemos a chance de expulsar os comunistas de Cuba”, resmungou mais tarde LeMay. “Mas o governo tremia de medo de que eles [os russos] lançassem um míssil contra nós.”

Daniel Ellsberg, analista da defesa que mais tarde ficou famoso por causa do vazamento de documentos secretos do Pentágono, era consultor dos generais e coronéis da Força Aérea sobre estratégia nuclear quando a crise dos mísseis terminou. Ele ficou assustado com a “fúria” dentro da Força Aérea depois do acordo entre Kennedy e Khruchov. “Havia um clima de golpe nos círculos do Pentágono”, lembrou Ellsberg. “Não que eu temesse que estivéssemos à beira de um golpe. Eu só percebia que havia um sentimento de ódio e raiva. O clima estava envenenado, envenenado.”

A CIA também tinha conhecimento de que a Crise dos Mísseis fora um momento decisivo na relação com Cuba. Quando Kennedy deu a Khruchov “garantias contra [a] invasão de Cuba”, o agente da CIA George McManus escreveu em um memorando de 5 de novembro:

“A Operação Mongoose morreu.” Mongoose sempre fora apenas uma fachada, observou McManus, um subterfúgio destinado a apagar “a mancha política que o presidente herdara do fracasso na Baía dos Porcos”. Mas agora, concluiu a CIA tristemente, o governo Kennedy abandonava a pretensão de derrubar Castro.

Para esse militantes que faziam parte da força organizada para destruir o regime comunista na ilha, a solução pacífica da crise fora uma traição pior do que a Baía dos Porcos. Eles sentiram o governo dos Estados Unidos na iminência de

lançar um ataque devastador a Cuba, e no final viram Kennedy evitar um acerto de contas. Foi o mais perto que eles chegaram de realizar seus sonhos políticos, e eles foram esmagados. “Se já se falava em traição no caso da Baía dos Porcos, isso foi ainda pior para nós, os envolvidos”, disse Rafael Quintero, um dos sessenta comandos recrutados por Harvey para desembarcar de paraquedas em Cuba durante a crise.

Quando o ano de 1962 chegou ao fim, o mundo era um lugar mais seguro. Aqueles treze dias e noites insones valeram a John Kennedy um lugar de glória na história. “As pessoas não pensam mais que uma guerra mundial entre União Soviética e Estados Unidos era inevitável”, observou Sorensen anos depois. O jovem presidente tinha superado os mais graves perigos ocultos já enfrentados por um líder americano, e conseguira evitar o *impeachment* e um golpe de Estado, assim como uma aniquilação nuclear. Mais tarde, houve uma mudança na situação do mundo, um ponto de luz por entre as nuvens negras que pairaram sobre o planeta desde o início da Guerra Fria. Exultantes como quem consegue escapar por pouco da morte, Kennedy e Khruchov sentiram-se estimulados a buscar a paz com vigor renovado.

Kennedy e Khruchov tinham se aproximado durante os treze dias e noites de provação, e até trocaram cartas particulares e mensagens confidenciais. JFK ficou especialmente tocado por uma carta, “um grito do coração”, como o definiu um diplomata americano, na qual Khruchov dizia que o povo russo não era formado de “bárbaros” ou “lunáticos”, e queria viver tanto quanto o povo americano. Portanto, cabia a Kennedy e a ele parar de apertar o “nó da guerra” antes que ele ficasse tão apertado que nenhum dos dois pudesse desatá-lo. Khruchov mais tarde disse que

criara um “profundo respeito” por Kennedy durante a crise. “Ele não se amedrontou, nem foi precipitado. [...] Mostrou verdadeira sabedoria e postura de estadista quando deu as costas às forças da extrema-direita que tentavam convencê-lo a empreender uma ação militar contra Cuba.”

Houve mais compreensão do que nunca entre os dois líderes. Mas ambos estavam cada vez mais afastados de seus próprios governos. Quando Khruchov conseguiu desviar o país para uma saída pacífica da crise, seus conselheiros militares o “olhavam como se eu tivesse perdido o juízo ou, o que era pior, fosse um traidor”. Mas o líder soviético seguira seu curso sem concessões. “Que bem me faria, na última hora de minha vida, saber que, mesmo com nossa grande nação e os Estados Unidos em completa ruína, a honra nacional da União Soviética permanecera intacta?”

Foi um momento crucial na Guerra Fria, uma época em que os chefes de duas forças nucleares viram-se descompassados em relação a suas respectivas burocracias nacionais de segurança. Khruchov tinha plena consciência de que a história política soviética era uma épico de sangue e traição, de saídas repentinas e violentas do palco. Mas ele não era o único chefe de superpotência a temer por sua segurança.

[1](#) . Office of Strategic Services, agência de inteligência criada durante a Segunda Guerra Mundial e precursora da CIA. [N. T.]

[2](#) . O mais alto conselho militar do presidente dos Estados Unidos, que compreende os comandantes do Exército, da Marinha, da Força Aérea e do Corpo de Fuzileiros Navais. [N. T.]

[3](#) . Referência ao episódio que deu origem à guerra dos Estados Unidos contra a Espanha em 1898. O encouraçado *Maine* foi alvo de uma explosão na baía de Havana. A imprensa americana imediatamente acusou pelo atentado os espanhóis, que à época ainda colonizavam Cuba. Diante do desinteresse do povo americano, William Randolph Hearst, à frente do *New York Journal*, desencadeou uma campanha antiespanhola, clamando por vingança e

repetindo incansavelmente “Lembrem-se do *Maine!* Para o inferno a Espanha!”. [N. T.]

- 4 . Grupo anticastrista originalmente criado por estudantes da Universidad de La Habana. [N. T.]
- 5 . Sociedade política fundada em 1786 por membros do Partido Democrata dos Estados Unidos e que deixou de existir na década de 1960, suspeita de usar métodos ilegítimos para garantir o controle de postos políticos no estado de Nova York. [N. T.]
- 6 . Expressão que remete ao general Douglas MacArthur, comandante das Forças Aliadas na Segunda Guerra Mundial, e a sua posterior demissão do comando militar (em 1951), após entrar em desacordo com o presidente Harry Truman sobre ações militares durante a Guerra da Coreia. [N. T.]
- 7 . Referência à Batalha do Álamo, travada em 1823, quando o Texas ainda pertencia ao México, entre forças mexicanas e rebeldes texanos sitiados no Forte Álamo, na qual quase todos os rebeldes foram mortos. [N. T.]
- 8 . NAACP (National Association for the Advancement of Colored People), Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor. [N. T.]
- 9 . Literalmente, “Kennedy Defensores do Descaramento”. [N. T.]
- 10 . Grand Old Party, apelido do Partido Republicano. [N. T.]
- 11 . Nome de uma famosa canção dos confederados sulistas na Guerra de Secessão (1861-65). [N. T.]

# 1963

Um clamor estrondoso irrompeu da multidão quando o glamoroso presidente e a primeira-dama adentraram o Orange Bowl a bordo de um brilhante conversível branco. Um mar de bandeiras cubanas e americanas se agitava freneticamente nas tribunas do estádio. John F. Kennedy atravessou energicamente o gramado até as fileiras de homens com amassadas fardas cáqui, saudando-os e apertando-lhes a mão. Alguns usavam bengalas, mas permaneciam orgulhosamente eretos sob o ofuscante sol de Miami. Era sábado de manhã, 29 de dezembro de 1962. Os homens da Brigada 2506, sobreviventes da Baía dos Porcos e das prisões de Castro, finalmente haviam sido libertados, e Kennedy estava lá para recebê-los de volta em casa. Vários dos conselheiros do presidente haviam-no alertado com firmeza contra a ideia de comparecer à cerimônia do Orange Bowl. Kenny O'Donnell foi um deles; ele estava preocupado com as consequências políticas daquilo que podia ser um evento emocionalmente volátil. “Não vá lá”, disse a Kennedy, quando o presidente ligou da mansão da família em Palm Beach, onde passara o Natal. “Depois de tudo pelo que você passou com Castro, não pode comparecer no Orange Bowl e pagar um tributo a esses rebeldes. Isso vai parecer como se você estivesse

planejando dar o troco com uma nova invasão de Cuba.” Mas Bobby — sempre mais exaltado que Jack no que dizia respeito à questão de Cuba — convenceu seu irmão a participar. Uma decisão que acabou se mostrando desastrosa.

Quando um dos líderes da brigada, Erneido Oliva, presenteou Kennedy com a bandeira que os rebeldes haviam escondido ao serem presos, JFK, em geral reservado, de repente perdeu sua ponderação. “Comandante, posso lhe assegurar”, proclamou ele em tom cada vez mais alto, “que essa bandeira irá voltar à sua brigada na Havana livre.”

Todos os membros da brigada, mais de 1.100 homens, aprumaram-se num instante, comemorando com vigor. Gritos de “*Guerra! Guerra!*” e “*Libertad! Libertad!*” varreram o estádio. Alguns rebeldes caíram em prantos.

Os conselheiros de Kennedy estavam pasmados. Goodwin, que havia escrito o discurso do Orange Bowl, disse mais tarde que JFK “saiu do roteiro [...], aquela frase sobre levar de volta a bandeira para Cuba libertada não estava no texto. Ele se deixou empolgar pelo momento”. Mas um relatório da CIA, datado de 28 de dezembro de 1962, e que acabou sendo divulgado, revela que a teatral cena da bandeira havia sido cuidadosamente coreografada por Bobby Kennedy de antemão, junto com os líderes e Livross. Em todo caso, o apelo à guerra de JFK era o pior medo de O’Donnell, e se tornava realidade. A erupção do presidente parecia prometer que os Estados Unidos iam organizar outra invasão à ilha. “Diplomaticamente, era a pior atitude que um presidente dos Estados Unidos podia tomar naquela época”, escreveu ele depois.

O próprio JFK percebeu seu erro. Alguns dias depois, ele se encontrou com repórteres em sua casa de Palm Beach para

esclarecer a política em relação a Cuba. Seu governo não tinha nenhuma intenção de apoiar uma nova invasão nem de impor um novo regime a Cuba, deixou claro Kennedy, a menos que Castro cometesse um ato grave de agressão. Mais uma vez, o presidente havia soprado as velas dos rebeldes cubanos, fazendo em seguida desinflar suas alentadas esperanças. Era o mesmo padrão de ambivalência que havia caracterizado a política do governo desde a Baía dos Porcos. Os Kennedy tinham um discurso firme em relação ao regime de Castro e exacerbavam as paixões dos cubanos e Livross, mas logo puxavam bruscamente as rédeas da guerra.

As atitudes antagônicas de Kennedy em relação a Cuba tinham certa lógica política — a intenção era refrear as ambições de Khruchov e Castro na América Latina e desarmar as pressões direitistas em casa, e ao mesmo tempo evitar o risco de guerra. Mas isso inflamou os ânimos dentro da comunidade de cubanos e Livross, em que o nome de Kennedy acabou virando sinônimo de traidor. Uma violenta raiva começou a infectar os trópicos políticos de Miami, um mundo sombrio em que alianças instáveis entre Livross, gângsteres e espiões fomentavam tortuosas conspirações e sonhos de glória revolucionária. Durante a participação de JFK no Orange Bowl, um assassino potencial estava emboscado na multidão, carregando dentro de uma bolsa de lona uma espingarda desmontada, equipada com telescópio. O Serviço Secreto e a polícia de Miami mais tarde receberam informações sobre o suspeito, que foi descrito como um jovem e musculoso cubano, mas foram incapazes de rastreá-lo.

No verão de 1963, o remoinho de intrigas no submundo anticastrista estava chegando ao cume. A confusão reinava enquanto os Kennedy tentavam impor seu controle sobre os

grupos de eLivross de ação orientada, como o Diretório Revolucionário Estudantil (DRE) e o Alpha 66,<sup>1</sup> incentivando ou não suas incursões contra Cuba, de acordo com a política do momento. A CIA declarava que esses grupos anticastristas estavam fora de controle, mas os rebeldes eram muito dependentes do financiamento da agência, e nunca houve certeza de que os frequentes desrespeitos desses grupos à política de Kennedy não tenham de fato sido instigados por espiões em Langley ou Miami.

O DRE era um dos favoritos da CIA. Fundado em 1954 como um grupo de estudantes católicos contrários ao ditador Batista, mais tarde orientou suas operações secretas contra Castro, e transferiu sua sede para Miami em 1960. O feito mais notório do grupo — um ataque noturno em agosto de 1962, quando duas de suas lanchas atiraram em direção a um hotel de Havana situado à beira-mar, onde estava Castro — foi explicado pelo Departamento de Estado como um livre ato de piratas executado sem o conhecimento ou apoio do governo. Na verdade, o ousado ataque havia sido cuidadosamente elaborado na base JM/WAVE da CIA em Miami.

Foram dias estranhos, marcados pela emergência de personagens misteriosos. Em agosto de 1963, o DRE se envolveu com um enigmático jovem chamado Lee Harvey Oswald. Ele se apresentou à célula do grupo em Nova Orleans como simpatizante da causa anticastrista, mas então se exibiu publicamente ao distribuir folhetos pró-Castro e brigar com membros do DRE em via pública. Será que o misterioso ex-soldado da Marinha, que havia desertado para a União Soviética e posteriormente regressado aos Estados Unidos com surpreendente facilidade, era um aventureiro de esquerda — ou estava

interpretando um papel de clandestino junto ao DRE com o apoio da CIA? Mais uma vez, a verdade era opaca.

O DRE não foi o único grupo de eLivross cubanos a cruzar o caminho de Oswald naquele verão. De acordo com Angelo Murgado, um veterano da Baía dos Porcos, ele e seus companheiros eLivross não somente observaram as suspeitas atividades de Oswald em Nova Orleans, em agosto de 1963, como fizeram um relatório sobre ele para Bobby Kennedy.

Murgado estava alinhado com a facção de eLivross cubanos liderada por Manuel Artime, líder político da brigada. Assim como Murgado, Artime havia lutado brevemente ao lado de Castro, mas, na qualidade de um devotado estudante de medicina treinado pelos jesuítas, logo se afastara das iniciativas comunistas de Fidel e fugira da ilha com a ajuda da CIA. Artime era um dirigente cheio de artimanhas. Católico conservador, ele se estabeleceu como o “queridinho” da CIA, construindo uma amizade muito forte com o agente reacionário Howard Hunt. Porém, mostrou tanta piedade liberal que também conquistou o apoio de Kennedy, dizendo a um de seus companheiros de liderança na brigada que “a única maneira de controlar os comunistas em Cuba era com amor”, e declarando aos representantes americanos que o governo que substituísse Castro deveria abraçar reformas sociais para impedir uma volta à crueldade medieval da era Batista. Artime tinha acesso a Bobby Kennedy; encontrava-se com ele no seu escritório de Washington e em Hickory Hill, a mansão da família em Palm Beach. Um relatório secreto do Departamento de Defesa sobre ele o descrevia como alguém “inteligente, agressivo, enérgico, impetuoso e dogmático” — um perfil bem parecido com o do procurador-geral. Mas RFK nunca confiou totalmente em Artime como

confiara em Harry Ruiz Williams. Ele era próximo demais da CIA. E, além disso, Artime só estava interessado em si mesmo.

Segundo Murgado, ele participou com o grupo de Artime de ataques apoiados pela CIA em Cuba, contaminando campos de cana de açúcar e gado com toxinas. Alguns veteranos da brigada entraram para o Exército americano, mas Murgado escolheu se juntar à guerra secreta da CIA em Havana. Treinado em métodos de coleta de informações da inteligência, ele começou a detectar atividades suspeitas entre alguns de seus companheiros e Livross em Miami, um nível perigoso de fofocas relacionadas ao presidente Kennedy. Levou sua preocupação a Artime, que a princípio relutou em fazer qualquer coisa com medo de trair alguns camaradas cubanos. Mas, disse Murgado, Artime terminou concordando em agendar uma reunião com Bobby Kennedy para que eles pudessem alertá-lo sobre as ameaças contra seu irmão.

Hoje em dia, Murgado é um homem robusto e grisalho, com quase 65 anos e uma personalidade animada e eloquente. A história que ele relatou era temperada com linguajar bem coloquial e o rico sabor do sotaque cubano. Ele falou abertamente sobre suas interações com Bobby, mas de repente se fechou diante de perguntas relativas aos seus companheiros cubanos e Livross e ao assassinato de JFK.

Murgado disse que ele e Artime se encontraram pela primeira vez com Bobby na mansão de estilo mediterrâneo coberta de telhas vermelhas dos Kennedy, no North Ocean Boulevard, em Palm Beach. A única outra pessoa que participou dessa reunião foi mais um veterano da Baía dos Porcos associado a Artime e cujo nome era Manuel Rebozo (Artime morreu de câncer em 1977, e Rebozo, segundo

informações, saiu dos Estados Unidos e não foi localizado). No primeiro encontro, Murgado disse que estava surpreso de ver a *Rex*, a nau capitânia da guerra secreta da CIA em Cuba, ancorada nas águas do Atlântico, em frente à casa de Kennedy. “Costumávamos carregar lanchas na *Rex* e, a três milhas da costa cubana, colocá-las na água cheias de homens prestes a atacar”, disse-me Murgado. “Perguntei para Manolo [Artime], ‘Que diabo a *Rex* está fazendo na frente da casa de Bobby?’” Para os eLivross, era mais uma indicação do quanto RFK queria controlar a operação cubana.

Durante a reunião, Murgado informou o procurador-geral de sua preocupação em relação ao crescente sentimento anti-Kennedy nos círculos de eLivross cubanos. “Eu lhe disse que precisávamos ficar de olho nesse pessoal. Eu estava com medo que um de nossos homens enlouquecesse. E ele disse: ‘Você está tentando me dizer que pode vir algum problema dos cubanos [anticastristas]?’. E eu lhe disse: ‘Sim. Da mesma maneira que muitas pessoas estão tentando atingir Castro, há muitas pessoas querendo atingir o presidente dos Estados Unidos... Temos um monte de filhos da puta enlouquecidos querendo derrubar qualquer coisa’.”

Segundo Murgado, Artime tentou minimizar a ameaça, mas Bobby o olhou com intensidade arrebatadora. “Ele era um camicase fanático no que dizia respeito à proteção de seu irmão. Dá até para dizer que era isso que o guiava. Nada podia atingir o presidente se Bobby estivesse no meio do caminho. Eu gostaria de ter tido um irmão com vinte por cento do que Bobby sentia por Jack. Teria sido o cara mais feliz do mundo. É por isso que eu gostava tanto dele. Até hoje, agora mesmo, conversando com você sobre ele, fico muito comovido. Os cubanos são extremamente

emocionais. Estamos falando de alguém com muita convicção e muita raça.”

Murgado disse que Bobby lhe pediu que ficasse de olho na alarmante atividade dos eLivross cubanos e lhe fizesse relatórios. “Perguntamos: ‘Por que não conta ao presidente e usa a CIA ou o FBI?’. E ele respondeu: ‘Não, não, não’ — ele não confiava em nenhum desses órgãos. E não queria preocupar seu irmão com essa situação. Então saímos da CIA e fizemos isso pessoalmente junto com Bobby.” O procurador-geral pagou as despesas de Murgado de seu próprio bolso, segundo o veterano da Baía dos Porcos. “Ele nos perguntava: ‘Quanto vocês gastaram?’. E dizíamos: ‘Oitenta e seis dólares e cinco centavos’.” Murgado não conseguiu apresentar nenhuma prova desses pagamentos. Mas montar operações privadas de inteligência foi uma prática corrente de Bobby Kennedy durante toda a sua carreira política.

No verão de 1963, o trabalho de vigilância de Murgado o levou a Nova Orleans, onde se deparou com um curioso gringo chamado Lee Harvey Oswald. Murgado e seus companheiros observavam Oswald no dia em que ele distribuiu sua propaganda pró-Castro na rua. Mais tarde, encontraram pilhas dos panfletos de Oswald no escritório de Carlos Bringuier, um dos representantes locais do DRE, que havia disputado com Oswald para ver quem gritaria mais alto e que, segundo o que a polícia de Nova Orleans relatou, parecia ter sido uma situação encenada. (Bringuier era um líder eLivros extremamente anti-Kennedy que havia jurado desrespeitar as severas medidas tomadas pelo governo contra os ataques de seu grupo em Cuba.)

A equipe de Murgado chegou à conclusão de que Oswald era informante do FBI. “Ele era um peão em um jogo controlado pelo que chamo de ‘governo invisível’.” Para

entender o sombrio jogo de Oswald, Murgado disse que eles até pensaram em eliminá-lo para ver quem ia tomar seu lugar nessa operação clandestina. Mas foram convidados pelo FBI a deixar a cidade. “Estávamos prestes a expurgar Oswald — você sabe, matar o filho da mãe —, e o FBI nos impediu.”

Depois de regressar à Flórida, Murgado se encontrou de novo com Bobby em sua casa de Palm Beach, onde lhe apresentou um relatório sobre os alvos de sua vigilância, inclusive o misterioso Oswald. Mostrou a Bobby fotos de jornais em que Oswald distribuía seus panfletos pró-Castro. Disse ao procurador-geral que, pelo que ele podia julgar, Oswald estava ligado ao FBI. Bobby nunca ouvira falar de Oswald, segundo Murgado, mas não parecia preocupado com seu aparente papel no governo, e logo a conversa rumou para outros assuntos. Murgado não voltaria a pensar seriamente em Oswald até o dia 22 de novembro.

É incontestável que Murgado é uma figura muito pitoresca. Declarou ter mudado seu nome para Angelo Kennedy nos anos 1960, para homenagear o falecido presidente a quem havia servido. Reconheceu que, depois do assassinato de Kennedy, ele e o resto do grupo de Manuel Artime tornaram-se tão cínicos em relação ao governo dos Estados Unidos que continuaram a aceitar subsídios da CIA para derrocar Castro enquanto faziam contrabando de álcool, tabaco e armas a partir da Nicarágua. (Apesar de haver relatórios mencionando o contrário, ele insistiu em dizer que não faziam tráfico de drogas.) Depois que sua carreira de “mercenário”, como descreveu a si mesmo, chegou ao fim, Murgado trabalhou como fiscal da cidade de Miami. Em 1999, foi preso por receber propina em troca de favores de zoneamento, e mais tarde reconheceu ser culpado dessas acusações. (Ele fechou

um acordo com os promotores que lhe permitiu escapar da prisão.)

Todos esses fatos transformaram Murgado em uma figura polêmica nos círculos que discutem o assassinato quando ele de repente se tornou foco de todas as atenções em 2005, antes de rapidamente voltar às sombras. O submundo anticastrista, de todo modo, nunca foi domínio exclusivo de brilhantes cavalheiros. Teve uma boa cota de heróis de reputação manchada e intrépidos trapaceiros, como é comum em qualquer comunidade que viva à sombra do império americano e que se sustente à base de sonhos arruinados e impiedosas ambições. Apesar de seu passado conturbado, a história de Murgado sobre Oswald e RFK nunca foi contestada.

Se dermos créditos à história de Murgado, veremos nela um significado histórico. Os pesquisadores do assassinato por muito tempo especularam que Bobby já podia conhecer o nome de Oswald quando este de repente estourou na cena americana na tarde de 22 de novembro. Era o homem a quem Bobby se referiu quando perguntou ao líder anticastrista Harry Ruiz Williams naquela tarde: “Foi um de vocês que fez isso?”. Será que RFK imediatamente associou Oswald à guerra secreta contra Castro por causa do relatório de espionagem de Murgado? Ou logo descartou Oswald quando Murgado veio falar sobre esse assunto porque, como sugeriram alguns pesquisadores, já havia vinculado esse nome à guerra secreta do governo? A história de Murgado pode fornecer uma importante pista para o que Bobby compreendeu do crime. Pode ajudar a explicar por que o irmão do presidente imediatamente dirigiu suas suspeitas para o submundo anticastrista na tarde de 22 de novembro.

A poucos dias de acabar o mês de novembro, os Kennedy lutavam para controlar a proliferação de operações relativas a Cuba. Algumas dessas atividades foram condenadas pelo governo, outras não. Às vezes, um braço do governo minava a política oficial. Às vezes, os próprios Kennedy pareciam contraditórios, fazendo tanto planos de contingência para outra invasão em Cuba, quanto abrindo um canal secreto junto a Castro para negociar a paz. Enquanto isso, a CIA seguia sua própria pauta, com um repulsivo elenco que incluía mafiosos e eLivross destemperados que davam pesadelos em Murgado. O trabalho de Bobby consistia em permanecer no topo desse sulfuroso miasma — tarefa que se tornou cada vez mais urgente à medida que as ameaças contra seu irmão se multiplicavam. Murgado acenou com a cabeça em sinal de admiração ao se lembrar das assustadoras responsabilidades que pareciam cair sobre os ombros de Bobby. “Ele parecia ter vinte assuntos para resolver de uma só vez. Não sei como um homem pode ter a capacidade de lutar contra todas essas frentes ao mesmo tempo. Estava além do meu entendimento.”

Em abril de 1963, dois anos depois da Baía dos Porcos, a fervilhante frustração dos eLivross cubanos com o governo Kennedy tornou-se pública quando José Miró Cardona, distinto professor de direito em Havana que ocupara brevemente o cargo de primeiro-ministro de Castro, renunciou com alarde ao cargo de presidente do Conselho Revolucionário Cubano baseado em Miami, uma coalisão livre que servia de elo para os grupos de rebeldes anticastristas. Miró apontou a repressão do governo contra os ataques rebeldes em Cuba que se seguiram à Crise dos Mísseis como a prova de que JFK havia fechado um acordo com Khruchov para “coexistir” com Castro. Os Kennedy haviam traído o movimento de libertação, e ele

enfaticamente declarou: “A luta por Cuba está em vias de ser liquidada pelo governo [dos Estados Unidos]”.

No dia 5 de abril, dias antes de fazer sua tempestuosa denúncia da política Kennedy, Miró havia visitado o procurador-geral em seu escritório, onde ele o encontrara em companhia de seu cachorrão babão e suas crianças correndo por todo lado. O orgulhoso jurista de sessenta anos disse a RFK que sua honra estava em jogo — ele havia ficado ao lado dos Kennedy porque o presidente lhe prometera, no ano anterior, que os Estados Unidos iam desencadear uma invasão militar em Cuba, mas seu irmão havia feito que ele se retraísse. Em toda a história de Cuba, nenhum outro homem havia sido tão “insultado” quanto ele, disse Miró a Bobby. Com larga testa, enormes óculos e bigode grisalho, Miró projetava uma intensa aura professoral. Ele passou quatro horas no escritório do procurador-geral, apresentando sua causa com severidade. Mas Kennedy não mudou de opinião. Disse a Miró que os grupos eLivross não podiam continuar organizando ataques em Cuba “bem debaixo de nosso nariz e sem nenhum controle”. Para agravar a situação, disse o procurador-geral, os grupos se vangloriavam de suas façanhas em coletivas de imprensa. No que diz respeito à invasão militar da ilha, continuou Bobby, Miró podia esquecê-la: “Doutor, já o informamos desde o início que não haverá nenhum tipo de invasão ou ação militar”.

Dois dias depois, Miró, ofendido, relatou a seu contato na CIA o encontro com Kennedy. Depois de deixar o Departamento de Justiça, disse o líder eLivros ao representante da agência, ele desabafara tão amargamente com um assistente de Kennedy que duvidava que “o presidente ou o procurador-geral perdoassem o que [eu] disse”. O governo tentou calar Miró antes que ele pudesse

disparar publicamente sua rajada anti-Kennedy. Prestes a ir embora de Washington, o líder eLivros recebeu um telefonema de um assessor da Casa Branca, ameaçando-o de “ser taxado de traidor”, segundo um relatório da CIA, que monitorava de perto a tempestade política. Mas Miró retrucou orgulhosamente: “ele nunca seria um traidor dos Estados Unidos porque não era cidadão americano e sua primeira e única lealdade era a Cuba”.

A ruptura pública de Miró com o governo abriu as portas para uma onda anti-Kennedy junto aos eLivross cubanos. Desmond FitzGerald, o membro da CIA que havia substituído Bill Harvey como responsável pelos assuntos da ilha na agência, relatou ao diretor McCone, no dia 11 de abril, que “parece haver um movimento dentro da brigada cubana para organizar um pedido formal de devolução da bandeira da brigada com a qual o presidente Kennedy foi presenteado durante a cerimônia do Orange Bowl”. Isso teria sido um constrangimento político prejudicial ao governo, em um momento em que críticos republicanos, como Richard Nixon, estavam repreendendo a Casa Branca pelas reviravoltas da política em relação a Cuba. Sob o presidente Kennedy, criticou Nixon naquele mês, havíamos “prometido aos eLivross cubanos que sua bandeira seria erguida em Havana, mas depois nos comprometemos a não invadir”. O estandarte dos republicanos declarava estar na hora de “fazer o necessário para remover o praça de armas soviético instalado em Cuba”.

Bobby Kennedy manobrou em várias frentes para desarmar essa bomba política. Trabalhou arduamente para garantir que os veteranos cubanos, que ele chamava de “creme de Cuba”, fossem amparados, recorrendo às suas influências para que eles achassem trabalho e ajuda legal, ou então trazendo os dois líderes eLivross para a

vizinhança, alugando casas para eles na estrada que levava a Hickory Hill. Ele facilitou o ingresso de mais de duzentos brigadistas no Exército americano, onde participaram de um treinamento em Fort Benning, Geórgia, para o que eles esperavam que fosse um ataque mais bem-sucedido a Cuba. Explorou a possibilidade de criar uma unidade especial do Corpo de Paz para eLivross cubanos e procurou uma maneira de o governo incorporar outros em carreiras de manutenção da ordem. As famílias dos membros da brigada viam Bobby como seu assistente social. Em junho, várias esposas de eLivross lhe escreveram para solicitar ajuda na manutenção de subsídios previdenciários.

JFK era frio e calculista em sua maneira de lidar com a política para Cuba, autorizando ataques à ilha quando queria mandar um aviso especial a Moscou, e proibindo-os quando queria melhorar suas relações com os soviéticos. Ele tendia a olhar Cuba como um espetáculo secundário, um simples peão no grande jogo de xadrez das superpotências. Mas Bobby levava mais a sério a causa apaixonada dos eLivross cubanos, desenvolvendo amizades particularmente sólidas com os veteranos da brigada. Sempre fascinado por homens cuja coragem havia sido desafiada na batalha, RFK abraçou a causa de heróis como Artime, Oliva e Williams. Ele horrorizava os esnobes funcionários da CIA, como FitzGerald, que viam os eLivross com desdém, convidando-os para se divertir em sua casa ou para ir esquiar com sua família. “Sim, eu realmente acho que ele sentia certa culpabilidade ou obrigação para com eles”, disse John Nolan, o principal homem de Bobby para Cuba. “Não era apenas por motivos políticos, embora ele não fosse nem um pouco desinformado sobre isso. Acho que ele se sentia em dívida para com eles. Procurava tornar-se sempre disponível para os líderes da brigada,

independentemente do lugar ou do momento, fosse dia ou noite.”

Embora as simpatias de Bobby fossem autênticas, ele estava sempre alerta quanto à maneira como o descontentamento político da brigada podia afetar seu irmão. Em julho, o escritório do procurador-geral foi informado de uma movimentação inquietante nos círculos dos eLivross. Segundo um relatório confidencial do Departamento de Estado enviado ao escritório de Kennedy no dia 19 de julho de 1963, dois militantes, veteranos ultradireitistas da Baía dos Porcos identificados somente pelos sobrenomes, “Llaca” e “Andreu”, estavam fomentando um audacioso estratagema para obrigar o governo Kennedy a intervir em Cuba. (Deviam ser provavelmente Enrique Orbiz Llaca e José Andreu Santos.) Os dois tentavam “organizar um ataque de eLivross com a finalidade de invadir uma cidade de Cuba, de preferência alguma que tivesse pouca segurança, porém com uma possante estação de rádio, e transmitir mensagens para a Marinha americana, pedindo que viesse resgatá-los”. Se o governo Kennedy não tivesse respondido enviando forças militares, a rebelião teria sido derrotada, criando um pesadelo político para a Casa Branca semelhante à sangrenta repressão de Moscou contra a Insurreição Húngara de 1956. Segundo o que o relatório apontava, essa parecia ser uma meta real para os conspiradores. Depois que os que lutavam pela liberdade tivessem se transformado em mártires vítimas das forças de Castro, “Kennedy, que não teria feito nada, seria acusado de ter abandonado os rebeldes quando tinha um pretexto perfeito para atacar. Resultado: JFK entraria na campanha eleitoral de 1964 como um notório covarde e traidor de sua própria palavra”.

O complô de Llaca e Andreu — que haviam boicotado a cerimônia do Orange Bowl em protesto a JFK — já era sinistro em seus próprios termos. Mas o que tornava o esquema ainda mais desconcertante era a fonte de ajuda dos dois e Livross. Llaca e Andreu eram “apoiados pelos mesmos republicanos simpatizantes de John Birch que participavam do movimento Goldwater”, segundo o relatório do Departamento de Estado. Eram as mesmas pessoas endinheiradas e influentes, destacava o relatório mais adiante, que também apoiavam o Citizens Committee for a Free Cuba.<sup>2</sup> Esse grupo de propaganda anticastrista foi fundado em 1962 por Paul Bethel, ex-diretor da Agência de Informação americana em Cuba e amigo próximo de David Atlee Phillips, o chefe da desinformação da agência para o golpe da Guatemala e a Baía dos Porcos. Entre os outros membros de destaque do grupo, estava a antiga *bête noire* dos Kennedy, o almirante aposentado Arleigh Burke; William Pawley, um empresário direitista de Miami profundamente enfronhado no mundo da inteligência; o jornalista de Miami, Hal Hendrix, que tinha vínculos com a CIA; e a formidável Clare Boothe Luce — esposa do barão da mídia Henry Luce, que publicava as revistas *Time* e *Life*, jornalista, dramaturga, ex-embaixadora na Itália, e uma mulher que também tinha estreitos vínculos com a agência de inteligência.

Em outras palavras, o complô Llaca-Andreu representava uma verdadeira tempestade política para os Kennedy, uma perigosa convergência dos inimigos mais ferrenhos dos irmãos — unindo o extremismo anticastrista, a riqueza da ala direitista e a inteligência dos Estados Unidos para abalar a Casa Branca. Não há registro da maneira como Robert Kennedy respondeu a essa ameaça. Ao que tudo indica, os

dois eLivross nunca conseguiram tomar o controle da cidade cubana. Essa, porém, não foi a única iniciativa daquele verão para publicamente humilhar os Kennedy. Nem foi o único complô envolvendo Pawley e os Luce.

\* \* \*

Em uma linda manhã de junho de 1963, o *Flying Tiger II*, um iate de 65 pés pertencente a William Pawley, deixou seu cais na elegante Sunset Island, na baía de Biscayne, em Miami, rumo ao estreito da Flórida. Era o começo de uma expedição de alto risco que, conforme esperavam seus planejadores, ia prejudicar de tal maneira a presidência de Kennedy que os eleitores decidiriam que ela não se estenderia para além de 1964. A bordo do barco estava um grupo de personalidades visceralmente anti-Kennedy que mais tarde chamariam a atenção da Comissão Warren e de outros investigadores do assassinato. Entre eles estavam John Martino, ex-perito em segurança dos cassinos de Havana controlados por Santo Trafficante que acabaria se juntando a Johnny Rosselli para compor seus grupos de matadores anticastristas; William “Rip” Robertson, um veterano da CIA nas operações da Guatemala e da Baía dos Porcos que havia transferido sua lealdade para o ditador Somoza, na Nicarágua; e Eduardo Pérez, mais conhecido como Eddie Bayo, um heroico guerrilheiro castrista que havia se voltado contra a revolução, juntando-se ao violento grupo de eLivross Alpha 66, um dos mais desafiadores grupos anti-Kennedy.

Foram Bayo e Martino que deram o pontapé inicial à expedição quando fizeram circular uma carta que supostamente havia saído de modo clandestino dos meios anticastristas de Cuba. A carta declarava que dois coronéis

soviéticos baseados em Cuba sabiam onde estavam escondidas na ilha armas nucleares russas, em violação do acordo firmado entre Kennedy e Khruchov durante a Crise dos Mísseis. Os dois russos queriam desertar e obter asilo nos Estados Unidos. Nos círculos direitistas americanos, espalhavam-se rumores de uma traição soviética desde que os líderes das duas superpotências haviam negociado o fim da crise nuclear. Kennedy tinha certeza de que concorreria à reeleição no ano seguinte usando o ato de glória diplomática que havia afastado o mundo da beira do precipício. E se seus inimigos políticos pudessem produzir a prova chocante de que ele havia sido enganado pelos soviéticos, tinha certeza de que o povo iria se voltar contra sua presidência.

Logo que Bayo e Martino começaram a fazer circular a carta, a maquinaria direitista anti-Kennedy entrou em ação. Depois de ouvir a história, um jornalista conservador chamado Nathaniel Weyl, que havia testemunhado contra Alger Hiss<sup>3</sup> no começo dos anos 1950, ligou para Jay Sourwine, conselheiro-chefe da Comissão de Segurança Interna do Senado. Era a notória comissão de caça às bruxas presidida pelo senador James O. Eastland, o poderoso racista do Mississípi que havia enfrentado os Kennedy na questão Ole Miss. Se os dois desertores soviéticos testemunhassem diante da comissão Eastland, o governo seria obrigado a se defender em um tribunal decididamente hostil. Mas o amigo de Weyl, o jornalista conservador Ralph de Toledano, tinha uma ideia melhor. Depois que Toledano conversou com Barry Goldwater, ficou decidido que “os russos seriam imediatamente convidados para o rancho de Goldwater no Arizona”, lembrou-se Weyl mais tarde, “que [o senador] organizaria uma coletiva de

imprensa para que eles pudessem contar sua história ao mundo, e que ele lhes daria dinheiro suficiente para que pudessem começar uma vida nova nos Estados Unidos”.

O estratagema publicitário seria um surpreendente golpe cruzado contra a presidência de Kennedy. O espetáculo midiático não somente humilharia Kennedy perante os olhos do país e do mundo, como impulsionaria a campanha do homem que estava determinado a substituí-lo.

Para montar a expedição, os conspiradores recorreram ao rico negociante de passado nebuloso, Bill Pawley. Pawley, de 67 anos, havia levado o tipo de vida pitoresca que fez a fama dos “antigos *dime novels*”,<sup>4</sup> como decrito em seu obituário posteriormente publicado no *New York Times*, combinando façanhas financeiras no além-mar com intrigas de capa e espada. Depois de ter ganhado uma fortuna com o *boom* imobiliário da Flórida nos anos 1920, Pawley criou linhas aéreas em Cuba e na China, vendendo-as à Pan American Airways. Na China, ele ajudou a organizar o Flying Tigers, o lendário time de pilotos americanos que lutou contra o Japão antes de Pearl Harbor. Depois da guerra, interessou-se pela América Latina, comprando a rede de ônibus de Havana e exercendo a função de embaixador no Peru e no Brasil. Esse era seu currículo oficial, mas o Pawley não oficial fazia parte da antiga rede da CIA. Como amigo próximo de Allen Dulles, utilizou sua cobertura diplomática e de homem de negócios para executar tarefas clandestinas em nome da agência, tendo um papel-chave no golpe da Guatemala e aconselhando o presidente Eisenhower a aprovar o plano da Baía dos Porcos.

Pawley era um ferrenho defensor do assassinato como ferramenta de política internacional, especialmente quando se tratava de Castro. Ele teria pagado o quanto fosse para

que alguém se aproximasse o suficiente do líder cubano e conseguisse eliminá-lo, gabava-se em voz alta. Quando Eisenhower o nomeou, em 1954, para fazer parte de uma comissão de inquérito da CIA conhecida como Comissão Doolittle, Pawley fez questão de que seu relatório final desse a Dulles o poder total que o diretor da CIA queria para conduzir a Guerra Fria do seu jeito. Diante de “um inimigo implacável”, concluía o relatório, os Estados Unidos deviam aprender a lutar de maneira ainda mais brutal que seus oponentes. “Não existem regras nesse tipo de jogo”, expunha a comissão, usando um linguajar que refletia a visão em preto e branco do mundo de Pawley. O povo americano podia não gostar disso, mas ia ter que se acostumar com “essa filosofia fundamentalmente repugnante”.

Anticomunista veemente, Pawley se insurgiu contra supostos simpatizantes de Castro dentro do Departamento de Estado, que ele culpava pela perda de Cuba. Dirigira a campanha presidencial de Nixon na Flórida, depois de ter trabalhado junto com o vice-presidente em um plano secreto de invasão da Ilha. Após o episódio da Baía dos Porcos, culpou a “traição” do presidente Kennedy pelo desastre.

Posteriormente, Eisenhower organizou um encontro entre JFK e Pawley para ver se as opiniões linha-dura de seu antigo conselheiro podiam influenciar o jovem presidente. O encontro — que aconteceu no Salão Oval no dia 9 de maio de 1962 — foi um desastre. Kennedy começou perguntando a Pawley o que ele deveria fazer em relação a Cuba na sequência da Baía dos Porcos. “Acho que devemos lançar dez mil fuzileiros navais nos arredores de Havana”, respondeu o descarado magnata. Pawley conhecia uma plantação de cana de açúcar na periferia da cidade “que seria um excelente ponto de reunião”. Mais tarde, outra

atenciosa sugestão ocorreu ao veterano de Cuba, que a enviou por carta à CIA: o presidente talvez quisesse considerar a possibilidade de invadir um país soberano em um dia em que convenientemente as Nações Unidas não estivessem em sessão. Mais tarde ainda, Pawley se queixou que Kennedy o desdenhara e nunca mais lhe pedira conselhos, apesar das insistentes recomendações de Eisenhower nesse sentido.

Mas Pawley continuou operando sua guerra particular contra o regime de Castro. Depois de abortada a tentativa do DRE de bombardear o líder cubano na praia do Hotel Icar, o milionário soldado da fortuna adotou os ousados jovens militantes. Até conseguiu convencer alguns dos ricos defensores de suas causas a patrocinar a compra de lanchas para o DRE, “de forma bem semelhante à maneira como os estudantes católicos costumavam apadrinhar órfãos estrangeiros que chamavam de ‘bebês pagãos’”, segundo uma observação mordaz. Uma dessas mães adotivas era Clare Boothe Luce, que se referia à tripulação dos três homens que bancava como “meus jovens cubanos”, levando-os a Nova York em várias ocasiões para cobri-los de afeto materno. Mais tarde, Luce declarou que as revelações anteriores a respeito dos mísseis russos localizados em Cuba — que constrangeram politicamente o governo Kennedy quando foram relatadas ao senador Kenneth Keating, de Nova York — provinham dos jovens rebeldes de suas lanchas. “A informação que trouxeram era extremamente acurada”, declarou ela depois, com orgulho.

O arrogante Pawley trazia para suas operações dissimuladas o mesmo sabor empresarial que levava a seus vastos empreendimentos comerciais. Queria levar a cabo missões de alto risco que a CIA, com a qual mantinha laços estreitos, achava complicado assumir oficialmente. Era um

agente independente que tinha amigos na alta esfera da “companhia”, à qual deixava a oportunidade de negar qualquer responsabilidade. A pedido da CIA, ele tentara convencer seu velho amigo Fulgencio Batista a deixar seu palácio na hora em que os guerrilheiros de Castro se aproximavam de Havana, em um último e desesperado esforço para evitar a revolução, substituindo o desprezado déspota por uma junta militar. Também fracassara ao tentar persuadir o sanguinário Rafael Trujillo, da República Dominicana, a fazer o mesmo em uma reunião noturna, pouco antes de os assassinos armados pela CIA cuidarem pessoalmente do assunto. Quando Pawley falou por telefone com o senador Eastland, pedindo-lhe que organizasse a missão secreta cubana com a qual os inimigos de JFK esperavam acabar com a presidência, o milionário lhe disse que teria que verificar com a CIA, e que aceitaria empreender essa missão de alto risco somente depois de obter a aprovação e a assistência da agência.

Pela primeira vez, o enérgico agente e elegante magnata de cabelo grisalho e óculos estava a bordo do *Flying Tiger II*, navegando por águas cubanas. Revistara cada homem que subira no seu iate para garantir que não havia nenhum agente duplo de Castro que pudesse sequestrar o barco. Para ter certeza, manteve três homens da CIA a bordo durante a viagem, com as armas apontadas para Bayo e seu comando cubano.

Como no caso Llaca-Andreu, a missão Bayo-Pawley serviu perfeitamente para unir aqueles que detestavam JFK. Além dos homens da trindade anti-Kennedy — a CIA, a Máfia e o submundo dos eLivross anticastristas —, havia dois representantes das publicações de Luce, um repórter da *Life* chamado Richard Billings e um fotógrafo *freelancer* contratado pela revista (nenhum dos dois era conhecido por

seu fervor anti-Kennedy). Pawley estava incomodado com a ideia de a imprensa acompanhar a viagem, mas seus superiores no governo a aprovavam. Os patrocinadores da expedição pensavam que uma divulgação em uma popular revista ilustrada teria um enorme impacto político. E segundo Weyl, eles estavam preocupados com o fato de que Kennedy pudesse frustrar seus planos interceptando o iate ou que os desertores russos desaparecessem, indo “para um local desconhecido [...] por motivos de segurança nacional”. Para garantir que Kennedy não estragasse seus planos, lembrou-se Weyl, “os russos iam ser fotografados a bordo por um fotógrafo da revista *Life*. Henry Luce poderia ver que suas revelações haviam alcançado o mundo”.

Instalado no topo de seu império Time-Life, Luce era um dos magnatas mais poderosos do país e um dos partidários mais influentes do poder global dos Estados Unidos. Filho de um missionário presbiteriano, ele acreditava que os Estados Unidos tinham uma missão messiânica de salvar o mundo por meio do capitalismo e dos valores norte-americanos. “A missão de nossa nação é tornar os homens livres”, declarava ele, uma filosofia que promovia com ardor em suas publicações durante a Guerra Fria, que, a seu ver, devia ser levada a cabo não somente para conter o comunismo, como para erradicá-lo.

Apesar de suas gritantes diferenças sobre guerra e intervenção, Luce e Joseph P. Kennedy compartilharam uma duradoura amizade, “boa e sólida, que ambos os homens apreciavam”, segundo as palavras do correspondente político do grupo Time-Life, Hugh Sidey. Era o confortável acordo entre dois homens poderosos e autodidatas que fumavam juntos seus charutos, e que aparentemente não se deixou abalar nem mesmo quando Kennedy dormiu com Clare durante uma visita que os Luce fizeram à embaixada

dos Estados Unidos em Londres antes da guerra. Joe Kennedy fora até o apartamento de Luce no Waldorf-Astoria para assistir à indicação oficial de JFK para representar o Partido Democrata. “Foi um momento marcante de minha vida”, lembrou-se Luce mais tarde. “É incrível sentar com um velho amigo e ver o filho dele aceitar a indicação para concorrer a presidente dos Estados Unidos.”

Joe Kennedy não conseguiu convencê-lo a apoiar seu filho na disputa à presidência, mas os Luce estiveram presentes naquela tarde de janeiro de frio cortante, quando JFK fez seu juramento. O chefe da imprensa ficou comovido ao ouvir ecos de sua própria e exuberante teologia americana no compromisso do novo presidente de que deveríamos “nos opor a todos os inimigos para garantir a sobrevivência e o sucesso da liberdade”. Sua esposa predisse que Kennedy provaria ser um líder igual a Eisenhower, ainda tendo como bônus o fato de ser muito mais bonito. “O clã Kennedy é divertido e muito agradável aos olhos”, comentou.

Mas os Luce ficaram decepcionados com Kennedy depois da Baía dos Porcos, usando o púlpito de sua revista para repreender com regularidade o governo por sua fraqueza evidente. Usando a caneta contra o jovem presidente que outrora havia apoiado, Clare o repreendeu declarando que Cuba era uma questão “não somente de prestígio, mas também de sobrevivência americana”. No verão de 1963, as relações entre o figurão da Time-Life e o governo Kennedy estavam tão desgastadas que JFK tentou consertar as diferenças convidando os Luce para almoçar na Casa Branca. Logo o clima da tarde azedou. Luce foi tão insistente quanto a Kennedy entrar em guerra contra Cuba, que o presidente acabou perdendo a paciência. Quando JFK sugeriu que Luce era um belicista, o almoço terminou de

forma brusca. Os Luce se levantaram antes da sobremesa e foram embora da Casa Branca.

Luce voltou diretamente para a sede da Time-Life, no centro de Manhattan, onde organizou uma memorável reunião com os principais membros da equipe editorial. Disse a seus editores que não se podia contar com o governo Kennedy para enfrentar o bastião do comunismo no Caribe. A Time-Life o faria. O grupo empresarial começou a enviar fundos para ataques anticastristas, comprando histórias exclusivas sobre as escapadas e até fornecendo seguro de vida para os comandos e os correspondentes que acompanhavam os ataques. “Com essa diretiva”, notaram ironicamente Warren Hinckle e William Turner, autores de *Deadly Secrets*, livro de 1981 que desvendou a guerra secreta contra Castro, “Luce, o grande inovador editorial, inventou uma nova forma de jornalismo pela qual agora está sendo creditado... o jornalismo paramilitar”. Mas o ataque de Bayo e Pawley, para o qual Henry Luce contribuiu com 15 mil dólares (com Pawley em pessoa acrescentando outros 22 mil), tinha uma missão ainda mais inquietante. A meta era não somente ferir o regime de Castro, como também derrubar a presidência dos Estados Unidos. Se seu filho um dia “mostrar algum sinal de fraqueza em relação à causa anticomunista, ou, para ser mais preciso, qualquer titubeio na defesa do progresso do mundo livre”, Luce um dia avisara seu amigo Joe Kennedy, “então, com certeza, estaremos contra ele”. O barão da imprensa agora estava tornando real sua ameaça.

O fato de Luce, antigo amigo da família, querer participar de um golpe tão extraordinário contra a presidência de Kennedy mostra a que ponto haviam chegado as divergências sobre seu governo nos círculos da elite do país. As esporádicas tentativas do jovem presidente de romper

com o regime de Guerra Fria instituído no país provocaram uma violenta reação na velha guarda, que achava que Kennedy colocava o país em risco.

Assim como a iniciativa Llaca-Andreu, o esquema dos desertores soviéticos provou ser um fracasso. Na noite de 8 de junho de 1963, o *Flying Tiger II* ancorou a dez milhas da província Oriente, em Cuba. A cidade de Baracoa estava “iluminada como uma igreja” no horizonte lúgubre, lembrou-se Pawley mais tarde. Bayo e cerca de doze homens do comando se amontoaram em uma lancha carregada com armas fornecidas pela CIA que devia despachá-los para a costa. Nunca mais se ouviu falar do ataque. Pawley, que havia insistido com Bayo para que a lancha não fosse carregada com tantos homens, concluiu que o barco afundou antes de chegar à terra. Outros pensam que os tripulantes foram capturados ou mortos pelas forças castristas. De qualquer modo, nenhum desertor soviético foi levado discretamente para fora de Cuba. Mais tarde, alguns pesquisadores concluíram que a história dos desertores era um artil criado por Bayo e Martino para encobrir a introdução de armas de alta potência em Cuba com o objetivo de assassinar Castro. Mas, no final da vida, Weyl insistiu que não fora esse o caso. Quando foi abordado pelos conspiradores “para encontrar um iate e resgatar os desertores”, anotou o jornalista em sua biografia de 2003, eles sabiam que ele “não tinha acesso a armas de fogo”. Procuraram-no por um simples motivo: porque fazia parte da rede de propaganda anti-Kennedy. Não havia qualquer dúvida em relação à finalidade da missão fracassada, escreveu Weyl: era “para derrotar Kennedy”.

Há uma curiosa nota final na história de William Pawley. Anos mais tarde, o veterano aventureiro internacional chegou a despertar suspeitas nos investigadores do

assassinato de Kennedy. Alguns chegaram a afirmar que Pawley teria sido o típico agente independente que a CIA subcontratava para uma “ação executiva”<sup>5</sup> como a de Dallas. Gaeton Fonzi — um investigador baseado na Flórida, da Comissão Seleta da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos, que reabriu o caso Kennedy no final dos anos 1970 — colocou Pawley no começo da lista de pessoas que planejava entrevistar para o inquérito do Congresso. Mas, no dia 7 de janeiro de 1977, uma semana depois que Fonzi havia enviado sua lista de convocações para a comissão, Pawley foi encontrado em sua mansão de Sunset Island caído na cama, morto com um tiro no peito. Os investigadores, que declararam que Pawley, de oitenta anos, sofria de “distúrbios nervosos”, concluíram que ele mesmo havia disparado a arma. Ele deixou uma breve mensagem escrita à mão para sua esposa, Edna: “A dor é maior do que o que posso suportar”.

Quando se tratava de Cuba, os Kennedy eram mestres na arte do estrategema. Sua destreza era projetada para manter a região de conflito do Caribe fora das manchetes e assegurar que não se tornaria uma questão crítica na futura disputa presidencial de 1964. Será que pretendiam invadir Cuba mais uma vez antes da eleição e acabar de uma vez por todas com Castro? O presidente desmentiu veementemente essa ideia em público, mas ordenou em segredo que o Pentágono e a CIA estivessem preparados para essa invasão. Os Kennedy mantiveram um discurso para os líderes cubanos e Livross, e o oposto para os outros. Mesmo décadas depois, testemunhos contraditórios de membros do governo e inextricáveis pistas de documentos

governamentais levaram os pesquisadores de Kennedy a informações confusas e a conclusões contraditórias.

Em 2005, dois pesquisadores independentes, Lamar Waldron e Thom Hartmann, publicaram um livro de 904 páginas em que sustentavam que o presidente Kennedy de fato estava se preparando para derrubar Castro, escolhendo até a data em que o complô iria acontecer — 1o de dezembro de 1963. Segundo os autores, os Kennedy estavam combinando com um alto oficial cubano a organização de um golpe e em seguida a invasão da ilha para garantir a posse de um regime amigo em Havana. O livro, *Ultimate Sacrifice* [Sacrifício final], foi baseado em dezessete anos de pesquisa exaustiva e continha muitas joias que esclareciam a política do governo em relação ao país caribenho e ao assassinato de JFK. Mas sua afirmação de que Kennedy estava apoiando um plano de golpe, ou invasão, poucos dias antes de ser assassinado, não convence.

Os autores, entretanto, podem ser perdoados por suas conclusões equivocadas. Ao longo de 1963, a política dos Estados Unidos para Cuba foi coberta por neblina e sombra. A confusão parecia ser o mote. Ao mesmo tempo que Bobby dizia a José Miró que o governo não tinha nenhuma intenção de invadir a ilha, alimentava as esperanças dos líderes da brigada, Manuel Artime, Erneido Oliva e Harry Ruiz-Williams, de que logo estariam em Havana. Ele encorajou Artime a montar campos de treinamento na Nicarágua com o apoio do ditador Somoza; deixou Oliva acreditar que iria liderar a invasão, comandando a unidade de veteranos treinados pelos Estados Unidos em Fort Benning; e disse a Williams que dirigiria o governo provisório pós-Castro, despertando tanta ansiedade em seu amigo cubano que este começou a montar seu gabinete de ministros.

Ao longo de 1963, Bobby se encontrou frequentemente com os líderes eLivross. Estes costumavam telefonar tanto para o procurador-geral que, em julho, ele pediu a eles que parassem “por causa dos crescentes rumores que o ligavam a certas iniciativas contra Cuba”, de acordo com um relatório da CIA. RFK encontrou-se com Artime, Williams e outros rebeldes até o dia 17 de novembro, e havia programado novo encontro para o dia 21 ou 22 de novembro, conforme um relatório do Exército.

Em janeiro de 1963, logo depois que Artime e Oliva foram libertados por Castro, Bobby os convidou para ir a Hickory Hill, onde assegurou a ambos os líderes eLivross “que o governo estava engajado em libertar Cuba”, lembrou-se Oliva. “Sentimos que dessa vez conseguiríamos a vitória.” É por esse motivo que ele continuou acreditando nos Kennedy, escreveu Oliva anos mais tarde, em um artigo em que explicava por que entregara pessoalmente a sagrada relíquia da brigada, a bandeira, ao presidente no Orange Bowl. Oliva, ex-oficial do Exército cubano, era um dos heróis da Baía dos Porcos. Liderou os 370 homens sob seu comando com brilho e coragem, chegando a parar um tanque Stalin, que vinha em direção à sua companhia, com um canhão de 57mm. Após sua captura, Oliva recebeu na cadeia uma visita noturna de Che Guevara. Os líderes revolucionários cubanos não conseguiam entender por que Oliva, o único líder negro da brigada, havia se juntado ao ataque dos ianques contra sua nova e corajosa sociedade. Por que deixara Cuba?, perguntou-lhe Che. Porque havia sido tomada pelos comunistas. Estava com medo de ser executado? “Sim”, respondeu Oliva. E também teve “medo do dentista quando precisou arrancar quatro dentes”.

Oliva nunca duvidou que o presidente Kennedy estivesse prestes a invadir Cuba, mesmo após ter sido informado do

acordo que JFK fizera com Khruchov posteriormente à Crise dos Mísseis. “O presidente que havia falhado conosco na Baía dos Porcos estava verdadeira e sinceramente arrependido”, escreveu Oliva anos depois. Até o dia em que JFK morreu, Oliva insistiu em dizer que o presidente estava trabalhando para “retificar seu erro histórico e libertar Cuba”.

Talvez Bobby Kennedy também acreditasse nisso. Talvez imaginasse mesmo que a vitória finalmente reluziria sobre esses líderes e Livross, aqueles cuja coragem e cujos valores ele tanto admirava. Durante o ano de 1963, o governo certamente estava se preparando para essa eventualidade. Planos de contingência militar em Cuba circularam entre os diferentes escritórios do governo, documentos elaborados que simulavam como Washington responderia caso tais ou tais fatos improváveis acontecessem no país caribenho — ou em Berlim, ou no Laos, já que JFK estava sempre preparado para ter de invadir a ilha caso os soviéticos avançassem uma peça ameaçadora no tabuleiro de xadrez das superpotências.

Porém, o mais provável é que o procurador-geral, profundamente empático, não conseguisse contar a verdade aos líderes rebeldes: os Kennedy não queriam entrar em guerra para libertar a ilha. Joseph Califano estava em um lugar de destaque e testemunhou os torturantes esforços de Kennedy para acalmar os veteranos da brigada. Na qualidade de jovem assessor especial do secretário do Exército, Cyrus Vance era encarregado da tarefa de integrar os combatentes da Baía dos Porcos no Exército norte-americano. Califano estava preocupado com a incapacidade de Kennedy de ser franco com os e Livross. “Era inquietante, e complicava muito meu trabalho”, escreveu ele em sua biografia de 2004. RFK “não conseguia admitir para eles, e

talvez nem para si mesmo, que os Estados Unidos não pretendiam apoiar outra invasão”.

Kennedy se aproximou da verdade ao dizer a Harry Williams que haveria um momento em que seus interesses iriam divergir. “Chegaremos a um ponto em que os interesses nacionais dos Estados Unidos e os interesses de vocês, cubanos que querem voltar a seu país, não estarão mais em acordo”, lembrou-se anos depois o líder e livros revelando a advertência do próprio Bobby. Foi a maneira que Bobby escolheu para alertar o amigo, mas nada podia minuar o otimismo de Williams em relação à iminente libertação de sua terra natal.

Robert McNamara me confirmou que o presidente Kennedy não tinha verdadeira intenção de invadir Cuba depois da Crise dos Mísseis, apesar dos planos de contingência e das operações de treinamento conduzidas pelo Exército. Kennedy planejava invadir Cuba em 1963? “Não, de jeito nenhum”, respondeu McNamara. “E havíamos dado a garantia a Cuba e aos soviéticos [depois da Crise dos Mísseis] de que não invadiríamos. Agora, essa garantia estava vinculada ao acordo com Khruchov para remover os mísseis, o que ele havia feito, mas, sob a supervisão das Nações Unidas, o que ele *não* havia feito. Assim, tecnicamente, sustentávamos que não havia nenhuma garantia. Mas, de fato e na prática, ela existia.”

Dick Goodwin reiterou que Kennedy não desejava invadir Cuba de forma alguma. Lançar tamanha operação em 1963, insistiu ele, teria sido um ato imprudente e insensato, o tipo de loucura que Jack não tinha estômago para aguentar depois de suportar duas crises em Cuba em dois anos. “Por que ele teria feito isso? Castro na verdade não era uma ameaça para nós, já que os russos haviam retirado seus mísseis. Acredito que a ideia de tentar derrubar Castro

pouco antes das eleições [de 1964] seria simplesmente absurda. Qualquer coisa poderia dar errado. Teria sido um risco imenso e desnecessário.”

Bobby Kennedy conseguiu manter vivas as esperanças de Artime, Oliva e Williams, mas a CIA observava com desconfiança como ele manipulava e alimentava os sonhos dos rebeldes. O procurador-geral continuava a gritar com os responsáveis da inteligência, exigindo que infligissem maiores danos ao regime de Castro, mas eles sabiam que os Kennedy não levavam a ideia aos extremos. Des FitzGerald — o belo tenista e ex-advogado de Wall Street que havia tomado o lugar do desgrenhado e bêbado Bill Harvey — tinha uma relação menos envenenada com RFK. Mas o destemido procurador-geral ainda lhe telefonava em casa, repreendendo o autocrático aristocrata da CIA como se fosse um mero garoto encarregado das toalhas em um clube. Barbara Lawrence, enteada de FitzGerald ainda se lembra muito bem das tensas ligações telefônicas que seu padrasto recebia de Bobby no fim de semana, na casa de campo da Virgínia: “O telefone tocava, e era Robert Kennedy. Lembro-me de uma cena em que meu padrasto saiu da varanda fechada que tínhamos na fazenda, logo depois de ter falado com Bobby, e ele estava exasperado”.

FitzGerald enfurecia-se com a forma como o irmão do presidente controlava cada detalhe da política para Cuba, e fazia seu próprio jogo secreto com os líderes e Livross de sua preferência. O homem da CIA considerava ainda as ações dos irmãos Kennedy em Cuba gestos chamativos que talvez produzissem algumas faíscas e nada mais, como se tentassem “amarrar uma pedra em um barbante para atirá-la em cabos de alta-tensão”, comparou ele.

O exemplo mais extravagante de atuação anticastrista dos Kennedy em 1963 foi a decisão de ajudar Artime a formar

seu exército particular. Os irmãos estavam preparados para apoiar com generosidade líderes e Livross como Artime desde que concordassem em montar suas operações fora dos Estados Unidos, a uma distância suficientemente grande de Washington. O governo fechou um acordo com Somoza, da Nicarágua — o tirano que JFK havia alegremente desdenhado perante Dick Goodwin logo depois de tomar posse de seu cargo —, que autorizava Artime a estabelecer campos de treinamento ali. Kennedy, sem dúvida, percebia a ironia — e o cinismo — em se fazer negócios com um notório ditador para se livrar de outro. Mas a maior preocupação dos irmãos era conter o problema dos eLivross cubanos, e o fato de enviar os militantes para a América Central tinha alguma lógica política.

A CIA percebeu o plano dos Kennedy e ficou irritada com o fato de Artime, o queridinho da agência, não tê-lo notado. À medida que Artime se tornava mais próximo de Bobby, a CIA confiava menos nele. Os responsáveis pela operação Cuba ficaram irritados ao ver o governo gastar dinheiro com o exército particular de Artime, suspeitando que o procurador-geral mais uma vez estava tentando deixar a agência fora do assunto. Quando Artime, um homem jovem e magro, de espessas sobrancelhas pretas e voz rouca, visitou Washington, a CIA o colocou em uma casa em Maryland com segurança e altamente grampeada. A exótica namorada do líder dos rebeldes despertou as suspeitas da agência — era uma bissexual que havia frequentado a cama de Batista e de um ditador venezuelano, e tirado a roupa para um ensaio pornográfico. Langley se preocupava com o fato de que a animada vida sexual de Artime pudesse comprometer sua reputação se alguém divulgasse os detalhes sórdidos. E quem a agência temia que tivesse o mesmo comportamento? Membros da própria força-tarefa

da CIA em Cuba, que se ressentiam da posição privilegiada de Artime junto aos Kennedy.

Havia outro caso envolvendo sexo em Washington que os dirigentes da CIA espreitavam avidamente por trás das portas naquela época. Tratava-se de outro líder sexualmente aventureiro cuja vida política e pessoal interessava muito à agência: o presidente dos Estados Unidos.

No dia 8 de março de 1963, o presidente e a primeira-dama organizaram o que seria seu último jantar dançante na Casa Branca. O convidado de honra era o presidente do Banco Mundial, Eugene Black, o que era apenas uma desculpa para que os Kennedy oferecessem uma grande festa a seus amigos. Sem entender seu papel de cobertura, Black convidou tanta gente que os Kennedy tiveram que dizer aos seus próprios convidados para comer em outro lugar e chegar somente a partir das 22h para dançar. Foi então que a festa começou a ficar divertida. Ben Bradlee e sua esposa, Tony, os quais certa vez Jackie havia chamado de os melhores amigos do primeiro casal, aproximaram-se de seus anfitriões no saguão do primeiro andar. “Ah, Tony, você está resplandecente”, extasiou-se a primeira-dama com sua voz sussurrante. “Meu busto é maior que o seu, assim como minha cintura.” Os espíritos estavam animados naquela noite — 33 garrafas de champanhe e seis garrafas de bebidas mais revigorantes já haviam sido consumidas pelos cerca de cem convidados, relatou JFK aos seus amigos. (O presidente mantinha as contas porque suspeitava que o estoque de bebidas alcoólicas da Casa Branca estava sendo roubado.) Kennedy ostentava um humor festivo naquela noite. Dando uma olhada no Salão Azul iluminado por velas, onde acontecia o baile, ele observou a luxuriosa diversidade

de glamorosas convidadas (que haviam sido “importadas de Nova York”, observou Bradlee mais tarde) e suspirou: “Se você e eu pudéssemos agir livremente, Benjy”.

Claro, Kennedy *estava* agindo livremente, embora depois Bradlee tenha insistido em dizer que nunca soubera. E, entre suas inúmeras amantes secretas, talvez a mais intrigante tenha sido Mary Pinchot Meyer, irmã da mulher de Bradlee. Meyer era uma parceira muito mais impressionante que qualquer uma das garotas da Casa Branca com as quais JFK se divertia, antes de descartá-las sem mais cuidados, com uma facilidade digna do Rat Pack.<sup>6</sup> Loira de espírito livre, com cerca de quarenta anos, ela era fruto da excêntrica família de sangue azul Pinchot. Após se divorciar do inteligente e enérgico chefe de propaganda da CIA, Cord Meyer, remodelou-se na boêmia Georgetown, instalando-se como pintora em um ateliê localizado atrás da casa dos Bradlee, na N Street.

Mary Meyer chegara à Casa Branca nessa fria noite de inverno com seu estilo tipicamente pouco convencional, destacando-se do mar de mulheres de longo por usar um vestido de verão de *chiffon* que havia pertencido a sua avó. Em determinado momento, Meyer desapareceu por tempo suficiente para que as pessoas começassem a perguntar “onde está Mary?”, lembrou-se sua irmã, Tony Bradlee. Finalmente, seu acompanhante da noite, Blair Clark, antigo colega de Harvard de JFK, foi procurá-la. Ao encontrar seu par, constatou que seu rosto estava corado e o vestido, molhado. “Ela estivera no primeiro andar com Jack, e depois fora caminhar na neve”, lembrou-se Clark. “E lá estava eu, servindo de ‘álibi’ para Mary Meyer.”

A amante do presidente estava aborrecida e deixou a festa cedo. Alguns especularam que Kennedy talvez tenha

tentado pôr um fim ao relacionamento. Bobby, o constante vigia, deu um jeito de ela voltar para casa, levando-a até uma limusine da Casa Branca e ajudando-a a se acomodar no banco de trás. Mais cedo naquela noite, Adlai Stevenson, o adversário liberal demasiadamente moderado de JFK — um homem acostumado a ouvir confidências de mulheres, enquanto seu rival mais jovem recebia outro tipo de favores — ficou desconcertado quando Jackie, sua vizinha na mesa de jantar, começou a compartilhar com ele intimidades sobre seu casamento. “Não me importo com quantas garotas Jack já dormiu”, disse ela, “desde que ele saiba que está errado, e acredito que saiba. De qualquer modo, isso acabou, por enquanto.”

Mas o caso de Kennedy com Mary Meyer não tinha acabado. Ela continuou a ver o presidente na Casa Branca, principalmente quando Jackie não estava, e em eventos oportunos, como os salões de Georgetown organizados por Joe Alsop. (Os arquivos da Casa Branca registram treze visitas de Meyer em um período de dois anos.) Ao que tudo indica, a relação começou no final de 1961 e durou até o dia em que Kennedy morreu.

Eles se conheceram quando ambos estavam em um colégio particular — o charmoso e magérrimo aluno de último ano de Choate<sup>7</sup> se intrometeu quando ela estava dançando com seu namorado, William Attwood (que mais tarde iria executar uma importante missão diplomática para Kennedy), em um baile da escola em 1935. Encontraram-se de novo em San Francisco depois da Segunda Guerra Mundial, quando ela acompanhava o marido na conferência de fundação das Nações Unidas, na qual Kennedy estava trabalhando para os jornais de Hearst. Ambos os homens se detestaram instantaneamente, uma hostilidade que nunca

desapareceu, mesmo quando os Meyer se instalaram ao lado de Hickory Hill, mansão que pertencera a Jack e sua noiva antes de a venderem a Bobby e Ethel.

Cord e Mary Meyer formavam um trágico casal de ricos, saído diretamente das páginas de algum romance de Scott Fitzgerald. Alto e muito bonito, aspirante a poeta em Yale, Cord viu sua vida ruir durante a Segunda Guerra Mundial, quando uma granada explodiu em sua trincheira, em Guam, e os estilhaços atingiram seu rosto. Ele sobreviveu, porém seu olho se transformou numa “geleia inútil”, como escreveu mais tarde em “Waves of Darkness”, um conto baseado em seu trauma de guerra que obteve o prêmio O. Henry em 1946, na categoria de melhor obra estreada. Depois de regressar da guerra, seu irmão gêmeo foi morto na terrível Batalha de Okinawa. Meyer se comprometeu a honrar “aqueles que morreram ao meu lado” durante a guerra e “fazer com que o futuro pelo qual morreram seja melhor do que o passado”.

Circunstâncias históricas para além de seu controle o haviam ensinado a “destruir”, lamentava-se o sensível jovem oficial da Marinha em seu diário durante a guerra. Mas agora estava envolvido no movimento pela paz, ajudando a organizar o Comitê dos Veteranos Americanos,<sup>8</sup> a vertente liberal da Legião Americana,<sup>9</sup> e se tornara presidente do Movimento Federalista Mundial,<sup>10</sup> que preconizava um mundo sob o domínio racional e pacífico de um único governo. De cabelo ondulado, dono de um sorriso arrebatador e um rosto ainda mais marcante devido à cicatriz de guerra, Meyer se tornou o ídolo dos universitários liberais, que colocavam seu retrato na parede dos dormitórios. Era um homem de futuro, considerado um dos dez jovens de maior destaque dos Estados Unidos pelos

Jaycees.<sup>11</sup> (Entre os dez estava também um jovem congressista da Califórnia, Richard Nixon.) E então, em 1951, ele de repente desapareceu da cena pública. Havia entrado para a CIA.

Meyer sempre insistiu em dizer que não traía seu idealismo de juventude ao ingressar no sombrio submundo da Guerra Fria. Apenas decidiu que enquanto as forças de Stálin e da tirania comunista existissem a paz mundial não seria possível. Segundo o que declarou a amigos, sua cruzada continuava incólume, mesmo que agora estivesse operando em segredo. Meyer fez parte de uma onda de liberais idealistas e anticomunistas que ingressaram na CIA após a Segunda Guerra Mundial. Ele subiria na hierarquia até se tornar o segundo homem mais importante das operações clandestinas da agência, chamada por seus detratores de “departamento dos truques sujos”. Entretanto, financiou em segredo sindicatos, grupos de jovens, organizações de escritores e jornais literários — uma missão que ele enxergava como a construção de um bastião contra a ofensiva global da propaganda comunista. O outrora promissor escritor, que de início pensou em abandonar sua carreira na inteligência para se dedicar à indústria editorial, deve ter tido certa satisfação ao endossar o papel de patrocinador secreto. Mas quando sua filantropia oculta veio à tona, no fim dos anos 1960, seus detratores viram aí uma corrupção insidiosa da infraestrutura liberal do país.

Cord Meyer nunca abandonou totalmente seu temperamento criativo juvenil. Até mesmo sua amizade com o macilento mestre das artes negras da CIA, o lendário James Jesus Angleton — a pavorosa figura encarregada de prevenir a agência contra qualquer infiltração comunista —,

fazia sentido nesse contexto. Eram os boêmios da agência. Antes de alcançar sua alta posição dentro do mundo da espionagem, Angleton, assim como Meyer, havia sido um jovem poeta em Yale, editando a revista literária *Furioso*, que publicava as obras de e.e. cummings e Ezra Pound. O chefe da contraespionagem da CIA abordava seu trabalho com excentricidade artística, tentando adivinhar os estratégias do mundo comunista a partir de seu sepulcral escritório pesadamente decorado em Langley. Ele saía de lá ao meio-dia para seu almoço rotineiro no Rive Gauche de Georgetown, onde quase sempre se encontrava com Meyer, passando a tarde à base de coquetéis, vinho tinto e conhaque, como um libertino da Rive Gauche de Paris. Não é surpreendente que Meyer, por suas tendências visionárias e artísticas, tenha descoberto afinidades com Angleton. O anglófilo, meio mexicano, chefe da espionagem fazia parte da cultura WASP da CIA, mas a transcendia. Com bochechas afundadas e olhos ardentes — um rosto que sua própria mulher descrevia como uma emulação de alguma obra de El Greco —, James Jesus Angleton parecia um obcecado profeta da inteligência americana.

Apesar de Meyer insistir em dizer que não havia mudado fundamentalmente, algo o havia endurecido por dentro, ainda mais depois que ele e outros liberais da CIA se tornaram alvo da caça às bruxas de McCarthy em 1953. Allen Dulles o defendeu, salvando seu cargo, e ele foi conduzido através de um burocrático processo de limpeza por Richard Helms. Durante esse purgatório, Meyer encontrou consolo na leitura de *O processo*, de Kafka. Mais tarde, observou o biógrafo de Helms, Thomas Powers, “um toque de aspereza e rigidez passou a permear o pensamento político [de Meyer]; ele se tornou mais católico que o papa, e pouco a pouco passou de um compromisso

com a paz e a amizade internacional a um fervor anticomunista extremo”.

Meyer sentia-se cada vez mais sob o feitiço das sombrias visões bizantinas de seu mentor da CIA, Angleton. “Cord entrou para a agência com o frescor de um jovem idealista e saiu como uma ferramenta desgastada de Angleton”, observou Tom Braden, o primeiro chefe de Meyer na inteligência. “Angleton era mestre nas artes obscuras. Ele grampeava todos, inclusive a mim. O que Angleton pensava, Cord pensava.”

Mary Meyer não estava feliz com a pessoa em que estava se transformando o jovem reformador do mundo com quem se casara. Nas festas de Georgetown, Cord Meyer se tornou presença intimidadora e moralizante, fazendo que os outros convidados se afastassem dele. Mesmo o veemente anticomunista Joe Alsop o achava repulsivo, descrevendo-o como “um homem brilhante mas carrancudo, com certo talento para criar inimigos”. O casal acabou se distanciando. Mary começou a ficar assustada com os comentários de outras mulheres de membros da CIA, que criticavam abertamente os métodos da agência. Quando em 1956 seu filho Michael, de nove anos, morreu atropelado por um carro na sinuosa estrada que passava diante de sua casa em McLean, a relação do casal começou a ruir. “Esse tipo de acontecimento pode fortalecer ou arruinar um casamento de vez”, observou um amigo deles. “Nesse caso, foi motivo de ruptura.”

Mary se divorciou de seu marido dois anos depois, uma separação amarga na qual Cord “agiu como um corno do século XVII”, segundo outro amigo, denunciando-a como “uma mãe inapta” e comparando-a com “as prostitutas da Babilônia”. Ela não demorou a seguir um rumo oposto ao mundo rígido de ex-mulher em que vivia. Mergulhou na

cena artística de Washington, tendo um caso com um artista mais jovem — o pintor abstrato em ascensão Kenneth Noland — e abraçando um estilo de vida pré-hippie que incluía um guarda-roupa repleto de blusas do estilo camponês e meias-calças azuis, e um grupo de terapia reichiana que prometia levar à iluminação por meio da liberação orgástica.

É fácil entender por que JFK foi atraído por ela. A Mary Meyer que entrou de novo em sua vida quando ele estava na Casa Branca era a mesma beleza loira de brilhantes olhos verde-azulados que encontrara na adolescência. Mas agora a personalidade manhosa e espirituosa de Mary possuía algo mais profundo, uma sabedoria prática e irônica que deve ter combinado com seu sentido apurado da tragédia absurda da vida. Ao contrário da maioria das mulheres do círculo de Kennedy, inclusive a refinada Jackie, Mary se sentia perfeitamente à vontade em uma sala cheia de homens. Ela tinha senso de humor. “Quando ele estava com ela, o resto do mundo podia ir para o inferno”, observou o biógrafo de Kennedy, Herbert Parmet.

Embora Kennedy desfrutasse várias aventuras eróticas na Casa Branca, observou James Angleton, com Mary as coisas eram mais sérias. “Estavam apaixonados”, afirmou com convicção o funcionário da espionagem. “Eles tinham algo muito intenso entre si.” A esposa de Angleton, Cicely, era amiga de Mary. Mas não foi por meio dela que essa informação chegou até o marido. O espião tinha fontes mais diretas, como ele mesmo declarou a jornalistas durante um estranho período no final de sua vida em que fez muitas confissões: ele pusera escutas nos telefones e cômodos da casa de Mary em Georgetown. O voyeurismo de Angleton é perturbador em vários aspectos. Há o alarmante espectro de um oficial da CIA espiando a vida privada do presidente;

existe o lado assustadoramente perverso de espiar o quarto da ex-mulher de um amigo próximo. E por fim existe outro ângulo, que me foi sugerido por Ben Bradlee: “Acho que [Angleton] talvez estivesse apaixonado por Mary. Eram grandes, grandes amigos, e ele era um cara tedioso e estranho, Jim”.

A bisbilhotice do funcionário da CIA pode ter sido motivada por uma série inquietante de motivos ilícitos. Mas o que importa aqui é o que ele descobriu sobre a relação entre Kennedy e Mary Meyer, além de seus detalhes eróticos. Mais tarde, Angleton iria declarar aos jornalistas que os amantes usavam drogas, tendo fumado maconha e até experimentado LSD. Segundo o espião, Meyer e Kennedy tomaram uma dose pequena de alucinógeno, depois do que, notou ele com tom de pudor incomodado, “eles fizeram amor”.

A CIA não era avessa à experimentação de drogas. O financiamento secreto, por parte da agência, de pesquisas com o LSD em sujeitos voluntários ou não (dos quais ao menos um se suicidou sob o efeito da droga), tem sido considerado o desencadeador da contracultura dos anos 1960, a pior das consequências não intencionais. O interesse da CIA pelas drogas psicodélicas se fundava no seu possível uso militar; a agência estava curiosa quanto ao potencial que o LSD podia ter para controlar a mente dos inimigos. No entanto, Mary Meyer buscava algo bem diferente nas drogas. Ela queria fazer que a estrutura do poder de Washington trabalhasse em prol da paz mundial. E não havia melhor lugar para começar essa ampla transformação da consciência política da capital que com seu poderoso amante.

Quando os czares da inteligência americana descobriram as audaciosas experiências de Mary Meyer com o ácido, a

mente *deles* deve ter explodido. Ali estava a mais contundente prova de que estavam lidando com uma presidência aberrante. Kennedy não apenas recebia injeções de estranhos coquetéis de medicamentos para controlar a dor crônica nas costas e aumentar sua energia; agora estava se submetendo à influência erótica da peculiar esposa de Cord Meyer, uma mulher que cada vez mais parecia desequilibrada aos olhos de seus antigos amigos da CIA, depois da morte de seu filho e do divórcio. E a amante pouco convencional do presidente estava envolvida em uma experiência de controle de mente dirigida não contra o Krêmlin, mas à Casa Branca.

Para prosseguir com sua missão de paz psicodélica, Meyer procurou a ajuda de Timothy Leary, o belo trapaceiro bostoniano de origem irlandesa que começava a ficar conhecido no país como principal defensor dos poderes revolucionários do LSD. Quando ela se apresentou em seu escritório do Centro de Pesquisa sobre a Personalidade de Harvard, no verão de 1962, o professor de psicologia de 41 anos ainda era apegado à respeitabilidade acadêmica. Com exceção dos tênis brancos, o homem de óculos e roupas de *tweed* ainda aparentava, em todos os aspectos, ser um aspirante a professor titular da Ivy League. Mas ele estava sendo vigiado pelos supervisores mais conservadores de Harvard — uma instituição que ele respeitava, mas que acabou vendo como “a escola superior dos quinhentos executivos da revista *Fortune*” — e também por seus rivais de pesquisa sobre drogas em Langley. A atraente mulher de meia-idade que, naquele dia, estava encostada de forma provocadora contra sua porta era, assim como ele, uma renegada — no seu caso, do mundo da CIA. E Leary — que colecionava mulheres, celebridades e problemas — ficou impressionado com o que viu: “Bela aparência. Lindas

sobrancelhas, penetrantes olhos verde-azulados, maçãs do rosto bem desenhadas. Divertida, arrogante, aristocrática”.

Como ele escreveria mais tarde, ela o abordou com voz fria: “Doutor Leary. Preciso falar com o senhor”. Entrou de um jeito presunçoso em seu escritório e estendeu-lhe a mão. “Sou Mary Pinchot. Venho de Washington para conversar sobre algo muito importante. Quero aprender a organizar uma sessão de LSD.”

Mary disse a Leary que tinha um amigo em Washington “que é um homem muito importante”. Esse homem estava curioso a respeito de suas experiências com o LSD e queria experimentar a droga. Ela queria os conselhos de Leary sobre a maneira de conduzi-lo através dessa viagem psicodélica. Embora Mary não tivesse mencionado o nome de seu poderoso amigo, não deixou dúvida nenhuma de quem se tratava. “Ouvi Allen Ginsberg em programas de rádio e televisão dizer que, se Khruchov e Kennedy tomassem LSD juntos, acabariam com os conflitos mundiais”, disse ela a Leary. “Não é essa a ideia — fazer com que homens poderosos mudem de atitude?”

Leary concordou que valia a pena fazer uma tentativa. “Veja o mundo”, disse ele. “As bombas nucleares estão proliferando. Um número crescente de países é dirigido por ditadores. Não há criatividade política. Está na hora de se tentar algo, qualquer coisa nova e promissora.”

Durante o ano e meio seguinte, Mary continuou a entrar e sair da vida de Leary, martelando sua cabeça sobre protocolos para experiências com ácidos e solicitando doses da droga para levar a Washington. Ironicamente, Leary conhecera Cord, mas não Mary, na época em que, no Comitê dos Veteranos Americanos, ambos os jovens visionários haviam entrado em conflito. Leary ficou surpreso com o fato de alguém com mente tão aberta quanto Mary

ter se casado com um homem cuja personalidade ele achava intransigente. “Mary era muito mais sociável, divertida e viva [do que Cord] — ele era uma máquina monstruosa”, disse Leary mais tarde.

Na meia-idade, o ex-marido de Mary passou a aceitar com amargura as terríveis realidades do mundo. “Você tem que viver com o pesar”, disse Cord a um visitante em sua casa de Georgetown, um domicílio que o visitante descreveu como “notável por sua ordem digna de um museu”. Meyer estava sentado no sofá, limpando seu cachimbo. “Qual foi a observação de Carlyle? Acho que foi Carlyle”, perguntou-se em voz alta. “Alguém lhe disse: ‘Eu aceito o universo’, e ele respondeu: ‘É melhor que aceite mesmo’.”

Mas Mary não aceitava o universo. Ainda ardia na febre utópica que ela e Cord sentiam em sua visionária juventude. Ia usar o poder transcendente do sexo e das drogas — os encantos mágicos que a emergente geração dos anos 1960 achava capazes de mudar o mundo — para enfeitiçar a estrutura do poder de Washington.

Até o entusiasta Leary achava a ambição de Mary “assustadora”. Pode-se então imaginar como tudo isso parecia alarmante para os responsáveis da inteligência que estavam espionando Mary e observando seu caso com o presidente.

No inverno de 1963, Mary pediu para ver Leary de novo, encontrando-o em seu quarto do Ritz-Carlton Hotel, em Boston. Visivelmente tensa, ela disse ao guru dos ácidos que suas experiências com drogas em Washington estavam progredindo sem percalços, mas que seu caso havia sido “exposto publicamente”. Um de seus amigos, disse ela, “havia ficado bêbado e falado em uma sala cheia de jornalistas sobre seu namorado”. É possível que ela estivesse se referindo ao notório incidente de janeiro de

1963, quando Phil Graham, o editor cada vez mais instável do *Washington Post*, que mais tarde se suicidaria, pegou o microfone em uma reunião da indústria jornalística no Biltmore Hotel, em Phoenix, Arizona, e fez um discurso incoerente durante o qual expôs o caso entre JFK e a amante “favorita” do presidente, Mary Meyer. (Kennedy despachou na mesma hora um avião da Força Aérea com o psiquiatra de Graham a bordo para pegar o editor, que foi sedado e ficou hospitalizado durante várias semanas.) A bomba de Graham foi abafada, disse Mary a Leary. “Vi isso centenas de vezes com políticos da mídia”, disse ela. “Manipulação de notícias, informações ocultadas, desinformação, truques sujos.”

A última vez que Leary viu Mary, lembrou-se ele, ela estava profundamente consternada. Ela ligou para a casa dele em Millbrook, no estado de Nova York, para onde ele havia transferido sua pesquisa após sair de Harvard, e pediu que fosse buscá-la na aldeia. Enquanto passeavam de carro pela esplendorosa paisagem outonal, em que as árvores brilhavam com o que Leary descreveu como uma intensidade de “tecnicolor”, Mary lhe disse que suas experiências com drogas em Washington haviam fracassado. “Tudo estava indo tão bem. Tínhamos oito mulheres inteligentes que estavam mudando a cabeça dos homens mais poderosos de Washington. E então fomos descobertas. Fui muito tola. Cometi um erro no recrutamento. Uma mulher nos delatou. Estou com medo.” Mary começou a chorar. Disse ao pesquisador de drogas que ele precisava tomar muito cuidado. “Estou com medo por você. Estou com medo por todos nós.” Leary pensou que ela estivesse ficando paranoica. Ele estendeu a mão para afagar o cabelo da mulher. Mas o alarme disparado por ela começou a se infiltrar nele. Se ela aparecesse de repente na

casa dele, perguntou Mary, poderia se esconder lá por algum tempo? Leary assegurou que sim. Então, ela se despediu dele. E Leary nunca mais ouviu falar de Mary Meyer.

Em 1965, após voltar de uma viagem ao redor do mundo, Leary tentou encontrar sua velha amiga. Lembrando-se de que Mary havia se formado no Vassar College, de Nova York, ele ligou para o escritório dos alunos para saber do paradeiro dela. A simpática secretária que atendeu a ligação se tornou sombria ao ouvir Leary pronunciar o nome de Mary. “Lamento dizer que ela, hã... faleceu”, disse a Leary. “Acredito que tenha sido no outono do ano passado.” Procurando como louco nos antigos recortes do *New York Times* que recebia de um contato naquele jornal, Leary começou a soluçar quando descobriu o que havia acontecido. No último mês de outubro, enquanto passeava pelo velho Chesapeake ao longo do canal de Ohio, em Georgetown, Mary recebeu dois tiros, um na cabeça e outro no coração. Não foram encontradas provas de que Mary, que havia deixado sua bolsa em casa, tenha sido roubada ou sofrido algum ataque sexual. Um suspeito foi preso — um operário afro-americano de 25 anos chamado Ray Crump Jr. Contudo, mais tarde Crump foi inocentado do crime, que nunca foi solucionado.

O assassinato de Mary Meyer se tornaria uma das mais desconcertantes e estranhas tramas secundárias do drama Kennedy. Pesquisadores de assassinatos estudaram todas as possibilidades ao redor do crime, procurando possíveis vínculos entre os assassinatos dos dois amantes secretos. O aparecimento espectral de James Angleton nessa história de Meyer contribuiu muito para criar uma névoa de suspeitas em torno do caso.

Depois do assassinato, Ben e Tony Bradlee receberam uma ligação internacional urgente de uma amiga de Mary, Anne Truitt, que lhes contou que ela mantinha um diário com informações confidenciais. Mary havia solicitado que o diário fosse destruído caso algo lhe acontecesse, relatou a amiga. Quando os Bradlee foram procurar o diário, primeiro na casa de Mary e depois em seu ateliê, encontraram Angleton, um tanto embaraçado, também aparentemente procurando as reveladoras confissões. Na primeira vez, o espião — conhecido como “O Serralheiro” nos círculos da CIA — estava dentro da casa de Mary, fuçando em seus pertences. Na segunda vez, os Bradlee o encontraram tentando arrombar a fechadura do ateliê de Mary. O espião se esgueirou, sem dizer uma palavra sequer. A história ficou ainda mais estranha no dia seguinte, quando Tony Bradlee, após ter encontrado o diário e lido sobre a relação de sua irmã com JFK, entregou-o a Angleton para que ele dispusesse dele do jeito que achasse melhor — como se a CIA fosse o único poder no mundo capaz de destruir o documento. Mas Angleton não se desfez do diário, e quando confessou isso a Tony, anos depois, ela pediu que ele o devolvesse. Mais tarde, ela declarou tê-lo queimado na lareira. “Ninguém sabe o que Angleton fez com o diário enquanto esteve em posse dele, nem por que não conseguiu seguir as instruções de Mary e Tony”, escreveu Bradlee em sua biografia, de 1995, obra que deixou mais perguntas em aberto do que ofereceu respostas.

Em uma entrevista para seu livro, Bradlee foi vago sobre o incidente Angleton, atribuindo a entrada ilegal do funcionário da CIA e sua tentativa de arrombamento à sua excentricidade e possível obsessão amorosa por Mary. “Pensei que Jim fosse apenas como muitos outros homens que tinham uma queda por Mary”, disse o lendário ex-editor

do *Washington Post*, sentado no seu escritório no jornal, em que tem estatuto emérito. “Embora a ideia de vê-lo como alguém apaixonado esteja além de minha imaginação, especialmente com relação à Mary, que era uma mulher muito atraente. E ele era tão esquisito! Parecia estranho, fora de órbita. Sempre tramando algum tipo de conspiração, quando não estava cuidando de suas orquídeas. Era difícil ter uma conversa com ele. Aposto que ainda existe um dúzia de cópias do diário de Mary em algum lugar da CIA.” Bradlee negou que o diário contivesse algum segredo sobre a CIA ou outra informação relevante nas entrelinhas dos trechos sobre o caso com JFK. “Pensei nisso ao escrever meu livro. Não acho que haja algo escondido no fundo de minha mente que eu não tenha dito.”

No enterro de Mary, na National Cathedral, em Washington, Cord Meyer, de aspecto solene e resistente como uma fortaleza, chorou sem controle. Durante a cerimônia, foi consolado por seus dois maiores amigos na CIA, Richard Helms e James Angleton, que se sentaram junto com ele, um de cada lado, no banco da igreja. Um relatório escrito na época por William Sullivan, o terceiro homem na hierarquia do FBI, revelou que Helms e Angleton “havam estado muito envolvidos em assuntos relativos à morte e ao enterro da senhora Mary Pinchot Meyer”. Em uma entrevista dada anos depois à biógrafa de Mary Meyer, Nina Burleigh, Helms não conseguiu se lembrar por que motivo o falecimento de Mary Meyer chamara tanto sua atenção.

Amigos de Mary disseram sentir que, de certa forma, seu assassinato estava vinculado a sua relação com Kennedy, mas não tinham prova disso. Durante os últimos meses de sua vida, relatou sua biógrafa, Mary pareceu ser alvo de uma inquietante vigilância, em que sua casa de Georgetown

foi arrombada mais de uma vez, até mesmo quando ela e seus filhos estavam dormindo no primeiro andar. “O que estão procurando na minha casa?”, queixara-se várias vezes.

Em seu livro sobre o mundo repleto de intrigas de Washington D.C., *The Georgetown Ladies' Social Club*, publicado em 2003, o autor C. David Heymann contou uma história notável sobre a visita que fizera ao debilitado Cord Meyer em uma casa de repouso de Washington, seis semanas antes de ele falecer. Quem, segundo ele, havia matado sua ex-esposa, perguntou Heyman a Meyer. “Os mesmos filhos da puta que mataram John F. Kennedy”, relatou com voz sibilante o homem da CIA, já muito doente. Contudo, a credibilidade de alguns dos trabalhos anteriores do autor fora contestada, e sua história sobre o último testemunho de Meyer recebeu pouca atenção. A verdade sobre o assassinato de Mary Meyer resta envolta na mesma névoa que encobriu o falecimento de seu amante.

O que fica claro é que a vida pessoal de Mary Meyer interessava muito à CIA, antes e depois de sua morte. Angleton estava totalmente a par da extática influência que ela exercia sobre o presidente. E acreditava que ela de fato influenciava a política do governo, tentando levá-la para um rumo mais pacifista. Em alguns círculos, isso fez que ela fosse vigiada de perto. “Com sua combinação de conhecimento e desdém pelas convenções, Mary Meyer se tornou um tipo conhecido de fêmea, o da clássica mulher perigosa”, escreveu Burleigh.

Mary Meyer era o vínculo de John Kennedy com um futuro pós-Guerra Fria, que nenhum dos dois chegaria a ver. Ela o conectou com a fantasmagoria de sexo, drogas e exploração da mente que tomava conta do final dos anos 1960. JFK, extremamente controlado, permitia-se apenas

provar amostras desses prazeres, mas com certeza isso foi suficiente para dar calafrios no comando da segurança nacional. Os oficiais da CIA estavam envolvidos em pesquisas sobre drogas no intuito de tornar um inimigo inofensivo. Preocupavam-se com o fato de Kennedy ficar desarmado da mesma forma.

Uma amiga de Mary contou mais tarde a vez em que levou meia dúzia de cigarros de maconha para a Casa Branca, e Kennedy fumou três deles antes que produzissem algum efeito. Fechando os olhos e deixando-se levar pela fumaça, ele pensou como em um sonho: “Suponha que os russos façam alguma coisa agora”. Os defensores da Guerra Fria, que vigiavam as façanhas extracurriculares do presidente, com certeza se faziam a mesma pergunta.

Como orador, John Kennedy ficou conhecido por dois discursos — o famoso discurso de posse “Não perguntem”, em que desafiou os americanos a alcançar novos patamares no âmbito nacional, e o impressionante discurso “Ich bin ein Berliner”,<sup>12</sup> de junho de 1963, em que criticou um sistema comunista que havia sido obrigado a confinar seu próprio povo atrás de uma muralha. As imagens em vídeo desses dois discursos-chave ficaram enraizadas na memória nacional graças a inúmeras retransmissões.

Mas o maior momento de Kennedy como porta-voz de sua nação aconteceu duas semanas antes da tumultuosa aparição em Berlim, na manhã do dia 10 de junho, quando ele fez um discurso de formatura na Universidade Americana, em Washington. O Discurso de Paz, como ficou conhecido, suscitou poucas reações naquele momento. Contudo, continha uma das mensagens mais radicais já proferidas por um presidente americano: é possível viver

pacificamente no mundo mesmo com os mais desafiadores inimigos. Tratava-se de um conceito com profundas implicações durante o ápice da Guerra Fria.

O presidente Kennedy apresentou suas declarações visionárias em um palco enfeitado com bandeirolas vermelhas, brancas e azuis, erguido no Reeves Athletic Field da universidade. Olhando para a multidão reunida sob um céu azul e sem nuvens, Kennedy escreveu uma nova página da história ao propor o fim da Guerra Fria. Estava na hora de os americanos e russos se livrarem do frio controle do militarismo, disse ele. O público havia sido doutrinado a acreditar que a paz era impossível, disse ele à audiência, mas isso não era verdade. “Nossos problemas foram criados pelo homem — portanto, podem ser resolvidos por ele.” Durante a Guerra Fria, os discursos políticos costumavam vilipendiar o inimigo comunista e vangloriar o modo de viver americano. Porém, é notável constatar que o discurso da universidade desafiou os americanos, assim como os russos, a repensarem suas atitudes em relação à paz e entre si. “Cada bacharel dessa universidade, cada cidadão sensato que lamenta a guerra e quer buscar a paz deve começar a olhar para si mesmo — examinando sua própria atitude em relação às possibilidades de paz, em relação à União Soviética, em relação ao rumo da Guerra Fria e em direção à liberdade e à paz aqui em nosso país”, declarou Kennedy. Seu apelo à introspecção nacional sobre o grande conflito do momento constituiu uma ruptura brusca com a retórica triunfalista da época.

Então, Kennedy fez algo tão surpreendente quanto isso — procurou humanizar os russos, os bichos-papões da Guerra Fria. Os americanos podem “achar o comunismo repugnante... mas nenhum governo ou sistema social é demoníaco a ponto de seu povo ser considerado desprovido

de qualquer virtude”. Com essa declaração quebra-gelo, Kennedy introduziu um trecho do discurso de arrebatadora eloquência e empatia em relação ao povo russo — o inimigo que toda uma geração de americanos havia sido ensinada a temer e odiar — que hoje ainda tem o poder de inspirar. Esse trecho acaba com cadência poética: “Todos nós habitamos este pequeno planeta. Todos nós respiramos o mesmo ar. Todos nós nutrimos esperanças quanto ao futuro de nossos filhos. E todos nós somos mortais”.

O presidente concluiu o discurso esperando que os Estados Unidos “nunca começassem uma guerra. Não queremos uma guerra... Esta geração de americanos já teve sua cota — mais do que sua cota — de guerra, ódio e opressão”. Era uma contundente resposta aos membros linha-dura de seu governo que preconizavam uma solução militar preventiva para a Guerra Fria.

O Discurso de Paz provocou uma reação mista. Depois de uma semana, havia suscitado apenas 896 cartas do público. (Na mesma semana, a Casa Branca recebera mais de 28 mil cartas em reação a uma notícia sobre os gastos do governo com fretes.) Goldwater e outros republicanos de Capitol Hill não deram muita atenção, descartando sucintamente — e de forma previsível — o “tom mole” da declaração. Moscou manifestou sua satisfação com o discurso, autorizando que fosse transmitido na Rússia pela “Voz da América” e reproduzindo o texto integral no jornal *Izvéstia*. Contudo, onze dias após o discurso, Khruchov o usou para ganhar pontos junto ao Comitê Central, espelhando-se de forma estranha nos inimigos americanos de Kennedy ao reduzir o apelo do presidente em favor da paz a uma expressão de fraqueza. (No âmbito privado, entretanto, o líder soviético o considerava “o melhor discurso feito por um presidente desde Roosevelt”.)

O Discurso de Paz se tornou mais brilhante com o decorrer do tempo, e o historiador Michael Beschloss destacou “a fala lírica” como “de longe o melhor discurso da vida de Kennedy”. Essa avaliação é compartilhada por alguns dos últimos dignitários da administração. No fórum “Recollecting JFK”, que aconteceu na Biblioteca Kennedy em outubro de 2003, Robert McNamara ficou eufórico ao evocar a declaração. “Deixem-me comentar esse discurso”, disse à audiência. “A maior de parte de vocês, talvez todos, nunca o leram, nem ouviram falar dele. Por favor, leiam-no. É um dos grandes documentos do século XX.”

Em uma entrevista posterior, o ex-secretário da Defesa refletiu sobre sua significação histórica. “O discurso da Universidade Americana mostrou exatamente quais eram as intenções de Kennedy”, disse-me McNamara, com voz rouca devido à idade. “Se ele tivesse vivido, o mundo teria sido diferente, tenho bastante certeza disso. Não tenho certeza de que teríamos tido a *détente* mais cedo. Mas tenho certeza de que o mundo teria sido menos perigoso.”

O decisivo discurso de Kennedy foi nada mais do que uma tentativa de se acabar com a intimidação nuclear entre as duas superpotências que mantinham o mundo sob seu jugo havia mais de uma década, já que os soviéticos tinham começado a testar bombas atômicas em 1949. Nos últimos anos, tornou-se moda entre conservadores e liberais linha-dura declarar que Kennedy foi um deles. Porém, o inflamado discurso de Kennedy na Universidade Americana mostra com clareza que ele não era mais um liberal da Guerra Fria. “Não, Kennedy não era um defensor reacionário da Guerra Fria”, comentou Ted Sorensen anos depois. Era um pragmático, disse Sorensen, que sabia profundamente o quanto a loucura dos homens podia levar à tragédia. E

estava determinado a desmilitarizar as relações entre as potências nucleares antes que acontecesse uma catástrofe.

Kennedy, homem realista, entendeu que a jornada para acabar com a Guerra Fria ia se estender “por mil milhas”, mas estava determinado a dar o primeiro passo. Embora não tivesse ilusões em relação ao sistema soviético e suas ambições, ele almejava romper com o exaltado feitiço da demonologia anticomunista. Desde a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos haviam sido dominados por um “*establishment* de guerra permanente”, nas palavras do sociólogo anticonformista C. Wright Mills. Esse *establishment* bélico — que incluía o poder executivo militarizado e o setor corporativo, assim como a enorme estrutura de defesa implementada no Pentágono — justificava sua existência ao criar um contínuo e flutuante estado de ansiedade e animosidade. “Pela primeira vez na história americana, os homens nos altos cargos estão falando sobre uma ‘situação crítica’ sem final previsível”, escreveu Mills em sua duradoura obra de 1956, *A elite do poder*. “Homens como esses são realistas loucos: em nome do realismo, construíram uma realidade paranoica que lhes é própria.” Mas a presidência de Kennedy tentou abandonar esse reino do medo. A ousadia dessa tentativa não foi apreciada em sua totalidade pelos historiadores.

O Discurso da Paz foi a obra-prima da criativa parceria entre Kennedy e Sorensen. Aqui estava o coração do governo posto a nu. O discurso nasceu das mais profundas aspirações de Kennedy na qualidade de líder mundial — e seu aguçado senso de *timing* político. Mas a linguagem inflamada e utópica era de Sorensen. O historiador da presidência, James MacGregor Burns, sugeria que os líderes raramente alcançavam a grandeza sem levar suas nações à guerra. Mas o que o discurso na Universidade Americana

propunha de forma eloquente era que uma grande liderança na era nuclear vinha do fato de evitar a guerra — uma espasmódica troca de fogo e veneno que queria dizer “tudo aquilo que construímos, tudo por que trabalhamos seria destruído nas primeiras vinte e quatro horas”, como disse Kennedy à audiência naquela manhã.

No verão de 1963, JFK percebeu que a janela para um progresso pacífico que se abria depois da Crise dos Mísseis de Cuba estava se fechando rápido, à medida que os defensores da linha dura em Washington e Moscou reafirmavam seu controle. Quando o papa João XXIII, que havia ficado profundamente alarmado ao ver que a humanidade ficara perto de sua própria extinção, chamou Norman Cousins — editor da revista liberal *Saturday Review* e ativista pela paz de longa data — para servir de emissário informal entre o Vaticano, Washington e Moscou, Kennedy não hesitou em conversar sobre estratégia com o diplomata amador. Quando Cousins voltou de uma viagem à Rússia — onde Khruchov divertira o emissário em seu retiro no mar Negro, oferecendo-lhe rodadas de vodca e jogando badminton com as duas filhas adolescentes de Cousins —, JFK imediatamente quis ler seu relatório.

O presidente recebeu Cousins no Salão Oval, em que o cidadão-diplomata se sentou em um amplo sofá enquanto Kennedy lhe fazia perguntas. Fora, no gramado da Casa Branca, músicos de colégio estavam se aquecendo para a apresentação de um musical que havia sido organizada pela primeira-dama. “Este é o departamento de Jackie, mas Jackie não está aqui”, disse o presidente ao seu visitante, em tom de desculpas. Bem à moda de Kennedy, o presidente quis saber todos os detalhes pessoais do encontro de Cousins e Khruchov. Sua casa de campo era suntuosa? Com que energia o corpulento líder soviético

havia segurado a raquete durante a partida de badminton? O editor de revista assegurou a Kennedy que seu homólogo — apesar da idade, do físico e do considerável consumo de vodca no almoço — havia jogado até que bem em uma partida que nem o deixara “sem fôlego, nem corado”.

Então a conversa se desviou para assuntos mais importantes. Cousins disse a JFK que Khruchov estava ansioso para que fosse escrito um novo capítulo da relação entre Estados Unidos e União Soviética. Ele concordou com Kennedy que ambas as nações poderiam começar assinando uma proibição dos testes de armas nucleares que estavam espalhando veneno radioativo na terra. “Você quer que eu aceite a boa-fé do presidente Kennedy?”, disse Khruchov em determinado momento, sentando em uma cadeira em frente a Cousins no terraço envidraçado de sua *datcha*. “Tudo bem, aceito a boa-fé do presidente Kennedy... Você quer que eu deixe todos os desentendimentos de lado e recomece do zero? Tudo bem, concordo em recomeçar do zero.”

Enquanto Cousins relatava sua conversa com o líder soviético, Kennedy estava sentado tranquilamente em sua cadeira de balanço com os olhos fixos no mensageiro da paz. Embora Khruchov tivesse claramente expressado seu desejo de avanço diplomático, continuou Cousins, ele também enfatizou que se encontrava sob intensa pressão política para manter uma postura pró-Guerra Fria. Isso provocou uma resposta reveladora por parte de Kennedy.

“Uma das coisas irônicas sobre toda essa situação é que o senhor Khruchov e eu ocupamos mais ou menos a mesma posição política dentro do governo”, observou o presidente. “Ele gostaria de evitar uma guerra nuclear, mas sofre dura pressão de seus compatriotas linha-dura, que interpretam cada passo nessa direção como uma conciliação. Tenho

problemas semelhantes. Entretanto, a falta de progresso em direção aos acordos entre ambos os países fortalece o grupo dos linhas-duras de ambos os lados, resultando no fato de que esses grupos na União Soviética e nos Estados Unidos se alimentam um do outro, cada um usando as ações do outro para justificar sua própria posição.”

Quando Cousins sugeriu que Kennedy ultrapassasse esse impasse com “uma nova e empolgante abordagem, apelando para o fim da Guerra Fria e propondo um novo começo das relações entre americanos e russos”, Kennedy ficou perplexo. Ele pediu que Cousins conversasse sobre o discurso com Sorensen, um adepto do unitarismo de quem era amigo.

A ideia de que dois unitaristas antibelicistas estivessem trabalhando em um discurso presidencial para redefinir as relações entre Estados Unidos e União Soviética com certeza teria perturbado o aparato da segurança nacional, como Kennedy bem sabia. O presidente instruiu Sorensen para manter o rascunho de seu trabalho em segredo e não submetê-lo, como de costume, ao Pentágono, à CIA e ao Departamento de Estado para que fizessem comentários. Assim como as de Sorensen, as tendências pacifistas de Cousins eram bem conhecidas. Ele era cofundador do Comitê para uma Política Nuclear Sã (SANE)<sup>13</sup> e tinha tornado amplamente público o horror da guerra nuclear ao trazer aos Estados Unidos 24 jovens japonesas que haviam sobrevivido ao bombardeio de Hiroshima para que recebessem tratamento médico. A versão final do discurso da Universidade Americana refletia a filosofia unitária de ambos os homens.

“A linguagem do discurso é unitária — como os trechos que dizem que os problemas do homem são criados pelos

homens e podem ser resolvidos pelos homens”, disse Sorensen, sentado no seu escritório de advocacia em Nova York. Durante muito tempo Sorensen evitou declarar que era autor dos discursos de Kennedy, mas sua verve criativa no discurso da Universidade Americana é óbvia. “Não quero retirar nada de JFK, mas esse discurso hoje representa minha filosofia pessoal mais do que qualquer outra coisa no mundo. É aquele do qual me sinto mais orgulhoso.”

Enquanto Kennedy discursava naquela manhã, o cenário internacional continuava tenso. Naquele mesmo dia, uma delegação chinesa chegou a Moscou para apresentar uma contundente exigência ao Krêmlin: que o oscilante Khruchov parasse de implorar pela paz junto aos duvidosos americanos e adotasse uma linha mais dura. Diante da amarga e crescente ameaça de uma ruptura sino-soviética, e ao mesmo tempo lutando para manter sua liderança sobre o mundo comunista, Moscou iria privilegiar um pacto com a China ou com os Estados Unidos?

Quando, perto do fim do discurso, Kennedy anunciou que em breve teriam início em Moscou rodadas de conversa da alta cúpula para chegar a um tratado que abrangesse a proibição dos testes nucleares, prometendo que nesse ínterim os Estados Unidos não iriam levar a cabo testes nucleares na atmosfera enquanto outras nações também não o fizessem, ele concretizou a empolgante proposta que Cousins lhe sugerira de estourar o gargalo diplomático. Deu certo. Menos de um mês depois, Kennedy e Khruchov assinaram o Tratado sobre Proibição Parcial de Testes Nucleares, que, como observou orgulhosamente Sorensen, foi o primeiro grande acordo de controle de armas “nessa terrível época conhecida como era nuclear” — e o primeiro ato significativo de *détente* diplomática durante a Guerra Fria. Foi o discurso da Universidade Americana que lançou

essas pombas no ar. Mas foram necessárias toda a determinação e perspicácia política de Kennedy para capitalizar o ímpeto do discurso e garantir o tratado.

Enquanto o emissário de Kennedy, Averill Harriman, estava negociando o tratado em Moscou, no mês de julho, ficou claro que seria impossível a meta original de proibir tanto os testes subterrâneos como os atmosféricos. Os responsáveis pelo governo sabiam que não conseguiriam fazer o Senado aceitar uma proibição abrangente dos testes se os soviéticos não concordassem em demonstrar que não estavam trapaceando com testes subterrâneos, os quais são difíceis de detectar, e não permitissem várias inspeções no local. Mas os soviéticos insistiram em que essas inspeções de seus equipamentos militares teriam de ser estritamente limitadas, com receio de que espiões da OTAN tirassem proveito disso para fins pessoais. O acordo foi um Tratado de Proibição Parcial de Testes Nucleares, que focou apenas os testes atmosféricos, muito mais simples de monitorar. Embora o tratado não tenha sido tão abrangente quanto se esperava no início, ele já representava um grande avanço na discussão quando foi rubricado pelos negociadores na noite de 25 de julho. Na noite anterior, Khruchov havia convidado Harriman a compartilhar seu camarote na cerimônia de encerramento de uma competição de atletismo entre Estados Unidos e União Soviética. Enquanto a multidão ovacionava os dois homens, Harriman, de aparência saudável e impecável, olhou para seu gordo e calvo anfitrião — um homem de modos rústicos e emoções pouco refinadas, que denunciavam suas origens camponesas. Ele viu que os olhos de Khruchov estavam cheios de lágrimas.

Kennedy sabia que mesmo uma proibição até mesmo limitada dos testes nucleares enfrentaria severa oposição

política em casa. Os opositores do tratado inicialmente foram pegos de surpresa pela velocidade com que o governo negociou o acordo. Mas assim que este foi rubricado eles entraram em ação. O presidente enfrentou o grupo habitual de antagonistas. O principal porta-voz da oposição era o dr. Edward Teller, físico nascido na Hungria e conhecido como o “pai da bomba de hidrogênio”, que, com seu forte sotaque do leste europeu e sobrancelhas parecidas com as de Groucho Marx, tornara-se um dos mais impetuosos advogados do militarismo americano. Teller se prevaleceu de sua perícia para minimizar os perigos dos testes na atmosfera, mas como Kennedy sabia, por parte de seus conselheiros científicos, já havia sido detectado estrôncio radioativo nos ossos e dentes de crianças americanas. Atrás de Teller estava o poder lobista do complexo militar-industrial, a rede muito bem financiada de organizações de fabricantes de armas, associações de oficiais militares aposentados e grupos de superpatriotas de bandeira em punho que atacavam com regularidade as políticas de Kennedy. Contudo, o que mais preocupava o presidente eram as maquinacões secretas dentro de seu próprio governo.

Carl Kaysen, deputado e conselheiro de Segurança Nacional de Kennedy, lembrou-se anos depois de uma das mais assustadoras manobras do Pentágono durante o tenso período da proibição de testes. Aconteceu enquanto o governo ainda considerava a possibilidade de uma proibição total, que incluiria o controle dos subterrâneos. “Havia uma discussão tensa dentro do governo o fato de podermos ou não detectar testes subterrâneos”, disse Kaysen. “Eu era membro da equipe de Bundy<sup>14</sup> que interagiu com o grupo de cientistas especialistas em questões nucleares. Em

determinado momento, tivemos que consultar um homem chamado Carl Romney, responsável pela operação da Força Aérea que monitorava os testes subterrâneos. Ele controlava essas redes sísmicas que tínhamos no Irã e no Paquistão, cuja finalidade era sintonizar as explosões subterrâneas russas. Então, tentei trazer Romney para a Casa Branca. Porém a Força Aérea o escondeu! Literalmente! Isso foi muito parecido com o que chamamos de motim. Depois de muitas tergiversações, ele acabou saindo do buraco onde estava.”

Mais tarde, Kennedy ficou furioso ao saber que a CIA estava tentando sabotar o tratado no Senado, em que o acordo passava por um difícil processo de ratificação. O presidente descobriu que McCone estava despachando peritos nucleares da agência para convencer os senadores de que não se podia confiar em Moscou para respeitar o tratado. A relação entre JFK e o diretor da CIA nunca melhorara depois da Crise dos Mísseis, quando McCone marcou um ponto ao espalhar em toda Washington que ele havia percebido a existência dos mísseis russos muito antes que Kennedy resolvesse agir. Apesar dos esforços para manter boas relações com Bobby, McCone também não enganava o irmão do presidente. O procurador-geral estava preocupado com o fato de que, com a proximidade das eleições de 1964, McCone — republicano de longa data — se tornasse um desleal quinta-coluna dentro do governo.

Dean Rusk aconselhou Kennedy a adiar o discurso sobre o tratado até que tivesse consultado alguns senadores-chave. Mas Kennedy sabia que a melhor maneira de influenciar o Senado era com a mobilização do público. O presidente apareceu diante das câmeras de TV na noite de 26 de julho, um dia depois que o tratado tinha sido rubricado. “Estou me dirigindo a vocês esta noite com esperança”, disse à nação.

Os Estados Unidos e a União Soviética estavam presos na espiral sem fim e cada vez mais agourenta da corrida armamentista, disse Kennedy. Mas, “ontem, um feixe de luz atravessou a escuridão”. Ele exortou o Senado a ratificar a proibição de testes de maneira que os Estados Unidos pudessem “afastar-se das sombras da guerra e procurar o caminho da paz”.

Kennedy percebeu que a ratificação do tratado ainda não era certa. Soube que o volume de cartas enviadas ao Congresso contra a proibição dos testes era quinze vezes maior do que as cartas a favor. Anos de doutrinação da Guerra Fria sobre os demoníacos russos não podiam ser conjurados por um único discurso televisivo do presidente. Mas Kennedy estava determinado a colocar tudo que tinha na batalha para que o tratado vencesse. Ele chocou os assessores da Casa Branca ao declarar que sacrificaria “de bom grado” sua reeleição para salvar o acordo sobre as armas. A batalha de dois meses que Kennedy travou em prol do tratado é um exemplo de coragem presidencial. A dura campanha, que destacou sua habilidade como guerreiro político, demonstrou quanto um presidente pode ganhar ao se dispor a perder tudo.

Logo depois de seu discurso na televisão, o presidente começou a organizar sua própria rede para se contrapor à ofensiva antitratado do complexo militar-industrial. Mais uma vez, recorreu a Norman Cousins, pedindo-lhe que ajudasse a organizar “rapidamente uma campanha para a educação e a mobilização da opinião pública”. Usando seus contatos no movimento pela paz, o combativo jornalista logo juntou uma coalisão de cidadãos, composta de líderes empresariais, sindicalistas, gente do meio artístico, cientistas e religiosos para apoiar o tratado. Ao encontrar Cousins e outros representantes da coalisão na Sala do

Gabinete, no dia 7 de agosto, Kennedy lhes disse que enfrentavam uma formidável oposição dos militares. Os generais simplesmente não queriam nenhum tipo de limitação à força destruidora das armas nucleares, disse o presidente. “De fato”, disse ao grupo, “alguns generais acreditam que a única solução para qualquer situação de crise é começar lançando grandes bombas.” Quando ele desafiou esse raciocínio, perguntando “como bombardear poderia resolver o problema”, disse Kennedy, os militares haviam se mostrado “muito menos confiantes ou articulados”. A surpreendente revelação do presidente sobre os impulsivos instintos do Pentágono com certeza provou ao comitê de cidadãos a urgência de sua tarefa.

Antes que Cousins e seu grupo fossem embora, Kennedy lhes assegurou que podiam chamá-lo para conversar pessoalmente com qualquer pessoa ou organização que achassem necessário. Cousins imediatamente usou a palavra do presidente para organizar um encontro especial entre JFK e os editores das maiores revistas femininas do país. O ativista pela paz sagazmente reconheceu o enorme poder potencial do voto das mulheres, as quais podiam ser levadas a agir diante de preocupações vinculadas à saúde do planeta e de seus filhos. Durante o encontro, o presidente insistiu na importância da proibição dos testes para a paz mundial, e seus comentários foram devidamente impressos em todas as revistas femininas, que, como um todo, tinham uma distribuição de 70 milhões de exemplares. “Foi a primeira vez que influentes revistas femininas se juntaram para um empreendimento editorial dessa natureza”, comentou Cousins mais tarde — uma prova de suas conexões com a imprensa e do charme político de JFK.

Kennedy não se limitou a fazer uma campanha pública em prol do tratado; operou com habilidade junto às alavancas

do poder nos bastidores. No momento em que o acordo sobre armas ia ser apresentado ao Senado, o presidente temeu que seu predecessor na Casa Branca — o velho general cuja opinião sobre assuntos de guerra e paz ainda tinha muito peso — pudesse torpedeá-lo. Eisenhower havia manifestado sua oposição ao tratado, mas JFK tinha uma carta na manga. Depois que Kennedy assumiu o cargo, uma nova prova contra o chefe de gabinete de Eisenhower, Sherman Adams, que apresentara sua demissão diante de acusações de corrupção, chegou ao escritório do procurador-geral. Bobby se ressentia dos ataques que seu irmão sofrera de Ike, o qual havia lançado farpas do tipo: “Li que a palavra ‘vitória’ foi apagada de alguns dicionários da Nova Fronteira”. O suscetível procurador-geral não estava disposto a poupar o antigo assessor de Eisenhower do constrangimento de uma acusação da promotoria federal. Mas Ike pediu ao líder republicano no Senado, Everett Dirksen, que interviesse junto a JFK, pedindo-lhe “como um favor pessoal” para encerrar o caso. “Ele terá um cheque em branco da minha conta bancária se me fizer esse favor”, teria dito Eisenhower. Apesar da furiosa objeção de Bobby, o presidente aceitou. Agora JFK estava cobrando sua retribuição.

Kennedy teve um encontro informal com Dirksen e deixou claro para o influente republicano que gostaria que ele e Eisenhower mudassem de opinião e apoiassem a proibição de testes. “Senhor presidente, o senhor é muito duro na negociação”, respondeu Dirksen. “Mas vou honrar meu compromisso, e tenho certeza de que o general Eisenhower fará o mesmo.”

Um clima de expectativa tomou conta do Senado quando o legislador de Illinois, com seu habitual cabelo ondulado branco-acinzentado e sua estrondosa voz de baixo,

caminhou até o centro do hemicíclio. Começou lendo um texto preparado, confessando que as preocupações que tivera em relação ao tratado eram improcedentes. Porém, de repente, abaixou a mão que segurava o discurso e se lançou em uma eloquente defesa improvisada do acordo que era Dirksen puro e em seu esplendor. “A unidade da superfície da terra de Deus se rompeu com o dispositivo que o homem criou e que chamamos de arma nuclear... Ah, que tragédia! Ah, que consternação! Ah, quanto sangue! Ah, que aflição... um jovem presidente chama este tratado de primeiro passo. Quero dar esse primeiro passo.” No momento em que Dirksen modulou o tom para chegar à conclusão, Kennedy soube que o tratado ia ser aprovado. A vitória chegou no dia 24 de setembro de 1963, quando o Senado, com surpreendente margem de 80 a 19, decidiu ratificar o Tratado de Proibição Parcial dos Testes Nucleares.

“Nenhuma outra vitória da Casa Branca deu maior satisfação a Kennedy”, disse Sorensen mais tarde. Na cerimônia de assinatura na Sala do Tratado, no terceiro andar da Casa Branca, o presidente usou dezesseis canetas para escrever seu nome no documento, entregando-as como lembranças aos dignitários que lá estavam. Então, pegou a última delas, mergulhou-a no tinteiro, e sublinhou seu nome em negrito. “Esta é minha”, disse Kennedy com um sorriso satisfeito, colocando a caneta no bolso.

No palco do saguão principal da Biblioteca Kennedy, os fantasmas das presidências passadas tentam repartir a culpa histórica pelo grande desastre imperial de suas épocas, a Guerra do Vietnã. Eles estão rigidamente sentados, lado a lado, esses representantes dos governos Kennedy, Johnson e Nixon, no átrio de paredes cobertas de vidro projetado por I. M. Pei, tendo como pano de fundo as

espumantes águas de Boston Harbor. Jack Valenti — pequeno e jovial, sempre por dentro de Washington — está lá para representar LBJ, do qual foi assessor especial; Henry Kissinger — de olhar fulminante no alto de sua idade — e Alexander Haig — com seu furtivo olhar de soslaio — falam em nome de Nixon, cuja sombriamente astuta *Realpolitik* eles ajudaram a modelar; e no fim da mesa está rigidamente sentado Ted Sorensen, de óculos, um dos últimos vínculos vivos com o santuário da Casa Branca de Kennedy. Aos 77 anos, após sobreviver a um derrame, Sorensen ainda é o vigilante guardião da chama de Camelot. Porém, de vez em quando, seus olhos têm um aspecto melancólico e distante, como naquela tarde.

Os ilustres participantes se reuniram nesse luminoso dia 26 de março para o fórum intitulado “O Vietnã e a Presidência”. O evento — apresentado pela única herdeira viva de JFK, Caroline Kennedy Schlossberg, sempre segura de si — é semelhante a várias cerimônias da Biblioteca Kennedy de que Sorensen participou. Contudo, a imagem do governo Kennedy que emergiu durante essa conferência de dois dias é, para Sorensen, claramente perturbadora. A hipótese que subjaz é que Kennedy, Johnson e Nixon carregam responsabilidades iguais pela guerra que arrasou a Indochina e toda uma geração de americanos. Há um *continuum* que vai dos escassos combates do período Kennedy até o apocalipse que iria surgir no futuro. Pelo menos, isso parece ser o consenso entre peritos, jornalistas e oficiais que se reuniram na biblioteca, para o júbilo de uma grande multidão e de telespectadores do canal C-SPAN.<sup>15</sup> Um simpático Jimmy Carter, exibido na ampla tela de vídeo do saguão principal, ecoa o julgamento da convenção: “Meu entendimento como jovem, não político —

eu então era apenas produtor de amendoim — era que o compromisso de ir ao Vietnã basicamente havia sido firmado pelo governo Kennedy... foi iniciado pelo presidente Kennedy”.

De repente, os olhos de Sorensen se avivaram. Mais uma vez, era ele que precisava restabelecer a verdade sobre a presidência de Kennedy. Havia apenas 16 mil conselheiros militares no Vietnã na época, e JFK nunca tivera a intenção de ampliar o conflito, declarou ele; era um ponto menor piscando na tela do governo. “O Vietnã *não* era uma questão central para a política internacional da presidência Kennedy”, diz ele à audiência da biblioteca. “Berlim, sim; Cuba, a União Soviética — mas não o Vietnã. Naquela época, o Vietnã representava uma insurreição de baixo risco.” Kennedy enviou três missões ao Vietnã para levantar fatos, precisou Sorensen, e as três lhe aconselharam despachar divisões de combate e bombardear o Vietnã do Norte. “JFK ouviu” seus conselheiros linha-dura, “porém nunca fez o que queriam.”

Mas, mesmo lá, na Biblioteca Kennedy, com a filha do presidente sentada na plateia, os argumentos de Sorensen pareceram se perder. A conversa logo mudou de rumo. Valenti, com os olhos úmidos, revelou o quanto LBJ se sentia dilacerado por essa guerra. “Ele me disse que mandar jovens à morte é igual a tomar fenol toda manhã.” Kissinger descartou de maneira irascível uma questão de um membro da audiência que perguntava se havia algo de que o distinto estrategista de política internacional quisesse se desculpar. “Não há motivo para crer que alguém que faça esse tipo de pergunta tenha um nível moral mais elevado de que o nosso”, entoou com sua voz gutural de Jabba the Hut. [16](#) Ele não precisava vir aqui hoje, resmungou — foi apenas um

favor que fez a Caroline Kennedy e a sua família. No lugar dos tribunais por crimes de guerra e das investigações do Congresso que nunca seguiram as desastrosas aventuras dos Estados Unidos durante a Guerra Fria, temos convenientes fóruns públicos como este. E até mesmo este evento de restrito alcance prova ser irritante para Kissinger.

Kennedy deve mesmo ser amalgamado a Nixon e Johnson, com todo o sangue que estes têm nas mãos? A confusão ainda parece reinar nos círculos dos historiadores. “Acho que a questão de saber se Kennedy teria agido de forma diferente de LBJ [no Vietnã] é algo que nunca será consensual, mas intriga os biógrafos”, declarou seriamente o pesquisador de Kennedy, Robert Dallek. Mas a verdade é — graças ao trabalho de estudiosos como Peter Dale Scott, John Newman, David Kaiser, Howard Jones, James K. Galbraith e Gareth Porter — que hoje temos uma imagem clara das intenções de Kennedy no Vietnã. A conclusiva série de provas indica que JFK havia formalmente se decidido pela retirada das tropas, um processo que ele planejava começar por trazer de volta mil soldados em dezembro de 1963 e terminar em 1965, depois que sua reeleição lhe desse a cobertura política necessária para completar o que ele sabia ser uma ação controversa.

De fato, o público americano só tomou conhecimento das verdadeiras intenções de Kennedy em relação ao Vietnã anos mais tarde, com as lembranças de membros do governo como Kenny O’Donnell. Na primavera de 1963, depois que o líder dos democratas no Senado, Mike Mansfield, acabou dando a Kennedy uma opinião sem rodeios sobre as fracas perspectivas de vitória no Vietnã, JFK disse a O’Donnell que concordava que os Estados Unidos deviam se retirar. Uma retirada imediata dos americanos provocaria um “verdadeiro clamor dos conservadores”,

disse o presidente, então ele completaria a saída das tropas somente após as eleições de 1964. Ele, no entanto, estava disposto a aceitar os riscos, disse Kennedy a O'Donnell: “Em 1965, vou me tornar um dos presidentes mais impopulares da história. Serei conspurcado por todos como um conciliador comunista. Mas pouco me importo. Se eu tentasse sair totalmente do Vietnã agora, teríamos que lidar com outra ameaça do tipo Joe McCarthy, então só poderei fazer isso depois de ser reeleito. Quer dizer: precisamos fazer de tudo para garantir que eu *seja* reeleito”.

JFK manteve seus planos sobre o Vietnã ocultos de sua burocracia encarregada da segurança nacional, que era a favor da guerra — o confronto militar com o comunismo que Kennedy havia incessantemente recusado aos seus belicosos conselheiros em Cuba, Berlim e no Laos. Para evitar uma confrontação com o *lobby* da guerra em Washington — que, como Kennedy entendera, ainda era uma necessidade nos Estados Unidos do começo dos anos 1960 —, ele evitou divulgar seus planos de retirada do Vietnã. Como Gareth Porter destacou em seu importante livro de 2005, *Perils of Dominance*, Kennedy operou em “múltiplos níveis de desapontamento” em sua tomada de decisão sobre o Vietnã, fazendo concessões menores aos linhas-duras para evitar uma cisão interna de seu governo, enquanto habilmente descartava pedidos de aumento da intervenção militar e discretamente atirava um canal de diplomacia secreto. Era uma brilhante dança de sombras que conseguiu manter os Estados Unidos fora da guerra enquanto Kennedy esteve vivo.

O único documento da Casa Branca que deu alguma indicação dos planos de Kennedy para uma retirada progressiva é o NSAM 263, emitido em 11 de outubro de 1963. Ele revela a intenção do presidente de trazer para

casa mil conselheiros militares no fim de 1963, porém especifica que nenhum anúncio oficial devia ser feito sobre essa iminente retirada. Como JFK deixou um rastro indefinido de documentos, e um borrão de declarações públicas ambíguas, seus sucessores pró-guerra não tiveram dificuldade em tomar o controle de seu legado e apresentar o inferno da selva como o resultado direto de sua política.

“O documento não prova que Kennedy estivera prestes a sair de lá, porque ele não queria nem tocar no assunto naquela época”, observou Daniel Ellsberg em uma entrevista. “Ele não queria que os generais soubessem disso. Contou a várias pessoas, porém nunca colocou isso por escrito. Era compreensível, mas foi uma decisão errada porque ele morreu e a guerra seguiu adiante.”

Kennedy deixou seus inimigos políticos no escuro ao evitar fazer qualquer discurso público sobre o Vietnã durante sua presidência. Mas, como observou Sorensen, é possível encontrar os verdadeiros sentimentos de JFK sobre guerras de libertação nacional ao ler dois discursos surpreendentemente prescientes que ele proferiu no Senado, um sobre o Vietnã e o outro sobre a Argélia. O tema central desses dois discursos, que repercutiram no *establishment* da política internacional de então, é o mesmo: é loucura que as potências ocidentais queiram resistir às crescentes aspirações das nações em desenvolvimento. Kennedy, um dos presidentes que mais viajara na história, havia visto de perto o sombrio destino do colonialismo francês, durante uma viagem que fizera ao Vietnã com Bobby, em 1951. No dia 6 de abril de 1954, o jovem senador de Massachusetts se levantou e alertou o presidente Eisenhower para não se deixar levar pelo malfadado empreendimento da França: “Acredito sinceramente que nenhuma assistência militar americana

na Indochina possa vencer um inimigo que está por toda parte e, ao mesmo tempo, em lugar nenhum, um ‘inimigo do povo’ que tem a simpatia e a ajuda secreta do povo”. Essa é a mais sucinta das advertências sobre os perigos da presunção imperialista já proferida por um líder americano. E, ao contrário de alguns de seus sucessores na Casa Branca, Kennedy seguiu claramente a percepção que tivera quando jovem.

A maneira como Kennedy se esquivou em relação ao Vietnã é típica de seu estilo presidencial. “Ele nunca tomava uma decisão que não precisava tomar, até que chegasse a hora de tomá-la”, diz Sorensen. Essa relutância sem dúvida foi reforçada pela fratura que existia em seu governo. Sendo o único homem a se opor consistentemente ao aumento da presença militar no Vietnã, o presidente foi obrigado a operar de maneira dissimulada, para evitar isolamento total dentro de seu próprio governo. Na época em que o Vietnã começou a alcançar um nível de crise no final do governo Kennedy, muitos membros de sua burocracia de segurança nacional — informados das furtivas manobras do presidente para manter o país fora da guerra — estavam em flagrante revolta contra ele. O Pentágono e a CIA estavam conspirando para sabotar seu plano de retirada das tropas. E até conselheiros de confiança como Harriman, o magnata *globe-trotter* e amigo de Moscou, com o qual Kennedy pensava poder contar para ajudar a negociar um acordo sobre o Vietnã, estavam descaradamente solapando suas iniciativas de paz.

À medida que a situação política do Vietnã se deteriorava no final de 1963, os limites do estilo oblíquo de governar de Kennedy ficavam aparentes. Frustrados pela crescente instabilidade do regime de Diem no Vietnã do Sul, os oficiais americanos estavam divididos entre apoiar o golpe militar

para substituí-lo ou não, enquanto Kennedy hesitava sobre que decisão tomar nesse assunto. Em outubro, o crescente conflito entre o embaixador Henry Cabot Lodge, que apoiava o golpe, e o chefe do escritório da CIA em Saigon, John Richardson, que apoiava o cada vez mais autocrático presidente Ngo Dinh Diem, tornou-se público. Richard Starnes, correspondente em Saigon dos jornais do grupo Scripps-Howard, escreveu um notável artigo sobre a desavença, citando “um oficial americano do alto escalão aqui” que acusou a CIA de insubordinação. O oficial acusara a agência de “malevolência” e disse que “não tinha certeza de que a Casa Branca pudesse controlá-la por muito mais tempo”. Então, acrescentou esta surpreendente observação: “Se os Estados Unidos um dia sofrerem uma [tentativa de golpe], ela virá da CIA, e não do Pentágono... [A agência] representa um poder incrível e totalmente imprevisível”. O surpreendente relato de Starnes levou o sábio Arthur Krock, do *New York Times*, a aconselhar Kennedy a tomar o controle de seu governo. “Trata-se de um governo desordenado”, admoestou com severidade o antigo defensor de JFK na imprensa em sua coluna do dia 3 de outubro. “E quanto mais o presidente tolerar isso, maior se tornará [...] a impressão de que há um governo muito indeciso em Washington.”

A imprevisibilidade da CIA no Vietnã levou até o Congresso clamores para “deixar um feixe de luz permanente sobre a cidadela do sigilo”, escreveu o jornalista do *New York Times*, Ben Bagdikian, no mesmo mês. Os executivos da inteligência, notou Bagdikian, estavam horrorizados diante da possibilidade de o Congresso examinar suas maquinações. Porém, não sentiam medo. Durante o restante da Guerra Fria, e a despeito de algumas incursões

do Congresso, a CIA continuou operando a maior parte do tempo sem ser supervisionada.

A impressão de que o governo estava cada vez mais em conflito consigo mesmo aumentou ainda mais no dia 1o de novembro, quando militares golpistas sul-vietnamitas retiraram Diem e seu irmão Nhu à força de uma igreja, algemaram os dois homens e os jogaram na parte de trás de um caminhão, onde foram esfaqueados antes de serem mortos com um tiro na cabeça. (O golpe foi facilitado quando a CIA retirou Richardson de Saigon, permitindo que a agência colaborasse com os generais sul-vietnamitas que estavam por trás do complô.) Kennedy não era contrário a uma mudança de governo em Saigon, desde que esta pudesse trazer certa estabilidade e facilitar a retirada americana. Mas ele ficou horrorizado e deprimido diante da sangrenta deposição do líder católico e de seu irmão, exterminados como animais em um matadouro. Robert McNamara, que estava com Kennedy quando este recebeu a notícia do assassinato dos irmãos, comentou mais tarde que nunca antes vira o presidente tão aborrecido: “Ele literalmente ficou pálido”. Os assassinatos “mexeram com ele de forma pessoal”, observou Michael Forrestal, especialista sobre a atuação de Kennedy no Sudeste Asiático. “Preocuparam-no pelo lado moral e religioso [e] abalaram sua confiança... como se estivesse recebendo um tipo de aviso sobre o Vietnã do Sul.”

O centro não estava apoiando John Kennedy nas últimas semanas de sua vida. A violenta deposição de Diem não somente exacerbou a impressão de caos no Vietnã, como destacou os limites da habilidade de Kennedy para controlar os eventos, tanto em Saigon como em Washington. O presidente, que se orgulhava de seu domínio da política internacional — um homem que havia recebido os

ensinamentos do velho Joe Kennedy, perito nas astutas artes do poder —, sentiu que as rédeas estavam escapando de suas mãos.

Depois de ser informado sobre Diem, JFK chamou Mary Meyer — à qual recorria nos momentos de adversidade —, pedindo que ela o encontrasse na Casa Branca durante a tarde. Foi a última vez que se viram.

Ironicamente, o único conselheiro-chefe em matéria de segurança nacional que apoiou o plano de Kennedy de retirada do Vietnã foi o homem que ficaria para a história como um dos mais criticados arquitetos da guerra, Robert Strange McNamara. Depois de regressar de uma viagem ao Vietnã em outubro para tentar levantar informações, o secretário de Defesa encontrou-se com Kennedy na Casa Branca e lhe disse: “Senhor presidente, acho que temos como sair daquela área, e precisamos mostrar ao nosso país o que isso significa”. Foi McNamara quem incentivou Kennedy a retirar mil soldados no final daquele ano.

Porém, McNamara mudou repentinamente sua visão sobre o Vietnã com o sucessor de Kennedy, realinhando-se com a escalada da violência do governo Johnson. O jovem prodígio, rei dos números, de óculos de metal e cabelo brilhante e engomado, se tornaria um ícone do fracasso, o maior símbolo da trágica loucura que é querer lutar contra fervorosos guerreiros camponeses com a lógica fria de um estatístico. Por que ele se permitiu ser o cérebro da guerra sob o governo de LBJ após ter planejado a retirada das tropas com JFK? “Ah, não quero falar sobre isso”, disse-me McNamara com a voz autoritária e cortante de um CEO encerrando um assunto desagradável durante uma reunião de diretoria.

O cérebro da Guerra do Vietnã ressurgiu em 1995 como crítico dessa mesma guerra, publicando um notável *mea*

*culpa* intitulado *In Retrospect*, seguido de *The Fog of War*, um documentário de 2004, dirigido por Errol Morris e premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, no qual McNamara se esforçava para dar sentido à sua vida e às lições que tanto lhe custaram. No entanto, apesar do espírito confessional que adotou no fim da vida, McNamara ainda era muito seletivo no que diz respeito às suas revelações. Tratava-se de uma das mais intrigantes personalidades que o mundo do poder americano já produziu: nervos à flor da pele em um momento e alguém totalmente reservado no seguinte. McNamara declarou que ele e Curtis LeMay, sob cujas ordens serviu durante a Segunda Guerra Mundial, podiam ter sido indiciados por crimes de guerra se os Estados Unidos não tivessem saído vitoriosos do conflito. E mesmo assim continuava lealmente evitando perguntas sobre a responsabilidade moral de Lyndon Johnson em relação ao Vietnã. Podia falar com distanciamento clínico sobre a morte em massa de civis, pela qual tinha responsabilidade no Japão e no Vietnã, e então chorar com a lembrança da morte de um avião americano. Parecia ser ao mesmo tempo o mais humano dos homens a ocupar um alto cargo na máquina militar americana e o mais assustador.

Como notou de forma cáustica o almirante Anderson, adversário de McNamara no Pentágono, o secretário de Defesa chorava com facilidade — um traço de personalidade que parece ter-se aprofundado com o decorrer dos anos. Rememorando sua vida em *The Fog of War*, as lembranças dos sete anos em que ocupou o cargo de secretário de Defesa mexiam com McNamara. “Minha esposa teve úlcera por causa disso, e também meu filho, provavelmente”, disse à câmera. “Mas foram os melhores anos de nossas vidas.” Enquanto falava, os olhos

lacrimajantes e a boca trêmula traíam um fluxo de emoções sufocadas.

Se os anos que passou com Johnson assolaram sua família, os anos ao lado de Kennedy foram claramente o breve momento em que Robert McNamara brilhou. Ele estava ajudando o jovem presidente a manter a paz no mundo, ajudando-o a conter o leviatã militar do país dentro de limites racionais. E então veio Dallas. Robert McNamara iria passar da glória à infâmia. O homem que Kennedy queria nomear secretário de Estado em seu segundo mandato, coarquiteto de seus planos para a paz mundial, iria entrar para a história como belicista. As lágrimas não são apenas pelo falecido presidente — são também pelo próprio McNamara, e pelo que ele perdeu.

Outros políticos linha-dura que serviram no governo Kennedy, a começar por LBJ, declararam que houve uma continuidade política quanto ao Vietnã entre os dois governos democratas. McNamara poderia ter utilizado para si a mesma argumentação. Porém, não o fez. Ele contou a verdade em sua biografia — Kennedy pretendia sair do Vietnã —, ainda que isso tenha feito que sua chocante transformação de homem da paz em político linha-dura parecesse bastante estranha. Claro, McNamara é companheiro — ainda mantém a mesma lealdade a Kennedy e Johnson. Mas há algo a mais em sua necessidade de reestabelecer a verdade sobre JFK e o Vietnã. Talvez estivesse tentando ser honesto com quem ele, quando mais jovem, havia sido: o brilhante homem da Nova Fronteira que ia tornar o mundo um lugar melhor e mais seguro.

Kennedy não teria conseguido facilmente que os Estados Unidos se retirassem do Vietnã, disse McNamara. Segundo o antigo chefe do Pentágono, JFK não rejeitava as ideias da Guerra Fria por completo; ainda acreditava na teoria do

dominó segundo a qual, se o Vietnã caísse nas mãos dos comunistas, o colapso se estenderia a outras nações livres da região. Mas, no final, disse McNamara, JFK teria levado o país para longe do cataclismo. “Acredito que Kennedy teria tido um enorme problema para decidir o que fazer, porque ele acreditava na teoria do dominó. Contudo, também acreditava, como declarou antes de morrer, que a guerra era do Vietnã do Sul e que o povo de lá é quem devia vencê-la — os Estados Unidos podiam ajudá-los, mas não podíamos vencer a guerra por eles. Essas posições podem ter sido contraditórias. Entretanto, no fim das contas, acredito que ele teria considerado que a última — não podíamos vencer a guerra por eles — prevalecia sobre a teoria do dominó.”

“Ele manteve a paz.” Kennedy declarou várias vezes que queria que esse fosse seu epitáfio. E, contra todas as evidências, conseguiu fazer isso, constatou McNamara — o homem que fracassara na mesma tarefa. No ambiente perigosamente militarizado da Guerra Fria — e sob a constante pressão dos generais, dos oficiais da CIA, dos congressistas linha-dura e de seus próprios conselheiros em segurança nacional —, Kennedy mais de uma vez desanuviou o clima de guerra. “Acho que ele considerava que a primeira responsabilidade de um presidente é manter a nação fora da guerra enquanto for possível”, observou McNamara no fórum Recollecting JFK. Kennedy manteve a paz, insistiu seu chefe de Defesa, enquanto outras figuras poderosas de Washington acreditavam que a guerra nuclear com a União Soviética era inevitável. “Eles tinham certeza disso.” Para o público, McNamara fez um retrato sisudo da vida na Washington da Guerra Fria. Havia homens no poder que acreditavam que os Estados Unidos podiam reivindicar a vitória mesmo que o país perdesse 20 ou 30 milhões de

peessoas. “Isso é totalmente absurdo”, disse McNamara. “Para vocês, hoje, tenho certeza de que parece absurdo. Mas vocês não tinham o poder durante essa época de psicose maciça”, disse à audiência. “Vocês não sabem como era. Você vivia a Guerra Fria vinte e quatro horas por dia, trezentos e sessenta e cinco dias por ano... Essa era nossa postura.” Mas Kennedy se opôs com firmeza a esses loucos engodos. “E ele venceu. Evitamos uma guerra nuclear. Chegamos perto, mas conseguimos evitá-la.”

Então Kennedy morreu, e seus antagonistas tiveram a guerra que queriam. Mas foi uma guerra menor, não aquela desejada pelos generais, e o planeta sobreviveu. Ele e Lyndon Johnson garantiram isso, disse McNamara. Ele, com toda a razão, sentia uma profunda satisfação com isso.

Quando *The Fog of War* foi lançado, McNamara subiu ao palco da faculdade em que estudara, a Universidade da Califórnia, em Berkeley, para falar sobre as lições de paz e guerra do filme. À medida que o público lotava o Zellerbach Hall, um suspense tenso se elevava no ar. McNamara seria bem recebido no seu antigo centro de protesto contra a guerra, em que o público de cabelo grisalho ainda tinha virulentas lembranças de seu papel no passado? Mas o velho guerreiro não hesitou ao subir ao palco. Estava em uma missão para confrontar seus fantasmas, disse seu filho de meia-idade Craig, que viera de sua fazenda de nozes orgânicas perto de Davis, Califórnia, para acompanhar o pai naquela noite. Houve uma época em que a guerra também os afastara.

O público de Berkeley foi, para a surpresa geral, respeitoso. Aplaudiu as ardentes lamentações de McNamara. “Nós, seres humanos, matamos cento e sessenta milhões de outros humanos no século vinte!”, exclamou. “É isso que queremos neste século? Acho que

não!” Mas profundos suspiros acolheram sua recusa de criticar a Guerra do Iraque do governo Bush, mesmo que antes ele tenha expressado, na imprensa canadense, críticas pesadas a essa guerra “moralmente errada”. “Não vou fazer declarações sobre o presidente Bush”, disse à audiência. Era o leal governista de sempre.

Naquela noite, estava no auditório Daniel Ellsberg, o antigo intelectual da Defesa que havia ousado desafiar as autoridades ao divulgar os documentos do Pentágono, o próprio relatório crítico do governo sobre a Guerra do Vietnã. Esse não havia sido o caminho escolhido por McNamara, o qual, na época, chamara Ellsberg de traidor. Mas o próprio Ellsberg, que já manifestara recíproco desdém por McNamara, agora tinha sentimentos mais complexos em relação ao antigo chefe do Pentágono. Falou sobre isso em sua casa nas colinas de East Bay antes do evento.

“McNamara acredita que impediu Curtis LeMay e os outros de fazerem em Hanói o que haviam feito em Tóquio e Hiroshima durante a Segunda Guerra Mundial”, disse Ellsberg. “E foi o que ele fez. É possível que ninguém mais em sua posição pudesse ter impedido a Força Aérea americana de bombardear ou atacar o Vietnã com armas nucleares, transformando-o em uma grande área para estacionamento, como queria LeMay. Então sim, é dessa forma que McNamara consegue viver consigo mesmo — muito facilmente: ‘Eu estava com o dedo no dique, sou o garoto que impediu que esse desastre acontecesse.<sup>17</sup> Ninguém mais poderia ter impedido o Estado-Maior de obrigar Johnson a deixá-los de mãos livres em Hanói. Trabalhei durante meses e mesmo anos para evitar esse holocausto, e ninguém poderia ter conseguido’. É um

argumento bastante forte para que ele tenha seu lugar na história.”

Por sua vez, quando mais tarde McNamara soube que Ellsberg estava entre o público de Berkeley, não pareceu incomodado. “Eu não fazia ideia. Mas se tivesse sabido, não teria ficado aborrecido.”

Pouco antes de morrer, McNamara tinha manchas na pele e os ombros caídos. Diz que seu cérebro-computador apresentava falhas de memória. Mas ele tinha a sabedoria de um velho soldado. Ao olhar para trás, podia ver seus erros fatais com a mesma clareza que os tinha visto antes de cometê-los. Gostava de se referir àqueles dias citando os “Quatro quartetos”, de T. S. Eliot:

*O que chamamos o começo é muitas vezes o fim  
E fazer um fim é fazer um começo...  
Não deixaremos de explorar  
E o fim de nosso explorar  
Será chegar onde começamos  
E conhecer o lugar pela primeira vez.*

\* \* \*

Lisa Howard estava esperando por Fidel. Era um ritual com o qual os jornalistas estrangeiros — assim como os dignitários de visita — estavam acostumados. A jornalista do canal ABC tinha esperado meses até obter um visto para entrar na ilha. Havia assiduamente utilizado seus contatos no corpo diplomático, entre os quais o vice-premiê russo, Anastás Mikoyan. Mas, no final, foi Jim Donovan, o intermediário não oficial de Bobby Kennedy em Cuba, quem obteve sua autorização de entrada. Howard chegou a Havana no dia 1o de abril de 1963, hospedando-se no Hotel Riviera, um

luminoso prédio em estilo Miami que dominava a beira-mar da cidade. E então ela esperou durante cerca de três semanas, enquanto Castro analisava seu pedido de entrevista para a televisão.

Aos 37 anos, Lisa Howard era uma anomalia para o mundo dos noticiários televisivos da era Kennedy: uma mulher sexy, com estilo e bem-vista em uma profissão que era dominada quase exclusivamente por homens de meia-idade bem-arrumados e de aparência sóbria. Howard fazia parte de um grupo de mulheres âncoras de televisão no começo dos anos 1960, que incluía Nancy Dickerson, da NBC, e Nancy Clark, da CBS. Ex-atriz, ela deixara os teatros off-Broadway e os folhetins televisivos — costumava aparecer no programa *The Edge of Night*, da CBS, no final dos anos 1950 — para se dedicar ao jornalismo com grande determinação, depois de decidir que sua carreira de atriz estava empacada. Como correspondente junto às Nações Unidas para a Mutual Radio Network, conquistou a fama de ser audaciosa ao se tornar a primeira jornalista americana a conseguir entrevistar Khruchov. (Ela conseguiu ter acesso ao líder soviético utilizando seus dons teatrais, esquivando-se dos guardas do consulado russo em Nova York vestida de arrumadeira e então abraçando Khruchov quando este passou ao lado dela.) Contratada pela ABC em 1961 para cobrir a reunião entre Kennedy e Khruchov em Viena, ela continuou a se destacar graças aos seus retumbantes golpes jornalísticos — anos antes da aparição de Barbara Walters e de uma futura geração de mulheres ícones da televisão —, e foi recompensada com seu próprio programa, *The News Hour with Lisa Howard*.

A loira e atraente Howard, que a *Newsweek* dissera ser “incrivelmente bonita”, tinha a intenção de utilizar o que ela chamava de suas “vantagens naturais” para enfim

conseguir entrevistar Castro. Depois da meia-noite do dia 21 de abril, a jornalista foi acordada na cama do Hotel Riviera por um amigo diplomata que lhe disse para descer e ir encontrar Castro. Ela pôs um vestido de coquetel marrom decotado e foi até o saguão, onde o líder cubano a recebeu e a acompanhou até o clube noturno do hotel, onde ficaram conversando até depois das cinco horas da manhã. Castro se encantou com Howard. Pediu a um assessor que tirasse fotos deles, usando uma câmera Polaroid que lhe fora dada por seu velho amigo Donovan. Nas fotografias, Howard, glamorosa e com os ombros nus, aparece sentada confortavelmente ao lado de Castro, de farda, em uma mesa de coquetel, olhando-o com brilhante intensidade. Mais tarde, Castro concordou em ser entrevistado diante da câmera por Howard, e a conversa de 45 minutos aconteceu na suíte da cobertura situada no vigésimo andar do hotel. A entrevista, a primeira que o líder cubano concedera a uma rede de televisão americana desde 1959, foi uma façanha e tanto para Howard e o canal ABC.

Depois de regressar aos Estados Unidos, Howard foi à Casa Branca, onde Kennedy esperava curioso por seu relato. Ela compartilhou com Kennedy, que estava faminto por fofocas, os detalhes de seu encontro com Castro, revelando inclusive que dormira com o líder cubano. “Ela conversou com Jack sobre isso”, relatou mais tarde o amigo de Howard, o igualmente sedutor Gore Vidal, “e mencionou que Castro não retirara as botas. Jack gostava desse tipo de detalhe”. Em seu diário, Howard escreveu que Castro “fez amor de forma eficiente”.

Mas Howard tinha algo mais importante para dizer ao presidente. Ela contou a Kennedy que Castro estava claramente ansioso por abrir o diálogo com ele. A jornalista, cujo caminho até Castro havia sido traçado por Donovan,

estava continuando a missão de paz que o advogado começara no ano anterior.

Howard entregou a mesma mensagem à CIA quando conversou sobre sua viagem a Cuba com responsáveis da agência, uma prática habitual da Guerra Fria entre jornalistas que voltavam de viagens a países comunistas. Mas os oficiais da CIA não se mostraram tão entusiasmados quanto o presidente com as notícias que ela trazia. Da mesma forma que fizeram com a iniciativa de paz de Donovan, os homens da agência agiram rapidamente para curto-circuitar Howard. Num relatório do dia 2 de maio de 1963, McCone advertiu firmemente que “aquilo que Lisa Howard relatava devia ser visto da forma mais limitada e cautelosa possível” e “que, por enquanto, nenhum passo adiante devia ser tomado sobre a questão da aproximação”. Os membros linha-dura do governo até consideraram tentar impedir a ABC de retransmitir a entrevista de Howard. “A divulgação pública dessa entrevista nos Estados Unidos reforçaria os argumentos dos grupos pela ‘paz’, dos pensadores ‘liberais’, dos comunistas e simpatizantes, e dos políticos oportunistas que se opõem à política atual dos Estados Unidos”, assim como ofereceria a Castro uma audiência de costa a costa para sua “posição razoável”, advertiu uma análise enviada ao conselheiro sobre segurança nacional da Casa Branca, McGeorge Bundy.

Os temores sobre o relatório eram fundados. Quando a ABC retransmitiu a entrevista, no dia 10 de maio, Castro de fato apareceu como alguém simpático e razoável. Parabenizou o governo de Kennedy por ter “dado alguns passos rumo à paz”, o que incluía ter tomado medidas contra os ataques “piratas” em seu país, e deixou a porta aberta para uma reconciliação com os Estados Unidos. No entanto, com os membros linha-dura do governo impedindo

quaisquer avanços rumo à paz, a iniciativa de Howard logo empacou.

Lisa Howard, no entanto, não desistia com facilidade. Ela mostrou em sua missão em Cuba a mesma determinação resoluta que tivera em outras façanhas jornalísticas. Segundo a filha de Howard, Fritzi Lareau — que, na época, era adolescente —, suas motivações eram amplamente emocionais. “Ela sentia algo por Castro”, disse-me Lareau, lembrando-se de sua mãe “extravagante” e “iconoclasta”. Lareau se lembrou da mãe perguntando sem rodeios a seu padrasto, o produtor de filmes Walter Lowendahl, se ela devia ou não levar seu diafragma a Cuba antes de uma de suas frequentes viagens à ilha. (Lowendahl disse que sim. Segundo Lareau, seu padrasto não estava muito feliz com as aventuras da esposa, mas o imigrante alemão suportou suas façanhas com equanimidade europeia.) “Ela gostava de homens poderosos. E Fidel era muito macho. E, claro, a missão de paz atiçava sua sensibilidade teatral, porque era algo grande, que acontecia no palco mundial. Era algo secreto e excitante.”

Em setembro, procurando reviver a iniciativa de paz, Howard alistou seu amigo William Attwood, diplomata das Nações Unidas e ex-jornalista que, assim como a âncora de televisão, não tinha pudores em invadir o terreno da política. Attwood, colega de JFK em Choate que sempre se achara desbancado por Kennedy desde que este levou a jovem Mary Pinchot (futura Meyer) a um baile da escola, havia transitado entre o jornalismo e a política ao longo da carreira. Em 1959, tirou uma licença da revista *Look*, da qual era editor internacional, para escrever discursos para Adlai Stevenson, entrando na equipe de Kennedy no ano seguinte, durante a campanha presidencial. Depois de sua eleição, Kennedy nomeou Attwood embaixador na Guiné,

que, na época, era vista como um importante campo de batalha da Guerra Fria na África, e mais tarde o nomeou substituto do embaixador Stevenson junto às Nações Unidas.

Bill Attwood tinha sólidas raízes no *establishment* da Costa Leste — desde Choate até Princeton e a inteligência militar do Exército durante a Segunda Guerra Mundial (mais tarde, tornou-se capitão na 13a Divisão Aerotransportada) — e uma carreira no jornalismo internacional e na diplomacia. Mas os anos que passara além-mar lhe deram uma visão mais cética do que a de seus contemporâneos da elite sobre a histeria americana da Guerra Fria. Olhava com desdém a mentalidade “rampante de estado policial” em Washington e chamava as secretas e clandestinas atividades da CIA de “absurdas em geral”. Quando Attwood entrevistou o jovem e vitorioso Castro em 1959 para a revista *Look* — atravessando Cuba de carro junto dele, com a esposa do correspondente, Simone, pressionada contra o colo de um guarda-costas armado —, viu um herói trágico, e não um pária; um líder carismático que poderia ter escolhido o Ocidente em vez do Oriente, se Washington tivesse agido de outra forma.

Attwood sentia uma simpatia natural pelas vítimas da injustiça social na América Latina, que finalmente reagiam após anos de exploração. Entendia por que homens como Fidel e Che haviam ficado contra os Estados Unidos. Mais tarde, lembrou-se de uma história que Che lhe contara. Quando o futuro revolucionário era jovem em Buenos Aires, um navio da Marinha americana havia atracado no porto, vomitando centenas de marinheiros. Um deles, um americano “muito grande”, havia agarrado a namorada de Che em um baile e, quando este reclamou, o homem rosnou: “Sente-se e cale essa boca, seu negrinho”.

“Desde então”, notou Attwood, “a palavra ‘América’ fazia que Che pensasse em uma enorme mão empurrando sua cabeça e na palavra ‘negro’.” É quase sempre dessa maneira que nascem as guerrilhas.

Quando Lisa Howard disse a Attwood que Castro gostaria de restabelecer a comunicação com Kennedy e propôs organizar um encontro informal em seu apartamento entre ele e o representante de Cuba junto às Nações Unidas, Carlos Lechuga, o diplomata aceitou com entusiasmo. Em um relatório que escreveu para Stevenson e Averell Harriman — que, pelo que soubera, era o melhor canal para acessar Kennedy —, Attwood sugeriu que “temos algo a ganhar e nada a perder ao descobrir se Castro quer mesmo conversar”. Se a proposta de paz tivesse êxito, observou o diplomata, “a questão cubana poderia ser removida da pauta da campanha eleitoral de 1964”. Stevenson estava intrigado. Mas “infelizmente”, avisou com sabedoria, “a CIA ainda está encarregada de Cuba”. Todavia, Stevenson levou a proposta a Kennedy, que o autorizou a continuar o diálogo. Harriman, por sua vez, declarou ser “suficientemente aventureiro” para gostar da ideia, mas alertou Attwood para também obter a aprovação de Bobby Kennedy, o homem-chave do governo em relação a Cuba. Stevenson não estava gostando da ideia de Attwood se encontrar com o procurador-geral, o qual ele ainda considerava intransigente quanto à questão cubana. Mas Attwood terminou ligando para o Departamento da Justiça e marcando um encontro com RFK para o dia 24 de setembro.

Na noite anterior àquela em que Attwood viajou para Washington, Howard organizou um encontro entre ele e Lechuga durante um coquetel no seu apartamento, em um prédio de arenito vermelho situado na East 74th Street, onde ela costumava receber pessoas como Che e Adlai

Stevenson, impressionando os convidados com o pé-direito de cinco metros e meio, a coleção de antiguidades e as janelas de vidro chumbado. Os dois diplomatas foram discretamente para um canto da sala de estar, onde Lechuga disse a Attwood que Castro havia lido o discurso de Kennedy na Universidade Americana com grande interesse. Attwood falou do tempo que passara com Fidel em 1959, quando o líder cubano lhe transmitiu um recado endereçado ao povo americano — “Vamos ser amigos” — antes de encher o bolso de sua camisa com charutos e de convidá-lo a voltar qualquer dia. Lechuga sugeriu que Attwood respondesse ao convite de Castro e voltasse a Havana para retomar a conversa.

No dia seguinte, Attwood relatou esses fatos a Bobby Kennedy em seu escritório. Em vez de rejeitar a ideia da aproximação, como Stevenson temia, Bobby respondeu com simpatia. Pensou que seria arriscado demais se Attwood visitasse Cuba, já que a notícia com certeza acabaria vasando e provocando furor em Washington. Mas, mesmo assim, sentiu que “valia a pena perseguir” o diálogo pela paz, e sugeriu que conversas secretas com Castro acontecessem em outro país, como o México, ou nas Nações Unidas.

JFK foi ainda mais entusiasta da ideia. Em um encontro na Casa Branca no dia 5 de novembro, Bundy disse a Attwood que o presidente era “mais favorável a tentar uma abertura junto a Cuba do que o Departamento de Estado, e que a intenção era... bem, tirá-los do redil soviético e talvez esquecer a Baía dos Porcos e, quem sabe, voltar à normalidade”.

Mais uma vez, Kennedy era a pessoa com mais visão em seu time de política internacional. Anos depois, seu amigo de Hollywood, Milt Ebbins, confirmou que JFK pretendia

normalizar as relações com Cuba. “Ele teria reconhecido Cuba”, disse Ebbins em uma entrevista para este livro. “Ele me disse que, se fôssemos reconhecer Cuba, eles comprariam nossas geladeiras e torradeiras, e logo despachariam Castro.” O aliado de JFK, Red Fay, concordou em dizer que Kennedy estava determinado a conseguir a paz com Cuba. “Jack achava que, com os mísseis fora da ilha, não havia motivo para que tivéssemos uma confrontação com Cuba”, disse-me o antigo assistente do secretário da Marinha em sua casa de Presidio Heights, um bairro de San Francisco, sentado no meio de uma miscelânea de objetos, entre lembranças de Kennedy e artefatos náuticos. “Por causa disso, ele sentia que podíamos resolver toda essa questão com Cuba e seguir em frente.”

Em seus últimos dias de vida, Kennedy mandou duas mensagens de paz para Castro. Uma foi proferida em um discurso no dia 18 de novembro diante da Inter-American Press Association, em Miami, quando o presidente declarou que o único obstáculo à paz entre os Estados Unidos e Cuba era o apoio de Havana às insurreições revolucionárias em outros países da América Latina. “Isso, e apenas isso, nos separa”, enfatizou Kennedy. “Enquanto essa situação existir, nada é possível. Sem ela, tudo é possível.” Schlesinger, que ajudou a escrever esse discurso, disse mais tarde a Attwood que a finalidade era ajudar seus esforços diplomáticos, assinalando que o presidente estava realmente interessado em abrir um canal de conversas pela paz com Castro.

Mas JFK sempre se sentia obrigado a brandir ao mesmo tempo uma flecha e um ramo de oliveira quando falava em público sobre Cuba. Isso ficou bastante visível em Miami, viveiro de um fervor anticastrista. Fiel à estratégia de dois gumes, o discurso de 18 de novembro carregava também

uma contundente retórica que reduzia o governo Castro a “um pequeno grupo de conspiradores”, e declarava que, “uma vez removido este grupo”, os Estados Unidos garantiriam seu apoio à construção democrática e progressista de Cuba. A Desmond FitzGerald se deve o crédito de ter injetado essa linguagem militante no discurso, e a CIA interpretou os comentários do presidente dirigidos aos contatos na mídia simpatizantes à agência como uma tirada para pegar Castro. “Kennedy convida virtualmente a um golpe em Cuba”, retumbou o *Dallas Times Herald*. E o íntimo da CIA, Hal Hendrix, do *Miami News*, escreveu que o discurso de JFK “pode ter sido elaborado para potenciais elementos dissidentes” no governo de Castro. O fato de Schlesinger e FitzGerald terem reivindicado os créditos do mesmo discurso demonstra a que ponto a política do governo dos Estados Unidos para Cuba era um campo de batalha entre facções opostas.

Mas a CIA estava totalmente ciente da direção que Kennedy queria seguir em relação a Cuba em seus últimos dias. Sem que Lisa Howard e Bill Attwood soubessem então, enquanto eles trabalhavam por telefone no apartamento dela em prol do gesto de paz entre Castro e Kennedy, a agência estava na escuta. Em uma ligação para Havana, Howard foi grampeada descrevendo o entusiasmo de Kennedy com a aproximação. A âncora não tinha noção da onda de choque que estava causando nos saguões do poder de Washington. “Mãe era muito ingênua, ela era inocente”, disse Lareau. “Ela de fato não entendia todas as dinâmicas. Era como um elefante em uma loja de porcelanas — simplesmente ia atrás do que queria, sem se importar com as consequências.”

A agência estava determinada a fazer fracassar a proposta secreta de paz do governo. Em uma reunião na Casa Branca

sobre Cuba no dia 5 de novembro, Helms insistiu para que o governo colocasse um freio na iniciativa de Attwood, propondo que se transformasse o cenário de paz em “jogo de estratégia de guerra”, olhando a partir de todos os ângulos possíveis antes de fazer algum contato com Castro.

Apesar da resistência da agência, os esforços para a paz seguiam em frente. Um segundo recado cordial de Kennedy foi entregue pessoalmente a Castro pelo jornalista francês Jean Daniel, editor da revista semanal socialista *L'Observateur*, no dia em que o presidente foi assassinado. Antes de viajar a Havana, Daniel teve um encontro com Kennedy na Casa Branca, em que o presidente falou em tom conciliador sobre Cuba. Parecendo mais um cruzado da Aliança para o Progresso do que o invasor da Baía dos Porcos, Kennedy disse a Daniel que a política americana para Cuba durante a era Batista havia sido caracterizada por “colonização econômica, humilhação e exploração”, acrescentando que “teremos que pagar por esses pecados”. Se Castro parasse de agir como agente de subversão da União Soviética na América Latina, sugeriu Kennedy, os Estados Unidos suspenderiam o bloqueio econômico imposto a Cuba. Mais tarde, Daniel disse que o presidente estava claramente “procurando uma saída” para o impasse entre os dois países. Quando o jornalista francês encontrou Castro, o líder cubano ficou fascinado com seu relatório sobre a reunião da Casa Branca, pedindo-lhe para repetir a declaração notavelmente honesta sobre a vergonhosa política americana durante os anos Batista. “Ele entendeu muitas coisas nos últimos meses”, refletiu Castro em voz alta.

Porém, no exato dia em que Daniel estava levando a mensagem conciliadora de JFK a Castro (e Kennedy estava indo ao encontro de seu destino em Dallas), oficiais da CIA

estavam agindo em segredo para abortar as iniciativas de paz. No dia 22 de novembro, em um surpreendente e traiçoeiro ato de insubordinação — sem informar o presidente, o procurador-geral ou o diretor da CIA —, Richard Helms e Desmond FitzGerald fizeram que uma caneta envenenada fosse entregue em Paris a um desleal oficial militar cubano chamado Rolando Cubela para assassinar Castro. Assim como o plano da agência para matar o líder cubano com um equipamento de mergulho contaminado, urdido durante a missão de paz de Donovan, o complô Cubela foi claramente projetado para sabotar a iniciativa Attwood-Howard. A CIA esperava que o assassinato de Castro provocasse um golpe militar. Mas, mesmo que o complô de Cubela fracassasse e se tornasse público, com certeza ia amargar profundamente as relações entre ambos os países.

A sombria intriga da agência confirmava o alerta que Stevenson fizera a Attwood de que “a CIA estava encarregada de Cuba”. De qualquer modo, como Attwood notou anos depois com severidade, era assim que a espionagem agia — “e que o presidente a quem prometera servir fosse para o inferno”.

A CIA tentou incriminar Robert Kennedy pelo complô de Cubela. Quando Cubela pediu que seus contatos na agência encontrassem pessoalmente o irmão do presidente, FitzGerald tomou a extraordinária iniciativa de voar até Paris para, falsamente, assegurar ao assassino o apoio de RFK. Ao encontrar Cubela, a quem fora dado o codinome AM/LASH, em uma segura casa da CIA na cidade, FitzGerald se apresentou como o “senador James Clark”, um representante pessoal de Kennedy. Mas o irmão do presidente não fazia ideia de que a CIA estava usando seu nome. Helms e FitzGerald concordaram que seria

“totalmente desnecessário” informar Kennedy de seu estratagema. Quando foi confrontado com provas de sua fraude pela Comissão Church, nos anos 1970, Helms foi obrigado a explicar por que não havia informado Kennedy. “Não é que eu estivesse sendo esperto ou astuto, ou que eu quisesse esconder algo”, insistiu Helms, embora fosse precisamente isso o que ele estivera fazendo. “Apenas pensei que era o tipo de coisa... que ele nos pedia para fazer, então foi o que fomos fazer.” Mais tarde, o czar da inteligência enfeitou sua mentira em uma entrevista concedida ao jornalista Evan Thomas, indicando que poupou Kennedy do encontro com Cubela pelo próprio bem de RFK, porque o atrevido procurador-geral poderia ter decidido voar até Paris para entregar em pessoa a “arma” do assassinato. “Bobby não teria recuado [diante da reunião com Cubela]”, disse Helms. “É bem provável que fosse em pessoa.”

A CIA continuou tramando com Cubela até 1966, quando este foi detido pela contraespionagem cubana e condenado a trinta anos de cadeia. Mas, como se acabou verificando, foi o assassinato de Kennedy, e não o de Castro, que pôs um termo aos esforços de reconciliação entre os dois países. Depois de Dallas, as conversas de bastidores de Attwood logo perderam fôlego, e Castro voltou a usar a entrevista com Lisa Howard para expressar seu contínuo interesse pela paz. Mas, em janeiro, o governo Johnson pôs um termo às conversas, para evitar entregar aos republicanos uma pauta potencial de campanha durante as eleições de 1964. Em um relatório escrito três dias antes do assassinato de JFK, Gordon Chase, o ponta de lança da Casa Branca nas negociações secretas, observou que “o presidente Kennedy poderia ter se acertado com Castro e saído disso com um mínimo de problemas internos, [mas] não tenho a mesma certeza quanto ao presidente Johnson. Por um lado, um

novo presidente, que no seu passado nunca enfrentara com sucesso Castro e os comunistas (como o presidente Kennedy o fizera em outubro de 1962), correria certamente mais riscos de ser acusado pelo povo americano de ‘molengão’”. Outro motivo pelo qual a aproximação com Cuba agora seria “mais difícil”, notou Chase, era que o presumido assassino de Kennedy, Lee Harvey Oswald, “havia sido descrito como um tipo pró-castrista” — um retrato de Oswald bastante promovido pela CIA e seus grupos satélites na comunidade exilada cubana, como o DRE, e que começou a ser difundido logo após o disparo na Dealey Plaza.

Howard perseguiu obstinadamente sua “diplomacia de cidadã” no começo de 1964, apesar do crescente desdém em relação aos seus esforços manifestado pela Casa Branca de Johnson e pela CIA, mas sua vida tomou um rumo trágico. Em setembro, ela se lançou, com seu jeito tipicamente teatral, na disputa ao Senado por Nova York, que opunha Bobby Kennedy ao republicano no cargo, Kenneth Keating. Juntando-se a outros conhecidos liberais que nutriam ressentimentos contra Bobby, como Gore Vidal, Howard formou um grupo chamado “Democratas por Keating”, durante uma reunião em seu apartamento. Ironicamente, Keating tinha tido um papel muito beligerante em Cuba, incitando o governo Kennedy a iniciar uma ação militar contra a ilha e depor Castro “como um fantoche” da União Soviética depois que este tivesse falado em prol da paz em sua primeira entrevista televisiva com Howard. Howard, porém, frustrada com o fracasso de sua negociação de paz em Cuba, curiosamente culpou Bobby, embora este tivesse dado seu apoio ao esforço.

“Ela estava tentando conseguir a paz e estava convencida de que Jack e Bobby queriam a guerra”, lembrou-se Vidal.

“Sentia-se muito ressentida e achava que era uma boa oportunidade para castigar Bobby.” Os Kennedy não apenas fizeram inimigos à direita com sua estratégia de mão dupla com Cuba — também conseguiram afastar deles parte da esquerda.

Logo depois de ter mergulhado na campanha para o Senado, Howard foi demitida da ABC por seu partidarismo público. Um executivo da rede de televisão disse com rudeza ao *New York Times*: “Ela foi mandada embora. Não se encaixa. É uma mulher problemática, simplesmente não queremos que ela faça parte de nossa equipe”. A outrora ambiciosa correspondente de TV sentiu-se ultrajada por essa abrupta excomunhão das ondas eletromagnéticas. Abriu um processo contra a ABC, declarando que havia sido “afastada” por conta de suas atividades políticas. Sem sua proeminente plataforma televisiva, Howard parecia perdida. “Lisa Howard pleiteia para voltar a ser visível”, destacava uma triste manchete do *New York Times* sobre a história de seu processo judicial. Seu advogado disse ao jornal que a compensação financeira não apagaria o terrível dano que Howard vinha sofrendo por ter sido privada de “sua exposição diária a sua audiência”.

Em abril de 1965, meses depois de ter sido demitida, Howard entrou de penetra em uma reunião da Associação de Correspondentes de Rádio e Televisão de Nova York, que acontecia na sala de conferências da ABC e em que Bobby Kennedy iria discursar. Enfrentou Kennedy durante a reunião, questionando sua eficiência como líder político. No dia seguinte, o diretor de relações públicas da ABC, James C. Hagerty, sentiu-se obrigado a apresentar um pedido de desculpas pelo comportamento de Howard em uma carta endereçada a Kennedy: “O relatório da conduta dela para com você, da forma como me foi apresentado, enfureceu-

me. Por isso, envio-lhe esta carta para expressar meu profundo pesar, embora a sra. Howard não trabalhe mais conosco — e isso é outra história... apenas lamento o que aconteceu enquanto o senhor era recebido em nosso escritório”. O próprio Kennedy não levou a história adiante — pelo menos Howard não o acusara de ser o “cruel Bobby”, como costumava fazer, zombou ele. “Meu próximo *slogan*”, escreveu ele em resposta a Hagerty, “será: ‘Reeleja Robert F. Kennedy como senador — Ele é ineficiente demais para ser cruel’. De qualquer modo, obrigado por sua carta. Com os problemas que todos enfrentamos”, acrescentou Bobby, ainda assombrado com o que acontecera em Dallas, “Lisa Howard é bastante irrelevante.”

“Em resumo, minha mãe estava tendo um colapso mental naquela altura”, disse Lareau. “Havia perdido a coisa mais importante em sua vida — a carreira, o cargo. Era uma pessoa pública, exibicionista — adorava estar diante das câmeras, no centro das atenções. Então, quando tudo isso desapareceu, sentiu-se como se seu mundo inteiro tivesse desmoronado.”

Sua mãe também sofria de uma dependência de soníferos que começou durante sua primeira viagem a Cuba. “Costumava ficar acordada a noite toda, esperando por Castro; então não conseguia dormir no dia seguinte e tomava sonífero.”

A derrocada de Howard continuou naquele verão, quando ela sofreu um aborto. No dia 4 de julho, depois de ter tido alta do hospital, foi de carro até uma farmácia em East Hampton, onde estava passando o verão com o marido. Falsificou uma receita de soníferos, colocando cem em vez de dez, e logo tomou a maior parte dos barbitúricos com refrigerante. A polícia a encontrou andando atordoada e com os olhos vidrados no estacionamento da farmácia,

murmurando algo sobre um aborto. Levaram-na até um hospital, porém ela perdeu a consciência e morreu antes que chegassem lá. O médico que examinou o corpo declarou que ela havia tomado soníferos em quantidade suficiente para matar cinco pessoas. “Não era um pedido de ajuda”, disse Lareau. “Ela estava determinada a morrer.” Lisa Howard imprimiu a sua morte a mesma agressividade com que procurou viver.

Ao contrário da carreira de sua amiga Lisa Howard, a de Bill Attwood prosperou nos anos pós-Kennedy. Depois de servir ao presidente Johnson como embaixador no Quênia, ele voltou ao jornalismo, tornando-se, em 1966, editor-chefe da Cowles Communications, que editava a revista *Look*, e, em 1970, tornou-se presidente e editor de *Newsday*. Mas, com o passar dos anos, Attwood ficou cada vez mais atormentado com o assassinato de JFK. Começou a se perguntar se haveria um vínculo entre os esforços secretos de Kennedy pela paz com Cuba e sua morte. Em outubro de 1975, escreveu uma carta ao senador Richard Schweiker, da Pensilvânia, que, junto com outro membro da Comissão Church, Gary Hart, do Colorado, havia persuadido Frank Church a autorizá-los a formar uma subcomissão para investigar o assassinato do presidente. “Acho que a Comissão Warren é como um castelo de cartas”, declarou Schweiker à imprensa naquela época. “Vai desmoronar.” Em sua carta, Attwood disse a Schweiker que, embora achasse “difícil desacreditar o Relatório Warren”, tinha algumas suspeitas sobre o possível envolvimento dos cubanos anticastristas no crime. E incentivava Schweiker a tomar como motivo do crime a negociação de bastidores que Kennedy abria junto ao líder cubano.

À medida que os anos passaram, as suspeitas de Attwood se tornaram mais profundas. Ele manteve contato com

especialistas em conspiração. Conversou sobre o assassinato com Castro durante uma viagem a Havana em fevereiro de 1977, em que pretendia reativar a missão de paz adormecida havia muito tempo, dessa vez em nome do recém-eleito presidente Carter. Durante uma longa conversa noturna no palácio presidencial, Castro disse a Attwood que o discurso de Kennedy na Universidade Americana mostrava que “ele teria sido um grande presidente se tivesse vivido”. O líder cubano lembrou então as conversas entre Attwood e seu representante nas Nações Unidas, Lechuga. “Foi por isso que Kennedy foi morto”, disse-lhe Castro, pondo a culpa em uma “conspiração de elementos da ala direita que podiam ver que a política dos Estados Unidos em Cuba e no Vietnã estava prestes a mudar.”

Attwood estava começando a pensar o mesmo. Mais tarde, deu uma entrevista esclarecedora a Anthony Summers, ex-jornalista da BBC cujo livro de 1980 sobre o assassinato, *Conspiracy*, foi um marco nas pesquisas sobre Kennedy, pois aplicou pela primeira vez rigorosas técnicas de reportagem para abordar o crime. Attwood disse a Summers que suspeitava que as ligações telefônicas que ele e Lisa Howard fizeram a Havana tinham sido grampeadas pela CIA. Uma vez que o rumor sobre as negociações secretas de Kennedy se espalhassem por toda a agência, conjecturou Attwood, chegando até os funcionários zelosos que trabalhavam com a convicção de eLivross cubanos, os resultados seriam explosivos. “Se o rumor de uma possível normalização das relações com Cuba chegou até essas pessoas, posso entender por que teriam reagido com violência”, disse Attwood, “isso era o fim de seus sonhos de regressar a Cuba, e eles podem ter sido levados a agir de forma imprevisível. Por exemplo, assassinando o presidente.”

Arthur Schlesinger concordou com a avaliação de Attwood, dizendo a Summers: “Sem dúvida, se o rumor sobre as tentativas do presidente Kennedy vazou, pode ter sido exatamente o tipo de coisa capaz de provocar uma explosão de violência fanática. Para mim, essa possibilidade não deve ser excluída”.

O fato de alguém com a importância de Attwood — apoiado por alguém que estivera dentro do governo Kennedy e era um dos maiores historiadores do país — ter levantado questões tão provocativas sobre o assassinato deveria ter sido manchete dos jornais. Mas as declarações de Attwood sumiram rapidamente no buraco negro da mídia, em que revelações sobre JFK eram rotineiramente compiladas.

No entanto, no fim da vida, Attwood continuou falando com a imprensa sobre suas suspeitas. “Pensávamos que havia mais sobre Dallas do que nos havia sido contado”, disse sua viúva, Simone, em uma entrevista.

Em janeiro de 1986, Attwood repetiu o que dissera a Summers em uma conversa telefônica com o produtor de TV britânico Richard Tomlinson, declarando que suspeitava de “funcionários descontentes da CIA e eLivross cubanos”. A “teoria” de Attwood, escreveu Tomlinson em suas notas sobre a conversa, era “que as negociações secretas com Cuba tinham sido a gota d’água para os conspiradores. Que então decidiram matar Kennedy”. Seu “principal erro”, comentou Attwood, havia sido “utilizar telefones que eram grampeados pela CIA. Até esse momento, apenas seis pessoas sabiam das negociações [de paz]”. Mas “havia elementos dentro da CIA que eram violentamente opostos à aproximação com Cuba”.

Nos Estados Unidos, a única pessoa que manifestou interesse nas declarações provocativas de Attwood sobre o

assassinato de Kennedy foi alguém do *Advocate*, jornal de sua cidade natal, New Canaan, em Connecticut. Attwood compartilhou com ele suas sombrias especulações sobre Dallas. “Eu soube que havia pessoas na agência — uma delas trabalhou comigo mais tarde — que sentiam profundamente que Kennedy as abandonaria ao normalizar as relações com Cuba. Essas pessoas eram bastante loucas”, disse Attwood, concluindo sua entrevista no jornal local com uma exortação aos cidadãos para não esquecerem o crime do século.

“Se não forem até o fundo dessas coisas, se deixarem do jeito que está, então todos nós estaremos participando da mascarada.”

Mas quando Attwood morreu do coração, em 1989, aos 69 anos, a verdade ainda estava fora de alcance, bem distante, no frio e sombrio desconhecido.

- [1](#) . Organização terrorista contrarrevolucionária formada por eLivross cubanos em Porto Rico em 1961. [N. T.]
- [2](#) . O Comitê de Cidadãos para Cuba Livre foi um grupo de pessoas que reuniu dados sobre todos os aspectos da Revolução Cubana e publicou relatórios com o intuito de influenciar a política americana para Cuba. [N. T.]
- [3](#) . Alger Hiss (1904-96) foi advogado e membro do governo dos Estados Unidos. Acusado de ser espião soviético em 1948, foi declarado culpado de perjúrio e condenado em 1950. [N. T.]
- [4](#) . Os *dime novels* [“romances de dez centavos”] eram obras de ficção muito populares nos Estados Unidos, vendidas entre o fim do século XIX e o começo do XX por um preço muito baixo. Esses romances eram considerados pelos críticos literários da época como histórias de má qualidade, e o termo “*dime novel*” acabou abrangendo todo tipo de romance sensacionalista, independentemente do gênero de publicação. [N. T.]
- [5](#) . “*Executive action*”, nome dado pela CIA, desde os anos 1950, a operações de assassinato. [N. T.]
- [6](#) . Grupo de artistas norte-americanos que nos anos 1960 reuniu personalidades como Frank Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis Jr. e Peter Lawford. O grupo apoiou abertamente a campanha presidencial de JFK e, depois, o presidente eleito, até a expulsão de Peter Lawford do grupo, em 1962. [N. T.]
- [7](#) . The Choate Rosemary Hall é um colégio particular situado em Wallingford, Connecticut. Entre seus alunos mais famosos, além de JFK, estão John Dos

Passos, Michael Douglas e Glenn Close. [N. T.]

- [8](#) . O American Veterans Committee foi criado em 1943. De tendência abertamente liberal, até hoje luta em prol de várias causas focadas em direitos e liberdades civis, na ajuda a veteranos de guerra e em assuntos internacionais. [N. T.]
- [9](#) . A American Legion é uma organização de veteranos da guerra criada em 1919 e que ainda hoje conta com cerca de 3 milhões de membros. [N. T.]
- [10](#) . O Movimento Federalista Mundial foi criado em 1947 e preconiza uma ordem mundial justa baseada na lei e sob a mediação das Nações Unidas. Desde 1970, o MFM tem *status* consultivo junto ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas. [N. T.]
- [11](#) . A United States Junior Chamber (conhecida como os JCs ou Jaycees) é uma organização com membros de 18 a 41 anos. Criada em 1920, promove treinamentos nas áreas comercial e administrativa, além de oferecer serviços comunitários. [N. T.]
- [12](#) . Frase em alemão cujo significado é “sou um berlinense”. [N. T.]
- [13](#) . O Committee for a Sane Nuclear Policy foi criado em 1957 como resposta à corrida armamentista e às políticas de produção e teste de armas nucleares desenvolvidas pelo governo do presidente Eisenhower. Após fundir-se com o Nuclear Weapon Freeze Campaign (conhecido como FREEZE) em 1993, a organização prosseguiu com suas atividades sob o nome de Peace Action. [N. T.]
- [14](#) . De 1961 a 1963, Carl Kaysen (1920-2010) trabalhou diretamente sob as ordens do conselheiro de Segurança Nacional McGeorge Bundy (1919-96), o qual exerceu esse cargo de 1961 a 1966, sob as presidências de JFK e Lyndon Johnson. [N. T.]
- [15](#) . C-SPAN é um canal de TV a cabo, criado em 1979, que transmite cobertura de processos do governo federal e assuntos de interesse público. [N. T.]
- [16](#) . Personagem de *Guerra nas estrelas*, série criada por George Lucas. [N. T.]
- [17](#) . Referência ao popular romance escrito por Mary Mapes Dodge (1831-1905), intitulado *Hans Brinke, or the Silver Skates*, em que um garoto tampa a fissura de um dique com o dedo, salvando a Holanda da inundação. [N. T.]

## Dallas

O presidente Kennedy parecia cansado e triste quando subiu ao púlpito do espaçoso auditório do Departamento de Estado no feriado de Halloween de 1963. Tinha bolsas escuras sob os olhos e ombros caídos, como se sentisse dor ou cansaço. Era a penúltima entrevista coletiva de seu governo, ocasião em que em geral ele brilhava. Eram oportunidades para o charmoso e hábil presidente se mostrar, e ele fizera isso com frequência. Foram 64 entrevistas em seus 1.037 dias no cargo. Embora ele estivesse invariavelmente bem preparado, sempre parecia espontâneo e à vontade. Nunca dava sinais de esforço em suas respostas fluentes e demonstrações de inteligência vivaz. Numa dessas entrevistas, um repórter havia tentado destruir sua autoconfiança. “O Comitê Republicano Nacional adotou recentemente uma resolução em que afirma que o senhor é um grande fracasso”, disse ele a Kennedy. “Como se sente a respeito disso?” Com um tempo típico de comédia, JFK esperou que as risadinhas nervosas do auditório diminuíssem antes de responder: “Espero que a resolução não tenha sido aprovada por unanimidade”.

Mas naquele 31 de outubro Kennedy parecia abatido. As questões que lhe faziam demonstravam com clareza as pressões a que ele estava submetido: quais eram suas

intenções no Vietnã? Os generais americanos no exterior deviam ter autoridade para ordenar ataques nucleares, como defendia o senador Goldwater? O presidente esperava uma reação branca contra suas políticas de direitos civis para os negros nas eleições municipais seguintes, na Filadélfia? Era verdade que Castro capturara vários agentes da CIA e estava ameaçando executá-los?

Uma repórter percebeu a falta de energia do presidente. Ela o lembrou de que, depois do episódio da Baía dos Porcos, ela lhe perguntara se gostava de ser presidente. Agora, diante de seu estado de espírito sombrio, ela repetia a pergunta. Era uma oportunidade de Kennedy exibir sua inteligência, rechaçando a pergunta emocionalmente difícil com um golpe de humor em seus opositores republicanos ou com uma autoironia. Mas, em vez disso, ele se mostrou mais filosófico. Numa voz estranhamente meditativa para um homem prestes a anunciar sua intenção de candidatar-se à reeleição, ele murmurou que achava seu trabalho “gratificante”. E então invocou a sabedoria dos antigos gregos, como seu irmão faria frequentemente depois de sua morte. “Em outra oportunidade já dei a este grupo”, disse Kennedy aos 304 repórteres reunidos no auditório, “a definição de felicidade dos gregos, e vou dá-la novamente. Trata-se de usarmos plenamente nossos poderes ao longo de linhas de excelência. Descobri, portanto, que a presidência oferece alguma felicidade.”

Não era uma vibrante aprovação do trabalho. Apesar do tom solene, porém, Kennedy aguardava com ansiedade as eleições de 1964. Previa que a corrida o colocaria contra Goldwater, um homem com quem criara um relacionamento amigável no Senado, mas que representava seu polo oposto no espectro político. No outono de 1963, JFK escolheu um tema de paz para sua campanha de reeleição. Sentia que o

povo americano, cansado de ser escravo do terror nuclear, lhe agradecerá com a vitória. A campanha de 1964 oferecerá uma clara opção: a trégua da era Kennedy-Khrushov *versus* a militância em favor da Guerra Fria da extrema-direita. Nos últimos meses de vida, ele se sentia cada vez mais confiante de que seria capaz de transmitir sua mensagem de paz até mesmo para os redutos republicanos.

Foi isso que ele fez em 26 de setembro, diante da congregação de um tabernáculo mórmon em Salt Lake City, em Utah, quando declarou que os Estados Unidos precisavam aprender a viver num “mundo de diversidade”, onde nenhum poder dominaria os assuntos globais. “Precisamos, antes de mais nada, reconhecer que não podemos recriar o mundo apenas com nosso comando”, disse o presidente. “Quando não somos capazes de levar a todo o nosso povo a plena cidadania, sem atos de violência, entendemos o quanto é difícil controlar os acontecimentos além de nossas fronteiras.” Para uma atônita imprensa de Washington que cobria o discurso, o público conservador vibrou e aplaudiu.

Apesar disso, Kennedy sabia que a campanha de 1964 seria disputadíssima. Tinha consciência de quão polarizado se tornara o país em consequência de seu esforço de pôr fim à Guerra Fria e à segregação racial. Devido à sua política de direitos civis, o Sul estava em franca luta contra a coalizão democrática que dominava a região desde o New Deal.

Kennedy discursou na tevê em junho de 1963, para dizer que a aprovação da legislação dos direitos civis no Congresso era um ponto moral relevante para sua administração. Foi o insulto máximo para a ordem sulista tradicional, construída sobre a supremacia branca. O

presidente pediu a Sorensen que escrevesse o discurso num impulso de momento, depois de assistir, na tevê do Salão Oval, outro governador sulista — dessa vez do Alabama, George Wallace — desafiar as ordens federais de promover a integração racial na Universidade Dixie. Girando em sua cadeira diante do televisor, Kennedy disse ao assessor: “É melhor fazermos esse discurso esta noite”. O autor dos pronunciamentos da Casa Branca teve duas horas para redigir o discurso que faria história. “Foi difícil ser moderado”, disse Sorensen. “Enquanto eu escrevia, o presidente entrou na *minha* sala — acredito que tenha sido a única vez, durante todo o seu governo, que ele entrou na minha sala — e disse: ‘Como está indo?, ‘Não se preocupe’, respondi. ‘Estou terminando de fazer algumas correções.’ E ele disse: ‘Pensei que teria que falar em rede nacional, de improviso’.”

O discurso de JFK sobre direitos civis, assim como seu discurso pela paz no mesmo mês, definiu as diretrizes do governo em relação aos assuntos urgentes do dia. “Temos que enfrentar primordialmente uma questão moral”, ele disse ao público americano, com uma comovente simplicidade. “É um tema tão antigo quanto as Escrituras e tão claro quanto a Constituição americana. O cerne da questão é saber se vamos tratar nossos semelhantes americanos como queremos ser tratados. Se um americano, pelo fato de ter a pele negra, não pode comer num restaurante aberto ao público, não pode mandar seus filhos para a melhor escola pública, não pode escolher os funcionários públicos que vão representá-lo, se, em suma, não pode desfrutar da vida plena e livre que todos queremos, quem entre nós gostaria de mudar a cor de sua pele e se colocar em seu lugar?”

O presidente finalmente abandonava sua postura cautelosa e pragmática em relação aos direitos civis — sua estratégia para manter a velha coalizão do Partido Democrata — e tratava o pecado original da nação com a paixão que ele exigia. Mais uma vez, recorreu a Ted Sorensen — o progressista político de Nebraska que na juventude formara o Conselho de Ação Social Lincoln para combater o racismo em sua cidade natal — para ajudá-lo a encontrar as palavras certas para inspirar os melhores anjos da natureza americana.

“Um século se passou desde que o presidente Lincoln libertou os escravos, e no entanto seus herdeiros, seus netos, não são totalmente livres. Eles ainda não foram libertados dos laços da injustiça. Ainda não foram libertados da opressão social e econômica. E esta nação, apesar de todas as suas esperanças e pretensões, não será plenamente livre até que todos os seus cidadãos o sejam.”

JFK disse ao irmão, que se tornara o maior defensor dos direitos civis de seu governo, que temia que o discurso fosse seu “canto do cisne político”. Porque tinha enfim colocado sua eloquência a favor da causa dos direitos civis, o presidente sabia que enfrentaria uma fuga em massa de eleitores brancos, não só no Sul, como nas comunidades étnicas que resistiam à integração no Norte. Uma pesquisa de opinião do instituto Gallup realizada no início de novembro apontou que a popularidade do presidente caíra a 59%, depois de ter atingido 77% com a Crise dos Mísseis cubanos. Líderes republicanos reunidos em Charleston, na Carolina do Sul, no dia 9 de novembro, previram, confiantes, que Goldwater arrebataria o Sul em 1964, tirando até o Texas do lado democrata. No dia 18 de novembro, George Wallace, que atacara teatralmente o governo Kennedy nos degraus da Universidade do Alabama, declarou a uma

alegre plateia em Dallas que “o povo americano salvará este país no ano que vem” ao tirar Kennedy da Casa Branca. A imprensa já começava a duvidar que a reeleição de Kennedy fosse uma aposta certa, com a revista *Look* declarando que “JFK pode perder” e a *Time* especulando que Barry Goldwater estava em condição de disputar com Kennedy uma corrida corpo a corpo de tirar o fôlego.

Kennedy podia perder a maior parte da antiga Confederação e, ainda assim, vencer a eleição de 1964, mas talvez não suportasse perder o Texas, onde tinha vencido por estreita margem em 1960 com a ajuda de seu astuto companheiro de chapa texano, Lyndon Johnson. Precisava dos 24 votos do estado, e recorreria aos ricos para o complexo jogo de xadrez que a campanha imputava. Por isso, planejou uma viagem de dois dias a Dallas no fim de novembro. A visita era uma necessidade política, mas Kennedy e sua equipe a encaravam com apreensão. “É um verdadeiro desastre”, disse Kenny O’Donnell ao assessor da Casa Branca, Jerry Bruno, em outubro. O eleitorado branco conservador do Texas tinha se manifestado abertamente contra as políticas liberais de Kennedy. Uma disputa aberta irrompera no Partido Democrata do estado entre o governador conservador John Connally e o senador liberal Ralph Yarborough. Connally, ex-secretário da Marinha de Kennedy, já tomava o caminho que mais tarde o levaria ao Partido Republicano. Temendo que o presidente minasse suas chances de reeleição em 1964, Connally não fez segredo de que se opunha à viagem.

Se Connally não podia evitar que JFK visitasse seu estado, estava determinado a controlar seu itinerário, acompanhando o presidente em encontros com financiadores exclusivos e limitando sua exposição pública, para que os demais democratas do Texas não pagassem por

uma previsível reação anti-Kennedy. Alto, bem-vestido e abençoado com a aparência de um caubói herói das matinês, Connally parecia talhado à imagem e semelhança dos ricos fazendeiros e exploradores de petróleo aos quais servia politicamente. Ele tentou intimidar o troncado Bruno, quando o emissário de Kennedy o encontrou no palácio do governo para planejar a visita presidencial. Bem mais alto que Bruno graças às botas de caubói, e cercado de assessores, Connally começou a ditar o esquema para a viagem de Kennedy. Se o presidente não o aprovasse, informou ele a Bruno, que ficasse em casa. “A certa altura”, lembra Bruno, “eles trouxeram o almoço: um filé suculento para Connally e um sanduíche para mim. E vou lhe dizer: se você passou a maior parte de sua vida trabalhando com as mãos, sabe bem o que eles estavam tentando me dizer com uma atitude como aquela.”

Connally era firmemente contra um desfile presidencial pelas ruas de Dallas, mas o populista Yarborough defendeu-o com agressividade. “Yarborough, o ‘senador do povo’, achava que a visita estava concentrada demais nos endinheirados e não dava aos texanos comuns a oportunidade de ver o presidente”, lembra o político texano Ben Barnes, um protegido de Connally que o ajudou a organizar a viagem. A Casa Branca ficou do lado de Yarborough quanto ao desfile de carros e fez Connally saber que lugar ocupava na cadeia de comando. “O presidente não está vindo para se esconder”, disse O’Donnell ao assessor de Johnson, Bill Moyers.

Em particular, porém, Yarborough e os assessores de Kennedy nutriam profundas desconfianças em relação a Dallas. A cidade era um vórtice de todas as paixões que atormentavam a presidência de Kennedy. Quando o editor do *Dallas Morning News*, Ted Dealey, insultou o presidente

cara a cara na Casa Branca, dizendo-lhe que ele não era “o homem a cavalo” de que a nação precisava, mas um “bebê num triciclo”, sabia que falava em nome da maioria de sua cidade natal, aquela que dera a Nixon a maior votação de todas as grandes cidades. Nos últimos dias da campanha, até o texano Lyndon Johnson foi tomado de assalto, quando ele e a mulher, Lady Bird, foram encurralados por um grupo de direita, formado por mulheres de casacos de pele, no saguão do Adolphus Hotel, o mais luxuoso da cidade. Um mês antes da visita de Kennedy a Dallas, Adlai Stevenson — cujo liberalismo e o cargo de embaixador da ONU o tornavam o alvo favorito da extrema-direita — foi vaiado num palco em Dallas e, ao sair do auditório, enfrentou uma multidão que o atacou com cusparadas, atingiu-o na cabeça com uma placa (na qual se lia “SE VOCÊ PROCURA A PAZ, PEÇA A JESUS”) e chacoalhou seu carro quando ele tentava escapar. “Por um ou dois minutos, pensei que eles fossem virar o carro de cabeça para baixo”, lembrou o magnata das lojas de departamentos Stanley Marcus, que acompanhava Stevenson naquele dia. “Eu disse ao motorista que forçasse a passagem... pusesse a mão na buzina e saísse dali correndo, o que ele fez, e felizmente não ferimos ninguém, [porque] estávamos cercados e corríamos o risco iminente de ser massacrados.”

Dallas era a cidade do general aposentado Edwin Walker, o apocalíptico “Soldado Cristão” que agitava seus concidadãos com ataques à política externa “derrotista” de Kennedy e sua agenda doméstica “socialista”. Segundo ele, JFK estava transformando a águia americana em um “pato morto”. De fato, Dallas era a meca dos anticomunistas, herdeiros dos patriotas da Guerra Civil e cruzados cristãos.

Várias pessoas tentaram dissuadir JFK de ir a Dallas, entre elas Billy Graham, a esposa de David Brinkley, Ann, e

Stanley Marcus. Em um voo para Little Rock, William Fulbright — o homem que comandara o ataque no Senado à alarmante politização dos militares — implorou ao presidente que cancelasse a viagem, dizendo que Dallas era “um lugar muito perigoso. Eu não iria. Não vá”. Mas Kennedy estava determinado a ir. Quando Bobby e O’Donnell leram a carta de um membro do Partido Democrata no Texas implorando a JFK que ficasse longe de Dallas devido à extrema animosidade da cidade contra ele, não a transmitiram ao presidente. “Se eu tivesse sugerido deixar de fora uma cidade tão grande e importante quanto Dallas por causa da carta, o presidente pensaria que eu tinha perdido o juízo”, observou O’Donnell mais tarde.

A decisão de percorrer as ruas de Dallas em carro aberto seria mais tarde citada como um caso típico da lendária imprudência dos Kennedy. O ato foi apontado como exemplo da arrogância com que a família desafiava o destino. Dizia-se que Joe Kennedy tinha criado os filhos para serem homens audaciosos, doutrinando-os no mito da invencibilidade. Mas JFK teria rejeitado energeticamente essa interpretação de sua decisão de ir a Dallas. Kennedy havia muito deixara de acreditar na sublime excepcionalidade de sua família. A Segunda Guerra Mundial destruíra o mito familiar, escreveu o jovem JFK numa carta reveladora de 1947 a Claiborne Pell. A guerra tinha atacado “com violência” sua família, confidenciou ele a Pell, levando a vida de seu irmão mais velho, de sua irmã e de seu cunhado. “Isso deixou meu pai, meus irmãos e irmãs e a mim atônitos, e sugou todo o oxigênio de nossas presunçosas e confortáveis expectativas. Terminadas as velhas batalhas, ainda temos muita confiança: a incrível confiança dos Kennedy, que é a força principal de nossa tribo. Mas nós, filhos e filhas, não possuímos mais aquela

confiança insensata, não comprovada e sem sentido a que estávamos acostumados antes da guerra. Nosso pai tinha nos preparado muito bem para parecer, a nós mesmos e aos outros, imbatíveis e imortais — uma espécie de deuses. Agora isso terminou. Agora, depois de tudo que vivenciamos e perdemos na guerra, finalmente compreendemos que não existe nada que não possa nos acontecer. E é saudável saber disso.”

Foi o senso de dever político, e não a audácia, que empurrou Kennedy para Dallas. Ele sabia que não havia nada de inevitável em sua reeleição. Lyndon Johnson acabaria enterrando Goldwater em 1964, mas sua vitória esmagadora foi provocada pelo luto que sacudiu a nação depois de Dallas. Kennedy sabia que a eleição seria apertada. Se esperava ser reeleito, não podia evitar as principais cidades do país, por mais hostis que fossem. Ele se recusou a ceder qualquer parte do país a seus inimigos da extrema-direita. Na verdade, planejava usar essa viagem a Dallas para denunciar a ameaça do extremismo na vida americana.

Era isso que Kennedy pretendia dizer à plateia do Dallas Trade Mart no dia 22 de novembro de 1963: os americanos precisavam deixar de ouvir as vozes do “absurdo” que anunciavam que a “paz era sinal de fraqueza”. A maneira mais eficiente de demonstrar a força dos Estados Unidos não era brandindo armas e ameaçando os inimigos. Era sendo fiel aos ideais democráticos do país, praticando “o que ele prega sobre direitos iguais e justiça social” e buscando a paz em vez de “ambições agressivas”. Kennedy tinha sido aconselhado a não inflamar as paixões da ala conservadora da cidade, mas estava irreduzível. Se o discurso inflamasse Ted Dealey, que fosse. Lendo uma cópia do que seria proferido no Trade Mart, Robert MacNeil — que

cobria a visita a Dallas para a NBC News — se encheu de orgulho, apesar de seu velho ceticismo jornalístico em relação aos encantos sedutores de Kennedy. “Quando li, senti a explosão da força intelectual e da racionalidade que ele representava. Fiquei empolgado, e esperava o momento em que ele lançaria seu bombardeio sobre os cidadãos de Dallas.”

Ir a Dallas era uma missão arriscada, mas essencial, e o presidente enfrentou-a plenamente. Não foi LBJ que coagiu Kennedy a ir, como mais tarde afirmaram alguns detratores de Johnson. Na verdade, Johnson apenas temia a reação política contra o governo em seu estado natal, como a de Connally. Levando os temas da Nova Fronteira — paz e igualdade racial — a um estado da “Velha Fronteira”, Kennedy pretendia aliciar o áspero eleitorado do Texas e persuadi-lo de que suas políticas visavam seu melhor interesse. O astuto presidente sabia que percorrer as ruas de Dallas em carro aberto, mostrando o brilho do jovem casal, era uma maneira de se ligar diretamente ao povo que ele esperava conquistar com sua mensagem vibrante. O heroísmo da missão de Kennedy se revelou em sua percepção de que assumia não só um risco político, mas também físico.

Kennedy enfrentou a ameaçadora atmosfera de Dallas de maneira fatalista. Quando o jornal de Dealey vinculou um cáustico anúncio contra Kennedy, na manhã de 22 de novembro, ele deu de ombros, mas sabia que aquilo perturbaria Jackie. Emoldurado por uma tarja preta, o anúncio — que foi pago por um filho do barão do petróleo H. L. Hunt, Nelson, e pelo futuro dono do Dallas Cowboys, Bum Bright — acusava JFK de vender o país aos comunistas. “Estamos entrando num território maluco”, ele disse à mulher naquela manhã, antes do curto voo de Fort Worth

para Dallas. “Mas, Jackie, se alguém quiser atirar contra mim de uma janela com um rifle, ninguém poderá impedir. Portanto, por que se preocupar com isso?”

JFK, que muitas vezes levantou o tema do assassinato durante seus agitados anos no cargo, parecia particularmente preocupado com o fantasma do crime durante a viagem ao Texas. E tinha boas razões pra isso. Nas semanas que antecederam a visita a Dallas, ele foi informado de dois sérios complôs contra ele: um em Chicago e o outro em Tampa, Flórida. Hoje podemos concluir que Kennedy estava, de fato, sendo caçado obstinadamente nas últimas semanas de vida.

No sábado 2 de novembro, uma carreata que deveria levar o presidente do Aeroporto O’Hare, de Chicago, ao Soldier Field, onde ele assistiria a um jogo de futebol entre o Exército e a Força Aérea na companhia do prefeito, Richard Daley, foi subitamente cancelada depois que o FBI informou o Serviço Secreto de um complô para matar o presidente antes que ele chegasse a seu destino. A conspiração, que foi detalhada no livro *Ultimate Sacrifice*, de 2005, de autoria de dois pesquisadores de atentados, Lamar Waldron e Thom Hartmann, envolvia um grupo de quatro franco-atiradores (dos quais pelo menos dois eram eLivross cubanos) e um bode expiatório chamado Thomas Arthur Vallee, que tinha um perfil semelhante ao de Oswald (um ex-fuzileiro naval com uma aparente afinidade com armas e extremistas políticos). Kennedy sofreria uma emboscada quando sua limusine fizesse um curva lenta e fechada para sair da via expressa em direção à Jackson Street — semelhante à guinada de noventa graus que seu carro teve que fazer para entrar na Elm Street, em Dallas, pouco antes dos tiros —, passando por um alto armazém onde Vallee trabalhava, não muito diferente do depósito de livros escolares do Texas.

Vallee, que foi preso pela polícia de Chicago duas horas antes que o avião de Kennedy pousasse em O'Hare, mais tarde alegou ter sido aliciado por alguém que conhecia bem o seu passado, ou seja, sua missão, designada pela CIA, "de treinar eLivross para matar Castro".

Mais tarde naquele mês, outro complô para matar Kennedy foi revelado por agentes da lei em Tampa, onde, em 18 de novembro, o presidente devia percorrer uma grande distância em carreata, da base da Força Aérea até o Arsenal da Guarda Nacional, onde faria um discurso, e depois até o International Inn, onde faria um segundo pronunciamento. "A tentativa de Tampa", observaram Waldron e Hartmann, que entrevistaram o ex-chefe de polícia de Tampa, J. P. Mullins, e outros policiais sobre o complô, "tinha ainda mais paralelos com Dallas do que a de Chicago". Um suspeito fundamental da armação de Tampa, um eLivros cubano chamado Gilberto Lopez, parecia ter sido feito no mesmo estranho molde de Oswald. Como o assassino de Dallas, Lopez tinha desertado para a Rússia e se fizera passar por membro pró-Castro do comitê Fair Play for Cuba. Apesar do complô — que Waldron e Hartmann afirmam ter sido abortado quando um de seus arquitetos, o chefe da Máfia na Flórida, Santo Trafficante, foi avisado de que tinha sido descoberto —, Kennedy não desistiu da carreata. Até ficou de pé na limusine em movimento e acenou para a multidão, para agonia dos agentes do Serviço Secreto e dos policiais de Tampa designados para protegê-lo. Kennedy não considerava o risco levemente — um funcionário da Flórida observou mais tarde que ele estava sob evidente estresse aquele dia —, mas se recusou a permitir que as ameaças cada vez mais fortes contra ele impedissem outra carreata depois de Chicago e restringissem seu contato com o povo americano. JFK

também tinha consciência da importância eleitoral da Flórida, o único estado sulista, além do Texas, que ele planejava conquistar em 1964.

No último mês de sua vida, John Kennedy parecia um homem marcado, atado por um apertado laço de traição. No fim de semana de 16 de novembro, quando o presidente se transferiu para a mansão da família em Palm Beach para trabalhar no discurso sobre seu gesto de boa vontade em relação a Cuba que pretendia proferir em Miami, um suspeito grupo de eLivross cubanos se mudou para a casa vizinha. O grupo era liderado por um rico veterano do episódio da Baía dos Porcos chamado Alberto Fowler, que culpava o presidente pela derrota da brigada. Fowler mais tarde contou ao *New Orleans Times-Picayune* que simplesmente tentava aborrecer Kennedy tocando música cubana em alto volume o dia todo. Mas seu aparente papel como membro operativo da inteligência — depois de Dallas ele tentou espalhar a falsa informação de que Oswald era agente de Castro e mais tarde se infiltrou na investigação do assassinato de JFK promovida por Jim Garrison em Nova Orleans — indicava que havia um motivo mais preocupante para seu súbito aparecimento na vizinhança dos Kennedy.

Robert Kennedy tinha conhecimento dos complôs de Chicago e de Tampa. E, embora não haja evidências de que ele soubesse da perseguição de Fowler, sabia da intriga cada vez maior contra o irmão no mundo dos eLivross cubanos. Bobby não era só o protetor de Jack, mas também seu homem de frente na política. As duas funções devem tê-lo preocupado de uma maneira particularmente inquietante em novembro de 1963. Como o irmão, ele sabia o quanto a viagem ao Texas era importante para suas ambições políticas. Mas estava cada vez mais apreensivo em relação à segurança de Jack, a ponto de começar a manobrar para

tirar as tarefas de proteção do presidente do Serviço Secreto e colocá-las sob seu controle no gabinete do procurador-geral. Como Kenny O'Donnell, o "terceiro irmão Kennedy" no governo, Bobby não podia impedir a viagem de Jack ao Texas. O que se esperava dos Kennedy é que fossem corajosos para resistir às noites sombrias de maus presságios. Mas Dallas preocupava Bobby. Talvez os dois irmãos pressentissem o que vinha pela frente.

No dia 20 de novembro, Bobby completou 38 anos. Mostrou um humor sombrio e amargo na festa-surpresa que lhe ofereceram no Departamento de Justiça, debochando de si mesmo por ser um obstáculo às chances de reeleição do irmão. "Quem vocês acham que conquistou o Sul para o presidente Kennedy?", exclamou, como um político num palanque, enquanto seus assessores baixaram a cabeça, constrangidos. "Robert Kennedy, esse foi o cara!" Por mais que trabalhasse como louco pelo irmão, isso nunca era suficiente. Mais tarde naquele dia, lá estava ele na Casa Branca, para a recepção anual ao Judiciário. Ali, conversou com o irmão sobre sua viagem ao Texas. Por que Jack saía em missões políticas como essa?, perguntou Bobby. "Você é presidente e já tem obrigações suficientes", disse ele ao irmão. Havia um tom triste e melancólico nessa queixa, mas ele sabia exatamente por que Jack tinha que ir.

JFK tentou arrancar o irmão desse estado de espírito. "Mas, Bob, 64 está chegando e não posso esperar." Lembrou o que dissera lorde Tweedsmuir, o diplomata e romancista escocês que ele gostava de citar: "A política é uma aventura nobre". Depois, deu um tapinha nas costas do irmão e saiu da sala. Bobby nunca mais o viu.

Tendo sido criado numa pequena fazenda em Chandler, no leste do Texas, Ralph Yarborough gostava de caçar. Mas,

sempre que penetrava na mata sozinho, era dominado pelo medo. Era algo que ele trazia dos primórdios da juventude, como lembrou anos mais tarde. Quando perseguia a presa sob a cobertura sombria das árvores, sentia calafrios que só cessavam quando finalmente chegava a céu aberto. A mesma sensação de medo dominou Yarborough na tarde de 22 de novembro, quando atravessava o cânion sombrio do centro de Dallas, dois carros atrás do presidente em sua comitiva.

O senador estava apertado no banco traseiro do conversível, entre o vice-presidente e sua esposa, Lady Bird — uma proximidade que não agradava a nenhum dos dois homens, que disputavam o feudo do Partido Democrático do Texas. Lyndon Johnson ainda estava ressentido com Yarborough por este ter levado a delegação do Texas na convenção democrata de 1960 a apoiar Kennedy e não ele, o filho predileto do estado. Desde então, Yarborough, com boas razões, acusava a ala conservadora do Partido Democrata no estado, formada por Johnson e Connally, de tentar se vingar do desertor liberal. Quando o avião do presidente pousou no Love Field, às 11h38 daquela manhã, Kennedy — que tentava desesperadamente aplainar as divergências durante a viagem — tinha determinado que Yarborough desfilasse no carro de Johnson. O assessor da Casa Branca, Larry O'Brien, cumpriu a ordem presidencial empurrando Yarborough para dentro do carro e batendo a porta para garantir que os dois políticos adversários apresentassem uma imagem de harmonia ao povo de Dallas. Assim que a carreta deixou o aeroporto, percorrendo a Mockinbird Lane em direção ao centro da cidade, o senador, que sabia usar seu charme quando precisava, rapidamente assumiu o papel que se esperava

dele, acenando e gritando para o público nas ruas, enquanto Johnson permanecia de cara amarrada a seu lado.

Quando o desfile começou a descer a Main Street, sob as torres do centro empresarial de Dallas, seu estado de espírito começou a mudar. O velho medo juvenil o dominou. Na rua, a multidão — que agora, às 11h50, já era grande — parecia cheia de energia, saudando ruidosamente o presidente e a primeira-dama, que fazia sua primeira viagem ao Texas. Mas o senador não gostou do que viu quando seus olhos varreram as janelas de um edifício de escritórios. Por trás delas, homens de negócios e suas secretárias observavam a passagem dos carros em um silêncio assustador. “Eles estavam ali, de pé, frios como pedras, olhando para o presidente. E não diziam nada... Olhei para o segundo e o terceiro andar e vi, por trás das janelas, que as pessoas recuavam. [...] Elas olhavam para o presidente, pelo menos me pareceu, com ódio. Fiquei ainda mais apreensivo.” Entre os espectadores de cara fechada do edifício estava Hunt, o ultradireitista magnata do petróleo, que observava o presidente do sétimo andar do Mercantile Building, ladeado por duas secretárias.

Yarborough temia que alguém atirasse um vaso de flores ou algo que atingisse a primeira-dama. À medida que o desfile presidencial descia lentamente pelo desfiladeiro sombrio da Main Street, o senador ansiava chegar a um espaço aberto, como acontecia em suas expedições pela floresta, onde estariam a salvo.

Quando o cortejo chegou à ensolarada Dealey Plaza, Yarborough soltou um suspiro de alívio. Era como chegar a um campo aberto com seus cães quando tinha doze anos. “‘Estou feliz de ver a luz do sol. Estou feliz por termos passado’, pensei. Eu me senti seguro no momento em que chegamos [lá]. Tudo tinha acabado.”

Mas quando os carros viraram à esquerda na Elm Street, dirigindo-se para a via expressa que levava ao Dallas Trade Mart, Yarborough ouviu um ruído que lhe trouxe de volta o terror infantil. Dessa vez ele se sentia a caça, não o caçador. Era indiscutivelmente o som de um tiro de rifle, rapidamente seguido por outros disparos. O dia se congelou. Então ele sentiu um cheiro de pólvora no ar irrespirável.

Caçados, emboscados — foi dessa maneira que os participantes da carreta descreveram seu sentimento naquele dia. Estavam no meio do fogo cruzado. E a presa, o presidente dos Estados Unidos, estava indefesa. Pelo resto de sua vida, Yarborough procuraria a razão da peculiar reação do Serviço Secreto naquele dia. “Lá estavam os homens do Serviço Secreto ao redor do carro à minha frente, parecendo um bando de idiotas”, ele criticou. “Não fizeram nada. Ficaram ali parados, olhando ao redor.” Com exceção do agente Clint Hill. Depois de se atirar sobre a limusine presidencial quando ela acelerou rapidamente, Hill bateu na traseira do carro. Yarborough nunca esqueceu essa terrível visão. “Seu rosto revelava toda a sua angústia e seu desespero.” Vendo isso, “eu soube que o presidente tinha sido morto ou gravemente ferido”.

John F. Kennedy fora atingido ao meio-dia numa praça de Dallas que levava o nome do pai do homem que o odiava, Ted Dealey. Ávido leitor de história, Kennedy teria apreciado a ironia.

Os americanos seriam invadidos por uma sensação de horror da Dealey Plaza, quando uma gravação caseira do assassinato, feita por um fabricante de roupas de Dallas de 59 anos que se chamava Abraham Zapruder, finalmente foi retirada das cavernas da revista *Life*, onde tinha sido guardada durante anos, e amplamente exibida. O

malfadado filme de 26 segundos dos momentos finais do presidente — culminando num quadro repulsivo em que um tiro atinge sua cabeça por trás, arrancando um fragmento de seu crânio num jorro de sangue — vai castigar a alma daqueles que lhe assistirem. O próprio Zapruder pagou um preço terrível por ter sido testemunha ocular da história da nação. Surpreendentemente, ele se manteve filmando o terrível espetáculo que se desenrolava em detalhes diante de sua câmera. Depois, desceu de seu posto de observação — uma mureta de concreto na colina gramada de onde se avistava a cena do crime — e voltou tropeçando para seu escritório, gritando: “Eles o mataram, eles o mataram, eles o mataram!”. Depois, sentou-se à sua mesa, soluçando.

Um pensamento terrível passou pela mente de Zapruder quando viu o presidente ser assassinado diante de seus olhos. “Percebi que haviam conspirado contra ele.” Sua palavras — conjurando a imagem do homem mais poderoso do país reduzido a uma submissão sangrenta por assaltantes anônimos — ainda são profundamente perturbadoras.

Zapruder, um imigrante judeu russo que chegou aos Estados Unidos na adolescência, nunca se recuperou do choque provocado pelo que viu através da lente de sua filmadora Bell & Howell de 8 milímetros. Pelo resto da vida, sofreu com pesadelos recorrentes. Quando foi convocado a depor perante a Comissão Warren, em julho de 1964, caiu no choro ao reviver aquela tarde. No fim de seu depoimento, desculpou-se humildemente por sua explosão emocional. “Estou envergonhado”, disse ele ao procurador que tomava seu depoimento. “Não imaginava que fosse desmoronar, e por um homem... mas foi uma coisa trágica e, quando o senhor começou a me interrogar, vi a cena toda de novo, e foi horrível... foi uma coisa horrível, eu amava o

presidente. E ver isso acontecer diante de meus olhos — sua cabeça aberta por um tiro, como um cachorro — me deixa uma impressão emocional muito, muito profunda. É terrível.”

Wesley Liebeler — o assessor que foi tardiamente despachado para tomar o depoimento de Zapruder — não estava interessado em seu trauma. Tampouco estava particularmente interessado na declaração de que os tiros “vieram da direita, às minhas costas” — um lugar onde muitas testemunhas e policiais que trabalhavam naquela tarde suspeitaram que estaria localizado o atirador. A Comissão Warren, que a princípio não planejava entrevistar Zapruder, tratou-o como um recurso tardio. Mas seu filme revelaria mais coisas sobre a morte de JFK do que o relatório de 26 volumes enviado pelo presidente da comissão, Earl Warren, ao presidente Johnson em 24 de setembro de 1964. O filme de horror de Zapruder sobreviveria até muito depois de sua morte, em 1970, como um pungente testemunho de que o presidente Kennedy foi atingido na Dealey Plaza por mais de um atirador — os tiros partiram tanto da frente quanto de trás da limusine presidencial.

Por mais terrível que seja, o filme de Zapruder não captou todo o caos reinante na limusine presidencial durante a explosão de violência na Plaza Dealey. Mas as viúvas dos dois homens atingidos naquele dia — Jackie Kennedy e Nellie Connally — contariam tudo o que tinham testemunhado. Foi o relato lancinante de Jackie, feito ao correspondente da revista *Life*, Theodore White, em uma entrevista extraordinária concedida na propriedade da família em Hyannis Port, uma semana depois de Dallas, que mais vividamente transmitiu o horror de tudo. Esse depoimento e a entrevista que ela concedeu a William Manchester, o cronista do assassinato autorizado pela

família, seriam as duas únicas vezes em que ela falaria publicamente sobre os acontecimentos de 22 de novembro de 1963. Sentada num sofá, vestida de calça preta e pulôver bege — seus olhos escuros “mais profundos que lagos” —, ela contou sua indescritível história a White em um tom extraordinariamente calmo. As palavras saíam como se ela estivesse num transe. “Percebi que ia ouvir mais do que queria”, escreveu White mais tarde — um comentário estranho para um jornalista que acabara de conseguir o furo de reportagem de sua carreira.

A empresa para a qual White trabalhava partilhou de sua sensibilidade. Mais uma vez, a *Life* julgou necessário suprimir um terrível documento da Dealey Plaza, publicando uma versão expurgada da entrevista em sua edição de 6 de dezembro de 1963. O breve artigo “Um epílogo para o presidente Kennedy” se concentrava no amor de JFK pelo musical *Camelot*, o que ajudou a transformar sua história numa delicada lenda arturiana, em vez da monstruosa história de crime e mistério que de fato era. Faltava o testemunho ocular de uma mulher ainda destruída pelo que tinha vivido apenas uma semana antes. Mas três décadas mais tarde, depois da morte de Jacqueline Kennedy Onassis, em 1994, a Biblioteca Kennedy finalmente disponibilizou os “documentos Camelot”, de White, inclusive suas observações escritas à mão sobre a entrevista. Não obstante a passagem do tempo, o relato de Jackie era ainda mais terrível. E a cobertura da mídia sobre a revelação dos documentos era decorosa, lançando um véu sobre os horrendos detalhes que Jackie não pôde esquecer.

A carreta que partiu do aeroporto naquela tarde a fez lembrar-se do cortejo tumultuado do primeiro casal pelas ruas da Cidade do México no ano anterior, disse Jackie a White. Fazia um calor de deserto, e o sol ofuscava seus

olhos. Jack pedira que ela não usasse óculos escuros por temer que isso fizesse a primeira-dama parecer uma estrela de cinema distante aos olhos do povo nas ruas de Dallas. Ela atendeu de bom grado a seu pedido, sabendo o quanto a viagem era importante para a carreira política do marido. Depois do sofrimento provocado pela morte do filho recém-nascido, Patrick, em agosto, o casal parecia mais cúmplice do que em qualquer outra época. Jackie estava cada vez mais cansada do circo político, mas desfilarm ao lado do marido naquele dia era uma expressão de seu amor. JFK, que tinha grande prazer com o efeito eletrizante que a mulher exercia sobre as multidões, apreciou profundamente sua companhia naquela viagem. Mesmo sem óculos escuros, o casal tinha um brilho estelar quando acenava para a multidão barulhenta que se alinhava nas ruas. Viajando no ônibus da imprensa, vários carros atrás da limusine de Kennedy, Robert Donovan, diretor da sucursal do *Los Angeles Times* em Washington, pensou que “se Hollywood tivesse tentado escalar atores para representar um presidente e sua esposa, jamais teria imaginado um casal como o formado por John F. Kennedy e Jacqueline Kennedy. Naquele dia, eram duas pessoas glamorosas tendo uma recepção calorosa. De certo modo, nunca houve na vida pública dos Kennedy um momento tão alto quando aquele de Dallas”.

Nellie Connally estava aliviada e exultante diante da recepção do povo. Quando o carro entrou lentamente na Elm Street, ela se virou no banco extra onde viajava ao lado do marido e sorriu alegremente para Kennedy: “Senhor presidente, o senhor com certeza não pode dizer que Dallas não o ama!”. Os olhos do presidente se arregalaram de entusiasmo. Dallas o tinha surpreendido, pensou Nellie. E então soou na praça o primeiro tiro.

A primeira bala atravessou o pescoço de Kennedy, e seus braços se ergueram como se quisessem protegê-lo de mais ferimentos. A esposa se virou para ele, e no momento em que ela fez isso, outra bala estilhaçou sua cabeça. A imagem do marido em seu último momento de vida ficou gravada em sua memória. Ela se recordou com estranha elegância da atitude do marido. “Sua última expressão foi tão nítida! Ele tinha a mão erguida, e pude ver um pedaço de seu crânio saindo para fora; era cor de carne, e não branco. Ele mantinha a mão estendida — e pude ver perfeitamente o fragmento se separando de sua cabeça; então ele tombou no meu colo.”

Mais adiante na entrevista a White, Jackie voltou ao momento da morte do marido. Era uma estranha associação, mas o rosto de Jack tinha a mesma expressão de atenção que ele mostrava nas entrevistas coletivas. “Quando ele foi atingido, tinha uma expressão maravilhosa no rosto. Sabe aquela expressão que ele exibia quando lhe faziam uma pergunta sobre um dos milhões de instrumentos que havia em um foguete? Pouco antes de responder, ele parecia perplexo. E então desmoronou para a frente.”

Agora o conteúdo do precioso crânio do marido estava espalhado pelo carro. Respingou em todos os que estavam na limusine. Nellie Connally sentiu como se estivesse sendo marcada por uma “chuva quente”. Até os policiais motorizados que vinham inutilmente atrás do veículo presidencial foram atingidos pela matéria orgânica de Kennedy.

A primeira-dama rasgou o ar com seus gritos frenéticos: “Jack, Jack!”. E depois: “Mataram meu marido. O cérebro dele está nas minhas mãos!”.

Nellie Connally não pôde lhe oferecer ajuda. Estava curvada sobre o marido, que jorrava sangue através da camisa. Apertando-o com força, Nellie salvou a vida do marido ao bloquear o buraco em seu peito. “Meu Deus! Vão matar todos nós!”, exclamou o governador antes de curvar-se para a frente. Os Connally nunca deixaram de afirmar — contrariando o Relatório Warren, que se esforçou por limitar o número de tiros para fazê-los coerentes com a tese de um atirador solitário — que a bala que rasgou as costas do governador não foi uma das que atingiram o presidente.

De repente, a primeira-dama, com a roupa rosa ensopada do sangue do marido, subiu no porta-malas da limusine em movimento. Precisava recuperar o fragmento do crânio de Kennedy. Era a única maneira de salvá-lo, de torná-lo inteiro novamente. Rapidamente, Clint Hill a empurrou de volta para o carro, no exato momento em que ele partia em velocidade para o Parkland Hospital. “Todos nos abaixamos no carro, e eu continuei dizendo ‘Jack, Jack, Jack’, e alguém gritava ‘Ele está morto! Ele está morto!’”, ela contou a White. “Durante todo o trajeto para o hospital, fiquei curvada sobre ele, perguntando ‘Jack, Jack, você me ouve? Eu te amo, Jack’. Continuei segurando sua cabeça, tentando manter o...” Ela não conseguiu terminar a frase.

No hospital, sentada no terrível Lincoln — “longo e negro como um carro fúnebre”, nas palavras de Nellie —, Jackie não conseguia soltar o marido ferido. “O assento estava cheio de sangue e rosas vermelhas”, ela lembrou. Por toda parte durante o trajeto, ela tinha recebido rosas amarelas do Texas. Mas, no Love Field, tinham-na presenteado com um buquê de rosas vermelhas. Os homens do Serviço Secreto começaram a surgir de toda parte, gritando: “Senhor presidente!”. Eles imploravam a Jackie que saísse do carro. “Aqueles grandes médicos texanos diziam:

‘Senhora Kennedy, venha conosco’. Eles queriam me afastar dele. Dave Powers veio correndo até mim; minhas pernas, minhas mãos estavam cobertas com seu cérebro. Quando Dave viu isso, começou a chorar. Daqui para baixo” — e ela fez um gesto indicando a frente do marido —, “sua cabeça estava tão linda. Tentei pressionar o topo de sua cabeça, talvez conseguisse mantê-la... Eu sabia que ele estava morto”.

“Eles tentavam me pegar; tentavam me agarrar, mas eu disse: ‘Não vou sair daqui’. Quando levaram Jack para dentro, Hill atirou sua capa sobre a cabeça de Jack, [mas] no momento não me parecia repulsivo — nada era repulsivo para mim. E corri atrás daquele médico alto, corri atrás de Jack coberto pela capa. Lembro-me daquele corredor estreito. ‘Não vou abandoná-lo’, eu disse. ‘Não vou abandoná-lo.’” Ela lembrou a penosa cirurgia nas costas que quase o matara quando eles eram recém-casados. Ela lhe prometera não sair do seu lado durante o procedimento, mas tinham-no levado embora, e ela não o vira por horas. “Eles jamais conseguiriam me manter longe dele de novo”, disse ela a si mesma no Parkland Hospital.

O dr. Malcolm Perry, o cirurgião que operava seu marido moribundo, não a queria dentro da sala de cirurgia, mas ela entrou à força. “É meu marido, seu sangue, seu cérebro cobrem meu corpo”, ela disse. Não houve nada que Perry e os outros médicos pudessem fazer para salvá-lo. Um padre foi convocado para os ritos finais. “Havia um lençol sobre Jack que não chegava a cobrir seu pé, mais branco do que o pano. Peguei seu pé e o beijei. Então puxei o lençol. Sua boca era tão bonita, seus olhos estavam abertos. Eles pegaram sua mão debaixo do lençol, e segurei sua mão o tempo todo em que o padre rezou a extrema-unção.”

Nos meses que se seguiram a Dallas, profundamente deprimida, Jackie procurou o conselho de um padre jesuíta chamado Richard McSorley. Vinha sendo atormentada por algo desde aquele dia, disse ela a McSorley. Seu marido de fato já estava morto depois do segundo tiro fatal sem que ela percebesse. “Se eu tivesse tido um minuto para dizer adeus. Era tão difícil não ter dito adeus, não poder mais dizer adeus.”

Mais tarde, no quente interior do Air Force One, que Lyndon Johnson insistiu que ficasse na pista do Love Field até que ele prestasse juramento como novo presidente dos Estados Unidos, todo mundo a aconselhou a limpar o sangue seco do marido do rosto. Um fotógrafo iria registrar a histórica cerimônia, e Johnson queria ter Jackie a seu lado. Ela se olhou no espelho. “Meu rosto estava todo respingado de sangue. Limpei-o com um Kleenex.” Mas imediatamente se arrependeu. “Um segundo depois, me perguntei por que tinha limpado o sangue. Devia tê-lo deixado como estava, para que eles vissem o que tinham feito.” Foi o que ela disse a Bobby quando o encontrou mais tarde. Eles deviam tê-la visto com o rosto e os cabelos manchados de sangue quando a famosa foto foi batida no Air Force One; sua aparência horrível os teria condenado para sempre.

Viúva aos 34 anos, ela já se sentia desaparecendo da história. As notas de White estão cheias dessa palavra. Ela a repetiu muitas vezes durante a entrevista. “História”, ela disse inexplicavelmente a certa altura, como se descrevesse a si mesma, porque era isso que ela estava se tornando. Quando o Air Force One cruzou o céu escuro em direção a Washington, os acontecimentos já a varriam para o passado. “Pensei que ninguém na verdade me queria ali.”

Por um breve momento, Jacqueline se imaginou no papel de mensageira de uma tragédia grega. Foi assim que eles

mataram um rei! Foi assim que eles derramaram sua linda mente em minhas mãos! Mas logo ela se transformou na “Viúva Kennedy”, como ela própria ironizou sua imagem —, a mulher estoica que ensinou a nação a chorar sua perda.

Nas horas caóticas depois da Dealey Plaza, o mundo foi sacudido por uma comoção. Os líderes globais se perguntavam se o assassinato do presidente dos Estados Unidos significava o início de uma guerra nuclear. O recém-empossado presidente não tinha certeza de poder controlar a pressão que vinha de Dallas. Como seu antecessor, não sentia ter pleno controle da máquina militar do país. Seria um senhor da história ou sua vítima?, perguntava-se Lyndon Johnson quando o Air Force One o transportava, ao lado do corpo de Kennedy e seus assessores, de volta a Washington.

Bill Moyers, o jovem protegido de Johnson, correu para perto dele assim que soube do assassinato. Fretou uma aeronave particular em Austin, onde supervisionava o trecho final da viagem ao Texas, e voou para Dallas antes que o avião presidencial decolasse. Cercado por homens revoltados e confusos, leais a Kennedy, Johnson ficou aliviado ao ver o rosto recém-barbeado do antigo seminarista a bordo. Os dois texanos eram muito ligados pelo que Moyers chamava de um “cordão umbilical” quase familiar. Johnson — que sabia que o círculo de Kennedy gostava do jovem texano, que na época servia no Corpo de Paz de Sargent Shriver — precisava dele mais do que nunca. Enquanto o avião ainda estava no ar, o novo presidente recrutou-o como seu assessor especial.

Num determinado momento do voo, Moyers observou seu velho mentor sentado sozinho, olhando atentamente as nuvens que passavam pela janela. “Em que está pensando, senhor presidente?”, perguntou Moyers. Johnson, amargo,

virou-se para ele e disse: “Eu me pergunto se os mísseis já não estarão voando”. Moyers ficou estarrecido com o comentário. Se os Estados Unidos estivessem lançando um ataque nuclear, o novo presidente saberia. Mas, no calor dos acontecimentos de Dallas, Johnson estava evidentemente inseguro sobre quem governava o país.

“O pensamento de Johnson nesse momento só podia ser que tinha havido um golpe, e que, assim que o avião decolasse do Love Field para Washington, o país passaria para as mãos dos que estavam prontos para apertar o botão”, observou James K. Galbraith, historiador político e professor da Escola de Políticas Públicas Lyndon B. Johnson da Universidade do Texas, numa entrevista recente. Galbraith, filho do falecido economista, acrescentou que “Johnson sabia que esse era o momento de máxima vantagem estratégica” para a linha dura da segurança nacional, que ansiava por um confronto final com os inimigos do país. Durante quase três anos, Kennedy e McNamara tinham mantido afastados esses radicais defensores da solução nuclear. Mas, com JFK fora da cadeia de comando, não se sabia o que eles poderiam tentar.

Esses mesmos temores preocupavam os dois líderes estrangeiros que provavelmente seriam atacados pelos insanos guerreiros nucleares dos Estados Unidos. Em Cuba, Fidel Castro almoçava com Jean Daniel, jornalista francês que tinha levado propostas de paz do presidente Kennedy, na casa do chefe cubano na praia de Varadero, quando recebeu o relatório sobre Dallas. “São más notícias”, repetiu três vezes Castro, estupefato, assim que desligou o telefone.

Depois de uma longa e amarga disputa, Castro começara a ver Kennedy como um agente de mudança. “Ele ainda tem a possibilidade de se tornar, aos olhos da história, o

maior presidente dos Estados Unidos, o líder que finalmente entende que pode haver uma coexistência pacífica entre capitalistas e socialistas, mesmo nas Américas”, disse Castro a Daniel em uma entrevista que durou a noite toda, na véspera dos acontecimentos de Dallas. “Então ele será um presidente ainda maior que Lincoln. Sei por exemplo que, para Khruchov, Kennedy é um homem com quem se pode conversar. Tirei essa impressão de todas as conversas que tive com Khruchov.”

Então Castro irrompeu no que o visitante francês descreveu como uma “risada ampla e infantil”, prometendo ajudar Kennedy em sua campanha à reeleição. “Se estiver com ele de novo, pode lhe dizer que estou disposto a declarar Goldwater meu amigo se isso puder garantir a reeleição de Kennedy!”

Mas, na tarde de 22 de novembro, enquanto Castro e Daniel permaneciam ao lado do rádio ouvindo a NBC News, que transmitia de Miami, o estado de espírito do líder cubano tornou-se sombrio e preocupado. Quando a morte de Kennedy foi confirmada, Castro se pôs de pé e disse: “Tudo mudou”.

Depois, quando a rádio tocou “The Star-Spangled Banner”,<sup>1</sup> Castro, cercado por um grupo de preocupados assessores, fez uma astuta previsão: “Você observe e veja, eu os conheço, eles tentarão pôr a culpa em nós”. Mais tarde, no carro de Castro, o rádio informou que Lee Harvey Oswald, o assassino, era casado com uma russa. “Aí está. Eu não falei? O próximo serei eu!”, disse o líder cubano. Minutos depois, foi mesmo a sua vez. A rádio americana informava que Oswald era admirador de Castro e pertencera ao comitê Fair Play for Cuba. A princípio, ele tentou desprezar a informação, afirmando que não passava de um “instrumento de propaganda. É terrível. Mas, você

sabe, tenho certeza de que tudo isso logo vai acabar. São muitas políticas conflitantes nos Estados Unidos para que uma única seja capaz de se impor universalmente por muito tempo”.

Mas, quando o rádio confirmou que o assassino de Kennedy era um “marxista pró-Castro” e o tom da reportagem foi se tornando cada vez mais agressivo, Castro perdeu a calma. Começou a interrogar Daniel sobre o que ele sabia do novo presidente americano. Quais eram as relações de Johnson com Kennedy? E com Khruchov? Qual fora sua posição no episódio da Baía dos Porcos? E então, “finalmente e mais importante”, lembrou Daniel, Castro lhe perguntou: “Que autoridade ele exerce sobre a CIA?”. Era uma pergunta que Lyndon Johnson também estava se fazendo.

Enquanto isso, em Moscou, o robusto líder soviético, que a princípio tentara intimidar o jovem presidente americano — e mais tarde, depois de avaliar o homem, estabeleceu com ele uma atitude mutuamente respeitosa pela paz mundial —, estava arrasado. Ao ouvir as notícias sobre os acontecimentos de Dallas, Khruchov chorou no Krêmlin. Recebeu a notícia como “um golpe pessoal”, disse um assessor. Durante vários dias, foi incapaz de desempenhar suas funções. Khruchov estava convencido de que Kennedy fora morto por forças militaristas empenhadas em sabotar os esforços dos dois líderes por uma trégua. Será que agora eles lançariam um ataque nuclear sobre a União Soviética? Seria o líder soviético derrubado pela linha dura dentro de seu próprio governo?

“Khruchov precisava de Kennedy e achava que Kennedy precisava dele”, observou o biógrafo de Khruchov, William Taubman. Juntos, eles tentavam afastar os dois países do risco nuclear e chegar a uma nova harmonia mundial. Até o

sujeito mais durão do governo, Bobby Kennedy, esperava ansiosamente uma segunda conferência de cúpula, na qual — diferentemente da postura agressiva de Viena — os dois líderes pudessem “sentar-se com calma e conversar sobre tudo”. Agora, o parceiro essencial de Khruchov havia desaparecido.

Na recepção oferecida pela Casa Branca aos dignitários estrangeiros que compareceram ao funeral de Kennedy, os convidados ficaram surpresos ao ver que a viúva do presidente descia para cumprimentá-los, apesar de tudo por que tinha passado. Do outro lado, o representante russo, Anastás Mikoyan, aproximou-se de Jackie visivelmente trêmulo. Ela segurou as mãos dele nas suas e, numa voz que revelava profunda emoção, disse: “Por favor, diga ao seu presidente que sei que ele e meu marido trabalhavam juntos pela paz mundial, e agora ele e o senhor devem levar adiante o trabalho de meu marido”. O velho bolchevique piscou e tomou o rosto da primeira-dama nas mãos.

Uma semana depois, Jackie Kennedy deu continuidade ao comentário que fizera a Mikoyan escrevendo uma carta a Khruchov, para deixar claro que ele entendera sua mensagem. O dia do funeral tinha sido tão “horrível”, explicou Jackie na carta, que ela não sabia se estava lúcida o suficiente na breve conversa com seu representante. Disse a Khruchov que seu falecido marido o considerava uma força pela paz. E então fez uma reveladora referência aos obstáculos que Kennedy tinha enfrentado em busca de uma trégua na Guerra Fria — um esforço que certamente teria sido bem recebido pelo líder russo, que enfrentava oposição semelhante no seu país. “O perigo que perturbava meu marido era que a guerra fosse iniciada não pelas principais figuras, mas pelas menores”, escreveu a sra. Kennedy. “Enquanto as principais figuras compreendem a

necessidade de autocontrole e moderação, as menores são às vezes movidas por medo e orgulho. Que no futuro as figuras principais possam obrigar as menores a se sentarem à mesa de negociações antes de iniciarem a luta!”

A carta de Jackie pareceu reforçar a mensagem confidencial que ela e Bobby enviaram ao líder soviético naquela semana por meio de seu amigo Bill Walton: o presidente Kennedy fora vítima de uma conspiração de homens de mente estreita.

Depois da morte de Kennedy, os dias de Khruchov no cargo estavam contados. Em outubro de 1964, menos de um ano depois do assassinato do presidente americano, o líder soviético foi deposto num movimento tramado por seu mais frio e menos imaginativo rival, Leonid Brejnev. Ironicamente, foi um golpe sem derramamento de sangue.

Vivendo seus últimos anos e livros em seu próprio país, isolado num chalé de madeira às margens do rio Istra, Khruchov buscava sua *glasnost* pessoal. Amargurado, ele se queixava de que o regime de Brejnev estava revertendo suas reformas. Ouvindo a BBC e a Voz da América num velho rádio Zenith de ondas curtas que recebera anos antes de um empresário americano, ele se sentia cada dia mais impaciente com a propaganda opressiva da mídia soviética. “Isso é tudo lixo!”, desabafou ele, folheando o *Pravda*. Leu um exemplar clandestino do *Doutor Jivago* e lamentou que os censores de seu governo o tivessem proibido. “Eu devia tê-lo lido”, disse. Denunciou a prisão dos escritores soviéticos dissidentes e manifestou sua indignação em relação à invasão da Tchecoslováquia em 1968: “Que tipo de socialismo é esse? Que merda de socialismo é esse que precisa manter as pessoas acorrentadas?”.

Mais para o fim da vida, Khruchov começou a trabalhar em suas memórias. Quando a notícia chegou a Moscou, o

Politburo exigiu que ele parasse imediatamente de escrever e entregasse o que já tinha escrito ao Comitê Central. Ele desafiou a ordem e, depois de terminar o manuscrito, como um escritor dissidente, logo o contrabandeou para o Ocidente, onde foi publicado. No livro, intitulado *Khruchov — Memórias*, o autocrata aposentado lembra com saudade seus dias com Kennedy, que elogia como um “verdadeiro estadista”, apesar de sua juventude. Se Kennedy tivesse vivido, ele escreve, os dois poderiam ter trazido a paz ao mundo.

No dia 11 de setembro de 1971, menos de um ano depois de suas memórias serem publicadas nos Estados Unidos, Khruchov morreu de um colapso cardíaco. O Comitê Central decretou que não haveria homenagens nem funeral formal na Praça Vermelha. Seu corpo foi velado em um sombrio edifício de tijolos vermelhos e enterrado em silêncio num canto remoto de um cemitério de Moscou vizinho a um convento do século XVI. Só um pequeno grupo de pessoas teve permissão para atravessar as fileiras de policiais, que as fotografaram quando entraram no cemitério. Só quatro anos depois, sua família teve permissão de erigir um monumento em seu túmulo.

Nas semanas seguintes a Dallas, enquanto os chefes políticos e os serviços de inteligência de todo o mundo lutavam para entender o assassinato, o mesmo fazia Robert Kennedy. Não era uma luta apenas política, mas profundamente emocional. À medida que os dias passavam, sua urgência em descobrir o mistério diminuiu. Dominado pela enormidade de sua perda, Robert viu seu entusiasmo investigativo minguar. O irmão ocupava o centro de sua órbita, e seu sol tinha caído do céu. Mesmo que o assassinato de Jack fosse solucionado, isso não o traria de

volta. Então, à medida que Robert Kennedy lentamente emergia do luto, sua busca de justiça renascia.

Não foi fácil para Robert Kennedy carregar o fardo dessa missão. Às vezes, ele não queria enfrentar a verdade. Suspeitava de que a conspiração envolvesse elementos de seu governo e percebeu que seguir essa pista tenebrosa podia dividir o país. Também temia que a busca trouxesse à luz os erros fatais do irmão — e revelasse que suas paixões tinham provocado a violência que o matara. E, finalmente, sabia que a busca o submeteria a um perigo mortal. Mas, no fim, Bob não pôde se furtar a perseguir a verdade.

[1](#) . Hino dos Estados Unidos da América. [N. T.]

## A terrível graça de Deus

Em momentos de crise nacional, o desejo das pessoas de se unir e depositar sua confiança nos líderes da nação pode ser surpreendentemente poderoso. Esse era o humor do país nos dias e semanas que se seguiram a Dallas. O governo declarou que a calamidade que havia assolado o país era obra de um desajustado, e que sua chocante eliminação, dois dias depois, era obra de outro indivíduo perturbado. A imprensa logo apoiou essa versão. Inculcou-se no público que o único mistério em jogo era o da alma humana. O que levou Lee Harvey Oswald a matar o presidente — o homem cuja atuação em relação aos direitos civis ele teria admirado — foi um segredo que ele levou para o túmulo.

É preciso ter certo temperamento para desafiar um consenso nacional com a força quase compulsória que a teoria do atirador solitário teve depois do assassinato de Kennedy. Uma autossatisfação aguerrida e um egocentrismo sem charme certamente são ingredientes essenciais a esse temperamento. E eram essas as características que definiam um combativo advogado de Nova York de 36 anos chamado Mark Lane. Ele se tornaria o primeiro americano a se contrapor à opinião oficial ao declarar que Oswald havia sido arrastado para a infâmia sem ter tido um julgamento

honesto e que “o assassino do presidente Kennedy permanecia impune”.

Menos de um mês depois do assassinato, no dia 19 de dezembro de 1963, na edição semanal de um jornal de esquerda chamado *Guardian*, Lane publicou uma violenta crítica de dez mil palavras que apontava inquietantes furos na versão oficial do crime. O advogado destacou uma lista de fatos incômodos sobre o caso, vários dos quais acabariam se tornando a base para pesquisas sobre a conspiração durante as décadas seguintes. Como podia Oswald ter sido um atirador solitário, mirando a traseira do carro do presidente de sua posição elevada no Texas School Book Depository, quando os médicos do Parkland Hospital declararam que uma das balas atingiu Kennedy na garganta? Como podia um atirador, usando uma rudimentar espingarda de ferrolho que comprara por 12,78 dólares, atingir o alvo com três tiros em menos de seis segundos — façanha que nem mesmo o exímio atirador que liderava a National Rifle Association era capaz de realizar? Por que motivo o suposto esquerdista Oswald ia matar um presidente que estava determinado a melhorar as relações com a União Soviética — o homem que Fidel Castro acreditava poder se tornar “o maior presidente dos Estados Unidos”?

Apesar do caráter marginal do *Guardian* — ao qual Lane teve que levar seu artigo após ter sido recusado por publicações americanas mais importantes, entre as quais *Life*, *Look*, *Saturday Evening Post*, a revista *Nation*, e *Fact* (“a revista da controvérsia”) —, sua matéria gerou comoção. Quando a tiragem se esgotou nas bancas de jornal, o *Guardian* imprimiu milhares de novos exemplares da matéria em formato de panfleto. Ignorado pela mídia americana, Lane encontrou uma audiência entusiasta na

imprensa europeia. Também criou um Comitê Civil de Inquérito, que começou a entrevistar testemunhas da Dealey Plaza, e alugou um teatro em Nova York, onde todas as noites, durante meses, ele apresentou seus argumentos contra a teoria do atirador solitário.

No dia 14 de janeiro de 1964, a mãe de Oswald, Marguerite, contratou Lane para representar seu filho perante a Comissão Warren. Retratada pela mídia como uma figura exaurida pela dor, Marguerite, uma rechonchuda mulher de meia-idade, insistiu em testemunhar que seu filho era “agente da inteligência” americana e havia sido “pago para assumir a culpa” pelo assassinato. Ao se apresentar pessoalmente perante a Comissão, Lane insistiu para que a sessão fosse pública — a única vez que a comissão reservada o fez — e o confronto foi veemente. “Tivemos pouquíssimos problemas de qualquer natureza” durante as audiências, lembrou-se mais tarde o presidente da comissão e presidente da Suprema Corte dos Estados Unidos, Earl Warren, “exceto por parte de um homem chamado Mark Lane. Foi o único a tratar a comissão com desdém”.

Lane tivera algum contato com os irmãos Kennedy durante a campanha eleitoral de 1960, quando concorreu com êxito a uma vaga, no final da lista democrata, para uma cadeira da Assembleia de Nova York. O jovem advogado fazia parte de um movimento de reforma que estava tentando arrancar o controle da cidade, governada pelo Partido Democrata, da corrupta Tammany Hall.<sup>1</sup> Quando Bobby se encontrou com o grupo na suíte de Kennedy, no Carlyle Hotel, chocou os liberais do West Side ao lhes dizer, sem rodeios, que sua virtuosa luta para limpar a política da cidade de Nova York não era tão importante quanto conseguir que seu irmão

fosse eleito presidente. “Desde que ele seja eleito, não estamos nem aí se o sangue correr pelas ruas de Nova York”, informou-lhes Bobby. Logo depois, os reformistas se manifestaram contra o que achavam um escândalo. Mas Lane não compartilhava essa indignação. “Bobby podia ter falta de tato, cortesia e educação”, concedeu ele. “Contudo, sua honestidade era admirável.”

Bobby não sentia a mesma admiração por Lane. Apesar da fama de pragmático, Kennedy frequentemente se irritava com personalidades ásperas. “Apenas, não gostava dele”, lembrou-se o assessor de Kennedy, Frank Mankiewicz. “Lamento mesmo que Mark Lane tenha embarcado [no inquérito sobre o assassinato] tão rapidamente. Ele deu às coisas uma cor estranha, suspeita.”

Em janeiro de 1964, Bobby voltou ao que agora era seu triste cargo no Departamento de Justiça. Sua equipe para execução de leis estava à deriva sem sua direção enérgica. “Precisamos de você”, disse-lhe Walter Sheridan. “Sim, eu sei”, respondera Bobby, “mas ainda não me sinto pronto.” Mais tarde, no mesmo mês, seus amigos no governo organizaram uma viagem oficial de Kennedy à Indonésia, para que ele esquecesse sua perda. A viagem restaurou brevemente sua capacidade de decisão. Mas Dallas ressurgiu assim que ele voltou. Entre as primeiras pessoas que ligaram para ele depois que chegou a Washington estava Mark Lane.

“Eu disse: ‘Gostaria de vê-lo’”, lembrou-se Lane. “Ele respondeu: ‘Tudo bem. Almoço, amanhã?’. Eu disse: ‘Está bem’. E então ele disse: ‘Mas você não vai falar sobre *aquilo*, certo?’.” Kennedy ainda não conseguia dar ao assassinato seu verdadeiro nome.

A fama de Lane como pesquisador do assassinato já estava crescendo e ele sabia exatamente o que “aquilo”

queria dizer. “Sim, é sobre aquilo que quero falar com você”, disse Lane a RFK. E então o advogado cometeu o erro de lançar uma carta explosiva demais para Kennedy. Ele disse a Bobby: “Você sabe que tem uma obrigação...”. Antes que pudesse acabar a frase, Kennedy o cortou rispidamente. “Não venha me dizer quais são as minhas obrigações para com minha família.” A conversa derrapou para uma abrupta conclusão. “Se essa é a única coisa sobre a qual quer falar, Mark”, disse Bobby, “então não vamos nos encontrar.” Os dois nunca mais se falaram.

A gélida conversa entre Kennedy e Lane preparou o terreno para a difícil e inconstante relação que RFK manteve nos anos seguintes com os pesquisadores do assassinato. Bobby não podia se limitar a seguir com suas atividades, e, às vezes, contatava-os pessoalmente. Mas não era raro se aborrecer com eles por sua personalidade, frequentemente indelicada ou excêntrica, e parecia ficar aliviado ao encontrar uma desculpa para demiti-los do trabalho de investigação, fosse qual fosse a validade dessa decisão. A própria existência deles o envergonhava e incomodava, porque as investigações eram públicas, enquanto ele se sentia obrigado a seguir suas próprias pesquisas na maior privacidade.

Nos cinzentos e apagados meses que se seguiram à morte de seu irmão, Bobby não sentiu vontade de enfrentar o que havia acontecido em Dallas. Seu acesso de paixão investigativa de novembro logo se esgotou, tendo sido substituído por um paralisante sentimento de perda. Mesmo assim, os amigos de Kennedy se acharam obrigados a chamar sua atenção para as informações a respeito do crime. Em dezembro, Arthur Schlesinger ficou suficientemente impressionado com uma sóbria e meticulosa dissecação da teoria do atirador solitário,

publicada no *New Republic* dois dias após a publicação da matéria de Lane, que mandou um exemplar a Bobby. Intitulado “Sementes da dúvida”, o artigo — escrito pelos estudiosos Jack Minnis e Staughton Lynd — levantava muitas das questões de Lane sobre o caso, porém sem seus floreios retóricos. Vários cidadãos preocupados também escreveram para o escritório de Kennedy expressando seu temor de uma conspiração. “Para parafrasear Shakespeare, há algo de podre em Dallas”, declarou o professor de psicologia da Universidade de Illinois e antigo presidente da American Psychological Association, Charles E. Osgood, em uma carta endereçada ao procurador-geral.

Em março, Kennedy foi exortado a entrar em contato com dois jornalistas cujo trabalho sobre o caso estava começando a atrair o mesmo tipo de atenção chamativa que o de Lane — a colunista de fofocas e celebridades Dorothy Kilgallen e um jornalista americano baseado em Paris chamado Thomas Buchanan. Escrevendo na revista semanal francesa *L'Express*, Buchanan havia causado comoção ao declarar que o presidente Kennedy fora vítima de um complô da extrema-direita. Seus artigos na *L'Express* viriam a se tornar a base do primeiro livro sobre a conspiração, *Who Killed Kennedy?*,<sup>2</sup> publicado em maio por uma editora britânica.

Os artigos de Buchanan faziam parte de uma onda de matérias da imprensa europeia que questionavam em tom mordaz a versão oficial do falecimento de Kennedy. Enquanto a imprensa americana aceitava as explicações reconfortantes de oficiais de Washington, as publicações do velho continente clamavam que algo sombrio e fétido havia acontecido em Dallas. Como escreveu Raymond Cartier na *Paris-Match*, o equivalente francês da revista *Life*, “A

Europa, em sua quase totalidade, rejeita” a versão oficial do crime. “Os europeus estão convencidos de que o drama de Dallas esconde um mistério que, se for descoberto, irá desonrar os Estados Unidos e abalar suas bases.”

Buchanan alegou que Oswald era um agente de baixo escalão da CIA que havia sido assistido por outros no crime. O insignificante escroque que o despachou para o outro mundo, Jack Ruby, era mais um conspirador conhecido de Oswald. O motivo do assassinato, segundo Buchanan, foi interromper a crescente *détente* entre Washington e Moscou, que ameaçava as indústrias do armamento das quais os conspiradores dependiam. “Acredito que [Kennedy] tenha vivido para algo, e acho que morreu por algo”, concluiu Buchanan em seu livro. “Todo homem pode ser medido pelo número de seus inimigos. A lista daqueles que odiavam Kennedy no dia em que ele morreu o honra. Nunca devemos esquecer que ele foi até Dallas para combater esses homens, para dizer ao povo daquela cidade, à nação e ao mundo que a paz não é um sinal de fraqueza.”

Assim como Mark Lane, que foi ridicularizado pela imprensa americana e chamado de paranoico (enquanto seu telefone e seu escritório estavam sendo grampeados pelo FBI), Buchanan recebeu um tratamento nada ameno em seu país natal. O colunista do *Washington Post* Chalmers Roberts avisou seus leitores que Buchanan havia sido demitido em 1948 do cargo de repórter do *Washington Star* após ter confessado ser membro do Partido Comunista. (Colocado na lista negra em casa, Buchanan havia sido obrigado a procurar emprego além-mar.) “Diante disso, é absurdo chamar Buchanan, um notório ex-comunista que hoje está morando em Paris, de ‘rival’ de sete distintos americanos encabeçados pelo chefe de Justiça dos Estados Unidos”, desdenhou Roberts. Mas isso explicava o dilema

diante do qual se encontrava então a Comissão Warren, lamentou o colunista, depois que Buchanan “plantou a semente da dúvida sobre o assassinato”.

Entretanto, Ben Bradlee, o amigo de JFK que ia tomar posse do jornal de Roberts no ano seguinte, via Buchanan com outros olhos. No dia 9 de março de 1964, Bradlee ligou para Bobby Kennedy no Departamento de Justiça, falando com sua eficiente secretária, Angie Novello, a qual lhe disse que o procurador-geral estava passando o dia em Nova York. Bradlee deixou um recado, incentivando Bobby a se encontrar com Buchanan, que estava de passagem nos Estados Unidos. Buchanan era “um dos escritores mais articulados sobre o assassinato”, segundo o recado que Novello transmitiu a Kennedy, e “está muito ansioso para encontrá-lo sem ter que ir ao FBI”. Novello perguntou a Bradlee se Buchanan “tinha alguma informação” para Kennedy “e Ben disse que sim, mas que também queria informações” por parte do procurador-geral.

Aparentemente, Bobby não encontrou Buchanan. Em vez disso, ele o encaminhou para seu irmão Ted, que o direcionou para Nick Katzenbach, o membro do Departamento de Justiça a quem RFK havia pedido que servisse de intermediário — mais precisamente, de observador — com a Comissão Warren. Katzenbach esteve com Buchanan por uma hora e em seguida o encaminhou para um membro da comissão, que pegou o material do jornalista, jogando-o no limbo dos volumosos arquivos da comissão.

No exato dia em que Bradlee tentava organizar uma reunião entre RFK e Buchanan, Pierre Salinger estava intervindo junto a Kennedy em nome de Dorothy Kilgallen. “[Salinger] diz que Kilgallen ligou para ele para conseguir

uma reunião com você”, dizia um recado telefônico para Bobby, porque “ela tem informações que quer lhe dar”.

Não existem provas de que Kennedy e Kilgallen tenham se encontrado para falar sobre Dallas. Porém, a colunista do jornal de Hearts — conhecida por milhares de pessoas por seus incríveis furos jornalísticos, assim como por sua participação regular como convidada do jogo televisivo de domingo à noite *What's My Line?* — estava remexendo cada vez mais no assassinato. Kilgallen ia se tornar uma pedra no sapato da Comissão Warren, divulgando sem autorização o testemunho de Ruby — que expunha a qualidade pobre do interrogatório do júri, levando o FBI a investigá-la — e mais tarde conseguindo uma entrevista, dentro da cadeia, com o assassino de Oswald. Ela entrou em contato com Mark Lane, que começou a fornecer à colunista contundentes elementos de sua investigação. Quando Lane se referia à cobertura que Kilgallen fizera do assassinato em suas palestras, o público reagia com escárnio à menção do nome da rainha das fofocas. Contudo, ele admirava sua coragem — era a única jornalista de destaque no país a querer cuidar do caso, declarou Lane.

Depois de sua entrevista exclusiva com Ruby, Kilgallen começou a dizer a amigos que ia “revelar a verdadeira história” do assassinato de Kennedy, que ia dar “o maior furo do século”. Porém, nunca revelou em sua coluna de jornal o que Ruby — a única figura-chave do caso que se encontrava detida — lhe dissera. Ao que tudo indica, estava guardando o furo para o livro que pretendia publicar — uma coleção de histórias policiais intitulada *Murder One* —, a fim de garantir o sucesso de vendas. Mas o livro nunca foi publicado. No dia 8 de novembro de 1965, Kilgallen foi encontrada morta em sua casa no Upper East Side, vítima do que a polícia qualificou como *overdose* de álcool e

calmantes. O rascunho do capítulo sobre Jack Ruby e as notas que escrevera nunca foram encontrados. A história de Kilgallen se tornaria uma misteriosa nota de rodapé nas conclusões sobre Dallas. Para alguns, representou o aspecto profundamente sinistro do caso, e mostrava até onde os conspiradores eram capazes de ir para acobertar seu crime. Para outros, era apenas mais uma espalhafatosa teoria criada pelos fanáticos da conspiração, um chamativo carnaval povoado por revendedores de fofocas viciados em bebida e remédios, como Kilgallen.

Se Bobby evitou investigadores controversos, como Lane, Buchanan e Kilgallen, nos meses que se seguiram ao assassinato, não ignorou as suspeitas destes sobre o crime. Porém, estava determinado a manter em sigilo suas próprias investigações em Dallas. Foi visto fazendo longas caminhadas em um parque de Washington com Allen Dulles, o ex-diretor da CIA que havia regressado do exílio imposto pelo presidente Kennedy e que voltara para se tornar uma força dominante na Comissão Warren. Contudo, Bobby nunca revelou sobre o que os dois conversavam durante esses longos encontros. O veterano da CIA, Sam Halpern, mais tarde disse aos repórteres do *Washington Post*, Walter Pincus e George Lardner, que RFK também recrutou secretamente um mafioso do norte do estado de Nova York para investigar o assassinato de seu irmão. Mas o falecido Halpern era uma fonte pouco confiável sobre os Kennedy, um daqueles empregados da CIA ávido para retratar os irmãos da maneira menos lisonjeira possível. E a ideia de que Bobby, acima de qualquer outra pessoa, tenha se associado a mafiosos é uma maneira particularmente horrível de querer manchar sua imagem.

Contudo, RFK obviamente estava no limite emocional nos primeiros meses depois de Dallas, um tipo de estado de

espírito deprimido em que um homem se sente obrigado a tomar decisões extraordinárias. Um dia, Bobby chegou até a organizar um encontro secreto com o homem que ele considerava o inimigo público número um.

Em uma manhã de março de 1964, bem cedo, o agente do Serviço Secreto Mike Howard e seu parceiro tiveram a surpresa de se encontrar com o procurador-geral Robert Kennedy. Howard era um dos agentes designados para proteger Jackie Kennedy nos meses que se seguiram a Dallas. Sua movimentada carreira também incluiu supervisionar a etapa Fort Worth da viagem de JFK ao Texas e, mais tarde, manter Marina Oswald e seus filhos sob proteção durante a semana que se seguiu ao assassinato, no motel Six Flags, nos arredores de Dallas. Anos depois, Howard serviria de guarda-costas ao ex-presidente Johnson quando este se aposentou em seu rancho do Texas. Durante a época em que serviu à ex-primeira-dama, o agente de vez em quando cumpria o turno da noite. Sentado do lado de fora do quarto, podia ouvir Jackie gritar em pesadelos.

Em uma manhã, por volta das sete horas, e depois de outro serviço noturno — dessa vez em Wexford, a mansão de fim de semana que Jackie havia mandado construir na área rural da Virgínia durante o último ano de vida de JFK —, Howard e seu parceiro estavam indo embora quando depararam com Bobby Kennedy na cozinha, tomando café. “Vocês vão passar por Dulles?”, perguntou Kennedy aos agentes do Serviço Secreto. Como Howard dissesse que sim, ele perguntou se podia pegar uma carona.

Howard se perguntou por que o procurador-geral não estava acompanhado de homens do FBI para cuidar de seu transporte. Porém, mais tarde soube que J. Edgar Hoover, que outrora fizera questão de colocar carros à disposição de

Kennedy, havia cortado todas as mordomias do procurador-geral depois do assassinato de seu irmão. Como Howard logo descobriu, naquela manhã Bobby não queria apenas uma carona. Também queria a intimidante presença de homens do Serviço Secreto.

Bobby perguntou aos agentes se podiam parar no Aeroporto de Dulles a caminho de Washington, levando-os para um ponto remoto da área reservada à decolagem de aviões privados. “Preciso que me levem até a pista, e gostaria que ficassem comigo”, disse Kennedy, e ambos os agentes concordaram. Estacionaram o carro, e RFK foi em direção a um pequeno avião situado a pouco menos de 50 metros, seguido por Howard e seu parceiro. A cerca de doze metros do avião, Bobby se virou para os agentes e disse: “Senhores, fiquem aqui”. Enquanto Kennedy se aproximava, um homem pequeno saiu do avião seguido por dois gigantescos acólitos. Os agentes do Serviço Secreto o reconheceram imediatamente: Jimmy Hoffa. Para a surpresa dos agentes, Kennedy e Hoffa se cumprimentaram e começaram a conversar; o procurador-geral mostrava um documento para o líder sindical e Hoffa confirmava ou negava com a cabeça. Enquanto os dois se falavam, Howard e seu parceiro observaram cautelosamente os guarda-costas de Hoffa. “Um parecia jogador do Green Bay Packers”,<sup>3</sup> lembrou-se Howard, “e o outro usava óculos escuros e não havia dúvida alguma do que carregava debaixo de cada braço — estava armado.”

Howard e seu parceiro não conseguiam acreditar no que testemunhavam. “Não esperávamos de jeito nenhum por algo como aquilo”, disse ele. “Isso não fazia parte de nossa rotina. Nem deveríamos ter estado lá!”

“Podíamos ouvir Bobby e Hoffa conversando, mas não conseguíamos entender o que diziam. Porém, o que nos preocupava era o que ia acontecer. Pelo menos uma vez, Hoffa havia claramente dito que mataria o filho da puta se tivesse a chance. Posso lhe garantir que de repente não senti sono nenhum. Estávamos bem acordados, porque não sabíamos se ia haver um tiroteio ou não.”

Mais tarde, enquanto Kennedy e os homens do Serviço Secreto voltavam para Washington, não houve conversa no carro. “Ele não falou nenhuma palavra sequer a respeito disso — nada”, lembrou-se Howard. E os homens do Serviço Secreto eram suficientemente profissionais para não fazer perguntas sobre o extraordinário encontro. “Não era o tipo de coisa que se devia fazer.”

Por que Kennedy se encontrou com seu inimigo de longa data nesse dia? O Departamento de Justiça finalmente conseguiu uma condenação do escorregadio Hoffa, acusado de fraude por um júri de Nashville, e no mês seguinte o órgão ia de novo processar o chefe do Teamsters por ter desfalcado o Central States Pension Fund<sup>4</sup> do sindicato em vinte milhões de dólares. Isso pode ter sido o objeto da conversa matinal dos dois homens na pista de aterrissagem. Contudo, o jornalista investigativo Gus Russo especulou que Dallas também pode ter entrado na pauta. Talvez Kennedy quisesse “olhar nos olhos de Hoffa enquanto lhe perguntava se ele tinha algo a ver com o assassinato de seu irmão — como fizera, entre outros, com John McCone, da CIA”.

Por muito tempo, os pesquisadores do assassinato ficaram perplexos tentando entender por que Kennedy não havia usado o formidável poder do Departamento de Justiça para investigar a morte de seu irmão. Se havia alguém realmente

motivado e com meios para resolver o crime, era o procurador-geral dos Estados Unidos. A inércia de Kennedy em parte se explica pela debilitante depressão que tomou conta dele nos meses seguintes a Dallas. Porém, outra explicação é sugerida pela notável história de Howard. Quando Kennedy conseguiu canalizar energias para procurar pistas sobre o caso de seu irmão, não pôde contar com o aparelho de investigação do governo. O poder oficial de Kennedy começou a enfraquecer no exato instante em que seu irmão foi morto. Em março de 1964, já estava tão enfraquecido que não pôde contar com o FBI para protegê-lo durante um encontro extremamente tenso com seu maior alvo criminal. Há algo profundamente pungente no fato de o procurador-geral dos Estados Unidos ser levado a aguardar na cozinha de sua cunhada na esperança de pegar emprestada a proteção que ela tinha do Serviço Secreto.

Cada vez mais marginalizado por Lyndon Johnson — um homem que ele via como usurpador e que, por sua vez, o encarava com altas doses de desconfiança — e o cortesão malevolente do novo presidente, Hoover, em 1964 Kennedy estava sem poder para organizar uma verdadeira investigação do assassinato, mesmo que o quisesse. Foi o chefe do FBI que manobrou rapidamente para trazer a investigação para seu controle, ignorando o procurador-geral nesse processo.

O desdém de Hoover pela autoridade de Kennedy se tornou tão gritante depois de Dallas, que Ed Guthman, o inflexível jornalista que ainda servia como assessor de imprensa ao procurador-geral, enfrentou com veemência o diretor-suplente de Hoover, Cartha DeLoach, durante um almoço no início de março. Guthman sentia-se ultrajado pela maneira como Hoover e sua laia — antes “mesmo que o corpo do presidente tivesse esfriado” — começaram a

esnober o procurador-geral, comunicando-se diretamente com o novo ocupante da Casa Branca e alimentando a paranoia desenfreada de LBJ com histórias sobre a deslealdade de Bobby. “Isso me tirou do sério. Quero dizer, que droga!, ser passado para trás por alguém como Hoover”, disse-me Guthman mais tarde. “Assim que o presidente Kennedy foi morto, Bob Kennedy também poderia deixar de existir, na opinião dele.”

Naquela tarde, depois de uma troca inicial de amenidades, o tom do almoço logo se tornou mais veemente. Guthman era irredutível em sua avaliação sobre o comportamento do diretor do FBI: “bostinha” e “afeminado”. Com certeza, as palavras inflamaram a hipersensibilidade de Hoover quando “Deke” DeLoach as relatou devidamente ao seu chefe — um homem de “ego monstruoso”, nas próprias palavras do suplente de diretor, que dirigia o FBI como “O Grande e Poderoso Oz”.<sup>5</sup>

Hoover e seus homens estavam claramente fazendo o possível para “consolidar [sua] posição junto ao presidente Johnson”, observou Guthman, “e fizeram de tudo, de tudo mesmo, para mantê-la” contra Kennedy. Em um momento em que Bobby mal conseguia funcionar, perdido na neblina de sua dor, Guthman achou o comportamento do czar do FBI “cruel e desnecessário... não tínhamos ilusão nenhuma sobre o que havia ocorrido ou quais mudanças no poder [havam acontecido]”. Entretanto, Hoover precisava lembrar a Kennedy sua queda, para punir o jovem — que já fora chamado de segunda pessoa mais importante em Washington —, por conta de seu breve domínio sobre ele.

Em outra época Kennedy teria enfrentado Hoover diretamente. Porém, nos últimos meses que passou no Departamento de Justiça, dormindo e se alimentando de

forma intermitente, parecia diminuir até fisicamente diante dos olhos de seus amigos e colegas. Bobby começou a usar as antigas roupas de JFK, porém, ao se cobrir com a confortável jaqueta de couro de piloto de bombardeiro de seu irmão, ele parecia um garoto perdido. “Para mim, ele parecia apenas um homem sentindo uma dor intensa”, disse seu amigo, John Seigenthaler, depois de ir até Washington para ver como Bobby estava. “Para mim, era um homem ferido, quer dizer, até mesmo fisicamente ferido.”

Bobby Kennedy outrora investira na fortaleza burocrática de Washington como um ardente revolucionário, determinado a inflamar o governo com um senso de missão Kennedy. O procurador-geral “costumava ser um rebelde, e o país se beneficiava de sua rebeldia”, disse Edward R. Murrow sobre Bobby em uma melancólica nota de agradecimento após receber um par de abotoaduras, que foram dadas aos membros principais do governo Kennedy no Natal de 1963. Porém, sem sua inspiradora liderança, as cruzadas de Kennedy no Departamento de Justiça começaram a perder o fervor e alguns de seus jovens promotores acabaram por se distanciar.

Quando Bob Blakey — que havia servido em sua força-tarefa contra o crime organizado e um dia teria um papel-chave na reabertura do caso de seu irmão — foi até o escritório de Kennedy para se despedir, ficou espantado diante da transformação pela qual seu outrora dinâmico chefe havia passado. “Ele parecia arrasado. Sempre tivera aquele olhar penetrante — quando ele olhava para você, não tinha como ignorar. No dia em que entrei em seu escritório, ele estava brincando distraidamente com seu grande cachorro, Brumus. Olhou-me com ar ausente. Em

lugar de seu costumeiro aperto vigoroso de mão, sua mão pendia como um pedaço de carne.”

Para amigos como Seigenthaler, era como se a dor debilitante de Kennedy depois de Dallas tivesse sido intensificada por outra coisa, um assombroso sentimento de remorso. Era como se, de certo modo, ele se sentisse responsável pela morte do irmão. “Isso deve ter constituído parte de sua agonia”, observou Blakey. “Essa sensação terrível — será que algo que fiz, ou que não consegui impedir, voltou-se contra o presidente?” Esperava-se que ele fosse o guardião insone de seu irmão, mas ele havia fracassado.

Sem dúvida, havia algo mais que pesava sobre Kennedy naqueles meses sombrios, outro motivo pelo qual ele parecia paralisado, incapaz de enfrentar a verdade sobre o assassinato de seu irmão. A provocativa revista mensal *The Minority of One*, que era editada pelo brilhante sobrevivente de Auschwitz de origem polonesa Menachem Arnoni, foi a primeira a especular sobre isso.

*The Minority of One*, entre cujos patrocinadores estavam Albert Schweitzer, Bertrand Russell e Linus Pauling, não desmentia seu desafiador lema: “O mensário independente para uma alternativa americana dedicada à erradicação de quaisquer restrições de pensamento”. Seu fundador, conhecido por seus leitores como M. S. Arnoni, dirigia a revista com a destemida desenvoltura de quem “vivera mil vidas, e... morrerá mil mortes”, como ele mesmo declarou em um discurso no campus de Berkeley, em que falou ao público usando o uniforme listrado dos prisioneiros dos campos de concentração nazistas. Com sua trágica visão de mundo europeia, Arnoni denunciava os perigos do militarismo e a ameaça de uma nova e definitiva guerra mundial, mostrando uma paixão e acuidade intelectual

raramente vistas na imprensa americana. Muito antes que Walter Cronkite assinalasse o distanciamento da corrente principal da mídia em relação à Guerra do Vietnã, *The Minority of One* já denunciava o conflito como um desastre moral. E enquanto o resto da imprensa estava se precipitando para encerrar o caso do assassinato do presidente Kennedy, Arnoni insistia em levantar perguntas afiadas e perturbadoras sobre a versão oficial, publicando o trabalho de pioneiros dissidentes na abordagem de Dallas, como Lane, Sylvia Meagher e Vincent Salandria. As dissecações mensais, cuidadosamente documentadas do Relatório Warren, e as intrigantes explorações das identidades de Oswald e Ruby chamariam a atenção de homens do círculo de Bobby, que liam o jornal e com ele se identificavam.

O ensaio mais assustador já publicado por Arnoni sobre o assassinato pode ter sido aquele que ele mesmo escreveu no número publicado em janeiro de 1964. Na matéria — com chamada na capa, “Quem matou quem e por quê? Sombrias considerações acerca de eventos sombrios” — Arnoni levantou a aterradora possibilidade de que o assassinato de Kennedy tivesse sido reflexo de uma mudança de regime instigada no alto escalão do governo. Aprofundando-se em sua matéria, Arnoni fez outra inquietante conjectura — que talvez mais tarde explicasse a paralisia de Bobby depois de Dallas. “Não se pode em absoluto descartar a possibilidade de que importantes homens em Washington saibam a identidade dos conspiradores, ou pelo menos de alguns deles, e que esses conspiradores sejam tão poderosos que a prudência mande não identificá-los publicamente”, sugeriu Arnoni. “Vamos fazer a ‘fantástica’ suposição de que o presidente Lyndon Johnson e o procurador-geral Robert F. Kennedy saibam ou

acreditem que o assassinato tenha sido planejado por um grupo de oficiais do alto escalão que faria qualquer coisa para pôr fim às negociações entre os Estados Unidos e a União Soviética. Por mais forte que seja seu desejo de vingar John F. Kennedy, que opção lhes resta? O fato de se oporem a tão formidáveis conspiradores poderia desencadear uma desastrosa série de acontecimentos. Poderia levar a tropas americanas atirando contra tropas americanas. Poderia levar à tomada de poder por um grupo de militares. Para evitar tamanhas catástrofes, talvez seja prudente fingir a maior ignorância, na esperança de que os conspiradores sejam removidos discretamente pelo poder, mais tarde, um a um.”

Essa parece ser uma leitura muito intuitiva da mente de Robert Kennedy naquela época. Tão logo RFK concluiu que seu irmão havia sido vítima de um complô de alto nível — o que ele comunicou a membros de sua família e ao governo soviético poucos dias depois do assassinato —, o próximo pensamento que deve ter ocorrido a um patriota tão convicto quanto Bobby, alguém que havia dedicado a vida ao serviço de seu país, deve ter sido suficiente para lhe provocar uma parada cardíaca. *Se nessa altura eu fizer algo contra os conspiradores, com falta de controle sobre a máquina do governo, isso pode desencadear um inferno americano.* De fato, é exatamente o que Kennedy mais tarde sugeriu a um velho amigo da família. “Se o povo americano soubesse a verdade sobre Dallas”, disse-lhe Kennedy, “haveria sangue nas ruas.”

Outrora Bobby fora conhecido por seu zelo na promotoria. Mas agora, emocional e politicamente incapaz de levar os assassinos de seu próprio irmão à justiça, ele parecia vazio, levando os dias apaticamente. Em sua tristeza, cada vez mais profunda, procurava conselhos — não de um analista,

mas do jeito irlandês, de um padre. Preocupado com o estado mental de Jackie, Kennedy havia recrutado seu velho amigo, o padre Richard McSorley, jesuíta liberal e professor de teologia na Universidade de Georgetown, para conversar com ela, sob a desculpa de lhe dar aulas de tênis na quadra do jardim de Hickory Hill. Jackie confiou ao padre que estava sendo assombrada pela ideia do suicídio. Seria punida no além se cometesse esse pecado mortal?, perguntou ela a McSorley. “Você acha que Deus me separaria de meu marido se eu me matasse? É tão difícil aguentar. Às vezes, sinto que estou enlouquecendo. Por que Deus não entende que eu simplesmente quero estar junto dele?”

Bobby também queria confortar sua cunhada, mas a única coisa que podia oferecer era um conselho estoico. “O pesar é uma forma de autopiedade”, disse-lhe ele. “Precisamos seguir adiante.” Também repreendeu seus colegas do Departamento de Justiça por seu abatimento. “Robert Kennedy derrota o desespero”, proclamava a manchete de um artigo publicado no *New York Times* no dia 9 de janeiro de 1964, por seu amigo Anthony Lewis — como se ao dizer isso na imprensa Bobby pudesse fazer com que fosse verdade. Mas o padre McSorley percebeu que não era apenas Jackie que precisava desesperadamente de ajuda.

Em uma carta que escreveu no começo do verão de 1964, McSorley consolou Bobby por sua perda insubstituível: “Sua dor é tão profunda quanto seu amor. Por ter estado tão próximo dele, você recebeu o impacto de sua rara personalidade mais plenamente que os outros. O amor de seu irmão foi inspiração de contato constante, diário e pessoal”. Mas então ele incentivou Bobby a transformar a dor em ação, a erguer a bandeira tombada do irmão. “Vejo em você o espírito gêmeo [de Jack]”, escreveu o padre.

“Ninguém está em melhor posição que você para liderar aqueles cujo coração se inflamou com sua chama.”

Demoraria até que Kennedy estivesse pronto para retomar a missão de seu irmão. O homem de ação encontrou conforto na literatura e na filosofia. Dessa vez, foi Jackie quem ajudou a guiá-lo, dando-lhe um exemplar de *The Greek Way*, um clássico menor de 1930, escrito pela diretora de escola aposentada Edith Hamilton, que exaltava a antiga glória de Atenas. Kennedy devorou o livro durante uma viagem que fez com Jackie e um pequeno grupo de familiares e amigos até a ilha de Antígua, em março de 1964, confinando-se no seu quarto de uma vila emprestada, à beira-mar, para lê-lo e sublinhar trechos diversos. A tragédia de Atenas — seu reinado de 150 anos como berço da democracia e da arte, antes de sucumbir às corrupções do império — deve ter ecoado nos melancólicos pensamentos de Bobby sobre os perigos de uma vida dedicada à política. E ele levou muito a sério o antigo conselho dos grandes trágicos que Edith Hamilton celebrava, especialmente Ésquilo — o poeta que fora soldado, herói de Maratona, um homem cuja sabedoria nasceu dos cruéis conflitos da vida. Kennedy encontrou um conforto especial nestas linhas do dramaturgo. Elas o guiariam através de seus dias mais sombrios: “Quem aprende precisa sofrer. E mesmo em nosso sono a dor que não se pode esquecer cai, gota a gota, sobre o coração, e para nosso desespero, contra nossa vontade, vem a nós a sabedoria pela sublime graça de Deus”.

No começo de 1964, Bobby organizou um último encontro em Miami com Angelo Murgado e seus compadres, Manuel Artime e Manuel Reboso. Kennedy estava encerrando suas relações com os cubanos. A despedida de Kennedy e sua

equipe de espiões cubanos foi bastante dolorosa, lembrou-se Murgado. “Sentamo-nos com ele, e, gente, foi muito emocionante. Todo mundo chorava. Demoramos cinco minutos para nos recompor. Você deveria tê-lo visto, Jesus Cristo! Ele havia perdido peso. Estava sofrendo tanto. Viera para falar sobre o que havia acontecido e se despedir. E essa foi a última vez que nos falamos.”

Murgado disse que ele e seus colegas não falaram o nome do homem cuja presença espectral pairava sobre a reunião, Lee Harvey Oswald — o homem que Kennedy, meses antes, dissera-lhes que era seguro ignorar, já que parecia estar sob as ordens do FBI. “Para que cutucar a ferida, se você me entende? Ele se despediu, e foi isso.”

Murgado e seus aliados pró-Kennedy na comunidade cubana haviam ficado espantados no dia 22 de novembro quando o homem que haviam seguido em Nova Orleans de repente fora identificado como suspeito do assassinato do presidente. “Quando isso aconteceu, ficamos apavorados.” Depois, ele e seus companheiros e Livross se reuniram para tentar dar sentido aos eventos de Dallas. Logo chegaram à conclusão de que o crime era obra de seu empregador, a CIA. “Quando a coisa aconteceu, sentamos e conversamos. Então entendemos: ‘Meu Deus, fomos usados que nem papel higiênico. Quem pode estar por trás de tudo isso?’. E sabíamos que o complô podia vir apenas de uma fonte — a CIA. Todos nós acreditamos na mesma coisa. Era uma operação altamente sofisticada. Veja bem, foram tão bons no que fizeram que, até hoje, ninguém sabe ao certo o que aconteceu. Existe apenas um órgão que poderia conseguir um troço desses. Foi a CIA, porém não sozinha. Foi a CIA e mais algo acima dela.”

Murgado utiliza a expressão “governo invisível” para descrever a fonte superior do complô. Acredita que esses

altos oficiais tenham eliminado Kennedy porque ele havia rompido com a Guerra Fria: “JFK era outra vítima da Baía dos Porcos... estava à frente de seu tempo”.

Murgado, no entanto, não quis especular o nome das pessoas que podem ter sido envolvidas na conspiração, especialmente o de outros eLivross cubanos. “Qualquer coisa que queira saber sobre mim, relacionada a Bobby, vou lhe contar. O resto, pode esquecer. Porque isso provocaria um monte de problemas. E lembre-se, no meio cubano, você não cria um monte de problemas.”

De qualquer modo, disse Murgado, é tarde demais — aqueles que poderiam esclarecer o complô se foram há muito tempo. “Todos morreram — e os outros desapareceram. E eu respeito isso. Você desaparece e eu respeito isso. Não vou trazer ninguém das sombras para revelar a verdade.” Murgado até duvida que os americanos queiram a verdade. “Sabe aquela frase do filme? É a melhor frase que já ouvi a respeito deste país: ‘Você não quer a verdade, não consegue lidar com a verdade’.”

Nos meses que se seguiram a Dallas, Kennedy parecia ansioso para se distanciar de Cuba, o campo de batalha que outrora tanto absorvera sua agressiva energia. Também era a caldeira de intrigas que ele associava ao assassinato de seu irmão. Evocando lembranças sobre o governo Kennedy durante um jantar com Bill Moyers, na primavera de 1968, pouco antes de seu próprio assassinato, um melancólico Bobby comentou que “às vezes se perguntava se não havia pagado um preço muito alto por ter sido mais enérgico do que sábio a respeito de muitas coisas, especialmente Cuba”.

Logo após o assassinato de Kennedy, a CIA e seus agregados cubanos começaram a difundir sistematicamente a ideia de que o regime de Castro estava por trás do

violento ataque contra a presidência americana. O próprio Robert Kennedy foi alvo dessa campanha de desinformação. No dia 27 de novembro de 1963, alguém que se identificava como Mario del Rosario Molina enviou um carta a Kennedy de Havana, informando-lhe que um agente de Castro nos Estados Unidos, chamado Pedro Charles, havia pagado sete mil dólares a Oswald para assassinar seu irmão. “Pedro Charles chegou a um acordo com Lee Harvey Oswald, exímio atirador, para que o presidente fosse morto e se desencadeasse um escândalo internacional de maneira que a culpa recaísse sobre os racistas e a extrema-direita do estado do Texas”, dizia a carta. O misterioso comunicado tinha todas as características de uma campanha de propaganda anticastrista da CIA, e fracassou ao tentar convencer Bobby de que o líder cubano estava por trás do assassinato.

Mais importante, Lyndon Johnson também resistiu às intensas pressões vindas de dentro do governo, lutando para não ser forçado a declarar guerra contra Havana. LBJ agiu rapidamente para desarmar a bomba-relógio de Cuba, suspendendo os ataques patrocinados pela CIA contra a ilha em janeiro e deixando claro para Erneido Oliva que não haveria invasão apoiada pelos Estados Unidos por parte dos veteranos da Baía dos Porcos. A pedido de Johnson, Bobby Kennedy acompanhava Oliva à Casa Branca no dia em que LBJ deu as más notícias. O presidente queria deixar claro que as vagas promessas que Kennedy fizera, de libertar Cuba, não procediam mais. Durante um abrupto encontro de dezesseis minutos na biblioteca da Casa Branca, lembrou-se Oliva, Johnson “me disse com todas as letras que meu programa com os cubanos precisava ser encerrado. Bobby não disse nada. Você sabe que eles não se entendiam muito. [Bobby] me contou antes que tinha

tentado convencê-lo [...] mas ele não tentou convencer o presidente dos Estados Unidos na minha frente. Apenas ficou escutando, a cabeça inclinada, bastante triste”.

Mas a CIA ia manifestar sua indiferença à liderança de Johnson, da mesma forma que fizera com Kennedy, continuando a patrocinar ataques não autorizados e tentativas de assassinato contra Castro. Em fevereiro, a agência já havia voltado a praticar seu velho jogo, tentando forjar desculpas para invadir a ilha. Dessa vez, estava reativando um esquema dos últimos dias do governo Kennedy.

No dia 19 de novembro, três dias antes de ser assassinado, o presidente Kennedy ficou surpreso quando Richard Helms abriu uma bolsa de viagem de lona no Salão Oval e sacou uma pistola automática. Segundo Helms, a arma viera de um esconderijo cubano encontrado em uma praia da Venezuela — uma contundente prova dos esforços de Castro para subverter os governos vizinhos: estava na hora de endurecer o tom contra ele. Mas Kennedy parecia mais preocupado com o fato de que, tranquilamente, um oficial da CIA pudesse ter introduzido uma arma automática no Salão Oval sem ter sido impedido pelos guardas do Serviço Secreto. “Isso me dá certa sensação de confiança”, disse ele ironicamente a Helms.

Após a morte de Kennedy, a CIA retomou o esquema de envio de armas à Venezuela na esperança de provocar uma cisão entre Cuba e a Organização dos Estados Americanos e assim criar um pretexto para a guerra. A agência estava tendo dificuldades para defender sua posição, até junto à sua própria burocracia, em que um dos oficiais mais tarde declarou “não estar muito impressionado pelas provas”, que lhe pareciam ter sido “fabricadas”.

No dia 28 de fevereiro de 1964, Des Fitzgerald foi visitar Bobby Kennedy em seu escritório para lhe mostrar um exemplar do “Documento Espectro” — o último cenário da CIA para a guerra contra Castro — na esperança de conseguir seu apoio. Fitzgerald não tinha nenhuma obrigação de procurar a aprovação de Kennedy naquele dia, já que o novo presidente havia retirado Cuba do campo de ação de RFK, mas John McCone sugerira a visita, sem dúvida como uma cortesia em relação ao homem que outrora liderara a cruzada do governo contra Castro.

Enquanto o procurador-geral examinava atentamente o “Documento Espectro”, logo ficou claro que ele não estava mais interessado nas intrigas anticastristas. Surpreendeu Fitzgerald ao lhe perguntar se o Conselho de Estimativas Nacionais “já havia chamado sua atenção sobre a questão de se os Estados Unidos podiam conviver com Castro”. Obviamente, a resposta era não — e a agência agora não pretendia mudar. E LBJ — para a satisfação da CIA — deixara claro que concordava com a agência, recusando-se a levar em frente as negociações secretas pela paz iniciadas por JFK nos últimos meses de vida.

Fitzgerald, contudo, achou Kennedy estranhamente insistente. “[Kennedy] se perguntou se não seria uma boa ideia fazer isso [a avaliação da paz]”, notou Fitzgerald mais tarde em seu relatório sobre o encontro. Não, respondeu categoricamente Fitzgerald ao procurador-geral, não era uma boa ideia explorar a opção de paz com Havana.

É triste observar esse retrato pós-Dallas de Robert Kennedy, derrotado e impotente. Aqui está ele, diante de um oficial da CIA que outrora fizera tremer, e a única coisa que pode fazer agora é sugerir que a agência mude completamente sua atitude em relação a Cuba. Ao voltar a Langley, Fitzgerald e seus colegas com certeza se

regozijaram da queda de seu rude supervisor. As suspeitas que Kennedy manifestava sobre o envolvimento da CIA no assassinato de seu irmão devem ter feito dessas reuniões verdadeiras torturas para ele.

Kennedy não suspeitava de FitzGerald em particular. De fato, aparentemente o oficial da CIA compartilhava as dúvidas de RFK sobre a teoria do atirador solitário. Ao ver TV com sua esposa na manhã de 24 de novembro, quando Ruby de repente surgiu diante das câmeras e atirou em Oswald, FitzGerald começou a chorar. “Agora nunca saberemos”, disse ele. Quando FitzGerald morreu de ataque cardíaco durante uma partida de tênis em julho de 1967, Bobby Kennedy esteve entre aqueles que compareceram ao enterro.

Nos meses seguintes ao episódio de Dallas, Kennedy também parece ter mantido uma relação polida com o diretor da CIA, John McCone, o qual telefonava com frequência a Bobby no Departamento de Justiça, convidando ele e sua esposa Ethel para jantar em casa. Mas não era esse o caso com relação a outros empregados da CIA.

Assim como McCone, Dick Helms — o verdadeiro poder dentro da agência — também se esforçou para manter contatos estreitos com Kennedy, oferecendo-se para informá-lo de assuntos da inteligência, embora Johnson tivesse ordenado a McCone que avisasse Kennedy de que não mais poderia gozar do mesmo acesso à inteligência no novo governo. No dia 22 de janeiro de 1964, Helms escreveu um recado afetuoso a Kennedy, anexando um tributo a JFK que fora escrito por um editor do *London Sunday Telegraph*. No dia 4 de março de 1964, Helms telefonou para Kennedy, congratulando-o pela condenação de Hoffa e marcando um encontro para a semana seguinte, sem especificar o motivo. O chefe de espionagem iria

telefonar para o escritório de Kennedy dizendo querer vê-lo pelo menos mais duas vezes antes que RFK deixasse o cargo de procurador-geral, em agosto. Não se sabe exatamente por que Helms manteve a relação com o enfraquecido procurador-geral; certamente não por alguma afeição que pudesse sentir por ele. Helms temera e destrataria Kennedy quando este reinara sobre a agência.

O astuto executivo de Washington deve ter querido manter um inimigo por perto. Helms não tinha nenhum interesse em fazer amizade ou consolar Kennedy, disse o assistente de RFK, John Nolan, que observou que o oficial da CIA continuou a cortejar Kennedy quando este se tornou senador. “Dick Helms não era alguém afetuoso ou carinhoso. Era um perfeito burocrata, e nesse sentido um especialista nos jogos de poder de Washington... Ligar para Bob Kennedy todas as manhãs... era sua maneira de bajulá-lo ou de manter uma relação de troca de favores com ele.”

Bobby não sentia nenhuma simpatia por Helms. No dia seguinte ao assassinato, o suplente de diretor da CIA escreveu à mão uma carta de condolências para Kennedy com papel de carta de sua casa. “Não há nada que eu possa dizer que não tenha sido dito melhor por vários outros”, escreveu Helms. “Quando você me mandou ver o presidente terça-feira de tarde [para conversar sobre as armas cubanas supostamente encontradas na Venezuela], ele nunca parecera estar melhor, mais confiante ou mais no controle das esmagadoras forças que o cercavam. Essa sexta-feira me atingiu pessoalmente. A sra. Helms e eu gostaríamos de expressar nosso mais profundo pesar e sinceras condolências a você e a sua família. Rezamos para que você continue provendo-nos com sua liderança. Com respeito e pesar, Dick Helms.” A carta de Helms era redigida com destreza — até em sua (tudo, menos sincera) “prece”

para que Bobby permanecesse acima da CIA. Mas, aparentemente, não comoveu Kennedy. “Caro Dick”, respondeu sumariamente duas semanas depois: “Quero agradecer-lhe”. As cartas de condolências enviadas por um grande número de outros simpatizantes — Kirk Douglas, Hugh Downs e até o embaixador soviético Dobrynin — suscitaram respostas mais calorosas de Bobby.

Como Hoover fez com o FBI, Dick Helms — trabalhando com seu antigo mentor Allen Dulles — assegurou-se de que a CIA não fosse atingida pelas investigações da Comissão Warren. Dulles era o membro mais diligente da comissão. “Não acho que Dulles tenha perdido uma reunião sequer”, lembrou-se Warren mais tarde. Mark Lane comentou que a comissão sobre o assassinato deveria ter se chamado “Comissão Dulles”. O ex-chefe da CIA havia feito *lobby* persistente para conseguir ser nomeado no júri. Não perdeu tempo, estabelecendo-se como jogador principal, desviando habilmente as investigações da agência de espionagem e levando os demais jurados em direção à tese do atirador solitário. Ninguém da grande imprensa comentou a surpreendente ironia que levava o homem cuja carreira havia sido encerrada pelo presidente Kennedy a liderar o inquérito sobre sua morte. Depois de ser forçado a um exílio político por JFK em 1962, o amargo Dulles encontrou dificuldade para se adaptar à vida fora do acachapante poder central de Washington. “Ele tinha muita dificuldade para relaxar”, observou James Angleton, que fazia questão de visitar seu ex-colega duas ou três vezes por semana em casa. O serviço na comissão ressuscitou Dulles. Embora não estivesse mais na folha de pagamento da CIA, ele trabalhava em segredo para a agência dentro da comissão, repassando informações para Angleton, com quem continuava conversando com regularidade.

Enquanto isso, Helms agia rapidamente para limitar a investigação do assassinato pela CIA, tirando o caso das mãos do brilhante e impetuoso agente a quem originalmente este havia sido confiado — um respeitado veterano de operações secretas de 43 anos chamado John Whitten — para confiá-lo ao sinistro mago Angleton. Helms afastou Whitten da investigação em uma reunião de 6 de dezembro de 1963, depois que o consciencioso agente acabou por se queixar de que as informações sobre Oswald — sobre o qual a CIA mantinha arquivos havia pelo menos três anos — e suas atividades relacionadas a Cuba tinham sido retiradas dele. Com Whitten fora de circulação, a investigação da agência sobre o assassinato de Kennedy logo ficou atolada nos nebulosos pântanos de Angleton, onde ele e seus bruxos da contraespionagem se empenhavam muito para traçar uma conexão entre Dallas e Moscou.

Angleton, cuja unidade estava encarregada de monitorar tráfugas para a União Soviética como Oswald, elaborou teorias intrincadas sobre o suposto papel do ex-fuzileiro naval na KGB. Mas Bobby Kennedy e sua equipe do Departamento de Justiça não acreditaram nas teorias do espião. “O homem mais estranho que eu já encontrei — ele me dava arrepios”, disse Nick Katzenbach, que conversara com Angleton várias vezes. Angleton era conhecido por detestar o presidente Kennedy, que ele chegou a considerar — em sua paranoia alimentada pelo álcool — um agente da União Soviética. Se os soviéticos tivessem lançado seus mísseis nucleares, resmungou ele para alguns repórteres no final da carreira, os Kennedy “teriam sido salvos em seu luxuoso *bunker*, provavelmente assistindo à Terceira Guerra Mundial pela televisão, [enquanto] o resto de nós teria queimado no inferno”.

Anos depois, quando o recém-nomeado diretor da CIA William Colby estava prestes a demitir Angleton em um arrebatador esforço para expurgar a agência de seus pecados passados, o decaído chefe da espionagem fez um estranho e desenvolto comentário, aparentemente vinculado ao assassinato de Kennedy. Em dezembro de 1974, perseguido pelo obstinado Seymour Hersh, que então investigava as operações internas ilegais da CIA para o *New York Times*, Angleton de repente deixou escapar diante do repórter: “Uma mansão tem vários cômodos... não sei quem acertou John”. O que esse comentário codificado queria dizer? “Eu o estaria enganando totalmente se lhe afirmasse que sabia de que porra se tratava”, declarou Hersh. “Mas meu instinto sobre isso diz que ele estava basicamente pondo [a culpa] em outra pessoa dentro da CIA, e o objetivo dessa conversa foi me convencer a ir atrás de outra pessoa, e não dele. E também que ele era um velho chato totalmente maluco.”

Em maio de 1978, John Whitten ressurgiu na investigação sobre Kennedy, apresentando-se perante a Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos<sup>6</sup> para falar sobre sua investigação abortada. Testemunhando por sete horas em sessão secreta, usando seu antigo codinome da CIA, “John Scelso”, o ex-agente — que então morava na Áustria, onde havia se refugiado do mundo da espionagem para cantar com a Associação Coral Masculina de Viena — apresentou um inquietante retrato das maquinações de seus antigos chefes, Dick Helms e Jim Angleton. Helms escondeu dele os complôs da CIA para assassinar Castro, disse Whitten aos dois investigadores da comissão que o estavam interrogando. Se tivesse sabido, testemunhou Whitten, ele teria concentrado sua atenção

sobre o escritório da CIA em Miami e conduzido uma investigação completa de suas atividades. Ele declarou aos investigadores do Congresso que havia ficado surpreso ao saber que Helms escolhera Bill Harvey — um “cara violento que, a meu ver, é muito perigoso” — para dirigir a operação de assassinato contra o líder cubano. Quando Harvey trouxe o mafioso Johnny Rosselli, acrescentou Whitten, o aspecto sinistro do esquema ficou mais evidente. “A simples ideia de que Helms tenha confiado em Harvey a ponto de deixá-lo contratar um criminoso que fosse capaz de matar alguém constitui uma violação de cada preceito operacional, cada fragmento de experiência operacional, cada consideração ética.” Além do mais, declarou Whitten, o fato de Helms ter escondido o plano de assassinato de Castro da Comissão Warren era “um ato moralmente muito repreensível”. É evidente que ele havia feito isso “porque percebeu que perderia seu cargo e provocaria uma crise dentro da agência”.

Então Whitten ouviu uma pergunta ainda mais explosiva: poderia Harvey ter sido envolvido no assassinato do presidente Kennedy? Sua resposta elíptica foi digna de um espião de longa data. “Era jovem demais para ter assassinado McKinley e Lincoln”, disse Whitten.

Whitten também apresentou uma perturbadora imagem de Angleton. Via-o como psicologicamente doente, achando sua “compreensão da natureza humana... sua avaliação das pessoas, algo muito precário”. Então houve outra pergunta incisiva: Angleton tinha conexões com o crime organizado? Dessa vez a resposta de Whitten foi categórica: “Sim”. Angleton havia protegido seus cúmplices da máfia em investigações federais, acrescentou o ex-agente da CIA, e os usara para operações em Cuba.

Se John Whitten e sua equipe de trinta agentes tivessem sido autorizados a continuar a investigação da CIA sobre o assassinato de Kennedy, a Comissão Warren teria ficado profundamente esclarecida por seu trabalho. Mas Richard Helms e James Angleton se asseguraram de que isso não aconteceria. “Whitten foi um raro herói da CIA na história do assassinato de Kennedy, um homem cuja odisseia pessoal é um pungente mas inquietante lembrete de que as investigações, em uma tragédia nacional, podem ser comprometidas logo no início”, observou o repórter Jefferson Morley, do *Washington Post*. Sem unidade de investigação própria, a Comissão Warren dependia totalmente das informações fornecidas por Hoover no FBI e por Helms e Angleton na CIA. A comissão se vangloriava de poder contar com os nomes mais distintos de Washington — a começar pelo chefe da Suprema Corte de Justiça, Earl Warren —, mas sua missão estava comprometida desde o início por sua fraqueza como ferramenta de investigação. O júri, escolhido a dedo, ia se tornar o impotente peão de duas agências que Robert Kennedy considerava inimigas políticas mortais.

“Nick, o que faço?”, escreveu Bobby com sua letra fechada e minúscula na carta que recebera de Earl Warren no dia 12 de junho de 1964. Há certa lamentação na pergunta de Kennedy, que era endereçada a seu suplente, Nicholas Katzenbach, o homem ao qual pedira para cuidar dos assuntos relacionados à Comissão Warren no Departamento de Justiça. Kennedy estava diante de um dilema. Até agora havia se recusado a testemunhar perante a Comissão Warren, mas então o presidente — um homem que ele respeitava muito — escrevera para lhe dizer que, antes que o júri encerrasse suas investigações, era necessário ouvir

diretamente o procurador-geral. “Diante das alegações amplamente difundidas sobre esse assunto”, escreveu Warren, “a Comissão gostaria de confirmar em particular se você tem alguma informação sugerindo que o assassinato do presidente Kennedy tenha sido causado por uma conspiração nacional ou estrangeira. Não é necessário dizer, se tiver qualquer sugestão a fazer em relação à investigação dessas alegações, ou outra fase qualquer do trabalho da Comissão, que estaremos prontos para agir em função disso.”

Kennedy havia dito claramente a Katzenbach que não queria ter nada a ver com a Comissão Warren. “Ele disse que não estava nem aí para a investigação”, lembrou-se o antigo assistente de Kennedy. “‘Que diferença isso faz? Meu irmão está morto.’ Foi isso que ele me disse.” Mas, como Katzenbach suspeitava, essa não era bem a história da verdadeira recusa de Bobby a cooperar com a comissão.

Kennedy não estava pronto para revelar publicamente o que sabia, e certamente não perante a Comissão Warren — um júri que, apesar de sua augusta composição, estava sob o controle de seus inimigos políticos no FBI e na CIA. No verdadeiro estilo Kennedy, ele queria controlar as investigações sobre o crime — não apenas garantir sua autenticidade, mas garantir o legado de seu irmão e seu próprio futuro político. Bobby sabia que, se a guerra secreta do governo Kennedy contra Castro — uma guerra que a princípio ele havia supervisionado — fosse anunciada como sendo o motivo do complô contra seu irmão, a imagem da família ficaria muito abalada.

Assim como outras pessoas próximas de Kennedy, Katzenbach sentia-se atormentado por sentimentos de culpa em relação a Dallas. “Eu achava que Bobby estava preocupado com a existência de algum tipo de conspiração

e que fosse culpa dele”, disse Katzenbach, sentado no confortável escritório de sua casa nos arredores de Princeton, Nova Jersey. “Acho que a ideia de que ele possa ter sido responsável pela morte de seu irmão era a pior ideia imaginável. Talvez tenha ficado preocupado com a possibilidade de que, de certo modo, a investigação apontasse para ele.”

Os inimigos políticos de Kennedy — entre os quais Lyndon Johnson — rapidamente souberam utilizar seu sentimento de culpa de acordo com seus interesses. Nos dias que se seguiram ao assassinato, LBJ — irritado com Kennedy por causa de uma série de atitudes de menosprezo, reais e imaginárias, entre elas uma ocasião em que este passou por ele sem cumprimentá-lo ao ir abraçar Jackie quando o Air Force One voltou a Washington — fez comentários incendiários para ex-assistentes de JFK, sabendo que esses iam relatá-los a Bobby, sugerindo que os próprios Kennedy eram responsáveis pelo terrível destino de Jack. “Vou lhe dizer por que Kennedy morreu”, disse Johnson ao funcionário da Casa Branca Ralph Dungan. “Castigo divino... castigo divino. Ele matou Diem e então teve o mesmo fim.” A acusação não era verdadeira — JFK havia hesitado em relação à decisão de apoiar o golpe de Saigon, e havia ficado chocado diante de seu sangrento desfecho —, mas era uma flecha habilmente apontada para um homem atormentado pela ideia de que ele e seu irmão haviam sido “mais enérgicos que sábios quanto a uma série de coisas”.

Agora Earl Warren pedia que Bobby resolvesse suas questões interiores sobre o assassinato e contasse tudo o que sabia sobre Dallas. Mas ele simplesmente não podia fazer isso. Então recorreu a Katzenbach para tirá-lo dessa situação.

Mais tarde, os pesquisadores da conspiração iriam culpar o suplente do procurador-geral por ter tido um papel-chave no encobrimento do assassinato pelo governo. “O público deve estar satisfeito com o fato de Oswald ter sido o assassino; que ele não tinha cúmplices foragidos... [e] que as especulações sobre sua motivação precisavam ser descartadas”, escreveu Katzenbach em um relatório pós-assassinato, o qual seria amplamente apontado como uma prova de sua cumplicidade no encobrimento. Porém, Nick Katzenbach era leal a Kennedy — um homem ao qual Bobby recorrera várias vezes no calor da batalha, notadamente na terrível noite da Ole Miss —, e nos traumáticos dias que se seguiram a Dallas ele essencialmente fez o que pediu seu chefe.

Katzenbach elaborou um acordo entre Kennedy, Warren e o conselheiro-chefe da comissão, Lee Rankin. Em troca de ser dispensado de testemunhar perante a comissão, Bobby ia assinar uma carta escrita pelo advogado da Comissão Warren, Howard Willens, mencionando: “Quero declarar definitivamente que não conheço nenhuma prova crível para sustentar as alegações de que o assassinato do presidente Kennedy tenha sido causado por uma conspiração nacional ou estrangeira”. Após hesitar por várias semanas, finalmente Kennedy assinou a carta, embora soubesse que não dizia a verdade, a qual foi entregue a Willens no dia 4 de agosto.

O pacto feito por Robert Kennedy foi fatídico, já que ele assinou um documento oficial em que endossava o Relatório Warren — um documento que, com o decorrer do tempo, seria amplamente condenado como uma monumental fraude do governo. Pelo resto da vida, Bobby seria obrigado a defender em público a versão oficial do assassinato de seu irmão — uma encruzilhada que o deixaria cada vez mais

atormentado, já que acreditava que a tese do atirador solitário era falsa.

Robert Kennedy fez sua primeira declaração pública sobre quem era responsável pelo assassinato de seu irmão durante uma viagem à Polônia, em junho de 1964. Apesar da fria recepção das autoridades comunistas, Bobby e Ethel receberam estrondosas aclamações por parte do povo polonês. Na praça central de Cracóvia, antiga cidade universitária, uma multidão de jovens se agrupou em volta do carro, jogando flores e cantando “Sto Lat” [“Que possa viver cem anos!”], enquanto os Kennedy respondiam com “Quando olhos poloneses sorriem”,<sup>1</sup> versão improvisada de uma das canções favoritas da família. A emocionada multidão polonesa — que irritou representantes do governo tanto em Varsóvia quanto em Washington — foi o primeiro sinal do culto a Kennedy que estava prestes a varrer o mundo. Bobby, deprimido havia muito tempo, reviveu diante da multidão, subindo com Ethel no teto do carro do embaixador americano, amassando-o (para o desespero do recatado diplomata), e apertando as mãos que se erguiam em sua direção.

Mais tarde, em um debate público em Cracóvia, um nervoso líder estudantil polonês de 25 anos fez o seguinte pedido a Bobby. “Sempre respeitamos consideravelmente o presidente Kennedy e estamos muito interessados em conhecer sua versão da morte dele”, disse o jovem. “Esperamos que nos perdoe por fazer um pedido tão direto, mas gostaríamos de verdade de ter a sua opinião.”

Kennedy pareceu muito à vontade com a proposta, chamando-a de “questão apropriada que merece uma resposta”. Disse ao público que o assassinato de seu irmão era o feito de um “marginal” solitário chamado Oswald, que

fora motivado por uma vaga insatisfação “com o governo e nosso modo de viver”, mais do que por causa de uma ideologia específica. “Não há dúvida de que ele tenha feito isso sozinho e por conta própria. Não era membro de nenhuma organização de extrema-direita. Era comunista convicto, mas os próprios comunistas não tinham nada a ver com ele. A meu ver, a ideologia não motivou seu ato. Foi o ato solitário de um indivíduo protestando contra a sociedade.”

Kennedy parecia assinalar às autoridades americanas que não havia motivo para que ficassem preocupadas — ele ia seguir a linha do governo, uma história oficial que pretendia combater os medos do público mais do que exumar a verdade.

Contudo, três meses depois, no dia 28 de setembro de 1964, quando Earl Warren apresentou o volumoso relatório da comissão ao presidente Johnson na Casa Branca, Kennedy não pôde mostrar o mesmo entusiasmo. Bobby, que então estava em campanha eleitoral para o Senado em Nova York, divulgou uma breve declaração sobre o Relatório Warren, repetindo os comentários que fizera na Polônia e declarando que estava “totalmente satisfeito com o fato de a comissão ter investigado todas as direções e examinado cada evidência do crime”. Entretanto, Kennedy se sentiu obrigado a acrescentar o seguinte aviso: “Não li o relatório, nem pretendo fazê-lo”. Isso se tornaria parte de sua resposta obrigatória sobre o assunto todas as vezes que fosse questionado a esse respeito, um tipo de válvula de escape que seria importante no futuro quando ele quisesse fazer suas próprias investigações.

A publicação do Relatório Warren pareceu ter assombrado Kennedy. Ele cancelou suas aparições marcadas em Manhattan para a campanha naquela manhã, tomado pelo

que os assessores chamariam de “penosas lembranças” provocadas pelo relatório, e se fechou a portas trancadas com Jackie. Durante a tarde, enquanto voava até o norte do estado para um comício em Ithaca, ele pareceu “subjugado”, segundo o *New York Times*, sentado sozinho no avião e olhando pela janela. Mais tarde, “ele sorriu languidamente durante seu discurso, ao qual faltava garra”, relatou o *Times*.

Kennedy estava encurralado em uma posição impossível. Em particular, rejeitava com desdém o Relatório Warren como sendo nada mais do que um exercício de relações públicas destinado a tranquilizar o público. Mas, como nessa altura ele não queria criticá-lo publicamente, era obrigado a apoiá-lo. Dar sua aprovação ao relatório foi a maneira que encontrou de evitar qualquer nova investigação da imprensa sobre o assassinato. *Vocês conhecem minha posição, vamos em frente.* Em 1964, ele não tinha nenhuma condição política — ou emocional — de fazer algo além disso. “Em público, ele sempre ficou do lado da Comissão Warren — pensava que politicamente era o que devia fazer”, disse seu assistente, Frank Mankiewicz, que sabia que reservadamente Kennedy manifestava um ponto de vista diferente sobre Dallas. “Ele não queria falar sobre isso. Acho que estava fisicamente incapacitado para isso.”

O Relatório Warren foi elogiado por todos na imprensa americana, o *New York Times* e o *Washington Post* inclusive dando um tom eufórico a suas reportagens. Ao escrever no *Post*, Robert J. Donovan o aclamou como uma “obra-prima de seu gênero”.

“Esse relatório tem selo de honestidade, autenticidade e realidade”, derramou-se o correspondente do *Post*. “Com certeza, convencerá os homens de razão, para além de qualquer dúvida razoável, de que Lee Harvey Oswald, um

descontente com questionável sanidade, tenha assassinado o presidente John F. Kennedy sozinho, agindo por sua própria iniciativa.”

Ambos os jornais se esforçaram para assegurar a seus leitores, com uma metralhada de artigos, que o relatório, de uma vez por todas, “põe fim a todas as teorias de complô”, como anunciou de forma definitiva a manchete do *Post*.

Ironicamente, a cobertura da imprensa sobre a publicação do Relatório Warren seguiu a tendência estabelecida sete meses antes pelo repórter do *New York Times*, Anthony Lewis, que era próximo de Bobby. A apresentação favorável ao relatório — que começou com uma matéria de uma página publicada no dia 1º de junho, quase quatro meses antes da divulgação do documento — refletia a própria posição pública de Kennedy sobre as considerações da comissão. Fazia parte de um padrão que começou logo depois de Dallas e segue até hoje, no qual amigos de RFK — fora o senso de lealdade para com o homem a quem eles obviamente se reportavam sobre o assassinato — seguiam suas declarações públicas sobre o crime. Seu mantra se tornou o deles: *Marginal solitário... nada vai trazê-lo de volta... há algo mórbido no fato de se torturar com o passado*. Obviamente, a tragédia é que — sem que a maior parte de seus amigos soubesse — Robert Kennedy de fato achava algo bem diferente. Na verdade, ele era um dos primeiros — entre os mais ferrenhos — a acreditar em uma conspiração.

Sem saber disso, Lewis tomou a iniciativa de derrubar as teorias de conspiração, citando em detalhes membros anônimos da Comissão Warren em sua matéria antecipada sobre as investigações, os quais prediziam que o relatório final ia silenciar os críticos para sempre. A matéria de Lewis destacou Thomas Buchanan e Mark Lane, que suas fontes

na comissão pareciam querer especialmente descreditar. O relatório ia “explodir de uma vez” com as teorias desses homens, disseram ao solidário Lewis.

Com o decorrer dos anos, Lewis continuou a menosprezar as críticas contra o Relatório Warren, embora parecesse estar menos certo de suas convicções. Mais tarde, ele confiou a repórteres do *Village Voice* que sua cobertura da Comissão Warren havia sido influenciada pela ligação estreita que tinha com a família Kennedy — em especial com Bobby Kennedy —, o que tornou o assunto “muito penoso para mim, pessoalmente. Com o decorrer dos anos, senti que eu não queria estar envolvido como perito dos prós ou dos contras. Talvez, com tudo que aconteceu, Vietnã e Watergate, os repórteres de hoje tivessem mostrado mais resistência”.

Em seu entusiasmo para aceitar o Relatório Warren, a imprensa deixou de descobrir que entre os mais importantes críticos do estudo estavam alguns de seus próprios autores, entre os quais os senadores Richard Russell e John Cooper, e o banqueiro e diplomata John McCloy, cujo ilustre currículo lhe valia o apelido criado pela mídia de “presidente do *establishment* da Costa Leste”. Esses três membros da comissão expressavam profundo ceticismo quanto à teoria da bala única — a precária tese de que JFK e o governador Connally teriam sido atingidos pela mesma “bala mágica”, e a qual sustentava toda a proposição de que houvera apenas um atirador. Russell, contudo, foi quem especialmente manifestou incômodo quando a comissão procurou uma ilusória unanimidade de opinião.

LBJ havia obrigado o relutante Russell a entrar na Comissão Warren, sentindo que seu velho mentor do Senado iria trazer prestígio ao júri e confiando que ele seria

capaz de trabalhar sem alardes com a CIA, já que Russell era um dos senadores responsáveis por supervisionar a agência. “Você é meu homem [naquela comissão]... ponto final”, declarou Johnson, encerrando as negociações com o venerável senador da Geórgia. Mas Russell ficaria incomodado com seu serviço na comissão pelo resto da vida. Entrou nela acreditando que os tiros da Dealey Plaza resultavam de uma conspiração, e saiu de lá com a mesma suspeita, apesar das tranquilizadoras conclusões do júri.

À medida que a comissão caminhava rumo a sua meta de relatório unânime, Russell se distanciava. Durante uma sessão executiva de 18 de setembro, dez dias antes que o relatório final fosse publicado, o senador obrigou a comissão a incluir uma retratação declarando que a possibilidade de que Oswald tivesse cúmplices “não podia ser rejeitada categoricamente”. Sem que Russell tivesse sido informado, o conselheiro-chefe Lee Rankin mais tarde apagou a retratação dos registros da comissão, para remover qualquer sinal de discórdia dentro do júri. Mas o legislador se manteve fiel às suas suspeitas. Em janeiro de 1970, sofrendo do câncer de pulmão que iria matá-lo menos de um ano depois, Russell deu uma última entrevista à Cox Television, baseada em Atlanta, na qual expôs suas dúvidas sobre o Relatório Warren. Ele “nunca acreditou que Lee Harvey Oswald tivesse assassinado o presidente Kennedy sem pelo menos ter recebido algum apoio de outros”, disse Russell. “E é o que a maioria da comissão queria descobrir. Acho que alguém mais trabalhou com ele no planejamento.”

\* \* \*

Talvez o cético mais surpreendente em relação ao Relatório Warren tenha sido o homem que convocou a comissão,

levando-a à sua tranquilizadora conclusão — ninguém menos que o presidente Lyndon Johnson. Trabalhando em estreita colaboração com J. Edgar Hoover — junto ao qual, com o decorrer do tempo, desenvolvera uma relação pragmática e que servia aos interesses de ambos —, LBJ havia se empenhado na solução do caso. “A coisa com que mais me preocupo [...] é que publiquemos algo que possa convencer o público de que Oswald era o verdadeiro assassino”, disse Hoover a Johnson em uma conversa telefônica dois dias após o assassinato, e que também correspondia aos sentimentos do novo presidente.

Mas, em particular, Lyndon Johnson estava obcecado por Dallas. Logo depois do assassinato, quando ainda estava no Parkland Hospital, LBJ começou a especular sobre uma conspiração, e manteve suas suspeitas até morrer. Com o decorrer dos anos, mudou de opinião sobre os culpados do assassinato, às vezes dirigindo suas suspeitas a Cuba, às vezes à CIA, de acordo com a pessoa para a qual expressava seus pensamentos. Parecia haver alguma estratégia por trás de suas especulações.

Deke DeLoach, o intermediário entre Hoover e a Casa Branca, afastou os sombrios pensamentos do presidente como parte de seu trabalho para convencer que o Relatório Warren estava certo. Mas Dick Helms, outra testemunha das receosas divagações de Johnson, talvez tenha feito uma leitura mais acurada do presidente: estava dando linha e queria ver quem morderia a isca. “Eu não sei se [ao falar sobre uma conspiração] ele se comportava apenas como um pescador que dá uma pequena puxada no anzol para ver se algum peixe vai morder, ou se ele realmente acreditava nisso”, comentou o chefe da espionagem. A relação entre os dois todo-poderosos era cercada de segredos. Em 1966, Johnson finalmente atribuiu a Helms o

cargo principal da CIA que este cobiçava havia muito tempo. Contudo, parecia existir pouca confiança entre eles. Quando Johnson perguntou a Helms se a CIA havia conspirado para assassinar dirigentes estrangeiros, o oficial negou categoricamente. Helms acreditava que certos assuntos estavam acima do cargo de presidente.

As suspeitas de Johnson sobre a morte de Kennedy sempre pareceram misturadas ao temor por sua própria segurança. No Parkland Hospital, ele pediu ao assessor de imprensa da Casa Branca, Malcolm Kilduff, que adiasse o anúncio da morte de Kennedy até que ele tivesse voltado a bordo do Air Force One. “Não sabemos se há uma conspiração mundial, se estão atrás de mim também como estavam atrás do presidente Kennedy”, disse a Kilduff. Mais tarde, no avião presidencial, o medo de Johnson se transformou por alguns instantes em pânico verdadeiro. Ao procurar LBJ para obter sua autorização para decolar, o brigadeiro Godfrey McHugh, assessor da Força Aérea de Kennedy, achou-o “escondido no toalete... murmurando: ‘Conspiração, conspiração, estão atrás de nós todos!’.”

Depois de se mudar para a Casa Branca, Johnson mostrou-se de novo agitado ao ver o tapete vermelho-sangue que Jackie havia mandado colocar no Salão Oval antes da viagem a Dallas. “Isso lhe recordava que o presidente havia sido assassinado, e ele mandou trocar o tapete por um com o selo da presidência”, lembrou-se DeLoach. Johnson não confiava no Serviço Secreto para proteger sua vida depois de Dallas, e exigiu que o FBI cuidasse de sua segurança mesmo que isso não fizesse parte de suas atribuições oficiais. “Para ser honesto, Mike”, disse LBJ ao líder da maioria no Senado, Mike Mansfield, em uma conversa telefônica de setembro de 1964 gravada pelo sistema de escuta do Salão Oval, “— e não quero que isso seja contado

a ninguém —, a meu ver, é mais provável que eles provoquem a minha morte do que me protejam.”

DeLoach simpatizou com as preocupações sobre segurança de Johnson, porém rejeitou educadamente seu pedido. “Ele não era covarde”, insistiu o oficial do FBI, embora fosse exatamente o que Bobby Kennedy achasse dele desde que testemunhara o vacilante depoimento de Johnson durante a Crise dos Mísseis de Cuba. “O presidente era um homem muito corajoso. Era muito forte, mas queria essa proteção complementar [...]. Por exemplo, ele me chamava, pedindo que eu colocasse um agente do FBI no Air Force One em quase todas as viagens. Muitas vezes, ele queria que eu fosse pessoalmente, eu não podia abandonar minhas responsabilidades para cuidar dessas missões e, diplomaticamente, eu o avisei disso.”

De vez em quando, Johnson preocupava DeLoach ao voltar a falar sobre a violenta morte de Kennedy e as especulações sobre “quem pode ter feito isso”. O homem do FBI fazia o possível para assegurá-lo de que seu temor de uma conspiração era infundado. “Ele perguntou se podia ter sido a CIA, e eu disse: ‘Não, senhor’. E ele mesmo não acreditava nisso, estava apenas especulando. ‘Podia ter sido Castro? Podia ter sido a União Soviética?’ E eu respondia que não, que a investigação havia sido muito cuidadosa, e que a Comissão Warren havia confirmado as conclusões do FBI de que não existia conspiração e que aquilo fora feito por Lee Harvey Oswald — e só por Oswald.”

Mesmo assim, o homem de Hoover na Casa Branca não conseguiu acalmar o presidente. Depois que Johnson saiu do cargo, em 1969, já quase destruído, os historiadores iriam concluir que ele havia sido vítima da Guerra do Vietnã. Mas, como observou Max Holland, um estudioso perito nas gravações de LBJ na Casa Branca, “o assassinato pesou nele

tanto quanto a guerra”. De volta a seu rancho no Texas, bebendo e fumando muito apesar dos problemas no coração, Johnson continuou especulando sobre o sombrio trauma que lhe dera como terrível presente a presidência dos Estados Unidos. Em uma entrevista de 1969 com Walter Cronkite, da CBS, ele levantou a possibilidade de uma conspiração internacional, mas logo tentou engavetar essa ideia perturbadora, pressionando a CBS para fazer cortes na entrevista por motivos de “segurança nacional”. Mesmo assim, Johnson não conseguia conter seus pensamentos inquietantes.

Um dia, descansando na piscina de seu rancho, ele voltou a falar sobre Dallas com o guarda do Serviço Secreto Mike Howard, por saber que este tinha algumas conexões com o caso.

“O que acha desse Oswald?”, perguntou Johnson a Howard.

O homem do Serviço Secreto respondeu ao ex-presidente no melhor estilo oficial: era um “jovem perturbado que tinha delírios de grandeza”.

“Então, você acha que ele agiu sozinho?”, perguntou LBJ.

“Com certeza”, disse Howard.

Johnson semicerrou os olhos sob o sol ao olhar para o agente. “Hã, hã.” Foi tudo o que disse.

Historiadores consideravam que não se devia dar muita importância às sombrias especulações de Lyndon Johnson sobre Dallas, já que sua mente era tomada de tendências conspiratórias. Porém, ele não era o único, nos círculos do poder em Washington, a ter suspeitas. Um dos fatos mais surpreendentes e pouco conhecidos sobre esse capítulo da história americana é perceber quantos na elite política acreditavam que Kennedy havia sido vítima de uma conspiração. Enquanto os membros da classe dirigente do

país — a começar pelo presidente Johnson — cochichavam entre si sobre uma conspiração, esses mesmos líderes trabalhavam sem trégua e em colaboração com a mídia para acalmar os temores do público.

As suspeitas de LBJ sobre o envolvimento do regime de Castro em Dallas foram alimentadas por McCone e Helms, ambos da CIA. Contudo, não se sabe com certeza se ele acreditou neles. Abe Fortas — o assessor jurídico de confiança a quem Johnson pediu que examinasse cuidadosamente o Relatório Warren e lhe fizesse um resumo — estava entre os que no círculo íntimo do presidente tentavam jogar panos frios sobre essa teoria. A CIA e o embaixador dos Estados Unidos no México, Thomas Mann — um simpatizante linha-dura da Guerra Fria que vinha da United Fruit Company, ligada à CIA —, começaram a tentar convencer LBJ, logo após o assassinato, da veracidade da história segundo a qual Oswald era agente de Castro. Mas Hoover, que Johnson considerava uma fonte mais confiável da inteligência, informou ao presidente que as provas fotográficas e de áudio que a CIA estava utilizando para comprovar que Oswald havia visitado as embaixadas cubana e soviética na Cidade do México haviam se revelado falsas — uma preocupante informação que, como ambos os homens com certeza reconheceram, apontava diretamente para a própria CIA.

Johnson tinha consciência de que estava sendo empurrado para uma guerra contra Cuba por forças de dentro de seu próprio governo. A Comissão Warren ia se tornar sua maneira de evitar o confronto militar que, como ele sabia, poderia levar à guerra nuclear. Como se sabe, Johnson quebrou a resistência de Earl Warren em aceitar a presidência da comissão anunciando uma visão cataclísmica do futuro, caso a histeria sobre o “complô vermelho” não

fosse combatida — sua descrição de um mundo em chamas com quarenta milhões de pessoas mortas levou o magistrado de 72 anos às lágrimas. Não se tratava, porém, de outra atuação melodramática de Lyndon Johnson. O presidente de fato acreditava que existia esse risco.

“Depois de ouvir as conversas que Johnson teve com Warren e Russell, você acaba percebendo que a comissão não foi criada para procurar a verdade sobre o assassinato”, comenta James Galbraith, historiador político, na Escola de Assuntos Públicos Lyndon B. Johnson da Universidade do Texas. “Mesmo assim, tinha um objetivo muito alto, que era proteger Johnson da extrema-direita, impedir que ele se visse precipitado em uma guerra nuclear. Foi um risco assombroso que muitas noites impediu Johnson de dormir enquanto durou sua presidência.”

Lyndon Johnson era um mestre do poder de Washington, astuto demais para não perceber o empenho das forças obscuras que o haviam levado a ocupar a Casa Branca. A sombra que pairava sobre sua ascensão ao glorioso cargo o incomodaria para sempre. Robert Kennedy não foi a única pessoa a ficar atormentada em Washington depois do assassinato. “Johnson também sentia o peso de muitos sentimentos de culpa”, observou Katzenbach. Para começar, o odioso crime que havia acontecido em sua cidade natal. “Entre todos os lugares do mundo”, comentou Katzenbach. “Johnson sabia que era o tipo de coisa que dava vazão a qualquer rumor.”

Robert Kennedy e Lyndon Johnson eram lendários antagonistas. Eles se evitavam com desconfiança, cheios de emoções feridas e ressentimento acachapante. Mas ironicamente compartilhavam as mesmas suspeitas quanto aos acontecimentos de Dallas. A única maneira de extrair a verdade do governo teria sido que essas duas formidáveis

personalidades juntassem suas forças para exigí-la. Mas, considerando-se a falta de química e a predileção que ambos tinham pelo segredo, era pedir o impossível.

Os irmãos de armas de Kennedy, sob a liderança de Bobby, também permaneciam em silêncio em relação a Dallas. Viam RFK como o futuro rei, convencidos de que sua sucessão era inevitável. Enquanto isso, esperavam. Sempre esperavam por Bobby.

Nos bastidores do estúdio do Channel 9, em Los Angeles, Arthur Schlesinger estava sendo demaquilado depois da entrevista que concedera ao âncora do canal local, Stan Bohrman, para seu programa de entrevistas da tarde. Bohrman perguntara a Schlesinger se ele aceitaria encontrar um pesquisador de Los Angeles chamado Ray Marcus, que havia trazido algumas provas relativas ao assassinato para lhe mostrar. Era 1967, e as teorias de conspiração sobre Dallas começavam a aparecer. O próprio Schlesinger por muito tempo se mostrara cético em relação à conclusão da Comissão Warren de um atirador solitário, e até pedira a reabertura do caso. Mas não se juntara ao grupo dos que acreditavam em uma conspiração. Mesmo assim, o historiador da corte de Kennedy concordou em encontrar Marcus, que estava esperando para vê-lo em uma sala adjacente.

Ray Marcus, que na época tinha quarenta anos, era uma figura respeitada entre os críticos da Comissão Warren. Dirigira um pequeno negócio, distribuindo cartazes de “Proibido pisar na grama” e outros do tipo para varejistas, mas resolveu deixá-lo nas mãos de um sócio de confiança, consagrando bastante tempo ao caso. Nas décadas seguintes, cidadãos dedicados como Marcus iriam se tornar blogueiros especializados no grande mistério do

assassinato. Alguns eram delirantes — ou até totalmente malucos — em sua devoção ao caso; outros, como Marcus, tinham bases sólidas. Ele havia descido até a “toca do coelho”, como alguns pesquisadores chamaram o labirinto de sua obsessão, desde o primeiro dia. “Sempre fui repórter, e estava grudado na tela da televisão no dia 22 de novembro”, lembrou-se ele. “Quando começaram a dizer que Oswald havia agido sozinho, eu soube que estavam mentindo ou dizendo algo que ainda não podia ser provado naquele momento.”

Trabalhando na época pré-internet, Marcus produziu monografias sérias e bem documentadas sobre o assassinato, que ele próprio publicou e distribuiu. Também examinou de perto o Relatório Warren e as provas fotográficas da Dealey Plaza, recortando imagens do filme de Zapruder que foram publicadas na revista *Life* e transformando-as em uma apresentação fotográfica de um metro e vinte para demonstrar graficamente que JFK havia recebido tiros de mais de uma direção.

Assim como outros críticos do assassinato, Marcus estava atormentado pela ideia de que o povo americano tivesse sido enganado pelo governo, pelo sistema judiciário e pela mídia. O Relatório Warren, declarou ele na época, era “o documento mais maciçamente fraudulento já entregue a uma sociedade livre”. Marcus reconheceu que sua análise fotográfica podia ser “completamente não científica. Porém, minha resposta aos que dizem ‘você não é perito’ é ‘onde estão os peritos?’”.

Marcus achava importante que os cortesões do presidente Kennedy vissem suas provas fotográficas, e se esforçou para contatá-los. Quando Bohrman, que conhecia seu trabalho, propôs-se a apresentá-lo a Arthur Schlesinger, ele não desperdiçou a chance.

Mas quando Schlesinger entrou nos bastidores do Channel 9, não estava preparado para o que veria. Depois de apertar a mão do historiador, Marcus dirigiu sua atenção para a apresentação de fotografias que ele havia organizado em uma mesa. Entre as ampliações, estava a famosa imagem 313, em que o crânio do presidente Kennedy explode em um halo de sangue. Schlesinger ficou visivelmente pálido ao olhar para as fotos. Imediatamente, desviou o olhar. “Não posso olhar e não vou olhar”, disse ele. Isso pôs fim à conversa. Schlesinger saiu do estúdio, e Marcus nunca mais o viu.

“Não posso olhar e não vou olhar” — era o resumo perfeito da atitude em relação ao horror de Dallas que se difundira no círculo de Kennedy. Muitos dos homens do presidente tinham dúvidas em relação ao Relatório Warren, mas não conseguiam demonstrar coragem política e emocional para abraçar o caso. Em vez disso, esperavam por Bobby. E enquanto esperavam, refletiam sobre o indescritível crime.

Courtney Evans, o agente do FBI que tinha a tarefa não invejável de servir de intermediário entre RFK e Hoover, lembrou-se das intensas conversas sobre Dallas que ocorreram na confraria do Departamento de Justiça de Kennedy. Evans estava inclinado a acreditar que Oswald havia agido sozinho, mas nem todos concordavam. “Ainda acredito que Oswald tenha sido o assassino, um homem que havia sucumbido à influência de certos grupos e ideias”, disse Evans. “Com a velha turma do Departamento de Justiça — Katzenbach, Ramsey Clark — costumávamos falar sobre isso, o assunto sempre vinha à tona toda vez que nos encontrávamos. Havia uma ambivalência dentro do grupo sobre quem seria responsável pelo assassinato. Mas, de

fato, não havia como provar que tinha sido uma conspiração.”

Por que a elite do Departamento de Justiça — os jovens e agressivos promotores, antigos jornalistas investigativos e homens leais do FBI como Evans — não usou seu formidável talento para resolver o caso? Evans disse que estava sendo restringido por seu chefe. “Hoover me deixou o mais longe possível da Comissão Warren. Assegurou-se de que eu estivesse ocupado com outras tarefas. Claro, nada por escrito — as coisas eram expressas verbalmente, de maneira sutil.”

Evans era um dos poucos homens do FBI que havia claramente transferido sua lealdade para os Kennedy. “Senti que os Kennedy estavam tentando fazer um trabalho maravilhoso pelo país”, disse ele. “O presidente Kennedy acreditava que devíamos mudar o rumo da nação.” Contudo, depois da posse de LBJ, percebendo que não tinha futuro no FBI de Johnson, Evans se demitiu de suas funções junto ao governo. “Sem dúvida, eu estava desiludido com Hoover e o birô. Ele teria me mandado para Anchorage. Era evidente que eu não estava indo a lugar nenhum dentro do FBI. Publicara-se que Hoover sabia que Kennedy ia substituí-lo no segundo mandato — talvez ele tenha descontado em mim.”

Apesar das bem conhecidas tensões entre RFK e Hoover, a equipe do procurador-geral contava com o FBI para investigar o assassinato. Segundo o antigo promotor contra o crime organizado, Ronald Goldfarb, nem mesmo Ruby, que tinha vínculos com a máfia, parecia preocupado com isso. “Você precisa voltar àquela época”, disse ele. “Era um momento em que acreditávamos no governo, antes do Watergate e toda aquela coisa.” E assim como todo mundo no círculo de Kennedy, os promotores de Bobby seguiam

seu comando. “Lembro-me de pessoas dizendo: ‘Quem tem mais motivos do que Robert Kennedy para pegar o assassino de seu irmão?’”, lembrou-se Goldfarb.

Para sua equipe do Departamento de Justiça, parecia que Bobby havia delegado a investigação do assassinato a Herbert “Jack” Miller, o chefe da Divisão Criminal do departamento. Porém, Miller insistia em dizer que “Bob não nos pediu nada — ele sabia muito bem que íamos cuidar do assunto”. Miller disse que ele e sua equipe investigaram a possível conexão da Máfia com Dallas. “Vasculhamos todas as possibilidades, mas não encontramos nenhuma prova.”

Alguns promotores de Kennedy se perguntavam por que Miller estava tomando a liderança da investigação. Ele não parecia ser o tipo de buldogue que Bobby poria para farejar as sarjetas — e as suítes — do país para encontrar os assassinos de seu irmão. Republicano de longa data, Miller havia sido extirpado por Bobby do rico mundo do direito empresarial de Washington devido a sua experiência profissional, que incluía desavenças com o Teamsters. Depois de sua passagem pelo Departamento de Justiça, Miller retomaria suas lucrativas atividades jurídicas, representando clientes tão importantes quanto Richard Nixon, para o qual obteve um indulto presidencial.

“Se Bobby quisesse saber a verdade, sei quem ele teria escolhido”, disse Goldfarb. “Teria escolhido Walter Sheridan. Porque confiava nele, era um homem forte e eles se conheciam havia muito tempo.”

O que Goldfarb e outros advogados do Departamento de Justiça não sabiam era que Kennedy de fato havia pedido a Sheridan — em segredo — que investigasse o crime. Mas os dois amigos próximos estavam esperando o momento certo, até que Kennedy tivesse o poder político para fazer uma investigação oficial.

Já que Bobby mantinha caladas suas suspeitas sobre Dallas, seu círculo de colegas e amigos só podia elaborar opiniões próprias sobre o crime. James Symington, ex-assistente administrativo de Kennedy, estava trabalhando no escritório de advocacia de Abe Fortas, em Washington, na época do assassinato. Fortas, que havia sido encarregado da revisão do Relatório Warren por seu amigo de longa data e cliente Lyndon Johnson, delegou a tarefa a seu jovem colaborador, jogando o maciço volume sobre sua mesa com um baque. “Nunca falei com Bob sobre o assassinato”, disse-me Symington. “Eu não fazia parte de seu círculo íntimo. Porém, tive que ler o Relatório Warren inteiro antes que fosse publicado, e, para mim, parecia ser um esforço de pessoas que estavam ansiosas para encerrar o caso sem examinar todos os cantos e recantos. Era longo e pomposo, e focava principalmente o passado de Oswald, mostrando que ele havia agido sozinho. Porém, nunca cheguei a pensar que... que ele agira sozinho. Pela maneira como as balas atingiram Kennedy e porque para mim a motivação de Oswald não estava clara. Por que diabo ele faria aquilo? Nunca foi apurado. E havia a situação totalmente inacreditável de que Jack Ruby teria se aproximado dele na delegacia para matá-lo. Como se quisesse se assegurar que ele nunca ia falar. Havia coisas demais sem explicação.”

Nick Katzenbach é um dos veteranos do Departamento de Justiça que defendeu constantemente o Relatório Warren no decorrer dos anos. “Acho que a Comissão Warren verificou as informações”, disse-me ele quando o entrevistei. “Não tenho dúvida nenhuma.” Contudo, até Katzenbach concorda que existem falhas na investigação oficial. Em seu testemunho de 1978 perante a Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos, criticou

duramente a maneira como a CIA e o FBI haviam manipulado a comissão. “Cooperação?”, riu amargamente em determinado momento. “Não acredito que o termo seja apropriado. É inacreditável ver quantas coisas esconderam da comissão.” Katzenbach ficou pasmo ao ver como Allen Dulles — sobre o qual disse que era “obviamente o espião da CIA na comissão” — escondeu informações cruciais do júri de dignitários, como, por exemplo, os complôs entre a CIA e a Máfia. No que diz respeito ao papel do FBI na investigação, Katzenbach testemunhou que “Hoover estava impossível naquela época. Seu verdadeiro talento consistia em passar por cima das pessoas e esconder informações valiosas para o processo”. Hoje, Katzenbach até supõe que Oswald possa ter sido apoiado por outros. “Tenho tanta certeza quanto é possível de que não houve outro tiro”, disse-me ele, caracterizando de “idiotices”, as opiniões contrárias. “Mas não é idiotice especular que havia alguém por trás de Oswald... Eu quase apostaria nos cubanos [anticastristas]. Se eu tivesse que escolher, apontaria uma dessas três possibilidades”, disse ele, referindo-se à CIA, à Máfia e aos eLivross cubanos. “Eu diria que os cubanos eram provavelmente os que tinham o pior conceito.”

A dúvida e a confusão sobre o assassinato também reinavam nos círculos de Kennedy fora do Departamento de Justiça. Em uma entrevista para um jornal, o ex-assessor de imprensa da Casa Branca, Malcolm Kilduff, assentou sua respeitabilidade ao seguir a linha obrigatória de ataques violentos às teorias de conspiração, qualificando-as de “lixo”, porém expressou profundo ceticismo sobre a bala mágica do Relatório Warren. Fred Dutton, secretário de gabinete de JFK e mais tarde diretor da campanha de bastidores de RFK na disputa presidencial de 1968, disse-me pouco tempo antes de morrer, em 2005, que

concordava com a descrição que Bobby fizera do Relatório Warren como um trabalho de relações públicas. Dutton tinha certeza de que “havia mais fatos para o processo do que obtivemos, e não sei o que eram”. Segundo seus filhos, Larry O’Brien — o astuto intermediário de JFK no Congresso — e o prefeito de Chicago Richard Daley — importante aliado político de Kennedy — também suspeitavam que tivesse havido uma conspiração. “Eu considero meu pai como um dos que tinham bastantes suspeitas da versão Warren”, revelou Bill Daley.

Entretanto, nenhum antigo oficial do governo Kennedy criou um escândalo público sobre Dallas. Acabou se tornando claro que, para quem quisesse manter sua boa reputação nos círculos social e político de Washington, não era uma atitude inteligente dizer algo impensado sobre o assassinato. Essa posição política era expressa como a coisa certa para o bem do país, para ajudá-lo a seguir em frente. “Acho que ele aceitou o Relatório Warren, mas será que acreditava nele? Essa é outra questão”, disse Carol Bundy, filha do falecido William Bundy, parte da fraternal dupla de intelectuais bem-nascidos que eram conselheiros em política internacional do presidente Kennedy. “Acho que ele pensou que era para o bem da nação: é o que deduzimos, e agora precisamos seguir adiante. Quando eu tocava no assunto, ele dizia que havia certamente muitas provas que não conhecíamos, mas isso não queria dizer necessariamente que se tratasse de um complô. A questão era estabilizar o país depois do assassinato: vamos em frente com a carruagem do Estado.”

Apesar de seus vínculos afetivos com a família Kennedy, Robert McNamara seguiu a mesma atitude prática de outras figuras do *establishment*, como Bundy. Será que o Relatório Warren estava certo? “Bem, você sabe, a resposta é que

não me esforcei para tentar descobrir”, informou-me McNamara. “A resposta é que acredito que é a [explicação] mais provável. Simplesmente não sei.” Em seguida, ele riu — um riso estranho, incomodado. Então, para ele, o caso estava encerrado? “Sabe, foi uma perda terrível. Acho que hoje o mundo seria diferente se os dois Kennedy não tivessem sido assassinados. Porém, aconteceu. Não há nada que eu possa fazer a respeito disso.”

Arthur Schlesinger teve mais dificuldade para conter seus sentimentos sobre o assunto. Apesar de ter declarado a Marcus que não queria mais voltar a tudo aquilo, ele o fez várias vezes no decorrer dos anos. Conversou com Bobby a respeito disso; havia lido livros sobre o assassinato. Anos depois, até aprovou de forma ponderada um dos melhores livros sobre o assunto, *Conspiracy* (mais tarde, reeditado sob o título *Not in Your Lifetime*), do jornalista investigativo Anthony Summers. Mas, em público, ele se contentava em se declarar “agnóstico” sobre se Oswald havia agido sozinho ou não. Foi uma posição que até sua própria esposa achou inadequada. Durante uma conferência em Havana em março de 2001 para comemorar o quadragésimo aniversário do episódio da Baía dos Porcos, o produtor de filmes e ex-redator de discursos Eric Hamburg sentou-se ao lado da esposa de Schlesinger, Alexandra. Em determinado momento, ela surpreendeu Hamburg ao se debruçar e olhar para seu exemplar de “ZR”: *O rifle que matou Kennedy*, um livro sobre a conspiração Kennedy escrito pela jornalista brasileira Claudia Furiati que se apoiou bastante nos arquivos da inteligência cubana. “Eu tinha um exemplar”, disse ela, “mas o perdi. Tenho certeza de que esse livro está certo. Tenho convicção absoluta de que houve uma conspiração.” Então Alexandra Schlesinger acenou com a

cabeça em direção a seu marido e sussurrou em tom confidencial: “Ele é agnóstico, mas eu não”.

Não obstante, a esposa de Schlesinger deixou claro que tinha problemas com uma das acusações de Furiati — sua alegação, atribuída ao Departamento de Segurança do Estado de Cuba, de que Richard Helms era “o principal autor” do complô de assassinato. “Não posso acreditar no trecho sobre Dick Helms”, disse ela para Hamburg. “Era um de nossos amigos. Jogávamos tênis com ele.”

A imbricação das relações entre o círculo dos Kennedy com o grupo da CIA de Georgetown impediu que muitos deles dessem esse formidável salto e concluíssem que o assassinato de JFK era resultado de — assim como o de Júlio César — fogo amigo. Alguns dos homens de Kennedy, entre os quais Schlesinger, conheciam oficiais da CIA, como Helms, desde a época em que haviam estado juntos na OSS. Alguns tomavam martíni com eles nos salões de Joe Alsop. Outros jogavam tênis com eles. Ou então eram vizinhos.

Marie Ridder, amiga de longa data de Kennedy — que participara de festas em Georgetown com o jovem Jack antes que ele se casasse (“Sou a única pessoa que conheço”, graceja ela, “que saiu com Jack e a quem ele não fez nenhuma proposta!”) —, está entre os que não conseguem suspeitar da CIA. Corajosa ex-repórter do jornal *Knight-Ridder* e viúva do editor Walter Ridder, Marie Ridder vive hoje uma aposentadoria ativa em uma casa de madeira banhada de sol, situada em um verdejante penhasco que domina o rio Potomac. Ela me recebeu vestindo calça e blusa amassadas, acabando de voltar do jardim, e me ofereceu uma sopa fria de azedinha, além de hambúrgueres, no pátio atrás de sua casa, lembrando-se dos Kennedy e de seus velhos amigos de Georgetown.

“Claro, Jim Angleton era um tipo de gênio do mal”, comentou Ridder em determinado momento. “Mesmo assim não acho que ele tenha se envolvido no assassinato do presidente. Com certeza, não. Ele era dono desse terreno aí”, disse, mostrando uma casa com um luxuriante jardim ao lado. “Era um jardineiro fabuloso. E, me desculpe, mas alguém que seja exímio jardineiro não vai assassinar um presidente.”

E Helms? “Helms era um homem muito doce e bem-intencionado”, disse Ridder. “Ele não teria participado de uma conspiração de assassinato”, acrescentou, ignorando seu confesso papel nos complôs contra Castro.

Com outros íntimos de Kennedy, o mesmo assunto do assassinato é um campo minado emocional que deve ser atravessado com cautela. Quando o crime entrou na pauta, Theodore Sorensen logo deixou claro que ainda era doloroso demais para que ele pudesse pensar nisso, mesmo quarenta anos depois. O entrevistador não podia insistir sem se sentir sádico. Os chamados “homens da Nova Fronteira”, como Sorensen, estão hoje no outono da vida; eles tiveram uma vida longa, repleta de acontecimentos. Porém, nada os nutriu com tamanho senso de propósito quanto o tempo que passaram com Jack e Bobby Kennedy. Seus olhos se encheram de lágrimas no momento em que reviveram aqueles dias, quando eram os jovens escolhidos e estavam mudando o mundo, antes que algo fosse arrancado de seu coração.

Assim como Schlesinger, Sorensen se disse “agnóstico” em relação a Dallas. “Nunca vi prova formal que contradissesse a conclusão da Comissão Warren de que Oswald agira sozinho”, disse-me ele, deixando claro que preferia mudar de assunto.

Sorensen parecia sentir o peso da carga de melancolia da história. Ele sabia que John F. Kennedy vivera por um propósito; mas não conseguia acreditar que ele havia morrido por um. “É muito doloroso. Veja bem, existem emoções em ambos os lados. Se eu tivesse como saber que alguém que foi meu amigo durante onze anos morreu como um mártir por uma causa, que houve uma razão, algum propósito para sua morte — e que não foi apenas um atirador de elite maluco —, então acho que o mundo inteiro se sentiria melhor. O valente John F. Kennedy, com suas posições ousadas, foi até o Texas sabendo que era um território hostil, e acabou sendo morto. Porém, acho que, por enquanto, isso não passa de uma extravagante teoria, e mesmo que ela seja reconfortante, não vou abraçá-la, porque não existem provas disso.”

Mas Kenny O’Donnell — o vigilante cão de guarda de Kennedy, o assistente politicamente astuto da Casa Branca que tinha a maior influência sobre o presidente — viu evidências de uma conspiração. Ele viu o que aconteceu em Dallas com seus próprios olhos, e isso iria atormentá-lo pelo resto da vida. Entre todas as histórias de irmandade de Kennedy, a de Kenny O’Donnell parece ser a mais triste.

Kenny O’Donnell e seu velho amigo da máfia irlandesa, Dave Powers, foram testemunhas oculares da história no dia 22 de novembro de 1963. Vindo imediatamente atrás da limusine presidencial, no carro de apoio do Serviço Secreto, os dois homens viram tudo o que aconteceu naquele dia. Antes que o comboio começasse a se mover, JFK — como sempre atento aos detalhes políticos — lhes pediu que ficassem no carro seguinte ao dele para poderem observar as reações da multidão em relação a ele e Jackie. Ambos os homens nunca esqueceram o que viram naquela tarde.

Quando os tiros foram disparados, Powers deixou escapar: “Kenny, acho que o presidente foi atingido”. O’Donnell fez um rápido sinal da cruz. Enquanto os dois homens olhavam atentamente para o homem que haviam amado e servido desde que era um delgado jovem candidato ao Congresso, um último tiro “arrancou a lateral da sua cabeça”, lembrou-se O’Donnell mais tarde. “Vimos pedaços de ossos, tecido cerebral e tufo de seu cabelo ruivo voarem pelo ar. O impacto o levantou e o sacudiu flacidamente, como se ele fosse um boneco de pano, e então ele desapareceu de nossa vista, estendido no assento traseiro do carro. Eu disse a Dave: ‘Ele está morto’.”

O’Donnell e Powers, ambos veteranos da Segunda Guerra Mundial, ouviram com clareza pelo menos dois tiros vindos da pequena colina coberta de grama situada em frente ao carro. Porém, quando mais tarde contaram isso ao FBI, foram informados de que deviam estar enganados. Foram pressionados a mudar sua história porque, do contrário, poderia ser muito prejudicial para o país. Assim, O’Donnell mudou seu depoimento para que se adequasse à versão oficial, testemunhando perante a Comissão Warren que os tiros haviam vindo “da traseira à direita” — a direção do School Book Depository. Powers, contudo, não conseguiu modificar totalmente sua versão. Embora os empregados da Comissão Warren que pegaram seu depoimento tenham tentado interrompê-lo várias vezes, Powers insistiu em dizer que “tinha a fugaz impressão de que o barulho parecia vir da frente” assim como de trás — o que provavelmente explica por que Powers não foi convidado a testemunhar perante a comissão, como foi o mais ameno O’Donnell.

Cinco anos depois do assassinato, O’Donnell confessou ao seu amigo, o congressista de Boston (e futuro presidente da Câmara dos Representantes) Tip O’Neill, o que havia

obedientemente escondido do público — que ouvira dois tiros vindos de trás da cerca da pequena colina coberta de grama. O'Neill, que estava jantando com O'Donnell e algumas outras pessoas no Jimmy's Harborside Restaurant, em Boston, ficou pasmo. “Não foi isso que você contou à Comissão Warren”, disse ele.

“Está certo”, respondeu O'Donnell. “Eu disse ao FBI o que eu havia ouvido, mas eles disseram que isso não podia ter acontecido dessa maneira e que eu devia estar imaginando coisas. Então, testemunhei do jeito que eles queriam. Não quero provocar mais dor nem problemas à família.”

“Não posso acreditar”, disse O'Neill. “Eu não teria feito isso nem em um milhão de anos. Teria dito a verdade.”

“Tip, você tem que entender. A família — todos queriam que essa coisa ficasse para trás.”

Pela versão de O'Neill — e a de Dave Powers, que sugeriu que Hoover em pessoa havia pressionado O'Donnell para que este mudasse seu depoimento —, fica claro que o FBI teve um papel-chave nessa fatídica distorção do relatório. Mas é igualmente óbvio que O'Donnell também respondia a sinais da família Kennedy, e isso só podia querer dizer seu amigo próximo Bobby, o homem com quem sua vida e sua carreira haviam se entrelaçado completamente desde que eram colegas de quarto em Harvard. O'Donnell, que era como um irmão para Bobby, extremamente leal, nunca teria mudado sua história sem primeiro verificar essa possibilidade com Kennedy. E Bobby fora claro ao dizer que não estava pronto para questionar em público a versão oficial do assassinato.

Independentemente dos motivos que o levaram a esconder a verdade sobre Dallas, a decisão tomada por O'Donnell pesou muito sobre ele. Os Kennedy haviam sido sua vida. Duro, taciturno e extremamente dedicado, ele

passara inúmeras horas na Casa Branca. Mas ria diante da ideia de que isso fosse um sacrifício. “Trabalho difícil, o cacete! Foi o melhor trabalho que já tive”, disse ele. Agora o homem que servira havia desaparecido. Ele queria que as balas o tivessem atingido, disse à sua esposa. E, em vez de ajudar a levar os assassinos à Justiça, estava enganando o país. “O assassinato foi o fim de sua vida”, disse-me seu filho, Kenny Jr. “Nunca mais ele foi o mesmo. Nenhum dos homens de Kennedy foi o mesmo. Mas ele ainda mais que os outros.”

O'Donnell também revelou a seu filho o que havia realmente testemunhado na Dealey Plaza. “Ele disse que houve tiros vindos de duas direções diferentes”, lembrou-se o filho de O'Donnell. E, diante dele, seu pai se queixou amargamente de sua experiência com a Comissão Warren. “Vou lhe contar agora mesmo”, disse ele, “eles não queriam saber”. O'Donnell chamou o inquérito de “a investigação mais inútil que já vira”. Pegando os registros de seu testemunho para mostrá-los a Kenny Jr., apontou para um trecho com desgosto e disse: “Veja, isso é ridículo — nem estavam procurando uma resposta para isso”. O'Donnell pode também ter sentido desgosto com sua própria atuação perante a comissão.

Nos meses que se seguiram a Dallas, O'Donnell se dedicou a ajudar Jackie. Desde o assassinato, os dois haviam se aproximado como velhos soldados. Enquanto voavam de volta para Washington naquele dia, os dois estavam manchados com o sangue de Jack. Kenny e Bobby encontraram conforto ao reunir amigos na casa da viúva, em Georgetown, e diverti-la com antigas histórias sobre Jack.

O'Donnell, entretanto, não conseguia deixar Dallas para trás. O que ele e Dave Powers haviam testemunhado

naquele dia continuava a remexer suas entranhas. O'Donnell sentiu acessos de náusea durante os seis meses seguintes. Powers começou a sofrer de violentas enxaquecas. A dor ficava localizada na mesma parte do crânio em que vira a bala atingir a cabeça de seu amigo. Ele não conseguia tirar o “repugnante som” de sua cabeça — como “uma *grapefruit* se esmagando contra uma parede”.

O'Donnell começou a beber. Quando os amigos o aconselhavam a ir devagar com a bebida, o homem cujo apelido era “A Cobra” os encarava com olhar frio e dizia: “Vão para o inferno e cuidem de sua própria vida”. Mas ele ouviu quando Jackie e Bobby o obrigaram a se sentar e conversaram com ele. “Deu certo”, observou sua filha, Helen. “Ele parecia querer voltar a ter a companhia dos homens.”

Kenny O'Donnell nunca se recuperou totalmente. “Ele viveu o resto da vida com o coração pesado”, disse seu filho. Duas vezes concorreu à indicação do Partido Democrata para governador de Massachusetts, em 1966 e 1970; porém, seu talento político era o de homem dos bastidores, não de candidato, e ele perdeu ambas as vezes. O assassinato de Bobby foi o golpe final. Kenny Jr. estava com seu pai na noite em que ouviu a notícia. Seu pai acabara de falar com Bobby por telefone sobre os resultados da primária na Califórnia. “Acabou”, disse-lhe seu pai após saber que a história havia se repetido. “Foi tudo que ele disse”, lembrou-se Kenny Jr. “Esse foi o fim absoluto.”

Quando O'Donnell morreu, em um hospital de Boston, em setembro de 1977, aos 53 anos, sua família solicitou que a causa da morte não fosse divulgada, e a imprensa relatou que ele havia morrido de uma doença do fígado. Não havia mais Bobby para lhe dizer que largasse a garrafa. Seu

serviço fúnebre se deu na St. Matthews Cathedral, onde ele escoltara o caixão de Jack catorze anos antes, caminhando lentamente pela Connecticut Avenue a partir da Casa Branca. Em um velório que aconteceu depois, no Mayflower Hotel, um político de Boston memorou seu falecido amigo. Sem os Kennedy, disse ele, “O’Donnell era a música sem a harpa”.

\* \* \*

Mais uma vez, Ed Guthman estava preocupado com a vida de seu amigo, Bob Kennedy. Era final de 1964. A campanha de Kennedy para o Senado estava em andamento, e em todo lugar a que ia, o candidato encontrava profundos motivos para se emocionar. As pessoas se amontoavam contra as barreiras da polícia, tentando tocá-lo. Brancos e negros; jovens e idosos; homens e mulheres. Era um apreço que ultrapassava os limites da política. Os americanos precisavam sentir que nem toda a esperança havia morrido no dia 22 de novembro. Aqui estava ele em carne e osso, uma lembrança viva de que o sonho de Kennedy não havia morrido. Depois de longos meses de luto, quando não havia mais certezas em relação ao país, a simples visão de Bobby despertava explosões de euforia.

Mas Guthman sabia que as paixões em relação a Bobby eram ambivalentes. Enquanto ele seguia rumo à campanha de Nova York, menos um guerreiro feliz do que um pálido penitente, Bobby também memorava lúgubres pensamentos. Guthman, que havia deixado o Departamento de Justiça para trabalhar na campanha para o Senado, ouviu falar das constantes ameaças de morte. O FBI ligava quase todas as manhãs com um novo alerta sobre o destino da campanha naquele dia. As ameaças eram reais? Hoover não

estava exagerando as ameaças para interromper a campanha ou fazer que seu birô parecesse mais vigilante do que era na proteção de seu companheiro de armas? Guthman levou as ameaças tão a sério que conversou com Jim King, o detetive do Departamento de Polícia de Nova York que viajava com a campanha. Ambos os homens sabiam que era inútil avisar Bobby; ele nunca deixaria que precauções de segurança ditassem os rumos de sua campanha. As pessoas precisavam tocar nele; ele precisava tocar as pessoas. Era a única coisa que parecia revivê-lo.

No dia 29 de setembro, a campanha passou por Rochester. Era a cidade natal de seu adversário republicano, o senador Kenneth Keating, que pleiteava a reeleição, mas, como sempre, a multidão para Kennedy era grande. Mesmo assim, Guthman percebeu que havia algo mais tenebroso.

Mais cedo, naquele dia, um homem com espingarda, que havia perguntado sobre a rota do comboio de Kennedy, foi detido pela polícia. (Soltaram-no depois que ele os convenceu de que era um caçador e estava regressando à casa, depois de passar na loja de armas, e estava tentando evitar o cortejo.) Mas Kennedy fez o que sempre fazia — foi visitar os bairros mais pobres e tomados pelo crime, entre os quais o gueto que havia sido cenário de tumultos em julho. Subiu no capô do carro para falar diante da multidão tensa e elétrica — sozinho, sem guardas. Em Rochester, ele lembrou às pessoas o que os Estados Unidos deveriam representar.

Era o dia seguinte à publicação do Relatório Warren, mas Bobby saiu da melancolia em que havia mergulhado quando, em uma coletiva de imprensa, pediram-lhe que explicasse as diferenças entre sua política internacional e a de seu oponente. Keating tinha uma agradável aparência paternal, de rosto vermelho e cabelo branco, com fama de

progressista em termos de direitos civis. Porém, tivera um papel provocativo durante a Crise dos Mísseis de Cuba, usando informações que vazaram da CIA para incitar os Kennedy a adotarem uma postura combativa. Naquele dia, Bobby disse à imprensa que apoiava uma forte presença militar. Mas, acrescentou em seguida, imediatamente que a façanha militar americana devia ser acompanhada de “força interna e sabedoria, e assim evitar o uso dessa força militar de maneira precipitada e indiscriminada”. Ele disse que no fim o comunismo seria derrotado unicamente “por meio de práticos programas progressistas para varrer a pobreza, a miséria e o descontentamento graças aos quais ele cresce”. E sugeriu que a verdadeira segurança nacional resultaria de um forte apoio às Nações Unidas — “a experiência mais nobre da humanidade” — e do fato de tirar dois bilhões de pobres de seu miserável destino. Por fim, declarou que os Estados Unidos obteriam o respeito do mundo somente se pusessem em prática, em casa, o que vinham pregando, defendendo princípios democráticos e trabalhando em prol da igualdade racial.

“Não podemos esperar que um africano acredite que somos a favor da igualdade e da dignidade do homem quando seu próprio embaixador não é servido em nossos restaurantes. Não podemos esperar que países com níveis de vida muito inferiores respeitem nossa crença na dignidade do homem se eles respeitam seus idosos e nós negligenciamos os nossos. Não podemos esperar que outras nações se juntem a nós para combater a pobreza se, em meio a uma riqueza sem precedentes, seis milhões de famílias vivem na pobreza.”

Ao dar vazão àqueles ideais da Nova Fronteira, RFK despertou do abatimento que sentira na véspera, como se tivesse sido reerguido pela crescente retórica de Jack. Mas

se Bobby estava conjurando o espírito do irmão, Guthman estava preocupado em manter esse Kennedy, que respirava e vivia, a salvo de qualquer dano físico. “Eu estava com ele naquele dia em Rochester”, lembrou-se ele, “e, para mim, era uma situação perigosa. Então fui ver os fotógrafos que estavam cobrindo a campanha e pedi que eles se juntassem em volta dele, para lhe darem alguma proteção.”

Considerando-se o clima político de hoje, é surpreendente que um grupo de profissionais da mídia tenha concordado em fazer isso — colocar-se na linha de fogo por um candidato. Mas foi exatamente o que os fotógrafos fizeram, disse Guthman. “Veja bem, *muitas* pessoas teriam levado um tiro por Bob Kennedy a qualquer momento.” Guthman também teria feito isso? “Com certeza, sem hesitar.”

A campanha de 1964 de Robert Kennedy para o Senado seguiu adiante carregada por uma onda de sentimento popular, um anseio que, como ele percebeu, tinha mais a ver com seu irmão do que com ele. Depois de um agitado dia de campanha, Guthman exultou com a clamorosa recepção que Kennedy tivera. “Nunca vi multidões como as que você está tendo, elas só podem ser um bom presságio”, disse ele a Bobby.

Kennedy então olhou para Guthman com expressão melancólica. “Você não sabe?”, disse ele. “Estão aqui por ele... estão aqui por ele.”

A disputa pelo Senado foi o primeiro passo decisivo de Kennedy para sua estratégia de reconquista da Casa Branca, onde, como havia jurado, ia prosseguir com as políticas de seu irmão. Mas o coração de Bobby não estava na campanha. Ele anunciara sua candidatura ao Senado no último momento, no dia 25 de agosto, após declarar dois meses antes que não pretendia concorrer. Sua decisão resultou de um exaustivo processo em que ele primeiro

considerou concorrer ao cargo de governador de Massachusetts (rejeitando finalmente essa opção pelo fato de que estaria pisando em território de seu irmão Teddy), deixando-se então incentivar por partidários a concorrer ao cargo de vice-presidente de Lyndon Johnson. Ambos os homens sabiam que seria algo desastroso, e LBJ convocou Kennedy à Casa Branca no dia 29 de julho para conhecer sua decisão oficial. O encontro foi profundamente estranho para ambos. Como Bobby contou mais tarde a Kenny O'Donnell, Johnson lhe disse que “queria um vice-presidente que pudesse ajudar o país, ajudar o partido, e assisti-lo... e concluiu que eu não podia ser essa pessoa”. Kennedy, que sabia que Johnson precisava estabelecer uma base política independente, aceitou a decisão com tranquilidade. “Ah, mas que diabo!”, disse rindo, depois de contar aos seus colegas do Departamento de Justiça o que havia acontecido. “Vamos formar nosso próprio país.” A partir daí, Bobby e seu círculo iam ser o “governo no exílio”, como gracejou primorosamente Ethel.

O estatuto de azarão de Kennedy foi destacado durante a convenção do Partido Democrata no final de agosto. Bobby anunciou sua candidatura ao Senado um dia antes que a convenção começasse, em Atlantic City, mas Johnson tinha tanto medo que seu rival suscitasse uma debandada de delegados com sua indicação para vice-presidente — ou até presidente — que tomou a iniciativa sem precedentes de mandar o FBI colocar Kennedy sob vigilância. Cartha DeLoach e uma equipe de trinta homens do birô se espalharam por toda Atlantic City para monitorar cada movimento do procurador-geral dos Estados Unidos — o homem que, oficialmente, ainda era o chefe deles. Os espiões do FBI, que exibiam falsos crachás da NBC News e outras diversas credenciais falsas, tinham instruções

especiais para vasculhar qualquer contato entre Kennedy e Martin Luther King Jr. — uma combinação carismática que poderia ter arrebatado o salão da convenção. O chefe de gabinete de Johnson, Marvin Watson, até instruiu o ex-assessor de JFK, Jerry Bruno, a vigiar Bobby. “Não vamos deixar Bobby e Jackie Kennedy roubar essa convenção”, disse-lhe Watson. Bruno, leal a Kennedy, ficou surpreso com a ordem. Ele não ia desgrudar de RFK durante a convenção, mas como amigo e não como espião.

Johnson não precisava se preocupar. Bobby estava em um estado tão frágil durante a convenção, em que o fantasma de seu irmão pairava em todo lugar, que nunca poderia ter fomentado uma rebelião política. Quando subiu ao palco para apresentar um filme em homenagem a JFK — com um discurso que o nervoso Johnson havia reagendado, tirando-o do começo da convenção para reduzir seu impacto —, Kennedy foi recebido com enorme ovação. Permaneceu de pé no pódio, recebendo incessantes ondas de aclamação durante 22 longos minutos. “Senhor presidente”, começou, quando os aplausos finalmente diminuíram. Mas então ecoaram de volta, vindos de um novo canto do cavernoso salão. Usando o mesmo terno e gravata pretos que vestia quase continuamente desde o assassinato, segurou as lágrimas enquanto olhava para a multidão que o ovacionava. Seus olhos, vermelhos e brilhantes à luz dos refletores, mostravam toda a dor dos últimos nove meses. Só então ele começou o discurso. E não havia nada de político nele — nada sobre as forças que haviam derrubado seu irmão. Contudo, até suas sentimentais referências ao presidente falecido seriam interpretadas por seus inimigos do campo de Johnson como ataques políticos. “Quando ele vier a morrer,/corte-o e divida-o em pequenas estrelas”, disse Bobby, citando *Romeu e Julieta*, de Shakespeare — um

acréscimo a seu discurso sugerido por Jackie. “E ele a face do céu fará tão bela/ que apaixonado o mundo vai se mostrar da morte/ sem que o sol esplendoroso continue a cultuar.” Os partidários do espalhafatoso texano rapidamente se ofenderam. Outros observadores interpretaram a longa ovação a Kennedy como uma bofetada nos dirigentes do partido. Mas assim que terminou seu discurso, Bobby simplesmente saiu do salão de convenção pela saída de emergência, e lá ficou sentado, soluçando, durante quinze minutos.

Ele fora educado acreditando que “os Kennedy não choram”, repassando esse estoicismo para seus próprios filhos. Porém, descobriu que era difícil seguir essa filosofia de vida durante a campanha para o Senado, mesmo em público. Na Universidade Columbia, um estudante o submeteu a uma terrível pergunta. Ele acreditava nas conclusões do Relatório Warren sobre o atirador solitário? Durante vários minutos, Kennedy ficou mudo, enquanto o público murmurava nervosamente. Por fim, ele respondeu com irritação: “Já dei minha opinião sobre isso”. Mas, enquanto começava a repetir o que havia dito meses antes na Polônia, de repente a voz de Kennedy rachou. Ele baixou a cabeça, e lágrimas começaram a correr por seu rosto. O homem que seus colegas achavam incrivelmente honesto não conseguia repetir algo em que não acreditava.

Com Kennedy incapaz de se livrar de sua dor, sua inconstante campanha estava fadada ao fracasso. Paul Corbin — o impiedoso operador político que alguns chamavam de “o lado obscuro de Bobby” — foi o único com coragem para enfrentá-lo. “Saia desse torpor”, disse, repreendendo seu chefe. “Santo Deus, Bob, seja você mesmo. Mantenha-se firme. Você está vivo. Seu irmão morreu.”

“Era doloroso observá-lo durante a campanha eleitoral — estava deprimido e o público podia sentir isso”, rememorou Justin Feldman, o democrata reformista que foi o primeiro a sugerir que Bobby concorresse a uma vaga como senador de Nova York e que mais tarde trabalhou como coordenador de sua campanha. Feldman o incentivou a atacar Keating, porém Bobby não tinha estômago para isso. “Ele me disse: ‘Bem, ele não foi tão ruim como senador, não é? Todo mundo diz que sou implacável’.”

Então, no momento em que Keating parecia se aproximar da vitória, ele cometeu um “erro fatal”, disse Feldman. E isso fez que Bobby finalmente despertasse. No final de setembro, ao tentar criar uma ruptura entre Kennedy e os eleitores judeus, Keating desenterrou as velhas acusações de conciliação com os nazistas que haviam assombrado a família Kennedy. Sugeriu que, como procurador-geral e para agradar a seu pai, Kennedy havia resolvido um caso que datava da Segunda Guerra Mundial em favor de uma empresa química que tinha vínculos com os nazistas. Bobby, o protetor da família, ficou escandalizado ao ver que Keating havia utilizado essa tática. Perdera um irmão e um cunhado na guerra, lembrou aos eleitores. Sem dizer que sua família acabara de sacrificar outro filho pelo país. “Bobby enlouqueceu”, disse Feldman. “Parou de achar que Keating era uma força benigna na política. Denunciou as acusações como uma ultrajante demagogia. Foi aí que Bobby entrou na campanha.”

No final, Kennedy venceu com uma diferença de mais de 700 mil votos. Para isso ele precisou do apoio do sucessor de seu irmão, que obtivera no estado dois milhões de votos a mais que Bobby. Ao ser congratulado por seu guarda-costas, Bill Barry, durante a estrondosa festa da noite das eleições, Bobby disse: “Se meu irmão estivesse vivo, eu não

estaria aqui. Eu preferia que fosse assim”. Mais tarde, presenciando a cerimônia de posse de Johnson com seu velho amigo Joe Tydings — que também havia sido eleito para o Senado por Maryland —, Bobby ficou em lágrimas ao ver a cerimônia que deveria ter acontecido no final do mandato de seu irmão. “Choramos juntos silenciosamente quando LBJ prestou juramento”, disse Tydings, “quando, como você sabe, o presidente Kennedy é que deveria estar lá”.

Ao contrário de seu irmão Ted, o dia a dia do Senado não comprometia o interesse de Robert Kennedy. Porém, ele rapidamente encarou o Senado como uma plataforma para destacar as questões nacionais e internacionais que considerava primordiais. “Ele achava arcaica a maneira como o Senado funcionava”, lembrou-se Pierre Salinger. “Ele não via a casa como um verdadeiro lugar para agir. E acho que andava meio impaciente com isso... eu ia lá e ficava quatro ou cinco horas no meu escritório. Ele passava a maior parte do tempo conversando com pessoas sobre problemas que não eram diretamente relacionados com suas atribuições no Senado.” Kennedy se encontrou com dignitários estrangeiros que Salinger lhe apresentara, como os políticos franceses Pierre Mendès France e François Mitterrand. E conversava sobre os intratáveis problemas da pobreza com ativistas do Mississípi ou das reservas indígenas.

Sem alarde, Bobby também começou a demonstrar um interesse renovado pelo assassinato de seu irmão. No dia 16 de novembro de 1964, pouco tempo depois de ter se tornado senador, RFK voou até a Cidade do México e discursou em uma cerimônia de inauguração de um projeto de alojamento para operários que levava o nome do

presidente Kennedy. Durante uma coletiva de imprensa, de novo foi questionado sobre o Relatório Warren, e mais uma vez o apoiou — mas acrescentando um intrigante complemento: acreditava em sua veracidade “até onde a investigação tinha ido”.

Embora tivesse que comparecer a uma série de eventos durante a visita de dois dias, além de jantar com o embaixador dos Estados Unidos, Fulton Freeman, no elegante San Angel Inn, Kennedy deixou claro para os membros da embaixada que também queria ter momentos de privacidade durante a estada no México. Mas o senador dos Estados Unidos não pôde escapar à supervisão oficial. Documentos do governo mexicano divulgados posteriormente mostram que RFK estava sob vigilância da Dirección Federal de Seguridad, uma espécie de FBI do México — uma agência com vínculos estreitos com o escritório da CIA na Cidade do México. O chefe do escritório da CIA, Winston Scott, que foi informado sobre as idas e vindas de Bobby durante a visita, soube que o senador estava reunindo informações sobre Lee Harvey Oswald durante sua estada. Scott mencionou em um relatório para os arquivos da agência que a dramaturga Elena Garro de Paz, esposa do romancista Octavio Paz, fazia parte daqueles que estavam tentando repassar informações sobre Oswald para Kennedy durante aqueles dias.

A Cidade do México foi um dos mais intrigantes capítulos da obscura vida de Oswald antes de ele colidir com Dallas. O suposto assassino solitário havia viajado por lá no final de setembro de 1963, segundo a CIA, para obter um visto da embaixada cubana. Porém, como Hoover informara a LBJ, a prova sugerindo que Oswald estava querendo visitar Cuba com urgência aparentemente foi falsificada pela CIA. Oswald era objeto de uma operação da espionagem dos

Estados Unidos ou de uma operação cubana? O Relatório Warren havia deixado sem resposta questões prementes como a ida de Oswald à Cidade do México. Bobby estava interessado em descobrir mais sobre essa misteriosa viagem durante sua própria visita.

Nos meses que se seguiram a sua eleição, Kennedy também roubou tempo de suas tarefas no Senado para se encontrar e corresponder com pesquisadores do assassinato. Em agosto de 1965, Ray Marcus enviou a Kennedy um pacote com suas provas fotográficas da Dealey Plaza. Em sua carta, Marcus pediu desculpas por enviar ao senador um material que, com certeza, lhe causaria uma “angústia pessoal”, mas disse que se sentia na “primordial obrigação” de chamar a atenção de Kennedy para essa prova da existência de uma conspiração. Para a surpresa do pesquisador, Bobby respondeu em uma carta datada de 16 de setembro. “Quero que saiba que seu interesse é apreciado”, escreveu Kennedy.

Bobby também concordou em se encontrar no seu escritório do Senado com Penn Jones Jr., um combativo editor do Texas que havia transformado o pequeno jornal de sua cidade, o *Midlothian Mirror*, em um fórum sobre o escândalo do assassinato. Jones — valente ex-campeão de boxe da Universidade do Texas e herói da Segunda Guerra Mundial — entendeu que havia algo absurdo no fato de um jornal de uma cidade rural se preocupar com o crime político do século. Mas já que a grande mídia não estava se encarregando disso, ele se recusou a ficar placidamente de braços cruzados. Convenceu-se de que o assassinato de JFK era um “golpe de Estado” que envolvia o Estado-Maior e a CIA. Intrigado pelo silêncio de Bobby, Jones decidiu ir a Washington e apresentar sua pesquisa ao senador, incentivando-o a se expressar sobre o caso. Ao receber o

editor em seu escritório, Kennedy lhe disse: “Pois bem, vou ouvir o que tem a dizer”. Depois, Bobby autografou o exemplar de Jones de *Política e coragem*, ao lado da dedicatória que JFK em pessoa fizera no livro durante sua viagem ao Texas. Robert pediu então ao seu motorista que levasse Jones até a sepultura de seu irmão em Arlington, que o editor queria visitar antes de regressar para sua casa.

Em seu discurso na convenção democrata de 1964, RFK havia incentivado os delegados a não serem atraídos pelas névoas do passado, mas a “olharem para a frente” como o fazia o presidente Kennedy. Uma vez, Bobby repreendeu Jackie, que mergulhara no trabalho da Biblioteca Kennedy, dizendo-lhe que era mórbido se torturar com o passado. Mas Bobby também não conseguia esquecer. “O senador ainda está assombrado por lembranças”, observou um repórter do *New York Times* em junho de 1965, descrevendo um canto do escritório de Capitol Hill como “um pequeno santuário ao presidente Kennedy — fotos, livros, a imagem restaurada de um líder falecido”.

Aonde ia, Bobby carregava o antigo sobretudo de Jack. “Ele dificilmente o usava, mas sempre o levava consigo”, lembrou-se seu assistente, Ronnie Eldridge. “Sempre esquecia o maldito sobretudo, levava-o consigo e o deixava em qualquer lugar. Então, sempre estávamos correndo de cá para lá, procurando o casaco.”

Uma amiga de Bobby, Marie Ridder, especulou que seu interesse contínuo pelo assassinato fazia parte de sua incapacidade de se livrar do passado e aceitar a morte de seu irmão. “Pergunto-me como posso formular isso”, disse ela. “Meu primeiro marido foi morto durante a Segunda Guerra Mundial, na Batalha das Ardenas. Fui à Alemanha logo depois da guerra, e costumava olhar para todos os soldados na esperança de que Ben estivesse no meio deles.

Quero dizer, eu sabia perfeitamente que ele não estava lá. Eu sabia disso. Eu havia recebido as roupas dele. Mas emocionalmente não conseguia deixá-lo ir embora. Acho que é o paralelo mais próximo [da crença de Bobby em uma conspiração]... Não é racional, mas entendo por que ele achava isso.”

Os homens aos quais Kennedy confiava suas suspeitas sobre Dallas, no entanto, não as viam como irracionais.

“Sabemos que a CIA estava envolvida, e a Máfia. Todos nós sabemos disso.” Dick Goodwin está falando por telefone de sua casa em Concord. Seu tom de voz é direto. “Mas como vinculá-los ao assassinato, não sei.” Goodwin suspeita de uma conspiração para assassinar JFK há mais de quatro décadas. Mas quem precisamente esteve envolvido e como o complô foi levado adiante são questões cruciais que permanecem um mistério para ele. Goodwin nunca investigou o caso pessoalmente. Como outros membros do círculo íntimo de Kennedy, esperava que Bobby o fizesse. E até hoje continua convencido de que RFK teria feito isso se tivesse conseguido voltar à Casa Branca. “Qualquer que fosse a maneira que escolhesse, ele teria tentado descobrir se havia algo mais, uma vez que tivesse o poder para realmente obter as informações. Essa sempre foi minha suposição.”

Goodwin era das raras pessoas com quem Bobby conversava sobre suas suspeitas a respeito de Dallas. Para que Kennedy aceitasse conversar, era necessário o interlocutor ser alguém de confiança — e alguém com a tempestuosa personalidade de Goodwin. Aconteceu na noite de 25 de julho de 1966, no apartamento do 14o andar de Kennedy no UN Plaza que dominava o East River, aonde Goodwin voltara com ele para passar a noite depois de um

jantar. Quando permanecia em Nova York, Bobby ficava em sua suíte de seis cômodos na luxuosa torre de vidro em que também moravam Truman Capote e Johnny Carson, e que parecia ser mais um hotel que um lar.

Goodwin não pertencia aos irmãos de armas que Bobby havia recrutado para o governo Kennedy, e ambos os homens não tinham sido especialmente próximos durante a presidência de Kennedy. Depois de Dallas, houve certa tensão entre eles quando Goodwin aceitou a proposta de LBJ e trabalhou para o novo presidente como redator de discursos e conselheiro para direitos civis. Goodwin sentiu-se obrigado a defender suas decisões em uma carta endereçada a Bobby, argumentando que ao continuar nas suas funções ele seria capaz de proteger o legado de JFK. “Sinto firmemente que estou cumprindo uma tarefa — mesmo que pequena — não somente para o presidente e toda a nação, como para seu irmão, que eu idolatrava”, escreveu ele. Goodwin ficou perplexo diante da relutante resposta de Bobby: “Eu esperava que não fosse [aceitar o cargo]. Mas imagino que tinha que fazer isso. Afinal de contas, se um de nós tiver como impedir que ele bombardeie a Costa Rica, ou algo parecido, então temos que fazer isso”.

Contudo, com o decorrer do tempo, Goodwin desenvolveu sentimentos mais amigáveis por Bobby. Pouco tempo antes de se juntar à equipe de Johnson na Casa Branca, ele participou de uma recepção da embaixada da Venezuela em que assistiu a um breve discurso de Kennedy de agradecimento ao governo venezuelano por sua contribuição para a Biblioteca Kennedy. “É estranho — ele não tem a profundidade intelectual de seu irmão”, rabiscou Goodwin mais tarde em suas notas sobre a noite — uma perspectiva que mais tarde mudaria. “Mas ele tem uma

percepção das necessidades e do estado de espírito de outras pessoas que poucos políticos têm. Estou constantemente revendo a minha opinião sobre RFK. Afinal de contas, ele está onde está somente por uma questão de nascimento. Ele tem uma grande tendência a dividir o mundo entre os bons e os maus. No entanto, tem entendimento intuitivo das complexidades e sutilezas das motivações alheias. Sua fraqueza provavelmente está no fato de ele agir com pressa, a partir de emoções — de ter uma resposta por demais emotiva aos eventos, embora seja muito bom quando tem tempo para refletir.”

Era uma descrição que, em alguns aspectos, combinava com o próprio Goodwin. E em julho de 1966, ambos os homens estavam conversando alta noite no apartamento de Bobby, com as luzes dos extensos bairros limítrofes de Nova York cintilando ao longe. Agora eram amigos. Mais tarde, Goodwin disse que havia sido a amizade mais próxima que já tivera com políticos — “de fato, a amizade mais importante que já tive”.

Na véspera, Goodwin havia sacudido a capital ao escrever no *Washington Post* uma elogiosa resenha sobre a sistemática crítica que Edward Jay Epstein fazia do Relatório Warren em *Inquest*.<sup>8</sup> O livro de Epstein foi um marco no caso do assassinato. Como outros críticos do Relatório Warren, ele achou o estudo do júri profundamente equivocado e pouco convincente. Mas Epstein, que havia escrito o livro como tese de mestrado na Universidade Cornell, optou por uma abordagem enxuta e meticulosa, procurando evitar o que ele considerava as armadilhas de outros comentários sobre o Relatório Warren, os quais ele caracterizava como trabalhos de “fé cega” ou de “demonologia” conspiratória. Em sua resenha, Goodwin

escreveu que Epstein apresentava seu caso “com uma lógica e um tom discreto que já abalaram as convicções de muitos homens responsáveis”. O antigo assistente de Kennedy então jogou uma bomba. Requereu que uma comissão independente revisasse o trabalho do Relatório Warren, e, caso este fosse julgado incompleto, que fosse feita uma nova investigação do assassinato do presidente. O *New York Times*, perplexo, observou que Goodwin era “o primeiro membro do círculo íntimo do falecido presidente a sugerir em público uma reavaliação oficial do Relatório Warren”.

Não fora a primeira vez que Goodwin manifestara suas opiniões sobre o assassinato. Mais para o início daquele ano, em março, ele havia enviado a Kennedy uma solicitação, perguntando se ele poderia ajudá-lo a obter um exemplar de uma carta de 33 páginas escrita por Jack Ruby e que havia sido vendida em um leilão em Nova York. “P.S.”, escrevera no final da carta, conhecendo a sensibilidade exacerbada de Bobby com relação ao assunto. “Não se preocupe — não estou escrevendo nada sobre o assunto.”

Mas o livro de Epstein levou Goodwin a expressar seu ponto de vista. Na noite que se seguiu à publicação da resenha no *Post*, Goodwin estava impaciente para conversar com Bobby sobre seus prementes temores em relação à investigação do governo. Tomando um drinque na sala de estar de Kennedy, ele começou sua análise do livro de Epstein. Como sempre, Bobby se protegeu atrás do silêncio, fazendo girar o uísque no copo e olhando para o chão enquanto Goodwin falava. Ao final, ele levantou a cabeça e disse: “Desculpe, Dick, mas não consigo prestar atenção nisso”.

Goodwin sabia perfeitamente até que ponto o assunto era doloroso para Bobby. A maior parte dos amigos de RFK teria

parado assim que visse a expressão angustiada de seu rosto. Mas Goodwin resolveu pressioná-lo. “Acho que deveríamos ter nosso próprio investigador — alguém com absoluta lealdade e discrição.”

De repente, Kennedy prestou atenção. Goodwin estava na direção certa. Era precisamente o que ele estava contemplando. “Você deveria experimentar Carmine Bellino”, disse Bobby. “É o melhor do país.”

Era uma sugestão reveladora. Assim como Walt Sheridan, Bellino era um membro-chave da equipe de investigação de elite que Kennedy havia reunido durante o inquérito sobre extorsões do Senado,<sup>9</sup> e mais tarde havia mantido na trilha de Hoffa, no Departamento de Justiça. Porém eram homens de Bobby, não de Goodwin. Não havia jeito de Goodwin começar uma investigação sem o aval de Bobby. Ambos os homens sabiam isso. Goodwin entendeu que era a maneira de Kennedy dizer: *Vamos deixar o assunto de lado por enquanto. Você sabe que cuidará da investigação quando for o momento. Mas, por enquanto, precisamos aguardar.* A conversa mudou para outros assuntos — a Guerra do Vietnã, os direitos civis, a luta contra a pobreza e se os americanos eram egoístas demais para abraçá-la. (Com a liderança certa, Bobby pensou que poderiam ser devidamente motivados).

Quando os dois homens finalmente se levantaram das poltronas às 2h30 da manhã e entraram no corredor que levava aos quartos, Bobby de repente parou. “Sobre aquela outra coisa”, começou ele sem poder olhar Goodwin nos olhos. Seu amigo imediatamente soube o que ele queria dizer. “Nunca pensei que fossem os cubanos. Se alguém esteve envolvido nisso, foi o crime organizado. Mas não há nada que eu possa fazer a esse respeito. Não agora.”

Em sua autobiografia, Goodwin escreveu que ele e Kennedy nunca mais conversaram sobre o assassinato. Mas Adam Walinsky lembrou-se de outros momentos em que Goodwin tocara no assunto na presença de Bobby. Walinsky era um jovem formado em direito que servira por um breve período no Departamento de Justiça de Kennedy antes de trabalhar em seu escritório do Senado como assistente legislativo. Com sua atitude ríspida, inteligência afiada e certa ternura, Walinsky rapidamente conquistou o senador, que confiava em seu esperto jovem assistente para mantê-lo a par das mais importantes novidades em termos de livros, artigos e ideais. “Eu era seu criado intelectual”, disse Walinsky, sorrindo, em uma entrevista anos mais tarde.

Walinsky compartilhava o ceticismo de Goodwin quanto ao Relatório Warren, cuja teoria balística ele achava “completamente distorcida e estranha”. Mas a exemplo de seu chefe aprendeu a manter suas suspeitas sobre Dallas para si. No entanto, Goodwin “falava abertamente sobre o assassinato”, disse Walinsky, lançando-se em uma imitação de sua inconfundível maneira de falar para dentro. “‘Foi a CIA, a Máfia...’ O senador estava no escritório ou por aí. Mas sempre era extremamente cuidadoso. Uma das coisas que se aprendia ao lidar com Kennedy era como ser sério. Pessoas sérias, quando se deparam com algo assim... não especulam em voz alta. Podem até fazer uma pergunta. E só. É uma questão de disciplina mental.”

Kennedy tinha certeza de que, até que vencesse a disputa pela Casa Branca, não podia fazer nada para resolver o assassinato de seu irmão. Mas Bobby sabia que, mesmo estando lá, sua tarefa seria assustadora. “Ele tinha uma compreensão exata da dificuldade desse tipo de investigação, mesmo que você tenha o poder da presidência”, disse Walinsky. “Se há algo por trás disso,

você não consegue descobri-lo a menos que seja o presidente dos Estados Unidos. E mesmo assim talvez não consiga, mas é a única chance.”

Então Kennedy esperou o momento certo, a oportunidade para voltar ao poder. Mas, enquanto isso, os eventos começaram a ultrapassá-lo. Em 1967, uma decisiva maioria de americanos — sessenta por cento — acreditava que o assassinato do presidente Kennedy era fruto de uma conspiração. A opinião pública havia mudado significativamente desde a publicação do Relatório Warren, quando apenas 31% do país suspeitavam da existência de um complô. Isso se devia em grande parte aos incansáveis críticos do assassinato, cujo volumoso trabalho obrigou a equipe de Kennedy a ficar acordada. “Estávamos mergulhados nisso”, lembrou-se Walinsky. “Você não imagina a quantidade de material que havia. Eu tinha uma grande prateleira cheia de material. Mas nunca conversamos a respeito. Nunca.” Todos no escritório de Kennedy conheciam a meta número um: que ele fosse eleito presidente. Até lá, nada era possível.

Mesmo assim, RFK se sentiu cada vez mais pressionado para fazer comentários sobre o Relatório Warren. Uma resenha do livro de Epstein do *London Observer*, reproduzida em 13 de agosto de 1966 no *San Francisco Chronicle*, comentava enfaticamente: “Por quanto tempo a herança política do presidente morto consegue manter uma atitude até evasiva?, talvez hoje essa seja a mais intrigante pergunta da política americana”.

Bobby estava se fazendo a mesma pergunta. Em outubro de 1966, bebendo de madrugada com Arthur Schlesinger no P.J. Clarke’s, seu bar predileto em Nova York, RFK se perguntou “quanto tempo ele ia continuar a evitar fazer comentários sobre o Relatório [Warren]”, afirmou

Schlesinger mais tarde. Bobby acreditava que o documento oficial era um “trabalho fraco”, observou o historiador, mas ainda assim “não queria criticá-lo, e com isso remexer todo esse assunto trágico”.

O silêncio de Kennedy sobre o crime foi utilizado pelos defensores do Relatório Warren para rechaçar as críticas. Com certeza, se o próprio irmão do presidente — o maior homem da lei do país na época — não fazia nada para continuar o caso, era porque não devia haver nada mesmo, diziam. Deve ter sido particularmente irritante para Bobby ouvir um dos conselheiros do presidente Johnson, John P. Roche, professor licenciado da Universidade Brandeis que atuava como “intelectual a domicílio” de LBJ na Casa Branca, denunciar os pesquisadores da conspiração como “paranoicos marginais” em uma carta bastante divulgada pelo *London Times Literary Supplement*, argumentando que o apoio de RFK ao Relatório Warren era prova de sua validade.

Se tivesse sido informado de sua existência, Kennedy teria achado ainda mais grotesco um documento secreto da CIA que recomendava usar seu silêncio sobre o Relatório Warren para rebater as críticas. A nota de janeiro de 1967 — que foi distribuída aos contatos da CIA na mídia: *New York Times*, CBS, NBC, ABC e outros — sugeria meios de “combater e desabonar as alegações dos teóricos da conspiração”, cujo crescente impacto sobre a opinião pública nacional e internacional alarmava a agência. “Insinuações desse tipo afetam [...] a reputação do governo americano”, dizia a nota com gravidade — assim como a da própria CIA. “Os teóricos da conspiração mais de uma vez criaram desconfiança em relação à nossa organização, por exemplo, ao alegar falsamente que Lee Harvey Oswald trabalhava para nós.” A nota listava uma série de argumentos que podiam ser

usados por jornalistas pró-CIA para derrubar o trabalho dos autores sobre a conspiração. Entre eles: “Notem que Robert Kennedy, procurador-geral na época e irmão de John F. Kennedy, seria o último homem a tolerar e ocultar uma conspiração”.

Pelo menos um dos amigos de Bobby na imprensa, o produtor do noticiário televisivo da CBS Don Hewitt, reuniu coragem para confrontá-lo com a crescente controvérsia sobre o assassinato. Hewitt — que produzira os lendários debates Kennedy-Nixon em 1960 e mais tarde criara o *60 Minutes* — uma manhã estava bebendo chá gelado com Kennedy no quintal da mansão de Hickory Hill quando decidiu, “mais com as entranhas do que com a cabeça, fazer-lhe aquela pergunta, aquela que vale um milhão de dólares: ‘Bobby, você realmente acha que foi Lee Harvey Oswald sozinho que matou seu irmão?’.

“Ele descartou a pergunta com uma indiferença quase estudada”, lembrou-se Hewitt depois, dando ao homem de televisão seu costumeiro argumento para interromper a conversa. “Que diferença isso faz? Não vai trazê-lo de volta.”

O esperto jornalista sabia quando estava sendo enganado. “Nunca achei que Bobby acreditasse em ‘que diferença isso faz’. Sempre acreditei que ele sabia algo que não queria compartilhar comigo ou qualquer outra pessoa.”

O próprio Hewitt chegou a suspeitar que JFK tivesse sido vítima de uma conspiração — por causa de “coisas que aprendi desde então”, disse-me ele anos mais tarde. “Assim como Lee Harvey Oswald e Jack Ruby não eram estranhos um para o outro. Ruby era um tipo de gângster a quem o tio de Oswald pediu que cuidasse de seu sobrinho. Sempre acreditei que Ruby tinha ido à delegacia com a missão de

garantir que Oswald não falasse... Muitas coisas [sobre o caso] simplesmente não se encaixavam.”

O veterano produtor especula que “membros insatisfeitos da CIA” possam estar por trás do assassinato. “Ouvi de parte daqueles espiões da Casa Branca que a verdadeira bronca que eles tinham contra Jack Kennedy vinha do fato de ele ter recusado a ajuda da Força Aérea para seus camaradas da Baía dos Porcos, e talvez alguém tenha decidido acertar as contas por causa disso. Essa é a minha melhor teoria.” Sem que Hewitt o soubesse naquela época, Bobby estava pensando de forma bastante similar.

Hewitt tinha certeza de que Kennedy teria ido atrás dos assassinos de seu irmão para se vingar no momento apropriado. “Bobby era implacável em sua perseguição contra o crime”, disse ele. “Quando ele me disse que não fazia diferença, não pude deixar de pensar: ‘Bobby, você está mentindo para mim’.”

Em 1967, um espalhafatoso espetáculo jurídico faria que Kennedy mais do que nunca tivesse dificuldade em permanecer calado.

1 . Sobre a organização, conferir nota 4 do Capítulo 3.

2 . O livro de Thomas Buchanan foi publicado no Brasil em 1964 sob o título *Quem matou Kennedy?*, pela editora Civilização Brasileira. [N. T.]

3 . Time de futebol americano da cidade de Green Bay, no Wisconsin. [N. T.]

4 . Fundo de pensão do Teamsters, sindicato de caminhoneiros. [N. T.]

5 . Apelido dado ao Mágico de Oz, personagem da série de livros do escritor americano Lyman Frank Baum (1856-1919). [N. T.]

6 . A United States House of Representative Select Committee on Assassinations foi criada em 1976 para investigar os assassinatos de John Kennedy e Martin Luther King, e a tentativa de assassinato do governador do Alabama, George Wallace, quando candidato à eleição presidencial de 1972. [N. T.]

7 . Versão da canção “When Irish Eyes are Smiling” [Quando olhos irlandeses sorriem], composta em 1912 para o musical *The Isle O’Dreams* e, até hoje, muito popular na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. [N. T.]

8 . Livro publicado no Brasil em 1967, pela editora Edinova, sob o título *O relatório do medo*. [N. T.]

9 . A Comissão Reservada do Senado dos Estados Unidos sobre Atividades Ilícitas no Setor Laboral e Patronal (United States Senate Select Committee on Improper Activities in Labor and Management) foi criada em janeiro de 1957 e dissolvida em março de 1960. Tinha por finalidade analisar as atividades criminosas ou consideradas ilícitas na área das relações entre empregadores e empregados. [N. T.]

## Nova Orleans

Na qualidade de senador júnior<sup>1</sup> pelo estado de Nova York, Robert Kennedy continuou a recorrer aos serviços dos membros da máfia irlandesa que serviam a ele e seu irmão havia muito tempo, como o assessor político Joe Dolan. Contudo, sua equipe do Senado também incluía novos rostos — homens que não eram irlandeses de Boston nem intelectuais de Harvard. Um dia, durante uma reunião em seu escritório de Capitol Hill, Kennedy observou os homens presentes: Frank Mankiewicz, Adam Walinsky, Peter Edelman e Jeff Greenfield. Não havia nenhum católico entre eles. “Senhores, vocês se deram conta de que sou o único aqui que irá para o céu?”, comentou friamente.

Ele inspirava intensa devoção dentro de sua equipe. Era duro, mas tinha uma sofrida vulnerabilidade; era exigente, mas sabia retribuir a lealdade que reivindicava. À sua exímia percepção da política americana se unia uma visão esclarecida das possibilidades oferecidas pelo país que seus assessores consideravam única e envolvente.

Mankiewicz — que começara a trabalhar como assessor de imprensa de Kennedy aos 42 anos, tornando-se então um dos membros mais velhos da equipe — foi impactado pelo charme de Kennedy pela primeira vez durante a reunião do Departamento de Estado em que Bobby falou sobre sua

futura viagem à América Latina. Naquela época, Mankiewicz chefiava a divisão do Corpo da Paz da América Latina. Abandonara uma promissora carreira em um escritório de advocacia de Hollywood para se juntar à Nova Fronteira de JFK. “Minha esposa, Holly, e eu decidimos que se eu ficasse no escritório, daqui a dez anos teríamos uma maravilhosa casa e muito dinheiro, mas ninguém se preocuparia em saber se estávamos vivos ou mortos, exceto talvez nossas mães”, lembrou-se Mankiewicz mais tarde.

Depois da morte de JFK, Mankiewicz permaneceu no novo governo, mas seu coração continuava dedicado à causa de Kennedy. Na reunião do Departamento de Estado, RFK e a equipe para a América Latina do presidente Johnson — chefiada por um irascível burocrata chamado Jack Vaughn — olhavam friamente de um lado para outro da mesa de conferência. Bobby queria saber o que tinha que dizer ao chegar ao Brasil e ser questionado sobre o brutal golpe militar apoiado pela CIA que, havia pouco, destituíra o governo eleito do país. O funcionário responsável pelo Brasil, após consultar um documento, respondeu: “Você poderia dizer ‘embora lamentemos que uma grande potência tenha decidido suspender temporariamente as liberdades democráticas...’”. Kennedy prontamente cortou a ladainha do burocrata: “Eu não falo desse jeito”, disse com firmeza.

Mankiewicz, que se aproximara da esquerda por causa de sua experiência na América Latina, ficou impressionado com a recusa de Kennedy em seguir à risca a linha do governo. No Corpo de Paz, encontrara jovens voluntários que sempre ficavam a favor de mudanças sociais nas sociedades atrasadas às quais eram enviados a trabalho. “Porém, todas as vezes que os povos na América Latina tentavam imitar a Revolução Americana”, observou Mankiewicz, “o governo

dos Estados Unidos tentava imitar Jorge III, da Inglaterra.<sup>2</sup> Isso fez que eu radicalizasse minhas opiniões.” Agora, sentado diante dele, estava um líder político que compartilhava sua opinião sobre o papel que os Estados Unidos deviam desempenhar nos países do Terceiro Mundo assolados pela pobreza. Logo depois da reunião do Departamento de Estado, Mankiewicz se tornou assessor de imprensa de Kennedy.

Mankiewicz, calvo e com roupas amarrotadas, tinha uma experiência pessoal pouco comum para um assessor do Senado. Vinha de uma lendária família de Hollywood. Seu tio, o roteirista e diretor Joseph Mankiewicz, ganhara um Oscar pelo filme *All About Eve* [*A malvada*] e produziu clássicos como *The Philadelphia Story* [*Núpcias de escândalo*] e *Woman of the Year* [*A mulher do dia*]. Seu pai, Herman, por sua vez, ganhou um Oscar pelo roteiro de *Citizen Kane* [*Cidadão Kane*]. Herman Mankiewicz se instalara no Oeste para fazer fortuna depois de trabalhar como crítico de teatro para *The New Yorker*. “Há como ganhar milhões aqui, e os únicos que podem competir com vocês são uns idiotas”, informou seu amigo e colega, o jornalista Ben Hecht, por telegrama. “Não conte isso a ninguém.” Conhecido pela embriaguez e pela agressividade com os patrões, Mankiewicz procurou refúgio dos grandes aborrecimentos da indústria do cinema recriando a antiga mesa-redonda do Algonquin Hotel<sup>3</sup>, de Nova York, em sua casa de Beverly Hills. Famosos como Scott e Zelda Fitzgerald, os irmãos Marx, Greta Garbo, James Thurber e Orson Welles fizeram parte da infância do jovem Frank.

“Ninguém discordaria se você dissesse que meu pai era um homem autodestrutivo”, comentou Mankiewicz mais tarde. Para garantir que o roteirista terminasse a obra-prima

que faria que ambos se tornassem lendas, *Cidadão Kane*, o diretor Orson Welles com frequência trancava seu sedento coescritor em uma casa na deprimente e desértica cidade de Victorville. Mesmo assim, Mankiewicz pai ensinou ao filho os valores que iriam aproximá-lo de Robert Kennedy. “Era um jogador, e possivelmente um alcoólatra, mas isso não é pecado”, disse Frank sobre seu pai. “Ele nunca roubou os pobres, nunca demitiu ninguém na véspera do Natal. Era um homem bom. Acima de tudo, ele era cheio de graça e fúria. Eu o achava um pai incrível. Ele me ensinou o que é importante. Eu acreditava nele. E ainda acredito.”

Com Kennedy, Mankiewicz ia sonhar com maneiras de mudar o país, e já que Kennedy era amplamente visto como herdeiro do trono, sempre existia a esperança de que as coisas se tornassem reais. “Como senador, Bobby tinha uma noção cada vez mais profunda de que a questão racial e a pobreza estavam dilacerando o país, e de que, dessa forma, esses problemas podiam nos destruir”, disse Mankiewicz mais tarde. Estava sentado em seu escritório no sexto andar do edifício Watergate, com vista para o rio Potomac. Agora, com mais de 85 anos, ele usa aparelho auditivo em ambos os ouvidos; de cabelo mais grisalho e porte rechonchudo, ele bufa enquanto levanta o corpo de sua cadeira giratória. Contudo, ainda trabalha todos os dias como lobista em Washington, tendo o cargo de vice-presidente da Hill & Knowlton, a poderosa empresa de relações públicas. É o trabalho mais duradouro que já teve, mas ele sabe que, quando morrer, as manchetes vão identificá-lo como “assessor de Kennedy”, e isso não o incomoda. Nas paredes, junto a um cartaz de *Cidadão Kane* e de outros filmes escritos por seu pai, estão lembranças emolduradas de seus anos com Bobby, entre as quais uma citação de Camus que era uma das favoritas de Kennedy: “Eu gostaria

de poder amar meu país e ao mesmo tempo amar a justiça”.

“De vez em quando, no final do expediente no Senado, quando Bobby não precisava ir correndo para outro lugar, nós entrávamos em seu escritório, onde nos sentávamos para conversar”, continuou Mankiewicz. “Ele costumava perguntar: ‘Quais são as novidades, Frank? O que está lendo, Adam? Peter, quem atualmente está fazendo o melhor trabalho sobre educação?’. Lembro-me de quando os confrontos raciais tomaram conta de Newark e Detroit, e LBJ requereu um dia de luto — como se isso pudesse resolver algo. E nós lhe perguntamos: ‘Se você fosse presidente, o que faria?’.

“Ele pensou um pouco e disse: ‘Eu chamaria os dirigentes das três redes de TV para explicar o terrível problema que isso representa para o país, e diria que eles deveriam consagrar um mês inteiro de programação do horário nobre a mostrar o que é ser negro nos Estados Unidos, o que é viver com duas ou três gerações de pobreza, o que é ter um irmão primeiro colocado na escola e mesmo assim não conseguir emprego, o que é acordar de manhã e ver ratos em volta do berço do filho’. Disse que era possível mostrar tudo isso graficamente na televisão, e que poderia ajudar a mudar as coisas.”

Embora Mankiewicz não tivesse sido um dos irmãos de armas de Kennedy no Departamento de Justiça, ele logo se estabeleceu como um dos membros de confiança de seu círculo íntimo. O californiano era o tipo de homem com o qual Bobby sentia que podia contar, por sua devida combinação de cérebro, entranhas e coração. Apesar de seu passado privilegiado, Mankiewicz havia servido como soldado de infantaria na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. “Lá, poucas pessoas eram de Beverly Hills”,

comentou. Mais tarde, trabalhou por algum tempo como jornalista antes de estudar direito em Berkeley e se tornar advogado da indústria do divertimento. Kennedy confiava nos instintos sagazes de seu assessor de imprensa.

Quando a controvérsia a respeito do assassinato de Kennedy alcançou seu auge, no começo de 1967, no momento em que surgiu a notícia de que o procurador distrital de Nova Orleans, Jim Garrison, estava reabrindo a investigação, Mankiewicz foi dos poucos aos quais Kennedy recorreu para ajudá-lo a obter um melhor entendimento do caso. Em um dia em que atravessavam juntos o saguão de um aeroporto, Kennedy e Mankiewicz foram confrontados ao onipresente rosto de Jim Garrison — cujos olhos bem separados brilhavam com intensidade messiânica — nas prateleiras de uma banca de jornal. Bobby apontou para as capas das revistas e perguntou ao seu assessor: “Esse cara conseguiu algo?”.

“Não tenho certeza de que *ele* tenha conseguido algo, mas com certeza deve haver algo por aí”, respondeu Mankiewicz. O assessor de Kennedy nunca aceitara o Relatório Warren. “Eu não acreditava que alguém que tinha largado o colégio pudesse ter planejado tudo isso.”

“Quero que investigue isso, leia tudo que puder”, Kennedy instruiu Mankiewicz. “E se chegar a um ponto em que eu deva fazer algo, pode me contar o que preciso saber.”

Mankiewicz se tornou “um fissurado pelo assassinato”, lembrou-se ele mais tarde, mergulhando em pilhas de livros e monografias sobre o assunto e questionando pesquisadores como Ray Marcus, que trouxera grandes ampliações de suas fotos da Dealey Plaza para a casa de Mankiewicz, em Maryland. “Cheguei à conclusão de que havia um tipo de conspiração, que provavelmente envolvia a Máfia, e Livross cubanos anticastristas e talvez até agentes

duplos da CIA”, disse Mankiewicz. “Várias vezes levei essas reflexões a Bobby. Disse-lhe quem eu achava que estava envolvido. Mas era como se ele não pudesse se concentrar nisso. Ficava com aquela aparência de sofrimento, ou melhor, de entorpecimento no rosto. Isso simplesmente o dilacerava.”

As conclusões de Mankiewicz sobre o assassinato refletiam as do próprio Kennedy. O fato de ouvi-las da boca de um assessor de confiança devia torná-las verdadeiras demais para Bobby. E, mais uma vez, devem ter feito que ele fosse tomado por um paralisante sentimento de culpa, já que a conspiração descrita por seu assessor havia brotado bem nos grupos que ele supostamente controlava para seu irmão. Estava claro que a perspectiva de enfrentar essa conspiração, com suas poderosas conexões governamentais, paralisava Kennedy.

Em público, Kennedy continuava evitando perguntas sobre o assassinato com fria determinação. Joe McGinnis, na época colunista do *Philadelphia Inquirer*, observou o senador durante um desses estranhos e dolorosos momentos, em dezembro de 1966. Depois de um longo dia visitando centros de luta contra a pobreza, Kennedy estava esperando na plataforma da estação North Philadelphia o trem para voltar a Nova York. Como sempre, não havia guarda-costas para barrar abordagens, fossem amigáveis ou ameaçadoras. Era apenas Bobby, esperando sem sobretudo na gélida plataforma, tentando ajeitar o cabelo desarrumado pelo vento. “Ele parecia pequeno e denotava sentir frio e, por alguns segundos, ser um garotinho perdido”, observou McGinnis. De repente, o repórter de rádio avançou em direção ao pequeno círculo em torno de Bobby e, depois de trocar algumas amenidades com Kennedy, preparou-se para a questão inevitável. McGinnis

sabia como era, e que “isso fazia que você quisesse ir embora porque você sabia que o que estava prestes a acontecer era horrível”.

Respirando profundamente, o jornalista começou: “Senador, com todas as recentes críticas em relação à Comissão Warren...”.

Kennedy o interrompeu imediatamente. “Não falo sobre isso.” Sua voz, dura e contundente, teria silenciado os jornalistas mais persistentes. Enquanto rechaçava a pergunta, os músculos de seu rosto crispado tremeram visivelmente. Mas, para a aversão de quem estava presenciando a cena, o radialista persistiu. Era seu trabalho, e ele era determinado.

“Sei que não falou sobre isso no passado, mas nosso promotor público, Arlen Specter...” O repórter não conseguiu ir além de citar o nome do ex-advogado da Comissão Warren (e futuro senador da Pensilvânia) que ajudara a elaborar a teoria da bala mágica. De novo, Kennedy cortou o jornalista. “Eu já disse que não falo sobre isso. Em hipótese alguma.” E dessa vez sua voz estava carregada de tanta raiva mal reprimida que o obstinado repórter se calou.

Todos abaixaram a cabeça, olhando para os sapatos, até que o trem “misericordiosamente” aparecesse, lembrou-se McGinnis. E então, ao dar um passo adiante para subir no vagão, Kennedy fez uma coisa para tirar o repórter do buraco para onde o havia banido, “e mesmo assim”, observou McGinnis, “ele deve ter querido colocar o radialista nos trilhos para que o trem passasse sobre sua boca”. Kennedy estendeu a mão em direção ao homem e, olhando-o bem nos olhos, disse: “Adeus. Foi um prazer conhecê-lo”.

Para McGinnis, o gesto de partida de Kennedy “refletia uma incrível classe”. Mas, com certeza, era mais do que

isso. Era a maneira de Kennedy de reconhecer que o repórter não estava sendo inconveniente. A imprensa e o público tinham o direito de saber mais sobre a morte de seu irmão. Ele apenas não podia ajudá-los, por enquanto.

Entre aqueles eletrizados pela investigação de Garrison em Nova Orleans, estava um escritor de mente inquieta chamado Chandler Brossard, literato autodidata e jornalista que escrevera romances então na moda, como *Who Walk in Darkness*, cuja trama se passava em Greenwich Village, mas que pagava aluguel com o trabalho de redator em revistas como *The New Yorker*, *Time* e *Coronet*. Em 1967, Brossard, que na época trabalhava na revista *Look* como editor sênior, convenceu seu chefe — William Attwood, o qual havia sido contratado como editor-chefe de *Look* no ano anterior — a se encontrar com Garrison no escritório da revista em Nova York. Attwood, antigo colega de primária de JFK e intermediário secreto com Castro nos últimos dias do governo, naquela altura já havia começado a ter suas próprias suspeitas sobre os eventos de Dallas. Ele concordou em encontrar o procurador de Nova Orleans e Brossard, e a conversa dos três sobre o caso se estendeu noite afora, com jantar e bebidas, acabando somente por volta de uma da manhã. Ao se despedir de Garrison, Attwood estava tão excitado com a suspeita de conspiração do procurador que ligou para Bobby do Clube da Imprensa de Nova York, onde havia jantado naquela noite.

Assim como todos no círculo de Kennedy, Bill Attwood estava esperando que Bobby Kennedy fizesse algo para finalmente resolver o assassinato de seu irmão. “Bill achava Bobby um homem muito forte”, lembrou-se sua viúva, Simone. “Uma das coisas que ele pensava sobre o assassinato era que, se alguém sabia o que estava

acontecendo, esse alguém era Bobby. Aquele Bobby estava por dentro das coisas e não ficava parado, dizendo: ‘É assim que as coisas são, e precisamos aceitar a versão oficial’.”

Attwood, um homem que Bobby respeitava por seus serviços diplomáticos durante o governo Kennedy, contou a Bobby que Garrison tinha uma pista. O editor utilizara todo o peso da *Look*, uma vigorosa revista ilustrada cujo impacto nacional só ficava atrás do da *Life*, para seguir a investigação de Garrison. Ele estimulou fortemente Kennedy a se comprometer a reabrir o caso. Em resposta, Bobby disse a Attwood que concordava com o fato de seu irmão ter sido vítima de uma conspiração. “Mas não posso fazer nada até que controlemos a Casa Branca”, disse-lhe Kennedy. Logo depois de desligar, Attwood sofreu um grave ataque cardíaco e foi levado de madrugada para o St. Vincent’s Hospital. Três meses foram necessários para que ele se recuperasse e pudesse voltar a trabalhar. A revista *Look* nunca acompanhou as investigações de Garrison.

“Não posso fazer nada até que controlemos a Casa Branca.” Essa se tornou a resposta padrão de Bobby àqueles de seu círculo que o incentivavam a se pronunciar sobre a controvérsia do assassinato. Porém, à medida que o Relatório Warren ia sendo cada vez mais atacado, entre 1966 e 1967, Kennedy tinha mais dificuldade para manter essa postura. A opinião pública estava adiantada em relação ao seu calendário presidencial.

Naquela época, as dissensões sobre o Relatório Warren chegavam a envolver os círculos da elite. Em fevereiro de 1966, um pesquisador independente de Nova York chamado Charles E. Stanton tomou a iniciativa de enviar uma pesquisa sumária sobre o assassinato a um amplo leque de proeminentes personalidades nos Estados Unidos e no exterior. O questionário — que perguntava se os

entrevistados acreditavam no Relatório Warren ou se suspeitavam que o governo tivesse suprimido provas de uma conspiração — era acompanhado por uma carta em tom sincero que apelava para o senso de história dos destinatários. Em sua carta, ele confessava que um “íntimo de Kennedy” o havia repreendido, criticando sua pesquisa por ser “de mau gosto, para não dizer mórbida”. Mas “não seria instigante ler as reações dos contemporâneos de Abraham Lincoln — Disraeli, Karl Marx, Mark Twain, Júlio Verne, Garibaldi, Oscar Wilde — e o que eles achavam do desastroso assassinato?”, argumentou Stanton.

O pesquisador enviou mais de 300 questionários entre fevereiro de 1966 e janeiro de 1968, que foram endereçados a um grupo político bastante heterogêneo, de Fidel Castro a Francisco Franco. Vários — entre os quais sumidades da mídia americana como Walter Cronkite e Eric Sevareid, e potentados políticos como J. Edgar Hoover, os senadores Barry Goldwater e William Fulbright, e o advogado Roy Cohn —, como era previsível, se esquivaram das perguntas de Stanton. Contudo, as respostas que Stanton recebeu forneceram um esclarecedor instantâneo sobre a confusão que havia tomado conta da elite em relação ao assassinato de Kennedy. Stanton nunca publicou os resultados de seu trabalho, mas as respostas escritas à mão por esses famosos contemporâneos de JFK — hoje conservadas na Biblioteca Kennedy — são de leitura fascinante.

Entre os que endossaram a versão do governo sobre o assassinato estavam Pierre Salinger (que mudaria de opinião mais tarde), os jornalistas Harrison Salisbury e Stewart Alsop, o magnata do cinema Dore Schary, os poetas Richard Wilbur e Carl Sandburg, o historiador James MacGregor Burns, os intelectuais politicamente divergentes

William F. Buckley e Dwight Macdonald, e o líder socialista Norman Thomas. O pesquisador também obteve resposta de dois dos principais arquitetos responsáveis pelo desastre de Kennedy na Baía dos Porcos, os antigos agentes da CIA Allen Dulles e Richard Bissell. Como era de se prever, Dulles expressou sua indefectível confiança na investigação do governo que ele mesmo havia conduzido à sua previsível conclusão. Mas a pesquisa sobre o assassinato claramente irritou Bissel, que não pôde evitar escrever em letras grandes e em negrito na seção reservada a comentários: “Quem se importa? Vamos reservar nossa inteligência — se tivermos alguma — para outros assuntos”.

Ironicamente, juntando sua aprovação do Relatório Warren à dos dois homens da CIA contra os quais ele e seu irmão haviam lutado, estava o senador Robert Kennedy. “O Relatório Warren foi preparado por pessoas bastante competentes e respeitadas e é resultado de um estudo intenso; temos todos os motivos para confiar em suas conclusões”, dizia a resposta no papel timbrado de Kennedy no Senado. De maneira ainda mais irônica, a resposta de Bobby foi escrita em nome dele por seu assessor Joe Dolan, um homem que manifestava suspeitas ainda maiores que as de Bobby com relação a Dallas.

A lista daqueles que acreditavam que Kennedy havia sido vítima de um complô também era expressiva: os poetas Robert Graves, Allen Ginsberg, Thomas Merton e Kenneth Rexroth; os romancistas Terry Southern, Katherine Anne Porter, Irving Wallace e Ray Bradbury; o dramaturgo Paddy Chayevsky; o sociólogo Andrew Hacker; o jornalista e emissário da paz de Kennedy, Norman Cousins; o aventureiro norueguês Thor Heyerdahl, da famosa expedição do barco *Kon-Tiki*; os estudiosos britânicos Arnold Toynbee, Bertrand Russell e Hugh Trevor-Roper. Um dos

mais apaixonados comentários manuscritos era o de Southern, cujo roteiro para *Dr. Fantástico* havia sido inspirado nos militaristas do dia do Juízo Final contra os quais JFK havia lutado: “O absurdo do Relatório Warren é algo patente e arrasador”, escreveu ele com fúria no fim do questionário. “Basta dar uma olhada em qualquer um dos 26 volumes para descobrir de uma só vez o tamanho da farsa, da incógnita e da bobagem que é. O mais impressionante é sua insultante ingenuidade. É como se eles imaginassem que NINGUÉM nos Estados Unidos se dará o trabalho de olhar a versão integral.”

Como a liderança política e a mídia jornalística do país se recusavam a exumar o caso JFK, coube a algumas celebridades intrépidas o papel de falar abertamente sobre o mistério que assombrava os Estados Unidos. Em junho de 1967, no palco do lendário Festival Pop de Monterey, David Crosby, dos Byrds, espantou o público, assim como seus colegas de banda, ao fazer uma chocante declaração sobre o assassinato de JFK: “O presidente Kennedy não foi morto por um único homem — ele recebeu tiros vindos de várias direções. A verdade foi omitida. Vocês precisam saber isso. Este é o seu país”.

O comediante Mort Sahl se destacou como o maior crítico do Relatório Warren na indústria do entretenimento, colocando sua carreira em risco ao transformar seu popular número em um clube noturno em permanente crítica à investigação oficial, e declarando que JFK havia sido vítima de um complô do governo. Kennedy era “o único presidente que já se opusera” ao complexo de segurança nacional, disse Sahl a um jornal alternativo em março de 1968. “E veja o que levou por seus esforços.” No palco, ele apontava para fragilidades na operação de encobrimento do governo,

lendo em tom mordaz trechos dos 26 volumes do Relatório Warren, empilhados ao seu redor como adereços de palco.

A outrora lucrativa carreira de Sahl começou a definhar, e sua renda anual despencou de 1 milhão de dólares para 13 mil. “O fato de eu usar o assassinato de Kennedy fez que as pessoas me acusassem de não ser mais engraçado nem querido. Para o mundo do entretenimento, trata-se de um dos maiores crimes”, disse ele. Sahl havia escapado dos processos judiciais por obscenidade e das drogas que arruinaram a carreira do comediante Lenny Bruce, o qual havia começado com ele no início dos anos 1960 nos clubes noturnos de San Francisco, entre os quais o hungry i. Porém, agora seus amigos o alertavam sobre o fato de que sua “obsessão” pelo caso Kennedy o levaria ao fim. Mas ele não conseguia se conter.

Sahl havia colaborado escrevendo piadas para JFK durante sua campanha de 1960, mas se afastara dos partidários de Kennedy depois da eleição, quando voltou a seu papel de sátiro político e começou a alfinetar o novo presidente. O velho Joe Kennedy achava que ou você era a favor da família ou era contra. E não riu quando Sahl lhe enviou o seguinte telegrama: “Você não perdeu um filho. Você ganhou um país”. Jack, porém, era diferente. Sabia rir de si mesmo. Sahl admirava sua graça e seu humor. Achava que o discurso pela paz da Universidade Americana deveria ser ensinado nas escolas. Tinha convicção de que o assassinato era “o mais infame acontecimento de nossa vida”. Esse tipo de coisa não podia acontecer nos Estados Unidos. E onde estavam os cães de guarda da imprensa americana? Ele estava revoltado com o sentimentalismo excessivo em torno da morte de Kennedy, a maneira como Walter Cronkite havia levado a nação a uma orgia de “choro público”. Ficou irado ao ver que a imprensa aceitava passivamente o

Relatório Warren: “Hitler disse que sempre soubera que era possível comprar a imprensa. O que ele não sabia era que o preço era tão baixo”. Quando Jim Garrison anunciou que estava reabrindo o caso, Sahl foi até Nova Orleans e se propôs a ajudá-lo. Enfim alguém se mexia para resolver o crime do século.

No final de 1966, o *establishment* da mídia não podia mais se contentar com a versão oficial. Envergonhada pelo crescente agito cultural em torno do assassinato de Kennedy — e incentivada pelo sucesso de livros sobre a conspiração de autores como Mark Lane, Edward Jay Epstein e Josiah Thompson, professor de filosofia da Universidade Haverford, cujo livro *Six Seconds in Dallas* apresentava de maneira elaborada a hipótese de que houvera três assassinos e, pelo menos, quatro balas na Dealey Plaza —, a mídia finalmente começou a manifestar ceticismo em relação ao Relatório Warren.

No dia 25 de novembro de 1966, a revista *Life* perguntou: “Será que Oswald agiu sozinho?”, em uma notável matéria de capa que sugeria que não. O relatório era obra de um grupo que incluía o professor Thompson, de Haverford. Essa matéria foi uma surpreendente virada para as publicações de Luce, que haviam tido um papel-chave no encobrimento do crime ao comprar o filme original de Zapruder para impedir sua divulgação. Esse ato ultrajante — que havia sido ordenado pelo editor de *Life*, C. D. Jackson, que, assim como seu patrão Henry Luce, era um ardoroso anticomunista com profundos vínculos com a CIA — permitiu que a revista distorcesse de forma reiterada o que o filme de Zapruder escancarava, publicando imagens e legendas que levavam o público a crer que JFK havia sido atingido por tiros vindos somente de trás. Porém, no final de 1966, Jackson já havia morrido e Luce estava no fim da

vida, e as falhas cada vez mais evidentes do Relatório Warren levaram a revista *Life* a mudar de direção.

No mês seguinte, o *New York Times* anunciou sem alarde que estava criando uma força-tarefa para investigar o assassinato. A equipe era liderada por Harrison Salisbury, então editorialista do periódico e quem anunciou que seus repórteres iam “vasculhar todas as zonas de dúvida com a meta de eliminá-las”. Até a revista *The Saturday Evening Post* — vitrine dos valores tipicamente americanos retratados por Norman Rockwell<sup>4</sup> — foi levada a declarar que havia “algo podre” em Dallas, publicando na capa um trecho do livro de Thompson com a retumbante manchete: “Três assassinos mataram Kennedy”. Um editorial complementar declarava: “Acreditamos que o mistério Kennedy não tenha sido resolvido, que o caso não esteja encerrado”.

Todas essas marolas de atividade em torno do assassinato de Kennedy seriam engolidas em 1967 pela onda maior da investigação de Jim Garrison. Era um estrondoso espetáculo midiático que varria tudo que se apresentava à sua frente. A investigação trouxe à luz um colorido leque de personagens — entre os quais, mercenários da CIA, violentos refugiados cubanos, vigaristas e, claro, Clay Shaw, o elegante empresário gay com relações com a espionagem e que se tornou figura central do caso de Garrison.

Robert Kennedy havia esperado calmamente até estar em condições de conquistar a Casa Branca — uma corrida que, naquele momento, ele planejava fazer em 1972, depois que Lyndon Johnson tivesse completado seu segundo mandato pleno. Então RFK ia utilizar os poderes do governo federal para sua caça aos assassinos do irmão. Entretanto, ele não havia contado com Jim Garrison. A barulhenta investigação

do procurador obrigou Bobby a sair da concha em que estava, levando-o a buscar sentido na cavalgada de Garrison — e a tomar iniciativas para não ser ultrapassado por ela.

Foi preciso um homem com a bravura de Jim Garrison para ser o primeiro magistrado do país a reabrir a investigação sobre o assassinato de JFK. Conhecido em Nova Orleans como o “Jovial Gigante Verde”, devido a seu enorme tamanho — cerca de dois metros de altura e 110 quilos — e sua personalidade comunicativa, ele chamava a atenção nessa vistosa cidade. Quando começou sua carreira de jurista, Garrison apresentava um currículo incomum, mas isso não era problema em Big Easy.<sup>5</sup> Seu pai era um personagem questionável que havia sido preso por furto e vendia bebida alcoólica proibida aos índios. Durante a Segunda Guerra Mundial, Garrison serviu com distinção como piloto de combate na Europa. Porém, quando foi chamado de volta à ativa durante a Guerra da Coreia, estava sofrendo de ansiedade e ficou isento por motivos psiquiátricos. Entrou para o FBI, mas saiu abruptamente menos de quatro meses depois. Após ser eleito procurador distrital, ficou conhecido por carregar uma pistola e organizar batidas, amplamente divulgadas, nos inferninhos da Bourbon Street. Não obstante, era um notório mulherengo com propensão para os prazeres oferecidos no Bairro Francês.

Em março de 1962, Garrison usou suas conexões políticas da Louisiana para obter uma audiência junto ao fulgurante novo presidente dos Estados Unidos. Em vez de levar sua esposa, Liz, consigo até Washington, ele viajou com sua amante do momento, uma aeromoça chamada Judy

Chambers. Na noite anterior ao encontro com JFK, o procurador distrital, notório farrista, e sua acompanhante se divertiram tanto que ele não acordou a tempo para a reunião na Casa Branca. Contudo, Garrison conseguiu se recompor para um encontro com Bobby Kennedy no Departamento de Justiça às 13h30. Se JFK tivesse descoberto o motivo pelo qual Garrison faltou ao encontro, certamente teria achado graça. Mas Bobby, que nunca colocava o prazer antes do dever, não escondeu sua irritação com Garrison. Quando o procurador distrital voltou a Nova Orleans, um amigo lhe perguntou como havia sido sua viagem. “Bem, encontrei Bobby”, respondeu Garrison. Então, foi obrigado a explicar por que havia perdido a reunião com o presidente. Mas ele não parecia tão arrependido. “Sempre é possível marcar um encontro com o presidente”, disse Garrison ao amigo. “Mas nem sempre se consegue uma mulher tão gostosa!”

Garrison era “exibicionista”, como ele mesmo se gabava junto à imprensa, mas não um fanfarrão. Assim como grande parte dos americanos, ele havia aceitado a versão do governo sobre o assassinato até um dia de novembro de 1966, quando o respeitável senador Russell Long, da Louisiana, com quem viajou de avião até Nova York, fez alguns comentários perturbadores sobre o Relatório Warren. “Esses caras da Comissão Warren estavam totalmente errados”, disse a Garrison o senador Long, encarregado de garantir o comparecimento dos membros da maioria às sessões do Congresso. “Não há como um único homem ter atirado desse jeito contra Jack Kennedy.” Os comentários do senador Long impuseram a Garrison a missão de descobrir a verdade sobre o que acontecera com JFK nas ruas de Dallas. “Para mim”, disse ele, “foi o fim da ingenuidade”.

Depois de examinar o volumoso Relatório Warren — um estudo que, como ele ficou convencido, havia sido projetado para “tranquilizar a opinião pública americana” — e o trabalho de importantes pesquisadores sobre a conspiração, Garrison chegou à conclusão de que Kennedy havia sido vítima de um complô muito bem organizado e com raízes em Nova Orleans, onde Lee Harvey Oswald passara o verão anterior ao assassinato. Apesar de sua fama de cidade tropical com tolerância serena, Nova Orleans era um celeiro de extremismo anti-Kennedy. O próprio JFK confiara ao congressista Hale Boggs, enquanto esperava o fim da chuva no abrigo dos jogadores em um jogo de abertura da temporada de beisebol em abril de 1962, que temia fazer uma nova viagem a Nova Orleans por causa das violentas paixões contra ele que existiam lá. “Não tenho certeza de querer ir”, disse o presidente a Boggs. “Recebi relatórios que dizem que as coisas estão tão tensas lá que algo poderia acontecer.”

Enquanto Garrison dava início à investigação dos vínculos entre Oswald e oponentes locais de Kennedy, ele reparou o estranho escritório situado no número 544 da Camp Street, onde o ex-agente do FBI e fanático extremista Guy Banister e seu excêntrico sócio David Ferrie supervisionavam um agitado núcleo de atividades anticastristas do qual fizera parte o jovem detido pelo assassinato de Kennedy. O procurador chegou à conclusão de que Oswald era um peão de um complô mais complexo, incriminado como marxista pró-Castro para que levasse a culpa sozinho. Os verdadeiros cérebros da conspiração, concluiu ele, se encontravam na CIA e no Pentágono. “O presidente Kennedy foi assassinado por um motivo”, Garrison começou a dizer à imprensa. “Porque estava trabalhando pela reconciliação com a [União

Soviética] e com a Cuba de Castro... O presidente Kennedy morreu porque queria a paz.”

Garrison concluiu que os Estados Unidos estavam sendo dominados pelo complexo militar-industrial sobre o qual Eisenhower havia alertado. “De maneira absolutamente verdadeira e aterrorizante, nosso governo é a CIA e o Pentágono, com o Congresso reduzido a um clube de debates”, declarou ele em 1968. “Aprendi o suficiente sobre as maquinações da CIA no último ano para saber que isto aqui não é mais a América dos sonhos na qual eu acreditava... Sempre tive um tipo de confiança imutável na integridade básica do meu governo, independentemente dos erros políticos que ele pudesse cometer. Mas entendi que, em Washington, para alguns, enganar e manipular fazem parte das prerrogativas naturais do ofício. Uma vez Huey Long disse: ‘O fascismo chegará aos Estados Unidos em nome do antifascismo’. Baseado em minha experiência, receio que esse fascismo chegue aqui em nome da segurança nacional”.

Guy Banister morrera de ataque cardíaco em 1964, de maneira que David Ferrie se tornou o principal suspeito de Garrison. Ferrie, piloto e mercenário, fora demitido da Eastern Airlines depois de ter sido detido sob a acusação de manter relações sexuais com garotos. Ferrie conhecia Oswald desde a época em que era um jovem cadete na Patrulha Aérea Civil, onde o homem mais velho atuava como instrutor. Ferrie entrou no sombrio mundo do aventureirismo anticomunista, em que espiões, gângsteres e eLivross cubanos se misturavam. Como Edward Jay Epstein observou com pertinência, ele “era estranho, mesmo para os padrões mais descontraídos do Bairro Francês”. Vítima de uma doença que o fizera perder a pilosidade, Ferrie usava perucas ruivas caseiras e mal-

ajeitadas, e passava lápis para esconder a falta de sobrancelha, o que dava ao seu rosto a aparência de uma “máscara mórbida do Dia das Bruxas”, segundo a avaliação de Garrison. Seu imundo e periclitante apartamento estava repleto de gaiolas com camundongos que chiavam e que ele usava em experiências sobre câncer, para encontrar uma maneira de injetar a doença em Castro, segundo o que dissera a algumas pessoas.

Primeiro, Garrison convocou Ferrie para um interrogatório alguns dias depois do assassinato, ao ser informado de que este fizera uma misteriosa viagem até o Texas no dia do crime. Estava prestes a levar Ferrie perante um júri em fevereiro de 1967 quando sua investigação vazou na imprensa, e Ferrie de repente se encontrou em meio a uma tempestade midiática. Embora o suspeito de Garrison fosse cada vez mais o centro das atenções do público, o procurador distrital decidiu adiar seu comparecimento, aparentemente para poder interrogá-lo um pouco mais. Foi uma decisão fatídica. No exato momento em que Garrison dizia a sua equipe para “ficar fria, segurar as pontas e esperar um pouco mais”, recebeu uma ligação telefônica informando-o de que Ferrie havia sido encontrado morto em seu apartamento. O médico-legista concluiu que o homem de 48 anos havia morrido de causas naturais — Ferrie sofria de hipertensão, e alguns de seus amigos especularam que ele tivera uma hemorragia cerebral fatal causada pelo estresse da investigação de Garrison. Porém, o procurador nunca deixou de suspeitar de que fosse suicídio ou assassinato. Segundo ele, Ferrie fora vítima de forças muito maiores que ele, e havia sido “varrido pelos vendavais da história”.

Naquele momento, o procurador distrital de Nova Orleans estava no meio de uma tempestade, um furacão político e

midiático jamais visto naquela cidade. Centenas de repórteres e equipes de filmagem do mundo todo cercavam seu escritório. A Casa Branca, o Departamento de Justiça, o FBI e a CIA seguiam de perto sua investigação subfinanciada. Com a morte de Ferrie, o suspeito-chave de Garrison havia desaparecido, e de repente havia uma grande falha em seu caso. Mas o procurador estava montando em um animal selvagem, e em vez de se livrar da bufante fera à qual estava amarrado, ele se manteve firme e declarou que tinha um novo suspeito.

Em março de 1967, Garrison anunciou que havia prendido um líder cívico chamado Clay Shaw pelo assassinato de John F. Kennedy. A estupefata cidade conhecia Shaw como o respeitado fundador da International Trade Mart. Porém, para Garrison, ele era um empresário internacional vinculado à CIA e — como David Ferrie, um homem que Shaw conhecera nos círculos gays — fora um dos mentores de Oswald em Nova Orleans. A investigação de Garrison sugou virtualmente toda a atividade sobre JFK para dentro de seu turbilhão. Entre os milhões de americanos fascinados pelo caso, estava Robert F. Kennedy.

Uma noite, logo depois da morte de David Ferrie, tocou o telefone na casa do dr. Nicholas Chetta, o médico-legista de Nova Orleans que havia dirigido a autópsia do homem que tinha se encontrado no centro do furacão Garrison. Foi Nicky Jr., o filho adolescente de Chetta, que atendeu a chamada, cada vez mais aborrecido por conta das incessantes ligações da imprensa provocadas pela súbita morte de Ferrie. Garrison não era o único a achar essa morte suspeita.

“Olá, sou Robert Kennedy”, disse o homem ao telefone. “Eu poderia falar com o doutor Chetta?”

“Claro, e eu sou o Cavaleiro Solitário”, respondeu o filho do médico, que não estava a fim de trotes, antes de bater o telefone no gancho.

Logo depois, o telefone tocou de novo. “Sou Robert Kennedy e insisto em falar com o doutor Chetta.” Dessa vez o garoto passou o telefone para seu pai, que conversou em voz baixa com Kennedy durante alguns minutos. O senador queria verificar se o suspeito-chave de Garrison não havia sido vítima de um crime.

Enquanto Garrison soltava rojões, Bobby Kennedy tomava providências para verificar a validade de sua investigação. Kennedy recorreu ao seu costumeiro método de utilizar terceiros para verificar o andamento dos trabalhos em Nova Orleans. Entre os que ele utilizou para obter informações estava seu velho amigo e ex-assessor de imprensa Ed Guthman. Depois de deixar o Departamento de Justiça em agosto de 1964, pouco antes da saída de seu chefe, Guthman havia voltado à atividade jornalística como editor nacional do *Los Angeles Times*. Ao ser entrevistado para este livro, Guthman insistiu em dizer que Kennedy não lhe pediu que investigasse Garrison. Afirmou que foi ele mesmo quem decidiu colocar cinco de seus melhores repórteres no caso. Por iniciativa própria, viajara até Nova Orleans para investigar a história, convidando Garrison e um de seus investigadores — um detetive particular chamado Louis Gurchich — para almoçar. Apesar da insistência de Guthman em dizer que suas motivações na época eram puramente jornalísticas, os homens supuseram que ele estivesse cumprindo uma missão para Kennedy. “Ele certamente estava avaliando nosso quociente intelectual para Bobby”, disse Gurchich naquela época. “Bobby sempre desconfiou dos críticos malucos [da versão oficial do assassinato].”

A equipe de repórteres de Guthman chegou a Nova Orleans logo depois que o caso de Garrison foi levado a público, e permaneceu na cidade até que a história chegasse ao fim. Logo, os jornalistas manifestaram certo desdém em relação ao procurador e a seu caso, depois de entrevistar fontes como a irmã de Jack Ruby, que encontraram no sul da Califórnia; Perry Russo, de 25 anos, o bonito estagiário na área de seguros, que se autodescrevia como “aberração sexual” e que havia se tornado testemunha vedete de Garrison, após este ter vinculado Ferrie, Oswald e Shaw ao complô contra JFK; e, mais importante, o irmão de Gurvich e seu parceiro de investigação, William, que havia se tornado um dos mais virulentos críticos de Garrison depois de brigar com ele a respeito do caso. Uma vez informado por William Gurvich das inúmeras histórias sobre as excentricidades de Garrison, um jornalista do *Times* submeteu a Guthman uma raivosa nota em que dizia: “Se não fosse tão terrivelmente séria devido ao prejuízo que está causando a pessoas inocentes, [a investigação de Garrison] seria cômica, burlesca”.

Os repórteres de Guthman o convenceram de que Garrison era “um impostor”. Ao lembrar o caso anos mais tarde, ele disse: “Eu mandei para lá alguns de nossos melhores homens, principalmente de nosso escritório de Washington, grandes repórteres como Jack Nelson. E eu também fui até lá. Mas todos da minha equipe concluíram que não havia nada. E eram ótimos repórteres”.

Mais tarde, Guthman se encontrou com Kennedy em Washington e lhe contou o que a equipe do *Los Angeles Times* havia concluído sobre Garrison. “Falei com Bob. Ele queria saber o que havíamos encontrado e eu lhe contei. Então ele aceitou nossas conclusões. Meu sentimento era

de que existia a possibilidade [de uma conspiração], mas que Garrison não tinha provas.”

Entretanto, o homem que teve o maior impacto sobre a opinião de Kennedy em relação à investigação de Nova Orleans foi Walter Sheridan. O antigo chefe do esquadrão “Vamos Pegar Hoffa” de RFK no Departamento de Justiça teve um papel central, embora pouco conhecido, na secreta busca de Kennedy pela verdade sobre Dallas. Não havia outra pessoa em seu círculo íntimo de quem Bobby dependesse mais para ajudá-lo a desenterrar toda a história do que acontecera a seu irmão. A opinião de Sheridan sobre Garrison certamente teria enorme peso sobre Kennedy. Uma vez, Robert confiou ao jornalista Jack Newfield, de Nova York — havia se aproximado do senador ao fazer uma reportagem sobre ele —, que “havia encarregado Goodwin, Mankiewicz e Sheridan de cuidar de diferentes aspectos do assassinato”. E Newfield sabia que o homem-chave entre os três era Walt Sheridan. Era aquele que, segundo os familiares de Kennedy, um dia iria liderar os trabalhos para desvendar o caso.

A profunda confiança e afeição de Kennedy para com Sheridan havia se construído durante a longa batalha de ambos para colocar Jimmy Hoffa atrás das grades. Sheridan era um homem magro e de voz suave, mas — assim como Bobby — capaz de se tornar feroz e implacável ao caçar corruptos como Hoffa, homem que ambos qualificavam de “maligno”. Kennedy e Sheridan compartilhavam uma visão de mundo em branco e preto, enraizada em sua fé católica, quando juntaram forças nos anos 1950. Estavam determinados a limpar o governo — o qual, assim como a igreja, eles acreditavam que devesse atender os necessitados e sofredores — da podridão moral que, segundo temiam, havia se espalhado até os mais altos

escalões de Washington. “Precisamos despertar entusiasmo pelo que é bom, certo e justo”, disse Sheridan à Adoration Society, um grupo católico de Utica, sua cidade natal no estado de Nova York, em 1960. “Está na hora de reafirmarmos a obstinação básica e a convicção moral que levaram nosso país à sua posição de grandeza.” A cruzada do Departamento de Justiça de Bobby contra o crime organizado iria se tornar o veículo de Sheridan para a renovação moral da nação. A cruzada levaria ambos os homens para os cantos mais sombrios do poder americano, expondo-os e às suas famílias a riscos frequentes, e finalmente unindo-os como soldados que compartilham a mesma trincheira encharcada de sangue.

Sheridan era amado “como um irmão e um membro da família”, lembrou-se Teddy Kennedy. Ele e Bobby, que haviam nascido no mesmo dia, comemoravam o aniversário juntos. Ele e sua família eram frequentemente convidados em Hickory Hill, onde, apesar de seu físico pouco impressionante, Sheridan participava com entusiasmo das rudes e anárquicas partidas de futebol de Kennedy, quase sofrendo uma concussão na vez em que, em um ataque, sua cabeça bateu na do ex-jogador de futebol americano Byron “Whizzer” White. A esposa de Sheridan, Nancy, também gostava de Bobby, que com frequência convidava os cinco filhos dos Sheridan para festas no pátio do Departamento de Justiça e discursou na formatura de segundo grau de sua filha.

E foi também ao confiável Walt Sheridan que Kennedy recorreu imediatamente no dia 22 de novembro de 1963, enviando-o a Dallas para descobrir o que pudesse. Desde o começo, nenhum dos homens confiava no FBI para investigar o crime. No início de sua carreira, Sheridan havia passado quatro anos com o FBI, recrutando comunistas

como agentes secretos. Acabou saindo, insatisfeito com o extremismo de Hoover. “Eu era um verdadeiro liberal, e o FBI é uma organização direitista”, explicou ele mais tarde. Acusou abertamente o chefe do FBI de ser “um tanto ditador e um tanto filho da puta”. Depois que se desligou, os demais agentes do FBI foram avisados para não ter contato com ele. Hoover deve ter ficado irritado quando o nome de Sheridan começou a ser citado na imprensa como possível substituto do velho “ditador” no segundo mandato de Kennedy. Quando Sheridan, em menos de 48 horas após o assassinato de Kennedy, descobriu provas de que Jack Ruby recebera um “monte de dinheiro” de um sócio de Hoffa, o FBI não manifestou nenhum interesse em perseguir esse indício tentador.

Sheridan e Bobby Kennedy rapidamente chegaram à mesma conclusão: JFK havia sido vítima de uma poderosa conspiração. Mas, pelo resto de sua vida, Sheridan permaneceu cauteloso em seus comentários públicos sobre o assassinato. Outro traço que os Kennedy valorizavam profundamente no investigador era sua discrição. Submarinista durante a Segunda Guerra Mundial, Sheridan sabia como “transitar debaixo d’água”, notou um dos assistentes de Kennedy. “Quer se tratasse de negócios ou prazer, os segredos estavam protegidos com Walter”, elogiou Teddy Kennedy no enterro de Sheridan, em 1995. “Quer estivesse trabalhando em uma investigação ou planejando uma festa, nada nunca vazava. Nesse ponto, todos nós concordamos — Walter Sheridan não abria a boca.”

Mesmo assim, Sheridan compartilhou uma informação essencial com sua esposa — ele e Bobby estavam determinados a desvendar o assassinato do presidente Kennedy. Quando a contatei para este livro, a princípio

Nancy Sheridan se mostrou, assim como seu falecido marido se mostrara, reticente a falar sobre o assassinato. Porém, aos poucos, durante cinco entrevistas diferentes, concedidas em um período de dois anos, ela revelou um pouco mais sobre a colaboração dos dois homens no caso.

A viúva de Sheridan declarou que Walt e Bobby procuraram pistas nos anos que se seguiram a Dallas e planejavam reabrir o caso se Kennedy conquistasse a presidência. “Continuaram trabalhando no caso depois que Bobby saiu do Departamento de Justiça. Eles procuravam provas juntos”, disse ela, sentada em sua modesta casa térrea em um subúrbio de Maryland. Falava com suavidade e hesitação, escolhendo cuidadosamente as palavras.

Embora Nancy Sheridan soubesse que seu marido estava trabalhando naquele caso extremamente delicado com Kennedy, Walt nunca lhe contou o que haviam descoberto. “Ele não me contou nada específico”, disse ela. “Isso teria sido uma enorme responsabilidade, um terrível fardo para sua família.”

“Você quer dizer que ele não queria pôr em risco sua família?”, perguntei.

“Sim.”

Em uma entrevista posterior, ela reiterou essa afirmação. “Eu disse a nossos filhos: ‘Seja o que for que Walt soubesse sobre o que havia acontecido em Dallas, ele o levou consigo’. Nunca iria colocar tamanha responsabilidade sobre a sua família.”

Mais uma vez, procurando ter certeza do que ela estava falando, perguntei: “Por que ele não queria pôr sua família em risco?”.

“Bem”, respondeu ela, “teria sido uma responsabilidade terrível para qualquer pessoa, você não acha?”

Sheridan havia registrado por escrito suas reflexões sobre o caso?

“Não, ele não registrou isso por escrito.”

Em fevereiro de 1965, Sheridan deixou a equipe de Kennedy para seguir uma carreira de jornalista investigativo, sendo contratado como produtor pela NBC News. “Quero acertar as pessoas bem no meio dos olhos. Quero falar sobre coisas que ainda não foram abordadas”, anunciou ele. Antes que começasse em sua nova função, fez um acordo com RFK, comprometendo-se a não falar de Dallas na NBC. Eles iam esperar até poderem reabrir o caso juntos. “Quando Walt recebeu essa proposta de trabalho na NBC”, lembrou-se Nancy, “ele procurou Bob e disse: ‘É o que vou fazer, o que acha disso?’. E a decisão que tomaram foi que a única coisa que Walt não ia fazer para a NBC era investigar o assassinato. Isso porque estavam trabalhando juntos no assunto.”

Dois anos depois, a investigação de Garrison estourou na imprensa. Kennedy e Sheridan estavam ansiosos para descobrir que provas tinha o procurador distrital. Bobby disse a Arthur Schlesinger que achava que Garrison podia ter algo relevante. Mas Sheridan, que havia decidido ir a Nova Orleans para verificar a investigação, logo chegou a uma conclusão diferente, colocando os partidários de Kennedy em rota de colisão com os de Garrison.

Assim como Guthman, Sheridan insistiu em dizer que não ia a Nova Orleans a pedido de Kennedy. Mas, assim que chegou lá, começou a fornecer informações sobre a investigação para seu antigo patrão. Os contundentes relatórios de Sheridan sobre Garrison iriam fazer que Kennedy ficasse contra o procurador, e seu mordaz programa especial na NBC — *A Conspiração JFK: O Caso de*

*Jim Garrison* — faria que a imprensa criticasse violentamente o homem da lei de Nova Orleans.

Segundo Nancy Sheridan, seu marido decidiu que Jim Garrison era “uma fraude — um homem desonesto, moral e intelectualmente”, nas primeiras 24 horas após sua chegada a Nova Orleans. “Ele falou com um número suficiente de pessoas para dizer que o homem era louco — e desonesto”, lembrou-se ela. Assim como para a equipe do *Los Angeles Times*, de Guthman, Bill Gurchich, desertor do campo de Garrison, foi a principal fonte de Sheridan quando ele formou sua terrível opinião a respeito do procurador. Depois de abandonar o campo de Garrison, Gurchich seria descrito na imprensa como o investigador-chefe do procurador distrital. Mas o próprio Garrison iria demitir Gurchich das funções de motorista e fotógrafo, mostrando que se tratava de uma das várias pessoas a passar por sua incoerente e desorganizada operação, que logo se povoou de personalidades exuberantes vindas de todas as regiões do país, incluindo informantes da CIA e do FBI.

Sheridan julgou o descontente empregado de Garrison suficientemente importante para agendar uma reunião entre ele e Kennedy em Hickory Hill, no dia 8 de junho de 1967. A conversa, de noventa minutos, prosseguiu na corrida de táxi até o aeroporto e acabou com os dois homens sentados em uma esteira de bagagens. Mais tarde, Gurchich explicou que havia encontrado Kennedy porque estava preocupado com o fato de ele poder pensar “que de fato havia algo em Nova Orleans que pudesse deixá-lo exageradamente otimista e esperançoso” com relação à investigação do assassinato de seu irmão. Na conversa, o investigador disse francamente a Kennedy: “Senador, o senhor Garrison nunca esclarecerá a morte de seu irmão”.

“Então, por que ele está fazendo isso?”, perguntou-lhe Kennedy.

“Não sei”, respondeu Gurch. “Eu gostaria de saber.”

Walt Sheridan tinha sua própria explicação sobre o circo midiático montado por Garrison. Achava que o procurador distrital estava tentando desviar as atenções do chefe da máfia de Nova Orleans, Carlos Marcello, e de seu contador, Jimmy Hoffa — ambos os homens estavam no topo da lista de suspeitos do assassinato estabelecida por Sheridan, o qual acreditava que Garrison estava na folha de pagamento de Marcello. Por que outro motivo o procurador não perseguiu o gângster, que tinha mais ligações com David Ferrie do que Clay Shaw? Na época do assassinato, Ferrie e Banister estavam investigando Marcello sobre o processo de deportação que o Departamento de Justiça de Bobby Kennedy havia aberto contra o chefe da Máfia. A Ferrie também foi atribuído o fato de ter trazido Marcello da Guatemala, depois que os homens de Kennedy o prenderam em circunstâncias duvidosas e o deportaram em 1961. Mas, curiosamente, Jim Garrison nunca se preocupou em investigar as conexões de Marcello com Dallas, uma cidade que estava sob seu domínio criminal e cujo subchefe local da Máfia — Joseph Campisi — foi a primeira pessoa a visitar Jack Ruby na cadeia. Como Ferrie e Banister também trabalhavam para a CIA, a agência que segundo ele havia fomentado o complô, Garrison escolheu focar apenas esse aspecto do currículo dos dois homens.

Durante os anos em que atuou como procurador distrital, Garrison deu um salvo-conduto a Carlos Marcello, chegando ao ponto de insistir na tese de que o mafioso, que se autopromovia vendedor de tomates, era “um respeitável negociante”. Em sua biografia, de 1988, Garrison escreveu que nunca encontrou “provas de que [Marcello] tenha sido o

pivô da Máfia como dizia o Departamento de Justiça”. Reconheceu que a Máfia às vezes agia como parceira secreta da CIA, mas o único papel significativo que, segundo ele, a Máfia teve em Dallas foi o de ser um conveniente bode expiatório para a agência de espionagem. Kennedy tinha um entendimento mais astuto da maneira como o poder funcionava no país; reconhecia que instituições como a CIA às vezes ficavam tão imiscuidas com o submundo do crime, que era difícil diferenciá-las no nível operacional.

Sheridan sentiu que suas suspeitas em relação a Garrison haviam sido confirmadas no final de junho de 1967, quando — bloqueado no que agora havia se tornado uma briga abertamente pública com o produtor da NBC — o procurador distrital deixou vazar para a imprensa a informação de que estava investigando Ed Partin como possível envolvido no assassinato de Kennedy. Partin, o líder rebelde da filial do sindicato Teamsters em Baton Rouge, havia sido testemunha-chave no processo Kennedy-Sheridan contra Jimmy Hoffa. Depois de Hoffa ter sido finalmente condenado e mandado para a cadeia em março de 1967, o Teamsters e seus aliados do crime organizado começaram a usar todo tipo de influência para pressionar Partin no sentido de mudar de lado e ajudar a libertar Hoffa. Sheridan concluiu imediatamente que o furo midiático de Garrison sobre Partin era o último passo nessa campanha em prol de Hoffa. Para Walt Sheridan e Bobby Kennedy — que haviam dedicado grande parte de sua vida profissional a caçar Hoffa — existiam poucas outras ofensivas que eles levavam mais a sério do que a tentativa de obter a revisão da condenação duramente conquistada do chefe do Teamsters.

Apenas outra manobra de Garrison podia deixar Sheridan e Kennedy ainda mais preocupados: direcionar sua investigação para as escuras águas dos núcleos

anticastristas, que haviam sido supervisionados por Bobby, e investigar a maneira como estes podiam ter se voltado contra JFK em Dallas. Era precisamente o que Garrison estava começando a fazer, o que deve ter deixado Kennedy horrorizado. O procurador começou a vasculhar o campo minado de Cuba, para ver se Oswald fizera parte de um complô para matar Castro e se a operação havia sido aprovada pelo procurador-geral Kennedy. Mesmo assumindo que RFK tivesse aprovado os esquemas de assassinato de Castro, existiam coisas suficientes nas catacumbas de Cuba para assombrar Bobby desde o momento em que os tiros haviam sido disparados na Dealey Plaza. Esse ângulo da investigação de Garrison só pode ter acentuado os sentimentos de culpa de Kennedy e seu medo de que o caso de Nova Orleans explodisse em sua cara.

Em maio de 1967, Sheridan — que havia descoberto a alarmante linha de investigação de Garrison — tomou a extraordinária iniciativa de se aproximar da CIA para ver se a agência queria cooperar com sua investigação do procurador distrital na NBC. No dia 8 de maio, Richard H. Lansdale, advogado da agência, revelou em uma nota que havia sido abordado por um representante de Sheridan — o advogado Herbert “Jack” Miller, de Washington, antigo chefe da Divisão Criminal do Departamento de Justiça de Kennedy. Miller disse ao conselheiro da CIA que Sheridan soubera que Garrison estava tentando desenvolver uma tese “explosiva” sobre Oswald. O procurador estava tentando provar que o assassino presumido “era um agente da CIA, profundamente anticomunista, recrutado pela agência para uma operação aprovada por Robert Kennedy para matar Castro. Quando Oswald matou o presidente Kennedy, segundo a tese, foi necessário apresentar o assassino como comunista para encobertar o plano original”. Três dias

depois, Lansdale relatou que Miller o contatara de novo em nome de Sheridan, dizendo-lhe que Sheridan “havia manifestado a vontade, se não o desejo, de se encontrar com a CIA sob as condições que propusermos. Ele apresentaria a maneira como entende os esquemas e as intenções de Garrison, e ouviria o que estamos a fim de dizer. Isso faria parte do pano de fundo do próximo programa da NBC”.

O fato de que o assessor de Kennedy e a CIA — com sua longa e sombria história de relações hostis — tenham conversado sobre a possibilidade de juntar suas forças contra Garrison mostra o quanto ambas as partes estavam preocupadas com o que acontecia em Nova Orleans. A agência tomou medidas agressivas para se infiltrar na investigação de Garrison e interrompê-la. E durante o processo de Clay Shaw — que, como Dick Helms mais tarde admitiu, trabalhava para a CIA, fornecendo informações sobre empresários que no exterior viajavam para trás da Cortina de Ferro — o diretor da CIA perguntou repetidamente a seus suplentes mais próximos se “estamos dando [à equipe de defesa de Shaw] toda a ajuda que precisa?”.

Mas Sheridan teve um impacto muito mais prejudicial sobre a investigação de Garrison quando a NBC difundiu seu programa especial de uma hora de duração, no dia 19 de junho de 1967. O programa atacou com violência o procurador distrital por fabricar às pressas um processo capenga contra Shaw, subornando, intimidando e manipulando testemunhas. Os resultados do caos do procurador Garrison, concluiu o apresentador do programa, “podem ter prejudicado reputações, espalhado medo e suspeitas, e, pior que tudo, explorado a dor e as dúvidas da nação em relação à morte do presidente Kennedy”. O

programa da NBC foi um golpe devastador, e marcou uma virada na sorte de Garrison. Depois das acusações de Sheridan, a imagem pública do procurador distrital começou a mudar de cruzado para louco.

Garrison, ferido, exigiu — e conseguiu — tempo igual na NBC para se defender. Porém, também ele reforçou sua imagem de descontrolado déspota de fundo de quintal ao inverter os papéis com Sheridan, acusando-o de suborno de testemunhas. (Mais tarde as acusações foram abandonadas.) Os Sheridan temiam que o procurador distrital mandasse Walt para a cadeia de forma que pudesse “machucá-lo fisicamente”, como disse Nancy. Kennedy se precipitou na defesa de Sheridan, declarando que “seus vínculos pessoais com o presidente Kennedy, assim como sua própria integridade, asseguram que ele, como qualquer outro homem, quer descobrir a verdade sobre os eventos de novembro de 1963”.

Nesse momento, RFK estava inclinado a se opor a Garrison. Quando soube que Mort Sahl havia conseguido uma participação do procurador distrital no programa *Tonight Show*, de Johnny Carson, Kennedy tentou convencer, sem sucesso, Carson a anular o convite. O jornalista político Jeff Greenfield,<sup>6</sup> da CNN, então jovem assistente de Kennedy, lembra-se de ter entrado no escritório do Senado e ouvido Bobby tentando convencer Carlson por telefone. “Ele estava dizendo a Carlson que Garrison só falava besteiras. Bobby dizia: ‘Não acredite nele. Se eu achasse que há algo em tudo isso, eu teria agido. Você não acha que eu teria me empenhado com toda a força?’.” Carlson manteve a entrevista, porém suas perguntas — que Sheridan ajudou a formular — foram surpreendentemente hostis e levaram vários telespectadores a se queixar.

Contudo, Garrison atuou como o astuto advogado de tribunal que era, tirando habilmente a entrevista das mãos de Carlson e levantando suas próprias e provocantes questões sobre o assassinato. O apresentador de TV ficou tão aborrecido que mais tarde descontou em Sahl, banindo o comediante de seu programa.

Pelo resto da vida, Garrison e Sheridan iam se enxergar com venenoso desdém. Até hoje, entre os partidários de Garrison, o nome de Walter Sheridan provoca reações furiosas. Eles o acusam de ter obedecido à CIA quando esteve em Nova Orleans. Os partidários de Sheridan, por sua vez, acusam o procurador distrital de Nova Orleans de ter sido um demagogo corrupto. Na verdade, não é tão fácil rotular nem um nem outro.

Não há dúvida de que Sheridan tenha atuado em nome de Kennedy, e não como agente da inteligência, quando foi até Nova Orleans. Sua lealdade — desde a época em que trabalhou nas investigações de corrupção para Bobby, no final dos anos 1950, até o capítulo final de sua carreira, nos anos 1980, quando atuou como investigador do Senado para Teddy Kennedy — foi inquestionavelmente dirigida à família Kennedy. Walt Sheridan dedicou uma devoção religiosa à causa Kennedy, do tipo que ele não poderia ter oferecido a nenhum outro chefe. Jack Kennedy “pedia o melhor de todos nós, e nós lhe dávamos com entusiasmo”, disse ele uma vez, lembrando seus anos de serviço no governo de JFK. “A política voltou a ser uma profissão nobre, como na Grécia antiga.” Ele manteve essa visão dos anos Kennedy por toda a vida. Na mente de Sheridan, Bobby apenas elevou a missão a um patamar mais alto.

É verdade que Sheridan tinha um passado de espionagem quando veio trabalhar para Bobby Kennedy. Depois de deixar o FBI, em 1954, ele recebeu uma habilitação de

segurança para entrar na CIA. Em vez disso, decidiu trabalhar para a Agência de Segurança Nacional, mas apenas três anos depois deixou essa organização — um labirinto secreto dedicado a decifrar códigos estrangeiros — porque, segundo ele, “eu me sentia apartado do mundo”. Não existem provas de que Sheridan tenha continuado a ter um papel de espião durante sua carreira com os Kennedy. Nancy Sheridan disse que seu marido compartilhava as suspeitas de Bobby sobre a CIA. “Eles não confiavam na agência”, revelou ela.

É fácil entender por que a abordagem que Sheridan fez junto à agência no meio de sua pesquisa sobre Garrison desperta a desconfiança de seus críticos. Porém, a CIA, que após ouvir Sheridan ordenara uma verificação de seus antecedentes, desconfiava dele tanto quanto ele mesmo desconfiava da agência. Os funcionários de Langley podem ter temido que Sheridan e Kennedy não estivessem investigando Garrison, e sim tentando descobrir o que a agência sabia sobre o assassinato. De qualquer modo, o incidente revela mais sobre a desconfiança mútua de ambas as partes em relação a Garrison do que sobre a maneira como cada um confiava no outro. E não existem provas de que Sheridan e os representantes da agência de fato tenham juntado forças contra o procurador distrital.

Walt Sheridan foi a Nova Orleans por motivos que não tinham nada a ver com a inteligência dos Estados Unidos. Foi até lá para avaliar a investigação de Garrison, e então — após logo decidir que se tratava de uma ameaça para os interesses políticos de Bobby Kennedy e suas futuras chances de reabrir o caso — para sabotá-lo.

Se Sheridan não era espião, Jim Garrison também não era um simples peão do crime organizado. Ele fechava os olhos quando se tratava de Carlos Marcello. E com certeza não

era o brilhante cavaleiro retratado por Kevin Costner no filme *JFK*, de Oliver Stone. Mas Garrison era mais heroico do que Sheridan acreditava.

Para o incorruptível caçador de criminosos de Bobby, Garrison exalava um odor repelente e mofado devido a sua disposição de tolerar as façanhas ilegais de homens como Marcello. Mas Sheridan foi rápido demais ao descartar toda a iniciativa de Garrison por causa disso. Afinal de contas, o procurador estava em seu ambiente, a estufa de Nova Orleans, onde eram raros os funcionários públicos que não precisavam trocar de camisa de vez em quando para se manterem limpos. Apesar disso, a indignação de Garrison em relação à falta de solução do crime do presidente era genuína. E isso envergonhou os numerosos funcionários públicos de Washington que, pelo fato de se encontrarem em uma posição mais elevada em relação ao crime, haviam escolhido não fazer nada.

Garrison também pode ter errado feio ao escolher como alvo Clay Shaw, depois da morte de duas figuras centrais nesse caso, Guy Banister e David Ferrie. Porém, como a Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos confirmaria na década seguinte, o procurador de Nova Orleans tivera êxito ao pôr em evidência um aspecto crucial da conspiração: um mundo de zelosos conspiradores da CIA, expatriados cubanos, militantes da extrema-direita e mercenários, no qual o presidente Kennedy era visto como traidor.

Há algo trágico na vendeta que ocorreu entre Jim Garrison e Walter Sheridan. Esses dois homens certamente sabiam mais do que qualquer outra pessoa no país, além dos próprios conspiradores, sobre o complô que havia derrubado JFK. Mas, assim como os herdeiros rivais do legado de Kennedy — RFK e LBJ —, foram destinados a se enfrentar

em vez de cooperar entre si. Não existiam dois homens mais diferentes — um grande, dono de uma voz forte e atrevido; o outro, esbelto, calado e circunspecto. Garrison era um homem de enorme apetite e ambição; Sheridan, um devoto homem de família e honesto servidor público que havia fundido seus próprios sonhos aos de Robert Kennedy. Mas não foram suas destoantes personalidades que os levaram a lados opostos. Foi a necessidade de Kennedy de controlar a investigação do assassinato de seu irmão. Mesmo sem seus evidentes defeitos, Garrison ia ser inaceitável para Bobby. Quando se tratava de resolver o crime, RFK confiava apenas em si e em alguns poucos homens, como Sheridan, que o serviam.

Uma noite, enquanto trabalhava como consultor de comunicação voluntário de Jim Garrison, Mort Sahl foi convidado para um jantar em Washington por seu amigo, David Brinkley, âncora da NBC News. Sahl ficou sentado ao lado de Bob McNamara, enquanto sua esposa, China, sentava-se ao lado de Bobby Kennedy, que estava nervoso. Todos evitavam tocar no assunto que estava pairando no ar. “A conversa era tão inócua que precisávamos nos esforçar”, lembrou-se Sahl. “O tempo era um assunto recorrente, e ninguém tomava posição nem sobre isso.” Ethel Kennedy finalmente rompeu o clima tenso ao ficar bêbada e dançar sobre a mesa. “Ethel, por favor, minha carreira”, irrompeu Bobby.

Finalmente, às 23h, Sahl deixou o jantar para se apresentar em um clube noturno, deixando sua esposa com Kennedy, o qual, muito inquieto, rasgava guardanapos em tiras e fazia pirâmides com o papel. Foi apenas depois da saída de Sahl que Bobby se acalmou e questionou China, de maneira indireta, sobre a controversa virada da carreira de

seu marido. Por que Mort havia sido demitido de seu programa popular em um canal de TV de Los Angeles?, perguntou-lhe Kennedy. Ele já sabia a resposta — Sahl havia sido escorraçado por falar demais sobre o assassinato de seu irmão. Por fim, depois de deixar Bobby pressioná-la uns instantes para obter informações, China, com a língua afiada, o interrompeu: “Ele esteve ao seu lado durante duas horas. Por que não perguntou a ele?”.

Sahl estava exasperado pela reticência de Bobby Kennedy e de seu círculo em enfrentar publicamente o assunto pelo qual ele estava sacrificando sua própria carreira. Em outra ocasião, ao acompanhar a esposa de John Chancellor, o âncora da NBC, que foi a trabalho, naquela noite, a um jantar na Casa Branca, o comediante deu de cara com a esposa de Ted Kennedy, Joan. Quando ele lhe disse que Bobby o havia convidado para ir até seu escritório do Senado no dia seguinte, ela balbuciou: “Ah, então ele não está mais zangado com você?”.

“Zangado com quê?”, exclamou Sahl. “Estou destruindo minha carreira para descobrir quem matou o irmão dele!”

No dia seguinte, quando o comediante o visitou em seu escritório de Capitol Hill, mais uma vez Bobby fez questão de não tocar no assunto. Kennedy queria saber qual era a opinião dominante sobre LBJ nos *campi* universitários em que Sahl se apresentava com frequência. “Eles o odeiam”, disse Sahl.

“Está provavelmente na hora de alguém fazer algo”, comentou Bobby indiretamente.

Sahl foi direto ao ponto: “Talvez você tenha que salvar o país”.

Era a próxima disputa presidencial que preocupava Kennedy. E seus planos para o futuro dependiam de sua posse na Casa Branca.

Segundo Sahl e Mark Lane, que também havia ido até Nova Orleans para trabalhar no caso, os assessores de Kennedy e Garrison enviavam ocasionalmente mensagens secretas um ao outro, apesar da terrível hostilidade existente entre eles. Isso estava longe de ser um acordo formal entre Garrison e Sheridan, e, de fato, parece ter consistido principalmente em fofocas e informações incompletas transmitidas para os dois lados por um exuberante intermediário chamado Jones Harris. Nova-iorquino cujo círculo social em parte coincidia com o dos Kennedy, Harris se tornou um obstinado pesquisador do assassinato em Dallas, viajando até a Dealey Plaza e mais tarde a Nova Orleans. Filho ilegítimo do produtor da Broadway Jed Harris e da atriz Ruth Gordon, Harris tinha humor ácido e estilo teatral, aparecendo no escritório de Garrison de chapéu de palha, o qual ele raramente tirava, mesmo em ambientes fechados. Ele havia namorado a secretária da Casa Branca encarregada da agenda de Jackie (e amante de JFK), Pamela Turnure, e participara de festas em Newport com o grupo dos Kennedy quando JFK ainda era vivo — uma vez ele disse a Jackie que seu glamoroso marido deveria trabalhar no cinema e deixar Peter Lawford governar o país. Garrison achava Harris curioso, e o nova-iorquino se tornou um dos membros do exuberante círculo em torno do procurador.

Fazendo traslados entre Nova York e Nova Orleans, Harris passava informações sobre a investigação de Garrison a membros do clã Kennedy como Steve Smith — marido da irmã de Bobby, Jean, e encarregado das finanças da família —, com o qual ele se encontrava por acaso em bares de Washington como o P. J. Clarke's. Harris então levava de volta mensagens do círculo Kennedy para Garrison.

Segundo Sahl, a mensagem de Bobby era sempre a mesma: “Preciso esperar tomar posse da Casa Branca. Então, vou pegar os caras que mataram Jack”. Talvez isso tenha sido a maneira que Bobby encontrou para avisar Garrison de que estava na hora de ele se retirar — ele ia assumir a investigação. Garrison, por sua vez, disse a Sahl que Bobby não ia viver o suficiente para vencer as eleições. O procurador enviou uma mensagem de volta para Kennedy dizendo que sua única chance consistia em falar sobre a conspiração que havia matado seu irmão, de tal forma que talvez seus inimigos pensassem duas vezes antes de fazer algo contra ele. Mas, segundo Sahl, o conselho não foi bem recebido por Bobby. A mensagem de resposta transmitida por Harris foi: “O que acha que vamos fazer: ouvir as pessoas de Washington que sempre trabalharam com os Kennedy, ou um comediante de clube noturno e um xerife pobretão do Sul?”.

Sahl meneia a cabeça. “Acho que hoje ele não estaria debaixo de uma chama eterna se tivesse nos ouvido.”

Até mesmo no ápice de sua briga com Sheridan, Garrison nunca dirigiu sua fúria contra Bobby Kennedy. O único comentário público contundente que fez sobre Bobby veio depois que o procurador distrital decretou a prisão de Sheridan, quando Kennedy se precipitou para defender o amigo. Bobby não queria que os “verdadeiros assassinos” fossem pegos, comentou acidamente Garrison, porque “isso ia interferir em sua carreira política”.

Na intimidade, com os membros de sua equipe, Garrison, aflito e confuso, questionava em voz alta a estranha leniência do círculo dos irmãos Kennedy. Uma vez, o procurador se virou para Sahl, o único membro da equipe que já se encontrara com os Kennedy, e em tom de

“enorme frustração” lhe perguntou: “Você os conheceu — que tipo de amigos esses caras tinham?”.

“Se alguém tivesse matado meu irmão”, acrescentou Garrison, “eu estaria em uma alameda esperando por ele com uma faca, e não sentado no Centro Kennedy, assistindo a um balé ao lado dele.”

Sahl também tinha uma visão muito crítica da mesa-redonda de Camelot e de sua incapacidade de perseguir os assassinos de seu líder. A velha turma de Kennedy estava muito preocupada em não ser mais convidada para festas caso criasse problemas, escarneceu o comediante. “Mesmo que a festa fosse uma grande comemoração funerária.”

Até a viúva do presidente — de início tão determinada em sua fúria contra os desprezíveis assassinos de seu marido — havia ficado calada. Um dia, ao caminhar na Madison Avenue perto da 74th Street, Sahl se deparou com Jackie, que estava olhando as vitrines de lojas e de galerias de arte da vizinhança. Seus olhos se encontraram. Ela sabia o que Sahl havia feito por seu falecido marido. “Olá”, disse Sahl. “Sei, sei, sei”, murmurou Jackie, afastando-se rapidamente.

No final, o processo de Jim Garrison contra Clay Shaw provocou exatamente o que Kennedy e Sheridan temiam. Contaminou a investigação do assassinato de JFK por anos a fio.

Após deliberar por menos de uma hora, o júri voltou à sala de audiências de Nova Orleans logo depois da meia-noite, no dia 1º de março de 1969, e declarou que Shaw era inocente. Enquanto os jurados deixavam claro que não aprovavam o Relatório Warren — as provas gráficas, como o filme de Zapruder que Garrison mostrara várias vezes durante as audiências, impressionaram-nos fortemente —, eles explicaram que o procurador distrital havia fracassado

ao apresentar um caso pouco sólido contra Shaw. Para a mídia, contudo, o veredicto era uma retumbante justificação da teoria do atirador solitário. Por pelo menos mais uma década, até que o Congresso finalmente reabrisse o caso, as pesquisas sobre o assassinato de John F. Kennedy seriam impregnadas de cultismo ou contrassenso por conta do espetacular fracasso judicial de Garrison. Até alguns dos mais importantes críticos do assassinato, que originalmente apoiavam Garrison, como Harold Weisberg, no final acabaram se voltando contra ele com amargor.

“Que a justiça seja feita, nem que caia o céu”, vibrara Garrison. E, de fato, o céu desmoronou sobre ele depois do colapso de sua investigação. Embora tivesse sobrepujado as tentativas de colocá-lo na cadeia por corrupção e de tirá-lo do cargo público, Garrison nunca mais escreveu sobre o auge da história como o fizera durante os dois anos de sua investigação sobre Kennedy.

Na época da queda de Garrison, Robert Kennedy já havia morrido. E Walter Sheridan nunca iria completar a missão de levar os assassinos de JFK perante a justiça. Com o decorrer dos anos, Sheridan evitou falar do assassinato. “Ele era quem guardava as confidências, a esfinge dos segredos”, comentou o jornalista Jack Newfield, que tentou sem sucesso convencer Sheridan a participar de seu documentário de 1992, *Frontline*, sobre o envolvimento da Máfia no assassinato de Kennedy. Em público, Sheridan declarava acreditar na teoria do atirador solitário, mas claramente não queria se estender sobre o assunto. “Se tivesse havido uma conspiração, eu é que a haveria descoberto”, disse ele ao jornalista investigativo Dan Moldea, autor de um livro sobre Jimmy Hoffa. Entretanto, confidencialmente, ele reconhecia que podia haver algum

fundamento nas suspeitas de Moldea sobre o líder do Teamsters e os chefes da Máfia, Marcello e Trafficante.

Ao crescerem, alguns dos filhos de Sheridan tiveram dificuldade em aceitar que seu pai tivesse aprovado laconicamente o Relatório Warren. Walt Jr., que se lembra de ter brincado em Hickory Hill e Hyannis Port quando criança, começou a suspeitar que havia mais por trás do crime do que Oswald, e desejou ter ouvido a opinião de seu pai. “Para mim foi o grande assunto político da minha vida, a maior pergunta que até hoje fica sem resposta”, disse ele. “Acredito que aquele *foi* o dia em que a música morreu.”<sup>7</sup>

Todas as vezes em que Walt Jr. perguntou ao seu pai se ele acreditava mesmo na teoria do atirador solitário, Sheridan insistiu em dizer que sim. Pouco tempo antes de morrer, no entanto, Sheridan finalmente disse a seu filho aquilo em que ele de fato acreditava. Estavam sentados na sala de estar de Sheridan depois do jantar, quando Walt Jr. voltou mais uma vez à velha pergunta.

“Não é realista pensar que outra coisa estava acontecendo em Dallas além de Oswald?”, perguntou a seu pai.

Fez-se uma pausa, e então Sheridan disse simplesmente: “Sim”.

“Para mim, foi uma vitória muito importante, depois de todos esses anos, ouvir meu pai finalmente dizer isso em voz alta. Porque eu sempre soube que havia algo mais. E quando ele falou isso, nem respondi; encostei-me na cadeira e disse a mim mesmo: ‘Graças a Deus’.”

Walter Sheridan morreu de câncer no pulmão em janeiro de 1995, aos 69 anos. Seu obituário citou sua longa e bem-sucedida carreira como investigador, um verdadeiro cruzado para o povo americano, inclusive em sua batalha contra a corrupção do Teamsters, os abusos da indústria

farmacêutica, as perigosas condições de trabalho nas minas e a exploração dos trabalhadores rurais. Os elogios fúnebres destacaram sua devoção à família e suas fortes convicções. “Ele tinha um coração tão grande quanto a sua habilidade, e não houve ninguém com tanta coragem e dedicação quanto ele pelo interesse público”, disse Ted Kennedy. “De certa forma, Bobby viveu para mim através de Walter. Durante os quase vinte anos em que trabalhou comigo no Senado, nunca me encontrei com Walter, conversei com Walter e ri com Walter sem pensar em Bobby.”

Apesar de suas numerosas realizações, antes de morrer Sheridan ficou muito deprimido por sua incapacidade em resolver o caso Kennedy. Jack Newfield, que permaneceu em contato com Sheridan, usou a palavra “suicida” para descrever seu estado de espírito perto do fim da vida. Quando perguntei a Nancy Sheridan se era verdade que Walt havia se tornado depressivo, esperei que ela, para proteger a memória do marido, negasse. Porém, ela disse: “Sim, é verdade. Ele era muito próximo de Bobby. Nutria sentimentos muito fortes em relação a ele. E acredito que os dois tenham solucionado o caso. Mas Walt nunca esteve em posição de fazer algo depois da morte de Bob”.

Por que Sheridan não continuou a investigação depois que Bobby morreu? “Ele não tinha mandato nem poder para fazer algo”, disse Nancy. “E havia prometido a Bob que não faria nada sem ele. Então, ele honrou esse acordo mesmo depois que Bob se foi.” Mesmo morto, Kennedy era o homem que os outros seguiam.

1 . Uma vez que cada estado norte-americano elege dois senadores, costuma-se distingui-los entre seniores e juniores de acordo com o tempo contínuo em que se mantêm no cargo. Embora não haja qualquer diferença constitucional entre eles no que diz respeito a direitos e deveres, o regimento interno do Senado dá mais poder aos seniores. [N. E.]

- [2](#) . Jorge III (1738-1820) era o rei da Grã-Bretanha durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos (1775-83). [N. T.]
- [3](#) . Referência ao pessoal que se reunia em volta de uma refinada mesa redonda do restaurante do Algonquin Hotel de Nova York, onde se encontraram, durante décadas, na primeira metade do século XX, a nata bem-nascida, os intelectuais e o meio artístico da cidade. [N. T.]
- [4](#) . O pintor Norman Rockwell (1894-1978) ilustrou a capa da revista durante quatro décadas. Seu estilo se caracteriza pela reprodução meticulosa de cenas comuns da vida nos Estados Unidos. [N. T.]
- [5](#) . Apelido de Nova Orleans. [N. T.]
- [6](#) . Jeff Greenfield deixou a rede CNN em 2007, ano de publicação deste livro nos Estados Unidos. [N. T.]
- [7](#) . “The day the music died”, no texto original, citando a letra da canção “American Pie”, de Don McLean. [N. T.]

## A paixão de Robert Kennedy

Certa noite, no final da primavera de 1966, o assistente de Kennedy, John Nolan — que estava em Joanesburgo ajudando a organizar a viagem histórica do senador à África do Sul que estava por vir —, chegou à casa do jogador de tênis sul-africano Abe Siegel e, enquanto o visitava, seu carro foi arrombado e a maleta na qual estava seu passaporte foi roubada.

“Isso assustou muito Siegel e sua esposa”, lembrou-se Nolan. “Eles acharam que era a polícia secreta sul-africana.” A viagem de Bobby, que estava agendada para junho, era fonte de crescentes tensões dentro do regime de *apartheid*, que temia que a chegada do senador americano provocasse uma onda de reações contra a política racista. Porém, não era apenas o governo sul-africano que estava espionando os planos de viagem de Kennedy. Seu próprio governo também lhe seguia os passos. Apesar do bárbaro tratamento do regime contra a população não branca, Pretória era vista por Washington como um importante aliado na Guerra Fria. Mais uma vez, os opositores políticos de Kennedy pensavam que sua diplomacia independente estava comprometendo os interesses dos Estados Unidos em termos de segurança.

Apesar da reação de seus anfitriões, Nolan não ficou tão irritado com o roubo de seus pertences até voltar para

Washington. “Tive um pouco de dificuldade em obter um novo passaporte e tudo o mais, mas afinal conseguimos pegar o voo, conforme agendado”, disse Nolan. Quando ele se apresentou no escritório de Kennedy para fazer seu relatório, o senador lhe fez perguntas sobre o carro arrombado, questionando se notas confidenciais sobre a viagem também haviam sido roubadas. Nolan, que não contara a Kennedy sobre o roubo, ficou surpreso.

“Como soube disso?”, perguntou ele.

“Dick Helms me ligou”, respondeu Kennedy. “Ele o seguiu dia após dia, vigiou cada passo que você deu na África do Sul.”

Para Nolan, o estreito monitoramento que Helms fizera de sua viagem era mais um exemplo da maneira como o chefe do Serviço Secreto tentava ser bem-visto pelos VIPs de Washington, mostrando que estava sempre “atento”. Mas Helms, que logo seria promovido a diretor da CIA pelo presidente Johnson, também trazia outro recado para Kennedy: a agência o está vigiando.

Nos últimos anos de vida, Bobby Kennedy ficou cada vez mais distante da elite política de Washington. Seu crescente compromisso com uma nova América multirracial — que fez dele um aliado de Martin Luther King Jr. em sua cruzada — era sinal de preocupação para J. Edgar Hoover, que via ambos os homens como perigosos. E sua crítica da política internacional americana, que se tornou mais ardente à medida que a guerra no Sudeste Asiático se alastrava, atraiu o olhar maligno da Casa Branca e da CIA, que começou a espionar Kennedy como se ele fosse um agente estrangeiro hostil.

Quando Kennedy e sua pequena comitiva — Ethel, Angie Novello e Adam Walinsky — finalmente chegaram a Joanesburgo, no dia 4 de junho de 1966, o regime — que

dera um jeito de adiar a viagem por cinco meses — o recebeu com desdém gélido, declarando que não autorizava que a viagem do senador “se transformasse em estratégia publicitária... uma espécie de preparativo para a futura eleição presidencial”. Mas, quando Kennedy desembarcou do avião pouco antes da meia-noite e saiu do aeroporto, foi recebido por uma ruidosa multidão de jovens que gritava seu nome e terminou arrancando as abotoaduras de suas mangas.

Durante sua odisseia pela África do Sul, Kennedy enfrentou diretamente a base moral do *apartheid*. Sem se deixar intimidar pelo regime que o vigiava friamente, ele denunciou a brutal opressão dos cidadãos negros e conclamou seu amplo público universitário branco a ter coragem para derrubar o cruel sistema de segregação racial. Em um discurso sublime e inspirador na Universidade da Cidade do Cabo, em 6 de junho — discurso que, segundo Schlesinger, foi o melhor da vida de Kennedy —, o senador lembrou à sua audiência que a história deve seguir adiante por meio de inúmeros pequenos atos de heroísmo. “Todas as vezes que um homem se levanta por um ideal, ou age para ampliar muitos outros, ou luta contra a injustiça, ele projeta uma pequena onda de esperança, e, ao se cruzarem a partir de milhões de diferentes centros de energia e audácia, essas ondas constroem uma corrente que pode derrubar os mais poderosos muros da opressão e da resistência.” O discurso, que havia sido escrito para Kennedy por Walinsky e Goodwin, mais tarde seria cinzelado em sua lápide, em Arlington.

Em um jantar com um grupo de políticos, grandes empresários e editores de jornais em Pretória, Kennedy abriu fogo. Como ele podia atacar a África do Sul quando esse país era um aliado tão leal na luta mundial contra o

comunismo? Mas lutar contra uma forma de tirania não justificava a existência de outra, respondeu Kennedy. “O que quer dizer ser contra o comunismo se nosso próprio sistema nega o valor do indivíduo e dá todo o poder ao governo — da mesma maneira que o fazem os comunistas?” A Guerra Fria havia muito tempo fornecia um pretexto para que os despóticos aliados dos Estados Unidos maltratassem sua própria população. Mas Kennedy declarava que esses dias precisavam acabar.

Em todo lugar aonde ia, o senador desafiava seus anfitriões brancos ao questionar suas mais profundas convicções. Na Universidade de Natal, em Durban, uma pessoa do público observou que a igreja à qual pertencia a maior parte da população branca ensinava que a inferioridade negra existia por decreto divino. “Mas, suponha que Deus seja negro”, respondeu Kennedy. Seu comentário foi recebido por um silêncio estupefato. Depois disso, ao voltar ao seu hotel, Kennedy cruzou com um grupo de negros sul-africanos e juntou-se a eles para cantar o comovedor hino americano dos direitos civis, “We Shall Overcome”.

À medida que o cortejo de Kennedy atravessava a África do Sul, ele criou suas próprias e cada vez maiores ondas de esperança. No começo, “suas únicas plateias eram os estudantes”, observou Walinsky. “Mas então, em algum momento, quando a coisa começou a se espalhar... houve milhares de cidadãos comuns... pulando, empurrando e aclamando, e era realmente fantástico.” Em Soweto, o crescente gueto negro que Kennedy havia chamado de “triste campo de concentração”, ele atravessou multidões que o aclamavam e cantavam, subiu os degraus de uma igreja e sobre o teto de um carro para falar com as pessoas. Visitou líderes da oposição confinados em casa, entre os

quais o veterano chefe Albert Luthuli, para o qual mostrou uma gravação do marcante discurso de JFK sobre direitos civis de 1963.

O regime de Pretória ficou muito aliviado quando chegou a hora de Kennedy partir. O senador também percebeu o fervor revolucionário que sua viagem havia desencadeado. Enquanto seu avião decolava, Kennedy observou com um sorriso irônico: “Se tivéssemos ficado mais dois dias, poderíamos ter tomado o país”.

Durante os anos em que passou no Senado, Robert Kennedy se incumbiu de uma importante missão — a elaboração de uma política internacional independente. Ele pretendia mostrar ao mundo que havia um outro país — os Estados Unidos alinhados com os ideais de seu irmão, e não apenas a política do governo Johnson. Enquanto a imagem dos Estados Unidos se tornava crescentemente negativa no estrangeiro, onde o país era visto como cada vez mais militarizado e governado por interesses mercantis, Kennedy lutou para conseguir uma paz diferente com o restante do mundo. Ao tentar evitar uma ruptura traumática com Johnson, RFK foi obrigado a levar esse recado com destreza diplomática. Mas sua mensagem ao mundo, especialmente aos países em que os sentimentos antiamericanos estavam crescendo, era clara: “tenham coragem”. Houve um tempo em que os Estados Unidos apoiaram a negociação, não a guerra; as reformas sociais, não a opressão. E isso vai acontecer de novo. A mensagem tinha peso, já que Kennedy não era um simples senador. Era o herdeiro de seu irmão mártir; uma aura de justa ascensão pairava sobre ele.

O primeiro sinal claro da política internacional divergente de Kennedy apareceu em abril de 1965, quando Johnson respondeu à crescente esquerda na República Dominicana tomando a empobrecida ilha com 22 mil fuzileiros navais. A

autoritária ação de LBJ havia sido provocada pela CIA, que transmitira informações falsas e mensagens inflamadas sobre degolações públicas e outros relatórios não averiguados sobre o caos comunista. Kennedy considerou a invasão americana “ultrajante” e foi denunciá-la perante o Senado. Não há dúvida de que Johnson achou o veemente protesto de Kennedy amargamente irônico, vindo de um homem que já liderara a guerra secreta contra Castro. Mas naquela época Kennedy havia suavizado tanto sua opinião sobre Cuba que nem se preocupava mais com os contínuos esforços de Castro para armar outros revolucionários latinos. As armas cubanas não eram mais um problema na mente de Bobby, disse Walinsky — agora era a condição medieval das sociedades latinas. “Quero dizer, droga, qualquer um pode conseguir armas — a questão é o que as pessoas querem fazer com elas. Acho que ele sentia que, se as pessoas quisessem realmente derrubar o governo, então iam fazê-lo com ou sem armas.”

Ao olhar hoje para a evolução política de Kennedy, Walinsky insiste no fato de que a crescente simpatia de RFK por Che Guevara e sua missão revolucionária foi amplamente exagerada pelos escritores de esquerda. “Houve em tudo isso certo romantismo — pessoas que o trataram como se ele tivesse sido um tipo de Che sem barba. É uma grande bobagem. Não consigo expressar minha aversão diante desse tipo de visão.” Ainda que Kennedy em pessoa chamasse Guevara de “herói revolucionário”. E quando, em outubro de 1967, doente e exausto, Che foi perseguido e morto na selva da Bolívia por caçadores liderados pela CIA, os quais deceparam suas mãos e o enterraram em uma valeta não marcada para que seu túmulo não se tornasse um santuário, Ethel foi levada a lamentar sua morte em uma festa de Washington.

Assim como para Che e outros ícones dos anos 1960, durante décadas se desenrolou uma batalha para definir a identidade política de Kennedy. Walinsky — que mais tarde ia ser associado a assuntos conservadores como a reforma da previdência social e o treinamento da polícia — está entre os que enfatizaram os valores mais tradicionais de Kennedy, entre os quais sua devoção à família, ao país e à religião. Ele destaca o fato de Kennedy também ter se tornado cada vez mais crítico do Estado-providência, denunciando a maneira como a burocratização da vida moderna havia roubado o poder do indivíduo e da família. Porém, como reconhece Walinsky, não se trata apenas de uma crítica conservadora — foi uma crítica radical, também abraçada dos anos 1960 pela Nova Esquerda, que procurava dar poder às comunidades, e não ao governo federal. (Embora alguns liberais esbravejassem em relação a isso, até o fervor de RFK pela lei e a ordem quando investigador do Senado e procurador-geral tinha um foco progressista, ao escolher como alvo os políticos corruptos, os líderes de sindicatos e os gângsteres que roubavam os trabalhadores americanos.) Uma coisa está clara, ao olhar para a aclamada odisseia política de Kennedy nos anos 1960. A mensagem de autodeterminação e dignidade humana que ele trouxe a seus compatriotas — assim como para os cidadãos dos países que visitou — era inegavelmente radical. Na atmosfera altamente polarizada da época, Kennedy tinha um impacto eletrizante — e perigoso.

Isso ficou demonstrado durante a tumultuosa viagem de três semanas pela África do Sul que RFK fez em novembro de 1965. Kennedy disse que sua viagem a Peru, Brasil, Argentina e Chile foi motivada por sua preocupação de que a Aliança para o Progresso — que ele via como uma parte

importante do legado de seu irmão — fosse aniquilada pelo novo governo. Logo depois do assassinato de JFK, Johnson promoveu Thomas Mann — o embaixador linha-dura no México que tentara vincular Oswald a uma conspiração comunista — ao cargo de encarregado para assuntos da América Latina no Departamento de Justiça. Mann rapidamente voltou sua atenção à Aliança, a peça central da política de reforma da América Latina de Kennedy, começando a transformá-la em uma ferramenta para as empresas americanas. Tom Mann era o tipo de “colonialista” que acredita que os “nativos [...] precisam saber quem é o chefe” e “que acha que o principal trabalho dos Estados Unidos na América Latina é tornar o mundo mais seguro para a W.R. Grace and Company”, lamentou Dick Goodwin após saber da nomeação. Mann em pessoa resumiu desta forma sua filosofia anos depois: “Nunca acreditei que devêssemos competir com os revolucionários”. Porém, era exatamente o que os Kennedy tinham em mente quando lançaram a Aliança. Jam tentar roubar o trovão dos comunistas, oferecendo à oprimida América Latina não somente ajuda, mas uma visão empolgante da democracia.

A paixão política mostrada por Kennedy na América do Sul — e mais tarde na África do Sul — repercutiu no mundo todo. Essas duas memoráveis viagens ajudaram a preparar o terreno para o que seria a mais heroica expedição de Robert Kennedy, a campanha presidencial de 1968.

A comitiva de Kennedy — que incluía Ethel, Walinsky, Goodwin e John Seigenthaler — começou sua viagem chegando a Lima em 10 de novembro de 1965. Os membros da embaixada americana imediatamente quiseram levar o senador para a recepção a caráter que estava sendo oferecida ao Rei da Bélgica. “Robert F. Kennedy não tem casaca”, disse um assistente ao pessoal da embaixada.

Em vez disso, Kennedy se encontrou com estudantes em uma universidade local, onde rapidamente chegou ao subversivo tema de sua viagem. “A responsabilidade de nosso tempo”, disse-lhes ele, “é nada menos que uma revolução.” Esse cataclismo, disse Kennedy, será “pacífico, se formos suficientemente sábios; humano, se formos cuidadosos; bem-sucedido, se tivermos sorte. Mas uma revolução virá, quer queiramos ou não”. Então, como se quisesse sublinhar o motivo pelo qual essa ampla mudança era inevitável, Kennedy se atirou aos mais profundos pontos de miséria de Lima, as inúmeras *barriadas* construídas nos morros de barro vermelho da cidade, em que ele atravessou imundos córregos de esgoto para brincar com as inúmeras crianças seminuas que se agrupavam fora de seus barracos de terra. Kennedy ficou chocado ao descobrir que as favelas não tinham água corrente porque a ajuda americana ao Peru havia sido suspensa depois que o governo peruano tinha entrado em conflito com a filial local da Standard Oil. “O que a ajuda tem a ver com os lucros de uma empresa?”, perguntou Kennedy, furioso, ao desamparado representante da embaixada. “Você está me dizendo que não podemos conseguir uma caixa d’água para essas pessoas por causa de uma disputa por petróleo?”

Ele seguiu com esse comportamento explosivo padrão em todos os países que visitou — fazendo discursos provocativos para públicos de universidades, visitando favelas e latifúndios, em que as condições semifeudais do continente eram abertamente chocantes, e batendo de frente com os governadores locais e representantes americanos nas suntuosas recepções em sua homenagem. “Vocês não percebem que estão abrindo caminho para sua própria destruição?!”, disse categoricamente a um representante de uma empresa brasileira de produção de

cana-de-açúcar, depois de ser informado sobre as condições de trabalho semiescravo dos cortadores de cana.

As monstruosas disparidades existentes nas sociedades latino-americanas começaram a irritar Kennedy e seu grupo. Uma noite — depois de voltar dos Andes, onde as outrora orgulhosas cidadelas incas eram agora tomadas por crianças com barriga inchada pela fome — o senador foi convidado por um amigo do presidente Fernando Belaúnde Terry para ir à sua luxuosa propriedade. Para os padrões da América Latina, Belaúnde era considerado um reformista no estilo de Kennedy. Porém, seu amigo era um dos mais ricos latifundiários do país, e quando Bobby e seu grupo entraram na mansão aristocrática, passando pelo grande saguão ao lado de guardas armados, ficaram assombrados pela opulência à mostra. “É uma visão da qual nunca vou me esquecer”, lembrou-se Walinsky. “A sala tinha cerca de trinta metros de comprimento e um pé-direito equivalente a três andares. Era a sala de estar. E havia uma lareira tão grande que oito homens podiam ficar de pé nela... Acima da lareira havia a cabeça de um elefante, e de cada lado dela, uma cabeça de rinoceronte e uma de hipopótamo. E ao longo das paredes... estavam penduradas [mais] cabeças de animais. Devia haver no mínimo mil dessas cabeças. E também uma mesa muito longa, com talvez vinte e cinco cadeiras, todas forradas com pele de zebra. Os cinzeiros eram feitos com garras de leopardo. Quero dizer, não havia nada naquela sala que não fosse parte de um animal morto. E um armário com trinta ou quarenta armas. E todos nós ficamos perplexos, sem palavras. E quase fiquei louco porque cada cabeça pendurada na minha frente se transformava na cabeça de um daqueles índios, porque, claro, era a mesma coisa.”

No pátio de trás, havia um vasto museu privado repleto de tesouros saqueados da civilização inca, salas e salas com vitrines repletas de objetos de ouro, medalhas, facas, escudos. Era assim que a riqueza da população nativa do Peru havia desaparecido — enterrada no pátio de um homem podre de rico.

O crescente sentimento de ultraje de Kennedy começou a focalizar os presunçosos generais latino-americanos, com suas fileiras de medalhas concedidas por si mesmos, que agiam como mandantes desses regimes corruptos. “Ele tinha profunda desconfiança e aversão por militares em geral”, observou Walinsky, “e especialmente por esse tipo de militar repressor que existia na América Latina.” Kennedy achava intolerável ver os soldados de olhar vazio com as armas sinistramente apontadas em todas as ruas. Quando as multidões se agrupavam em torno de RFK, os soldados sempre empurravam as pessoas ou batiam nelas com a coroa das armas. Uma vez, exasperada, Ethel deu um soco no estômago de um policial do lado de fora de uma recepção onde as pessoas eram tratadas com brutalidade.

Kennedy também dirigiu sua ira contra os representantes americanos que apoiavam o sistema explorador — um sistema graças ao qual as corporações americanas obtinham grandes lucros. “Quero dizer, na América Latina, basicamente se tratava de um tipo de cabala entre o Departamento de Estado de Johnson [...] e essas empresas para saquear os países com os quais estavam fazendo negócios”, disse Walinsky, refletindo a atitude de Kennedy.

O senador sabia que estava sendo cuidadosamente monitorado por seu próprio governo durante a viagem. Nas reuniões na embaixada americana, ele se divertia chamando os agentes da CIA na sala para que se identificassem. Uma vez, em Recife, no Brasil, um homem

chegou a levantar a mão. “Totalmente louco”, proferiu Walinsky, que compartilhava o desagrado de Kennedy pelos representantes locais da agência. Kennedy repudiava os homens da CIA que encontrava durante a viagem por serem “simplesmente horríveis e idiotas”.

O agente da CIA em Recife tentou amedrontar Kennedy para que não aparecesse em uma universidade local, dizendo-lhe que a multidão era “perigosa demais, muito esquerdista”. A polícia acabara de prender três estudantes que teriam tramado jogar ácido no rosto do senador americano — ainda que a credibilidade dessa acusação oficial sempre fosse questionável durante a nova ditadura militar do Brasil. Kennedy descartou os avisos do homem da CIA. O público acabou se mostrando “o mais ameno tipo de estudantes do mundo, e noventa por cento deles eram garotas”, lembrou-se Walinsky.

Kennedy não foi recebido como libertário em toda a América Latina. Em alguns lugares, seu nome era associado somente à Baía dos Porcos e às tentativas de assassinato contra Castro. “Estou cansado desses latino-americanos me atacando por ter ido atrás de Castro”, queixou-se ele para Goodwin. “A verdade é que fui eu quem salvou sua vida.” Kennedy ainda não sabia do empenho contínuo da CIA para matar o líder cubano, que persistia, muito depois que ele e seu irmão pensaram ter posto um fim nos complôs.

Na Universidade de Concepción, no Chile, uma centena de estudantes comunistas em meio ao público o vaiou, cuspidando em sua cara e jogando ovos nele. Não o acertaram, porém seus assistentes não tiveram tanta sorte. “Se esses garotos quiserem ser jovens revolucionários”, disse ele a Seigenthaler quando saíram da barreira, “vão precisar melhorar a mira”.

No entanto, em todos os outros lugares a que ele foi, as multidões exultaram ao receber Kennedy. Mais tarde, nas ruas de Concepción, o número de pessoas que se agruparam em torno dele cresceu tanto que ele subiu no teto de um carro da polícia e cantou “The Battle Hymn of the Republic”<sup>1</sup> para acalmá-las. Elas lançaram pétalas de flores em sua direção em Linares, também no Chile, e ele recebeu uma ovação de pé de cem mil pessoas em uma partida de futebol no Rio. Não era simplesmente sua reforma matizada de catolicismo que conectava Kennedy às multidões da América do Sul, disse Walinsky — era mais sua origem irlandesa. Isso tinha a ver “com toda a história dos Kennedy e dos Fitzgerald [...] com toda essa coisa sobre o que havia acontecido na Irlanda e a luta para conseguir ser alguém em Boston”, disse ele. Era uma herança que havia impedido que os jovens Kennedy “se tornassem um bando de ricos arrogantes”, disse Walinsky. “Entender, nas entranhas, o que é ter sido pobre e ter que lutar para vencer.”

Assim como fez na África do Sul, Kennedy percebeu que podia sacudir as sociedades sul-americanas que visitou. “Ele realmente concebia tudo isso como um tipo de política internacional com a qual tentava proporcionar mudanças na política desses países”, disse Walinsky. “Você pode pensar que se trata de uma grande manifestação de arrogância, mas de fato ele tinha potencial para fazer isso e, até certo ponto, foi provavelmente o que fez.”

Mas Kennedy sabia que seu poder vinha do legado de seu irmão, e ele só poderia completar a missão de JFK se envolvendo no crescente turbilhão político ao voltar para casa. O fantasma de seu irmão esteve por todos lugares que visitou na América do Sul, desde o momento em que

aterriçou em Lima até o fim da viagem. Ao sair do avião com Bobby em Lima — sob as extáticas aclamações de “Viva Kennedy!” —, Dick Goodwin deixou cair sua bagagem, abalado pelo melancólico eco do passado, quando ouvira o mesmo clamor em outra visita de Kennedy. Dessa vez as aclamações eram apropriadas, pensou Goodwin; afinal de contas, Bobby tinha o mesmo sobrenome; “porém, não era por causa dele que estavam gritando; mas porque ele era o herdeiro sanguíneo de alguém que admiravam e quase reverenciavam”.

No Brasil, no dia 22 de novembro, no momento em que se completava o terceiro aniversário da morte de seu irmão, Bobby teve um dia pesaroso. Com lágrimas nos olhos, ele colocou uma coroa de flores em um busto de JFK na cidade de Natal, e chorou abertamente em Salvador quando jovens mulheres, em um centro para mães solteiras, cantaram “God bless America”. Ele disse a um grupo de crianças descalças, em um centro comunitário com o nome de JFK, que seu irmão gostava muito de crianças e, com voz suave, pediu que elas fizessem um favor ao presidente falecido. “Fiquem na escola, estudem muito, estudem enquanto for possível, e então trabalhem para sua cidade e para o Brasil.”

Se Bobby vinha sendo assombrado pelo passado, também se preocupava com o futuro. Ele sabia o que o esperava quando fosse enfrentar o caldeirão político em casa. Sentado no terraço de um café no Rio, dois dias depois do horrível aniversário fúnebre, Kennedy levou um susto e se levantou da cadeira ao ouvir o explosivo estalo de um escapamento de carro. Percebendo que não se tratava de um disparo de arma, voltou a se sentar, porém sem que seu rosto mostrasse qualquer sinal de alívio. “Mais cedo ou mais

tarde”, disse ao seu companheiro. “Mais cedo ou mais tarde.”

Bobby e seus conselheiros queriam esperar até 1972 para lançar sua inevitável campanha à presidência, depois que Lyndon tivesse finalizado seu segundo mandato e que o caminho à Casa Branca estivesse desobstruído. Mas, de novo, a história não ia esperar por Robert Kennedy.

Por volta das 16h30 do dia 6 de fevereiro de 1967, uma gélida tarde de inverno em Washington, Bobby Kennedy chegou à Casa Branca para uma reunião sobre a Guerra do Vietnã com o presidente Johnson. O fato de voltar à Casa Branca sempre fazia Kennedy se sentir tomado por um desconcertante sentimento de melancolia. Porém, dessa vez, ele ia se sentir mais agitado do que sombrio. Kennedy acabara de regressar de uma viagem à Europa, durante a qual encontrara o presidente francês Charles de Gaulle, crítico ferrenho da guerra, e o diplomata francês encarregado dos assuntos asiáticos, o qual transmitiu a Kennedy um significativo recado de Hanói, um aceno em direção à paz. Se o governo Johnson prorrogasse a suspensão dos bombardeios que havia pouco anunciara, ouviu Kennedy, o governo do Vietnã do Norte estaria disposto a negociar com os Estados Unidos. Kennedy estava querendo entregar essa mensagem diretamente a Johnson, e agendou uma reunião na Casa Branca assim que chegou a Washington.

Mas Johnson não estava interessado em ouvir falar de conversas sobre a paz — especialmente por parte de um emissário como Kennedy. As perambulações globais de seu rival político em busca de uma política internacional para os Estados Unidos, diferente da empreendida pelo atual governo, já bastavam. Mas se intrometer na Guerra do

Vietnã — que então se tornara a maior agonia da vida de Lyndon Johnson — era mais do que o presidente podia aguentar. Mais uma vez, Kennedy parecia estar atuando como se fosse o presidente, tratando Johnson como não mais que um intruso na Casa Branca. LBJ permaneceu em silêncio enquanto Bobby Ihe apresentava o recado de Hanói e suas próprias sugestões a respeito da maneira como Johnson poderia finalmente acabar com a guerra. O senador falou em pôr fim aos bombardeios americanos e em um cessar-fogo monitorado internacionalmente e acompanhado de negociações. Mas, assim que Kennedy parou de falar, Johnson exclamou: “Bem, quero que saiba que não vou seguir nenhuma dessas sugestões porque vamos vencer a guerra, e todos os seus mensageiros da paz estarão mortos daqui a seis meses”. Era um duro tapa na cara. Kennedy sabia que LBJ queria dizer mortos politicamente. Mas ficou enfurecido com o insultante comentário. “Não tenho que aceitar isso de você”, retrucou Kennedy, levantando-se. De volta ao seu escritório, ele disse a seus assessores: “O que acabei de presenciar é simplesmente inacreditável... Vocês sabem o que esse cara disse? Esse maravilhoso ser humano que é o presidente dos Estados Unidos?”. Mais tarde, ele relatou a Jack Newfield que Johnson havia sido “muito agressivo... Estava gritando e parecia muito instável”.

A transbordante represa de ressentimento mútuo e hostilidade que Robert Kennedy e Lyndon Johnson haviam lutado durante anos para conter — por suas próprias motivações políticas — estava prestes a rebentar. Envolvidos havia muito tempo em uma guerra política secreta, ambos os homens agora estavam a ponto de levar a briga às ruas. Essa batalha épica era alimentada por inúmeras queixas pessoais e políticas. Mas no centro estava o eterno ódio entre dois aspirantes ao mesmo trono. Para

Bobby, o homem errado estava sentado lá. Era simples assim. Deveria ser Jack. E, se não fosse o seu irmão, então deveria ser ele. Ninguém mais podia se encarregar do legado Kennedy. Menos ainda o vociferante texano que havia estabelecido residência na Casa Branca. “Quando esse cara olha para mim”, queixou-se Johnson a John Connally, falando de Kennedy, “ele me olha como se estivesse vendo por um buraco através de mim, como se eu fosse um espião ou algo parecido.”

Aos olhos de Bobby, Johnson havia pegado o sonho de esperança e liberdade de JFK, que por algum tempo transformara os Estados Unidos em farol do mundo, e o arrastava pela lama da República Dominicana e do Vietnã. E, para Johnson, RFK era um arrogante jovem príncipe cujas aventuras diplomáticas garantiam o conforto e o bem-estar dos inimigos.

LBJ disse indiretamente à imprensa que Kennedy não era muito mais do que um crédulo comunista que havia se deixado usar na “ofensiva da guerra psicológica” de Hanói. E uma semana depois do encontro na Casa Branca, Johnson fez com que o mundo soubesse o que ele achava da iniciativa de paz de Kennedy ao retomar os bombardeios no Vietnã do Norte. Kennedy disse a seu assistente Peter Edelman “que Lyndon Johnson era tão louco que seria literalmente capaz de prorrogar a guerra só porque Bobby Kennedy era contra”.

Depois do ácido encontro na Casa Branca, Kennedy ficou inconformado. Não via mais razões para abrandar suas críticas contra a política de Johnson no Vietnã. Bobby começou a entrar em contato com líderes de movimentos contra a guerra, tais como Tom Hayden e Staughton Lynd (o professor universitário que havia escrito um dos primeiros artigos criticando a teoria do assassino solitário). Kennedy

— que havia pouco lera o livro dos dois homens sobre a viagem que tinham feito a Hanói, *The Other Side* — pediu a Jack Newfield, que o havia incentivado a falar com Hayden, que organizasse um encontro. Para se esquivar do inevitável alvoroço por parte dos críticos pró-guerra, Kennedy pediu aos dois homens que entrassem discretamente em seu apartamento de Nova York no começo da tarde de 13 de fevereiro. Foi um encontro muito tranquilo. Em determinado momento, Bobby, ao notar uma espessa faixa de neblina subindo o East River, levantou-se para telefonar a Con Edison e se queixar da poluição gerada pela central elétrica da 14th Street. A conversa sobre a guerra foi interrompida de novo quando o jovem filho de Lynd derrubou refrigerante no carpete. “Não se preocupe com isso”, disse Bobby, sintonizado, como sempre, com os sentimentos das crianças. “Isso faz com que os pelos cresçam melhor.” Foi o sentimento profundo gerado por essa conversa, mais do que qualquer coisa que tenha sido dita, que permaneceu nos três homens.

Aqui estava o membro mais celebrado do Senado americano, um homem com enormes expectativas políticas sobre os ombros, e ele estava se encontrando com dois ativistas que não somente pertenciam à ala radical do movimento contra a guerra, como também haviam viajado até a capital do inimigo. Era o tipo de risco que nenhum outro político americano que almejasse a Casa Branca teria ousado assumir. Mas isso mostrava o quanto Robert Kennedy havia se afastado do peso da tradição política. Enquanto o país se dividia em relação à guerra e aos conflitos raciais, e enquanto ruíam as certezas em sua vida, Kennedy se mantinha num embalo de tirar o fôlego.

No dia 2 de março de 1967, ele fez um discurso sobre o Vietnã perante o Senado que se mostrou um divisor de

águas. Todos em Washington estavam esperando seu ataque contra Johnson. Naquela manhã — depois de Bobby ter ficado acordado até as três da manhã para polir seu discurso com Goodwin, Walinsky e Mankiewicz —, Ethel o cumprimentou na cozinha de Hickory Hill: “Ave, César”. Kennedy havia atravessado seu próprio Rubicão.<sup>2</sup> Agora estava a caminho da toca do leão em Capitol Hill. O discurso, que pedia a cessação dos bombardeios e a negociação do fim da guerra, era repleto do lindo linguajar de Goodwin e Walinsky. Embora a guerra fosse distante e não afetasse diretamente a maior parte dos americanos, Kennedy pediu aos seus compatriotas que imaginassem os horrores que estavam acontecendo no Vietnã em nome deles. A guerra, disse ele, era “o vazio momento de medo assombroso quando uma mãe e seu filho veem a morte pelo fogo vindo de inimagináveis máquinas mandadas por um país que mal conhecem”. Quem eram os Estados Unidos para brincar de Deus dessa forma? Quem eram os americanos para “assumir o papel de um anjo vingador que espalha morte e destruição” do alto?

O próprio Walinsky achava que o discurso não ia suficientemente longe, que falhava ao não questionar “as premissas básicas da guerra, ou a lógica do governo”. Edelman, outro jovem pacifista do escritório de Kennedy, o chamou de “piegas”. Mesmo assim, era suficiente para inflamar os belicistas de Washington. Richard Nixon disse que o discurso de Kennedy teria “o efeito de prolongar a guerra ao encorajar o inimigo”. Barry Goldwater acusou Kennedy de estar fora de controle. “Trata-se de outro caso em que ele meteu os pés pelas mãos. E se ele não parar, vai acabar se ferindo.”

Johnson estava enfurecido com o ataque explícito que Kennedy fizera à sua maneira de lidar com a guerra, acusando Bobby de querer um “acordo desonroso”. Muitos integrantes do círculo do senador pensaram que LBJ estava se vingando ao deixar vaziar uma história explosiva para o colunista Jack Anderson, daquelas que atingiam diretamente o ponto mais sensível de Bobby. No dia 3 de março, um dia após o discurso de Kennedy, Anderson escreveu: “O presidente Johnson está sentado sobre uma bomba atômica política, um dossiê não oficial segundo o qual o senador Robert Kennedy teria autorizado um complô de assassinato [contra Fidel Castro] que poderia ter se voltado contra seu falecido irmão”. A história do colunista tinha tão pouco fundamento que o *Washington Post* e o *New York Post* a descartaram. Porém, LBJ tentou transformá-la em caso federal ao pressionar o procurador-geral Ramsey Clark para que fizesse uma investigação, e Dick Helms para que preparasse um relatório completo da CIA sobre as acusações.

Por não ser um simples amador quando se tratava de jogar na arena de Washington, Kennedy imediatamente tomou iniciativas para dar um fim à história. Ele solicitou um exemplar do relatório do FBI sobre a reunião no Departamento de Justiça de 1962 em que a CIA o informou pela primeira vez dos complôs da Máfia, para provar que sua reação havia sido fulminante. E então telefonou para Helms, convidando-o para almoçar. Não há registro do que os dois conversaram naquele encontro de 4 de março. Mas pode-se pensar que não foi apenas uma agradável conversa para relembrar os velhos tempos. Ambos os homens tinham um ódio mal reprimido um do outro, e devem certamente ter se esforçado para chegar a um acordo. O que se sabe é que, no dia 10 de maio, quando Helms apresentou a

Johnson, na Casa Branca, o relatório interno da CIA sobre os complôs de assassinato contra Castro, ele não colocou a culpa em Robert Kennedy.

LBJ sabia que Bobby Kennedy era um formidável adversário político. No decorrer dos anos, Kennedy havia juntado uma ampla quantidade de informações sobre as corruptas transações de Johnson. Não há dúvida de que RFK se preparou para usar esse arsenal envenenado caso a batalha política entre eles se inflamasse. Foi isso que fez de Robert Kennedy uma força rara e poderosa na política americana — era um homem que podia recorrer aos mais altos instintos da natureza humana, mas que também sabia lutar com os punhos.

Dessa vez, Kennedy e Johnson lutaram, cada um tentando parar o outro. Duas semanas depois da publicação da coluna de Anderson, Bobby fez um discurso curiosamente efusivo sobre LBJ em uma festa para arrecadar fundos para o Partido Democrata, chamando-o de “excelente presidente”. E Johnson nunca mais utilizou a bomba de Cuba contra Kennedy.

Mas, à medida que os meses passavam, tornou-se claro que Kennedy e Johnson estavam se dirigindo para um confronto político definitivo. À medida que Bobby se aproximava de momento de enfrentar Johnson na disputa para a presidência, ele entendeu que precisava estar preparado para uma das mais violentas campanhas da história americana.

Era uma decisão dolorosa. A maior parte da velha guarda do governo Kennedy — como Sorensen, Schlesinger e Dutton — alertou-o para que não entrasse na campanha de 1968, temendo que ele dividisse o Partido Democrata e, a longo prazo, arruinasse suas chances de chegar à Casa Branca. A imprensa de Washington era hostil, interpretando

sua crescente oposição à guerra como uma vendeta pessoal contra Johnson. Ao concorrer, não somente Kennedy iria romper radicalmente com uma tradição ao enfrentar o atual presidente em seu próprio partido, como também iria, final e irrevogavelmente, virar as costas ao governo de seu irmão, já que os legisladores-chave que defendiam a guerra eram vestígios dos anos Kennedy — McNamara, Bundy, Rusk, Rostow. Mas entrar na campanha também seria a única maneira de redimir o legado de seu irmão, ao mostrar ao país — e ao mundo — que a desastrosa política de Guerra Fria de Johnson era uma violação dos ideais de JFK.

Bobby estava preso no turbilhão das paixões políticas em torno da guerra, dividido entre dois lados. Seus jovens assistentes e os líderes contra a guerra suplicavam que ele enfrentasse Johnson, dizendo-lhe que o destino da nação estava em suas mãos. Mas ele ainda hesitava. Sabia que, ao entrar na campanha, arriscava tudo.

Durante todo esse tormento com Johnson e a guerra, houve um alto funcionário do governo de quem Kennedy ficou próximo — Bob McNamara. Era uma relação que desconcertava muito os jovens agitadores de sua equipe, como Walinsky, que olhavam com desdém o principal arquiteto intelectual da guerra, um homem que, segundo Walinsky, havia sacrificado sua consciência em nome da lealdade burocrática. Enquanto a guerra se agravava e Johnson mantinha a promessa de que havia uma luz no fim do túnel, McNamara foi ficando cada vez mais desencantado. Ainda assim, ele continuava a enviar tropas e ampliar a campanha de bombardeios.

Mesmo nos últimos momentos de McNamara no cargo — quando LBJ se preparava para tirar o cada vez mais atormentado secretário de Defesa do Pentágono e recolocá-lo no Banco Mundial —, Kennedy esperava que ele fosse

rejeitar o prêmio de consolação de Johnson e romper publicamente com o presidente a respeito da guerra. Kennedy sabia que, se McNamara se juntasse a ele contra a guerra, isso teria um impacto maior sobre o *establishment* político. Kennedy se encontrou com McNamara depois que sua saída do governo foi anunciada. E Edelman pensou que seu chefe fosse pressionar o outrora todo-poderoso czar da Defesa a concorrer com ele em uma campanha presidencial contra a guerra.

Em vez disso, McNamara — o companheiro de sempre — fez o que Johnson lhe pedira, trocou um poderoso cargo de Washington por outro. Durante sua coletiva de imprensa na despedida, segurando as lágrimas, ele defendeu Johnson. “Muitos nesta sala acreditam que Johnson seja rude, mesquinho, vingativo, maquinador, mentiroso. Talvez, de vez em quando, ele tenha mostrado cada uma dessas características. Porém, ele é mais, muito mais do que isso.”

Walinsky ficou enojado. “Quer dizer, o país está desmoronando por causa da guerra que ele em boa parte começou e esteve dirigindo o tempo todo — e então, de repente, ele simplesmente se afasta, sem dizer outra palavra. Desculpe-me?” Em resposta, Walinsky escreveu uma contundente análise da relação Johnson-McNamara, que, segundo o que sugeria, tinha uma perversa característica senhor-escravo. Intitulado “Caesar’s Meat” [a carne de César], o ensaio foi amplamente divulgado dentro do círculo Kennedy, onde Ethel fazia parte daqueles que se divertiam com sua perspicácia. McNamara fizera uma escolha, escreveu Walinsky. “De uma dúzia de maneiras, ele poderia ter preservado sua dignidade e liberdade; não somente a liberdade de falar sobre a guerra, agora ou mais tarde, não somente a liberdade de se juntar a Robert Kennedy, se essa fosse sua escolha; mas sua liberdade

como homem, de se libertar da manipulação, de se libertar da dominação de um homem mais baixo e mesquinho. Em vez disso, ele escolheu a submissão.”

Ao subjugar o espírito de McNamara, continuou Walinsky, LBJ estava enviando uma mensagem a Kennedy: “Você quer me enfrentar? Então observe cuidadosamente o que estou prestes a fazer. Vou pegar esse homem — com tudo o que significa, tudo o que ele é, seu poder, sua habilidade e seu caráter — vou pegar esse homem e reduzi-lo a nada. Vou atingir sua espinha e quebrá-la, e ele vai dizer ‘obrigado, senhor’.”

O próprio Kennedy não ouvira nenhuma crítica sobre McNamara. Quando um jovem redator de discursos chamado Phil Mandelkorn, que acabara de se juntar à equipe do senador, quis apresentar uma nota a Kennedy em que o aconselhava a se distanciar de McNamara “porque a história ia mostrar que ele é culpado pela morte de uma terrível quantidade de pessoas”, prontamente ouviu que Kennedy e McNamara eram amigos e que o senador não precisava de conselhos não solicitados. O membro da equipe que enviou o recado a Mandelkorn — Walinsky — certamente deve ter ouvido a mesma coisa.

Para Bobby, McNamara ainda carregava a aura dos anos com Jack. Para ele, o secretário da Defesa sempre seria o imponente intelectual que resistira aos generais, o homem que ficou ao lado dos irmãos Kennedy durante a Crise dos Mísseis de Cuba e ajudou a manter um mundo, que estava girando rumo ao nada, dentro do controle seguro de sua lógica humana. Depois que Jack se fora, Bobby escrevera uma carta a McNamara: “Caro Bob, gostaria que você soubesse que não quero estar em Washington enquanto você não for secretário da Defesa ou até algo mais. É você que faz a diferença para todos nós”. Embora ele soubesse a

que ponto a relação entre Johnson e Kennedy estava envenenada, McNamara continuou a frequentar Bobby e sua família e a compartilhar com ele suas crescentes dúvidas sobre o Vietnã.

Mas agora Bobby estava sozinho. O ex-secretário da Defesa não ia pôr em risco seu prestígio juntando-se à rebelde campanha de Kennedy. Mesmo assim, McNamara ia fazer um gesto menor no interesse de Kennedy. Quase no final da campanha de Bobby, pouco antes que terminasse daquela forma violenta, McNamara concordou em aparecer em um programa de TV para apoiar Bobby. Na propaganda, o ex-secretário da Defesa elogiou a atuação racional de RFK durante a Crise dos Mísseis de Cuba. “Eu não era estúpido”, disse McNamara, rememorando sua decisão de ajudar Kennedy. “Eu sabia que isso seria visto como uma violação política de minha posição no Banco Mundial. E de fato eu tive todo tipo de problemas no banco por ter feito isso — houve telefonemas pedindo minha renúncia e coisas parecidas. Mas segui adiante e fiz o que fiz. E graças a Deus eu o fiz. Isso foi filmado no começo de maio de 1968. E, claro, ele foi assassinado pouco tempo depois. Eu teria me sentido muito mal se eu não tivesse feito isso.”

Ele se encontrava na ricamente decorada sala de conclave do Old Senate Office Building naquela manhã de sábado de março de 1968 — a mesma sala em que seu irmão havia anunciado, oito anos antes, que ia concorrer à presidência americana. “Eu não rejeito levianamente os perigos e as dificuldades de enfrentar um presidente em exercício”, declarou Robert Kennedy, acompanhado de rostos familiares de campanhas passadas. “Mas não se trata de tempos comuns, nem de uma eleição comum. O que está em jogo

não é a liderança de nosso partido nem de nosso país. É nosso direito à liderança moral deste planeta.”

E então começou uma das mais terríveis e mais lindas jornadas da história política americana — a paixão de Robert Kennedy. Ele enxergou sua corrida à presidência de maneira missionária: achou que a salvação dos Estados Unidos estava em jogo. Mas houve quase uma desabusada resignação em sua decisão de finalmente entrar naquela batalha épica.

Foi a ofensiva do Tet, no final de janeiro de 1968, e a quase virada do senador Eugene McCarthy sobre o presidente Johnson na primária de New Hampshire, de 12 de março, que finalmente levaram Kennedy a entrar na corrida. O impetuoso ataque dos vietcongues contra os bastiões americanos, previsto para coincidir com o novo ano lunar do país, expôs de forma dramática as vazias promessas do governo Johnson de que a vitória era iminente. E o surpreendente resultado de McCarthy na primeira primária democrata expôs a fraqueza política do presidente. Com a Casa Branca de Johnson invariavelmente associada a sua desastrosa conduta no Vietnã, e outro dissidente democrata ameaçando roubar sua base antiguerra, Kennedy não podia mais se manter de lado.

Não houve euforia em torno do anúncio de RFK. Ele estava entrando tarde na corrida, e, quando de fato entrou, McCarthy já havia recuperado boa parte da energia rebelde que existia no partido com sua “cruzada das crianças” contra Johnson, focada nos jovens. O campo de McCarthy sentiu amargamente a repentina intrusão de outro glamoroso rival. O *establishment* pró-Johnson do partido democrata também ficou alarmado e furioso com a participação de Kennedy. E os especialistas políticos foram profundamente céticos em relação a suas motivações. No

momento em que anunciava sua intimidante vontade de ocupar o mais alto cargo, Robert Kennedy parecia mais isolado do que nunca. Até mesmo alguns de seus partidários-chave, como Dick Goodwin, estavam faltando, depois de se juntarem à campanha de McCarthy, frustrados diante da hesitação de Bobby.

E então um terrível ar de perigo pairou sobre seu anúncio: a candidatura presidencial em 1968 não era apenas politicamente arriscada, era fisicamente perigosa. Kennedy sabia quantos inimigos mortais tinha, sabia que os homens que haviam organizado o assassinato de seu irmão ainda estavam livres. Em Dallas, ele ficara surpreso com o fato de eles não o terem matado no lugar de Jack. Desde então, ele acabou sendo alvo de inúmeras ameaças de morte.

Poucos dias depois do anúncio de RFK, Jackie Kennedy teve uma conversa particular com Arthur Schlesinger durante uma festa em Nova York. “Você sabe o que acho que vai acontecer com Bobby? A mesma coisa que aconteceu com Jack.” De fato, comentou ela, Bobby provocara mais ódio entre seus inimigos do que Jack. “Eu já disse isso a Bobby”, disse ela, mas ele ignorou seus temores.

Depois de assistir ao anúncio de Kennedy na TV de um quarto de hotel em Portland, Oregon, onde estava fazendo campanha pela nomeação republicana, Richard Nixon desligou o aparelho e ficou olhando para a tela vazia por um bom tempo. Finalmente, ele falou, meneando a cabeça. “Acabamos de ver o despertar de forças terríveis”, disse aos quatro ou cinco assistentes que estavam no quarto. “Algo ruim vai sair disso.” E fez um gesto com a mão em direção à tela. “Deus sabe aonde isso vai levar.”

Em uma reunião de representantes do FBI organizada logo que a campanha de Kennedy levantou voo, Clyde Tolson —

amigo íntimo e assistente de longa data de Hoover — chocou o grupo ao cuspir seu ódio contra Bobby. “Espero que alguém atinja e mate o filho da puta.”

Kennedy sentiu o perigo, mas mergulhou na campanha sem proteção contra a frenética energia das multidões ou qualquer outra coisa que estivesse à espreita, prestes a atingi-lo. “Viver cada dia é como uma roleta-russa”, disse ele a Newfield. Ele se afeiçoara à máxima de Emerson, copiando-a em seu caderno e sublinhando-a: “Faça aquilo que tem medo de fazer”.

Embora o *establishment* estivesse profundamente desconfiado em relação a Kennedy, as multidões que se apressavam pelas ruas e lotavam auditórios para vê-lo, quando ele levou sua campanha para o Meio-Oeste e até a Costa Oeste naquela primavera, ficavam desesperadas para tocá-lo. Era mais um êxtase religioso do que uma celebração política. Elas o agarravam, arrancavam-lhe cabelos e roupas, e até tiraram os sapatos de seus pés. Depois de anos de morte, tumultos e guerra, elas queriam voltar a ter esperança.

JFK, com o corpo sempre contraído na expectativa da dor, havia recuado diante da balbúrdia da campanha. Ele não gostava de ser agarrado e abraçado. Mas Bobby exultava com isso. Sua dor era de outro tipo. E ele se sentia libertado pelo aperto da multidão. Mostrava as marcas de arranhões, os lábios rachados, as mangas da camisa rasgadas como um flagelo sagrado. Enquanto mergulhava nas ruidosas e agitadas multidões que inevitavelmente o recebiam — nesse coração ferido da democracia americana —, às vezes Kennedy mostrava um ar aflito. Porém, nunca recuou diante do público. Ele sabia que essa corrente de energia popular que o cercava era a única força capaz de derrotar a máquina política erguida contra ele.

Seus assistentes viviam com medo dos riscos físicos que ele corria. Um dia, nos arredores de Sacramento, Kennedy subiu em uma escada dentro de um shopping para discursar diante de uma ampla e ruidosa multidão. Seus discursos nunca eram galvanizantes, no velho estilo de Boston; eram mais pausados e reflexivos. Mas ele sabia como tocar o lado emotivo de seu público, e naquele dia ele tocou no coração da turbulenta multidão ao evocar as tragédias pessoais da guerra. “Quem entre esses jovens corajosos que estão morrendo nos arrozais do Vietnã poderia ter escrito uma sinfonia?”, disse com voz calma. “Quem entre eles poderia ter escrito um lindo poema ou descoberto a cura do câncer? Quem deles poderia ter jogado na World Series ou nos ter feito rir em um palco, ou ajudado a construir uma ponte ou uma universidade? Quem deles poderia ter ensinado uma criança a ler? É nossa responsabilidade deixar esses homens viverem.”

O eloquente discurso suscitou uma grande e demorada onda de aplausos. Porém, depois, enquanto Kennedy se dirigia para a saída do shopping, a multidão “de repente se tornou algo vivo e perigoso”, nas palavras de um repórter presente no local. Procurando abrir caminho no meio da multidão que surgia, Kennedy teve que se abaixar para resgatar uma criança que havia sido projetada ao chão. Quando finalmente alcançou seu carro conversível e subiu no porta-malas, ele quase foi arrancado do carro. O guarda-costas de Kennedy, Bill Barry, ex-astro de futebol universitário e agente do FBI, caiu de joelhos, passando os fortes braços em volta da cintura de Bobby para evitar que ele fosse engolido pela multidão.

Naquele dia, Barry era a única proteção de Kennedy, assim como fora durante a maior parte de sua tumultuosa campanha. “Eu gostava muito dele como ser humano, por

suas qualidades”, disse Barry mais tarde. “Eu queria que ele se tornasse presidente dos Estados Unidos pelo bem de meus filhos e das futuras gerações. Para mim, não era apenas um trabalho. Era algo para o qual a vida havia me qualificado. Era o meu talento de malabarista.” O candidato deixara claro para sua equipe que não haveria cordões de guardas em torno dele, nenhuma barreira entre ele e as multidões. O pobre Barry era a única pessoa encarregada da segurança em tempo integral de Kennedy. E isso iria atormentar Barry pelo resto da vida.

Os mais próximos confidentes políticos de Kennedy lhe disseram que Bill Barry não era suficiente — que ele precisava de mais proteção. Ed Guthman, como sempre, era um deles. Tirando uma folga do *Los Angeles Times*, foi até Indiana para observar a campanha das primárias durante alguns dias. “Fiquei abismado com o que vi, não havia nenhuma segurança”, disse-me Guthman. “Chamei Bobby e ele disse: ‘Vamos dar uma volta’. Bem, eu sabia o que isso queria dizer. Na manhã seguinte, levantamos às seis da manhã e fomos dar uma volta em um campo atrás do motel onde eles todos estavam hospedados. E eu lhe disse: ‘Estive observando na noite passada, Bob — você não tem muita proteção’. E ele respondeu: ‘Ah, não quero ter um monte de policiais ao meu redor’. Falei: ‘Vamos deixar de lado o fato de você ter mulher e dez filhos, com o décimo primeiro a caminho — você é muito importante para este país’. Mas ele não fez nada.”

No começo de abril de 1968, a campanha de Kennedy focou uma série de grandes comícios em Indianápolis para dar o impulso necessário à importante eleição primária de Indiana. Enquanto um assessor encarregado das viagens cuidava dos preparativos para as futuras aparições de Bobby na cidade, alguns documentos federais mais tarde

revelaram que ele estava sendo espionado pelo FBI. No dia 3 de abril, um funcionário do birô, encarregado do escritório local, escreveu sinistramente em uma nota que “os comícios de Kennedy agendados para o dia 4 de abril em Indianápolis podem sofrer algum tipo de violência apenas para incomodar o senador Kennedy”. O documento, muito grifado — e que foi obtido pelo estudioso Joseph A. Palermo graças à Lei de Liberdade da Informação<sup>3</sup> —, sugere que a campanha de Kennedy era alvo, por parte do sempre bem documentado FBI, de táticas sujas iguais às usadas contra a organização de Martin Luther King e outros grupos de ativistas.

Porém, foi uma calamidade muito maior que interrompeu os planos da campanha de Kennedy em Indianápolis. Na hora em que seu avião pousou na cidade aquela noite, o candidato foi informado de que o reverendo King havia morrido, depois de receber na mandíbula um tiro de um atirador de tocaia enquanto estava na varanda de um motel de Memphis. King havia ido a Memphis para liderar uma marcha de greve dos garis negros, como parte de sua crescente campanha para vincular o problema racial ao problema da exploração econômica.

Quando Kennedy recebeu a notícia, ele estava se dirigindo para um dos mais pobres bairros negros de Indianápolis, aonde ia formalmente inaugurar o escritório principal de “Kennedy for President” no estado durante um comício ao ar livre. O chefe da polícia o alertou para não ir até o gueto. A morte de King provocara violentos tumultos que estavam se espalhando por todo o país, inclusive pela capital da nação, onde chamas iluminavam o céu a poucos quarteirões do Capitólio. Mas Kennedy insistiu em manter o comício. Quando chegou ao seu destino, estava escuro e frio. Ele

atravessou a multidão e subiu na plataforma de um caminhão iluminado por holofotes que criavam um brilho lúgubre e tremulante ao forte vento. Naquela noite, foi Kennedy que trouxe a terrível notícia às pessoas — a multidão respondeu com um enorme gemido como se tivesse sido socada no ventre. E foi ele que as consolou. Ele era o único líder branco do país a quem eles permitiam fazer isso.

Naquela noite não houve discurso — quando um assistente se precipitou para ele de antemão com um papel resumindo os pontos do discurso, Kennedy amassou as anotações, colocando-as no bolso. Ele falou com o coração, lentamente e com voz suave, como se os estivesse reconfortando em uma sala de estar depois de ter dado a notícia de que um ente querido havia morrido. E eles escutaram calmamente na triste noite porque, como ele lhes lembrou, ele também sofrera a perda de um ente querido.

“Para aqueles entre vocês que são negros e tentados a sentir ódio e desconfiança contra todos os brancos diante da injustiça desse ato, posso apenas dizer que também tenho o mesmo tipo de sentimento em meu coração. Um membro de minha família foi assassinado, porém foi morto por um homem branco. Mas precisamos nos esforçar para entender, para superar esses tempos bastante difíceis.” Era a primeira vez que Kennedy citava a morte de seu irmão em um discurso público nos Estados Unidos. E então ele compartilhou com a multidão a forma como aprendera a suportar o insuportável. Citando o trecho de *Ésquilo* que sabia de cor, ele lhes lembrou o que já sabiam, que apenas o tempo ia transformar seu pesar em algo maior: “E mesmo no nosso sono a dor que não pode esquecer cai, gota a gota, sobre o coração, e para nosso desespero, contra nossa

vontade, vem a nós a sabedoria pela sublime graça de Deus”. Finalmente, ele os incentivou a não revidar com ódio, mas a honrar a mensagem de paz de King. “O que precisamos nos Estados Unidos não é da divisão; o que precisamos nos Estados Unidos não é do ódio; o que precisamos não é da violência ou da anarquia; mas de amor e sabedoria, de compaixão uns com os outros, e de um sentimento de justiça em relação àqueles que ainda estão sofrendo em nosso país, sejam brancos ou negros.”

Ao contrário de várias outras cidades americanas, Indianápolis não pegou fogo naquela noite. A multidão o escutou porque sabia que não eram apenas palavras, que Bobby ia continuar a cruzada de King.

Porém, o próprio Kennedy sabia quanto sua tarefa era impossível, quanto o país estava fraturado e sangrando. Uma noite depois da morte de King, Bobby chegou à casa de Pierre Salinger em Los Angeles, bem no alto de Coldwater Canyon. Em determinado momento daquela noite, o filho de dezesseis anos de Salinger, Stephen, ficou sozinho com Kennedy, e o adolescente colocou uma de suas canções preferidas na vitrola da sala de estar para Bobby. A canção era “7 O’Clock News/Silent Night”, de Simon & Garfunkel, uma contundente justaposição de terríveis manchetes de noticiário com a tranquilizadora melodia de uma canção natalina. Enquanto o rádio anunciava rapidamente uma sinistra lista de notícias — Vietnã, lutas pelos direitos civis, massacres, *overdose* de celebridades — a dupla cantava suavemente “Tudo está tranquilo, tudo está radiante”.<sup>4</sup> Enquanto a canção tocava na sala de estar de Salinger, Kennedy, calado, olhava pela janela as cintilantes luzes de San Fernando Valley, abaixo. “Depois que a canção terminou, Bobby virou a cabeça”, disse o filho de Salinger,

relembrando-se desse momento anos depois. “E seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ele não disse nada.”

“Queremos saber quem matou o presidente Kennedy!”, gritou uma jovem mulher na multidão. Outros estudantes seguiram seu apelo, gritando: “Abram os arquivos!”. Bobby primeiro tentou ignorá-los, mas finalmente cedeu. “O comportamento de vocês não me deixa outra opção”, disse, um tanto irritado. “Vamos lá, façam suas perguntas.”

Era 25 de março de 1968, uma tórrida tarde no *campus* da Universidade Estadual de San Fernando Valley, em Northridge, Califórnia. Kennedy acabara de fazer um discurso de campanha diante de uma tumultuosa multidão de 12 mil pessoas, que lotava o *campus* e até havia subido nos telhados para ouvi-lo. Porém, depois, durante as perguntas, ele finalmente foi confrontado com a atormentadora questão que, como ele sabia, inevitavelmente surgiria assim que ele entrasse na campanha. Se fosse eleito presidente, ele iria reabrir as investigações sobre a morte de seu irmão?

Durante anos ele havia aprovado publicamente o Relatório Warren, enquanto perseguia sua própria investigação privada. Mas Kennedy detestava a sorrateira mentira na vida política — enxergando LBJ como um de seus piores perpetradores — e o crescente “rompimento de credibilidade” entre aqueles que ocupavam o poder e o público. Na disputa de 1968, ele claramente achava difícil continuar a enganar o público com relação a sua verdadeira opinião sobre a investigação Warren. Mas então ele percebeu exatamente como seriam explosivas as reações se as manchetes de repente ecoassem “Kennedy Rejeita o Relatório Warren”. Não somente isso faria com que o assassinato se tornasse a questão principal da campanha —

em vez do Vietnã e das crescentes fraturas sociais do país — como poderia colocar Kennedy ainda mais em perigo no decorrer da corrida eleitoral. A questão do assassinato era um dilema crescente para Bobby, que havia prometido tornar sua campanha mais agressiva à medida que a disputa progredisse.

Quando, de repente, ele ficou diante desse problema levantado por estudantes agitadores no *campus* da Universidade Estadual de San Fernando, Kennedy parecia pronto para enfrentá-lo, e sua resposta foi sutil e surpreendentemente diferente da resposta padrão do passado. De fato, ele adotou um meio-termo, aprovando mais uma vez o Relatório Warren (embora com certa hesitação dessa vez), enquanto ao mesmo tempo deixava a porta aberta para reabrir o caso. Rick Tuttle, um jovem coordenador de campanha que estava sentado logo atrás do candidato naquele dia, lembrou-se mais tarde da atitude de Kennedy no momento em que respondia à pergunta carregada de significado emocional e político: “Lembro-me de que suas mãos tremiam levemente, o que acontecia com frequência quando Kennedy discursava, pois havia uma leve tensão. Mas lembro-me também de ter dito a mim mesmo: ‘Ele se preparou para essa pergunta’. Lembro-me de que ele se saiu bem. Não esqueça — naquela altura, já havíamos ultrapassado o período de luto, e ele estava concorrendo a presidente, havia entrado nesse mundo. Ele estava preparado para lidar com isso. Não era mais uma daquelas épocas em que ele gaguejava muito ou se sentia destroçado, pesaroso”.

O que Kennedy disse precisamente naquele dia, como foi registrado por um repórter da rádio KLAC de Los Angeles, foi o seguinte: “Vocês queriam me perguntar algo sobre os arquivos. Tenho certeza, como já disse antes, que os

arquivos vão ser abertos”. A multidão respondeu vibrando e aplaudindo. “Posso apenas dizer”, prosseguiu Kennedy, “e já respondi a essa pergunta antes, que não há ninguém mais interessado em todo esse assunto, em saber quem foi responsável pela... pela... morte do presidente Kennedy do que eu. Vi todas as questões nos arquivos. Se eu me tornar presidente dos Estados Unidos, não vou... não vou reabrir... o Relatório da Comissão Warren. Acho... eu apoio o Relatório da Comissão Warren. Vi os arquivos, os arquivos estarão disponíveis no momento adequado.” Diante dessa declaração, a multidão de novo reagiu com ruidosa vibração.

A declaração de Kennedy era de difícil equilíbrio. Sua resposta era tão cuidadosamente elaborada que alguns pesquisadores do assassinato mais tarde concluíram que se tratava simplesmente de outro exemplo da curiosa recusa de Bobby em promover uma nova investigação. Mas não foi assim que os estudantes ouviram a resposta de Robert Kennedy naquela tarde. Eles foram levados a ovacioná-lo porque ele concordava em que os arquivos do governo sobre o assassinato fossem abertos — e abrir os arquivos queria dizer reabrir o caso. Quando ouviram Kennedy se comprometer com o fato de que a prova de investigação do governo “ficaria disponível no momento adequado”, para eles isso quis dizer: quando Bobby se tornasse presidente.

Os estudantes que ovacionaram Kennedy não foram os únicos a interpretar sua resposta dessa maneira. Também foi o caso de seu assessor de imprensa, Frank Mankiewicz, um homem que controlava de perto tudo o que o candidato dizia em público e a quem Kennedy pedira que reunisse informações sobre o assassinato para uma futura investigação. Em resumo, Mankiewicz era a pessoa ideal para ler corretamente as nuances da resposta de Bobby — e

para entender o significado do que ele dissera. Para Mankiewicz, não havia dúvida: Kennedy estava apelando para a futura reabertura do caso de assassinato de seu irmão. “Lembro-me que fiquei surpreso com a resposta”, disse Mankiewicz. “Era como se de repente ele estivesse deixando escapar a verdade, ou era uma maneira de impedir qualquer outro questionamento. Sabe, ‘Sim, vamos reabrir o caso. Agora, vamos seguir adiante’.”

No mês seguinte, Kennedy falou de forma esclarecedora sobre seus futuros planos de investigação, dessa vez diante de alguns grupo de assistentes de campanha, em seu quarto do Fairmont Hotel, em San Francisco. Era tarde na noite de 19 de abril, e Kennedy acabara de voltar de um agitado discurso na Universidade de San Francisco, em que um pequeno grupo de radicais antiguerra o havia acusado, gritando: “Vitória para os vietcongues” e chamando-o de “porco fascista”. Relaxando em seu quarto de hotel, Kennedy estava com um humor instável, querendo falar sobre o estado caótico da nação e seus planos para restaurar o bom senso no país se ele chegasse à Casa Branca. Estimulado pelo humor expansivo de Kennedy, um de seus assistentes tomou coragem para lhe fazer uma pergunta sobre o assassinato de seu irmão. Richard Lubic, um consultor de mídia da campanha que estava no hotel, mais tarde escreveu uma nota sobre o que Kennedy havia respondido: “Caso eu seja eleito, vou querer reabrir a Comissão Warren”.

\* \* \*

No momento em que sua campanha chegava às decisivas primárias da Califórnia, Bobby Kennedy estava começando a lutar contra uma série de grandes problemas que ele sabia

que iria enfrentar uma vez presidente. Um deles era a CIA. “O que ele iria fazer com a agência?”, perguntou-se um dia em voz alta, no avião da campanha, com Pete Hamill, um dos jornalistas que se tornou tão próximo de Kennedy que passou a escrever discursos para ele. “Preciso decidir se elimino o braço operacional da agência ou que diabo faço com ele”, disse Kennedy a Hamill. “Não podemos ter esses caubóis soltos por aí, atirando nas pessoas e fazendo um monte de coisas não autorizadas.”

Fred Dutton, o veterano político que havia servido de diretor informal da campanha de Kennedy, mais tarde confirmou que o candidato estava começando a enfrentar a questão da CIA. Kennedy achava que a agência “estava fora de controle”, disse Dutton. “A CIA ia ser assunto de conversas” durante a corrida eleitoral, disse o assessor de Kennedy — “apenas seu descontentamento com ela”. Mas os abusos da agência nunca se tornaram pauta de campanha. “Minha reação na época foi: vamos ganhar a campanha e nos preocupar com esse problema depois”, disse Dutton.

A épica batalha de Kennedy pela presidência estava chegando à Califórnia. Ele vencera suas primeiras primárias, em Indiana e Nebraska, mas a campanha estava longe de ser a “máquina bem lubrificada” que Richard Reeves retratara na revista do *New York Times*. Ela avançava com uma instável estrutura organizacional improvisada e com energia espontânea. Não havia uma mão segura para dirigi-la, como houvera na corrida eleitoral de JFK em 1960. “Bobby não tinha um Bobby”, disse Edelman.

As fraquezas da campanha foram expostas no dia 28 de maio, quando Kennedy perdeu as primárias de Oregon contra McCarthy — a primeira derrota eleitoral já sofrida por

um Kennedy. Se também perdesse na Califórnia na semana seguinte, seria provavelmente o fim de sua campanha.

Kennedy estava travando uma difícil guerra em duas frentes, lutando não somente contra o candidato rival da paz como também contra a escolha do *establishment* do partido, o insosso e afável Hubert Humphrey, cuja posição de favorito estava assegurada pelo processo secreto de seleção de candidatos que ainda operava em 1968. Humphrey, vice-presidente de LBJ, de fato havia entrado na campanha como suplente pró-guerra de Johnson. No dia 31 de março, Johnson surpreendera a nação ao anunciar que não ia concorrer à eleição presidencial. O líder ferido não podia correr o risco de sofrer uma derrota contra seu inimigo de longa data. Porém, a rivalidade entre Johnson e Kennedy continuava como um teatro de sombras com a entrada de Humphrey na disputa. Embora tivesse prometido ficar neutro na competição democrata, LBJ trabalhava com Humphrey em segredo para prejudicar Kennedy sempre que podia. Relutante em testar sua popularidade contra a de Kennedy nas primárias, Humphrey usou a máquina partidária para conseguir delegados enquanto substitutos tomavam seu lugar nos escrutínios dos estados. (Na Califórnia, o substituto de Humphrey era o procurador-geral do estado, Tom Lynch.)

Enquanto isso, McCarthy lutava com veemência. Apesar de sua vitória em Oregon — onde a população suburbana branca se identificava com o charme cerebral do ex-professor —, até McCarthy, excêntrico e reservado, sabia que suas chances de ganhar a indicação eram remotas. Em vez disso, ele parecia cada vez mais disposto a estragar as chances de Kennedy. McCarthy, depois de ter assumido o risco inicial de enfrentar Johnson, nunca se desfizera do

ressentimento que sentia pelo fato de Kennedy também ter entrado na disputa eleitoral.

À medida que a campanha na Califórnia esquentava, as campanhas de Humphrey e McCarthy pareciam estar unidas para tirar Kennedy da disputa. Os vínculos entre elas começaram a se firmar quando um antigo funcionário da CIA chamado Thomas Finney, que era próximo de Humphrey, assumiu o cargo de diretor de campanha de McCarthy nas últimas semanas da campanha no Oregon. O repentino surgimento de Finney como chefe de campanha de McCarthy — e relatórios demonstrando que os partidários de Humphrey haviam encaminhado 50 mil dólares a McCarthy — levou alguns membros da equipe do candidato da paz a pedir demissão em protesto. É possível que a CIA e o *establishment* do Partido Democrata tenham trabalhado pela divisão do voto pacifista para conseguir a indicação de Humphrey. Porém, o próprio McCarthy era surpreendentemente popular nos círculos da CIA, em que Kennedy era odiado e havia um crescente descontentamento em relação à guerra, considerada por alguns funcionários da inteligência como prejudicial aos interesses da segurança nacional. Dick Helms — que avisara o presidente Johnson em um relatório secreto de 1967 que a CIA acreditava que ele podia se retirar do Vietnã sem danos permanentes para os Estados Unidos — era um dos simpatizantes de McCarthy no alto escalão da agência. Com o decorrer dos anos, escreveu Helms em sua biografia, ele e o senador de Minnesota “almoçaram ocasionalmente e se encontraram nos habituais eventos de Washington, ou como convidados do camarote de Jack Kent Cooke em partidas de futebol. McCarthy sempre era uma boa companhia, inteligente e espirituoso”.

Ainda se recuperando de uma derrota no Oregon e encurralado na Califórnia pelos dois rivais democratas, RFK estava enfrentando um desastre político. Se sua campanha fracassasse na Costa Oeste, não somente seria uma humilhação pessoal, como também o fim da cruzada nacional de Bobby para reviver o sonho dos Kennedy. Mas a Califórnia não era o Oregon. Ali vivia uma grande quantidade de operários brancos e eleitores negros e hispânicos, que eram sua base. Também era um estado supermediatizado e deslumbrado com sua própria aura estrelada. E nas semanas anteriores às primárias da Califórnia de 4 de junho, os partidários de Kennedy despertaram. Enquanto percorria de alto a baixo o estado do tamanho de uma nação, trabalhando dezessete horas por dia, Kennedy era cercado por multidões ruidosas. Na enorme cidade rural de Fresno, no Central Valley, a multidão derrubou as barreiras no aeroporto, quando ele saiu do avião, engolfando-o. “Toquei nele. Toquei nele!”, gritou uma garota. “Vou ficar uma semana sem lavar a mão!”

Seus comboios através das ruas da Califórnia foram manifestações de extática democracia. No momento em que seu carro conversível de campanha completava o lento e sinuoso percurso em meio às multidões em histeria, sua camisa saiu da calça, grudando em suas costas por causa do suor, enquanto seus antebraços ficaram arranhados, sangrando, e suas abotoaduras e o prendedor de gravata PT-109<sup>5</sup> desapareceram. Porém, o espírito do candidato rejuvenesceu.

Nos bairros negros de South Central Los Angeles, as adolescentes corriam ao lado do carro, tentando alcançar suas mãos estendidas para fora, enquanto Bill Barry se agachava ao lado dele, segurando o corpo leve de Bobby

com todas as suas forças. As mulheres se precipitavam para fora das casas e dos salões de beleza com bobes na cabeça, e os homens saíam correndo dos bares — todos queriam vê-lo, chamá-lo, tocá-lo. Os jornalistas que acompanhavam o candidato no carro observavam, incrédulos, a explosiva energia que ele despertava. “Esse é o meu povo”, disse Kennedy. Era a disputa eleitoral de sua vida, e Kennedy estava colocando sua própria alma nela. As pessoas nas ruas respondiam com um fervor que parecia uma fome selvagem.

Kennedy era recebido com a mesma frenética celebração nos bairros latinos, em que as multidões gritavam “viva Bobby!” e grupos de *mariachis* faziam serenatas com coloridas versões do tema populista de Woody Guthrie “This Land Is Your Land”. O grande número de eleitores mexicano-americanos do estado estava sendo mobilizado pelo sindicato United Farm Workers, cujo carismático líder, César Chávez, era devotado a Kennedy desde quando o senador havia abraçado a causa do UFW.<sup>6</sup> Em 1966, Kennedy promovera audiências na Califórnia em nome do sindicato, cuja pacífica liderança católica e a árdua luta contra a indústria do agronegócio do estado haviam tocado profundamente o senso de justiça do senador. Este levava xerifes locais antissindicais perante o júri — o tipo de homens da lei caipiras que vinham fustigando os trabalhadores rurais da Califórnia desde a época de *As vinhas da ira*<sup>7</sup> —, submetendo-os ao mesmo tipo de interrogatório que os gângsteres outrora haviam sofrido nas mãos de Kennedy, sugerindo causticamente que lessem a Constituição dos Estados Unidos antes de prender ilegalmente outros membros do UFW.

Grande parte do movimento sindical estava sob o controle de líderes pró-guerra que apoiavam firmemente Humphrey. Mas membros do UFW se espalharam por todo o estado para apoiar Bobby, inclusive o próprio Chávez, que — ainda debilitado devido a uma longa greve de fome em protesto contra as condições dos trabalhadores rurais — empenhou-se tanto para apoiar Kennedy que teve que ficar de cama durante o ano seguinte. Toda essa campanha do sindicato ia ser decisiva para Bobby. “Era uma manifestação de respeito, admiração e amor”, disse Chávez. Kennedy havia ajudado os trabalhadores rurais quando eles mais precisavam — e agora eles iriam retribuir.

Nos últimos dias da campanha, Kennedy estava tão esgotado que parecia dormir em pé nos eventos. Em uma viagem de avião até Los Angeles, o candidato agarrou Jack Newfield enquanto ele percorria o corredor com um *bloody-mary* na mão, convidando-o a se sentar em uma poltrona vazia na sua frente. Ele queria conversar sobre Bob Dylan, cujas músicas Newfield lhe havia insistentemente recomendado. Kennedy tinha dificuldade em ouvir a voz de Dylan, que achava chorosa. Porém, depois de ouvir Bobby Darin, cujo estilo vocal era mais de seu gosto, cantar “Blowin’ in the Wind” em um comício da campanha, de repente ele se sentiu curioso em relação ao compositor. “Você acha que pode me apresentar a Dylan?”, perguntou para Newfield. Ao conversar de forma tão próxima no avião, o jornalista ficou surpreso diante da aparência extenuada de Kennedy: “Seu rosto parecia o de um velho; tinha rugas que eu não havia visto antes. Os olhos estavam inchados e vermelhos, e afundados na cavidade orbital. As mãos tremiam, como acontecia com frequência quando ele falava em público”.

O dia 3 de junho, o último da campanha, foi o mais cansativo de todos, com uma maratona de doze horas que levou Kennedy de Los Angeles a San Francisco e Long Beach, passando por Watts, e então para San Diego para um comício de noite e finalmente de volta a Los Angeles. Em San Francisco, ele passou por Chinatown, como sempre, em um carro aberto, de maneira que as pessoas pudessem vê-lo. “Ele sentia que precisava andar de conversível porque seu irmão havia sido morto em um conversível”, observou Newfield. Quando uma rajada de bombinhas de repente irrompeu no ar, tão violenta quanto um tiro, Ethel — grávida do último filho deles — se deitou em posição fetal no banco do carro, tremendo visivelmente. “Eu estava andando ao lado do carro”, lembrou-se John Seigenthaler, que havia tirado uma folga do *Nashville Tennessean* para ajudar a campanha de seu velho amigo. “Vi um verdadeiro terror nos olhos de Ethel. Também eu fiquei totalmente aterrorizado.” Mas Bobby permaneceu ereto, acenando, recusando-se a mostrar medo.

No momento em que chegaram a Long Beach, Kennedy estava bêbado de cansaço, tropeçando quase inconscientemente em seu discurso. Quando voltou ao carro, Fred Dutton disse algo óbvio: “Você teve um pequeno problema com seu discurso desta vez”. Kennedy confessou que não estava se sentindo bem, algo que normalmente ele teria escondido de sua equipe.

O evento final desse longo dia de viagens foi um comício no El Cortez Hotel, em San Diego. Havia tantas pessoas que foi necessário dividi-las em dois grupos, e Kennedy foi obrigado a fazer dois discursos, um atrás do outro. Depois do primeiro, ele saiu do palco e desmoronou em uma cadeira, colocando o rosto nas mãos. Bill Barry e Rafer Johnson, o ex-atleta olímpico que estava ajudando como

guarda-costas voluntário, levaram Bobby, que estava sofrendo, para o toailete masculino. Ele não vomitou, insistiu mais tarde para Dutton, apenas ficou tonto por alguns minutos. “Eu só fiquei sem energia”, disse ele. Mas se recompôs mais uma vez para voltar ao palco e fazer o último discurso da campanha. E então acabou. O destino político de Kennedy estava nas mãos do povo da Califórnia.

No dia da eleição, Kennedy estava descansando na casa de praia de John Frankenheimer, em Malibu, com Ethel e seis de seus filhos. Os filmes sobre a Guerra Fria do diretor, *Sob o domínio do mal* e *Sete dias em maio*, haviam sido considerados por JFK mensagens de alerta contra os impulsos totalitários de Washington. E quando Bobby entrou na disputa presidencial, Frankenheimer se declarou voluntário para dirigir suas aparições televisivas, tentando retratar a eletricidade da campanha ao seguir o candidato com sua câmera. Os dois homens se aproximaram durante a corrida eleitoral, e Frankenheimer até conseguiu que Bobby lhe falasse sobre suas suspeitas em relação a Dallas. Mas quando o diretor tocou cuidadosamente em um dos aspectos do caso — os vínculos entre Joe Kennedy e o crime organizado e como a Máfia podia ter se sentido traída pela família — Bobby deixou claro que esse assunto estava extrapolando os limites. Frankenheimer era suficientemente sensível para não insistir, e Kennedy se sentiu bastante confortável com o diretor para aceitar seu convite e usar a casa de praia como retiro longe do tumulto da campanha.

Nove dias antes do dia da eleição, Kennedy havia relaxado no domingo de tarde na casa de Frankenheimer com um grupo de partidários do mundo do entretenimento que incluía Warren Beatty, Shirley MacLaine, Burt Bacharach, Angie Dickinson e Jean Seberg. Enquanto falava com

Kennedy, o marido de Seberg, o escritor francês Romain Gary, de repente exclamou o que todos achavam terrível demais mencionar: “Você sabe, não sabe, que alguém está tentando matá-lo?”. A sala caiu no silêncio. Mas Kennedy, de sunga e sentado com as pernas cruzadas no chão, olhou simplesmente para dentro de um copo de suco de laranja que estava remexendo e respondeu: “É um risco que preciso correr”.

Então, seguindo a mesma abordagem direta do gaulês, ele desafiou Gary: “Veja De Gaulle. A quantas tentativas contra sua vida ele sobreviveu mesmo?”.

Gary deu de ombros. “Seis ou sete, acho.”

“Eu lhe disse”, falou Bobby, com uma leve risada, “não se pode fazer nada sem a sorte, essa danada”.

Outro drama teve lugar na casa de Frankenheimer, no dia da eleição. Enquanto Kennedy e seus filhos se divertiam surfando, seu filho de doze anos, David, de repente foi levado pelo refluxo das ondas, e Kennedy teve que mergulhar para resgatá-lo. O candidato voltou à beira-mar com um hematoma vermelho na testa que Frankenheimer disfarçou com maquiagem de teatro, ao prepará-lo para a grande noite que o esperava.

O resto do dia foi menos estressante, e o exausto Bobby tirou um cochilo ao sol, estendido sobre duas cadeiras, à beira da piscina. Chegando perto do corpo que parecia sem vida, Dick Goodwin vacilou, antes de perceber que ele estava apenas dormindo. “Meu Deus”, pensou Goodwin, que havia voltado para o rebanho dos Kennedy, “acho que nenhum de nós jamais vai superar o caso John Kennedy”.

Mais tarde, Frankenheimer se ofereceu para levar Kennedy de carro ao quartel-general da eleição, situado no Ambassador, o grande e antigo hotel do centro de Los Angeles, colocando Kennedy e Dutton em seu Rolls-Royce e

levando-os pela Pacific Coast Highway. O diretor havia tido aulas de direção para corridas de carro com Carroll Shelby e estava impaciente para mostrar seu talento em alta velocidade para o candidato. Porém, Kennedy ficou repetindo a Frankenheimer que, se ele fosse mais devagar, eles viveriam mais tempo.

Com o encerramento da votação às 20h, e o fato cada vez mais claro de que o voto maciço a favor de Kennedy em Los Angeles ia inevitavelmente torná-lo favorito, o tumulto no Embassy Ballroom do hotel — lotado de rapazes com chapéus de palha de Kennedy e garotas com blusas brancas, saias azuis e faixas vermelhas também com o nome do candidato — tornou-se ensurdecedor. Em sua suíte, Kennedy finalmente começou a relaxar, sorrindo e brincando com sua equipe, e atendendo a telefonemas de congratulações de amigos e proeminentes democratas do país inteiro. A ligação mais importante foi a do prefeito de Chicago, Dick Daley, o poderoso pistolão que Kennedy havia elogiado ao entrar na disputa. Daley, que havia muito tempo mantinha laços com a família Kennedy e estava cada vez mais desiludido com a guerra, desde o início apoiou Bobby. Porém, ele precisava constatar a força da popularidade de Kennedy nas primárias antes de querer colocar sua considerável influência a seu serviço. Agora, Daley ligava para oficializar seu apoio. O homem que ia dirigir a convenção democrata em Chicago estava do seu lado. Salinger estivera sentado ao lado de Kennedy quando este falou com Daley. Quando o telefonema acabou, lembrou-se ele, “Bobby e eu nos olhamos de uma maneira que queria dizer apenas uma coisa — ele havia conseguido a indicação”.

A euforia de Salinger talvez tenha sido precipitada — ainda havia uma longa campanha e muitas manobras

políticas até que Kennedy finalmente pudesse se declarar o candidato do partido. Mas, com a vitória na Califórnia assegurada, Kennedy com certeza parecia um vencedor. E também, pela primeira vez em sua vida política, parecia ser ele mesmo. Kenny O'Donnell, que estava planejando voar até a Califórnia na manhã seguinte para se juntar à campanha de seu velho amigo, disse mais tarde: “Ele havia conseguido. Vencera no maior estado da União — não como irmão de Jack Kennedy, não como Bobby Kennedy, mas como Robert Kennedy”. Ao observar o candidato em sua cada vez mais barulhenta suíte do hotel, Newfield rabiscou em seu caderno a palavra “libertado”. “Era assim que Kennedy parecia estar nessa última noite.”

Mais tarde, Kennedy começou a deixar sua imaginação vagar. Sentou-se no chão, fumando um pequeno charuto com Newfield, Hamill e seu amigo, o roteirista Budd Schulberg, e começou a sonhar em voz alta com o tipo de novos programas que ele previa para o país. Perguntou a Schulberg sobre as Oficinas de Escritores de Watts<sup>8</sup> que este havia organizado para jovens negros promissores. “Ele dizia ‘vou estender isso para todo o país, vamos criar um programa federal de oficinas para escritores’”, lembrou-se Newfield.

E então chegou a hora de descer e declarar a vitória. Quinze minutos antes da meia-noite, ele pegou o elevador de serviço e atravessou a cozinha, apertando as mãos dos trabalhadores. O salão de baile estava quente e com uma luminosidade ofuscante quando ele entrou, superaquecido pelas luzes da televisão e pelos corpos de seus partidários ali reunidos e gritando. No palco, Kennedy fez um discurso breve e otimista, ao perceber que a sala estava se tornando cada vez mais abafada. A cena de seu rosto radiante e

relaxado, em uma atitude descontraída, ainda é terrível demais para ser suportada por aqueles que presenciaram seu discurso de vitória daquela noite e ficarão para sempre atormentados com o que aconteceu em seguida. “O prefeito Yorty acaba de me mandar uma mensagem dizendo que já estivemos aqui tempo demais.” Ele sorriu ao cutucar o prefeito conservador de Los Angeles, que havia se tornado motivo de piadas ao longo de sua campanha. “Quero agradecer a todos vocês, e agora é a vez de Chicago, onde vamos vencer.” Essas foram suas palavras de despedida para os partidários. Então, ele fez o sinal do V da vitória — que naquela época também era sinal de paz —, ajeitou o topete na testa mais uma vez e foi embora.

Os momentos que se seguiram foram um clarão de fulgurantes imagens hoje emblemáticas na história americana. Após conversar com Bill Barry, Dutton decidira que Kennedy deveria sair pelos fundos, em vez de atravessar a multidão do salão de baile, que, segundo o que ele contou depois, estava “bastante incontrolável. Algumas pessoas da multidão haviam bebido demais”. Ao descer do palco, Kennedy se dirigiu para a cozinha do hotel, o caminho mais rápido para chegar à sala em que jornalistas da imprensa escrita estavam aguardando o candidato. Naquele grande aglomerado de pessoas — que estavam clamando “Queremos Bobby! Queremos Bobby!” —, Kennedy acabou separado de Barry e Dutton. Ao ir em direção à cozinha — levado pelo *maître* assistente do hotel, Karl Uecker —, o candidato iria desrespeitar várias regras fundamentais de segurança, disse mais tarde Joe Dolan, pesaroso, como se ainda quisesse segurar Kennedy pelos ombros, obrigando-o a parar. “Ele não estava com seu segurança, Bill Barry. Ele sempre devia ficar à direita do homem encarregado dele. Costumávamos dizer entre nós: ‘Quem está encarregado do

pacote?’ — querendo dizer quem é o responsável por sua movimentação. Porém, naquela noite o perdemos. Outra regra é não passar pela cozinha. E a terceira é não se aproximar da multidão.”

Barry se precipitou para alcançar Kennedy — junto com Rafer Johnson e o ex-atacante e astro dos Los Angeles Rams, Roosevelt Grier, que, naquela noite, também estavam fornecendo uma musculosa, porém não treinada, proteção ao candidato. Mas, por causa da multidão, eles não conseguiram alcançar Bobby antes que este entrasse na despensa da cozinha — uma “área suja e comprida”, como Hamill a descreveu mais tarde, que “era o tipo de lugar em que porto-riquenhos, negros e mexicano-americanos eram postos para trabalhar enchendo barrigas brancas”. A área de serviço estava iluminada pelo fraco brilho de lâmpadas fluorescentes, e havia uma máquina de gelo enferrujada em uma parede e uma mesa de vapor com copos e pratos sujos em outra. Cozinheiros e ajudantes de uniforme branco estavam enfileirados diante de cada parede, esperando a oportunidade de apertar a mão de Kennedy quando ele passasse.

Um deles, um ajudante mexicano-americano de dezessete anos chamado Juan Romero, já encontrara Kennedy antes, depois que a comitiva do candidato checara o hotel. Romero havia oferecido pagar outro ajudante de cozinha para que este o deixasse levar o carrinho de serviço até o quarto de Kennedy. O ajudante não estava envolvido em política, mas curioso diante do político famoso. Romero vira fotos dos irmãos Kennedy nas casas de pessoas no México e sabia que Bobby havia arregaçado as mangas pelos trabalhadores rurais da Califórnia. Quando empurrou o carrinho para dentro do quarto de Kennedy naquele dia, o candidato lhe apertou a mão “mais forte do que qualquer outra pessoa já

fizera. Saí de lá me sentindo um gigante, pensando ‘não sou apenas um ajudante, sou um ser humano’. Ele me fez sentir assim”.

Enquanto Kennedy avançava pela despensa, Romero deu um passo adiante para lhe apertar a mão de novo, quando de repente sentiu algo quente no rosto e ouviu um forte estouro. O ajudante de cozinha viu Kennedy cair para trás. Ao mesmo tempo em que a sala explodia em gritos e tumulto, ele se ajoelhou no chão engordurado da despensa e segurou a cabeça de Bobby com as mãos. Romero sentiu o sangue quente correr pelos dedos. Ele se debruçou e perguntou a Bobby se ele podia se levantar. Kennedy estava dizendo algo com voz fraca, e o ajudante aproximou o ouvido para poder entender. “Está tudo ok?”, sussurrou Bobby, vigilante até o fim. Então, Ethel e outros chegaram, afastando Romero. “Ah, meu Deus”, suspirou ela, ajoelhando-se ao lado do marido, que parecia olhá-la com gratidão quando ela pegou sua mão. Ela se debruçou sobre ele, com seu vestido de festa laranja e branco, falando em voz baixa e acariciando seu peito descoberto e sua testa. Romero lhe perguntou se podia dar a Bobby seu rosário, e, como ela não respondia, ele o colocou em uma das fortes mãos do senador, enrolando-o em volta do polegar para que não escapasse.

Hamill estava alguns passos adiante de Kennedy, andando de costas e tomando notas, quando ouviu bruscas explosões — *pá! pá! pá!* Ele viu o jovem de cabelo cacheado com uma arma erguida — sua primeira impressão foi de que era cubano — e foi um dos primeiros a se jogar sobre o assassino. “Peguem a arma! Peguem a arma!”, gritavam alguns homens. Hamill rapidamente abriu espaço para os homens mais corpulentos que estavam lutando para pegar a arma, entre os quais Barry, Johnson, Grier e o escritor

George Plimpton. Barry, que alcançara Bobby no exato instante em que os tiros haviam sido disparados, deu dois socos tão fortes no rosto do atirador que pensou que fosse matá-lo. Para controlar seus punhos, ele passou os braços em volta dele, em uma gravata. O homem que havia abraçado Kennedy em sua proteção durante toda a campanha perdera seu “pacote” apenas por um minuto, e agora estava segurando nos braços o responsável pelos disparos.

No momento em que Hamill conseguiu dar uma olhada em Kennedy, soube que não tinha mais como ajudar o amigo. Seu rosto “tinha certa aceitação doce do fato”, pensou Hamill — ele parecia um homem que fora libertado. “Seus olhos estavam vidrados, porém abertos. Havia um tipo de centelha em seu rosto, um sorriso irônico, como se ele estivesse esperando por isso havia muito tempo.” As últimas palavras de Bobby antes de ficar inconsciente foram “Jack, Jack”, segundo o que alguém mais tarde disse a Goodwin.

Enquanto Bobby estava sangrando no chão sujo da cozinha, um gemido dilacerante — de novo, não; de novo, não — correu como eletricidade pelo corredor, como o choque do entendimento que passa pela fileira de gado a caminho do matadouro, e então se propagou pela sala de baile ainda lotada. À medida que a percepção do que acontecera se espalhava pela grande e iluminada sala cheia de lustres, uma onda de repulsa — tão poderosa que era praticamente física — tomou conta da multidão. Rick Tuttle estava perto da plataforma da câmera de TV, no fundo do salão de baile, com uma jovem empregada da campanha — que ia se tornar sua esposa — quando a onda o atingiu. “Há uma expressão para isso — ‘perder o chão’. E foi exatamente o que aconteceu. Algo fez com que a sala

balançasse, e balançasse de novo, como se tomada pelo movimento das ondas. E, claro, isso vinha da despensa.”

Os gritos vindos de baixo começaram a se espalhar pelos andares superiores. Goodwin, que ainda estava na suíte de Kennedy, correu até a televisão de um dos quartos para ver o que havia acontecido. Sentado em uma das camas, olhando fixamente as terríveis imagens na tela, estava outro veterano de Kennedy, Ted Sorensen. “Só precisamos nos olhar para entender que ele estava morto”, lembrou-se Goodwin.

Fora do hotel, Frankenheimer e sua esposa Evans estavam esperando em seu Rolls-Royce para levar Bobby e Ethel até a festa de comemoração da vitória, que ia acontecer na Factory, a nova discoteca da moda que pertencia a Salinger, junto com outras personalidades, como Peter Lawford, Sammy Davis Jr. e Paul Newman. De repente, um policial bateu no carro e gritou: “Tire esse carro daqui”. O diretor começou a explicar que estavam esperando o senador Kennedy, quando ele e sua esposa ouviram os gritos: “Atiraram em Kennedy! Atiraram em Kennedy!”. Obrigados pelo policial a sair da entrada para carros do Ambassador, os Frankenheimer se dirigiram para o centro de L.A., que estava vazio à noite, procurando desesperadamente um telefone público. O rádio do carro anunciava que Kennedy havia sido levado para o Good Samaritan Hospital, e finalmente eles encontraram um posto com telefone onde o diretor conseguiu falar com Goodwin, que estava na sala de espera do hospital. Como todas as roupas e os pertences de Kennedy se encontravam na casa de Malibu, Goodwin pediu que eles voltassem para lá e ajudassem a reuni-los.

Evans Frankenheimer mais tarde relatou a sensação fantasmagórica da casa quando chegaram. Logo que entraram, ligaram as televisões que Frankenheimer havia

instalado para a equipe de Kennedy acompanhar as comemorações do dia da eleição. Em vez disso, havia arrepiadoras cenas do Ambassadeur e imagens do cordão da polícia fora do Good Samaritan e de pessoas soluçando e em vigília. Os Frankenheimer foram até o quarto em que Bobby e Ethel ficavam. Todas as roupas ainda estavam lá, inclusive a espalhafatosa sunga havaiana rosa e verde que Bobby havia usado de tarde. “Dois assistentes de campanha mais tarde apareceram para pegar as roupas de Bobby, e um deles começou a jogá-las de qualquer jeito na mala”, lembrou-se Evans. “John ficou totalmente apoplético e disse: ‘Dobrem tudo! Dobrem tudo!’. Então, tiveram que tirar tudo da mala, e John os ajudou a dobrar as roupas de Bobby.”

“No calor do momento, esqueceram aquela maldita sunga. Eu a encontrei mais tarde. Estava lá, ainda molhada e jogada na pia.”

No Good Samaritan, a sombria vigília continuava. Uma equipe de seis cirurgiões operara Kennedy por quase quatro horas. Mas o tempo estava se esgotando, e tornou-se claro que a vigília havia se transformado em velório. Kennedy sofrera três ferimentos por bala — uma roçou sua testa, outra o pescoço e a última, e mais séria, havia atingido a parte traseira de sua orelha direita e entrado no cérebro. Enquanto os médicos lutavam contra o inevitável, a família e os amigos se reuniam em uma suíte do hospital. Quando Kennedy foi levado inconsciente até a sala, depois da cirurgia, o humor dos médicos era soturno. Pediram para conversar em particular com Mankiewicz, que havia dado informações à imprensa sobre a evolução da cirurgia, e lhe contaram a verdade. “Disseram-me que haviam retirado fragmentos da bala de seu cérebro, mas não tinham conseguido retirá-la por inteiro. Foram tão lúgubres quanto os médicos podem ser. Para mim, parecia ser o fim.”

Ao chegar ao banheiro do quarto do hospital, Mankiewicz viu que Ted Kennedy estava lá, debruçado sobre a pia e passando água no rosto. Ele começou a dizer algo ao último dos irmãos Kennedy, mas então viu seu rosto: “Nunca vi em minha vida tamanha expressão de agonia no rosto de alguém”, disse Mankiewicz anos depois. “Aquilo me dilacerou. Quero dizer, não era como uma mãe cujo filho morreu na guerra ou um pai cuja filha fora sequestrada. Era muito mais. Pensei: ‘Ah, droga. Não vou falar nada’.”

Finalmente, foi a Frank Mankiewicz que coube a tarefa de dizer ao mundo que ele havia morrido. O assessor de imprensa estivera ao lado de Kennedy quase todos os dias nos três últimos anos. E agora estava entrando em uma sala de conferências pela última vez para anunciar a morte do senador. A declaração foi feita logo de manhã em um ambiente sinistro, cerca de 26 horas depois que Kennedy havia recebido os tiros. “Agora, tenho um breve anúncio para ler”, disse Mankiewicz, exausto, tentando manter o controle da voz. “O senador Robert Francis Kennedy morreu à uma e quarenta e quatro desta manhã de 6 de junho de 1968. No momento da morte do senador Kennedy estavam presentes sua esposa, Ethel; suas irmãs, Jean Kennedy Smith e Patricia Lawford; seu cunhado Stephen Smith; e a senhora John F. Kennedy. Ele tinha quarenta e dois anos.” Mais tarde, ele acrescentou o nome do irmão de Bobby, o senador Edward Kennedy.

O país — enfraquecido por Dallas, o Vietnã, a morte de King, os tumultos nas cidades, o sentimento crescente de caos e ruína — agora estava obrigado a encontrar um sentido nessa última calamidade. O segundo ataque contra uma família dinástica em que tantos americanos haviam depositado suas esperanças. Era preciso voltar à antiga Roma para encontrar um precedente para os assustadores

assassinatos consecutivos de dois irmãos no ápice de sua glória política — até o século II a.C., quando Tibério Graco e seu jovem irmão Caio Graco foram violentamente assassinados depois de terem sido eleitos tribunos pelo povo e terem despertado a hostilidade da aristocracia romana com suas reformas democráticas.

Até na morte, Robert Kennedy se manteve objeto de perversa fixação por parte de J. Edgar Hoover. As primeiras fotos da autópsia do corpo de Kennedy foram enviadas ao chefe do FBI, que guardou os apavorantes troféus em seus terríveis “arquivos oficiais e confidenciais” — as únicas fotos da morte de alguém célebre preservadas por Hoover. As horríveis imagens coloridas da autópsia também foram guardadas por James Angleton — como descobriu com repulsa seu sucessor na CIA, anos depois, ao abrir o cofre secreto do espião demitido.

A morte de Bobby estilhaçou o sonho Kennedy para sempre. Os homens que haviam servido os irmãos foram levados cada um a seu destino particular, tentando se recuperar e seguir seu caminho em novos projetos. Porém, nenhum deles nunca ia alcançar o mesmo patamar político, o mesmo pináculo em que outrora pareciam ser capazes de mudar o curso do país.

Daniel Ellsberg, o jovem intelectual e assistente da Secretaria da Defesa que havia rompido com o governo para se tornar conselheiro de Kennedy sobre o Vietnã, estava em Chicago, participando de uma conferência sobre a guerra, quando uma amiga lhe disse para ligar a TV de seu quarto de hotel. “Atiraram em Bobby”, disse-lhe ela. Ele se sentou na cama, olhando para as horríveis imagens de Los Angeles, ofegando sem parar. Todas as suas esperanças tinham sido depositadas em Bobby. “Pensei: ‘Talvez não tenha jeito, não haja meio de mudar este país’.”

Mais tarde, depois de voltar a Los Angeles, Ellsberg fez uma longa caminhada pela praia de Malibu. O trem funerário de Bobby estava andando lentamente pela ferrovia, de Nova York a Washington, passando pelas mesmas multidões — brancos e negros, jovens e idosos — que antes se agruparam em torno dos comboios de carros, porém agora pareciam sombrias sentinelas vindas para saudá-lo uma última vez. O trem estava lotado de camaradas de Kennedy, mas Ellsberg não queria estar lá. Ele queria estar tão longe quanto possível. Enquanto olhava o movimento das ondas na costa de Malibu, ele tomou um LSD que um vizinho lhe dera. “Eu queria estar na lua, longe de qualquer coisa.”

Alguns dos membros da equipe de RFK iam se afastar da política liberal. “Depois da morte de Bobby, as luzes se apagaram para mim”, disse Fred Dutton, que dedicara quase oito anos de sua vida à causa de Kennedy, mas depois se tornou lobista em Washington. Quando Dutton morreu, em junho de 2005, o *Los Angeles Times* notou em seu obituário que sua desilusão com a política depois do assassinato do segundo Kennedy “ajudou a explicar por que o inabalavelmente liberal senhor Dutton... mais tarde concordou em representar o governo conservador da Arábia Saudita”.

Dick Goodwin permaneceu na política por um tempo, juntando-se à campanha de McCarthy, embora ele soubesse que não tinha chances, e esboçou a fadada proposta pela paz da convenção democrática de 1968 — uma reunião que, em vez de unir veteranos do partido, como o prefeito Daley, e o movimento antiguerra, como a indicação de RFK o teria garantido, fez com que se opusessem violenta e desastrosamente. Depois, Goodwin abandonou o movimento. “Dick ficou um tanto doido depois da morte de

Bobby”, disse-me Newfield antes de morrer. “Ele se mudou para o Maine e me convidou a ir lá para praticar tiro de espingarda. Ele me disse: ‘Pegaram meus amigos, mas não vão conseguir me pegar’. Ele tinha uma visão sombria sobre tudo isso.” Hoje, Goodwin faz pouco caso da história da espingarda, mas confirma que não estava bem. “Eu tive que me afastar. Eu estava muito perturbado com o que havia acontecido.”

Mais uma vez, para o círculo Kennedy, o mundo estava fora de seu eixo, e dessa vez o país parecia um lugar ainda mais estranho e assustador. No trem funerário de Bobby, Jacqueline Kennedy — tão estoica depois de Dallas — jogou-se sobre o caixão, soluçando: “Ah, meu Deus, ah meu Deus”. Foi McNamara que finalmente a acalmou, segurando-a em seus braços. Mais tarde, seu pesar transformou-se em amargor. “Se eles matam os Kennedy, então meus filhos são alvos”, disse ela. “Quero sair desse país.” Logo encontraria uma maneira, casando-se com o armador grego Aristóteles Onassis.

John Frankenheimer também ia deixar o país, fixando-se na Europa durante cinco anos, bebendo muito e ignorando sua carreira cinematográfica. Aquela noite no Ambassador o arremessara para um lugar sombrio, lembrou-se depois o diretor. “Se quiserem saber quando as coisas começaram a mudar, foi naquela noite. Entrei em um verdadeiro inferno. Fui para a Europa e perdi interesse em tudo. Como se eu tivesse apagado. Eu estava completamente desiludido, e entrei em uma profunda depressão. Demorou muito tempo para eu me refazer.”

Adam Walinsky hoje afirma que o próprio Bobby Kennedy teria desprezado esse sentimento de alienação, esse crescente temor de que os Estados Unidos estivessem perdidos. “Ele não teria tido nenhuma tolerância nem

paciência com esse tipo de sentimento. Sua reação teria sido: ‘O que querem dizer com ‘perdemos a América’? É um grande país — estão me dizendo que toda a herança de Washington e Lincoln e tudo aquilo que os americanos e seus ancestrais fizeram está indo ralo abaixo porque não estou por aí? Que porra está acontecendo com vocês? Cresçam, voltem ao trabalho, parem com isso!’.”

Mas Bobby não estava mais lá para reunir sua família e os fieis guerreiros. O estandarte para o qual todos sempre olharam havia sido carregado para fora do campo de batalha. A morte de JFK havia sido cataclísmica. Mas eles ainda tinham a Bobby. Durante anos, depois de Dallas, ele fora aquele para quem eles olhavam, aquele que mantinha a missão viva. Seu desaparecimento deixou um vazio final.

E também não havia mais Bobby para procurar incansavelmente a verdade sobre o que acontecera nesses momentos caóticos do Ambassador Hotel. Então os homens que o haviam seguido brigaram reservadamente com suas próprias suspeitas, e muitos nunca chegaram a uma conclusão satisfatória sobre sua morte. Alguns pensaram que Sirhan Bishara Sirhan — o infeliz jovem imigrante palestino que fora preso e acusado do assassinato — em si constituía essa história patética. Outros pensaram que o assassino, que parecia estar em transe naquela noite, havia sido programado — ou que ele não era o único atirador, talvez apenas uma isca. Ironicamente, Sirhan havia passado ao lado de Frankenheimer durante o discurso de vitória de Kennedy, enquanto o diretor olhava Bobby em uma tela de TV da arcada da entrada do salão de baile. “Era *Sob o domínio do mal*”,<sup>9</sup> declarou Frankenheimer mais tarde. “Senti isso remexendo dentro de mim.”

No momento em que o pandemônio tomou conta da despensa do hotel naquela noite, Jesse Unruh, poderoso político da Califórnia e partidário de Kennedy, gritou: “Não queremos outro Oswald!” — tentando impedir que a multidão enfurecida em torno de Sirhan o matasse. Porém, para muitos do círculo de Kennedy, era exatamente o que essa noite no Ambassador ia se tornar — outra Dallas, com um tiroteio misterioso, personagens obscuras e investigação inepta.

Mankiewicz e Hamill foram alguns dos que aceitaram a versão oficial da morte de Robert Kennedy — segundo a qual foi Sirhan sozinho que pôs um fim a tudo naquela noite. Se por um lado ambos os homens suspeitavam de que JFK fora vítima de uma conspiração, por outro acreditavam que Bobby simplesmente fora despachado por um “espinhento mensageiro... do coração mais imundo e secreto da América”, segundo as palavras de desgosto de Hamill. De modo geral, foi com essa visão angustiada e metafórica que a mídia americana liberal reagiu ao assassinato de RFK. Com o decorrer do tempo, Hamill passaria a ver o suposto assassino de forma menos romântica. Sirhan era o tipo de extremista palestino que mais tarde ia explodir cafés em Israel, diz hoje Hamill. “Naquela época, isso parecia estranho porque não sabíamos nada a respeito dos palestinos.”

Outros, que se encontravam na despensa do Ambassador no momento do tiroteio, ficaram profundamente perturbados pelo que testemunharam. Nunca conseguiram conciliar suas observações com a versão oficial do assassinato. Queimaduras de pólvora encontradas no ouvido direito de RFK na autópsia indicavam que o tiro fatal viera de trás, a partir de uma distância de apenas oito centímetros ou menos. Mas nenhuma testemunha viu

Sirhan atirar em Kennedy por trás do crânio à queimadura. De acordo com as testemunhas, Sirhan atacou Kennedy de frente, e estava a um ou dois metros de distância.

Frank Burns, advogado e assistente de Jesse Unruh, estava do lado direito de Kennedy no momento dos tiros. Fez parte daqueles que partiram para cima de Sirhan, o qual segurava a arma como um homem possesso, enquanto homens muito maiores do que ele lutavam para desarmá-lo. “Não há dúvida de que Sirhan tenha tentado matar Kennedy”, disse-me Burns. “Mas não acredito que a arma de Sirhan tenha ficado a alguns centímetros da cabeça de Kennedy, como a análise do rastro de pólvora mostrou. Então nunca consegui conciliar as duas coisas. E eu estava lá. Agora, Kennedy *pode* ter se virado completamente até ficar na boca da arma enquanto estávamos lutando com Sirhan — mas não ouvi nenhum outro tiro enquanto lutávamos com ele.

“Desde o assassinato de Bobby, todos os pesquisadores do mundo debruçados sobre a tese da conspiração me procuraram, de Dan Rather a muitos outros. Mas, para mim, isso apenas mostra que a história oficial simplesmente não é plausível — nem as outras explicações e teorias sobre quem pode tê-lo matado. Para mim, o mistério continua sem solução.”

O dr. Thomas Noguchi, o médico-legista que conduziu a autópsia de Robert Kennedy, chegou à mesma perturbadora conclusão — embora ela estranhamente tenha recebido pouca atenção quando ele a revelou, em sua biografia, em 1983. Confuso diante da prova da pólvora, das testemunhas visuais e das indicações de que doze balas haviam sido atiradas naquela noite — mais do que o revólver de oito balas de Sirhan podia conter —, Noguchi escreveu que “tudo indica que pode ter havido um segundo atirador”,

especulando que o papel de Sirhan possa ter sido o de desviar a atenção do principal assassino de Kennedy. O médico-legista reconheceu que a “psicologia das massas”, durante momentos de caos, como na noite no Ambassador, frequentemente torna as testemunhas visuais pouco confiáveis. Mesmo assim, Noguchi escreveu: “Até que saibamos melhor o que aconteceu naquela noite, a existência de um segundo atirador permanece uma possibilidade. Assim, eu nunca disse que Sirhan Sirhan matou Robert Kennedy”.

Richard Lubic, o consultor de comunicação de Kennedy, viu outra arma sendo puxada naquela noite. Ele estava ao lado do senador quando este recebeu os tiros. Quando Lubic se ajoelhou para ajudar Kennedy, viu um segurança com arma na mão, apontada para o chão. O segurança, Thane Eugene Cesar, estava atrás de Kennedy no momento do tiroteio. Mais tarde, ele disse que não havia atirado naquela noite, porém a polícia nunca averiguou a arma. E Cesar — que tinha fortes opiniões racistas e anti-Kennedy, dizendo a um dos entrevistadores que os Kennedy “venderiam o país a qualquer momento... aos comunistas” e minorias — desde então figura em teses que defendem uma conspiração para explicar a morte de RFK.

Depois do assassinato, Lubic recebeu em casa a visita de membros da Special Unit Senator (SUS), a força-tarefa da polícia de Los Angeles encarregada de investigar o caso. Para Lubic, os investigadores da SUS, que tinham vínculo com a inteligência americana, pareciam “pessoas do governo”. Quando ele tentou lhes falar sobre Cesar — perguntando-lhes “por que um segurança tinha sua arma apontada para o chão, em vez de estar apontada para Sirhan?” —, eles o interromperam. “Não é problema seu”, responderam os investigadores a Lubic. “Não comente isso,

não fale sobre isso.” Mais tarde, no processo de Sirhan, Lubic nunca foi interrogado sobre o misterioso segurança.

Frank Burns percebeu a mesma falta de curiosidade ao ser chamado para testemunhar. Nunca lhe perguntaram sobre a posição da arma de Sirhan. “Todos tinham certeza de que haviam pegado o cara certo — Sirhan foi condenado antes mesmo que o processo começasse”, disse Burns. “Senti a mesma coisa até começar a ver algumas provas sobre os buracos das balas, a trajetória e coisas assim.”

Nas semanas que se seguiram à morte de Kennedy, começaram a surgir perguntas sobre a investigação do Departamento de Polícia de Los Angeles, inclusive acusações de destruição de provas e intimidação de testemunhas. “Big Daddy” Jess Unruh, o mais formidável democrata da Califórnia, ficou perplexo com o que ouviu sobre a investigação, e alertou a família Kennedy. Porém, irremediavelmente dilacerados pela morte de Bobby — que, ainda mais que Jack, havia sido o coração da família —, os Kennedy não tinham condição de dar atenção aos mistérios do caso. Segundo Burns, “Unruh conversou com Kenny O’Donnell e Steve Smith. Ele lhes disse que tínhamos algumas perguntas sobre a investigação em L.A. e queria saber se eles tinham algo a dizer e se queriam que procurássemos algo. Se a família tivesse algum tipo de questionamento, Jess gostaria de poder fazer algo a respeito. Afinal de contas, ele tinha muita influência, era o presidente da Assembleia do Estado da Califórnia. Porém, a resposta do grupo de Kennedy foi: ‘Não, não queremos investigar’. A atitude da família era claramente ‘obrigado por se preocupar, mas, por favor, pare com isso’”.

Agora, Ted Kennedy se tornara o chefe de família, mas lhe faltava o ardente senso de missão política de Bobby — nem ele tinha a veia investigativa de seu irmão. Os membros da

família ficaram envolvidos em seus próprios sofrimentos individuais. Nenhum dos Kennedy ia retomar a busca secreta para resolver o assassinato de Jack, e ninguém ia se dedicar a obter justiça para Bobby.

Allard Lowenstein, o dervixe de óculos do ativismo liberal, transformou o assassinato de RFK em uma causa até que ele mesmo fosse estranhamente assassinado, em 1980, por um dos seus antigos protegidos políticos. E, com o decorrer dos anos, vários advogados de Sirhan tentaram sem sucesso reabrir o caso. Mas, eclipsado pelo mistério de JFK, o assassinato de Bobby recebeu pouca cobertura midiática.

Com a morte de John Kennedy reforçara-se o mito de Camelot — inúmeros especiais de televisão e periódicos consagrados ao espirituoso rei Artur dos livros de contos e seu trágico e inexplicável fim. Com o assassinato de Robert Kennedy, nasceu a Maldição dos Kennedy — inúmeras elucubrações midiáticas sobre o sombrio destino de uma família antes encantada. Essa tênue cobertura superficial teve por efeito transformar o duplo assassinato dos irmãos Kennedy em algo predestinado, algo que a família atraía para si mesma como as personagens de uma tragédia grega.

Ted Sorensen tentou conter a criação da Maldição dos Kennedy. No serviço religioso que aconteceu em seu escritório de advocacia no dia que se seguiu à morte de Bobby, ele fez um eloquente tributo aos irmãos falecidos. John e Robert haviam sido mortos não porque eram amaldiçoados, declarou Sorensen, mas porque haviam ousado tentar mudar a história. “Não há nenhuma maldição pairando sobre os Kennedy”, disse Sorensen aos seus colegas. “Encontraram seu quinhão de tragédia porque tiveram mais do que seu quinhão de coragem e convicção

para ousar, tentar e provocar o destino... Tiveram mortes heroicas porque viveram vidas heroicas.”

À medida que o tempo foi passando, tornou-se claro que a maldição não estava sobre os irmãos Kennedy. Estava sobre os Estados Unidos. Os anos se passariam e nenhum novo líder apareceria para levar o país ao mesmo apogeu.

“Vivemos um ciclo sem fim de recuos desde os Kennedy”, comentou Goodwin. “Não apenas um recuo em relação aos ideais liberais, mas também quanto àquele vibrante senso de envolvimento com o país. Uma vez, uma revista me perguntou qual, a meu ver, havia sido a maior contribuição de Kennedy, e eu disse: ‘Ele nos fez sentir que éramos melhores do que pensávamos’. Foi uma grande perda. Há tantas coisas que um presidente pode fazer para inspirar uma nação — hoje em dia, parece quase impossível lembrar isso. Quer dizer, JFK liberou essa enorme energia no país. E Bobby teria feito ainda mais, acredito.”

Mais uma vez, Walinsky intervém para relativizar o legado de Kennedy. Ele se recusa a aceitar o insensato ritual de “e se eles tivessem vivido”. “Uma vez fui a um desses eventos comemorativos”, lembrou-se Walinsky, “e Arthur [Schlesinger] se levantou e fez um longo discurso cheio de suposições, se John Kennedy tivesse vivido, isso ou aquilo teria sido diferente, e me senti mal. Então, quando foi a minha vez de falar, eu disse: ‘Vejam, durante todo o tempo em que trabalhei para Robert Kennedy, nunca o ouvi dizer: *Se ao menos o presidente Kennedy tivesse vivido, isso teria sido diferente.* Porque, para ele, isso teria sido uma declaração de fraqueza. Teria sido como dizer: *Meu irmão não conseguiu fazer isso. Consequentemente, nós não vamos conseguir.* Para ele, a questão não era *e se?*, mas *e agora?*. Ele sentia que *aqui estamos, somos responsáveis, depende de nós.* E existe uma lógica verdadeira nisso.

Porque se vocês disserem: *Que pena que o presidente Kennedy não está vivo* — por que parar aqui? Por que não Lincoln, Washington — não é uma pena que George Washington não esteja mais conosco? E que tal Sócrates ou Moisés? Jesus poderia estar conosco de novo! O fato é que as outras pessoas não podem resolver os problemas para vocês — podem apenas lhes dar um exemplo de como viver, e então depende de vocês decidirem o que vão fazer com isso’.”

Com sua reluzente cabeça raspada, os olhos faiscantes e seu estilo polêmico — algo entre um advogado de sala de tribunal e um estudioso do Talmude —, Walinsky se apresenta como o duro e frio guardião do legado de Robert Kennedy. Como o próprio Bobby insistira depois da morte de Jack, Walinsky não queria ficar preso em um passado enevoado. Porém, enquanto está falando, sentado na ensolarada copa da cozinha de sua casa de Scarsdale, ele está sendo vigiado por outra “santificada” foto de Bobby. Trata-se de uma imagem em branco e preto de Kennedy com um filho pequeno de trabalhadores rurais imigrantes, agachados no chão de terra ao lado da casa da família: um carro abandonado e comido pela ferrugem. Walinsky não é tão diferente de outros homens que serviram John e Robert Kennedy. Os anos Kennedy permanecem como sua referência, a lembrança do que há de melhor neles. Assim como acontece com outros, os olhos de Walinsky às vezes se enchem de lágrimas quando alguma recordação específica lhe vem à cabeça. E, assim como a de outros, sua casa está repleta de lembranças dos Kennedy. Os suvenires — fotografias emolduradas, as comoventes citações, as charges políticas — cobrem as paredes do escritório, da sala de estar e até da copa desses homens. Suas casas são santuários desse heroico passado, quando eles eram jovens

e o país estava começando tudo de novo. Quando Robert Kennedy os chamou, disse-lhes: “Venham, meus amigos, não é tarde demais para procurar um novo mundo”. E eles acreditaram nele.

- 1 . Canção patriota americana muito popular durante a Guerra de Secessão (1861-65). [N. T.]
- 2 . Referência ao Rio Rubicão, um riacho ao norte da Península Itálica que, durante o período da República Romana, demarcava os limites entre Roma e a província da Gália Cisalpina e cuja travessia era proibida a generais acompanhados de suas tropas. Em 10 de janeiro de 49 a.C., Júlio César, em perseguição a Pompeu, teria violado tal lei, tornando inevitável o conflito e proferindo a famosa frase “*Alea jacta est*” [a sorte está lançada]. Assim, a expressão “atravessar o Rubicão” passou a ser utilizada como metáfora para ações sem volta. [N. E.]
- 3 . O Freedom of Information Act foi ratificado em 1966 pelo presidente Lyndon Johnson e começou a vigorar no ano seguinte. Baseado no princípio da liberdade da informação, o ato obriga as agências federais a comunicar seus documentos a qualquer um que solicitasse, independentemente da nacionalidade. Existem restrições à comunicação, por motivo de segurança nacional ou segredo de defesa, entre outros. [N. T.]
- 4 . “All is calm, all is bright.” A canção natalina “Silent night”, conhecida como “Noite feliz” em português, se origina do poema de um padre austríaco do século XIX, Joseph Mhor, intitulado “Stille Nacht”, musicado por Franz Xavier Gruber. A letra da versão em português é bem diferente do texto original, ao qual a versão inglesa se assemelha bastante. [N. T.]
- 5 . O prendedor de gravata PT-109 ficou conhecido como um dos mais famosos símbolos da campanha presidencial de JFK, em 1960. O prendedor, dourado, reproduzia a silhueta do PT-109, torpedeiro que JFK havia comandado durante a Segunda Guerra Mundial e cuja tripulação ele salvara do naufrágio, tornando-se herói de guerra. [N. T.]
- 6 . United Farm Workers of America [União de Trabalhadores Rurais da América], entidade de classe dos Estados Unidos. [N. E.]
- 7 . O mais célebre romance do premiado autor americano John Steinbeck, sobre a difícil vida dos trabalhadores rurais nos anos 1930, após a Depressão de 1929. Editado em 1939, foi transformado pelo diretor John Ford em um clássico filme de sucesso em 1940. [N. T.]
- 8 . As Watts Writers Workshops foram criadas pelo roteirista Budd Schulberg logo depois das insurreições que aconteceram no bairro de Watts, na região sul de Los Angeles, em 1965. [N. T.]
- 9 . *The Manchurian Candidate*: Filme dirigido por John Frankenheimer em 1962, com Frank Sinatra, Laurence Harvey e Janet Leigh. Ambientado durante a Guerra Fria, esse *thriller* político trata de um complô de assassinato de um candidato à eleição presidencial americana em que ex-soldados do Exército

americano sofreram lavagem cerebral por parte dos soviéticos para serem utilizados em uma conspiração comunista internacional. [N. T.]

## Verdade e reconciliação

*“Nunca deixem que o sangue dos bravos seja derramado em vão; esse é um imperioso desafio para as próximas gerações.”*

— Sir Walter Scott

Depois do assassinato de Robert Kennedy, em 1968, não havia nenhuma personalidade de vulto em Washington determinada a resolver o caso da morte de JFK — ou mesmo investigar os persistentes mistérios sobre a morte de RFK. Porém, no começo dos anos 1970, o escândalo de Watergate começou a levantar o manto que escondia alguns dos mais sombrios segredos do país. “Tudo está trincado, é assim que a luz consegue entrar”, canta Leonard Cohen. E Watergate — junto com anos de carnificina no Vietnã — trincou suficientemente o sistema para que a luz entrasse.

O mais próximo que o governo americano chegou de resolver o mistério JFK foi no período que se seguiu a Watergate, quando a Comissão Church e a Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos reexaminaram as conclusões da Comissão Warren. Os inquéritos do Congresso desenterraram provas novas e importantes de que houvera uma conspiração e

levantaram questões perturbadoras acerca do papel das agências do governo no encobrimento do assassinato, se não no crime em si. Mas, no final, essas provas foram abafadas pelos limites políticos internos e externos. Elas sublinharam o quanto são fadados ao fracasso os esforços de investigação por sempre dependerem da cooperação voluntária de agências como a CIA e o FBI — instituições profundamente misteriosas que já haviam desorientado abertamente a Comissão Warren e iam de novo obstruir os inquéritos dos anos 1970.

A Comissão Church foi formada em janeiro de 1975 sob a liderança de Frank Church, senador democrata de Idaho, para investigar abusos de poder na CIA, no FBI e em outras agências de espionagem. A comissão produziu uma série de denúncias — desde a abertura ilegal de correspondências de cidadãos americanos pela CIA até a obsessão patológica do FBI por Martin Luther King Jr. Contudo, sua mais chocante descoberta diz respeito aos esforços da CIA para assassinar líderes estrangeiros, hostis ou simplesmente inconvenientes, entre os quais Castro; Patrice Lumumba, do Congo; Rafael Trujillo, da República Dominicana; Ngo Dinh Diem, do Vietnã do Sul; e o general chileno René Schneider, visto como um obstáculo à queda do presidente Salvador Allende. Foram as notícias sobre o programa de assassinatos da CIA que tiveram maior impacto na imprensa e no público americanos, levando a pedidos de que o Congresso tivesse um maior controle da agência — que o senador Church chamou, segundo sua famosa expressão, de “elefante traiçoeiro”.

Entre aqueles que ficaram abalados com as revelações sobre os planos de assassinato da CIA estava o senador Richard Schweiker, da Pensilvânia, um dos mais ativos membros da Comissão Church. Republicano moderado que

havia sido sensível ao apelo de JFK para uma nova era no serviço público, Schweiker ficou espantado ao saber que a CIA e o FBI haviam escondido informações importantes da Comissão Warren, entre as quais a colaboração entre a CIA e a Máfia para assassinar Castro. E começou a se perguntar o que mais a comissão do Senado ia descobrir se voltasse as atenções para Dallas. No final de 1975, enquanto o júri finalizava suas investigações, Schweiker persuadiu Church a deixá-lo criar uma subcomissão — composta por ele mesmo e Gary Hart, do Colorado, um jovem reformista pós-Watergate que havia pouco fora eleito para o Senado — para investigar um assassinato mais incômodo, o de JFK.

O momento era apropriado para a reabertura das investigações. O caso Watergate e as revelações anteriores da Comissão Church haviam levantado dúvidas sombrias com relação ao governo na mente do público. A confiança dos americanos no governo fora abalada de novo naquele ano em que os telespectadores viram a primeira transmissão em rede nacional do filme de Zapruder, depois do jornal televisivo, quando o apresentador Geraldo Rivera levou à ABC a reveladora película, exibida em seu programa noturno, *Good Night America*.

Schweiker, de certa forma visto como um escoteiro por seus colegas do Senado, também ficou espantado pelo que descobriu nas catacumbas de seu governo à medida que examinava pilhas de provas e tornava públicos documentos dos Arquivos Nacionais relativos ao assassinato de JFK. Após saber dos complôs da CIA com a Máfia contra Castro, Schweiker começou a suspeitar de que Kennedy tivesse sido vítima de retaliação por parte do ditador cubano. “Mas nunca apresentamos provas de que Castro estivesse envolvido”, lembrou-se Dave Marston, o conselheiro legislativo do senador e seu principal homem na

subcomissão de investigação. As suspeitas de Schweiker então começaram a tomar um rumo ainda mais explosivo. “Não sabemos o que aconteceu, mas sabemos que Oswald tinha conexões na espionagem”, disse Schweiker à imprensa. “Por todo lugar em que investigarem Oswald, vocês vão encontrar impressões digitais da inteligência.”

Marston, que mais tarde deixou o escritório de Schweiker para se tornar procurador federal na Filadélfia e depois se afastou para trabalhar por conta própria, ainda estava convicto do seguinte quando o entrevistei para este livro: “Oswald não pode ter agido sozinho”, disse ele. “Suas perambulações claramente apontam para algo maior. Havia tantas pessoas da CIA e outros agentes governamentais tramando na Flórida e em Nova Orleans, fazendo coisas loucas, que é inconcebível que não soubessem nada a respeito de Oswald.”

Gary Hart ficou surpreso ao ouvir Schweiker expressar suas suspeitas durante as reuniões da subcomissão Church. “Dick fez muitas declarações na comissão que eram bem mais provocativas do que qualquer coisa que eu já tivesse dito, no que diz respeito às suas suspeitas sobre os responsáveis pelo assassinato de Kennedy”, disse Hart em uma entrevista para este livro. “Ele achava que era ultrajante e que precisávamos reabrir o caso. Estava disposto a botar para quebrar.”

Mas a mente de Hart também ficava atordoada pelo que estavam descobrindo. Quanto mais a Comissão Church cavava nos pântanos profundos das intrigas anticastristas que haviam inflamado a Flórida durante os anos Kennedy, mais Hart ficava espantado diante da complexidade do ecossistema anti-Kennedy e da intrincada rede que ligava a CIA, a Máfia e os eLivross cubanos. “Acho que todo esse ambiente naquela época era muito efervescente”, disse ele.

“E não acredito que houvesse alguém controlando as coisas. Havia pessoas conspirando umas com as outras, as conexões da Máfia, as amizades entre a Máfia e agentes da CIA, e essa comunidade maluca de eLivross. Havia inúmeros níveis, e todos povoados por pessoas estranhas. Não acredito que *alguém* soubesse exatamente o que estava acontecendo. E acredito que os Kennedy de certa forma estavam lutando para não se deixarem distanciar de tudo isso.”

“Se houve alguém chefiando tudo, deve ter sido Dick Helms — o homem que guardava os segredos”, acrescentou Hart. “Ele mais que qualquer outro devia saber o que estava acontecendo, mas acho que nem ele sabia. Não havia um cérebro naquele ambiente. Coisas demais estavam acontecendo, envolvendo pessoas demais. Havia elefantes traiçoeiros em toda parte. Operações sem conta com essa finalidade. Era um verdadeiro pesadelo. Acho que seria possível escrever um grande livro sobre a Flórida do começo dos anos 1960, um livro enorme.”

Hart deixa claro que não acredita que o assassinato de JFK tenha sido uma operação oficial da CIA — suas suspeitas se concentram mais na Máfia. Porém, ele não descarta agentes trapaceiros que agissem em conluio com os criminosos. E acredita que a agência esteve envolvida no encobrimento. “Se houve algum encobrimento, tenho certeza de que Helms participou”, disse Hart.

Durante a investigação da Comissão Church, tornou-se escandalosamente claro que o júri do Senado estava enfrentando forças brutais. Em junho de 1975, o chefe de Chicago, Sam Giancana, foi morto no porão de sua casa uma semana antes de testemunhar em Washington. Logo depois, Johnny Rosselli — a ligação-chave entre a Máfia e a CIA — foi convocado perante a comissão em duas ocasiões

para responder a perguntas sobre os complôs de assassinato contra Castro. No ano seguinte, Schweiker intimou Rosselli mais uma vez para que este respondesse a perguntas sobre o assassinato de Kennedy em uma sessão vigiada de sua subcomissão. Ele esperava poder interrogar mais o gangster quando, em 28 de julho de 1976, o corpo desmembrado de Rosselli foi encontrado dentro de um barril enferrujado de petróleo, flutuando ao largo de Miami. Era óbvio que os ex-cúmplices de Rosselli estavam dispostos a tudo para impedir que os investigadores do Senado chegassem à verdade.

“Rosselli foi assassinado de todas as maneiras possíveis”, disse Hart. “Foi estrangulado, braços e pernas foram serrados, ele tinha um buraco de bala na cabeça. Em nome da subcomissão, fui me encontrar com os detetives de Miami no escritório do xerife do condado de Dade. E eles me mostraram fotos do momento em que o tiraram da água — horrível, a pior coisa que já vi na vida. Disseram-me que havia sido a Máfia. Não era coisa de amador.” A equipe de investigadores da Comissão Church concluiu que a execução de Rosselli, assim como a de Giancana, havia sido ordenada pelo chefe da Flórida, Santo Trafficante, outro suspeito-chave na conspiração contra Kennedy.

Emperrada por testemunhas da CIA, como Helms, e violentamente desfalcada de testemunhas fundamentais, como Rosselli e Giancana, esgotou-se finalmente o prazo e o interesse político do inquérito da Comissão Church. Frank Church desistiu para tentar ser indicado à eleição presidencial de 1976 pelo Partido Democrata, mas acabou perdendo para Jimmy Carter. E Richard Schweiker foi persuadido a deixar as investigações do caso Kennedy por Ronald Reagan, o qual esperava mudar sua imagem de

opponente azarado do presidente Ford, acrescentando o moderado pensilvaniano à sua lista.

Muitos anos depois, olhando de novo para sua investigação, Schweiker se mostrou perplexo com as questões que se mantiveram pendentes. O jogo duplo dos membros da CIA ainda o incomodava profundamente. “Minha opinião sobre a agência piorou muito com o decorrer dos anos”, disse-me ele. Assim como Hart, ele acredita que a agência tenha se envolvido no encobrimento — e até que alguns de seus funcionários menos confiáveis possam ter se envolvido no próprio assassinato. O ex-senador, no entanto, acabou concluindo que o assassinato de Kennedy foi um complô da Máfia. “Passei por várias fases, mas hoje, na realidade, acho que basicamente o assassinato foi coisa da Máfia — foi a Máfia tentando se vingar dos Kennedy por eles terem reprimido severamente o crime organizado.” Quando se trata de Oswald, Schweiker parece menos certo de que o assassinato tenha sido uma operação da Máfia. O suposto assassino foi produto de um programa de falsos desertores dirigido pela CIA, observou Schweiker. “E então ele saiu do controle.” Schweiker ainda parece claramente hesitante ao recompor os passos de Oswald antes de Dallas. “O que com certeza não acredito é que a CIA tenha nos entregado a história completa.”

Assim como Hart, ele também sofreu reveses em sua última tentativa de conseguir a glória presidencial. Foi afastado da disputa pela indicação democrata de 1988 quando a imprensa expôs seu caso com a modelo Donna Rice, depois de ser flagrado no ato por jornalistas do *Miami Herald*, escondidos atrás de arbustos em frente à sua casa de Washington. Mas era 1987, e nesses anos pré-Clinton o poder da mídia como guardiã da moralidade ainda era incontestado. Aproveitando-se de uma cômica fotografia do

candidato divertindo-se com uma beldade loira a bordo de um iate de luxo apropriadamente denominado *Monkey Business*, a imprensa não demorou a arrastar a carreira política de Hart para a lama.

Nos anos seguintes, Hart salvou sua reputação exercendo com louvor o cargo de copresidente de uma comissão anterior ao 11 de Setembro, encarregada de alertar o país sobre os perigos do terrorismo e tornando-se uma das vozes da razão contra o excesso de confiança do governo Bush em uma resposta militar à ameaça da Al Qaeda. Ele ainda se orgulha dos esforços da Comissão Church para submeter o sombrio aparato de espionagem do país a controles democráticos — uma luta que agora tinha novo significado.

Olhando em retrocesso para a limitada investigação do assassinato de Kennedy pela Comissão Church, Hart — homem alto, saudável, de rosto corado e propensão a usar botas de caubói — de repente fez uma surpreendente acusação. Todas as vezes que os jornalistas lhe fizeram perguntas sobre o assassinato de Kennedy durante as campanhas presidenciais de 1984 e 1988, Hart disse: “Eu diria à imprensa que, com base em minha experiência na Comissão Church, acredito que existam dúvidas suficientes para justificar a reabertura dos arquivos da CIA, especialmente em relação à Máfia. E acho que assinei *minha* ordem de execução ao fazê-lo. Não percebi isso naquele momento [...], mas penso que o que aconteceu comigo em 1987 foi uma armação. Acho que então as pessoas descobriram que se podia assassinar alguém sem utilizar balas”.

Hart não quis se estender sobre sua explosiva declaração. Ele não queria parecer “louco” ou “obsessivo” — denominações que, segundo ele, são rapidamente usadas contra qualquer político que ousa pedir a reabertura do caso

JFK. “Você precisa ter muito cuidado para não cair na categoria da conspiração”, observou ele. Mas, quando pressionado, Hart disse que, depois que o escândalo estourou, recebeu dicas segundo as quais a Máfia possivelmente estava envolvida no caso do *Monkey Business*. Um importante jornalista investigativo disse a Hart que, depois que ele começou a pedir um novo inquérito do caso JFK, sócios de Santo Trafficante, o chefe da Flórida, manifestaram grande descontentamento com o senador. “Não achamos que [Hart] seja melhor que os Kennedy”, disse ao jornalista um dos mafiosos. Mas Hart decidiu não ir adiante. “Simplesmente, eu não queria fazer disso a causa de minha vida”, disse-me ele.

É fácil entender por que Hart não quis fazer essa afirmação — de que era vítima de difamação por causa de suas posições em relação ao caso Kennedy — em alto e bom som. A imprensa já o expusera ao ridículo em 1987, quando ele tentou transformar seu caso de indiscrição sexual em acusação de voyeurismo dos repórteres. Foi fustigado por tentar esquivar-se de sua própria responsabilidade pelo humilhante fiasco. A declaração de Hart segundo a qual sua queda política foi relacionada à conspiração contra JFK certamente teria levado a mídia a um novo alvoroço. Já que o próprio Hart se recusara a perseguir o assunto, seria difícil provar que ele realmente tinha sido vítima de uma armação durante a campanha de 1988. Mas o mais intrigante é que Hart acredita que isso pode ser verdade. Um dos poucos funcionários de Washington a ter obstinadamente investigado o caso do assassinato de Kennedy — mesmo que por pouco tempo —, Gary Hart saiu dessa experiência acreditando que estava lidando com forças poderosas que, anos depois do

assassinato de JFK, ainda estavam determinadas a não revelar a verdade.

Logo depois de ter sido contratado como conselheiro-chefe suplente da Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos em dezembro de 1976, Robert Tanenbaum veio visitar Richard Schweiker em seu escritório do Senado. A Comissão sobre Assassinatos estava retomando a investigação no lugar em que Schweiker e Hart haviam parado, e Schweiker estava prestes a entregar seu arquivo JFK ao júri recém-formado. Aos 33 anos, Tanenbaum era um despachado produto do lendário escritório de Frank Hogan, na procuradoria distrital de Nova York, em que vencera todos os casos de crime, tornando-se chefe suplente do departamento de homicídios. Ao ser recrutado pelo conselheiro-chefe da Comissão sobre Assassinatos, Richard A. Sprague, o jovem promotor deixou claro que aceitaria esse trabalho somente sob a condição de poder tratar a investigação JFK como um de seus casos de homicídio de Nova York — sem compromisso político nem interferência. Sprague, ex-promotor distrital de Filadélfia, assegurou a Tanenbaum que tinha a mesma filosofia, e os dois homens começaram a montar uma equipe descolada — que incluía o jornalista investigativo Gaeton Fonzi, experiente membro remanescente da subcomissão Schweiker, e Cliff Fenton, arguto inspetor negro do departamento de homicídios que Tanenbaum trouxera consigo de Nova York.

Contudo, assim que Tanenbaum começou a conversar com Schweiker naquele dia, percebeu que havia sido muito ingênuo. Não havia como esse caso seguir os procedimentos usuais de uma investigação de homicídio. “Primeiro”, disse Schweiker a Tanenbaum, depois de pedir

que todos os membros da equipe saíssem da sala, “você precisa saber que eles vão tentar obstruir o seu caminho.” Enquanto o jovem promotor estava tentando assimilar essa ideia impactante — de que representantes devidamente eleitos pelo povo americano deviam esperar ser desafiados por forças mais poderosas que eles —, Schweiker lhe disse algo não menos arrasador. “Na minha opinião”, disse o senador, “a CIA se envolveu no assassinato do presidente.”

Tanenbaum estremeceu. “Quando ouvi isso, foi como se meu corpo tivesse recebido um choque elétrico”, lembrou-se ele. “Era um senador dos Estados Unidos que estava me dizendo isso!”

Naquela noite, Tanenbaum levou o arquivo de Schweiker para a casa que alugara perto da Universidade Americana após se mudar para Washington. Ele e Cliff Fenton examinaram as pilhas de documentos até as três horas da manhã. Quando finalmente acabaram, Fenton se levantou e se dirigiu para a porta, e Tanenbaum o seguiu para fora. De pé na calçada de tijolos, no frio da madrugada, o inspetor de homicídios olhou para seu chefe e disse: “Estamos lidando com algo maior do que nós. E não há nenhum Frank Logan para protegê-lo.” Tanenbaum sabia que ele tinha razão.

O promotor, no entanto, seguiu adiante. Ele e Sprague começaram a convocar funcionários da CIA, levando-os diante da Comissão da Câmara dos Representantes para serem submetidos pela primeira vez a intensos interrogatórios sobre o assassinato do presidente John F. Kennedy. Quando Tanenbaum se juntou à comissão, não tinha uma opinião formada sobre o caso — durante anos, pensara que a Comissão Warren estava certa. Porém, à medida que ele e seus investigadores cavavam cada vez mais fundo no caso, ele chegou à mesma conclusão que

peças de grande experiência, de Bobby Kennedy até Richard Schweiker. “Quanto mais olhávamos aquilo, mais produtivo se tornava investigar a CIA — precisamente, aqueles funcionários que haviam trabalhado com os cubanos anticomunistas”, disse Tanenbaum em uma entrevista.

Um dos veteranos da CIA que despertou um interesse especial nos investigadores do Congresso era David Atlee Phillips, o especialista em desinformação da CIA que havia elaborado as campanhas de propaganda para o golpe na Guatemala e a invasão da Baía dos Porcos. Phillips estava baseado na Cidade do México quando o escritório local da CIA aparentemente falsificou provas para mostrar que Oswald havia visitado as embaixadas de Cuba e da União Soviética algumas semanas antes do assassinato. Além do mais, Gaeton Fonzi encontrou informações explosivas que indicavam que Phillips se encontrara com Oswald em Dallas em setembro de 1963. Porém, ao comparecer perante uma sessão executiva da Comissão sobre Assassinatos, o veterano espião mostrou toda a artimanha que adquirira em sua experiência como ator, mentindo sobre seu papel na Cidade do México e sua vigilância de Oswald.

Foi uma confrontação dramática. De um lado da mesa estava Bob Tanenbaum, o promotor nascido no Brooklyn que ia diretamente ao ponto — um homem impressionante que havia estudado no *campus* de Berkeley da Universidade da Califórnia com bolsa de basquetebol. Do outro, estava David Phillips, um texano loiro e alto, de rosto longo e muito enrugado que era cerca de vinte anos mais velho que Tanenbaum — um homem suave, que fumava um cigarro atrás do outro, oriundo de uma família falida de Fort Worth e que se tornara chefe da Divisão do Hemisfério Ocidental da CIA. Phillips havia pouco abandonado a espionagem,

depois de 25 anos, para se tornar representante da CIA na direção da recém-criada Associação de Funcionários Aposentados da Inteligência.

Phillips dominava perfeitamente aquela atitude distante de membro da elite WASP da agência. Assim como seu patrão, Dick Helms, ele agia como se estivesse fazendo um favor aos membros da comissão ao dedicar-lhes parte de seu tempo. “São pessoas muito antissépticas”, disse Tanenbaum a respeito de Phillips e de outros grandes chefes da CIA com os quais se deparou. “Não sei em que mundo vivem. Mas não estão nos Estados Unidos de todos nós, não andam de metrô, não chamam táxis, não fazem compras no mercado.”

Apesar desse comportamento, Phillips não intimidava o conselheiro suplente da Comissão sobre Assassinatos. Tanenbaum já lidara com chefes da Máfia, processara e obtivera a condenação da família Colombo,<sup>1</sup> do crime organizado. Não ia recuar diante de pessoas como David Phillips. “Esses caras agem como se estivessem acima da lei”, disse Tanenbaum. “Mas é exatamente o tipo de gente que, a meu ver, precisa ser derrubada, se de fato for culpada.”

Enquanto Tanenbaum interrogava Phillips, o investigador do Congresso tinha em mãos um relatório do FBI que indicava que Oswald havia sido imitado por outra pessoa na Cidade do México — uma preocupante prova que sugeria que o assassino era objeto de uma operação da espionagem americana. As câmeras de segurança instaladas pela CIA do lado de fora das embaixadas soviética e cubana na Cidade do México gravaram a imagem de um homem que se fazia passar por Oswald. Quando Tanenbaum pressionou Phillips para que este lhe contasse onde essas fotografias podiam ser encontradas, o ex-espião insistiu em dizer que haviam

sido destruídas. Mas Tanenbaum sabia que ele estava mentindo. Já que o FBI havia visto as fotos do “Oswald” da CIA, elas claramente não haviam sido imediatamente “recicladas” como pretendia Phillips.

Sob o incessante interrogatório do conselheiro, Phillips começou a ficar emaranhado nas inconsistências de sua história. Era uma amostra do que poderia ter acontecido, se os suspeitos-chave do assassinato de JFK tivessem sido minuciosamente submetidos a esse tipo de interrogatório por parte do ministério público.

“Quando ele nos disse que as fotografias não existiam mais”, lembrou-se Tanenbaum, “eu lhe disse: ‘bem, o principal é que existem três pessoas nessa sala que sabem que acaba de mentir — o inspetor Fenton, eu e você’. E então Cliff lhe entregou um exemplar do relatório do FBI.”

Tanenbaum ficou estupefato diante do que Phillips fez em seguida. “Ele leu o relatório. E então simplesmente dobrou as folhas e saiu da sala.” Era isso que David Phillips achava sobre o direito do Congresso de supervisionar a inteligência americana.

Tanenbaum queria trazer o ex-funcionário da CIA para outra rodada de perguntas. “Chamem-no de volta”, disse o conselheiro suplente à Comissão sobre Assassinatos. “Ele mostrou desprezo, cometeu perjúrio. Ele precisa saber disso.” Mas os membros da comissão estavam começando a ficar assustados com os métodos enérgicos de sua equipe. Tanenbaum queria que a agência de espionagem entregasse documentos não adulterados. Porém, a comissão não o apoiou. “Estavam puxando o tapete debaixo de nós.”

A investigação então começou a aparecer na imprensa. Uma matéria do *New York Times* vasculhou o passado de Sprague como promotor público de Filadélfia, sugerindo que

ele não era uma pessoa polêmica. Um editorial do *Times* denunciou as táticas “da era McCarthy” da comissão. O financiamento da investigação pelo Congresso começou a ficar mais escasso, e Sprague e sua equipe não foram mais remunerados.

Diante dessa situação, Tanenbaum se encontrou com Sprague e o convenceu de que, já que não estavam prontos para comprometer sua investigação, a atitude mais honrosa para eles era pedir demissão. “Eu não queria participar de uma fraude histórica”, explicou Tanenbaum mais tarde. “Minha filha, quando eu estava em Washington, tinha três anos... e eu não queria olhar para ela anos depois tendo colocado meu carimbo em um relatório, que eu sabia ser uma fraude, apenas para melhorar meu currículo.”

Sprague pediu demissão do cargo de conselheiro-chefe da Comissão sobre Assassinatos em março de 1977, voltando a Filadélfia para trabalhar como advogado. Logo depois, Tanenbaum deixou seu cargo, mudando-se para a Califórnia, época em que abandonou o direito para exercer o cargo de prefeito de Beverly Hills e começar uma nova e bem-sucedida carreira como romancista de *thrillers* jurídicos. *Corruption of Blood* [Sangue corrupto], seu romance de 1996, conta a sombria história do que aconteceu quando o promotor de Manhattan, Butch Karp, foi para Washington tentar resolver o assassinato de Kennedy.

Sprague foi substituído no cargo de conselheiro-chefe por G. Robert Blakey, um professor de direito de Cornell e perito em crime organizado que havia elaborado a Lei de Combate a Organizações Corruptas e Influenciadas pelo Crime Organizado, conhecida como Lei R.I.C.O., de 1970, e que finalmente enfraquecera as poderosas famílias da Máfia. Havia certa justiça poética no fato de Blakey criar a Lei R.I.C.O. — de fato, ele estava finalizando a cruzada contra o

crime organizado que começara como jovem advogado do Departamento de Justiça sob as ordens de Bobby Kennedy. E, ao assumir o cargo na Comissão sobre Assassinatos, ele perseguia a missão de Bobby de resolver o assassinato de JFK. Blakey era fiel a Kennedy e dedicou-se a ir até o fundo do mistério que ainda assombrava o país. Porém, ao contrário de Sprague e Tanenbaum, ele conhecia as maneiras bizantinas da burocracia de Washington e estava determinado a salvar a visada investigação mantendo-se longe de explosivos confrontos diretos.

Para tanto, Blakey tomou uma decisão fatídica — de fato, ele aceitou os limites da investigação contra os quais seus predecessores haviam violentamente lutado, escolhendo aceitar a declaração da CIA segundo a qual a agência estava cooperando plenamente com o inquérito e entregando todos os documentos relevantes. Depois que a Comissão sobre Assassinato publicou seu relatório final, em 1979, Blakey se gabou de que sua estratégia de cooperação voluntária tivera êxito: “Na verdade, a comissão finalmente obteve da CIA todos os documentos que queria. Não houve nenhuma limitação. Investigamos de maneira mais profunda e ampla os arquivos da agência do que qualquer outra comissão na história do Congresso”.

Mas a equipe de jovens investigadores, a quem fora dada a responsabilidade de obter as informações da CIA, sabia que as coisas eram bem diferentes. Eles haviam sido emparedados pela agência a cada passo. Um desses investigadores era Dan Hardway, um estudante de direito de Cornwell de cabelo comprido e originário da Virgínia Ocidental que Blakey trouxera consigo para Washington. Todos os dias, Hardway entrava no estacionamento da sede da CIA com seu buggy VW vermelho-circo, tocando Talking Heads em enormes alto-falantes, e com seu igualmente

enérgico parceiro, o investigador Eddie Lopez, um nova-iorkino de origem porto-riquenha que também vinha da escola de direito de Cornell.

“Não éramos populares em Langley”, brincou Hardway anos depois. Os dois jovens assistentes de Blakey estavam investigando os vínculos de Oswald com a CIA e suas enigmáticas visitas à Cidade do México. Porém, enquanto eles estavam tentando descobrir documentos relevantes na labiríntica cidadela da CIA, um agente veterano chamado George Joannides — ex-colaborador de Helms que havia sido tirado de sua aposentadoria para servir de representante da CIA junto à Comissão sobre Assassinatos — de repente apareceu para impedi-los. “Eles o trouxeram para nos deter”, disse categoricamente Hardway anos depois.

Hardway e Lopez se queixaram a seu professor de direito que Joannides estava obstruindo a investigação. Mas, quando Blakey levou as queixas à CIA, os funcionários da agência lhe asseguraram que estavam cooperando plenamente, dizendo-lhe que seus investigadores eram apenas dois garotos de cabeça quente. Blakey resolveu acreditar na agência.

Hardway sentia que Joannides escondia a prova de uma conspiração envolvendo funcionários da CIA. Assim como Tanenbaum, ele chegou a suspeitar de David Phillips, que, segundo ele, havia organizado o encobrimento do assassinato. Imediatamente após o atentado contra JFK, a operação de Phillips começou a espalhar falsas histórias que vinculavam Oswald a Castro — com uma velocidade tal que a campanha parecia ter sido planejada. Quando o espião aposentado finalmente foi trazido de volta perante a comissão, foi o estudante de direito — usando camisa xadrez vermelha e calça jeans desbotada — quem o

interrogou. Se Phillips achava que o filho de mineiro de cabelo comprido podia ser facilmente ignorado, logo descobriu que estava errado. À medida que Hardway bombardeava Phillips com perguntas, o espião ia se tornando impaciente, acendendo um cigarro atrás do outro durante o interrogatório. Phillips chegou a fumar três ou quatro cigarros ao mesmo tempo. “O que o deixou tão nervoso foi que comecei a mencionar os cubanos anticomunistas citados em relatórios encaminhados pelo FBI à Comissão Warren e o fato de que cada um deles tinha um vínculo com a CIA que eu podia mostrar a ele. Foi isso que o deixou tão irritado. Ele sabia que tudo podia desmoronar de repente.”

Mas no final a Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos decidiu não processar Phillips nem outros suspeitos da CIA, e o relatório final deixou a agência de fora. O estudo declarou que o presidente Kennedy “provavelmente fora assassinado em decorrência de uma conspiração” — uma ruptura histórica com o dogma do atirador solitário adotada pelo governo federal. E o texto apontava a Máfia e os cubanos e Livross, declarando que a conspiração podia ter envolvido membros desses grupos. Porém, o relatório não acusou a agência de espionagem, embora alguns dos próprios membros da equipe da comissão — entre os quais Hardway e Fonzi — acreditassem que certos funcionários da CIA tinham sido profundamente implicados.

Mesmo que o relatório final da comissão tenha se mostrado cauteloso quanto a indicar a fonte principal do complô, Blakey não fez nenhum tipo de concessão. “Acho que foi a Máfia”, disse francamente à imprensa. Durante anos, Blakey foi duramente criticado por Fonzi e outros pesquisadores do assassinato por ter focado

obstinadamente a Máfia. Alguns entre eles, como Hardway, argumentaram que a oposição Máfia-CIA, no que diz respeito ao assassinato, era falsa. Em termos operacionais, ambas as organizações haviam participado de empreendimentos sombrios, entre os quais as tentativas de assassinato de Castro. E Hardway estava convencido de que agentes ardilosos haviam se juntado a gângsteres e militantes anticastristas para assassinar JFK.

Hardway — que no decorrer dos anos ficou em contato com seu velho professor, pelo qual sentia muito respeito e afeto — continuou discutindo esse mesmo ponto com Blakey sempre que conversaram. “Não sei quantas vezes desde 1978 Bob e eu tivemos essa conversa”, disse Hardway, que se estabeleceu como advogado em uma pequena cidade da Carolina do Norte. “Eu dizia: ‘Bob, você está certo, a Máfia estava envolvida. Mas Bill Harvey, David Phillips e alguns outros da CIA também’. E ele respondia: ‘Não, não estavam, Dan’. E eu dizia: ‘Estavam, Bob’.”

Em abril de 2001, um acontecimento abalou as convicções de Bob Blakey. Naquele mês, a revista semanal *Miami New Times* publicou uma matéria sobre George Joannides — o veterano agente da CIA que Hardway e Lopez haviam acusado de tentar obstruir sua investigação. O artigo revelava que Joannides, que estava baseado em Miami no começo dos anos 1960, era o agente encarregado do DRE — o grupo de estudantes e Livross cubanos financiado pela CIA que havia feito de tudo para provar que Oswald era uma marionete de Castro, antes e depois de Dallas. Em outros termos, Joannides havia tido um papel intrigante no caso Oswald, porém decidira esconder esse fato da comissão de Blakey. Entretanto, o espião de carreira — que morrera em 1990 — usara sua ligação com a comissão para impedir que a CIA fosse investigada. O artigo da *Miami New Times*, que

fora escrito pelo jornalista do *Washington Post* Jefferson Morley, deixou Blakey estupefato e ultrajado. Havia mais de duas décadas, ele elogiara a CIA por sua cooperação na investigação. Agora, o professor de direito percebia que seus jovens investigadores estavam certos a respeito da CIA: ele fora enganado.

Blakey, furioso, disse à imprensa que se soubesse à época quem Joannides era, o agente não teria sido usado como ligação com a CIA — ele teria sido convocado como testemunha e obrigado a depor: “O comportamento de Joannides foi criminoso. Ele obstruiu nossa investigação”. A CIA manipulara a Comissão Warren, pensava Blakley, enfurecido, e também enganara a Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos. “Muitos diziam que a cultura da agência era baseada em prevaricação e dissimulação, e que não se podia confiar nessas pessoas [...] Agora também penso assim.”

A credulidade de Blakley permitira que Joannides criasse empecilhos à investigação e ajudara figuras suspeitas da CIA, como David Phillips, a escapar do foco do Congresso. Porém, no final da vida, Phillips estranhamente começou a fazer confissões, fornecendo uma curiosa conclusão à saga da Comissão sobre Assassinatos. Em uma conversa de julho de 1986 com um ex-investigador da comissão, Phillips comentou: “Minha opinião íntima é que JFK foi vítima de uma conspiração, que provavelmente incluía funcionários da inteligência americana”.

O antigo espião — que, aposentado, tentou abraçar uma carreira literária — transformou os acontecimentos em torno do assassinato em notas para um romance que pretendia escrever, mas que aparentemente nunca levou a cabo. O romance — cujo título provisório, *The AMLASH Legacy* [O Legado AMLASH], inspirou-se em um codinome da CIA para

uma das conspirações de assassinato contra Castro — retratava o assassinato de Kennedy como a horrível e imprevista consequência dos projetos da agência para Cuba. No roteiro de Phillips, os soviéticos — trabalhando com um rico esquerdista americano que odiava a CIA — haviam transformado a operação anticastrista em um complô para assassinar JFK, o que levaria à destruição da CIA.

“Fui um dos dois funcionários encarregados de Lee Harvey Oswald”, declara no esboço do livro o funcionário da agência. “Depois de termos agido para estabelecer seu perfil de marxista, demos-lhe a missão de matar Fidel Castro em Cuba. Ajudei-o quando ele veio à Cidade do México para obter um visto, e, quando ele regressou a Dallas para esperar pelo documento, encontrei-o duas vezes. Repetimos o plano várias vezes: em Havana, Oswald devia assassinar Castro com um rifle, posicionado de tocaia em uma janela do andar superior de um prédio localizado na rota que Castro frequentemente percorria em um jipe aberto.

“Se Oswald era agente duplo ou psicopata, não tenho certeza, e não sei por que ele matou Kennedy, mas sei que ele usou exatamente o plano que havíamos elaborado contra Castro. Assim, a CIA não antecipou o assassinato do presidente, mas foi responsável por ele. Compartilho essa culpa.”

Se esse labiríntico exercício literário acabou sendo parcialmente uma confissão — ou uma última tentativa do mestre da desinformação para deixar as águas do assassinato ainda mais turvas — não está claro. Ao mesmo tempo que Phillips se sentia obrigado a finalmente “compartilhar” a culpa pelo assassinato de JFK, fez isso de maneira estranhamente disfarçada. E ainda colocou a culpa

primeiro nas antigas nêmesis da CIA — Moscou e a esquerda americana.

Contudo, pouco tempo antes de morrer, em 1988, Phillips revelou mais coisas. Segundo o sobrinho do veterano da CIA, Shawn Phillips, quando estava doente o espião confessou algo ao pai de Shawn, seu irmão James, que nunca poderia contar ao Congresso. Os dois irmãos haviam se afastado depois que James começou a suspeitar que David estivesse envolvido no assassinato de JFK. Sofrendo de um câncer do pulmão em fase terminal, David ligou para James para tentar uma reconciliação final. “Você esteve em Dallas naquele dia?”, perguntou-lhe James. “Sim”, respondeu David. James desligou e nunca mais falou com seu irmão.

Depois que a Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos encontrou provas da conspiração contra JFK, o júri recomendou que o Departamento de Justiça de Carter seguisse as numerosas direções interessantes que ela havia mostrado. Mas, como era previsível, não houve nenhuma ação por parte do governo, e quando Reagan tomou posse, em 1981, o reinado do segredo em Washington se tornou ainda mais forte.

Com um governo incapaz de investigar a si próprio, coube à mídia tentar esclarecer os sombrios recônditos do assassinato Kennedy. Houve enorme apoio do público para que o inquérito decolasse, e pesquisas feitas no decorrer dos anos mostraram que algo entre 50 e 85 por cento de americanos acreditavam que a versão oficial do assassinato de JFK era uma fraude. Em vez de buscar com afinco as inúmeras explicações que ainda faltavam sobre Dallas, a corrente principal da mídia continuou a desacreditar as

teorias que apontavam para uma conspiração, esforçando-se mais a cada nova década para apoiar o Relatório Warren, comido pelas traças. As mais prestigiosas instituições que foram surgindo — aquelas com o poder de desenterrar informações —, em vez disso, puseram-se a serviço do governo. Os relatórios especiais sobre o assassinato, produzidos com entorpecente regularidade por *New York Times*, *Washington Post*, CBS, NBC, ABC, *Time* e *Newsweek* apoiaram invariavelmente a teoria do atirador solitário — e, em vários casos, os editores, jornalistas e produtores citaram como fontes membros da Comissão Warren, ou empregados do FBI e da CIA, assim como executivos da mídia próximos dessas agências governamentais. Em algumas ocasiões, os jornalistas que eram vinculados à inteligência simplesmente reproduziam a versão do governo para as ocorrências em Dallas. Como relatou Carl Bernstein em seu arrebatador artigo da revista *Rolling Stone* em 1977, a CIA mantinha em segredo quatrocentos jornalistas a seu serviço. E documentos hoje públicos revelam que alguns desses jornalistas trabalhavam para a CIA quando a agência tentava manipular a cobertura do mistério JFK.

A cobertura da mídia americana do assassinato de Kennedy certamente entrará para a história como uma das atuações mais vergonhosas da indústria da comunicação, junto com sua tragicamente negligente aceitação dos casos de falsificação por parte do governo durante as guerras do Vietnã e Iraque. Os críticos do assassinato há muito tempo rejeitam a aprovação obediente do Relatório Warren, uma credulidade que se torna ainda mais estranha com o decorrer do tempo e o acúmulo de provas em contrário. Mas, ainda mais desconcertante é a incapacidade de os amigos próximos de JFK na imprensa investigarem esse crime hediondo. Alguns dos íntimos do presidente ocuparam

posições de influência no topo da mídia. Os críticos enxergam o fracasso deles na averiguação do assassinato não somente como uma negação do dever profissional, mas como uma traição pessoal.

O nome do lendário jornalista Benjamin Bradlee — que durante anos reinou como editor executivo do *Washington Post*, inclusive durante os gloriosos dias de investigação da época do Watergate — logo vem à mente quando o assunto é esse. Ao fazer as pesquisas para escrever este livro, comecei a me perguntar por que o homem que era o amigo mais próximo de JFK na imprensa de Washington — alguém com poder de derrubar a presidência de Nixon — aparentemente não fez nada para revelar a verdade sobre o assassinato de Kennedy.

A profunda afeição de Bradlee por JFK salta aos olhos em sua biografia de 1975, *A intimidade de John Kennedy*<sup>2</sup> — um livro que, junto com o de Red Fay, *The Pleasure of His Company* [O prazer de sua companhia], oferece uma visão mais íntima de JFK, e é essencialmente uma história de amor. Bradlee e sua segunda esposa, Tony, a irmã de Mary Meyer, encontravam-se com frequência com os Kennedy na Casa Branca, em Camp David, Palm Beach e Newport. Uma noite, já bastante tarde, depois de uma festa regada a champanhe, Jackie reteve Bradlee para confessar, com os olhos cheios de lágrimas, que “vocês dois são nossos melhores amigos”. Sem nenhuma vergonha de sua excepcional relação com o presidente, o jornalista mais tarde escreveu que sua amizade com JFK “dominou” sua vida. Kennedy, declarou ele, era “charmoso, alegre, divertido, espirituoso, capaz de rir dos outros e de si mesmo, indulgente, faminto, incapaz de ser chato, agitado, interessante, exuberante, brusco, profano e adorável. Ele era tudo isso... e muito mais”. E mesmo assim, sob Bradlee,

o *Washington Post* mostrou pouca curiosidade sobre como seu extraordinário amigo havia morrido.

No mesmo ano em que Bradlee publicou sua biografia sobre Kennedy, o jornalista Robert B. Kaiser — escrevendo na *Rolling Stone* — explorou a preocupante falta de interesse da mídia em relação ao assassinato de JFK. A falha do *Washington Post* em engajar recursos investigativos no caso foi “especialmente desconcertante”, observou Kaiser, por conta “da maneira corajosa como o jornal conduzira o caso Watergate e da estreita amizade de Bradlee com o presidente Kennedy”. Quando o jornalista da *Rolling Stone* pediu a Bradlee que explicasse sua falta de interesse no caso, este retrucou: “Estou com o saco cheio dos lunáticos” — uma resposta que revelava não somente seu desdém em relação aos pesquisadores da conspiração, como também a visão estranhamente passiva do *Post*, cujo papel seria antes identificar e deixar de lado os “lunáticos” ao invés de dirigir sua própria investigação. “A menos que queira achar alguém disposto a dedicar sua vida [ao caso], é melhor esquecer”, acrescentou Bradlee. Esse comentário também me pareceu estranhamente resignado, ainda mais para um homem conhecido por ter declarado que os jornalistas deveriam querer “dar o testículo esquerdo” por uma grande história.

Após ter lido o artigo da *Rolling Stone*, anos depois, concluí que devia haver outras razões para a inação de Bradlee. Assim, decidi visitá-lo — um homem que por muito tempo encarei, como tantos que se inspiraram no Watergate para ingressar no jornalismo, como um ícone da integridade do Quarto Poder. Bradlee havia muito tempo se aposentara do cargo de editor-executivo do *Post*, quando falei com ele em 2004. Mas, aos 83 anos, ainda mantinha estatuto emérito no jornal — assim como um pequeno e modesto

escritório, onde aceitou me encontrar. Vestido de forma casual, com suéter abotoado e calça, o lendário editor ainda projetava a arrojada energia que o levou ao topo da profissão.

Começamos conversando sobre suas lembranças de Bobby Kennedy, com quem tivera uma relação um tanto espinhosa. “Acho que talvez ele tenha se ressentido de minha relação com Jack”, disse Bradlee. Eu lhe contei sobre meu livro, e como minha pesquisa mostrava que, depois dos tiros em Dallas, Bobby imediatamente suspeitou da CIA e de seus capangas na Máfia e no mundo dos eLivross cubanos. Bradlee não pareceu surpreso. “Meu Deus”, disse ele com seu famoso jeito de resmungar, “se fosse seu irmão... quero dizer, se eu fosse Bobby, eu certamente teria aventado essa possibilidade.” Então, Bradlee fez um comentário truncado, porém revelador: “Sempre me perguntei se minha reação diante de tudo isso não foi influenciada por um tipo de desgosto total em relação à possibilidade de que [Jack] tenha sido assassinado por...”. Ele não acabou a frase, mas a continuação era clara: por seu próprio governo.

Continuei nessa direção com Bradlee. Ele era cunhado do menino de ouro da CIA, Cord Meyer; e assim como outros liberais da Guerra Fria da imprensa de Washington, ele socializara com os dirigentes da agência nos salões de Georgetown. Perguntei a Bradlee se já havia feito algumas investigações discretas nesses círculos da CIA sobre o que acontecera em Dallas.

“Tenho certeza de ter conversado com Helms sobre isso em privado, mas, como sempre, ele não me levou em consideração”, respondeu ele.

“Ele era bom nisso, não era?”, disse eu.

“Ah, sim, ele o convidava para almoçar e você pensava: ‘Ah, meu Deus, vou conseguir algo quente’, e não conseguia

nada.”

Então, fiz a Bradlee a pergunta que estivera pairando durante toda a entrevista. Por que ele não fez mais como editor do *Post* para conseguir a verdade? “Era final de 1965 quando me tornei editor chefe aqui”, respondeu ele, “e vou lhe dizer que... eu estava tão ocupado tentando, em primeiro lugar, tentando montar uma equipe [...] E então passei um tempo enorme tentando decidir quem contratar.” Ambos sabíamos que era uma explicação fraca.

Pressionei-o de novo. “Em retrospectiva”, perguntei, “o senhor acha que o *Post* deveria ter examinado mais atentamente o assassinato?” E então, Bradlee, que com certeza deve achar difícil enganar outros jornalistas, deu-me uma resposta cruamente honesta. Ele não investigou mais a morte de seu amigo, afirmou, porque estava preocupado com a própria carreira. “Acho que senti que, já que eu era amigo dos Kennedy — sabe, haviam se passado somente [dois] anos, e a primeira coisa que ele faz é chegar no jornal que ele espera dirigir por um bom tempo e se concentrar *nisso*?” Ele ficou assustado, continuou Bradlee, “e teria sido desacreditado se tivesse levado a redação [do *Post*] nessa direção”.

E então ele acrescentou um pequeno e nostálgico comentário surpreendente em seu eufemismo. Se seu jornal *tivesse* solucionado o monstruoso crime, “teria sido fantástico”.

Sim, acenei com a cabeça. “Teria sido uma história incrível.”

“Sim, sim”, disse Bradlee.

E foi isso. Não havia qualquer sinal de remorso pela maneira como pusera sua ambição à frente da lealdade com um amigo, ou de lamúria sobre o que o fato de deixar sem solução um crime dessa magnitude provoca na alma de

uma nação. Eu sabia que Bradlee era da velha escola — os jornalistas não choram e tudo mais. Você contabiliza as perdas e segue adiante. Mas sua atitude era estranhamente desprovida de emoção, mesmo para seus padrões duros e realistas.

Mais tarde, falei com Don Hewitt, outro eminente jornalista que conhecera os Kennedy. Como vimos, o criador de *60 Minutes* há muito tempo nutria suspeitas sobre o que de fato ocorrera em Dallas, perguntando-se se “tipos insatisfeitos da CIA” não estariam por trás do assassinato de JFK. Assim como Bradlee, Hewitt — produtor-executivo do mais bem-sucedido e estimado programa de jornalismo investigativo na história da televisão — ocupava uma posição que lhe permitia revolver com profundidade o caso. E foi exatamente o que ele fez, Hewitt insiste em dizer.

Conversei com Hewitt em 2005, um ano depois de ele deixar o *60 Minutes*. Durante os 37 anos em que ficou no leme, o programa da CBS não revelou nenhuma história importante sobre o assassinato. Mas, disse-me Hewitt, não foi por falta de tentativa.

“Tentamos, tentamos e tentamos”, disse Hewitt. “Fomos até Dallas, pedimos que alguns atiradores disparassem da janela [do Texas School Book Depository], tentamos entender a trajetória, de onde a bala teria vindo... sentei naquela janela e fiquei olhando para fora por uma hora, tentando entender — simplesmente nunca acreditei [na versão oficial]. E este é o maior mistério da minha vida, [por que a verdadeira] história nunca foi revelada.”

Hewitt falou mais sobre a óbvia falsidade da versão oficial e como importantes figuras políticas dos anos 1960, como Richard Nixon, rejeitavam-na em privado. Um importante republicano um dia contou a Hewitt que perguntara ao ex-presidente o que ele sabia do assassinato de JFK. “Você não

vai querer saber”, teria respondido Nixon. Mesmo aposentado, Hewitt sentia-se claramente injuriado com o crime sombrio.

Mais tarde, ao se despedir de mim, a lenda dos jornais televisivos me desejou boa sorte em minha tentativa de pôr mais luz sobre o caso. “Bem, vá em frente, porque é o mistério da minha vida”, repetiu ele, acrescentando que sempre se perguntara por que não houvera um número maior de jornalistas dedicando sua “devastadora” energia à história. “Vá em frente”, disse ele uma última vez. “Grande história.”

Não parecia ser desdém. Parecia mais que Hewitt estava passando o bastão, mais do que passando a bola.

Conheço as críticas feitas ao estilo de reportagem investigativa do *60 Minutes* — de que Hewitt fazia um grande programa de confrontações dramáticas, mas não tinha coragem de enfrentar as mais poderosas forças da vida americana. (Basta questionar o ex-produtor Lowell Bergman sobre a capitulação do programa diante das grandes empresas de tabaco e as redes políticas.) Porém, as palavras de despedida de Hewitt pareciam vir do coração. Ele fracassara ao tentar desvendar o crime político do século XX, mas pelo menos havia tentado. Até então, minha geração do jornalismo não havia feito nada melhor.

Por mais de uma década, o caso JFK ficou parado no ponto em que a Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos o deixou. Então Hollywood entrou em cena, da maneira como a fábrica de sonhos às vezes o faz quando o país está preso em um pesadelo do qual não consegue acordar. Em resposta à longa paralisia do *establishment* político e da mídia, veio em

1991 a terapia de choque do filme de Oliver Stone: *JFK — A pergunta que não quer calar*.

O filme, um relato enaltecido do audacioso périplo de Jim Garrison pelo processo criminal, vasculhou profundamente os mais recônditos medos do país, sugerindo que Kennedy havia sido morto por um conluio da segurança nacional no intuito de levar o país à guerra. As elites da política e da mídia denunciaram o filme, chamando-o de “paranoico”, “história deturpada”, “grande mentira” de proporções hitlerianas, e perguntando-se o que teria levado a Warner Brothers a distribuí-lo.

Contudo, um dos ex-confidentes de Kennedy correu o risco de ver sua fama abalada ao apoiar Stone — Frank Mankiewicz. Ele chocou o círculo do Beltway<sup>3</sup> — incluindo a família Kennedy — ao fazer a assessoria de imprensa do filme em Washington. “Cada americano tem [com Oliver Stone] uma dívida de gratidão”, anunciou Mankiewicz. “Ele chutou uma porta que estava fechada há tempo demais.”

Mankiewicz adotou uma estratégia midiática agressiva, devolvendo o fogo dos críticos com a mesma intensidade. “Os escritores políticos, os escritores do *establishment*, os editorialistas e os chupadores de dedo foram quase unânimes em atacar *JFK* porque esse filme desafiava o trabalho que fizeram nos anos 1960 — que foi bem pouco”, comentou com acidez. Guiado pela agressiva estratégia midiática de Mankiewicz, Stone respondeu abruptamente aos inúmeros ataques que recebera no *New York Times* e no *Washington Post*. “Talvez a história seja importante demais para ser deixada aos jornalistas”, opinou o diretor em um editorial do *New York Times*. Em janeiro de 1992, Stone se apresentou diante do National Press Club, em Washington, armado de um enérgico discurso escrito por Mankiewicz. Como é que sábios jornalistas muito bem pagos, da estirpe

de Tom Wicker, Dan Rather e Anthony Lewis, podiam rejeitar a ideia de uma conspiração, declarou ele, quando nunca se levantaram para investigar essa sombria possibilidade — e trabalharam na capital do país, repleta de conspirações, desde o Watergate até o caso Irã-Contras,<sup>4</sup> passando pela campanha “Surpresa de Outubro”, de Reagan, de 1980.<sup>5</sup>

A família Kennedy informou Mankiewicz de que não aprovava sua ostensiva defesa de *JFK*. Anos antes, a família decidira seguir o desejo de Bobby de focar o futuro em vez do passado, mesmo que — como alguns membros da família certamente sabiam — RFK estivesse seguindo outro caminho no âmbito privado. Mankiewicz parou de receber convites para eventos da família. Porém, o ex-assistente de Kennedy foi resoluto. O que estava fazendo seguia o espírito de seu antigo chefe, Bobby, que anos antes lhe dera a missão de remexer no assassinato.

“Trabalhei em prol do filme porque acreditava nele”, disse ele quando o entrevistei para este livro. “Oliver foi o primeiro a abordar o assunto de verdade. O *Washington Post* e o resto da mídia podem ter detonado quem veio antes dele. Mas Oliver recebeu dois prêmios da Academia, e o orçamento de *JFK* era de quarenta milhões de dólares. Ele tinha como enfrentá-los.”

No final, Oliver Stone não conseguiu impor-se na arena midiática, em que ainda é visto como ridículo. Mas o diretor teve êxito no marketing, já que o público se precipitou às salas de cinema e fez de *JFK* um sucesso de bilheteria. O controverso filme também conseguiu tornar públicos inúmeros documentos do governo relativos ao assassinato. Stone fora persuadido pelos pesquisadores Kevin Walsh e James Lesar a acrescentar uma legenda no final do filme que declarava que os arquivos da Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos iam ficar

inacessíveis até 2029. Quando os escritórios de Capitol Hill foram inundados por milhares de cartas raivosas, o heroico membro da Câmara dos Representantes, Lee Hamilton, de Indiana — mais tarde copresidente da comissão sobre o 11 de Setembro<sup>6</sup> e do Grupo de Estudo sobre o Iraque<sup>7</sup> —, apresentou a Lei do Acervo de Arquivos sobre o Assassinato de JFK, de 1992, perante o Congresso, que resultou na divulgação de milhares de documentos relevantes.

Stone conseguiu rapidamente o que esforçados pesquisadores do assassinato — e membros passivos da imprensa de Washington — não obtiveram em décadas. Não havia nenhum indício fundamental nesse fluxo de documentos — e é ilusório acreditar que, se tivesse existido uma documentação que evidenciasse a existência de uma conspiração, enterrada em algum lugar nos arquivos do governo, ela não teria sido destruída há muitos anos. No entanto, os documentos divulgados por meio da Lei JFK ajudaram os pesquisadores a compor um retrato subterrâneo do governo Kennedy, com suas exaltadas intrigas e dissidências em relação a pontos críticos como Cuba e a Guerra Fria. Os arquivos forneceram mais contextos para explicar por que Bobby Kennedy, entre outros, imediatamente suspeitou que seu irmão tivesse sido vítima de uma “ampla conspiração política”.

Assim como outras investigações do Congresso dos anos 1970, o filme de Oliver Stone despertou um novo espírito investigativo na nação, que também atingiu o candidato à eleição presidencial, Bill Clinton. Durante a campanha de 1992, Clinton e o candidato à vice-presidência, Al Gore, responderam a perguntas sobre *JFK*, dizendo que todo documento relevante do governo deveria ser publicado.

Quando Clinton se mudou para o Salão Oval, uma de suas primeiras diretivas para Webster Hubbell — seu parceiro de

golfe do Arkansas que ele nomeara procurador-geral associado — foi que descobrisse “quem matou JFK”. Havia uma tocante inocência no pedido do jovem presidente, um ingênuo otimismo segundo o qual os presidentes podiam facilmente chegar ao fundo desse sombrio e profundo orifício — algo que Lyndon Johnson e Richard Nixon poderiam ter retificado para ele. Hubbell, que mais tarde perdeu o cargo por causa de um escândalo, examinou o caso Kennedy, mas relatou que não “estava satisfeito com as respostas que obtivera”.

A nova onda de ceticismo deslançada por *JFK* mostrou ter vida curta. Em 1993, um ex-advogado chamado Gerald Posner publicou um novo ensaio sobre o Relatório Warren intitulado *Case Closed*. A mídia rapidamente o apoiou, transformando-o em sucesso de vendas. O livro — que concluía que “um sociopata fracassado de vinte e quatro anos, armado com um rifle de doze dólares e consumido por sua própria motivação torta, acabou com Camelot” — não somente tinha uma reconfortante simplicidade, como limpava a barra da imprensa. Os jornalistas que haviam acreditado na palavra do governo sobre o assassinato sentiram-se eximidos de qualquer culpa.

Em 2003, o próprio Posner não parecia ter tanta certeza de que o caso estivesse encerrado. Depois de ter tomado conhecimento das revelações do jornalista Jefferson Morley sobre o agente da CIA George Joannides e a Comissão sobre Assassinatos, Posner escreveu um ensaio para a *Newsweek* pedindo que a agência de espionagem fosse clara quanto a Dallas. O jogo duplo da CIA no Congresso “não é um comportamento que inspire a confiança pública”, escreveu Posner. “As especulações gratuitas sobre a conspiração só são alimentadas pela obstrução da CIA. O público americano

tem o direito de saber tudo o que o governo sabe sobre o assassinato do presidente e de Lee Harvey Oswald.”

Porém, a mídia continuou a insistir que o caso estava encerrado. Cerca de meio século depois do assassinato de Kennedy, a história parecia perdida em um limbo, presa em algum lugar da consciência pública entre Stone e Posner. Então, no final de 2006, uma série de eventos começou a sacudir o caso, adormecido havia muito tempo.

Em novembro daquele ano, o programa da BBC *Newsnight* apresentou uma provocante reportagem do diretor Shane O’Sullivan alegando que três agentes da CIA haviam sido flagrados por uma câmera no Ambassador Hotel na noite em que Robert Kennedy foi assassinado, sugerindo que eles estavam envolvidos no crime. A reportagem da BBC identificava os três homens como veteranos da operação anticastrista baseada em Miami: George Joannides, o antigo funcionário que, em 1978, enganara os investigadores da Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos; David Morales, chefe da base da operação paramilitar JM/WAVE e, assim como Joannides, suspeito de longa data de ter participado da conspiração contra Kennedy; e um homem que o diretor O’Sullivan identificou como Gordon Campbell, chefe suplente da base JM/WAVE. O’Sullivan apresentou testemunhos contraditórios sobre a identidade dos três homens fotografados e filmados naquela noite. Alguns antigos colegas disseram que os homens eram de fato Joannides, Morales e Campbell, enquanto outros negaram. Apesar das dúvidas, O’Sullivan concluiu: “Meu sentimento íntimo é que esses três funcionários da CIA estavam por trás do assassinato de Robert Kennedy”. A CIA, disse ele à audiência da BBC, “deve ao público uma

explicação antes que a verdade sobre o assassinato de Robert Kennedy se perca na história”.

Logo depois da apresentação da reportagem da BBC, contatei Jefferson Morley, do *Washington Post*, perito em Joannides e na guerra anticastrista, para averiguar as acusações contra a agência de espionagem e o Ambassador Hotel. Morley e eu viajamos muito, entrevistando dúzias de parentes, amigos e antigos colegas de Morales, que falecera em 1978, e Joannides, morto em 1990. Descobrimos que a reportagem da BBC tinha defeitos graves. O verdadeiro Gordon Campbell revelou-se um coronel do Exército vinculado à base JM/WAVE, e morrera em 1962, de forma que não podia estar presente no filme feito no Ambassador Hotel em 1968. (Quando questionamos isso, O’Sullivan sugeriu que o homem filmado podia estar usando o nome do morto como pseudônimo, já que o uso de falsos nomes era prática comum entre os agentes operacionais da CIA.) Além disso, Morley e eu encontramos provas fotográficas que pareciam discordar do fato de o homem alto e de pele escura filmado pelas câmeras do jornal televisivo no Ambassador Hotel ser Morales. As provas que reunimos sobre o suposto Joannides eram ainda mais intrigantes, porém, ao final, se mostraram inconclusivas. Algumas pessoas que conheciam o funcionário da CIA identificaram o homem da foto, ereto e de óculos, como sendo Joannides, mas outras fontes críveis insistiram em dizer que não era ele.

Enquanto nossa investigação apontava para vários furos na história da BBC, Morley e eu desenterramos novas provas que vinculavam Morales e outros veteranos da JM/WAVE ao assassinato do presidente Kennedy, e, possivelmente, ao assassinato de Bobby Kennedy. Durante nossa reportagem, Morales — um vínculo-chave entre a CIA

e o submundo do crime, morto pouco tempo antes de ser interrogado pela Comissão sobre Assassinatos — começou a aparecer como uma figura particularmente interessante. À medida que conversávamos com pessoas que o haviam conhecido, emergiu do falecido agente secreto uma imagem de alguém violento e cruel, animado por um excessivo senso de patriotismo e verdadeiro ódio a quem ele considerava traidor, incluindo os Kennedy.

Morales foi criado em Phoenix, em uma família mexicano-americana tão pobre que ele e seu irmão tinham que usar o mesmo par de sapatos, de maneira que os garotos iam à escola em dias alternados. Após entrar para o Exército no final da Segunda Guerra Mundial, Morales foi recrutado pela CIA enquanto servia na Alemanha no pós-guerra, tornando-se um homem leal da “Companhia”. Sua origem social extremamente pobre e seus escuros traços indígenas contrastavam profundamente com a elite, originária da Ivy League, dos supervisores da agência. Mas Morales queria cumprir todas as ordens dada pela organização que o resgatara de sua juventude miserável dando-lhe uma glamorosa e arriscada vida de aventuras internacionais.

Embora tivesse alcançado uma posição de destaque na CIA, Morales era o “peão” da agência, disse um dos membros da família, que pediu para permanecer anônimo. “Ele fazia tudo o que pediam. Deram-lhe um estilo de vida que nunca teria tido em outras circunstâncias. Sua família não era sua vida — a Companhia era sua vida.”

Wayne Smith, um veterano que passou 25 anos no serviço internacional, trabalhando com Morales na embaixada americana de Havana antes de Castro tomar o poder, disse: “Dave Morales fazia o trabalho sujo para a agência. Se tivesse feito parte da Máfia, teria sido chamado de assassino de aluguel”.

Depois de dirigir o programa paramilitar anticastrista da CIA em Miami — em que era estreitamente associado a gângsteres como Johnny Rosselli —, Morales foi transferido para o Sudeste Asiático, onde participou do famoso programa da agência Operação Fênix, cujos alvos de assassinato eram pessoas suspeitas de terem vínculos com os vietcongues. Ele esteve associado a uma sangrenta trilha de façanhas da CIA, desde o golpe da Guatemala, em 1954, passando pela caçada e execução de Che Guevara, em 1967, até o violento golpe contra Salvador Allende, no Chile, em 1973. (Morales, mais tarde, declarou ter estado no palácio quando Allende foi morto.)

É fácil acreditar que Morales tenha participado do assassinato de JFK, disse-me um parente dele — não por conta própria, não era do seu feitio, mas se tivesse recebido ordens para tanto. “Quando o chamam de ‘trapaceiro’, é uma mentira. Ele era extremamente leal [à agência]. Mas posso imaginá-lo recebendo ordens para fazer algo e as executando. Sem questionar.” Uma das funções de Morales consistia em fazer acordos com elementos criminosos em nome da agência, acrescentou o membro da família. Morales pode ter recebido a ordem de recrutar “aqueles caras sórdidos” e “levá-los até onde eles deviam ir”, para a operação em Dallas.

Segundo seu advogado, Robert Walton, Morales revelou ter se envolvido em ambos os assassinatos dos Kennedy. Walton declarou isso a vários pesquisadores no decorrer dos anos, entre os quais Gaeton Fonzi, o ex-investigador do Congresso que relatou a história em seu livro de 1993, *The Last Investigation* [A última investigação]. Walton repetiu a história, perante as câmeras de Shane O’Sullivan, para a reportagem da BBC. Segundo Walton, Morales lhe disse: “Eu estava em Dallas quando peguei... quando pegamos

aquele filho da mãe, e estava em Los Angeles quando pegamos o outro desgraçado'. O que me disseram foi que de algum modo ele estava envolvido na morte de John Kennedy, e, indo um pouco mais adiante, também na de Bobby".

Ruben "Rocky" Carbajal — um dos amigos mais próximos de Morales, desde a infância até o dia em que o agente da CIA morreu — contou aos pesquisadores uma história semelhante, mas que não ligava diretamente seu velho conhecido aos assassinatos. Encontrei Carbajal em Nogales, no Arizona, na cidade da fronteira em que se aposentara, e conversei com ele durante horas no bar e na sala de jantar de seu lugar predileto, o Americana Motor Hotel, e em sua casa junto a uma colina que domina a árida paisagem do México. Carbajal, que estava comemorando seus oitenta anos junto a um grupo de antigos compadres, com cerveja e copos de *scotch*, quando o encontrei, é um homem rude e de palavras diretas. Baixo e alerta, de cabelo branco bem penteado e bigode, ele vestia roupas de boa qualidade — jaqueta de couro, malha de veludo bege, calça marrom de alfaiataria e dois vistosos anéis — e se comportava como um combativo peso-leve, apesar de sua idade avançada. Ele e Morales haviam crescido juntos nas duras ruas de Phoenix, brigando com os Okies e jogando juntos na equipe de futebol da Phoenix Union High School, em que Carbajal era zagueiro e Morales, ponteiro. Os dois rapazes eram mais próximos entre si do que de seus próprios irmãos; iam juntos para todo lugar, e Morales, fisicamente maior, servia de guarda-costas para seu amigo. O pai de Morales abandonou a família quando ele tinha quatro anos, e a família Carbajal — que era proprietária de um popular restaurante mexicano chamado El Molino, frequentado por

Barry Goldwater e outros VIPs do Arizona — considerava Morales como um membro da família.

Quase três décadas após a morte de Morales, Carbajal permanece intensamente fiel à memória do homem que ele chamava de “Didi”. Carbajal vê as missões secretas de seu falecido amigo para a CIA como atos de coragem que lhe deram uma estatura heroica. “Quando algum bundão precisava ser morto, Didi era o homem certo”, disse-me Carbajal, bebendo Bud Lites e fumando cigarros Marlboro sem parar na sala de jantar do Americana Hotel. “Você está certo. Esse era o trabalho dele.”

“Ele era muito patriota. Acreditava que seu trabalho era proteger os Estados Unidos e estava pronto para fazer qualquer coisa passando por cima de qualquer um que fosse contra”, acrescentou ele no dia seguinte, sentado em um sofá de couro do bem abastecido bar de sua casa, cujas paredes estavam cobertas por retratos de celebridades de Hollywood, fotos de *cheesecakes* e cartazes de guerreiros astecas com garotas desfalecidas. “Ele não estava nem aí. Se seu próprio irmão tivesse falado mal dos Estados Unidos, ele teria acabado com ele.”

Será que seu amigo estivera envolvido nos assassinatos dos Kennedy? Carbajal não respondeu diretamente, dizendo apenas que Morales “talvez” tivesse estado em Dallas e em Los Angeles naqueles dias. Havia “oito milhões de pessoas em Los Angeles... quando Bobby foi atingido, de forma que isso pode não ter nenhum significado”, observou ele, acrescentando que, naquele momento, Morales podia estar lá simplesmente para visitar parentes. De qualquer modo, disse Carbajal, nem ele nem Morales lamentaram a morte de RFK. “Não estávamos nem aí. Já foi tarde. Quem quer que tenha feito isso, quero agradecer-lhe — muito obrigado.”

Carbajal sabe quem matou JFK — foi a CIA, disse ele, sem dar o nome de ninguém. Morales e seu colega muito próximo na CIA, Tony Sforza, disseram-lhe que a agência estava por trás do complô de Dallas. Os Kennedy tiveram o que mereciam, insistiu Carbajal. “[O presidente] Kennedy estragou tudo, causou todas aquelas mortes na Baía dos Porcos, segurou os aviões, os homens ficaram presos no chão. Você quer que eu respeite um presidente desse tipo? Ou um bundão que nem seu irmão?” Os Kennedy, acrescentou, também entregaram “a maldita nação para os negros”.

Didi e ele sentiram que JFK havia violado o código deles, disse Carbajal. “Se o filho da puta causou a morte de todas essas pessoas [na Baía dos Porcos], merecia morrer. Nunca se deve mentir ao seu povo. Não é bom não ter palavra. Meu pai me ensinou isso. Não estou nem aí para quem seja. Se fosse meu próprio pai que mentisse para mim, ele mereceria morrer. Porque você não é bom. Foi assim que fui criado. E Didi também, entende?”

Apesar de todo o trabalho sujo e perigoso que Morales executou para a CIA, no final, acredita Carbajal, a agência deu as costas para seu amigo. Ele suspeita que a repentina doença de Morales e sua morte em 1978, aos 52 anos, tenham sido induzidas por seus colegas da inteligência, que temiam que ele falasse abertamente sobre o caso JFK perante a Comissão Reservada da Câmara dos Representantes sobre Assassinatos, que planejava interrogá-lo. “Acho que é por causa disso que o eliminaram, porque não queriam que ele falasse”, disse Carbajal. Será que a agência tinha motivos para temer a honestidade de Morales? “Pode ter certeza”, disse Carbajal. “Você lhe fazia uma pergunta e ele ia direto ao ponto, bum, sem rodeios... Você quer a verdade, aqui está.”

Morales, com sobrepeso e fumando sem parar cigarros Pall Mall sem filtro, e com frequência tomando uma garrafa de Johnny Walker à noite, começou a ter problemas cardíacos depois de regressar ao Arizona após uma viagem a Washington em que, segundo o que dissera a Carbajal, havia bebido *scotch* com colegas da agência antes de embarcar no avião. Ele morreu naquele final de semana em um hospital de Tucson. Segundo um membro da família, não existe mistério em relação à sua morte. “Ele teve um ataque cardíaco. Em casa. Talvez [a investigação do Congresso] não lhe saísse da cabeça, deixando-o estressado, mas havia um ataque cardíaco prestes a acontecer.” Tão logo Morales faleceu, sua família recebeu a visita de funcionários da CIA na casa situada em Willcox, em uma remota região apache. “Eles queriam ter certeza de que ele havia morrido”, disse o parente, que se encontrava na casa de Morales naquela ocasião. “Estava morto ou não?”

A reportagem levou Morley e a mim para dentro das catacumbas da antiga guerra da CIA em Cuba — o submundo que Robert Kennedy suspeitava ter originado o assassinato de seu irmão. Conversamos com outro fantasma de longínquos dias, o lendário militante anticomunista Antonio Veciana, ainda enérgico aos 78 anos. Sentado no escritório dos fundos de sua loja de suprimentos para barcos em Miami, Veciana — líder do Alpha 66, um grupo de eLivross patrocinado pela CIA que perpetrou ataques terroristas em Cuba — disse-nos sem rodeios que acreditava que a CIA estivesse envolvida no assassinato do presidente Kennedy, “mas não sei [exatamente] quem”. Ele repetiu o que dissera aos investigadores da Comissão sobre Assassinatos três décadas antes, declarando que uma vez vira seu contato da CIA — um homem que ele conhecia

como Maurice Bishop, mas que os investigadores do Congresso identificaram como David Phillips — conversando com um homem que mais tarde ele reconheceria como sendo Lee Harvey Oswald no saguão de um prédio de Dallas ao qual Veciana havia ido para se encontrar com o funcionário da CIA. “Meu Deus, em que maldita bagunça me meti!”, teria exclamado Veciana mais tarde, ao ver a foto de Oswald na imprensa. Ele especula que a agência tenha querido colocar a culpa do assassinato de JFK em Castro, como um pretexto para invadir a ilha. Mas Veciana deixa claro que nunca acreditou que seu odiado adversário estivesse por trás do complô de Dallas.

O homem que outrora jurou lutar até a morte contra Castro parece ter se acomodado à história, predizendo que, quando o líder cubano finalmente desaparecer no pôr do sol, haverá uma reconciliação entre Washington e Havana. “Não concordo com isso, mas é a realidade”, diz o velho guerreiro de cabelo cinzento e óculos, encolhendo os ombros, porém ainda parecendo o banqueiro que fora em Havana antes de fugir da revolução. Em 1979, ao sair de sua loja à noite, Veciana recebeu na cabeça um tiro de assassinos que, segundo ele, deviam ter sido enviados por Fidel. Mas isso aconteceu há muito tempo, em outro século. É difícil hoje acreditar que tanto sangue e traição tenham cercado a ilha; paixão suficiente, talvez, para exigir a vida de um presidente.

Uma das provas mais intrigantes com as quais nos deparamos durante nossa reportagem foi uma confissão de onze horas do lendário veterano da luta contra Castro. Desde a época em que os pesquisadores do assassinato de Kennedy começaram a divulgar suas teorias, sempre foram confrontados com a mesma resposta cética: “Se tivesse havido uma conspiração, alguém teria falado”. Mas o fato é

que, no decorrer dos anos, uma série de figuras importantes — a começar por Lee Harvey Oswald e várias pessoas há muito vinculadas a Dallas, como Johnny Rosselli, David Phillips e David Morales — começaram a falar antes de morrer. E, em fevereiro de 2007, Morley e eu descobrimos o testamento final de E. Howard Hunt, outro veterano da CIA em torno do qual há muito tempo giravam rumores sobre o assassinato de JFK.

As confissões de Hunt começaram com *American Spy* [Espião americano], uma biografia que ele terminou pouco tempo antes de morrer, em janeiro de 2007. Assim como a confissão truncada de O. J. Simpson, Hunt seguiu um caminho estranhamente especulativo em relação ao crime do século, escrevendo que, se a CIA havia planejado o assassinato do presidente, era dessa maneira que provavelmente acontecera.

Hunt sugeriu que vários importantes funcionários da CIA podem ter se envolvido no complô, entre os quais Cord Meyer — nome que o *ghost-writer* do livro, Eric Hamburg, especulou tratar-se de um codinome da elite WASP para Richard Helms, o chefe da agência que Hunt ainda não conseguia nomear. (Helms “tomava muito cuidado para não se sujar — muito cuidado mesmo”, disse Hunt de maneira intrigante para Hamburg.) Os outros suspeitos que Hunt elencou em seu livro eram William Harvey e Morales, um “matador de sangue frio”, observou Hunt, que, como seu chefe Harvey, devia ser “totalmente amoral”. Ao mesmo tempo em que proclamava sua própria inocência, Hunt especulava que Harvey — “um personagem estranho encobrindo um monte de agressividade dissimulada” — podia ter tido o papel principal na organização do assassinato, contratando atiradores de elite da Máfia “para administrar a bala mágica” em Dallas. Hunt chegou até a

levantar a possibilidade de que Harvey tivesse agido sob as ordens de Lyndon Johnson.

As especulações de Hunt — um espião controverso e exuberante cuja carreira na inteligência acabou depois que ele foi detido por seu papel no escândalo de Watergate — eram obviamente nada além de especulações. Mais significativo é o que Hunt deixou fora do livro: um esclarecedor relato que chamou nossa atenção pouco tempo depois que ele faleceu.

O veterano espião começara suas confissões em 2004, diante da insistência de seu filho primogênito, St. John, que sentiu que o pai devia a verdade à história — e à própria família. St. John era por si só um personagem exuberante que aos dezessete anos havia ajudado seu pai a destruir provas quando os investigadores de Watergate começaram a pressionar Hunt — jogando o equipamento de vigilância do assaltante em um canal do rio Potomac à noite com seu pai. Em outra ocasião, a pedido de seu pai, St. John se livrou de uma máquina de escrever jogando-a no charco atrás da casa de um vizinho; mais tarde, soube que seu pai utilizara a máquina de escrever para forjar cabogramas segundo os quais Kennedy havia ordenado o assassinato de Diem.

“Nunca tive ressentimento pelo fato de ele ter pedido que eu o ajudasse a sair de problemas”, insistiu St. John. “Eu estava feliz de poder fazer isso. Eu sabia que eu não havia alcançado seus sonhos como filho. Não era bom estudante. Não fui para Choate nem Exeter. Não era o filho que ele havia esperado. Então, o fato de fazer essas coisas para ele me dava uma força emocional. Meu pai precisava de mim.”

Nos anos seguintes, St. John Hunt seguiu a desvairada vida de músico de rock pós-1960, consumindo e traficando montanhas de drogas, até que, depois de ter sido condenado por vender anfetaminas e acabar, junto com

seus filhos, na rua, ele abruptamente mudou de rumo, largando as drogas e vivendo uma vida comum em uma cidade da costa norte da Califórnia apropriadamente chamada Eureka. Mais tarde formou-se em administração de hotéis em uma faculdade local, mas continuou tocando guitarra em uma banda de blues-rock chamada Saints and Sinners nos finais de semana.

“Convenci meu pai a contar sua história depois de escrever uma carta a ele, implorando-lhe para contar a verdade antes que fosse tarde demais. Sua saúde estava definhando, ele estava com câncer, pneumonia recorrente, havia amputado uma perna, era uma coisa atrás da outra”, lembrou-se St. John, sentado na sala de jantar do Red Lion Hotel, em Eureka. Homem compacto e de bela aparência aos cinquenta anos, ele se vestia como um músico maduro e bem-arrumado — de terno preto e camisa — e usava um pequeno cavanhaque aparado.

Pressionado pelo filho, Hunt começou a revelar seu obscuro passado escrevendo notas provocativas sobre o assassinato de Kennedy, acrescentando mais coisas em uma fita cassete que enviou pelo correio a St. John, e finalmente sentando-se para conversar por cerca de uma hora sobre Dallas diante de uma câmera de vídeo, respondendo a perguntas de St. John e Hamburg, que conhece bem a literatura sobre Kennedy.

O último desejo no testamento de Hunt — já que é essa a impressão que dá o rosto de barba grisalha lutando para falar diante da câmera e do gravador, procurando recuperar o fôlego entre dois fragmentos de sua história — é um notável exemplo do espírito americano. “Ele sentiu que precisava ser transparente — não somente para sua própria consciência e para a história, mas também para deixar algo à sua família, caso o livro fizesse algum sucesso. Ele sempre

lamentou profundamente que sua família tenha sido destruída pelo caso Watergate.” St. John disse que suas duas irmãs nunca perdoaram o pai por ter participado do escândalo que dilacerou a família e levou à morte sua mãe, Dorothy, em um misterioso acidente de avião em 1972.

St. John acredita que seu pai quis abrir-se para ele, em particular, devido aos riscos que o filho havia corrido por ele durante o caso Watergate. “Tínhamos uma relação baseada na confiança, e tudo mais... Então, anos depois, quando implorei ao meu pai que me contasse tudo que sabia sobre o assassinato de JFK, ele estava disposto a isso.”

Mas esse processo confessional acabou abruptamente quando a segunda esposa de Hunt, Laura, e os dois filhos que tiveram intervieram — preocupados com os efeitos colaterais da integridade de seu relato. “Papai estava sob enorme pressão por parte de sua segunda família”, disse St. John. “Eles lhe diziam: ‘Howard, o que está fazendo? Está abrindo todas as portas do passado’. Tornou-se um grande problema familiar. Eu disse a eles: ‘Isso aconteceu com a *minha* família, antes de vocês’. Eu sentia que tinha o direito de ouvi-lo contar essa história — fiquei ressentido ao ouvi-lo me dizer o que eu poderia conversar com meu pai. Mas papai estava dilacerado. Estava velho e esgotado naquela altura. Ele me disse: ‘Saint, essa agora é minha família. Você também é minha família. Porém, essas são as pessoas com as quais devo conviver. Estou velho demais para me colocar no meio de uma guerra entre minhas duas famílias’.” Recusando-se a aceitar as condições impostas ao projeto pela segunda família, St. John e Hamburg encerraram sua participação, e outro *ghost-writer* foi contratado para acabar a biografia de Hunt.

Laura Hunt, professora do ensino fundamental em Miami, confirmou que se opôs à reabertura do caso do assassinato

de Kennedy na biografia de seu marido. “As coisas estavam um pouco tensas” em casa, reconheceu. Mas ela não rejeita o livro, enfatizando que Hunt, embora doente, estava de posse do seu juízo quando trabalhou nele. Também nega que as especulações de Hunt sobre o papel da CIA no assassinato de JFK tenham sido motivadas por sentimentos amargos que ele poderia ter alimentado contra a agência por não tê-lo ajudado durante o caso Watergate. “Ele nunca ficou amargurado com eles”, disse Laura. Ele não estava tentando “se vingar. Howard Hunt não era desse tipo”.

A mais arrebatadora revelação de Hunt sobre a CIA e o assassinato de Kennedy se encontra em seu livro. Contudo, antes de parar de contar ao filho primogênito seu passado enterrado, o velho espião se aliviou de um surpreendente segredo. E essa revelação não é mera especulação, mas o relato de uma testemunha. Em 1963, lembrou-se Hunt, ele foi convidado por Frank Sturgis — o agente anticastrista amigo da Máfia que mais tarde iria se juntar à equipe de ladrões de Hunt no caso Watergate — para um encontro clandestino em uma segura casa da CIA em Miami. Na reunião, um grupo de homens — entre os quais David Morales — conversou sobre aquilo que foi denominado de “grande evento”, o que, como logo se tornou claro, era um complô para matar o presidente Kennedy. Depois que Morales foi embora, Sturgis perguntou a Hunt: “Está conosco?”. Hunt disse que tinha “dúvidas”.

“Vocês têm tudo de que precisam — por que precisam de mim?”, perguntou Hunt a Sturgis.

“Você poderia nos ajudar com o encobrimento”, sugeriu Sturgis.

Hunt não gostava dos Kennedy. Uma vez disse a St. John que queria ter um adesivo de para-choque em que estivesse escrito: “Vamos acabar o trabalho — Vamos pegar Ted”. Mas

Hunt insistiu em dizer que não havia se juntado ao complô porque soubera que Bill Harvey estava envolvido, um homem que ele via como “um psicopata alcoólatra”.

Depois que Kennedy foi assassinado em Dallas, relatou Hunt, ele se tornou “assombrado” pelo assassinato, “assim como o resto do país”. Sentia-se “feliz” por não ter tido um “papel direto” na conspiração. Mas Hunt deixou vago seu papel exato no complô. Em uma gravação de áudio que enviou a St. John em janeiro de 2004, ele disse: “Eu era jogador da reserva [no complô]”, acrescentando de forma codificada: “Eu tinha a fama de ser honesto, e as informações chegavam a mim”.

Sentado no Red Lion enquanto o sol invernal mergulhava nas águas do Pacífico e a escuridão se espalhava sobre as sequoias da costa, St. John tentou dar sentido à confissão truncada de seu pai. Teria ele ajudado na conspiração do assassinato do presidente Kennedy? “No final das contas, simplesmente não sei. Mas sei que pelo menos ele previra isso. Com certeza sabia muito mais do que disse. E eu estava começando a conseguir muitas coisas dele quando o calaram.”

Seja o que for que Hunt fez na vida, seu filho achou um jeito de perdoá-lo. O discurso fúnebre que St. John fez para homenagear o pai no seu enterro, em Miami, foi uma efusão de amor pelo bravateiro espião que ele chamava “o homem cheio de classe da CIA; um James Bond americano”. Se ele foi culpado por ações criticáveis, não foi devido a um entendimento errado da missão. “Meu sentimento pessoal”, disse St. John às pessoas presentes, entre as quais o parceiro condenado no caso Watergate, Bernard Barker, e antigos militantes anticastristas como Felix Rodriguez, “é que o profundo senso de lealdade e patriotismo de meu pai

pelo país foi explorado por homens de interesses mesquinhos e fibra moral muito inferior”.

St. John mais tarde disse que não tinha escrúpulos de tornar pública a confissão de seu pai em relação a JFK. Por quê? “Porque é a verdade. E não vejo isso como algo terrível. O assassinato faz parte da cultura política americana. Já acontecia antes de Kennedy e vai continuar acontecendo depois de nós.”

Nos anos recentes, o legado dos Kennedy foi obscurecido por uma série de livros, documentários e artigos que tentaram desmistificar Camelot representando JFK como viciado em drogas, sexualmente perturbado e um indivíduo temerário que tinha vínculos com a Máfia. Enquanto hoje a vida privada de Kennedy certamente não escaparia ao exame público, essa interpretação patológica ignora a história essencial de sua presidência. Houve uma aura heroica na administração de John F. Kennedy que não tinha nada a ver com as brumas de Camelot. Foi uma presidência que entrou em conflito com seu próprio tempo, e no final encontrou certa medida de grandeza. Chegando ao poder no ápice da Guerra Fria e sendo reféns da poderosa ala racista sulista de seu partido, os irmãos Kennedy cresceram equilibradamente em visão e coragem — incentivados pelos movimentos sociais dos anos 1960 — até que o conflito se tornou tão agudo com a burocracia da segurança nacional e os democratas do Sul, que eles correram o risco de rachar seu próprio governo e o partido. Essa é a verdade histórica fundamental sobre a presidência de John Fitzgerald Kennedy.

E agora, retidos na onda anti-Kennedy atualmente em voga, importantes jornalistas como Christopher Hitchens rejeitam JFK como um “gângster vulgar”. Um dos resultados

dessa implacável campanha contra Kennedy foi minguar a indignação do público com a falta de solução do assassinato. Afinal de contas, se o presidente Kennedy era uma pessoa tão escabrosa, onde está a tragédia de seu fim violento?

Tornou-se moda também, em toda a baboseira da mídia sobre Dallas que todo ano ocupa o espaço midiático por volta do dia 22 de novembro, os comentaristas opinarem que “provavelmente nunca saberemos a verdade sobre o assassinato de John F. Kennedy” — uma profecia que se realiza por si só e os alivia de qualquer responsabilidade na busca da verdade. Ironicamente, alguns dos países politicamente mais atrasados em que Bobby Kennedy deu o pontapé inicial de sua entusiástica missão nos anos 1960 — entre os quais a África do Sul, a Argentina e o Chile — fizeram vigorosos, para não dizer penosos, esforços no intuito de enfrentar os mais profundos traumas de seu passado, como assassinatos, sequestros e torturas. Na África do Sul, o processo pós-*apartheid* de autoexame político e moral ficou conhecido como “verdade e reconciliação”. Nos Estados Unidos, entretanto, os mais sombrios mistérios políticos das recentes décadas — inclusive o assassinato do presidente Kennedy — ainda precisam ser explorados até o fim. Desde Dallas até o Vietnã e o Iraque, a verdade tem sido sempre evitada, e os perpetradores nunca responderam por suas ações. Quando a nação *reuniu* coragem para formar comissões, essas investigações logo depararam com portas trancadas que até hoje estão fechadas. O palco desse reinado do segredo foi montado no dia 22 de novembro de 1963. A lição de Dallas foi clara. Se um presidente pode ser morto com toda a impunidade, em pleno dia, nas ruas ensolaradas de uma

cidade norte-americana, então qualquer tipo de dissimulação é possível.

Os pesquisadores do assassinato insistem em dizer que não é tarde demais, mesmo depois de tanto tempo, para reabrir a investigação sobre JFK. A maior parte das pessoas que podiam ter esclarecido o crime hoje estão mortas, reconhecem os pesquisadores, mas a pista ainda não desapareceu totalmente no longínquo horizonte da história. Os pesquisadores listam uma série de ações que ainda podem ser tomadas. O governo deveria ser obrigado a publicar os arquivos de JFK que ainda estão retidos — inclusive 1.100 documentos relativos a George Joannides que a CIA admitiu guardar. Da mesma forma, a CIA deveria ser instada a tornar públicos os registros de telefonemas e viagens de outros agentes suspeitos de envolvimento nos assassinatos de JFK e RFK, como David Morales. Washington deveria somar a isso um pedido formal aos governos cubano e mexicano para tornarem públicos seus documentos sobre o caso. O Departamento de Justiça deveria oferecer anistia a todos que dessem testemunhos relevantes, ao mesmo tempo em que não manteria segredo das informações obtidas. Duradouras disputas sobre os eventos da Dealey Plaza — tais como as calorosamente discutidas “impressões digitais acústicas” das gravações dos policiais motociclistas de Dallas, as quais parecem indicar que houve ao menos cinco tiros naquele dia — deveriam ser resolvidas, utilizando-se os mais sofisticados recursos judiciais, entre os quais os do laboratório federal Lawrence Livermore, que, estranhamente, recusou-se a cuidar do caso. Por fim, a família Kennedy deveria ser persuadida a tornar públicos todos os documentos sob seu controle — inclusive os de John e Robert Kennedy e os de

Jacqueline Kennedy Onassis — ainda submetidos a uma frustrante restrição.

Por natureza, os pesquisadores do assassinato são incansáveis. Foi essa característica que permitiu a eles continuar, apesar de anos de obstrução por parte do governo, do ridículo da mídia e da perplexidade da família e dos amigos. Porém, afóra essa comunidade cada vez menor de almas inconformadas, um mal-estar paira sobre a cruzada JFK.

Alguns daqueles que têm um longo histórico de envolvimento no caso estão profundamente pessimistas. Quando visitei Bob Blakey, em novembro de 2003, uma semana antes do quadragésimo aniversário do assassinato de JFK, ele parecia resignado à ideia de que o crime nunca seria solucionado. Conversamos em sua casa, perto do *campus* da Universidade de Notre Dame, em que ele ensina direito, sentados em confortáveis poltronas em seu escritório pouco iluminado, onde as tremeluzentes chamas da lareira nos protegiam do frio de uma tarde nublada. Perto do fim da entrevista, Blakey me disse que os Kennedy não pareciam mais ser importantes, pelo menos para os norte-americanos que nasceram depois do assassinato de JFK. “Os Kennedy não fazem parte dessa geração”, disse ele. “Eu ensino para essa geração. [O assassinato] não é grande coisa para eles. Cresceram em um mundo diferente.”

“Como a história irá resolver o mistério Kennedy?”, eu lhe perguntei. “Meu palpite é que a Comissão Warren vai prevalecer”, disse o homem cuja investigação a mando do Congresso constituiu o primeiro — e último — desafio ao Relatório Warren. A teoria do atirador solitário tem a virtude de ser simples, explicou Blakey. Era um tema sinistro para se voltar depois de quarenta longos anos.

Dois anos depois, eu me encontrava no Museu da Televisão e do Rádio em Beverly Hills, sentado em um pequeno cubículo, percorrendo a vida de Bobby Kennedy no vídeo. Talvez Blakey estivesse certo e a história de Kennedy não fosse mais relevante para muitos americanos. Mas as imagens em branco e preto que passavam diante de mim naquele dia pareciam carregadas de um doloroso significado, mesmo hoje.

O último filme a que assisti mostrava Bobby em 1968, e sua participação em um programa da TV aberta de San Francisco chamado *Kaleidoscope*, enquanto se preparava para sua última campanha. O entrevistador fazia perguntas incisivas, porém polidas, típicas da televisão aberta. Mas Bobby parecia aflito, e a entrevista tomou a estressante intensidade de um psicodrama. Em *closes*, a câmera captava seu rosto áspero, arruinado pelo tempo, e seus lábios rachados. O país estava desmoralizado e furioso, observava o entrevistador. Ele também poderia ter destacado que o país sofria um tipo de podridão moral e falta de alma devido à guerra horrível e sem saída que começava a se infiltrar em todos os cantos da vida americana. Nessas brutais circunstâncias, por que ele iria se comprometer com a arena política?, perguntou a Kennedy. Trabalhar para o bem público “não era um sacrifício”, respondeu Bobby. “As pessoas mais infelizes do mundo são aquelas preocupadas apenas consigo mesmas.”

Todavia, mesmo às vésperas da aventura política de sua vida, Bobby não parecia feliz. Bobby nunca usara máscara. Diante das câmeras, naquele dia, ele estava calmo, pensativo, irônico. Sentia-se constitucionalmente incapaz do animado artifício e da vazia bravata exigida dos políticos americanos. E mesmo assim, ele realmente acreditava nos

Estados Unidos — simplesmente se recusava a aceitar aquilo em que o país estava se tornando.

Depois de uma longa conversa sobre os problemas do país, o entrevistador perguntou a Bobby: “Mas o senhor é um otimista?”. Kennedy anuiu com a cabeça e deu aquele seu sorriso de olhar cansado. “Apenas porque não se pode viver de outra maneira, não é?”, respondeu. Ele foi o primeiro e último líder existencial americano.

Vivemos uma época sombria, de conflitantes fundamentalismos. O país está sendo governado por uma administração que fez do segredo e da obediência um objeto de culto.<sup>8</sup> Estamos presos a outra guerra sem fim, desta vez contra o “terror” — ou talvez seja uma batalha contra o próprio medo. Mas, nos momentos mais desanimadores, o recado de Bobby Kennedy parece mais imperativo do que nunca: *Não podemos seguir adiante, devemos seguir adiante*. Será que os americanos ainda querem a verdade — a começar por Dallas e depois Guantánamo? Será que querem retomar o país? Disso não tenho certeza. Mas preciso ser otimista. Apenas porque não há outra saída, não é mesmo?

<sup>1</sup> . Uma das cinco famílias da máfia ítalo-americana de Nova York. [N. T.]

<sup>2</sup> . *Conversations with Kennedy*, publicado no Brasil em 1977 pela editora Artenova. [N. T.]

<sup>3</sup> . Ver nota 16 do Capítulo 2 (1961).

<sup>4</sup> . Escândalo político de 1986 em que membros do governo de Ronald Reagan foram acusados de ter vendido ilegalmente armas ao Irã, apesar do embargo militar ao país. Os lucros provenientes dessa venda teriam servido para financiar os chamados Contras, um movimento contrarrevolucionário nicaraguense contrário ao governo sandinista de Daniel Ortega. [N. T.]

<sup>5</sup> . A expressão “October surprise” [surpresa de outubro] é usada no jargão político americano para definir um evento capaz de influenciar o resultado da uma eleição. Há uma teoria segundo a qual o candidato republicano à eleição presidencial dos Estados Unidos de 1980, Ronald Reagan, teria conspirado para adiar por 11 meses a libertação de reféns americanos, detidos na embaixada americana de Teerã desde novembro de 1979, até depois do resultado das eleições presidenciais americanas. Assim, Reagan teria evitado

que o então presidente Jimmy Carter, candidato à reeleição, pudesse se aproveitar dessa libertação (ou “surpresa de outubro”) durante a campanha para vencer as eleições. [N. T.]

[6](#) . A National Commission on the Terrorist Attacks upon the United States [Comissão Nacional sobre os Ataques Terroristas contra os Estados Unidos] é uma comissão de inquérito presidencial criada em 2002 para estudar as circunstâncias dos atentados de 11 de setembro de 2001. A comissão publicou seu relatório final em julho de 2004. [N. T.]

[7](#) . Também conhecido como Comissão Baker-Hamilton, trata-se de um grupo de dez pessoas nomeadas pelo Congresso americano em 2006 para fornecer uma avaliação sobre a situação do Iraque e da Guerra do Iraque. Em dezembro de 2006, o grupo publicou seu relatório final, aconselhando a retirada do Exército norte-americano do país. [N. T.]

[8](#) . O livro foi publicado nos Estados Unidos em 2007, durante o segundo mandato do presidente republicano George W. Bush. [N. T.]

# Agradecimentos

Quero expressar minha gratidão a Karen Croft, que me incentivou a escrever este livro e trabalhou com talento e dedicação como parceira de pesquisa. Sua crença na importância deste empreendimento foi uma fonte constante de incentivo, em todos os momentos, nos bons e nos ruins.

Quero também agradecer especialmente a Jefferson Morley e Peter Dale Scott, cujas pesquisas sobre o assassinato de Kennedy antecederam as minhas. Eles generosamente concordaram em ler e comentar meu manuscrito, e sempre se mostraram disponíveis para conversas esclarecedoras. Morley e Scott merecem a gratidão do país pelos longos anos de investigação, apesar dos vários obstáculos colocados em seu caminho por agências governamentais e da desanimadora atitude de muitos de seus colegas acadêmicos e da imprensa.

Eu gostaria também de agradecer a outros peritos no assassinato de Kennedy, por sua generosa cooperação, entre os quais James Lesar, Anthony Summers, Robbyn Swan, Malcolm Blunt, Ray Marcus, Vincent Salandria, Gaeton Fonzi, William Turner, Josiah Thompson, dr. Gary Aguilar, John Simkin, Paul Hoch, Lisa Pease, Rex Bradford, Gus Russo, Eric Hamburg e Andy Winiarczyk. Eles sempre procuraram ter um entendimento completo do caso, acima de qualquer convicção pessoal, toda vez que tive que lidar com eles, compartilhando de forma altruísta documentos,

fontes, opiniões e tempo. Também eles deveriam ser reconhecidos por seu trabalho pioneiro e contínuo nesse assunto.

Cliff Callahan, um inteligente explorador das catacumbas do governo, forneceu uma inestimável ajuda nas pesquisas, descobrindo importantes documentos nos Arquivos Nacionais.

Stephen Plotkin, Allan Goodrich, Maryrose Grossman e Megan Desnoyers foram meus guias na John F. Kennedy Presidential Library, embora as permanentes restrições à consulta do material referente à era Kennedy tenham sido motivo de perplexidade e frustração para eles.

Gary Mack e a equipe do Sixth Floor Museum, em Dallas, também forneceram ajuda, assim como as equipes da Lyndon Baines Johnson Library, do U.S. Naval Institute, do American Heritage Center, em Laramie, Wyoming, da Palm Beach Historical Society, do Museum of Television and Radio, em Beverly Hills, e da State Historical Society of Wisconsin, cujos arquivos foram analisados em meu nome por Scott Feiner.

Meu cunhado, Don Peri — cuja juventude, assim como a minha, foi acesa pela chama Kennedy —, trouxe de seus arquivos pessoais um fluxo constante de materiais sobre os Kennedy e os disponibilizou para mim.

Celia Canfield, Karla Spormann e a equipe da Tendo Communications, que me forneceu abrigo durante a tempestade, e às quais sempre serei grato.

Kelly Frankeny graciosamente colocou seu grande talento de designer a serviço deste livro.

Tive a sorte de ter Martin Beiser, da Free Press, como editor e ouvinte. Sempre pude contar com seu instinto e sua sábia opinião. Numa época em que a arte da edição foi

totalmente perdida, a destreza de Marty e sua habilidade no manuseio da caneta são mais do que milagrosas.

Sloan Harris, meu agente, também foi uma fonte de aguçada sabedoria — às vezes dolorosa.

Poucos escritores foram tão abençoados por seu conselho editorial particular quanto eu. Minha esposa, Camille Peri, não somente é uma fonte de inspiração como também a luz que me guia. Ela me diz quando erro e acerto. E acredito nela.

Finalmente, quero agradecer aos inúmeros colegas, amigos e membros da família Kennedy que compartilharam comigo suas lembranças da vida e da morte de John e Robert Kennedy. Alguns acharam emocionante explorar sob uma nova luz os ocultos recantos do passado. Outros acharam isso doloroso. Espero que este livro honre o compromisso de todos com a verdade.

# Bibliografia

ATTWOOD, William. *The Twilight Struggle: Tales of the Cold War*. New York: Harper & Row, 1987.

AYERS, Bradley E. *The Zenith Secret*. Brooklyn, NY: Vox Pop, 2006.

BAMFORD, James. *Body of Secrets: Anatomy of the Ultra-Secret National Security Agency*. New York: Anchor Books, 2002.

BARNES, Ben; DICKEY, Lisa. *Barn Burning, Barn Building: Tales of Political Life from LBJ to George W. Bush and Beyond*. Albany, TX: Bright Sky Press, 2006.

BESCHLOSS, Michael R. *The Crisis Years: Kennedy and Khrushchev 1960-1963*. New York: Edward Burlingame Books, 1991.

BISSELL, Richard M. *Reflections of a Cold Warrior*. New Haven: Yale University Press, 1996.

BLAKEY, G. Robert; BILLINGS, Richard. *Fatal Hour: The Assassination of President Kennedy by Organized Crime*. New York: Berkley Books, 1992.

BOHNING, Don. *The Castro Obsession: U.S. Covert Operations against Cuba, 1959-1965*. Washington, DC: Potomac Books, Inc., 2005.

BRADLEE, Ben. *A Good Life: Newspapering and Other Adventures*. New York: Simon & Schuster, 1995.

BRADLEE, Benjamin C. *Conversations with Kennedy*. New York: W. W. Norton & Company, 1975. [*A intimidade de John F. Kennedy*. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.]

BRUGIONI, Dino A. *Eyeball to Eyeball: The Inside Story of the Cuban Missile Crisis*. New York: Random House, 1991.

BRUNO, Jerry; GREENFIELD, Jeff. *The Advance Man*. New York: William Morrow, 1971.

BUCHANAN, Thomas G. *Who Killed Kennedy?* New York: G. P. Putnam's Sons, 1964. [*Quem matou Kennedy?* São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.]

BURLEIGH, Nina. *A Very Private Woman: The Life and Unsolved Murder of Presidential Mistress Mary Meyer*. New York: Bantam Books, 1999.

CALIFANO, Joseph A. *Inside: A Public and Private Life*. New York: Public Affairs, 2004.

CLARKE, Thurston. *Ask Not*. New York: Henry Holt and Company, 2004.

COFFEY, Thomas M. *Iron Eagle: The Turbulent Life of General Curtis LeMay*. New York: Crown Publishers, 1986.

CONNALLY, Nellie. *From Love Field: Our Final Hours with President John F. Kennedy*. New York: Rugged Land, 2003.

COOK, Fred J. *The Warfare State*. New York: The Macmillan Company, 1962. [*O estado militarista*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1997.]

CORN, David. *Blond Ghost: Ted Shackley and the CIA's Crusades*. New York: Simon & Schuster, 1994.

COUSINS, Norman. *The Improbable Triumvirate: John F. Kennedy, Pope John, Nikita Khrushchev*. New York: W. W. Norton & Company, 1972.

DAVIS, John H. *Mafia Kingfish: Carlos Marcello and the Assassination of John F. Kennedy*. New York: New American Library, 1989.

DELOACH, Cartha D. "Deke." *Hoover's FBI: The Inside Story by Hoover's Trusted Lieutenant*. Washington, DC: Regnery Publishing, Inc., 1995.

DI EUGENIO, James; PEASE, Lisa. *The Assassinations*. Los Angeles: Feral House, 2003.

DOYLE, William. *An American Insurrection: James Meredith and the Battle of Oxford, Mississippi, 1962*. New York: Anchor Books, 2001.

DUDMAN, Richard. *Men of the Far Right*. New York: Pyramid Books, 1962.

EHRLICHMAN, John. *Witness to Power: The Nixon Years*. New York: Pocket Books, 1982.

ELLSBERG, Daniel. *Secrets: A Memoir of Vietnam and the Pentagon Papers*. New York: Penguin Books, 2002.

FAY, Paul B. *The Pleasure of His Company*. New York: Popular Library, 1966.

FONZI, Gaeton. *The Last Investigation*. New York: Thunder's Mouth Press, 1993.

FRANKEL, Max. *High Noon in the Cold War: Kennedy, Khrushchev, and the Cuban Missile Crisis*. New York: Ballantine Books, 2004.

FREIDIN, Seymour; BAILEY, George. *The Experts*. New York: The Macmillan Company, 1968.

FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI, Timothy. *"One Hell of a Gamble": The Secret History of the Cuban Missile Crisis*. New York: W. W. Norton & Company, 1997.

GARRISON, Jim. *On the Trail of the Assassins: My Investigation and Prosecution of the Murder of President Kennedy*. New York: Sheridan Square Press, 1988. [JFK: *na trilha dos assassinos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.]

GOLDFARB, Ronald. *Perfect Villains, Imperfect Heroes: Robert F. Kennedy's War against Organized Crime*. Sterling, VA: Capital Books, 2002.

GOODWIN, Richard N. *Remembering America: A Voice from the Sixties*. Boston: Little, Brown and Company, 1988.

GROSE, Peter. *Gentleman Spy: The Life of Allen Dulles*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1994.

GUTHMAN, Edwin. *We Band of Brothers: A Memoir of Robert F. Kennedy*. New York: Harper & Row, 1964.

HALDEMAN, H. R. *The Ends of Power*, New York: New York Times Books, 1978.

HAMBURG, Eric. *JFK, Nixon, Oliver Stone & Me: An Idealist's Journey from Capitol Hill to Hollywood Hell*. New York: Public Affairs, 2002.

HAMILL, Pete. *Irrational Ravings*. New York: Putnam, 1971.

HANCOCK, Larry. *Someone Would Have Talked*. Southlake, Texas: JFK Lancer Productions & Publications, Inc., 2003.

HELMS, Richard. *A Look over My Shoulder: A Life in the Central Intelligence Agency*. New York: Ballantine Books, 2003.

HEPBURN, James. *Farewell America: The Plot to Kill JFK*. Roseville, CA: Penmarin Books, 2002.

HERSH, Seymour M. *The Dark Side of Camelot*. Boston: Back Bay Books, 1998. [*O lado negro de Camelot*. Porto Alegre: L&PM, 1998.]

HEWITT, Don. *Tell Me a Story: Fifty Years and 60 Minutes in Television*. New York: Public Affairs, 2002.

HEYMANN, C. David. *The Georgetown Ladies' Social Club: Power, Passion, and Politics in the Nation's Capital*. New York: Atria Books, 2003.

HINCKLE, Warren; TURNER, William. *Deadly Secrets: The CIA-Mafia War against Castro and the Assassination of JFK*. New York: Thunder's Mouth Press, 1992.

HOLLAND, Max. *The Kennedy Assassination Tapes*. New York: Alfred A. Knopf, 2004.

HUBBELL, Webster. *Friends in High Places: Our Journey from Little Rock to Washington, DC*. New York: William Morrow, 1997.

HUNT, E. Howard. *American Spy: My Secret History in the CIA, Watergate & Beyond*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc., 2007.

HUNT, E. Howard. *Give Us This Day: The Inside Story of the CIA and the Bay of Pigs Invasion*. New Rochelle, NY: Arlington House, 1973.

HURT, Henry. *Reasonable Doubt: An Investigation into the Assassination of John F. Kennedy*. New York: Owl Books, 1985.

ISRAEL, Lee. *Kilgallen*. New York: Dell, 1979.

JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Cloak and Dollar: A History of American Secret Intelligence*. New Haven: Yale University

Press, 2002.

JOHNSON, Haynes. *The Bay of Pigs: The Leaders' Story of Brigade 2506*. New York: W. W. Norton & Company, Inc., 1964.

KENNEDY, Robert F. *The Enemy Within: The McClellan Committee's Crusade against Jimmy Hoffa and Corrupt Labor Unions*. New York: Da Capo Press, 1994. [*O inimigo oculto*. São Paulo: O Cruzeiro, 1970.]

KENNEDY, Robert. *In His Own Words: The Unpublished Recollections of the Kennedy Years*. New York: Bantam Books, 1988.

KHRUSHCHEV, Nikita. *Khrushchev Remembers*. New York: Bantam Books, 1971. [*O testamento final*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.]

KNEBEL, Fletcher and BAILEY, Charles W. *Seven Days in May*. New York: Bantam, 1962. [*Sete dias de maio*. São Paulo: Edibolso, 1975.]

LAMBERT, Patricia. *False Witness*. New York: M. Evans and Company, Inc., 1998.

LANE, Mark. *Plausible Denial: Was the CIA Involved in the Assassination of JFK?* New York: Thunder's Mouth Press, 1991. [*JFK: O crime e a farsa*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.]

LASKY, Victor. *J.F.K.: The Man and the Myth*. New York: Macmillan, 1963.

LAZO, Mario. *Dagger in the Heart: American Policy Failures in Cuba*. New York: Twin Circle, 1968.

LEARY, Timothy. *Flashbacks: An Autobiography*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1983. [*Flashbacks: surfando no caos*. São Paulo: Beca, 1999.]

MACNEIL, Robert. *The Right Place at the Right Time*. Boston: Little, Brown and Company, 1982.

MAHEU, Robert. *Next to Hughes*. New York: Harper Paperbacks, 1992.

MAHONEY, Richard D. *Sons & Brothers: The Days of Jack and Bobby Kennedy*. New York: Arcade, 1999.

MAIER, Thomas. *The Kennedys: America's Emerald Kings*. New York: Basic Books, 2003.

MANCHESTER, William. *The Death of a President*. New York: Harper & Row, 1967. [*Morte de um presidente*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1967.]

MARTIN, Ralph G. *A Hero for Our Time: An Intimate Story of the Kennedy Years*. New York: Macmillan Publishing Company, 1983.

MAY, Ernest R.; ZELIKOW, Philip D. (Eds.) *The Kennedy Tapes: Inside the White House During the Cuban Missile Crisis*. New York: W. W. Norton & Company, 2002.

MCKNIGHT, Gerald D. *Breach of Trust: How the Warren Commission Failed the Nation and Why*. Lawrence, Kansas:

University Press of Kansas, 2005.

MCNAMARA, Robert S. *In Retrospect: The Tragedy and Lessons of Vietnam*. New York: Vintage Books, 1996.

MELANSON, Phillip; KLABER, William. *Shadow Play*. New York: St. Martin's Press, 1997.

MELLEN, Joan. *A Farewell to Justice*. Washington, DC: Potomac Books, 2005.

MEYER, Cord. *Facing Reality: From World Federalism to the CIA*. Lanham, MD: University Press of America, 1980.

MOLDEA, Dan E. *The Hoffa Wars: Teamsters, Rebels, Politicians and the Mob*. New York: Charter, 1978.

MOLDEA, Dan. *The Killing of Robert Kennedy: An Investigation of Motive, Means, and Opportunity*. New York: W. W. Norton & Co., 1997.

NASHEL, Jonathan. *Edward Lansdale's Cold War*. Amherst; Boston: University of Massachusetts Press, 2005.

NEWFIELD, Jack. *RFK: A Memoir*. New York: Thunder's Mouth Press, 2003.

NEWFIELD, Jack. *Somebody's Gotta Tell It: The Upbeat Memoir of a Working-Class Journalist*. New York: St. Martin's Press, 2002.

NEWMAN, John. *Oswald and the CIA*. New York: Carroll & Graf Publishers, Inc., 1995.

NIXON, Richard. *RN: The Memoirs of Richard Nixon*. New York: Touchstone, 1978.

NOGUCHI, Thomas T. *Coroner*. New York: Simon & Schuster, 1983.

O'DONNELL, Helen. *A Common Good: The Friendship of Robert F. Kennedy and Kenneth P. O'Donnell*. New York: William Morrow and Company, 1998.

O'DONNELL, Kenneth P.; POWERS, David F. *"Johnny, We Hardly Knew Ye": Memories of John Fitzgerald Kennedy*. Boston: Little, Brown and Company, 1970.

O'NEILL, Speaker Tip. *Man of the House*. New York: Random House, 1987.

PALAMARA, Vincent. *Survivor's Guilt: The Secret Service and the Failure to Protect the President*. © 2005 Vincent Michael Palamara (manuscrito de publicação própria).

PALERMO, Joseph A. *In His Own Right: The Political Odyssey of Senator Robert F. Kennedy*. New York: Columbia University Press, 2001.

PARMET, Herbert S. *JFK: The Presidency of JFK*. Connecticut: Easton Press, 1986.

PATERSON, Thomas G. *Contesting Castro: The United States and the Triumph of the Cuban Revolution*. New York: Oxford University Press, 1994.

PERLSTEIN, Rick. *Before the Storm*. New York: Hill and Wang, 2001.

POWERS, Thomas. *The Man Who Kept the Secrets: Richard Helms and the CIA*. New York: Alfred A. Knopf, 1979.

PROUTY, Fletcher L. *JFK: The CIA, Vietnam and the Plot to Assassinate John F. Kennedy*. New York: Citadel Press, 1996

RAGANO, Frank; RAAB, Selwyn. *Mob Lawyer: Including the Inside Account of Who Killed Jimmy Hoffa and JFK*. New York: Charles Scribner's Sons, 1994.

RAPPLEYE, Charles; BECKER, Ed. *All American Mafioso: The Johnny Rosselli Story*. New York: Doubleday, 1991.

REEVES, Richard. *President Kennedy: Profile of Power*. New York: Touchstone, 1993.

RENEHAN, Edward J. *The Kennedys at War: 1937-1945*. New York: Doubleday, 2002.

ROGERS, Warren. *When I Think of Bobby: A Personal Memoir of the Kennedy Years*. New York: Harper Perennial, 1994.

ROSENBERG, Jonathan; KARABELL, Zachary. *Kennedy, Johnson, and the Quest for Justice: The Civil Rights Tapes*. New York: W. W. Norton, 2003.

RUSSO, Gus. *Live by the Sword*. Baltimore: Bancroft Press, 1998.

RUSSO, Gus. *The Outfit: The Role of Chicago's Underworld in the Shaping of Modern America*. New York: Bloomsbury, 2001.

SAHL, Mort. *Heartland*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1976.

SALINGER, Pierre. *P. S., A Memoir*. New York: St. Martin's Press, 1995.

SALINGER, Pierre. *With Kennedy*. New York: Doubleday & Company, 1966.

SAUNDERS, Frances Stonor. *The Cultural Cold War: The CIA and the World of Arts and Letters*. New York: The New Press, 2001.

SCHLESINGER, Arthur M., Jr. *A Thousand Days: John F. Kennedy in the White House*. Boston: Mariner, 2002. [*Mil dias: John F. Kennedy na Casa Branca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SCHLESINGER, Arthur M., Jr. *Robert Kennedy and His Times*. Boston: First Mariner Books, 2002.

SCOTT, Peter Dale. *Deep Politics and the Death of JFK*. Berkeley: University of California Press, 1996.

SHERIDAN, Walter. *The Fall and Rise of Jimmy Hoffa*. New York: Saturday Review Press, 1972.

SMITH, Amanda (Ed.). *Hostage to Fortune: the Letters of Joseph P. Kennedy*. New York: Penguin Books, 2001.

SMITH, Joseph B. *Portrait of a Cold Warrior*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1976.

SMITH, Louis J. (Ed.) *Foreign Relations of the United States, 1961-1963: Cuba 1961-1962*. Washington: United States Government Printing Office, 1997.

SMITH, Sally Bedell. *Grace and Power: The Private World of the Kennedy White House*. New York: Random House, 2004.

SPERBER, A. M. *Murrow: His Life and Times*. New York: Freundlich Books, 1986.

STOCKTON, Bayard. *Flawed Patriot: The Rise and Fall of CIA Legend Bill Harvey*. Washington, D.C.: Potomac Books, 2006.

STONE, Oliver; SKLAR, Zachary. *JFK, the Book of the Film*. New York: Applause Books, 1992.

SULLIVAN, William. *The Bureau: My Thirty Years in Hoover's FBI*. New York: Pinnacle Books, 1979.

SUMMERS, Anthony; SWAN, Robbyn. *Sinatra: The Life*. New York: Alfred A. Knopf, 2005. [*Sinatra*. São Paulo: Novo Século, 2012.]

SUMMERS, Anthony. *Not in Your Lifetime*. New York: Marlowe & Company, 1998.

SUMMERS, Anthony. *The Secret Life of J. Edgar Hoover*. New York: Pocket Books, 1993.

SZULC, Tad. *Fidel: A Critical Portrait*. New York: Perennial, 1986. [*Fidel: um retrato crítico*. Rio de Janeiro: Best-seller, 1987.]

TAUBMAN, William. *Khrushchev: The Man and His Era*. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

THOMAS, Evan. *Robert Kennedy: His Life*. New York: Simon & Schuster, 2000.

THOMAS, Evan. *The Very Best Men; Four Who Dared: The Early Years of the CIA*. New York: Touchstone, 1995.

TRENTO, Joseph J. *The Secret History of the CIA*. Roseville, CA: Forum, 2001.

TROST, Cathy; BENNETT, Susan. *President Kennedy Has Been Shot*. Naperville, IL: Sourcebooks, 2003.

TURNER, William. *Rearview Mirror: Looking Back at the FBI, the CIA and Other Tails*. Granite Bay, CA: Penmarin Books, 2001.

TWYMAN, Noel. *Bloody Treason: The Assassination of John F. Kennedy*. Rancho Santa Fe, CA: Laurel Publishing, 1997.

VIDAL, Gore. *Palimpsest: A Memoir*. New York: Penguin Books, 1995. [*Palimpsesto: memórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.]

WALDRON, Lamar; HARTMANN, Thom. *Ultimate Sacrifice: John and Robert Kennedy, the Plan for a Coup in Cuba, and the Murder of JFK*. New York: Carroll & Graf, 2005.

WALLACE, Mike. *Between You and Me: A Memoir*. New York: Hyperion, 2005.

WEYL, Nathaniel. *Encounters with Communism*. [S.l.] USA: Xlibris Corporation, 2003.

WITCOVER, Jules. *85 Days: The Last Campaign of Robert F. Kennedy*. New York: Ace, 1969.

WOFFORD, Harris. *Of Kennedys and Kings*. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 1980.

WYDEN, Peter. *Bay of Pigs: The Untold Story*. New York: Simon & Schuster, 1979.

Copyright © 2007 por David Talbot  
Publicado mediante acordo com Free Pass, uma divisão da Simon & Schuster, INC.  
Título original: *Brothers – The Hidden History of the Kennedy Years*

Diretor editorial: Thales Guaracy  
Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves  
Editora: Débora Guterman  
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho e Richard Sanches  
Assistente editorial: Luiza Del Monaco  
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius  
Edição de arte e capa: Carlos Renato  
Serviços editoriais: Luciana Oliveira  
Estagiária: Lara Moreira Félix

Preparação: Francisco José M. Couto  
Revisão: Beatriz Antunes e Juliana Rodrigues de Queiroz  
Índice remissivo: Tomoe Moroizumi  
Conversão para o arquivo ePub: Deborah Mattos  
Imagem de capa: Getty Images

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S.A. Livrários Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Benvirá, um selo da Editora Saraiva.  
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8o andar  
cep 05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP  
[www.benvira.com.br](http://www.benvira.com.br)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
T147i  
Talbot, David, 1951-  
Irmãos [recurso eletrônico] : a história por trás do assassinato dos Kennedy / David Talbot ; [tradução Francisco José M. Couto]. - São Paulo : Benvirá, 2013.  
656 p., recurso digital  
Tradução de: *Brothers: The hidden history of Kennedy years*  
Formato: ePub  
Requisitos de acesso: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia e índice  
ISBN 978-85-64065-89-5 (recurso eletrônico)  
1. Kennedy, John F. (John Fitzgerald), 1917-1963. 2. Kennedy, Robert F., 1925-1968. 3. Presidentes - Estados Unidos - Biografia. 4. Segurança nacional - Estados Unidos - História - Século XX 5. Estados Unidos - Política e governo - 1961-1963. 6. Estados Unidos - Política e governo - 1963-1969. 7. Livros eletrônicos. I. Título.  
12-8708. CDD: 973.922  
CDU: 929:32(73)  
28.11.12 04.12.12 - 041119